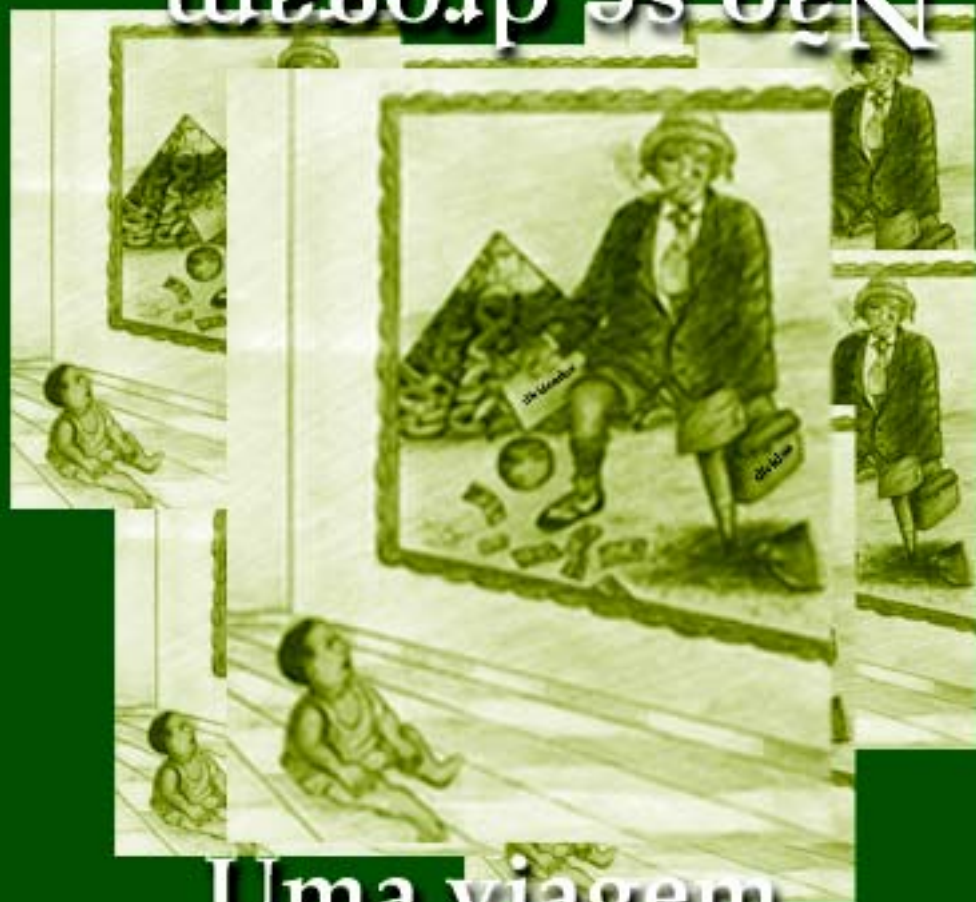


Carlos Penna

Os bebês

Não se drogam



Uma viagem
à procura de nós

OS BEBÊS NÃO SE DROGAM

Carlos Penna

OS BEBÊS NÃO SE DROGAM

Uma viagem à procura de nós

Diagramação: Know-How Editoração Eletrônica
Ilustração: D. Marques – Ribeirão Preto
Capa: Elinaldo dos Santos
Revisão: Veridiana Maenaka

À Katia Cristina, Adriana, Renata Patricia
e Juliana, que me deram a oportunidade
de ser pai, a qual não aproveitei devidamente.

Meus agradecimentos
a Leontina, minha mãe,
e Adriana, minha filha,
pela inestimável ajuda
que me deram para a
concretização dessa obra.
E aos irmãos, parentes e
amigos que me incentivaram.

...Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei
que ar de estranho a tudo, às competições, às
ambições, pois nada dessas coisas que fazem os
ódios e as lutas tinha entrado no seu
temperamento.

Desinteressado de dinheiro, de glória e posição,
vivendo numa reserva de sonho, adquirira a
candura e a pureza d'alma que vão habitar esses
homens de uma idéia fixa, os grandes estudiosos,
os sábios, e os inventores, gente que fica mais
terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas
das poesias de outras épocas.

É raro encontrar homens assim, mas os há e,
quando se os encontra, mesmo tocados de um
grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela
nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais
esperança na felicidade da raça.

(Lima Barreto
Triste Fim de Policarpo Quaresma)

CAPÍTULO |

A porta abriu-se e Abigail entrou ofegante. Colocou a bolsa em cima da mesinha dobrável e fechou a porta, tendo o cuidado de trancá-la com a chave. Em rápidos movimentos, quase que num só ato, chutou as sandálias que calçava para um canto e ligou o ventilador, colocando-se à frente dele para receber a brisa. Despiu a blusa e a saia com a agilidade de quem faz isso há quase trinta anos e praticamente arrancou o sutiã que lhe sufocava os seios. Em poucos passos atravessou a quitinete, jogando-se na cama.

A caminhada sob o sol havia lhe evaporado o vigor. Fechou os olhos e por alguns minutos manteve-se relaxadamente estendida; com uma respiração compassada, foi aos poucos recuperando as energias. Abriu os olhos; numa analítica olhadela ao redor, percebeu a bagunça em que se encontrava o seu “recanto”. Paredes não lhe permitiam ver a cozinha e o banheiro, mas a memória lhe trouxe o quadro: louça da noite

anterior amontoada na pia, o fogão sujo... Acomodou-se melhor na cama e fechou os olhos novamente. O estômago, num sonoro burburinho, reclamou de insatisfação. Ela replicou: “Ah, dá um tempo!” A bexiga, como que tomando as dores do companheiro, exerceu uma pressão maior, chegando a fazer cócegas na uretra. Ela se impôs, autoritária: “Fica quieta e espera!” E permaneceu estendida na cama, curtindo a satisfação de nada fazer.

Não havia garagem no pequeno e velho prédio em que morava; por questão de economia, na busca do mais barato, Abigail guardava o fusca num estacionamento da rua Santo Antônio. E todos os dias fazia o percurso de um quilômetro, mais ou menos, até o seu “recanto” na Major Diogo, já próximo da Brigadeiro Luiz Antônio. Apesar do incômodo, ela não se queixava, pois unia o hábito saudável de uma boa caminhada à agradável economia de não precisar gastar com academias de fisicultura. E ela acabara de fazer essa caminhada, sob o sol de um verão gostoso e estafante.

Se não fosse a pressão dos dois segmentos rebeldes do seu organismo – a fome dizendo “cheguei” e o xixi pressionando: “quero ir” –, ela até que tiraria um cochilo. Mas a natureza nos cobra o direito à vida conforme suas regras e não de acordo com nossos desejos. Levantou-se e foi ao banheiro. Após aliviar-se, meteu-se debaixo da ducha, sentindo o prazer da água fresca, e unindo o útil ao agradável tirou e lavou a calcinha. Um dos hábitos simples e práticos que herdara da mãe.

Refrescada e desperta, enxugou-se, calçou os chinelos e, apesar do fato de estar só e com a porta trancada, foi à gaveta do guarda-roupa, apanhou a mais rota das calcinhas de sua coleção de “roupas de casa” e cobriu-se com ela. Este momento era mecânico; era como se ela possuísse um chip com uma doutrina de ordem gravada em seu cérebro com a voz da mãe: “Veste a calcinha, senão bate vento e faz mal.” Por associação, lembrou-se da inveja que sentia quando criança dos meninos com seus penduricalhos expostos ao vento sem sofrerem mal algum. Já protegida embaixo, vestiu uma camiseta solta e leve que cobria parte das coxas, pensando no vizinho do prédio ao lado que já a pegara desprevenida uma vez e, depois disso, tornara-se assíduo espectador da janela

de seu apartamento. “Quem não quer ser visto que não se mostre”, pensou. “Se tivesse certeza que não seria percebida, eu também olharia com prazer um homem desprevenido”, emendou.

Já prevenida “contra o mal”, foi à cozinha e apanhou um litro de guaraná e quatro pedaços de pizza, sobra da noite anterior. Aqueceu as pizzas no forminho elétrico e em pouco tempo a reivindicação do estômago foi atendida. Saciada, acendeu um cigarro e, sem se dar ao luxo de degustar o objeto do vício, foi à área de serviço, que de tão pequena exigia perícia para se locomover com agilidade. Abriu a torneira do tanque e jogou embaixo d’água a roupa do dia anterior, que estava no molho. Foi à sala, recolheu as roupas tiradas há pouco, juntando às outras, e se pôs a lavá-las. Não tinha máquina de lavar e nem sentia necessidade de ter. Morava só e havia se acostumado a lavar sempre pela manhã a roupa do dia anterior. Esse hábito não permitia que suas roupas se acumulassem em cesto de procrastinações. A roupa de ontem já poderia usar amanhã se precisasse, e amanhã só teria a roupa de hoje para lavar. Acordando sempre com 20 minutos de antecedência do que seria necessário para se aprontar para o trabalho, ela resolvia um problema que, com as roupas se acumulando, poderia lhe roubar o tempo precioso das tardes de lazer no sábado. “Há hábitos que vêm para bem”, assim ela pensava.

Lavada a roupa, estendeu-a no pequeno varal de teto e passou pano no chão, tudo com a rapidez e agilidade de quem tem conhecimento do espaço que ocupa e prática no que faz. Enfim, em 40 minutos tinha lavado a roupa e a louça, limpado a cozinha e o banheiro, ajeitado a “sala-dormitório” – que ela chamava assim por ser apenas dividida por um biombo – e molhado a samambaia que pendia do teto e as duas violetas na estante, chateando-se por uma delas não estar se desenvolvendo a contento. Em pouco tempo seu “recanto” estava com aparência de um “ambiente habitável”.

Era de Santos. A mais nova de uma dupla de filhas de seu Joaquim, um sindicalista portuário. Tivera, juntamente com sua irmã Leilane, uma infância saudável dentro das condições possíveis a uma família brasileira de classe média baixa. Seu Joaquim era um ativo militante das lutas trabalhistas. Desses convictos de que sem luta por melhores salários os trabalhadores

viveriam a pão e água. Um incansável progressista que participou com garra dos movimentos sociais na luta contra a opressão da ditadura militar. Mas o valoroso combatente contra a opressão social era, em casa, um conservador da tradicional opressão patriarcal. Mas era um bom pai, dentro do contexto que a oligarquia familiar tradicional permite, e um bom marido, no limite que a educação machista propõe. Nas ruas, um progressista ferrenho; em casa, um conservador renitente. Porém, ele que sempre mantivera dona Maria, a paciente mãe de Abigail, como administradora do lar, não pudera manter as filhas atreladas à milenar doutrina de que “lugar de mulher é no fogão”.

Numa sociedade de consumo, analisa-se a liberdade do homem por sua situação financeira. Considerando o achatamento salarial transcorrido durante várias décadas, que privou o chefe de família de ser o único provedor das despesas do lar, seu Joaquim, brilhante defensor dos salários alheios, comoveu-se com as causas feministas e tornou-se um obstinado defensor da liberação feminina, permitindo então que as filhas fossem livres para ajudar no sustento da casa. E suas filhas arregaçaram as mangas e foram ao trabalho externo como “Novas Marias”, com sonhos de liberdade e satisfação de desejos.

E assim, em 70, quando o Brasil ganhava a Copa do Mundo de futebol pela terceira vez, Leilane conquistava o seu primeiro emprego, aos quinze anos, como funcionária do Sindicato dos Químicos. E conciliava muito bem o emprego com os estudos, interessada que estava em provar que “lugar de mulher é em todo lugar”. Até que conheceu Sandro, um jovem amigo de seu pai; após quatro anos de namoro e noivado, em nome da liberdade de amar, casou-se. E casada ainda está.

Abigail, quase dois anos mais nova que Leilane, foi impedida pela idade de ir à luta imediatamente. Contentou-se em ver a irmã sentindo o prazer de ganhar seu dinheiro e comprar suas roupas e cosméticos com seu próprio suor. Leilane dava-lhe presentes que a alegravam, mas não satisfaziam. Ela queria comprar e não ganhar.

Com o tempo, os novos compromissos de Leilane gradativamente a afastaram de Abigail. Era como se a diferença de quase dois anos na idade se transformasse em cinco ou seis anos. Trabalhando, estudando e namorando, não sobrava mais tempo para Leilane ter com a irmã a afetuosa convivência que

tiveram por toda a infância e princípio de adolescência. Abigail sentiu com pesar a mudança, pois havia entre elas uma afetividade que extrapolava os laços sanguíneos. Abigail via na irmã um espelho mais próximo da sua realidade de adolescente do que os ensinamentos e influências do pai e da mãe. Tinham convivido até aquele tempo como cúmplices, mas, apesar de ainda viverem na mesma casa, quase não se viam, porque Leilane saía cedo para o trabalho e chegava da escola quando Abigail já estava dormindo. Nos fins de semana, as atenções de Leilane estavam mais para Sandro do que para a irmã. Abigail estranhava a situação que as circunstâncias, de repente, lhe haviam colocado; ela convivia muito mais tempo com as colegas da escola e da rua, até com gente de que não gostava, do que com a irmã e amiga que morava sob o mesmo teto.

Em 72, chegou um dos ansiados momentos de Abigail: seu pai lhe conseguiu um emprego numa firma de importação e exportação. Não era ainda a mulher mais feliz da face da Terra, mas sentia-se uma das mais importantes. Era uma “auxiliar de todas as coisas”. Até “office-girl” – como se definia. Mesmo assim, sentia-se uma das mulheres mais importantes do mundo. Considerando que um louco é talvez mais feliz por sentir-se Napoleão do que o próprio Napoleão sentiu-se por sê-lo realmente, ela não estava distante da verdade.

O trabalho lhe deu liberdade, a liberdade ampliava os horizontes e os horizontes lhe trouxeram namorados. Diferente de Leilane, que vivia uma paixão monogâmica por Sandro, Abigail vivia romances monogâmicos quase poligâmicos, já que as mudanças se sucediam em rápida seqüência. Essa adolescente e natural promiscuidade a levava a pensar que queria mais do que os rapazes tinham pra dar. Ou ela atirava certo no alvo errado ou era o alvo errado para o rapaz certo. Ela não entendia. Antes do sim, os rapazes eram atraentes e irresistíveis; depois, transformavam-se em companhias fúteis.

Admirava o romance de Leilane, que vivia com Sandro um namoro maduro. Gostava de Sandro e achava que a irmã tivera sorte de encontrar um rapaz cinco anos mais velho do que ela, de uma “maturidade carismática”. Era assim que ela via o cunhado. Sandro era funcionário de uma empresa química, filiado ao sindicato e assíduo colaborador, com pretensões de seguir uma carreira sindical.

Em 76, quando Leilane se casou, Abigail ficou feliz pelo casamento da irmã e passou a aguardar um sobrinho com ansiedade. Mas o casal, em comum acordo, resolveu que uma criança só viria quando a situação financeira da sociedade conjugal estivesse estabilizada.

Casamento de pobre se inicia com crise financeira. O amor é a fé que lhes dá forças para tocar o barco adiante e a paixão e as delícias que trocam no início são o bálsamo para amenizar dificuldades. Mas Sandro e Leilane não se deixaram levar de roldão só nos prazeres, planejavam-se um para o outro e juntos planejavam o futuro. Assim, somente em 80 Leilane engravidou.

A expectativa foi um fracasso porque dois meses depois Leilane abortou. Havia uma disfunção uterina. Algo que um tratamento resolveria, mas despesa que o salário de ambos não era capaz de cobrir. Tinham de pagar prestações da casa que compraram.

Em 82, Sandro foi transferido para a matriz da empresa em São Paulo. E o casal mudou-se. “Trocaram a grande cidade pela cidade grande”, conforme Sandro, santista de carteirinha, condição que atestava na sua carteira de sócio do Santos F. C.

De início era comum, nos fins de semana, a visita dos dois, já que a distância entre as duas cidades é curta. Mas o tempo afasta as pessoas no espaço e o espaço distancia as pessoas com o tempo. Passaram a ver-se pouco, mais nas festas de fim de ano e em ocasiões especiais.

Somos produtos do meio, nós o transformamos e somos por ele transformados. Esse princípio talvez explique as acentuadas diferenças entre Leilane e Abigail desde que começaram a se afastar uma da outra. Elas começaram a ter trajetórias diferentes não só no espaço do mundo, mas também no desenvolvimento do espírito. Novas informações e novas influências para o pensamento, novos pensamentos para o desenvolvimento da personalidade. A afeição permaneceu, mas a influência de uma sobre a outra, não. E as características inerentes à individualidade de cada uma se distanciaram mais, levando as duas – que até o princípio da adolescência tinham formas parecidas de perceber e absorver a vida e seus

mistérios – a se distanciar nos pontos de vista e conseqüentemente no comportamento. Mesmo sendo frutos da mesma árvore, passaram a ter sabores ainda mais diferentes do que a genética naturalmente dá.

Com o emprego, Abigail substituiu a falta de Leilane por novas amizades e aprofundou o relacionamento com as colegas da escola, numa cumplicidade mais ampla. No último ano do segundo grau, o seu horizonte sexual abriu-se. Não com um namorado qualquer dos muitos namoricos que tivera, mas com o “primeiro amor de carne e sentimento”, conforme o título de seu íntimo poema autobiográfico que relatava as emoções e dificuldades de sua primeira vez. Considerava esse poema digno de abrir o currículo da carreira de uma das maiores poetisas da língua portuguesa, conforme sua pretensão de moça cheia de sonhos.

Depois da iniciação sexual e da conclusão do segundo grau, entrou para a faculdade no curso desejado: Letras. Sentia-se uma mulher jovem e de pouca experiência, porém adulta!

Na faculdade, teve uma iniciação assumidamente “CDF” e tornou-se também uma “ratinha de biblioteca” que roía Vinicius, Drummond, Artur Azevedo, Cecília Meireles, Neruda e Jorge Luis Borges – “o maior de todos”, segundo ela. No afã de “sugar a sabedoria dos grandes poetas para tornar-se a maior entre todos”, estudava letras e sonhava estudos, estudava sonhos para transmitir em letras.

No emprego que iniciara “como auxiliar de todas as coisas”, galgou posições, tornando-se uma eficiente secretária.

Que belo princípio Abigail tivera.

Os jovens carregam no íntimo a energia de fortes desejos e isso os torna alvo preferencial do marketing socioeconômico, e alvo primordial dos manipuladores que conservam o “status quo”. Assim, a energia transformadora dos jovens muitas vezes, canaliza-se para o cotidiano hedonista. Abigail deixou-se levar pela corrente comum; o seu ardente desejo de saber, aliado ao desejo de se tornar “a poetisa maior”, foi com o tempo se perdendo no cotidiano de prazeres imediatos, no qual os sonhos se desalentam, frangalhando-se diante do desejo de viver os momentos de efeitos transitórios. Filiada à comunidade da maioria, tornou-se uma mulher “livre e mo-

derna”, explicitando sua livre modernidade no cigarro entre os lábios e nas rodas de barzinhos de frequência estudantil. E, imperceptivelmente para ela, mas de forma gradativa, “a ratinha de biblioteca” foi-se tornando uma “perua de barzinho”, e o futuro foi-se tornando uma rotineira procrastinação para o amanhã. Abigail patinava no presente e seus sonhos se distanciavam no passado, sem que ela percebesse que assim como o tempo não se antecipa, também não espera. O tempo não tem paciência nem compaixão, tem disciplina e objetivo único: passar. Ela não percebeu.

Os sonhos, quando não objetivados, tornam-se quimeras. E o cotidiano fútil absorvera o lindo sonho de Abigail. Na faculdade, o importante já não eram as aulas e sim as notas para passar de ano. O saber já tinha um valor menor do que o diploma. Grudou-se na “cola”, sem atinar que a “cola” dá diploma mas não dá conhecimento. E sem atentar que verniz não é estrutura.

Abigail corrompera os seus sonhos. A bebida tornara-se o agente para exteriorizar o seu universo interior, com a voracidade dos que querem mais liberdade do que a vida dá e a sociedade concede. Abandonou a faculdade no segundo ano.

Envolvido pelo seu cotidiano e convicções arcaicas, seu Joaquim não se abalou com a perda de rumo da filha. O choque constante entre eles já havia erguido um bloqueio entre os dois, e dona Maria, a conciliadora, que só se incomodava com o que incomodava seu Joaquim, também não se mobilizou, escudando-se na fé de que “Deus sabe o que faz”. Somente Leilane e Sandro tentaram persuadir Abigail a reassumir os estudos, mas a distância entre eles já era grande e a influência pequena.

Não tendo de pagar faculdade, a moça tornou-se proprietária de um Chevetinho já rodado alguns anos e passou a viver sua vida de trabalho e liberdade, faltando-lhe apenas a terra para pôr os pés no chão.

Em 83, seu Joaquim, talvez pelo estresse provocado pelo acúmulo de atividades – além de sindicalista, dedicava-se à militância política, tendo sido um dos fundadores do PT na cidade –, acrescido à mistura de fumo e álcool, tombou vitimado por um infarto.

Ninguém morre sem nada deixar. Pelo menos os ossos ficam. Seu Joaquim deixou uma casa própria, uma aposentadoria razoável, dentro do limite da pobreza, filhas bem encaminhadas na vida, dentro das convicções em que vivera, e uma viúva dependente por costume. Dona Maria, com uma vasta experiência nos afazeres do lar, não sabia como aplicar este amplo conhecimento fora das paredes que a envolveram por tantos anos. Apoiava-se na filha e fortalecia-se em Deus. Por um tempo, as duas mulheres amparavam-se mutuamente, suprimindo a ausência da coluna mestra doméstica, que seu Joaquim se tornara não por orgulho de mando, mas por sujeição à tradição familiar a que o casal se acostumara.

Mas este mútuo consolo de mãe e filha, a natureza que trama e destrama destinos foi aos poucos fragilizando, pois apesar dos laços fortes que as uniam, eram mulheres com rumos opostos; uma, à espera do último desígnio divino; a outra, com muitos desejos a serem saciados nesta vida.

A mais dolorosa ausência é a mal resolvida. Se a dor da falta é ruim, Abigail sentiu dor maior com a consciência culpando-a pelas conversas francas e amigas que deveriam ter acontecido entre eles e não aconteceram. Ela sentiu a ausência do seu contraponto; sem o pai, a música da sua existência perdia uma voz importante no coral da convivência e no seu próprio equilíbrio.

Mas o tempo é um ópio que atenua dores, ou as dores se atenuam com o tempo; o fato é que logo ela estava recuperada do baque e voltava à luta de mulher livre, cumprindo com galhardia seu compromisso profissional e defendendo a liberdade nos bares e motéis em namoros mais maduros, porém inconseqüentes como na adolescência. Em cada homem, uma insatisfação.

Por mais perdidos que estejamos, se ainda há uma chama de sonho, há esperança e é possível retomar o rumo. Saturada de sua rotina insatisfatória, que ela acumulava em papéis com seus desabafos poéticos, nos quais se questionava sobre “os porquês de os desamores brotarem do amor”, resolveu, como quem busca o passado para seguir em frente, reiniciar a caminhada em busca do horizonte esquecido. Assim, em 85 voltou aos estudos, predispondo-se a mudar de comportamento, dando

um tempo aos seus romances fugazes. “Mulher não nasceu pra Don Juan.” Com esse pensamento, voltou à faculdade com a vontade dos que querem algo para ser.

Ano de 1986, terceiro ano, 1987, quarto ano. Ela estava chegando lá! Estava indo tão bem que passou até a se conceder o direito a freqüentar barzinhos nas sextas-feiras. Às vezes, nas segundas ou quartas, e até nas terças e quintas de vez em quando. E foi aí que conheceu Paulo Sérgio...

Paulo Sérgio, seu colega de classe, transferira-se de outra faculdade por motivos que Abigail nunca soube. Filho de boa família dentro do contexto econômico, e talvez somente nesse contexto, a princípio ele parecera um moço tímido e competido na sala de aula. Porém, eram freqüentes suas aparições nos bares estudantis e entre o grupo de “ebrirridentes,” moças e rapazes com quem Abigail convivia, e ela se encantou com sua desenvoltura e audaciosa alegria. “Olhos felizes”, como Abigail o apelidara, ele sempre se aproximava do grupo com um caminhar de segura leveza, como se andar fosse flutuar sobre o piso, e se exprimia como se a alegria fosse a única dádiva existente, sem ter a tristeza como oposição. Ilusoriamente ela viu neste comportamento ambíguo a virtude de saber separar a responsabilidade nos estudos do lazer nos bares. Na faculdade ele era a água; nos bares, o vinho. Introverso e de poucas palavras na sala de aula, chegando a transparecer um certo nervosismo em seu comportamento, como se a responsabilidade lhe causasse dor; nos bares, transformava-se num Baco contemporâneo que, aos olhos de Abigail, travestia-se “num poeta, que num dionisíaco festejo, comemorava o desfecho de um supremo poema, fruto de um árduo trabalho”. Longe das aulas, ele era “a alegria em estado de graça, um orgasmo de múltiplos prazeres”.

E Abigail conheceu a cocaína.

Não foi logo nos primeiros encontros íntimos que Paulo Sérgio lhe apresentou seu truque de desconcentração. Quando saíram “à francesa” da roda de amigos e foram entabular um preambular namorico num bar distante, ela até estranhara que ele passasse um bom tempo bebericando um copo de cerveja. Supôs que fosse fraco para a bebida e por isso tinha o bom senso de se preservar. No motel, de corpo saciado

pelos arroubos dele, ela saiu com a sensação incômoda de que “ainda faltava algo”, mas não sabia o quê. Haviam conversado muito e quando ele lhe dissera que “nada é mais importante do que viver”, ela lhe perguntara: “O que é viver?” E ele respondera: “Viver é viver! Assim como os macacos que comem, transam e brincam fazendo micagens, pulando de galho em galho no bem-bom da vida!” O quadro que ele lhe expôs sobre a vida era alegre, mas ela não viu juízo no quadro. A filosofia de vida dele chocava-se com os valores que ela procurava na vida. Talvez fosse esse o “quê” que faltava.

Mas já foi dito que “primeiro a gente enlouquece e depois vê no que dá”, e foi num quarto de motel que, depois de cheirar uma fileira de pó branco, ele convidou-a: “Experimente! Se não gostar, tudo bem!” E ela gostou... Sentiu-se como se “o horizonte se arreganhasse a sua frente, descortinando-se numa nova e translúcida dimensão de vida”, de acordo com seu poema intitulado “Bruxa fantasiada de fada”. Sentiu-se segura, dona de si e de todos, extrovertida, e sem pudores e bloqueios, flutuou pela cama subindo pelas paredes em múltiplos orgasmos, só caindo em si quando o efeito acabou. Tinha sido bom. Tinha sido muito bom, mas ainda faltava algo e ela não sabia “o quê”.

Quero-te pra companheiro/Para juntos curarmos as feridas/E lamber o mel da vida/Dividindo com herdeiros. Com os versos de seu poema “O próximo”, Abigail já dava a entender que não mais queria caminhar só com companhias passageiras. Os namorados anteriores, ela os descartara por não preencherem o sonho de “homem companheiro”. Até o “primeiro amor de carne e sentimento”, o tempo o gravou na memória de sua história afetiva somente por ter sido o primeiro. Nem saudade deixou. E essa decepção, Paulo Sérgio também lhe causava. Não havia nele nenhuma referência sequer que a convencesse de ser ele o “esperado”. Paulo Sérgio foi um blefe bem-sucedido na maior derrota de Abigail.

Por meses formaram par constante na faculdade e nas rodas étlicas dos estudantes, porém, com o tempo, foram se afastando ou sendo afastados. Com os usuários de cocaína e outras drogas, Abigail não queria aproximação, tinha medo. Havia um clima de criminalidade naquele mundo que a assus-

tava. A paranóia se instalara em seu cérebro. Ela saía com Paulo Sérgio e consumia a droga que ele lhe trazia, procurando não se envolver inteiramente e sabendo o mínimo de sua procedência. Contribuía financeiramente com a aquisição, já que Paulo Sérgio era apenas filho de pais ricos. Na faculdade assumia a introversão e o comportamento tímido e tenso de Paulo Sérgio. Sentiu o porquê desse comportamento e compreendeu que quanto maior se sentia com a droga, menor se sentia sem ela. Essa insatisfação doía e enervava. Mas no motel, após a fissura preenchida e satisfeita, entregava-se como uma Afrodite aos prazeres de Baco, usufruindo em poucas horas as mil e uma noites de uma bacanal ralé. Mas não tinha certeza se amava a cocaína e detestava Paulo Sérgio ou amava Paulo Sérgio e detestava a cocaína. Em momentos de lucidez concluía que não se amava mais.

Na empresa em que estava empregada, vinha sendo há algum tempo assediada pelo representante de uma fornecedora. Safava-se dos convites para jantar com a malícia diplomática de uma mulher experiente. Ele era atraente e casado. Esse fato levou-a a pensar que poderia ser essa uma chance de pelo menos atenuar a confusão em que se encontrava. Talvez um romance fora do mundo massacrante em que se enroscara lhe fizesse bem. Não tinha certeza se pensava corretamente, mas precisava “lançar âncora num ancoradouro que pelo menos me permita respirar no meio da tempestade”. Assim pensando, aceitou o convite para jantar e os que vieram após. Saiu três vezes com William, nome de seu suposto ancoradouro salvador; mas, apesar da atenção e do carinho recebidos, não foi bom. Saiu do romance fugaz com uma única certeza: até sua sexualidade estava comprometida com a droga. Nos encontros com William não usara cocaína e nem bebera, no desejo de esconder seu vício. Foram três decepções com orgasmos fingidos, e a certeza de que mesmo sua libido estava dependente. Com o argumento de que ela era noiva e ele casado, por isso não deveriam continuar, desvencilhou-se de seu suposto ancoradouro, permanecendo à mercê do revolto mar. A tempestade era forte e não se sentiu com direito de jogar mais gente nela. Havia ainda um resto de dignidade em si.

Duas pessoas que não entendem a si próprias jamais entenderão uma à outra, por isso ela e Paulo Sérgio brigavam constantemente. Abigail ansiava pelo momento de “subir pelas paredes”, mas as subidas tinham limites, e as quedas eram cada vez mais estrondosas e ilimitadas. O brilho momentâneo que o pó lhe trazia transformava-se, sem o uso, em paranóicas névoas de um viver sombrio. Sua alma tornara-se capacho para os próprios pés.

Em casa, a mãe não tinha mais braços para ela, e o desgosto que a filha lhe causava a envelhecera mais. Os vizinhos que lhe fizeram festa na infância e adolescência a fuzilavam com olhares enviesados na rua. Perdeu o emprego e, por acúmulos de faltas e de notas baixas, repetiu na faculdade, abandonando-a de vez. Só não abandonou Paulo Sérgio.

Leilane e Sandro vieram de São Paulo várias vezes. O encanto afetivo entre as duas irmãs estremeceu. Discutiram muitas vezes e, na última, Leilane tentou de todas as formas levar a mãe para sua casa. Mas dona Maria, por ser mãe, recusava-se a abandonar a filha, acreditando ainda na recuperação de Abigail. Por várias vezes Leilane tentou convencê-la a internar-se e, na última vez, Abigail recusou-se mais uma vez, prometendo que venceria o vício e romperia com Paulo Sérgio. Sandro e Leilane voltaram para São Paulo deixando um ultimato: “Se você quiser vencer o vício e reformar seu destino, nós te ajudamos. Caso contrário; siga sozinha! É perda de tempo ajudar quem não se ajuda...”

Nesse dia ela trancou-se no quarto. Angústia, remorso, vergonha, desamparo, arrependimento, solidão, medo, agonia, dúvida, depressão; todas estas palavras não traduzem seu verdadeiro teor enquanto palavras, mas calam fundo na alma com as dores que representam. E ela sentiu-se consumida por todas essas dores. E a dor maior é que ela sabia que, se “cheirasse uma fileirinha”, essas dores se dissipariam momentaneamente. E, pior, tinha consciência de que a causa dessas dores era a “fileirinha”, que fragilizara seu autodomínio. Sentia-se como se o coração fosse um pesado cesto de sentimentos dolorosos e ela estivesse equilibrando-se sobre frágil corda estendida acima de um precipício, um imenso vale coberto por um pó branco, brilhante como pó de pirlimpimpim, e macacos! Macacos fazendo micagens para ela, correndo e brin-

cando. Abigail delirava com a dor. A dor piorava com a ânsia de ver Paulo Sérgio. Não por ele, ela o detestava. Abigail sofria por gostar do desgosto.

É angustiante desejar o que não se quer. Um negro desorientado pedindo orientação a um branco nazista ou uma mulher fragilizada necessitando do amparo de um machista bronco e perverso não se sentiriam tão perdidos quanto Abigail se sentia. Ela, que na adolescência tivera um início promissor, estava tendo um triste fim no meio de sua vida. Pensou em se internar. Era a saída: “Sim! É a única saída!” Assim pensando, resolveu ver Paulo Sérgio pela última vez. As desculpas justificam as desavergonhadas fraquezas. E ela foi.

Era a tarde de um domingo sem turistas. Tempo chuvoso e fora de temporada, quando os santistas se recolhem na sua rotina, sem a convivência com os visitantes da cidade. Por telefone ela marcara o encontro, pedindo que ele trouxesse maior quantidade do que de costume e se comprometendo a pagar integralmente o preço. Ela ainda tinha o dinheiro da indenização pelo desligamento da empresa em que trabalhara por 16 anos.

Iria saciar-se ao exagero: “Fartar-se até o nojo. Consumir até enjoar e vomitar! Vomitar! Vomitar todas as vezes que pensar nesta merda!” E iria comer Paulo Sérgio: “Violentá-lo! Usá-lo até enjoar. Possuí-lo até enojar-se de sua virilidade e vê-lo frouxo, com a potência desenganada.” Estava disposta a romper seu estado presente custasse o preço que fosse. Pensava em “combater veneno contra veneno, mesmo correndo o risco de bloquear meu estro, poético e hormonal, metamorfoseando-me de mulher poeta em um ser assexo e beato!” Estava realmente decidida.

Acordou num hospital. Overdose. De tudo o que fizera e acontecera, lembrava-se apenas das cólicas insuportáveis, e pouca coisa mais. O subconsciente é um anjo protetor. Um servil guarda-costas que protege seu amo das piores lembranças. A amnésia, nestes casos, é um bálsamo. Acontecera de tudo, ela só se lembrava do início.

Mas se lembranças ruins machucam, o esquecimento também incomoda, pois não se lembrar de fatos de que se participa é viver sabe-se lá o quê. Insatisfeita, ela não se agüentava

de tantos “os quês?” e “por quês?” à sua memória embotada. Lembrava-se de que se encontrara com Paulo Sérgio; lembrava-se de que tomara uma caipirinha de vodca logo ao chegar e que transaram muito, logo após cheirarem uma exagerada carreira. Lembrou-se vagamente de que bebera cerveja, discutira muito com ele e cheirara mais; lembrou-se das cólicas insuportáveis. Essas lembranças vinham-lhe à memória de forma desconexa, vaga; somente as cólicas com o terror da morte lhe ficaram bem nítidas na memória.

Quando a enfermeira transferiu-a para um quarto, ela descarregou uma bateria de perguntas, recebendo como resposta:

– Eu não sei. Não estava de plantão quando você chegou. O que sei é que você chegou em coma. Overdose de bebida e cocaína... Olha, suas roupas e objetos pessoais estão no armário. Vou deixar os chinelos embaixo da cama...

– Minha mãe esteve aqui?

– Todos os dias!

– Todos os dias!?! Que dia é hoje?

– Quarta. Você chegou na madrugada da segunda. Se acalme. Logo o médico estará aqui e falará contigo!

E a enfermeira saiu, deixando-a mais confusa. Lembra-se de que dissera a Paulo Sérgio que iria parar, que aquela seria a última vez, e ele lhe perguntara irônico: “Você acredita?!” Lembrou-se da sensação de asco quando fizera sexo com ele, a ponto de compreender que o nojo não era por ele e sim por si. Mesmo mentalizando-o como um objeto, não punira a ele, punira a si própria. “Idiota!”

Enfim, em seu desatino “despencara fundo no vale do pirlimpimpim e transara com o macaco de vida fácil”. Disso sabia. E sabia que não ficara no vale do pó; estava numa cama. Também não atingira o chão firme do novo rumo: a cama era de um hospital. Nada mudara; não sentia vontade de vomitar ao pensar “na merda da droga”. Seu mal estava na alma.

O médico era jovem. Expressava-se calmamente como um bondoso padre na encomendação de uma alma para o reino do céu, mas sua cabeça era científica e suas palavras deixavam claro que seu ofício era lutar pela vida aqui neste mundo. Não julgou, não condenou nem perdoou; limitou-se apenas a dar o diagnóstico e o remédio. Pediu que ela sentas-

se e desabotoasse o avental, e enquanto lhe examinava costas, ventre, peito, com o estetoscópio auscultando-lhe as entranhas, ele lhe contou que havia conversado com seus familiares, que estavam dispostos a ajudá-la, e que Sandro já estava providenciando uma clínica de recuperação.

– A internação vai ajudá-la na desintoxicação orgânica e psíquica, mas não é o suficiente.

Tendo concluído o exame, ele lhe pediu para cobrir-se e perguntou-lhe:

– Há quanto tempo você usa cocaína?

– Uns dez meses.

– Menos mal... Todos os dias?

– No princípio dois ou três dias da semana; depois fui sentindo necessidade de mais vezes.

– E a bebida?

– Já bebo há alguns anos... Uns nove anos, mais ou menos.

– Isso é mal. Bebe todos os dias?

– Ultimamente, sim. Compensava com a bebida a falta da cocaína.

– Isso é relativo. Talvez se a cocaína fosse legalizada e a bebida não, você estaria me dizendo que compensava com a cocaína a falta da bebida... Na sua família há mais pessoas envolvidas com drogas?

– Droga pesada, não. Só o meu pai bebia, e às vezes exagerava nos fins de semana.

– A bebida é uma droga pesadíssima. Você bebe o quê? Cerveja? Destilados?

– Antigamente era só cerveja, mas com o tempo fui misturando cerveja e outras bebidas.

– Você uniu um mal a outro e isso é uma soma sempre negativa... Você é jovem e tem um organismo saudável. Organicamente não está mal. Agora, sendo sincero: você entrou num labirinto difícil de se sair. Das pessoas que vi nessa situação, poucas se recuperaram. Mesmo os psiquiatras têm dificuldade para lidar com toxicômanos, porque isso depende mais do próprio paciente. Mas se outros já saíram, por que você não sairá, não é? Vejo a coisa assim: você viu uma luz seduto-

ra no fim do túnel e correu afoita atrás dessa luz; mas a luz era artificial, como a luz de um holofote, e o túnel não tem saída. A saída é voltar. Mas, pra isso, é preciso paciência, humildade e determinação. Você terá que se despir do orgulho e ter força de vontade. Torço por você.

Dito isso, foi saindo, e já na porta deu-lhe um último recado:

– Ah, a sua mãe também está doente. E a recuperação dela depende da sua.

Abigail não agüentou mais e explodiu num súbito pranto: “Meu Deus! Eu sou a droga da minha mãe.” Cobriu-se com o lençol, escondendo-se até a cabeça, e em posição fetal chorou sua angústia: “Não quero estar aqui!”, “Quero minha mãe!”, “Quero morrer!” E pensou no pai: “Um espírito decepcionado. Um espelho que eu quebrei.”

A enfermeira lhe trouxe um comprimido. E ela dormiu.

Acordou com a chegada do almoço. Tentou rejeitar, mas a enfermeira tinha argumentos convincentes. Levantou-se e foi ao banheiro. Após se livrar das necessidades naturais, ao lavar-se, olhou no espelho e viu uma estranha mal encarada. Uma mulher pálida e sem atrativos: “Rugas! Meu Deus, eu não tinha essas rugas.” Há muito não se olhava no espelho com o cérebro “limpo”. Depreciou-se: “Uma caveira orgulhosa de sua beleza enrugada.” Virou a cara para o espelho e saiu. Empurrou o alimento boca adentro como quem cumpre uma obrigação, sem prazer algum, mas conseguiu almoçar um meio almoço. Pegou no armário pente, escova e creme dental e foi novamente enfrentar o espelho. Escovou os dentes e, ao pentear-se, resolveu reerguer o astral; foi ao armário, pegou seu estojo de cosméticos e, após alguns toques de arte, sentiu-se com uma aparência melhor: “Não tem jeito, a gente não escapa dos artificialismos. A alma cinza e o rosto colorido...”, pensou. Terminado o seu ritual de compostura estética, deitou-se e esperou ansiosa o incômodo reencontro. Aguardava uma descompostura moral.

A espera, quando há ansiedade, demora mais. E por um bom tempo ela aguardou a chegada da visita, até que viu o olhar de sofrimento de sua mãe: “Que susto, minha filha!” Leilane, com um semblante solidário, porém prática e controlada, perguntou se a estavam tratando bem. Ela respondeu que sim. Sandro, solidário e sem lágrimas, foi objetivo:

– Tomamos uma iniciativa à sua revelia. Espero que você compreenda.

– Eu sei. O médico me falou. Sobre a internação, não é?

Sandro lhe deu a notícia de que já havia encontrado um local numa cidade próxima a Araras. Um sítio que transformaram em clínica para recuperação de drogados. Mas quando ele lhe disse que já resolvera o problema na delegacia, ela não entendeu.

– Delegacia?!

– É. Já estive lá com um advogado e resolvemos tudo. Mas pra todos os efeitos você tem problemas de alcoolismo e ia se internar para recuperação. Com a cocaína você se envolveu pela primeira vez e foi induzida.

– Eu não estou entendendo, o que tem a clínica com a delegacia?

Olhares se cruzaram num desconforto momentâneo, e Leilane se antecipou:

– Você não está sabendo de nada?

– Olha, não pensem que é cinismo, mas eu não sei como vim parar aqui e nem o que aconteceu.

Eles contaram. Os jornais publicaram e a cidade sabia. Sandro até revelou uma das manchetes: TRAFICANTE BRIGA COM NAMORADA E CAUSA QUEBRA-QUEBRA EM MOTEL. Leilane explicou que a recepcionista ouvira gritaria no quarto e pedira para o vigia verificar. Paulo Sérgio não abriu a porta, a recepcionista chamara a polícia, e o vigia, ao abrir a porta com outra chave, fora agredido por Paulo Sérgio com uma garrafa de cerveja. Paulo Sérgio ainda quebrara os espelhos do quarto, e Abigail havia desmaiado. A polícia deixara-a no hospital e levava Paulo Sérgio para a delegacia. Para a polícia ele era traficante.

As mesmas informações que esclarecem podem trazer mais confusões. Ela havia namorado um viciado ou um traficante? Os dois em um? “Idiota! Mil vezes idiota!” Arrasada, entendeu que Paulo Sérgio era mais envolvido com as drogas do que ela supunha, e sentiu que na verdade sustentara o vício dele:

– Meu Deus! – exclamou em prantos.

– Já passou, filha – consolou a mãe. – Tudo vai melhorar. Essa coisa ruim vai passar.

Impotente como se encontrava, qualquer coisa que lhe dissessem aceitaria sem restrições: o orgulho de mulher livre evaporara no espaço. Devia explicações sobre a bobagem que fizera e se abriu: contou como planejara abusar das drogas até enjoar e pôr fim ao caso com Paulo Sérgio, omitindo, naturalmente, a maneira como pretendia enjoar dele. A grande idéia que tivera no domingo à tarde era agora uma infantil mediocridade, que uma criança com juízo não faria. Assim ela sentiu, e mesmo assim contou. Todos compreenderam. Perguntou sobre sua bolsa.

– A polícia devolveu – respondeu Sandro.

– Cheque, documentos, estão nela?

– Talão de cheque, cartão de crédito, documentos e até a cartela de pílulas – ele brincou.

– Pelo menos nisso você teve sorte. A sorte mesmo é que um dos policiais conhecia nosso pai! – Leilane comentou, e dona Maria emendou:

– Ele foi lá em casa me avisar. É o Adelmo. Ele conheceu vocês quando crianças!

– E como ele me relacionou com o pai?

– Seus documentos têm o nome do nosso pai, que não foi anônimo nesta cidade – explicou Leilane.

– Olha, ainda tenho algum dinheiro no banco. Eu gostaria que vocês o retirassem e vendessem meu carro. Assim eu restituiria o dinheiro que vocês gastaram. Por favor, providenciem pagamento de advogado, clínica, tudo o que for preciso. Eu não estou com cabeça pra pensar em nada além de me enfiar numa clínica e me recuperar. Eu sei que é complicado pra vocês, mas por favor me ajudem...

Sandro foi quem falou:

– Fique tranqüila. Saindo do hospital você vai pra nossa casa. Terá que fazer exames médicos e aguardar a clínica chamar para a internação... Ah, antes disso você terá que passar na delegacia. Mas não tenha medo; o Adelmo, os outros policiais e o delegado são do bem.

As brincadeiras irônicas de Sandro não lhe arrancavam sorriso algum, mas a acalmavam. Afinal, se ele estava com espírito bem-humorado, é porque tinha certeza de que estava tudo sob controle, e isso a reconfortava. E a conversa se estendeu sobre essas e outras coisas, até que surgiu uma notícia diferente: Leilane estava grávida. A princípio Abigail sentiu-se apreensiva com a surpresa:

– E o problema que você tinha?

– Há ainda o problema, mas não tão sério como aquele médico filho da puta tinha dito. Acho que ele estava querendo comer dinheiro.

– Mas não era médico de hospital público?

– Se até no privado metem a mão, por que no que é público não vão meter?! O pior é que eu passei todos estes anos com medo e me enfiei no trabalho pra desencanar. Resolvi fazer uns exames mais sérios, e o médico disse que se eu tomar todo o cuidado possível não haverá problema.

– E a idade?

– O risco maior é esse; principalmente por ser a primeira gravidez. Mas confio no meu médico, confio em mim e em Deus.

– Torço por você e fico feliz. E me aguarde que vou seguir seus passos. Pelo menos espero.

A notícia deu a Abigail a certeza de que viver a simplicidade da vida é possível e dá prazer. A irmã, mesmo casada, tinha uma liberdade a dois. Assim ela via, agora, a vida de Leilane e Sandro. E a irmã voltou a ser o seu espelho.

Quando se despediram, Sandro lhe reforçou a confiança:

– Eu te conheço: você vai sair dessa. Foi só um desvio de rota e você encontrará o rumo certo. Essa tempestade passa!

Ela o abraçou agradecida e reconfortada, sentindo-se confiante, apesar da consciência de que teria uma luta feroz pela frente: “Criei um demônio dentro de mim. Cabe a mim matar a criação maligna.” A ajuda que recebeu a fortalecera.

A tempestade passara, mas ficou o barco para reformar. Sentiu vergonha ao comparecer à delegacia, mas confortou-se pensando: “Se estou reparando os meus erros, tenho é que me orgulhar.” Porém a consciência mesmo assim exigiu-lhe outras

provações quando repetiu por várias vezes “não me lembro” e quando, orientada pelo advogado, mentiu e negou por mais de três vezes. “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.” Com esse pensamento emprestado de Fernando Pessoa, ela aplacou remorsos e medos, e com resoluta humildade começou seu caminho de volta do túnel sem saída de luz artificial.

Saiu da delegacia com a sensação de quem escapa ileso de um deslize, mas com a certeza de que não fora um crime perfeito; afinal, a vítima era ela.

Ficou somente dois dias em casa providenciando os preparativos para a internação. No dia seguinte, ela e a mãe dormiram na casa de Leilane. Sandro a levou para a clínica.

Muito agradecida a Sandro, e preocupada, pois ele pedira licença na empresa e Leilane vivia uma gravidez de risco, ela se sentia um estorvo na vida dos dois. Mas ele novamente a reconfortou.

– Não se preocupe, tive ajuda de amigos. Se não fosse possível fazer eu não faria. Além do mais, você está numa situação ruim e não deve se preocupar com nada além da solução para o seu problema. Canalice sua auto-estima e sensibilidade em você. Neste momento o egoísmo é importantíssimo. Pense em você e em nada mais.

Sendo altruísta, ele lhe sugeriu o egoísmo como auto-defesa, e ela percebeu que não tinha noção correta dos sentimentos e não sabia como utilizá-los equilibradamente. Guardou o tema na memória, para exercitar no confinamento da clínica.

Quando se sai do inferno, qualquer lugar é um paraíso. Assim Abigail se sentiu quando se internou. A clínica era o local adequado para quem precisava se isolar do mundo exterior, e ela se isolara das dores passadas e dera um intervalo para os objetivos futuros. “Só por hoje” era o lema na clínica. “Só por hoje” era o lema de Abigail. Ela impusera a si, com um forte desejo, seguir à risca toda a doutrina do tratamento, sem questionar e sem rebeldia, “como uma chinesinha beata que segue todos os rituais com humildade e paciência”. Sabia que a adaptação seria difícil e que a disciplina a seguir entraria em choque com seus conceitos, mas estava disposta a aceitar resignadamente: “Não tenho um centavo pra negociar rebel-

dia.” Foi com este espírito que ela começou sua redenção. A humildade era sua força e a fé sua energia.

Ela, como imaginara, não gostou inteiramente da disciplina da clínica, mas aceitou-a e a seguiu com resignação. Dedicava-se às tarefas procurando sempre mentalizar o prazer em praticá-las e concluí-las com esmero.

Num ambiente com pessoas que tiveram uma existência avessa aos valores comuns, paira um “clima” de aversão à disciplina, à doutrina e à sociedade em geral. Ela procurava não se envolver com esse “clima” e dedicava-se a resgatar seus valores esquecidos, objetivando um único desejo: recuperar-se e ser digna de si. Muitas de suas colegas, na maioria jovens, estavam internadas por imposição dos pais e não por um desejo de recuperar-se nascido e alimentado no âmago. Quando possível, ela tentava inculcar nelas a força para a busca de transformação e o aproveitamento da oportunidade que estavam tendo. Mas ela sabia que as palavras “Quero! Vou parar!” não têm grande valor quando não endossadas pela alma.

Se as drogas fossem ruins e só causassem dores e desprazeres, ninguém se viciaria. E é justamente por haver momentos bons entre tantos momentos ruins que os drogados também têm saudades. E nas horas de lazer, quando o “papo furado” substituía a laborterapia, era comum uma ou outra interna contar passagens vividas no mundo das drogas e ser ouvida com atenção. Havia uma disputa implícita nas conversas, e algumas contavam seus feitos e passagens com um certo brilho de orgulho: “Tive uma overdose brava! O diabo chegou a passar a mão na minha ‘tcheca’. Não foi mole!” Abigail, que se identificava com a passagem da colega, envergonhava-se de lembrar e desconversava. Só rememorava seus dramas passados em reuniões de apoio nas quais todos desabafavam seus descaminhos e tropeços em busca da compreensão mútua e da solidariedade. Ela não conseguia compreender como alguém podia se orgulhar de desgraças passadas. Mas, como não compreendia, não julgava. “Só tenho direito de julgar a mim, para me compreender melhor e me orientar”, assim concluía.

Sandro lhe chamara a atenção para a utilidade do egoísmo quando ela lhe agradecera a ajuda. Para ela, naquele dia ele lhe ensinara não só o valor do egoísmo, mas também do altruísmo, quando dissera: “Se não fosse possível fazer, eu não

faria.” Mesmo com as dificuldades e preocupações que estava passando, ele arranjara condições de ajudá-la, numa lição de solidariedade que ela não esqueceria. Ao mesmo tempo ele lhe sugerira que pensasse em si, dando a entender que ela não estava em condições de preocupar-se com mais nada que não fosse a sua recuperação. Esses pensamentos lhe abriram os olhos para coisas que nunca lhe passaram pela cabeça: os seus sentimentos.

Percebeu que muitas de suas emoções eram estranhas a ela. A pretensa “poetisa maior” não tinha intimidade com os próprios sentimentos. Sentiu que nesse campo havia prolongado a adolescência até os 30 anos. Falava das coisas do coração centralizando o amor sensual como essência de todos os sentimentos, sem analisar, com a sensibilidade necessária, os seus prós e contras sem um discernimento ajuizado. Sentiu-se imatura e resolveu conhecer-se melhor.

Mentalizando a tradicional figura do diabinho e do anjinho cochichando em cada orelha, passou a criar um debate íntimo, no qual ela era a juíza. E assim transformou o seu íntimo num tribunal em que emoção e razão travavam calorosos debates, e os próprios sentimentos que se contrapunham – orgulho/humildade, ansiedade/paciência, pessimismo/otimismo, desespero/esperança etc. – eram carinhosamente julgados. Atenta às suas emoções, contra-atacava com pensamentos produtivos qualquer sentimento ruim que lhe brotasse no âmago. Esses exercícios disciplinares de suas emoções a faziam estar sempre atenta aos desejos e insatisfações que a acometiam e a levavam a um debate íntimo, benigno para a recuperação de sua capacidade cognitiva alterada pelas drogas e pelo próprio desleixo com seus sentimentos.

Trabalhava essa idéia como se fosse uma linha de psicanálise artesanal. Um autotratamento que, no seu entender, “por ser particular não tem contra-indicação. Pode ser até loucura, mas me faz bem. Então está ótimo”. E ela usava o seu tratamento particular sem prejudicar o tratamento administrado pela clínica.

Deus era sua referência maior, o seu Ser Superior, e o Livro dos Doze Passos, sua Bíblia. Seguia o ritual indicado com a humildade de “chinesinha beata”. Admirava-se com as transformações que se processavam dentro dela, e quando completou quatro meses de internação, em outubro de 88,

sentia-se pronta pra encarar o mundo de novo. Mas, comediada – “Sentir-se nem sempre é estar” –, preparou-se para aguardar os quatro meses restantes com a mesma dedicação.

Com um pouco mais de cinco meses de internação, seguindo orientação do Livro dos Doze Passos, que sugeria que, humildemente, pedisse perdão a todos aqueles a quem ela causara dor ou prejuízo com sua sujeição à droga, Abigail escreveu para a mãe, a irmã e o cunhado, estendendo seus pedidos de desculpas às ex-colegas da faculdade e amigos. Resultado: recebeu muitas cartas de solidariedade e apoio moral.

Noutros tempos e noutra situação, Abigail jamais tomaria essa atitude. Mas submetendo-se a essa prática, ela compreendeu que seu orgulho muitas vezes fora empecilho para desembaraçar-se de situações constrangedoras, porém fáceis de solucionar.

As visitas aconteciam aos domingos. Durante os primeiros meses, recebeu visitas de Sandro, Leilane e a mãe, duas vezes por mês. Mas Leilane, que desde 84 era funcionária do Partido dos Trabalhadores, envolvida com a campanha à Prefeitura de São Paulo, e o próprio Sandro, um convicto militante petista, tiveram de rerrar as visitas, já que as eleições lhes tomavam tempo e energia. Abigail compreendeu e admirou-se da irmã, que mesmo grávida dedicava-se à campanha com o ardor dos que sonham com transformações. Uma vez por semana recebia cartas noticiando o agitado momento em que viviam. Algumas cartas lhe chegavam com um tom de desânimo com relação a uma possível vitória de Erundina; outras tão animadas que chegavam a sugerir uma vitória certa. Mas, apesar do envolvimento com a campanha, todos os meses mandavam o pagamento mensal da clínica e dinheiro para suas despesas pessoais. Assim, ela passava os domingos com os familiares de uma ou outra colega.

Certa vez, um de seus professores da faculdade, para incentivar os alunos a estudar com afinco para as provas, havia dito que os espartanos, guerreiros temidos, treinavam suas lutas com armas duplamente mais pesadas do que as que usavam normalmente nas batalhas; com isso, as armas ficavam leves, eles se tornavam mais ágeis, as batalhas mais fáceis e a vitória mais próxima. Ela absorveu isso como exemplo de vida e quando sentiu

que engordara “mais do que o ideal”, resolveu exercitar-se, imbuída de um espírito espartano. E substituiu o tempo que dedicava à leitura de poemas por corridas e exercícios, sempre acompanhada do walkman, “porque ninguém é de ferro”.

No dia 15 de novembro, ela saiu de seu confinamento pela primeira vez desde que entrara na clínica: foi justificar seu voto, já que se encontrava distante de sua saudosa Santos. E no dia 16 recebeu de Leilane um sucinto e eufórico telegrama com uma única palavra: “Vencemos!!!” Imaginou a alegria que seus familiares estavam vivendo, e foi grande a vontade de estar com eles. Ela, que seguira rumo diferente do indicado por seu pai, pensou em acompanhar a dinâmica de Leilane e Sandro: iria politizar-se.

No último domingo de novembro, teve uma grata surpresa: Sandro foi visitá-la em companhia de um amigo:

– Lembra-se desse cara?

Ela lembrava-se de que o conhecera em 84, na passagem de ano, quando estiveram, ela e a mãe, na casa da irmã. Na época, ele lhe chamara atenção por tocar cavaquinho, por ser um bom copo, terem o mesmo gosto musical e por outras coisas que não tiveram relevância por ele estar acompanhado. Ela se recordava:

– Claro que lembro! É o Cisco, não é?

– Puxa, que boa memória! Lembrou do produto e da marca – Cisco lhe disse, abraçando-a.

– Impossível lembrar do produto e não lembrar da marca. Cisco é um apelido enigmático. Puro marketing!

– Não é marketing, é herança: Batizaram-me Francisco/E Francisco sou na certidão/Mas não me chame de Chico/Sou Cisco de coração.

– Claro que é marketing. Tem até versos!

– Não, não é; minha família me chamava de Cisquinho quando pequeno e depois de muita luta cresci e virei Cisco. Agora estou empenhado em me tornar Ciscão.

– Acho interessante você aceitar com bom humor este apelido tão...

– Insignificante?

– Chega quase a isso... se digo a alguém que tenho um amigo chamado Cisco, vão pensar que você é um sujeito sem valia, ou um anão bem pequeno.

– A insignificância ou não de um cisco depende do ponto de vista e da circunstância. Diante da amplitude do Universo eu sou um cisco como qualquer pessoa. Mas um cisco no olho de uma pessoa pode fazer chorar. E um cisco no rim pode virar pedra!

– Nossa, ainda bem que você me alertou o quanto é perigoso. Eu poderia me machucar!

– Calma, não sou tão perigoso assim. Tanto é que lhe trouxe um presente.

Ele lhe deu um pequeno embrulho que indicava claramente ter um livro dentro. Ela o pegou e desembulhou dizendo:

– Ah, meu Deus, não precisava se incomodar.

– Xi! Já ouvi isso antes! Se fosse incômodo eu não faria e se achasse que não precisava, também não. Estou te presenteando porque está me fazendo bem presenteá-la. E porque vai lhe fazer bem.

– Ei! Você é um Cisco ou uma chuva de pedras?

Sandro, que estava pegando duas sacolas no carro, gritou:

– Cuidado, Abigail, esse cara é uma pedreira em pele de Cisco. Leva tão a sério a educação que chega a ser mal-educado.

– Eu percebi!

O livro era velho. Desses já manuseados por várias mãos. Mas ela adorou: *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho.

– Meu Deus, isto é uma raridade!

– O Sandro me disse que você gosta de poesia e nos meus tempos de juventude eu também curti. Agora leio outras coisas, mas encontrei entre os meus livros esse, e achei que você iria gostar.

– Eu já li alguma coisa de Vicente de Carvalho, mas, para ser franca, conheço pouco. Tanto é que não me lembro de nenhum poema dele.

– Isso é natural. Eu gosto de muitas coisas que conheço, mas tenho certeza que há muito mais coisas de que eu possa gostar naquilo que não conheço. E só vou saber que um livro é uma merda depois de lê-lo.

– Resumindo: goste ou não, leia o livro!

Ele disse: “É!”, e ambos riram. Ele lhe pediu que abrisse o livro na página três, dizendo que o soneto ali constante o inspirara a escolhê-lo. Ela abriu na página três e leu:

VELHO TEMA

*Só a leve esperança, em toda a vida
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.*

*O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada,
E que não chega nunca em toda a vida.*

*Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos,
Toda arreada de dourados pomos,*

*Existe, sim: mas nós não a alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos,
E nunca a pomos onde nós estamos.*

Ela identificou-se com o soneto de imediato. E comentou:

– É. O desejo que nos motiva é o mesmo que nos ilude.

– É verdade. Eu creio até que às vezes queremos alcançar aquilo que já temos e não nos damos conta... Afinal, se os sentimentos estão em nós, por que precisamos de outras coisas para nos sentirmos felizes? Não bastaria satisfazer somente os desejos imediatos?

Nem Cisco terminara o raciocínio e nem ela opinou o que queria, porque Sandro entrou no meio da conversa, interrompendo:

– Dá um tempo pra essas filosofias que eu quero dar uma urinada e...

– Pra urinar você depende de nós?

– Dependo da Abigail. Pra nos acompanhar até o alojamento e guardar estas coisas primeiro, claro!

E abandonaram a filosofia, trocando-a por conversas do cotidiano, a caminho do alojamento.

Fora Cisco quem indicara a clínica a Sandro, pois conhecia uma pessoa que se tratara ali. Também acompanhou Sandro a Santos, algumas vezes. Enfim, Abigail ficou sabendo que fora ajudada por Cisco sem saber.

O constrangimento que a memória lhe impunha ao lembrar-se de fatos passados era logo atenuado com palavras práticas e otimistas dos dois visitantes. Conversaram sobre a campanha eleitoral, e, na narração dos fatos acontecidos, ela percebeu que o entusiasmo era idêntico nos dois. Mas quando ela perguntou sobre a expectativa de governo, houve divergências. Sandro acreditava em profundas transformações, já Cisco não era tão entusiasta:

– Numa cidade média, um governo do PT, para fazer as transformações necessárias, modificando até a cultura administrativa, demoraria uns dois anos para engrenar. Numa cidade como São Paulo, quatro anos é pouco. E a classe média de São Paulo é mais conservadora do que a das cidades do interior, e é adversária de mudanças.

– Você acha?

– Abigail, em São Paulo você vai encontrar muitos Matusaléns de carro importado e roupas de marca! Mas na música *Sampa*, o Caetano diz que “à mente apavora o que ainda não é mesmo velho”, dando a entender que os que chegam a São Paulo se assustam com a novidade que a cidade é para eles. Mas a verdade é que os próprios paulistanos se apavoram com novidades que se chocam com os seus costumes de empreendedores desvairados.

Abigail sempre ouvira dizer que o PT era radical. Analisando a irmã e o cunhado, ela não chegaria a essa conclusão. Mas viu em Cisco um digno representante do radicalismo petista.

Radical ou não, Cisco era agradável nas conversas sem teor político. Mas o prazer de Abigail foi dividido com as colegas, não só porque dois homens estavam presentes, mas também porque Cisco e Sandro haviam trazido o cavaquinho e uma timba, e a aglomeração foi fatal. E entre frango, farofa e maionese, regados a suco e degustados ao som da música, a tarde passou agradável.

Basta um pequeno momento em nossas vidas para acontecerem fatos que se tornam verdadeiras fontes de esperanças

e transformações. A visita dos dois ampliou os horizontes de Abigail. Não só pela tarde agradável que passara, mas também pelas notícias que recebera. A casa em Santos fora vendida. O dinheiro estava aplicado e eles aguardariam sua saída para juntos acordarem a melhor forma de dividi-lo e usá-lo. Leilane, já com sete meses de gestação, estava ótima e tudo indicava que teria um bom parto. Tinha feito ultra-som e já sabiam que seria menino. Dona Maria estava bem adaptada ao novo lar e disputava com Sandro os cuidados com a futura mamãe. E a visita de Cisco lhe deu a certeza de que na sua ida para São Paulo contaria com mais um amigo.

Mas atenta às próprias emoções, ela compreendeu também que o novo amigo despertara outros sentimentos, que extrapolavam a fraternidade. Quando o vira pela primeira vez, ele estava com a namorada e até pareciam um jovem casal à espera do primeiro filho. Não estava casado. Na época trabalhava no Mappin e parecia bem empregado. Não era mais vendedor do Mappin, era camelô e vendia roupas e chinelos. Expressava-se como um vendedor bem preparado e transmitia conhecimentos de um professor, mas era um camelô. Ela estranhara: “Aí tem!”, pensou. E naquela noite o diabinho e o anjinho por bom tempo argumentaram em seus ouvidos sobre Cisco. E ela, como uma juíza que julga em causa própria, ouviu os dois lados.

Dormiu aberta à amizade de Cisco, mas prevenida quanto às emoções que lhe causara. Estava decepcionada demais consigo mesma nas questões afetivas, depois do envolvimento com a “droga do Paulo Sérgio”. Sentia-se bloqueada no amor e na libido. Willian, o ancoradouro, lhe fora um bom exemplo.

Mas sem mais nem menos, sem explicações plausíveis, Cisco se tornou uma pedra em seu caminho. Leu o livro de Vicente de Carvalho como se a cada poesia estivesse tomando conhecimento da psique de Cisco. Lembrou que ele dissera que gostava de Roberto Piva, a quem ela não conhecia, de Augusto dos Anjos, Gregório de Matos e Cruz e Souza, e esses ela conhecia. Acreditando ser possível classificar o caráter de alguém pelo gosto literário, o definiu: “Ele é um xiita!” Rotulou-o como um radical, um extremista, mesmo sabendo que ele agira com ela como um solidário e afetuoso amigo.

Por autodefesa, às vezes até caluniamos boas lembranças e gente bem-intencionada. Mesmo que sem querer.

Um mês se passou, com a rotina de reuniões de ajuda mútua, tarefas diárias de laborterapia, palestras de bem-aventurados ex-dependentes que, solidários aos que passavam pelos percalços que eles ultrapassaram, vinham lhes dar apoio moral com palavras de fé. O Natal chegou e trouxe sua mãe, Leilane e Sandro. Cisco não.

Para ela, que passou a noite de Natal imaginando-se ao lado dos familiares e sentindo a angústia de estar onde não se quer, a visita no Natal era totalmente inesperada, já que Leilane passava do oitavo mês de gestação. E, no entanto, lá estava a irmã farta e sorridente. Abigail abraçou Leilane efusiva e desajeitadamente, já que a barriga estava a ponto de afastar as pessoas:

– Menina, o que você está fazendo aqui com essa barriga?
– Trouxe o nenê pra passear!
– É teimosa e birrenta essa maluca! Teimou que queria vir e viemos – disse dona Maria, perguntando em seguida: – Você está bem minha filha?

– Estou e foi bobagem vocês virem com a Leilane nesse estado. – Ela beijou a mãe com afeto e ouviu de Sandro uma explicação esdrúxula:

– Ela cismou que você ficaria frustrada se não visse o nenê antes de nascer!

Não ligando para o que Sandro disse, Leilane explicou-se:

– Ih, gente! Fiz uma campanha muito mais cansativa e longa do que essa viagem!

– Mas em nenhum dia da campanha você estava com oito meses e com a barriga desse tamanho! – replicou Sandro. Mas o bate-boca não continuou, porque Abigail percebeu que em vez do fusca que possuíam, eles haviam chegado numa kombi com aparência de passado distante.

– Vocês trocaram de carro?

– Ah, não. Essa perua é do Cisco. Emprestei dele porque trazer a Leilane no fusca seria desgastante e perigoso. Eu preciso tomar cuidado com esta embalagem frágil, porque dentro dela está o meu filho.

Sandro dissera isso com ar brejeiro e Abigail sorriu-lhe, cúmplice. Leilane ergueu os braços e olhou o céu:

– Oh, Deus, sou mulher! Através de Ti trago à luz os homens!

– Não se pode contrariar. Se contrariar, o médico disse que complica o parto – disse Sandro, irônico.

Abigail indagou:

– E o Cisco, está bem?

– Está! Mandou-lhe um abraço e outro livro. Esse é pra devolver.

– Por que ele não veio?

– Não veio porque ontem ele estava com samba e cerveja até o teto.

– Ah, ele é dos que quando bebe não tem dia seguinte?!

– O Cisco é um alcoólatra consciente, por isso passa meses sem beber mas bebe uma ou duas vezes por ano. Passa meses equilibrado, aí resolve tirar férias do bom senso e enche o caneco!

– Que estranho, ele não parece alcoólatra.

– Mas é. Ele deve ter um monstrinho dormindo dentro dele; quando bebe o primeiro gole, o monstrinho acorda e o domina. Aí, são no mínimo dez dias de bebedeira e quase uma semana de recuperação. – Este comentário fora de Leilane, e Abigail lamentou:

– Que triste! Mas se tem consciência, tem jeito – concluiu, otimista.

Foram caminhando para o alojamento, com Abigail abraçada à mãe, num caminhar vagaroso de acordo com os passos lentos e grávidos de Leilane. Atrás, Sandro, cumprindo a responsabilidade que a natureza lhe deu, carregava as pesadas sacolas contendo o almoço e outras coisas que haviam trazido para Abigail. E ele continuou o comentário sobre Cisco:

– Não há um fim de ano em que Cisco não beba. É começar o mês de dezembro e ele já começa a mudar o astral. Nós sempre o convidamos, mas ele nunca passou o Natal conosco. Só a passagem de ano.

– Então ele passa com os familiares?

– Que nada, ele não tem família. Passa sozinho.

– Ele não gosta do Natal?!

Leilane pegou no braço de Abigail, dizendo:

– Não gosta. Ele é ateu. Mas é um ateu que põe a maioria dos cristãos no chinelo! Ele se diz agnóstico, mas eu o vejo como um ateu-cristão...

– Então o problema da bebida é porque lhe falta a crença num Ser Superior.

Dona Maria, que até o momento só ouvira, falou com a certeza dos que crêem:

– Não entendo como é que pode: Ele existe, a vida tá aí pra provar a existência de Deus. Não enxergar é burrice!

– Calma, mãe, não é assim: ele não é burro e vale mais do que muita gente que acredita em Deus – disse Leilane, defendendo o amigo.

– Eu gosto do Cisco e sei que é inteligente. Mas a pessoa, quanto mais inteligente é, mais burra fica com as coisas de Deus!

Chegaram ao alojamento e os argumentos de dona Maria não foram refutados. A conversa sobre Cisco fora substituída por comentários sobre as coisas contidas nas sacolas que haviam trazido, sobre a campanha da Erundina e outros assuntos. Depois de guardar as coisas que lhes trouxeram, Abigail os levou ao amplo salão que continha cadeiras e poltronas; assim, visitantes e interna puseram em dia os assuntos passados e planejaram assuntos futuros. Com a conversa sobre a campanha eleitoral, o nome de Cisco apareceu outras vezes, mas ela procurou não demonstrar o interesse que ele lhe causava. Em suas células brotava a convicção de que ela iria, como um anjo, exorcizar o monstrinho alcoólico de Cisco. A “chinesinha beata” já se sentia capaz de curar os irmãos desventurados. Para ela estava claro: ele não parava em serviço e não se casava porque bebia, e bebia porque lhe faltava o apego a um Ser Superior.

Passaram uma tarde agradável que só não se prolongou devido ao estado de Leilane. Sandro resolveu ir mais cedo porque teria de dirigir devagar na estrada para não sacrificar a esposa, pois os amortecedores da kombi não estavam bons. Como faltavam poucos dias para Abigail sair, Sandro prontificouse a buscá-la. Porém não havia um dia exato, e ela, pelo regulamento da clínica, não poderia usar o telefone; assim, dizendo não ser mais criança, Abigail declarou que iria sozinha.

Para que sua bagagem não ficasse pesada, levaram muita coisa que não lhe seria útil nos dias restantes, e até coisas que trouxeram naquele dia voltou. Sandro lhe fez um mapinha, dando-lhe as coordenadas, já que ela sempre fora à casa deles de carro: pegar o metrô Jabaquara no terminal rodoviário, descer na estação Saúde, entrar na Miguel Stéfano e seguir o mapinha que Sandro esquematizara.

Quando estavam para se despedir, Leilane assustou-a:

– Prepare-se porque quando você chegar terá uma intimação para cumprir.

– Intimação? Da delegacia?!

– Não, da Igreja! Você e o Cisco serão padrinhos de batismo do Sandrinho.

– Oba! Que bom! Obrigada. Mas o nome dele vai ser Sandro também?

– A gente tinha feito um acordo: se fosse menina, Leilane, se fosse menino, Sandro. Fazer o que, né?

Com seu cinismo peculiar, Sandro falou:

– Veja como sua irmã é ingrata: ela desfez de uma homenagem que quis lhe fazer: em homenagem aos nove meses de sacrifício, sugeri que o menino se chamasse Leilano. Não é que a ingrata não aceitou?!

– E Leilano é nome pra homem?!

– Ora, se nascesse menina e ela quisesse me conceder a honra, eu aceitaria Sandra com muito prazer!

E assim se foram com a esportiva e bem-humorada troca de carinho às avessas e com dona Maria calada e feliz com a felicidade das filhas.

A notícia do batizado deixou Abigail feliz. E o fato de ser Cisco o padrinho duplicara o prazer. Teria a chance de praticar seu intuito de ajudar adictos a vencerem a dependência. E considerando que Cisco era consciente e brigava contra o vício, seria uma tarefa adequada para uma principiante.

Ela pretendia freqüentar o Alcoólicos Anônimos para reforçar o espírito contra as tentações, que inevitavelmente iriam acontecer. Cisco seria uma boa e útil companhia, ela imaginava.

O livro que Cisco havia mandado agora era *O Rei de Ferro*, de Maurice Druon, um romance de grosso calibre. Teria leitura para alguns momentos livres enquanto permanecesse na clínica e para toda a viagem até São Paulo. E talvez até mais dias, já que teria pouco tempo para ler, pois pretendia intensificar seus exercícios físicos, porque boa parte do seu tempo de recuperação fora ocupado com a razão e os sentimentos. Sendo condescendente com seus desejos, e temerosa do bloqueio que o uso da droga causara à sua libido, queria sentir-se “gostosa”. Talvez influenciada pela gravidez de Leilane, ou naturalmente por ser uma mulher entrando na fase de “titia”, o instinto maternal começara a impor sua existência, cobrando satisfação, e outros pensamentos começaram a lhe bailar na mente: “O tempo passa, cinco anos são sessenta menstruações”; “Quero um companheiro, não um reprodutor”; “Quero um filho, não um problema”; “Quero um lar, não uma casa”; “Mas quero o meu diploma”. Pensava essas coisas, mas não queria que os desejos atropelassem o bom senso e, para isso, acreditava que seu método de “auto-análise” iria ajudá-la. Sentia que com ele aprendera a ser boa conselheira para si e pretendia usar este método em toda dificuldade que o futuro lhe colocasse. Sabia que seu reinício seria áspero; nova vida, novo rumo, mas com um velho fantasma a perseguindo. Mas com tudo novo em si, sentia-se nova também e com forças para enfrentar os velhos males. Sentia-se uma jovem com experiência, pronta a enfrentar o que viesse.

A “chinesinha beata” sentia-se forte para enfrentar a “selva de pedra”.

E quando chegou o dia esperado, ela foi confiante enfrentar o futuro.

CAPÍTULO II

É difícil prestar atenção numa história passada quando se está envolvido pela história que virá. E foi assim, com o espírito dividido, que Abigail fez a viagem da clínica à casa de seus familiares.

O livro que Cisco lhe emprestara, *O Rei de Ferro*, captava-lhe a atenção não só pelo teor histórico, mas também pela vida fútil e romântica que se desenvolvia no século dezessete, não só no âmago da aristocracia parisiense, mas igualmente fora dela. Porém, se esse histórico e belo romance a encantava, transportando-a a um passado que não vivera, suas células aflitas cobravam-lhe o planejamento para o futuro nada leviano que pretendia viver. E assim ela fez a viagem, com a imaginação conduzindo-a por Versalhes e adjacências, em tempos passados, e transportando-a para São Paulo num tempo vindouro.

Fisicamente passou por várias cidades à beira da Rodovia Anhanguera e nem percebeu o presente, que lhe serviu

apenas como elo entre o passado e o futuro, entre Paris e São Paulo. Que maravilhosa nave é a imaginação.

E o ônibus percorreu a Anhanguera transportando uma viajante alheia à própria viagem, até que chegou ao terminal rodoviário. Sentidos alertas. A grandiosidade da construção e a multidão agitada a trouxeram bruscamente à realidade. Versalhes foi para o arquivo memorial temporariamente. No meio da multidão, sentiu-se uma andorinha pasma que saiu da gaiola e perdeu-se entre bandos de pássaros de vários tipos. É impossível andar em São Paulo, uma metrópole que espanta os recém-chegados, pensando na romântica e lasciva França do século dezesete. Atenta, seguiu as placas informativas e logo estava num vagão do metrô a caminho de seu provisório lar.

Estava ansiosa para ver o sobrinho que nascera havia mais de um mês.

Ela, que pretendia sair no meio de janeiro, não tivera a alta aprovada pelas monitoras, que esticaram sua permanência na clínica, alegando que deveria freqüentar mais algumas reuniões de reforço. Quando ela escreveu para a família comunicando o prolongamento na internação, recebeu uma carta curta e grossa de Sandro, que terminava dizendo: Abandone isso aí e venha para cá. Nós confiamos em você!” E ela concordou.

O coordenador da clínica tentara persuadi-la a tornar-se monitora: “Será remunerada e usará sua experiência para a recuperação de companheiros, além de estar livre das tentações que, por certo, encontrará lá fora.” Ela agradecera, dizendo que freqüentando o Alcoólicos Anônimos se defenderia das tentações e seria útil, e concluiu com uma pergunta: “Se me enclausurar com medo de tentações, estarei vivendo?”

Achou que não. Mas devido a esses contratempos, passou o carnaval na clínica. E, por isso, em plena quarta-feira de cinzas ela apertava a campainha da casa da irmã.

A casa fora construída sobre um terreno acidentado, ficava nos fundos e no alto. No nível da rua, uma espaçosa garagem lateral, e servindo como quintal o próprio teto da garagem. Foi sua mãe que desceu a escada com uma hospitaleira e alegre emoção:

– Ô, minha filha! Que Deus te abençoe e te ajude nesta mudança de vida!

- Amém, mãe!
- Fez boa viagem?
- Fiz. E achei fácil o caminho.

Na outra ponta da escada estava Leilane, sem barriga e com os braços ocupados. Ela gritou:

- Você acordou esse pirralho com a campainha!
- Que bom! Assim logo de início vamos nos olhar nos olhos e nascerá um amor à primeira vista! – Abigail respondeu, subindo a escada e sendo acompanhada pela mãe.

Beijou a irmã e, afoita, ia curvar-se para olhar a criança, mas Leilane frustrou-a caminhando em direção ao interior da casa:

– Calma! Entra, senta, se desfaz dessas malas, toma um copo d’água!

- Ih, corujona! Aí também tem meu DNA, sabia?
- Nessas coisas DNA não vale muito, não. José era considerado pai de Jesus e Jesus não tinha o DNA dele.
- Isso é outra situação! Mas eu vou ao banheiro.

Depois de passar água no rosto e refrescar-se, tomou a água recomendada e pegou Sandrinho no colo. Os olhares se encontraram, mas o guri fitou-a como se visse algo sem valor.

- Nossa, como ele parece com o pai...
- Que que é isso? Parece mais comigo!
- Ele se parece com o *nosso* pai.
- Ah, é verdade! Olha o jeito de olhar.

E a conversa transcorreu com o mesmo de sempre, o bebê sendo o foco do assunto, mas não compreendendo nada e nem participando. Porém prestando muita atenção.

Falaram do parto e da gestação. Esgotado o assunto “bebê”, conversaram sobre os nove meses da embriogênica clausura de Abigail para o renascimento de uma nova mulher. Continuaram a conversar ainda entre o almoço e entre o chá com torradas, até que a noite chegou, trazendo Sandro.

Com a chegada de Sandro, a comitiva de boas-vindas se completou. E a TV perdeu audiência naquela noite. Até altas horas a família colocou todos os assuntos em dia, sendo apenas interrompida pelas esporádicas reclamações de Sandrinho, só para chamar atenção. Coisas de criança.

O dinheiro da venda da casa em Santos foi dividido de maneira que contentou a todos. Sandro prestou contas do dinheiro da conta de Abigail, fruto do restante da indenização da firma, e do Chevette que vendera. Deduzidas despesas com as internação, advogado e viagens de Sandro, ainda sobrou alguma coisa. Combinaram que Abigail ficaria com o fusca de Sandro, já que ele iria comprar um carro maior. E ela teria ainda dinheiro suficiente para mobiliar o apartamento pequeno que pretendia alugar. Dona Maria residiria com Leilane, já que se uniria o útil na ajuda para a filha ao agradável ao coração de avó. Enquanto não mudasse, Abigail dividiria o quarto com a mãe, já que a casa só possuía dois quartos.

O dinheiro da venda da casa de Santos rendeu a todos o ideal, já que foi uma divisão equacionada com espírito fraterno.

Mas não há felicidade que o infortúnio não ronde, e Abigail deparou com um dos problemas que antevira quando estivera internada: teria de enfrentar pela primeira vez, em sua fase adulta, uma reunião festiva na qual todos bebiam e ela não poderia beber. Leilane resolveu fazer uma churrascada com os amigos para o batizado de Sandrinho e teve a delicadeza de conversar com Abigail francamente.

– Se você acha que é muito cedo, e não se sentirá bem, faço só um almoço e não tem problema.

– Claro que não, Leilane. Você não pode mudar sua rotina e seus desejos por minha causa. Eu tenho de me adaptar à minha nova realidade.

– Mas você se sentirá bem, Abigail?

Aparentemente uma pergunta banal que pedia apenas uma de duas respostas: sim ou não. Mas a indagação aninhava no seio duas dolorosas premissas: razão e desejo causariam um conflito na arena de Abigail. O anjinho e o diabinho se confrontariam, agora sim num jogo válido, não num treino, como acontecera tantas vezes na clínica. E ela foi sincera com a irmã.

– Eu sei que vou me sentir insegura e talvez sinta vontade. Mas claro que não vou beber. O problema será quando eu estiver em outro lugar, longe de vocês, entre pessoas que não sabem do meu problema. Aí sim, a coisa vai pegar!... Eu tenho que aprender a conviver com isso, e é ótimo que eu comece por aqui, perto de vocês.

– O pessoal que vem adora uma cervejada, você vai ver!
– E o Cisco?
– Ele agora fica uns meses sem beber.
– Engraçado! É como o Sandro disse; como se fosse férias de bom senso.

– O Cisco é a figura mais enigmática que já vi na minha vida. Ele passou o reveillon conosco...

– Bebendo?

– Não. Tava naquele período de recuperação. Ainda bem que ele toca cavaquinho e se distrai um pouco, se não ficaria um bocó completo.

– Bocó?!

– É. Quando ele está se recuperando da bebedeira, parece que acordou mas deixou o espírito dormindo. Perde totalmente o pique.

– Já passei por isso. Leilane, não queira passar por uma briga dessa! Emenda a bebedeira, não se alimenta direito e o organismo se debilita; a gente sabe que bebendo uma, reanima; mas ao beber uma, quer duas, bebendo duas quer quatro, e o organismo debilitado não agüenta tantas. E a briga para quebrar a seqüência é não beber aquela que é a fatal. Que briga!

– Eu bebo as minhas cervejas, mas espero não cair nessa. Tenho medo.

– O medo é o melhor remédio para prevenir. Se quando comecei tivesse medo e prestasse atenção aos exageros e moderasse, creio que teria a felicidade de poder beber e não desenvolver a dependência. Vou te dar uma dica; beba o mínimo possível das destiladas.

– Ah, mas uma caipirinha é tão gostosa!

– É, mas a caipirinha gostosa é como mulher fatal que seduz até mulheres.

– É. O pai bebia, você foi pega, eu tenho que me cuidar... Ah, deixe eu te dizer, antes que esqueça: pra todos os efeitos, você estava na casa de uma tia nossa em Araras. Diga que estava descansando, escrevendo; invente uma desculpa qualquer.

– Mas por que isso?

– Só o Cisco sabe que você estava na clínica e conhece o problema todo. Os outros não sabem. Quando viram a mãe aqui, perguntaram, e nós dissemos que você estava descansando na casa da tia.

– Mas se o Cisco sabe, você tem certeza que ele não comentou com ninguém?

– Tenho. Nem precisava conversar com ele, mas pra dar uma reforçadinha eu falei.

– E ele disse o quê?

– “Eu sou o único alcoólatra descaradamente declarado, mas respeito os anônimos” – ela disse, tentando imitá-lo. – Ele sempre fala isso. Fique tranqüila. O Cisco joga no pequeno time dos que respeitam o próximo. Quando merece respeito!

– Vocês têm uma confiança enorme nesse cara, hein?

– Quando você conhecê-lo melhor, também terá.

E o tempo passou, com Abigail se adaptando à nova vida e procurando emprego numa época de desemprego como outras tantas.

O batizado aconteceu na Igreja de Santa. Terezinha, no Bosque da Saúde. Chegaram cedo. Abigail rezou pedindo proteção e reforço para que não sucumbisse aos desejos que não queria. Ao término da oração e fortalecida pela fé, deixou sua mãe e Leilane com o filho e um casal de vizinhos que os acompanharam e foi ter com Sandro, que esperava na frente da Igreja a chegada do padrinho e outros convidados. Ela acendeu um cigarro e soltou fumaça e palavras ao mesmo tempo:

– Ele costuma se atrasar?

– Não. Ele mora perto, logo chega. Mais difícil é para Bruna e Nanci, que moram no Tatuapé e ainda vão pegar o Pérsio no Ipiranga.

Uma senhora, gordinha mas de andar ágil, aproximou-se sorridente.

– Cheguei na hora! Vim de ônibus e tava com medo de chegar atrasada. Tudo bem, Sandrão? – Abraçaram-se como amigos de muito tempo e depois da troca de cumprimentos, Sandro perguntou:

– E o Antônio Celso e a Anahi, não vêm?

– Não vêm! A filha menor tá com cachumba.

– Ah, que pena... Esta é minha cunhada Abigail. Abigail, esta é Jandira; não é mais uma gatinha mas tem fôlego de sete gatas.

– Ô, minha filha! Conheci sua mãe outro dia, gostei muito dela. E você, veio pra ficar?

– Sim. Pretendo ficar em São Paulo.

– Que bom! Precisamos somar forças pra fazer o Lula presidente. A campanha vai ser dura!

– É verdade. – Ao responder, Abigail se deu conta de que pela primeira vez, por força da circunstâncias, iria participar de uma campanha política como militante. Como um flash a lembrança do pai lhe passou pela mente, e logo se foi. Um carro chegou e duas moças e um rapaz desceram. Cumprimentaram Sandro e Jandira e quase formaram fila para as apresentações. Nanci, bela e caprichosa na autoprodução, mais alta do que Abigail, curvou-se um pouco e, com a formalidade de quem tem treino de caras e bocas, com a boca vermelhíssima fez dois estalos labiais de beijos não dados, dizendo:

– Prazer querida!

Bruna, com lábios de cor natural, deu-lhe um abraço, dizendo:

– Bem vinda ao clã. – E virando-se para Sandro, complementou: – se é irmã da Leilane é de luta! Tá no gene!

Pérsio (“Bonito. Muito bonito”, pensou Abigail) deu-lhe dois beijos na face como quem concede um prazer a alguém, falando apenas:

– Prazer.

E a turma dividiu-se em perguntas: “Cadê o Cisco?”, “Cadê Leilane?”, “Cadê o Sandrinho?”s A perua branca de Cisco chegou e encostou ao lado do carro de Bruna. Um rapaz de pouco mais de 20 anos desceu e se aproximou, enquanto Cisco fechava a perua.

– Ricardinho, esta é Abigail, minha cunhada – disse Sandro.

– Oi! Prazer, companheira – disse o rapaz. E Bruna gritou para Cisco:

– Tá louco! Padrinho metido a noiva! É a noiva que é a última a chegar, não o padrinho.

– Quem faz o horário sou eu, não há batizado sem padrinho! – disse Cisco, e Sandro retrucou:

– Não é assim, não! Eu já tava procurando substituto.

– Sandro, você, como um bom pai, quer o melhor para o seu filho e sabe que o melhor padrinho sou eu. Digo isso sem tirar a modéstia à parte!

Houve um princípio de vaia, mas Cisco a abafou:

– Não cometam essa idiotice! A vaia é birra de quem não tem argumentos, e quem não tem argumentos não tem voz nem vez!

– Disse isso em tom de discurso e foi interrompido por Bruna:

– Concordo! Há argumentos para os quais a melhor resposta é a indiferença! – E foi aplaudida. Tudo terminou em abraços. Abigail, que assistia à brincadeira, foi levada até Cisco por Sandro:

– Cisco, esta é Abigail, a minha cunhada.

– Então é você a minha parceira de batismo? É um duplo prazer conhecê-la nessa circunstância.

Abigail foi rodeada pelo abraço dele, dizendo: “O prazer é meu.” E foi envolvida pela encenação armada por Sandro e Cisco. Para os presentes, Cisco acabara de conhecer Abigail.

Demorou mais a espera do que a própria cerimônia, já que havia outros bebês para receberem a bênção batismal. Sandrinho reclamou choroso por lhe molharem a cabeça, mas se acalmou com o embalo carinhoso da madrinha. E logo Abigail saía da igreja com um afilhado no colo.

Ela se encaminhava para o carro de Sandro quando Cisco a convidou para ir na perua:

– Para que o ritual continue tendo fluidos benignos, é indispensável que padrinho e madrinha levem juntos, no mesmo carro, o afilhado até a sua residência.

Ela aceitou o convite, satisfeita. Deu Sandrinho para que ele segurasse enquanto subia na perua, e logo estava a caminho com o afilhado no colo, o padrinho do lado e Ricardinho no banco de trás. Quando aguardavam o farol abrir para entrarem na Avenida Jabaquara, ele fez um comentário – que ela adorou, pois era uma das conversas que ansiava ter com ele:

– Acredito que não exista, na história de toda a humanidade, um único indivíduo que não tenha praticado ou participado de um ritual religioso em toda sua vida.

– É uma coisa natural, já que os rituais religiosos reforçam o espírito humano para uma melhor integração com a vida.

– Essa deveria ser a essência e o propósito desses rituais, mas dentro de nossa cultura eles são questionáveis. São mais praticados por costumes do que por consciência. São frágeis. Sinto que há mais integração com os valores da vida nos rituais indígenas do que em todas as práticas de todas as seitas cristãs. E esse mal está contido nas outras religiões de nossa cultura.

– Por que você diz isso?

– Quando estávamos na sacristia me ocorreu uma comparação com o ritual de amamentação yanomami. Pra mim, dentro da multidivisão do cristianismo em milhares de seitas, o próprio batismo sofre simplificações e práticas diferentes, que deixam claro que não passa de uma rotulação como artifício político-religioso na conquista de fiéis, e com isso perde-se no real contexto que deveria ter. Além do mais, Jesus foi batizado adulto por João Batista. Que consciência Sandrinho tem sobre que tipo de cristão ele quer ser e sobre a religião que quer seguir?

– Ora, mas isso é uma coisa natural! Os rituais indígenas também não transmitem sua cultura de pai pra filho?

– Certo, Abigail, e dentro deste contexto os índios são limitados por uma única religião que não lhes dá opção por outra crença, a não ser que desprezem sua cultura. Agora, na nossa cultura, pode-se ser cristão da direita, da esquerda, de cima, de baixo, a norte, sul, leste, oeste, enfim, há milhares de escolhas, parece o PT com suas correntes políticas. E essa escolha leva os líderes de todas as seitas cristãs, mais os líderes de todas as outras religiões, a colocarem seus neurônios para pensar na forma mais prática de conquistar ovelhas para o seu rebanho, em vez de pensar em formas mais dignas de se integrarem à vida e, conseqüentemente, se relacionar com Deus. Este deveria ser o objetivo primordial das religiões, dentro daquilo a que elas se propõem. Eu entendo que, da forma como

agem, se traem, traem a todos e conseqüentemente ao Deus em que crêm.

– Você acha que os líderes das religiões cristãs traem Deus?!

– Acho. E acho que os indígenas não traem os seres transcendentais em que crêm.

– Mas os índios têm aquela cultura de passar de pai pra filho sempre a mesma coisa, por isso não saem do seu primitivismo.

– O primitivismo dos índios não tem nada a ver com sua crença religiosa, e sim com seu desconhecimento científico. Da mesma forma que não foi a religião que nos fez evoluir. Se a nossa evolução dependesse da religião, nós ainda estaríamos acreditando que o homem nasceu do barro e a mulher da costela do homem, que São Jorge está na Lua e que a Terra é quadrada!

– Tudo bem! Mas você não vê vantagens em haver várias opções religiosas e assim termos condições de escolher aquela que satisfaz as nossas carências espirituais?

– O que é carência espiritual? É aquela que brota no meu espírito por ser inerente a mim ou aqueles fatalismos idiotas que querem entuchar no meu cérebro? Eu particularmente acho que a humanidade sofre mais de crise sociocultural do que de crise existencial realmente. Tudo foi misturado e não existe vontade política para separar essa mistura. Mas eu quero deixar duas perguntas pra você sobre essas milhares de seitas cristãs e as centenas de religiões: se Jesus era um homem só e tinha uma só palavra, por que milhares de seitas cristãs? Se Deus é um só, pra que tantas religiões?

– Ora, isso é...

– Não, não me responda. Você tem a vida inteira pra responder. Se você for perspicaz e sincera na resposta, encontrará muitas outras perguntas para responder. E pode ter certeza de que você terá respostas que lhe darão uma integração com a vida muito interessante. Basta que você tenha coragem para enfrentar os tabus dos seus condicionamentos e seja sincera nas suas respostas. Seja religiosa com a busca da verdade.

– Você acha que meu relacionamento com Deus é calçado em mentiras?! Eu tenho muita fé no Deus em que creio!

– Essa mesma fé os yanomamis têm no seu Xamã, os muçulmanos tem em Alá e os fiéis de Jim Jones tinham no seu Deus antes de se suicidarem. A fé e todos os sentimentos são essências do mesmo quilate, em todos os seres humanos indiscriminadamente. São as circunstâncias da vida e as informações que receberemos que nos levarão a crer em Deus desta ou de outra maneira. Se você nascesse entre os yanomamis, seria a crença deles que você seguiria.

– Por que as suas convicções são diferentes das da maioria? É mania de ter idéias próprias? – Ela foi ofensiva mesmo sem compreender por quê. Estava se sentindo ofendida com as observações dele, que, apesar de tudo, falava como se estivesse expondo amenidades. E foi com a mesma calma que ele respondeu suas beligerantes perguntas:

– Eu não *sou* metido a único, eu sou único. Como você é e todos são. E minhas convicções não são diferentes das da maioria, já que são colhidas de tudo o que vi e ouvi. Eu só teria condições de ter idéias próprias se fosse o único homem vivendo na face da Terra desde o princípio da humanidade.

– Você é liso, hein!? Seria um ótimo diplomata! – Ela sorriu, voltando a ser simpática.

– O pouco de hipocrisia que tenho já é muito – ele sorriu também. – Se fosse diplomata eu não suportaria o tanto de hipocrisia que a função exige.

– Pelo menos você é um cínico sincero – ela disse com ironia e voltou a questioná-lo sobre religião: – Eu não entendo como alguém pode viver sem uma crença religiosa.

– Não é difícil, Abigail, é só ter uma fé científica na procura da verdade sobre as coisas da vida e não aceitar qualquer crença somente por ser crença comum. Acho que quem consegue procurar o caminho mais difícil divisa horizontes mais claros, e chega mais próximo da essência das coisas da vida.

– Você não está sendo pretensioso?

– Não. Pretensioso é quem se acha íntimo do Criador...

– Ele parou um instante, talvez concatenando um novo pensamento, e em seguida falou: – Talvez eu seja pretensioso numa coisa: creio que estou mais próximo de compreender o porquê das pessoas serem supersticiosas e dependentes da crença em Deus e acho que entendo por que as pessoas se

assustam com o meu ceticismo. Mas eu acho que se as pessoas não analisam suas próprias crenças, é claro que não compreenderão as minhas...

– Então você acha que religião se discute?

– Claro que sim, Abigail! Se religião não fosse discutível, só haveria uma congregação cristã. Alias, o dito mundo civilizado já teria uma única religião. É aquele negócio: cada cabeça, uma sentença... O problema é que a vida é um insondável mistério para a nossa insignificante inteligência. Na verdade, vejo tudo isso como um único milagre... Considere, Abigail, que ninguém vê Deus e ninguém o conhece. Considere também, que somos todos sugestionáveis. – Ele mostrou seu maço de cigarros no console do veículo: – Nós fumamos porque fomos sugestionados quando jovens. Agora, imagine quando éramos crianças, o amontoado de sugestões recebidas para a formação de nossa estrutura mental.

– Então, você acha que a crença em Deus aconteceu em mim por sugestão?

– Acho, Abigail. Considere que tudo tem um princípio e nada brota do nada... Se considerarmos que todas as coisas foram feitas por um Deus Pai, é coerente que se pense numa Deusa Mãe, em Deuses Avós, e o mistério genealógico divino torna-se tão infinito como é o próprio mistério.

– Ora, Cisco, é tão difícil acreditar num Deus onipotente, onisciente e onipresente?!

– Para mim, é. Eu prefiro crer que nada brota do nada, nem o Criador poderia brotar de si.

– Suas explicações têm coerência, mas é difícil aceitar passivamente.

– Eu te compreendo. Se para você é difícil aceitar o que eu digo, saiba que para mim é mais difícil falar do que creio, já que não é aceito pela maioria. Há pessoas com quem nem me atreveria a conversar sobre isso porque estão com o espírito totalmente fanatizado. Imagine se eu fosse para o Oriente Médio e falasse essas coisas para um muçulmano xiita?

– Você teria problemas...

– Claro. E há cristãos que carregam no espírito o mesmo fanatismo. E não são poucos. Só estou lhe dizendo porque acredito que você é capaz de ampliar seu horizonte mental e raciocinar além dos costumes.

– Obrigada pelo elogio, mas essa conversa não me deixa muito à vontade.

– Abigail, a palavra Deus abre portas. Uma pessoa que diz “vá com Deus, fica com Deus, graças a Deus etc.” tem mais chances de ganhar a confiança dos outros. E aqueles que dizem ser agnósticos ou ateus são vistos como pessoas não muito confiáveis. Mas eu não sou covarde nesse assunto e prefiro me posicionar francamente... Se a palavra Deus abre portas, você acha que os oportunistas, os estelionatários, os sacanas em geral, preferem se apresentar como agnósticos, ateus, ou eles preferem se apresentar como crentes em Deus?

Ela nem parou para pensar:

– Claro que eles preferem se mostrar como crentes em Deus!

– Aí é que está. É mais fácil conseguir o que se quer, porque as palavras “Deus” e “Jesus” abrem portas, convençam o inocente. Por isso, onde parece que o bem se encontra, há grandes chances de não estar...

– Mas Cisco, seja assim ou não, todos precisam de uma fé. Isso é inerente ao ser humano.

– Fé não é privilégio das religiões, eu tenho e qualquer um tem. Agora, eu não vejo Deus como uma entidade inerente aos humanos. Acho, isso sim, uma racionalização inserida culturalmente nas pessoas...

– Que é isso, Cisco?! Como não é inerente ao humano se em todos os povos existe uma crença numa entidade superior?! Você mesmo falou da religião do yanomamis! – Ela ajeitou o bebê no colo e olhou para trás perguntando ao silencioso Ricardinho: – Você não acha que ele está sendo incoerente?

Ricardinho sorriu e lhe disse:

– Eu acredito que enquanto ele não se explicar, é incoerente. Mas creio que depois da explicação, será coerente – ele disse com ar maroto – E concluiu: – Ih, moça, neste assunto o Cisco é mais cheio de certezas do que dúvidas...

E ela imaginou que Ricardinho era um apóstolo de Cisco, que voltou a falar:

– Desculpe, não me expliquei bem... Acho que é inerente ao humano o espanto com a imensidão dos mistérios! Todos os povos do mundo, em todos os tempos, indagaram,

cada qual à sua maneira: quem somos, de onde viemos e pra onde vamos? Isso é inerente e não podia deixar de ser. E isso é que nos leva a projetar explicações e criar superstições, que as religiões oficializam como verdades... Abigail, preste atenção neste quadro: imagine um furacão, ou qualquer fenômeno arrasador da natureza, acontecendo em qualquer região cristã. Esse furacão derruba casas, destrói plantações e mata várias pessoas. Suponha que aconteceu no século passado, quando ainda não havia os recursos para detectá-lo com antecedência. Pois bem, o furacão acabou com a região, mas, por incrível que pareça, a casa do seu Zé do Milho ficou em pé! O que o seu Zé do Milho falará, quando o admirado repórter entrevistá-lo?

– Ah, dirá que está feliz... mas que lamenta o que aconteceu com os vizinhos... Ah, sei lá! Não estou nele, como vou saber?

– Aí o repórter pergunta pra ele: por que o senhor acha que toda a região foi devastada e a sua casa ficou em pé?

– Ah, entendi! Dirá que foi Deus quem manteve a casa de pé.

– Qualquer coisa que foge à explicação, foi Deus quem fez, desde que seja boa. Agora, se você perguntar quem foi que derrubou as outras casas e devastou a plantação, jamais dirão que foi o diabo, porque aí o diabo sairia vitorioso do acontecimento. Então dirão que foi o furacão. Se você perguntar a quem pertence o furacão, dirão que pertence à mãe natureza. E a desnaturada mãe vai levar a culpa pelo estrago! E o bondoso Deus levará os louros da história por ter salvado a casa do seu Zé do Milho num desastre que vitimou os outros. Os religiosos não acreditam nas leis das probabilidades, não acreditam nas leis da física... Olha, Abigail, a grande massa que usa a cabeça pra criar superstições está mais pra yanomamis com roupa do que para os seres civilizados em que nos arvoramos! Não é uma gravata pendurada no pescoço que civiliza um homem nem o sutiã que civiliza a mulher. Sou mais a favor da civilização do espírito, do intelecto...

– E você conhece as leis da física e se considera um civilizado?

– Não, Abigail, busco civilizar-me, e no meu conceito de civilização entra a educação; o saber vem em primeiro plano e vale mais do que teto e comida...

– No seu conceito de cidadania, a educação vale mais do que teto e comida?! – ela espantou-se. Tinha certeza que ouvira um absurdo.

– Claro! Teto e comida são direitos naturais. Tanto é que até os homens das cavernas tinham. Agora, no meu conceito, sociedade civilizada tem como fundamentos principais a educação e a justiça. Eu não entendo o funcionamento das ondas de rádio, não entendo como funciona a TV, o telefone, o computador, etc.; no entanto, bilhões de pessoas que não entendem nada disso também entendem perfeitamente o comportamento e a vontade de Deus... Acho isso inacreditável! A aceitação passiva das incoerências é perniciosa para o desenvolvimento humano. Eu sei que um avião pode cair na minha cabeça, mas não vou rezar para evitar isso. Prefiro tomar cuidado.

Ela imaginou um avião caindo na cabeça dele.

– As probabilidades de um carro te atropelar são maiores!

– Todas as possibilidades podem acontecer. Já ouviu falar de pára-quedista que erra o local de descida, cai numa estrada e morre atropelado por um caminhão? Tempos atrás um suicida atirou-se do Viaduto do Chá e caiu em cima de um táxi. O motorista do táxi ficou parálfico e com as prestações do táxi para pagar. O suicida só quebrou uma perna. Eu pergunto: foi Deus quem salvou o suicida e ferrou o motorista de táxi? Ou será que foi o diabo que tava a fim de ferrar o motorista de táxi e usou o suicida como arma contra o pobre motorista, e Deus assistiu a tudo por sentir-se impotente diante do diabo?

– É, você tem razão, tem coisas que a gente exagera...

Ela considerou razoável seus argumentos. Mas, interessada nos costumes do povo yamomami, mudou o assunto e indagou:

– Como é esse ritual de amamentação dos yamomami?

– Não é precisamente um ritual, não tem todo o folclore que um ritual requer. Mas eu entendo como um ritual de batismo. É o seguinte: na crença dos yanomamis, uma criança não é nada antes da primeira amamentação. Se logo após o nascimento perceberem que a criança possui um defeito físico ou se, por um motivo qualquer, os pais não a quiserem, é permitido o infanticídio. A criança pode ser sacrificada.

– Meu Deus! Mas que selvageria!

– Calma, é a crença deles. Mas depois da primeira mamada, a criança será amamentada durante três anos, mais ou menos. Com três anos, ela já se locomove pela aldeia toda e sabe até onde tem coisas para ela comer. Na crença dos yanomamis, a amamentação tem tanta importância que a uma mãe que esteja amamentando não é permitido ter relações sexuais, porque eles acreditam que uma nova gravidez nesse período prejudicará o bebê que está mamando.

– E elas ficam três anos sem terem relações sexuais?

– Olha, a Igreja Católica é adepta desta doutrina. Sexo somente para a procriação. Mas é claro que as yanomamis não cumprem essa crença com fidelidade, pois se entre nós, com todo o condicionamento religioso, a transa corre solta, os índios, que não têm bloqueios com relação ao prazer sexual, são mais livres ainda. Naturalmente elas serão assediadas e não são de ferro, aí praticam o coito interrompido. Mas se engravidar, a mulher terá sérios conflitos morais e sociais, porque será vista como pecadora, dentro dos conceitos deles, naturalmente, e acreditará que o filho que está amamentando sofrerá cólicas terríveis e não se desenvolverá a contento. É bem provável que a criança que nascer nessa situação seja sacrificada antes da primeira mamada.

– Meu Deus, é melhor um aborto. É muita ignorância!

– Você acha ignorância?

– Claro que é!

– Os incas eram uma nação mais adiantada do que a civilização japonesa quando os cristãos espanhóis acabaram com eles. No entanto, apesar de serem uma civilização adiantada, praticavam o ritual de sacrifício das virgens. Sacrificavam as virgens para os deuses. Você dirá que isso é ignorância...

– E é uma ignorância! Meu Deus, você não entende que mesmo que eles estivessem cumprindo um ritual religioso, na prática eles estavam matando pessoas e isso vai contra a lei de Deus e da vida?!

– Calma; eram os incas que sacrificavam as virgens e não eu! Assim como quando jovem fui comunista e não comi criancinhas. Por favor, não me condene por crimes que não cometi. Abigail, nós aceitamos passivamente os costumes da nossa cultura, mesmo que ela seja injusta e humanamente incorreta, mas jogamos no fundo dos infernos a cultura dos outros.

Qual é o nosso critério de julgamento? – A indignação com que ela expusera o seu ponto de vista fora absorvida por ele e revidada com voz pausadamente diplomática e com um sorriso que a desconcertava. Ela desculpou-se, mas sem entregar os pontos:

– Desculpe. Mas eles cometiam crimes. Eles poderiam até acreditar que estavam homenageando seus deuses, mas na realidade estavam cometendo crimes.

– Crimes eles não cometiam, porque dentro das leis deles era permitido. Na verdade, cometeria crime quem não cumprisse o ritual. Como vê, até as leis têm que ser analisadas muito bem. Agora, é claro que os incas praticavam algo totalmente abominável. Mas, mesmo assim, de teor mais compreensível do que a morte nas fogueiras da Santa Inquisição. Os incas praticavam o sacrifício, imbuídos da fé de que estavam agradando aos deuses com suas oferendas. Uma ingenuidade. Mas os que iam para a fogueira da Santa Inquisição, iam porque praticavam outra religião, ou porque acreditavam em Deus mas não aceitavam os desmandos da Igreja. Enfim, eram sacrificados por perversidade e ambição de poder dos líderes cristãos! Não eram sacrificados por fé ingênua, como no caso dos incas. Como vê, até a fé merece profunda reflexão. Eu acho que o julgamento que os hereges sofreram com a Inquisição, Jesus sofreu com Caifás e Pilatos. Fatos e tempos diferentes, mas sentidos iguais... Era o poder religioso e político condenando o pecado que eles inventaram nos outros.

Ele estava tão interessado e absorvido pela conversa que dirigia devagar. Abigail, que nunca observara a religião por esse prisma e que ainda alimentava a esperança de fazer com que ele compreendesse a necessidade de Deus nas pessoas, tentou prolongar a conversa:

– Tudo bem, eu entendi. Os incas praticavam sacrifícios por ingenuidade religiosa e os líderes da Igreja por tirania ou avidez, é isso?

– Claro! A prática é a mesma, mas os objetivos são diferentes. Apesar dos dois métodos de sacrifícios serem aparentemente religiosos, o da Igreja não era. Era o mesmo que a Igreja proibir de se amar a Deus diretamente, obrigando que se acreditasse em Deus através dela. Ame a Deus através de seus dignos representantes cristãos. Ora, isso é muito pra cabeça!

– Entendi. Mas você concorda que o sacrifício, os assassinatos de pessoas, mesmo que em nome da religião, são abomináveis?

– Claro que acho inaceitável qualquer sacrifício da vida humana. Tanto é que sou contra a pena de morte! E tenho certeza de que nada a justifica!

– Mas a pena de morte é outra coisa, é outro contexto. A pena de morte é punição contra bandidos que cometem assassinatos de outras pessoas. E seria imposta contra adultos, não contra crianças!

– A pena de morte é uma emenda da Lei do Talião: olho por olho, dente por dente. Moisés a utilizou por questão pragmática, já que tinha 40 mil pessoas para comandar pelo deserto. Agora, quando Cristo disse para virar a outra face, trouxe um novo ponto de vista sobre a questão da violência.

– Se você é agredido, você vira a outra face?

– Eu nem tenho motivo para fazer isso, já que sou agnóstico. Os cristãos é que devem ter esse compromisso. Nesse caso eu penso como Confúcio: “Trata teu amigo com bondade e teu inimigo com justiça.”

– Então você é a favor da pena de morte! Por exemplo: se um cara parasse a perua e tentasse te assaltar, se você não desse o dinheiro e ele te desse um tiro na cabeça, você não acha que eu deveria pedir a pena de morte pro cara que te matou?

– Não, porque não seria justo. Para você ser justa realmente, você teria que pedir a pena de morte para todos os responsáveis pelo poder dentro da sociedade, o poder militar, econômico, religioso, político... os poderosos dos meios de comunicação, que também são poder, o poder policial etc. A sociedade é desonesta e deseduca. E os homens que praticam o poder sabem disso, mas para manter o status quo, empurram com a barriga, fingindo que não sabem. E se você pensa que a pena de morte não matará crianças, você está enganada. A pena de morte só não está oficializada, mas ela já mata crianças há muito tempo. Não só mata como aleija os sonhos de muitas crianças. O sistema de vida a que a sociedade se sujeita é uma instituição criminosa! E má formadora na questão de dignidade humana.

– Então você acha que os criminosos são frutos da própria sociedade?

– Claro! Você acha que é defeito de fabricação da indústria divina?

– Não seja debochado! Eu acho que é falta de Deus nas pessoas.

– Tudo bem, eu vou raciocinar por esse prisma em que você crê, só que não vamos pregar Deus ao ladrão comum, porque ele desde quando nasceu ouviu religião em casa e batem tanto em sua porta pregando a palavra de Deus que Deus tornou-se para ele um remédio que não faz mais efeito por excesso de uso. Os evangélicos têm que pregar o Evangelho na Bolsa de Valores, nos Palácios dos Governos, no Congresso, no Tribunal de Justiça, no QG da polícia, nos quartéis e em todos os bairros sofisticados. Nesses lugares é que está faltando Deus e a palavra de Cristo.

– Meu Deus, como você é irônico!

– Neste caso o deboche é deles, não é meu.

– A conversa era sobre religião, você levou para a política!

– Você jamais falará em cultura sem falar em política, porque o homem é um animal político. Quando se limita o assunto a um ramo só, não é o assunto que é limitado, é o orador que limita o assunto. E sendo um pouco mais sincero, eu digo até que é preciso levar a palavra cristã aos pastores para que eles aprendam que Jesus disse: Não lhe dê o peixe, ensine-o a pescar. – Ele parou um pouco, como se lhe tivesse ocorrido um novo raciocínio, e voltou a falar: – Eu gosto muito do Gilberto Gil. Você conhece a música “Procissão”?

– Eu também gosto do Gil e conheço a música... Olha, lá vai passando a procissão – ela cantarolou, e ele a cortou:

– Isso, é essa! Tem um trecho que ele diz: Eu também tô do lado de Jesus / Só que acho que ele se esqueceu / De dizer que na terra a gente tem / que arranjar um jeitinho pra viver. – Ambos cantaram o trecho da música e Cisco parou, explicando seu raciocínio:

– Eu acho que o Gil se enganou nesse trecho.

– Por quê?

– Porque Jesus, quando disse para ensinar a pescar, deu as coordenadas. Os líderes cristãos é que não. Jesus não se esqueceu de dizer que se tem de arranjar um jeito de viver; os líderes cristãos é que se acostumaram a criar dependentes, por pura manipulação. Tem uma música de Luiz Gonzaga e Zé Dantas que diz: “Dê Doutor, uma esmola / a um pobre que é são / ou lhe mata de vergonha / ou vicia o cidadão.” Você tanto pode dizer isso ao doutor ou ao bispo, porque são eles grandes autoridades do nordeste. Preste atenção na cultura do nordeste pra você ver como funciona. É um pecado! E é de lá que estão vindo os grandes comandantes políticos do país. Comendo pelas beiradas e maquiavélicos como Golbery. Abigail, você não deixa de ter razão: falta Deus. Neste país que diz que Deus é brasileiro, nós estamos precisando de no mínimo uns 50 milhões de deuses pra dar uma equilibrada!

– Cisco, você é ateu? – ela perguntou.

– Não, não sou ateu porque o ateu fecha questão no assunto Deus. O ateu é um religioso que crê na inexistência. O crente é um religioso que crê na existência. Eu sou agnóstico; não fecho questão e acho que Deus é procura constante, assim como a verdade, a perfeição e outros valores que devem ser metas humanas, mesmo que inalcançáveis.

Abigail ouviu em silêncio e em silêncio ficou. Ensimesmou-se. Ela estava pasma. Tentava entender como era possível que ela acreditasse em Deus e tivesse muita fé em sua crença, necessitasse desta fé para se sentir forte, e ele visse o mundo se decompondo, achasse o sistema desonesto e não tivesse um Deus para se apegar. Que Deus ele procurava? Ela, que acreditara ser capaz de fazê-lo se apegar a Deus para vencer o mal da bebida, estava agora com muitas perguntas sem respostas: “Se Deus é um só, pra que tantas religiões?”, “Se Cristo é um só, pra que tantas seitas cristãs?”, “O Deus em que creio é o verdadeiro?” Perguntas óbvias em que ela nunca havia pensado, e no entanto, a cada vez que pensava nas perguntas, outras indagações surgiam: “O Deus que falta na sociedade é o Deus em que eu acredito?”, “Eu tenho direito de dizer que o Deus em que creio é o Deus ideal para a humanidade?”

Ela, que esperava esclarecê-lo, saiu confusa como uma professora que encontra um aluno que sabe mais ou burro de-

mais para compreender suas verdades. Para ela era tão simples crer em Deus. Se tinha um problema, rezava e aguardava a ajuda que receberia. Mas ele não. Ele complicava tudo. Tinha interesse até nas religiões primitivas. Por que para ele era tão difícil crer em Deus? Ela fez essa pergunta e outra surgiu: “Que esforço eu fiz para ter a crença que tenho em Deus?” E logo outra: “Por que uns se esforçam tanto para encontrá-lo e outros não?” Ela estava confusa. As indagações se acumulavam e ela compreendeu que se buscasse respostas para as perguntas, outras surgiriam, e compreendeu também por que ele estava ainda à procura de Deus. Ele estava procurando respostas para a infinidade de perguntas que os mistérios da vida e do mundo impõem. Diferente do ateu, e do crente, não fechava questão.

Quando já estavam perto da casa da irmã, outra dúvida lhe surgiu, pertinente a ele, e ela não se furtou a indagar:

– Se você não se considera cristão, por que aceitou batizar o Sandrinho?

– Pela amizade que me une a sua irmã e seu cunhado. Tenha certeza de que serei um bom compadre e um bom padrinho. Sou um homem de poucos amigos, mas prezo as amizades que tenho.

– Pela festa que fizeram na frente da igreja quando você chegou, parece que você tem muitos amigos.

– Claro que ali havia amigos. Mas eu não computo conhecidos como amigos. Amizade requer confiança e reciprocidade.

– Quer dizer que você entrou na igreja só por amizade?

– Ei! Eu não sou bicho-papão!... Houve época que trabalhava na rua, e quando estava no centro da cidade, se estivesse com o saco cheio ou preocupado com alguma coisa, entrava na Catedral da Sé e adorava ficar curtindo aquele silêncio e meditando. É revigorante e confortador! Acho até que os cristãos deveriam discutir suas picuinhas familiares, inclusive divisão de herança, dentro de uma igreja!

– Você entrava na igreja somente para meditar?

– É!

– E não pensava em Deus?

– Ora, Abigail, leve mil ateus para a Catedral e você terá mil pessoas pensando em Deus.

– Tudo bem. Elaborei mal a pergunta: o que quero saber é se você nunca pediu nada a Deus.

– Como adulto, não. Estou satisfeito. O Criador não tem mais nada pra me dar, já me deu as necessidades e as condições para resolvê-las. O resto é comigo. Olha, Abigail, se houvesse uma lei transcendental que me obrigasse a ter uma religião oficializada, que tivesse um grupo de pessoas pelo menos, eu abraçaria a religião dos yanomamis. Eles são um povo tão puro que chego a pensar que os deuses deles são mais humanos. Agora, olhando bem para os filhos da nossa cultura, fico com a impressão de que Deus é um ser cheio de tric-tric, pomposo, tirano, preconceituoso, esnobe. Bem esnobe...

– Pode parar!... Você não existe... A Leilane disse que, para ela, você é um ateu-cristão. Eu tô te achando o diabo vestido de gente!

– Tenho certeza de que se você fosse uma papisa no tempo da Inquisição, você me torraria vivo! – Ele riu e a fez rir.

– Não, eu não faria isso. Sou contra sacrifícios humanos.

– Olha, Abigail, não estranhe meu jeito de ser. Vim à vida para ser o que sou e não para fingir ser outra coisa. Penso, logo explico! Não me leve a mal se bato de frente com os seus princípios, nós só temos condições de nos aprimorarmos como pessoas se questionarmos nossos valores!

– É, mas o Nelson Rodrigues disse que aquele que fala a verdade a qualquer preço tem tendências suicidas. Você não acha que ele tem razão?

– Concordo com ele. Mas aquele que se esconde em mentiras não vive sua própria essência. Entre o ser ou não ser, fico com a primeira hipótese. Eu me suicido perante a cultura social, mas não nego a minha energia diante dos valores da vida. Sou ralé para os padrões sociais, mas eu e a vida somos amantes!

– É, mas aquele que diz o que quer ouve o que não quer!

– Esse ditado é ilusório. Você ouve por dia dezenas de coisas que não quer ouvir e deixa de falar outras dezenas. Temos educação para isso. Mas como você falou o que quis, vai ouvir o que não quer:

– Ele sorriu – se eu não falasse o que quero e só falasse o que não quero, ficaria mudo para sempre para não me sentir um idiota

Ela não respondeu. Chegaram e ele subiu a perua na calçada em frente à garagem, já que os carros de Sandro e de Bruna a ocupavam.

– O papo estava bom, eu vim devagar, perdi a vaga. Eles já devem estar se encharcando de cerveja. Você gosta de uma cervejinha?

Ela estranhou a pergunta, mas logo compreendeu que ele só dissera porque Ricardinho estava presente.

– Não, eu não bebo. – E virando-se para trás: – Ricardinho, você é de falar pouco, hein?

– Ah, eu prefiro prestar atenção! Prestando atenção em conversa de gente grande, eu aprendo mais do que falando! – ele disse isso rindo, e Abigail percebeu por sua expressão que, apesar da pouca idade, ele já tinha a malícia de quem viveu um pouco mais.

– Você deve ouvir as blasfêmias do Cisco todos os dias, não é?

– Ah, eu já disse pra esse cara abandonar essa idéia maluca de só andar atrás da verdade e montar uma religião. Se ele abrir uma portinha em qualquer lugar da periferia, logo estará montado no dinheiro!

– Mas você já não ouviu falar que se Deus desse asas pra cobra, tirava o veneno?

– Outro ditado mentiroso! Tem muita cobra venenosa voando acima da gente! – disse Cisco, que havia descido, contornado a perua e aberto a porta. Esticando os braços, pediu:

– Me dê o nosso afilhado pra você descer.

– Ele acordou. Já já vai abrir um berreiro pra mamar!

Ele pegou a criança e, após Abigail descer, devolveu-o e foi fechar a perua. Ricardinho desceu com a timba e o cavaquinho, perguntando a ela:

– Gosta de samba, Abigail?

Ela respondeu:

– Adoro!

E logo estavam subindo as escadas, com Ricardinho batucando e cantando:

– Abigail é um pouquinho de Brasil, iaiá / Desse Brasil que canta e é feliz / Feliz! Feliz! / É também um pouco de uma raça...

Quando chegaram ao topo da escada, Leilane usou de ironia para cobrar a devolução de seu filho:

– Caramba, gente! Pensei que vocês resolveram montar família e tivessem fugido com meu filho pra facilitar!

Abigail pensou em responder de pronto, mas o compartimento cerebral que devia mandar a resposta enviou-lhe apenas um “branco” e ela nada respondeu. Cisco foi quem falou:

– Se eu e ela tomássemos essa decisão, faríamos nossa própria criança! Isso é fácil. Até criança já está fazendo criança!

– É fácil pra você que é homem. É só gozar! Quero ver gerar, parir, amamentar...

– Opa! Reclamações desse tipo não são com este departamento! Dirija-se por favor ao último andar do infinito! Deus explica!

– É, aí Deus explica, Deus existe, né?! Nessas coisas vocês só gozam!

Mal terminara de falar, Leilane teve de ouvir a caçoada de Sandro, que estava ajeitando a churrasqueira:

– Pôxa, bem! Você disse naquele dia que tinha gozado! Todo aquele escândalo foi fingido, hein?

Pérsio, com um copo de cerveja na mão, pegou o gancho:

– Ah, ela é das que berram e fazem escândalo, é, Sandro?

Sandro defendeu a mulher:

– Pode parar! Logo você vai dizer que mulher que berra não morde, e vai ter briga, porque você vai ofender a minha mulher! A amada que escolhi para ser mãe do meu filho! A primeira-dama do meu coração...

Leilane pegou a criança dos braços de Abigail e dirigiu-se rapidamente para o interior da casa, pois percebeu que seria a bola da vez no rol das gozações:

– A vida pra vocês é uma brincadeira fútil! Eu sou mãe, estou acima dessas futilidades. Com licença!

E Abigail foi atrás da irmã, rindo. Mas logo um flash passou-lhe pela mente: “Cinco anos são só sessenta ovulações.” Ela não conseguia compreender essas repentinas cobranças internas que a incomodavam. Era como se o desejo de ser mãe, aprovado por uma convicção racional, tivesse despertado o instinto maternal e esse lhe mandasse lembretes a todos os momentos, dando a entender que o tempo urgia.

Enquanto Leilane amamentava o filho, Abigail foi à cozinha ajudar a mãe, que preparava arroz e maionese como complemento para o churrasco, enquanto dona Jandira transportava copos, pratos e talheres para uma mesa próxima à churrasqueira. Do quintal vinha o som da voz de Cisco e dos demais cantando “Saudosa Maloca”, de Adoniram Barbosa.

O desconforto que Abigail pensou que ia sentir com relação à vontade de beber não aconteceu. A tarde passava agradável, e ela se entrosara com o pessoal, procurando esquecer qualquer coisa que lhe causasse apreensão. Ajudou em tudo o que pôde, brincou com os dois filhos de Nara e Lauro, vizinhos de Leilane que os acompanharam até a Igreja. O único incidente que a perturbou um pouco aconteceu quando Pérsio lhe trouxe um copo de cerveja:

– Não te vi com um copo na mão. Tome este. Tá geladinha!

Insegura, mas tentando ser simpática, Abigail respondeu:

– Você não me viu porque eu não bebo.

– Que que é isso?! A sua irmã é uma esponja e você não?!

– O gene não generaliza o gosto. Se ela gosta é com ela.

– Quer dizer que você vai me deixar com o copo na mão?!

Dona Maria, que estava próxima e ouvira a conversa, não gostou. Interferiu:

– Dê cá o copo meu filho, deixe que eu guardo pra você. A Leilane puxou o pai e Abigail puxou a mim. Eu também não bebo e acho besteira beber!

E o momento, que era apenas delicado para Abigail, transformou-se em constrangimento para ela e para Pérsio. Da forma como dona Maria agiu e falou, era como se ele estivesse oferecendo um copo de veneno para a filha. Pérsio, deslocado, saiu constrangido após se desculpar com dona Maria. Desculpara-se por ter sido gentil. E ao constrangimento de Abigail mesclou o sentimento de pena por Pérsio. Ninguém mais notara o incidente, já que todos estavam envolvidos em cantar o samba de João Bosco e Aldir Blanc: “O Bêbado e a Equilibrista”.

Quando dona Maria entrou na casa, Abigail foi atrás dela e encontrou-a conversando com Leilane no quarto.

– Mãe, a senhora não devia ter feito aquilo!

– Ah, ele tava insistindo muito!

Leilane, que já havia ouvido a história por dona Maria, tentou conciliar e colocar bom senso na conversa.

– Mãe, isso vai acontecer muitas outras vezes na vida dela. Ela não vai entrar prum convento! E mesmo que entrasse, talvez lá role vinho por baixo do pano.

– Que conversa mais besta! Tá bom, Abigail, desculpe, eu não me meto mais. Vou pro meu quarto deitar um pouco...

– Mãe, deita aqui na minha cama! O Sandrinho dormiu agora, assim eu vou lá fora um pouco.

– Tá, tá bom!

E Leilane saiu com Abigail do quarto, perguntando-lhe:

– Você não vai se abalar com isso, vai?

– Não. Na verdade, do episódio saíram os dois machucados e eu não. Eu ia tirar de letra, mas a mãe acabou deixando o Pérsio constrangido e ela própria acabou amuada. Eu preciso falar com o Pérsio e pedir desculpa pela mãe. Vou dizer que me sinto mal com bebida e por isso ela se preocupa.

– É uma boa. O Pérsio anda te rondando, né?

– É, deu a entender que está interessado em me dar mais do que um copo de cerveja! Ele é meio filho da puta, não é?

– Por quê?! Ele te fez alguma coisa?

– Não! Mas fica descaradamente ciscando em volta de mim. Ele não é namorado da Nanci?

– Você errou feio! O namorado da Nanci é a Bruna! – Leilane disse isso rindo, e Abigail parou no centro da sala, atônita.

– Meu Deus, como elas são discretas! Eu não percebi. Se bem que a Bruna tem um tipo físico que indica uma certa virilidade. Mas também não são poucas as mulheres casadas que têm. Nem percebi.

– É, elas são discretas. Mas a história delas é interessante e demonstra prova de coragem. Senta aqui, deixa eu te contar!

E Abigail sentou-se, interessada em ouvir a irmã.

– Elas são professoras. A Bruna é da APEOESP e participa de muitas atividades. Num encontro estadual, Nanci, recém-filiada, compareceu pela primeira vez com um grupo de Campos de Jordão, cidade onde ela morava. É claro que nestes encontros, onde se reúne gente de tantas cidades, acontecem paqueras...

- E a Nanci é linda, deve ser das mais paqueradas.
- Claro. E ela estava sendo paquerada por um cara do grupo da Bruna. E com isso a Bruna e a Nanci fizeram amizade. Como era um encontro de fim de semana, eles tiveram que passar a noite lá. Naturalmente, nos alojamentos se divide homem com homem, mulher com mulher. Elas dormiram no mesmo alojamento e já acordaram no dia seguinte envolvidas.
- Nossa! Mas assim de imediato!?
- É! A Nanci diz que tem certeza de que esta paixão vem de outras encarnações. Ela acredita nisso...
- E o amigo da Bruna que tava paquerando a Nanci ficou com cara de tacho...
- A Bruna conversou com ele. Disse que ele não perdeu uma mulher para outra, perdeu uma mulher para o amor!...
- Que boa lábia, hein?
- A Bruna o conhece há muito tempo e disse que ele tem uma cabeça arejada. Ele compreendeu.
- E agora elas moram juntas?
- Com problemas, mas moram!
- Problemas por quê?
- Quando elas começaram a namorar, a Bruna chegou a ir à casa de Nanci em alguns finais de semana e conheceu os pais dela. Os pais são evangélicos...
- Que complicação!
- Mas a Nanci também dormiu na casa da Bruna aqui em São Paulo. E os pais dela desconfiaram, porque a Nanci mudou seu comportamento, o seu estilo de vida. O ruim é que a Bruna resolveu abrir o jogo e foi falar com os pais da Nanci. E eles puseram a Nanci pra fora de casa...
- Meu Deus! A Bruna teve esse peito!?
- Teve! Corajosa, né? Mas o ruim é que a Nanci tá sofrendo muito com isso, e sabe que os pais também estão, porque era uma família muito unida.
- Ela tem irmãos?
- Ela tem um irmão e uma irmã, mas são casados e moram no Rio de Janeiro. O Cisco pegou o telefone dos pais da Nanci, e a Bruna me disse na Igreja que ele marcou uma visita para domingo que vem. Vão ele, a Nanci e a Bruna conversar com eles.

– Nossa, o Cisco se meteu nisso? Ele gosta de encrencas, hein?

– A única coisa que bambeia o Cisco é bebida, aí ele vira do avesso. Mas ele é daqueles que acredita que a humanidade pode melhorar de vida.

– Eu acho que ele é meio maluco! Se bem que minhas opiniões não estão valendo muito. Vou te confessar uma coisa: a primeira impressão que tive da Nanci não foi muito boa, mas depois desta história já estou mudando de opinião. Coragem ela tem.

– É. A primeira impressão nem sempre é a verdadeira.

– É mesmo! Vamos pra lá?

Ricardinho tocava timba, Cisco, cavaquinho, Sandro com duas colheres fazia o repinique e Bruna, com uma banqueta que roubara na cozinha, também compunha a bateria. E os outros bebiam e cantavam “Meu guri”, de Chico Buarque. Abigail aproveitou que Pérsio estava cuidando da churrasqueira e se aproximou:

– Tem alguma bem passada aí?

– Essa daqui tá boa, não está?

– Tá! – Enquanto ele tirava a carne do espeto, ela aproveitou para falar o que a incomodava:

– Pérsio, eu quero te pedir desculpas pela minha mãe. Não a leve a mal, ela fica preocupada porque eu não posso beber. E como você insistia ela se irritou.

– Você não pode beber nada alcoólico?

– Não, eu passo mal. E como certa vez numa festa eu bebi e dei trabalho, ela fica preocupada. Me desculpe, tá?

– Claro, tudo bem.

Ela serviu-se da carne e ele lhe deu um copo de guaraná, dizendo:

– Por favor, não passe mal.

Ela riu

– Não vou passar mal com isso!

O samba do Chico já havia terminado e Ricardinho a chamou:

– Abigail! Você disse que gosta de samba e até agora não apareceu na roda pra prestigiar!

Ela havia acabado de dar uma dentada no pedaço de carne e só pôde se comunicar por mímica, dando a entender que estava comendo. Cisco também lhe cobrou presença:

– Se você não se sentir bem conosco, nos sentiremos mal sem você!

E ela engoliu rápido para responder:

– Claro que me sinto bem com vocês. Estou cercada por gente bonita!

– Gente bonita?! – Cisco emendou um samba a esta exclamação: “E se gritar pega ladrão / Não fica um meu irmão / Se gritar pega ladrão / Não fica um.”

E quando todos começaram a acompanhá-lo, ele parou repentinamente indagando:

– O que é gente bonita? Gente bonita é uma expressão que todos nos acostumamos a usar. Mas o que é gente bonita? É gente esteticamente bonita? Gente de nível social elevado? Gente honesta e de bom caráter?... Desculpe Abigail, mas eu sou ranheta, quero saber o que é gente bonita!

– Cisco! Você é um cri-cri! Gente bonita é gente de boa cabeça! – ela disse.

– E o que é gente de boa cabeça?

Pérsio, como um cavalheiro, se colocou em defesa de Abigail:

– Gente de boa cabeça é gente que sabe tirar da vida os prazeres que a vida dá, numa boa.

– Não satisfaz. Por exemplo: um governante que é incapaz de dar uma educação digna para o povo é gente de boa cabeça?

– Porra, mais aí você tá falando de políticos!

– Mas político não é gente?! Tudo bem, faço a pergunta de outra maneira: uma sociedade onde a maioria não tem consciência de cidadania é uma sociedade de boa cabeça e gente bonita?

Pérsio não se intimidou e respondeu:

– Ora! A minoria é de boa cabeça, a maioria não!

– Se a minoria, por oportunismo ou incapacidade, não transmite à maioria as noções da cidadania, essa minoria é realmente gente de boa cabeça e gente bonita?

– Ah, você tá é a fim de encher o saco!

– Não, é sério! Veja bem, uma sociedade onde prepondera a ignorância não é uma sociedade bonita e nem de boa cabeça. Porque a miséria intelectual de um povo é reflexo da insensibilidade da classe social que a comanda. E não se pode chamar de gente bonita e de boa cabeça uma cambada tão insensível!

Ricardinho, que já demonstrava alegria alcoólica, levantou-se da cadeira abraçado à timba e, fazendo uma reverência para Cisco, disse:

– Agradecemos os seus ensinamentos, querido guru, mas eu pergunto: nós viemos aqui pra filosofar ou sambar? – E mal sentou-se, novamente puxou o samba: – Você me chamou para este pagode / E me avisou aqui não tem pobre / Até me pediu pra pisar de mansinho / Por que sou da cor, eu sou escurinho / Aqui realmente está toda a nata / Senhores, doutores e até magnatas / Com a bebedeira e com a confusão / Tirei a minha conclusão / E se gritar pega ladrão...

E todos embarcaram no samba do Fundo de Quintal.

Abigail instintivamente envolveu-se com o samba, cantando e sambando, porém sua mente raciocinava sobre o caráter de Cisco: “Parece que ele gosta de olhar o que os outros não gostam de ver.” Ela estava intrigada com aquele sujeito que Leilane denominava de “ateu-cristão” e chegava a parecer um “santo diabólico”. Na cadência do samba, seus olhos fixavam-se nas mãos de Cisco, que dedilhava o cavaquinho com enérgica harmonia, não ousando olhar nos olhos dele. De repente, tirava o olhar das mãos de Cisco e encontrava o olhar de Pérsio, que com seu “rosto bonito, muito bonito” cantava sorrindo para ela. E ela não pôde evitar de pensar na pergunta de Cisco: “O que é gente bonita?”

No meio da tarde, Lauro e Nara com suas crianças já haviam se retirado, e Abigail notou que Bruna e Nanci já se tratavam com mais intimidades e trocavam confidências como um par de enamoradas. Com isso, ela concluiu que todos os demais que estavam presentes sabiam do romance das duas. E compreendeu que se com a saída dos vizinhos elas abandonaram a discrição diante dela, é porque contavam com sua compreensão e cumplicidade para o romance que viviam.

Abigail viu, nessa atitude, confiança e proposta de amizade por parte das duas mulheres.

Mas mesmo o que é bom enoja se for em demasia, e o samba acabou. Como num fim de piquenique, todos se transformaram em formiguinhas, carregando apetrechos e reordenando o que a farra desorganizara. Dona Jandira, que dividira a tarde entre a cantoria com a turma e longas conversas com dona Maria, estava colocando garrafas vazias de cervejas nas caixas quando Cisco chamou-a, pois iria levá-la para casa junto com Ricardinho. E Pérsio, aproveitando a carona, pediu para ser deixado no meio do caminho, onde pudesse pegar um ônibus. E assim os três se foram com Cisco, que ainda voltaria para conversar com os que ficaram.

As mulheres cuidaram das louças e da cozinha enquanto Sandro lavava a churrasqueira e o quintal.

Nanci varria a sala e Bruna, na cozinha, lavava a louça e passava para Abigail enxugá-la. Abigail, por sua vez, passava para Leilane guardá-la. Foi no transcorrer dessa operação que Leilane falou com a certeza de quem tem uma repentina luz:

– Bruna, me ocorreu uma idéia!

– Diga!

– É que depende da Abigail... – Leilane virou-se para a irmã, dizendo: – Quase te joga no fogo sem te consultar!

Abigail indagou curiosa:

– E qual é a fogueira em que você quer me jogar?

Leilane explicou suas idéias:

– Eu estava pensando, Bruna: se o Cisco for só com vocês duas falar com os pais da Nanci, não vai dar uma... aura convincente. Acho que se Abigail fosse junto, como esposa, seria psicologicamente mais favorável a vocês. O que vocês acham?

– Uau, maquiavélica! Aprimore o cenário que o roteiro fica mais sedutor. Não é isso?

– Lógico! De que adianta vocês irem até lá, fazerem todo esse esforço e voltarem de lá frustradas? É preciso aproveitar essa chance que o Cisco cavou. Outra vai ser mais difícil...

– É, você tem razão. É uma boa idéia. Mas e você, Abigail, o que acha? – Bruna passou uma tigela com um punhado de

talheres que acabara de enxaguar, indagando em tom de auxílio: – Você topa?

– Por mim, tudo bem, desde que eu faça o papel de esposa calada. Sou um fracasso para convencer pessoas.

– Eu entendo! Eu pensei que convencia, fui lá e quebrei a cara! Isso é papel do Cisco. Foi ele quem nos deu essa nova esperança, e o melhor é deixar as diretrizes com ele. – Bruna disse isso a Abigail e chamou Nanci: – Ci! Vem cá!

Nanci apareceu na porta da cozinha e Bruna contou a idéia de Leiane.

– Acho uma boa – opino Nanci, quando Bruna terminou. Se não melhorar, não piora. Mas se forem fazer papel de casados, é bom usarem alianças, porque o meu pai é detalhista. Principalmente pra essas coisas.

Leilane pensou em Cisco e comentou:

– Nossa! Se o Cisco usar aliança de casado, vai inchar o dedo dele. E não sara nunca mais.

E Bruna concordou, com dúvidas:

– É mesmo! Mas talvez a aliança desbloqueie o seu medo do casamento.

Abigail indagou:

– Será que ele topa essa farsa?

– Creio que sim – respondeu Leilane, arrematando: – Casamento de brincadeira, acho que ele topa.

Quando Cisco voltou, Leilane acabara de amamentar Sandrinho e o deu a dona Maria, que foi para o quarto conversando com o neto, com a felicidade de uma menina que brinca com a boneca preferida.

Estavam reunidos na sala. Sandro, que logo ao terminar de lavar a churrasqueira e o quintal fora tomar banho, chegou por último. Sentou-se ao lado de Abigail, que não se furrou ao comentário:

– Hum! Leilane, seu marido tá cheiroso!

– Divirta-se com o cheiro que a carne como eu.

Sandro gostou da sugestão e colocou o braço sobre os ombros dela:

– Viu? Ela deixou. Sinta o cheiro à vontade.

Leilane, não se importando com a provocação de Sandro, falou para Cisco:

– Cisco, nós resolvemos casar você com Abigail. O que você acha?

– Se ela cozinhar tão bem quanto você, lavar roupa bem, sem precisar de máquina de lavar, souber engraxar sapatos e engomar minhas cuecas samba-canção, tudo bem!

Abigail aceitou o jogo cínico dele e respondeu com ironia:

– Ah, que pena! Não sei engomar cuecas! Sou uma imprestável mesmo, nem com um traste como você consigo casar!

Bruna não compartilhou do sorriso que a brincadeira provocou nos outros e, preocupada, foi direta ao assunto:

– Gente! Eu e a Ci somos do outro lado da cidade e precisamos ir logo. O problema é o seguinte, Cisco: a Leilane teve a idéia de a Abigail ir com a gente e passar por sua esposa e assim dar um clima familiar à conversa. O que você acha?

– É boa idéia! Dará um reforço nos argumentos e passará ao seu Samuel a idéia de que sou um homem sério e não um bicho-grilo. Mas e você, Abigail, aceita?

– Por mim tudo bem, desde que eu faça a esposa calada.

– Ah, com esposa calada, eu caso. Só vai falar quando eu der corda!

Leilane, curiosa, quis saber como ele conseguira convencer os pais de Nanci a aceitarem a nova visita para conversarem.

– Disse a seu Samuel que o que estava acontecendo era amor familiar não resolvido. Que a Nanci sofria aqui e eles sofriam lá, só porque se amavam e não estavam se compreendendo. Ele disse que acredita que está passando por uma provação divina e que se sujeita a seguir as palavras de Deus. Eu disse que é sobre isso que quero falar com ele.

– E como você acredita que vai demovê-lo dessa idéia?

– Leilane colocou um tom de descrença em sua indagação.

– Vou procurar na Bíblia a compreensão. Se a palavra de Deus é a lei, é lá que está a acusação e a defesa. Vou raciocinar com o cérebro do seu Samuel.

– Vai raciocinar com o cérebro dele... – Leilane parou sua fala por um momento, como se pensasse nas possibilidades da estratégia, mas logo deu a entender que seu pensamento era outro: – Cisco, quando tive a idéia de a Abigail ir como sua esposa, a Bruna me chamou de maquiavélica e eu senti um

momentâneo constrangimento. Você não sente vergonha de ser maquiavélico?

– Não há por que ter escrúpulo se a causa não fere a consciência, porque o fim é o bem de todos. Assim como os fins justificam os meios para os opressores, os fins podem justificar os meios para os oprimidos. Os fins desse comportamento não são tyrannizar ninguém, mas libertar! Vou tentar livrar o pai da Nanci de um condicionamento preconceituoso que lhe faz mal. Vejo esse condicionamento como um dos lados satânicos de Maquiavel...

– Lado satânico de Maquiavel? E por acaso Maquiavel tem lado divino? – Foi Sandro quem fez a indagação.

– Não existe nada na vida que não tenha o seu lado oposto. E não existe nenhuma doutrina que não possua os dois lados. Tudo depende da leitura do espírito. Uma doutrina para o bem, interpretada por um espírito de porco, transforma-se numa merda. Uma doutrina para o mal, interpretada por um espírito bem-intencionado, serve, pelo menos, como autodefesa.

– Entendi. Do veneno se extrai o antídoto – disse Sandro, aceitando a explicação.

– Claro. Eu ainda vou escrever um livro tendo *O Príncipe*, de Maquiavel, como modelo. Maquiavel escreveu a merda, eu vou escrever o esterco. *O Plebeu*, um manual maquiavélico para os oprimidos.

– Tenho certeza de que ainda vou te ver ocupando uma cadeira da Academia Brasileira de Letras – brincou Sandro.

– Impossível isso acontecer, porque vou ser sócio fundador da Academia dos Talentos Malformados por Deseducação Social. Uma instituição maior do que a ABL.

– O problema é que a plebe não tem condições de compreender nem texto de gibi. Portanto, seu livro não seria lido por quem deveria lê-lo – disse Bruna, descrendo da fantasia de Cisco.

– É por isso que acho que vocês na APEOESP deveriam brigar para a democratização do ensino com um currículo escolar cidadão e humanista. Um ensino fundamental igual para todos, independente de classe social e outras discriminações.

– Até que é uma boa idéia – disse Bruna.

– É uma idéia justa e democrática – afirmou Cisco.

– Mas é uma briga mais difícil do que brigar por salários – definiu Bruna.

– Difícil, porém digna, para elevar o brio de uma profissão que deveria ser nobre e não está sendo, neste país! – arrematou Cisco.

– Bom, não deixa de ser um caso pra pensar, mas não agora. Como é que faremos domingo?

– Eu disse que estaríamos lá entre dez, dez e meia. Passo aqui, pego a Abigail às sete horas e vou para a casa de vocês, deixo a minha caranga lá e vamos no teu carro.

Bruna levantou-se dizendo:

– Tudo bem! – Abraçando Cisco, beijou-lhe a face. – Se vai dar certo, eu não sei, mas agradeço seu empenho e sua ajuda. Te amo. Se eu tivesse atração física por homem eu te pediria em casamento, mesmo tendo a certeza de que você não aceitaria.

Cisco ia dizer alguma coisa, mas Sandro foi mais rápido:

– Que sorte, Nanci, que o Cisco nasceu homem. Se tivesse nascido mulher, você teria dançado!

– Seria um páreo duro, mas eu não dançaria, porque eu e Bruna já somos predestinadas desde outras encarnações – respondeu Nanci, amparando o seu amor em sua crença. Ela abraçou Cisco, dizendo confiante: – Obrigada. Creio que, com você, esse gelo vai quebrar.

E Cisco respondeu:

– Tomara que a gente consiga. Eu acredito que vocês pegaram seu pai desprevenido, de supetão, e ele se abalou. Era preciso primeiro lhe preparar o espírito.

Nanci concordou, desabafando:

– Creio que sim. Mas eu não suportava mais essa vida de esconde-esconde! Parece vida de bandido. Mas tenho fé em Deus que agora vai dar certo.

As duas despediram-se dos demais e agradeceram a Abigail pela ajuda. Quando estavam na porta, Nanci lembrou-se:

– Ah, não se esqueçam das alianças! Tenho certeza de que meu pai vai notar. Vocês comprem, depois eu reembolso, tá?

– Deixa comigo! Eu tenho um amigo que é especialista em vender alianças para casamento de curta duração. Em duas se-

manas a aliança escurece e enferruja – respondeu Cisco. Pegando a mão de Abigail, disse-lhe: – Só que precisarei deste anel pra tirar a medida, minha querida futura esposa.

– Tá, tá bom! Leve, mas por favor devolva.

– Claro que devolverei. Respeito os valores sentimentais.

Sandro não deixou de meter o bico:

– Os valores sentimentais ele respeita. Os valores materiais, não. Tome cuidado!

E as meninas se despediram e se foram. Cisco pegou o anel de Abigail – presente que Willian, o ancoradouro, lhe dera durante o curto romance que tiveram – e colocou num compartimento de sua carteira.

Leilane foi para o quarto dar banho em Sandrinho, Sandro se prontificou a preparar café e Abigail ficou conversando com Cisco:

– Esta situação das duas é bem confusa, né? Eu entendo que é duro para os pais aceitarem o homossexualismo da filha, mas mandar embora de casa é muita insensibilidade!

Cisco não concordou:

– Eu vejo diferente. Acho que há muita sensibilidade tanto de um lado quanto do outro. Acho até que o seu Samuel está com o coração martirizado. É uma situação mais delicada e profunda do que a gente vê externamente.

– Mas Cisco, se ele sofre com a resolução que tomou, por que não muda de atitude?

– Ele é uma pessoa já de idade avançada e o homossexualismo na própria família é uma novidade que ele nunca esperou na vida. Pelo que sei, é uma pessoa que sempre teve na Bíblia a referência para o seu comportamento e caráter. Se alguém passa grande parte de sua vida mentalizando “Deus me ajude”, “Deus me guarde”, “Deus me proteja”, quando se vê diante de uma situação inusitada e que vai contra os seus princípios, é natural que recorra à Bíblia pra encontrar explicação e proteção. Na verdade, quem mais precisa de ajuda e compreensão é ele e não a Nanci.

– Pensando bem, é isso mesmo! Ele está sofrendo mais do que a Nanci, porque ela tem o amor da Bruna para aliviá-la,

enquanto os pais perderam uma filha e não ganharam nada em troca. Mas é meio burra essa atitude dele, não é?

– Em situações assim eu sou budista. Me apego ao pensamento de Buda que diz que “o que somos é consequência daquilo que pensamos”. Se os elementos que recebemos para pensar são limitados, é natural que o raciocínio e a compreensão sejam limitados também. Eu acredito que a nossa essência do caráter, da personalidade, não brota só de uma educação familiar. São tantas as circunstâncias que nos influenciam para nossa formação, nos levando a pensar ou até bloqueando pensamentos, que fica impróprio para qualquer um desmerecer qualquer pessoa ou invejar alguém. Nós não somos donos do nosso nariz, como parece.

– Eu não entendi. Você está dizendo que as pessoas não têm capacidade para mudar seu comportamento, para evoluir, para pensar certo?

– Claro que para mudar o comportamento e evoluir, sim. Você estudando e se interessando sabe mais, sabendo mais evolui, e assim por diante. Mas no pontapé inicial, na essência que nos forma, nós não somos iguais, e aí não somos donos do livre-arbítrio e nem da nossa vontade. O que você é, foi você quem escolheu ser?

– Não! Aí tem fatores genéticos, influências na formação e outras coisas...

– Pois então! Se antes de nascer eu não tenho escolha de tempo, condições, sexo, raça etc., eu poderia ter nascido um sr. Samuel ou uma srta. Bruna. Bastaria que nascesse e vivesse as circunstâncias que aconteceram com eles. Por isso acho que quando compreendemos um lado e não tentamos compreender o outro, caímos em preconceito.

– Mas aí, então, não existe o certo e o errado e todo mundo é todo mundo, qualquer um é qualquer um e acabou! Podemos viver o “faça o que lhe der na telha”!

– Não, porque existe um ponto de referência fundamental...

– Deus! – ela disse e riu, pois sabia que não era isso que ele iria falar.

– Para a maioria é Deus, para a mim é a justiça. Para mim, a justiça é mãe de todos os dogmas, reina sobre todos

os tabus, porque nós viemos à vida pelo mesmo mistério, chegamos aqui pelo mesmo caminho, e somos todos herdeiros deste maravilhoso planeta e desta misteriosa e alucinante vida.

– Mas quem é que leva isso a sério?

– Bem menos do que a maioria. E considerando que a maioria é regra e prevalece, podemos dizer que a humanidade é uma raça idiota que não se respeita, e é tão tola que paga mico pra macaco!

– Paga mico pra macaco? Essa é boa! – Abigail riu.

– É, paga mico pra macaco! Todas as espécies de macaco têm uma convivência afetiva melhor do que a nossa. Os nossos primos não possuem nossa inteligência mas também não adquiriram a burrice...

– Você também é daqueles que acreditam que o macaco é nosso parente! Não consigo aceitar essa idéia.

– Prefere crer que a mulher veio da costela de Adão?

– Também é uma idéia estranha... Eu não sei... Me diz uma coisa Cisco, você tem curso universitário?

– Não. Só colegial.

– E como você tem esses conhecimentos?

– Leio.

– E isso é o suficiente?

– É, desde que você leia os livros certos. Os melhores livros são aqueles que estão empoeirados e escondidos nos fundos das prateleiras das bibliotecas.

– Então, qual é a vantagem desse conhecimento se a maioria não se interessa? Você não se sente deslocado por pensar o contrário da maioria? Qual a vantagem que isso te traz?

– Abigail, eu estou passando pela vida! A burocracia do sistema, a cultura, os costumes das pessoas, são apenas paisagem no percurso. Se eu me limitar só aos costumes sociais, aos modismos de minha época, estarei desperdiçando a minha grande oportunidade de me extasiar com o meu grande momento, porque a vida de uma pessoa é o seu grande momento! E seria muito bom se todos respeitassem essa viagem, adorando-a com o verdadeiro valor que ela tem!

Enquanto ele falava, Abigail notou em seus olhos um brilho intenso que lhe pareceu um olhar próprio dos loucos. Mas ela se encantou com seu jeito de sentir a vida:

– Você tem uma forma peculiar de enxergar as coisas. Isso te faz bem?

– Você quer saber se sou feliz? Felicidade é um estado de espírito, há momentos que sim, há momentos que não. Na realidade, sou um maravilhado com a vida e decepcionado com o mundo dos homens. Deixe-me ver como posso explicar melhor... Durante milhares de anos a Igreja disse que a Terra era quadrada, e todos acreditaram. Aí veio a ciência e provou que a Terra é redonda. E todos acreditam. E até fotos estão aí para provar! Mas vendo com olhar psicossocial o mundo dos homens, o esquema é triangular. A convivência humana é desenhada numa perversa e hipócrita pirâmide. E é essa a minha grande decepção nesta viagem. Acho que a humanidade deveria aprender a mentalizar o sistema de convivência humana como o formato do planeta: redondo. No que é redondo tudo circula melhor. Não tem bicos, limites, nem cantos discriminatórios, e o princípio se une ao fim. A entrada e a saída se mesclam como a vida. Num sistema redondo, a vida circularia mais humanamente, não dando motivos pra tantas injustiças, violências e más-formações. Eu acho que isso sim aprimoraria a raça humana, e não essas maluquices nazistas.

– Nazismo por quê? O nazismo foi derrotado e não comanda o mundo!

– Não foi Hitler quem arrasou a África e nem foram os negros. Foram os bwanas. Não foram os alemães que deixaram o nordeste num secular arraso. Sabe, Abigail, de manhã você me disse que falta Deus nas pessoas; eu te pergunto: falta o Deus dos nazistas ou o Deus dos Aliados?

– O que você quer dizer? Que se Hitler vencesse a guerra o mundo estaria melhor?

– Claro que não! Estou dizendo que a cada entrevero criado pela vaidade desvairada dos poderosos, a humanidade perde preciosos momentos de gozar esta viagem com a dignidade que a vida merece. Quero dizer que seja qual for o lado vitorioso, a humanidade é sempre derrotada! E quero dizer que a essência dessa mentalidade de poder que nos acompanha desde os primórdios humanos, como um DNA cultural maligno, é o pior câncer da cultura humana. Se você consultar os norte-vietnamitas sobre o comportamento americano na guerra

do Vietnã, verá que seus lamentos e reclamações não divergem tanto das reclamações e lamentos que temos contra os alemães na Segunda Guerra Mundial. Claro que guardadas as devidas proporções.

– Você acabou de dizer que diversas circunstâncias nos formam. Isso significa que qualquer um de nós poderia ter sido Hitler, não é?

– Acho isso. Você está raciocinando com o princípio em que creio.

– Claro! Não é isso que você vai fazer com o seu Samuel?

– Na verdade, Abigail estava tentando flagrar uma incoerência nos princípios dele.

– Claro, eu gosto disso. Atiça a imaginação na busca da verdade.

– Pois então, se Hitler não tem culpa de ter nascido o que nasceu, assim como o seu Samuel, a Bruna, eu e você, ninguém tem culpa de nada!

– Culpa pelo que se é, não. Responsabilidade pelo que pratica, sim. Um criminoso tem que ser afastado do convívio social para que não prejudique a sociedade. Seja ele poderoso ou não! Veja bem, assim como poderíamos ter nascido Hitler, também poderíamos ter nascido judeus, negros ou qualquer outra vítima daquele idiota. O que nós devemos, na realidade, é massacrar idéias opressivas, esmigalhar idéias injustas. Combater a canalhice mesmo que o canalha sejamos nós! A humanidade combatendo a humanidade não vai a canto nenhum. Não melhora a paisagem desta linda viagem que é a vida. Temos que combater o DNA cultural maligno que nos persegue desde os primórdios da humanidade. O outro é problema para mim e eu sou problema para o outro. Precisamos questionar onde está a burrice da nossa inteligência. Nós temos que criar vacinas culturais contra as influências nefastas para aprimorar o berço das circunstâncias formadoras dos humanos que virão. No meu entender, aprimorar a raça é isso!

– E a religião, não está aí para isso?

– Não. Os religiosos institucionalizados defendem suas instituições e seus dogmas. O que defendemos por costume e não por bom senso tem uma utilidade duvidosa.

– Você é anti-religioso ao quadrado, hein?

– Não! Ninguém deixa de ser religioso. Todos são religiosos. Já te disse, o ateu é um crente que crê na inexistência de Deus. Isso é religião. Os poderosos são crentes no poder do deus Money, o deus materialista da humanidade. Eu sou um religioso que procura o meio-termo nessa bagunça toda. Minha crença é minha religião e minha curiosidade é minha estrela-guia. A vida pra mim é uma dádiva benquista, e minha decepção é com o DNA cultural maligno que comanda a humanidade e...

Quando ela se preparava para perguntar “quem lhe deu esta dádiva benquista?”, Sandro apareceu espalhafatoso com uma bandeja com xícaras, açucareiro, bule, enfim, com um parêlo para café completo:

– Chega de filosofia, senhores metafísicos, pausa para o café!

– Que frescura é essa? Pra que todo esse aparelho? – exclamou Cisco, abismado.

– Nossa! Ele caprichou! Tirou todos os apetrechos do baú da vovó – disse Abigail, entusiasmada.

– Comigo é assim! Sou como velho, não faço sempre, mas quando faço é com carinho e perfeição.

Serviram-se do café, cujo sabor não estava à altura do serviço, e Leilane chegou com Sandrinho:

– Veja, gente, como tô cheirosinho! Acabei de tomar banho! – disse ela com os modos infantis que a presença de um bebê causa nos adultos.

Cisco colocou a xícara na bandeja e pegou a mãozinha da criança. Leilane perguntou:

– Quando você vai ter um desse, hein? Você não gostaria?

– Gostaria. Mas com meu jeito de vida seria um problema pra ele.

– Então mude o jeito de vida, ora!

– Aí seria um problema pra mim – disse ele, beijando a mão do bebê e complementando: – Vou-me embora. Preciso começar a folhear a Bíblia.

– Você vai ler a Bíblia?! – perguntou Sandro, descrente.

– Claro, preciso encontrar argumentos para domingo.

– E você acha que você vai ter condições de ler a Bíblia em uma semana? Você não vai trabalhar? – inquiriu Abigail, também descrente.

– Eu não vou ler a Bíblia. A Bíblia eu já li e bastante. Vou folheá-la para rememorar algumas passagens. – Olhando fixamente para Abigail, indagou: – Você já leu a Bíblia?

O instinto de autodefesa de Abigail ficou alerta, mas ela foi sincera na resposta:

– Folheeí alguma coisa. Mas ler com profundidade, não.

– Você acha que entenderia de Carlos Drummond de Andrade se só folheasse alguma coisa de suas obras?

– Ei! Não vem me censurar por isso. A maioria das pessoas tem a Bíblia em casa, mas uma minoria a lê! – ela defendeu-se com um sorriso político.

– Eu concordo, e não estou te censurando. Nem tenho direito pra isso! Mas eu penso ser mais coerente aquele que leu e não crê do que aquele que crê e não leu!

– Ah, seu maquiavélico! Tem a consciência de que não deve censurar, mas sutilmente censurou. Tô aprendendo a te conhecer! – ela disse isso sorrindo com simpatia. Ele respondeu devolvendo-lhe o sorriso.

– Não é censura! Dei-lhe apenas um mote para pensar. E se você me disser que fé não é um problema de coerência, eu concordo. Mas você tem que concordar que fé sem coerência é bastante confusa e pode tornar o espírito tatibitate.

Momentaneamente Abigail sentiu que se estabeleceu uma empatia recíproca entre eles, mas o elo foi quebrado pela interferência de Sandro:

– Cisco, você não acha que está sendo pretensioso demais em querer convencer o pai da Nanci se utilizando da Bíblia, que é o campo dele, a arma dele?

– É difícil, mas é o único caminho para não assustá-lo. Se eu usar explicações científicas, provavelmente ele me verá como um representante de Satanás. Se eu falar em direitos, provavelmente ele me dirá que os direitos dos cristãos são diferentes dos direitos dos ímpios, e que o homossexualismo é falta de Deus nos corações dos homens, e que não é direito. De qualquer maneira eu vou cair na Bíblia, que é o seu escudo, sua proteção e seu bloqueio!

– É. Mas vai ser duro conversar com um evangélico sobre o Evangelho.

– É verdade. Dizem que Deus escreve certo por linhas tortas; vou tentar encontrar o certo nestas tortuosas linhas. –

Dito isso, ele se despediu, não sem antes alertar Abigail de que a pegaria no domingo às sete horas. E se foi, deixando Abigail entupida de dúvidas. Ele era um ateu-cristão, como dizia Leilane, ou um santo-satânico, como ela chegara a pensar?

Tomou banho e antes de dormir foi à cozinha buscar um copo de leite. A irmã estava lá organizando uma papelada para levar no dia seguinte para o serviço, e Abigail perguntou a Leilane:

– O Cisco tem medo do casamento?

– Acho que ele tem é medo dele! – Leilane respondeu, não muito convicta do que dizia.

– Naquele reveillon de 85, ele se dava tão bem com aquela menina que eu pensei até que fossem recém-casados.

– É, ele é assim. Tem uma companheira nossa lá de Diadema, a Agnes: engenheira, bonita, estava doidinha pra casar com ele. Quando ela forçou a barra, separaram-se. Ele forçou a barra para continuar o namoro, ela forçou a barra para casar e, no fim, se separaram. Isso foi no ano passado.

– Ele nunca foi casado?

– Não. Ele me disse que o casamento amarra a filhos, e a partir daí o sujeito é amarrado a patrão e amarras sociais e perde sua própria identidade como humano. Diz que se casará só quando não se sentir encurralado...

– Ele não deixa de ter uma certa razão, mas o preço que se paga pra fugir disso não é fácil!

– Estou te estranhando, Abigail! Você fugiu do casamento durante tanto tempo! Por que mudou de idéia?

– Eu tenho pensado: que graça tem chegar à velhice sozinha, sem filhos?... Eu acho que está na hora de pensar em ter um filho, uma casa, um marido...

– Olha, ficaria muito feliz em ter o Cisco como cunhado, só que é difícil de acontecer. Mas não é impossível, porque ele sabe que já está na hora. Gosta de crianças...

– Estou falando em casar e não estou pensando no Cisco!

– Não está pensando nele porque não bota fé no seu taco ou porque não o acha um bom partido?

– Ele me deixa confusa e insegura! Ele trata a gente com respeito, mas a franqueza dele me desconcerta. Estamos conversando numa boa, de repente ele tira um raciocínio de sua cartola e eu me sinto uma idiota.

– Eu também me senti assim algumas vezes. Mas depois eu fui percebendo que ele procura interlocutores pra raciocii-

narem juntos sobre as charadas da vida. É o jeito dele. Sabe por que ele é diferente?

– Não!

– Porque enquanto está todo mundo correndo atrás de interesses, ele está se perguntando: por que essas pessoas estão fazendo isso?

– Ah, vá! Que que é isso?

– É, Abigail! É da personalidade dele pensar no comportamento humano.

– Ele tem pretensões políticas dentro do PT?

– Ele? Nem afiliado é!

– Ele não é afiliado?! Mas ele não faz campanha há muito tempo?

– Faz campanha para o PT desde 82, mas diz que enquanto não houver uma reforma política, nem estatuto de partido pode ser levado a sério.

– Esse cara me surpreende! Eu pensei que tivesse algum interesse político no partido.

– Ele já participou de muitas manifestações políticas do PT, mas não é afiliado. E é uma pena, porque poderia contribuir muito com a política interna do partido.

– Seria um xiita a mais no PT!

– Você acha?! Ele é filosoficamente radical. Mas, na prática, ele é um doce.

– Ah, tá! Um cara que tem condições de trabalhar numa empresa de porte e vai vender chinelos como camelô é um doce?!

– Olha, não sou eu quem vai defender o Cisco. Você o conhecerá melhor e você mesma o compreenderá, se quiser. Quando eu disse que você seria a madrinha do Sandrinho, ele gostou da idéia!

– E quando vocês o convidaram para padrinho?

– Ele fez uma farra e nos deu parabéns por termos a feliz idéia! Disse que o Sandrinho seria eternamente agradecido pela escolha! Ele tirou um sarro!

– Bom, eu vou dormir, que estou cansada.

– Eu vou já, já!

– Adorei o dia de hoje. Parabéns! Estava ótimo. Boa noite.

E ela se recolheu para consultar o diabinho e o anjinho sobre o amontoado de dúvidas que Cisco lhe deixara. Até dormir.

CAPÍTULO III

– Valorize o seu suor pra dignificar e valorizar a vida, Abigail! Há empresas dignas em que você poderá se empregar! Se eu não acreditasse nisso, já seria assaltante há muito tempo. – Sandro lhe disse isso e foi jogando na mesa os anúncios que ela havia recortado dos jornais, dizendo: – Boca de porco! Arapuca! Sanguessuga do suor alheio! Este seria bom, mas o salário não condiz com o seu currículo.

Ela recolheu os anúncios e amassou-os, desanimada. Era noite de sexta-feira. Desde segunda andara por São Paulo no estafante e desanimador trabalho de procurar emprego. Ela, que sempre prestara serviço na mesma empresa, estava sentindo na pele a crucificante tarefa por que passa o trabalhador na busca do ganha-pão nos tempos regulares de crise. Havia encontrado alguns, até fora de sua experiência profissional e com propostas sedutoras, mas Sandro, adaptado ao perverso gigantismo de São Paulo e sindicalista experiente, a

orientava e podava seu entusiasmo: “Picaretagem!” Ela aceitava o veredicto do cunhado. Porém, naquela mesma noite ele lhe dera uma esperança para a semana seguinte: compraria os jornais no domingo pela manhã e recortaria os anúncios quentes para que ela fosse ver na segunda. Assim, mais tranqüila com relação ao seu problema maior, ela passou o sábado entre as tarefas do cotidiano, pensando no que aconteceria em Campos do Jordão, na casa dos pais de Nanci.

Dormiu cedo no sábado e cedo acordou no domingo. Eram seis e meia e já tinha comprado pão e jornais, estava preparando o café e pensando ainda como Cisco iria convencer o pai de Nanci a aceitar o amor incomum da filha. Aparentemente era uma coisa simples, já que Nanci somente queria que o pai aceitasse sua opção de vida e que não rompesse os laços afetivos que os uniam. Ela era maior, independente financeiramente, e não estava propondo que ela e Bruna vivessem com os pais sob o mesmo teto. Mas o que era aparentemente simples tinha um complicador que a razão não explicava. Estava claro que Nanci amava os pais e não queria que os ressentimentos permanecessem entre eles como incômoda barreira, prejudicando o amor familiar que os unira por tanto tempo. Mas até os preconceitos se incorporam à personalidade e não é fácil se desfazer de coisas que já estão inseridas em nossa existência como verdades absolutas. Como todo impasse, havia dois lados que se opunham e os dois lados tinham razões a se respeitar. Cisco crescera em seu conceito ao lhe mostrar as razões de seu Samuel. Ela compreendera que tinha um conceito de razão simplificado por não respeitar as razões e os porquês do outro. Compreendera vagamente que a incompreensão com os preconceitos do próximo podia trazer em seu bojo preconceitos também.

Estava adoçando o café e envolvida nesses pensamentos quando Sandro apareceu e, vendo os jornais sobre uma banqueta, foi direto a eles:

– Bom dia! Nada melhor do que acordar sentindo o cheiro de café e tendo os jornais à mão.

– Então por que você não faz assinatura de um?

– Não precisamos. A Leilane lê no PT e eu leio à tarde no Sindicato. Só tenho assinatura da *Veja*. Ah! Deixe te dizer uma coisa que tava esquecendo: ontem um amigo me deu uma

dica de uma quitinete pra alugar na Bela Vista. Estou com o endereço aí. Vou deixar junto com os recortes dos anúncios.

– Legal. A Bela Vista é um bairro bom? – ela perguntou, ao mesmo tempo que lhe servia o café.

– Obrigado. A Bela Vista é o Bixiga. É colado ao centro e um dos bairros mais agitados da cidade. A Vai-Vai é de lá!

– Ah, do Bixiga e da Vai-Vai já ouvi falar. Nossa, mas se é quase no centro, o aluguel deve ser caro!

– Não. É uma quitinete e lá é um bairro de classe média. Tão cheio de contrastes como a cidade, o país, o mundo... – A campainha tocou e ele cortou a própria fala, dizendo: – Atenda você que é o teu marido de hoje!

Ela desceu para abrir o portão e deu a face para o beijo de Cisco, perguntando ao mesmo tempo:

– Leu a Bíblia?

Ele respondeu:

– O suficiente. Estou com a alma levitando!

Ela fez uma cara de censura e indagou:

– Está confiante de que tudo dê certo?

Ele foi enigmaticamente debochado:

– Mesmo que não dê certo, não há por que dar errado porque faremos bem.

Ela desconsiderou sua charada caduca e nem perguntou o que ele queria dizer com aquilo. Subiram, e na cozinha ele sentou-se à mesa sem cerimônia, com a intimidade de quem se considera da casa, desejando um bom dia a Sandro, que retribuiu o cumprimento emendando a mesma pergunta de Abigail:

– Está preparado pra que tudo dê certo?

Cisco agora foi mais explícito na resposta:

– Se não conseguir tirar o ressentimento do peito do pai da Nanci e fazer com que ele tenha uma visão mais clara da situação e a aceite sem grande dores, me transformo num teólogo e fundo a seita “Pai, por que me abandonastes?”.

Sandro riu e disse:

– Abigail, por favor, traga a minha carteira que eu quero ser o primeiro a pagar o dízimo para essa congregação.

– Eu prefiro ser pastora, que assim não pago o dízimo e tenho algum lucro! – disse Abigail, colocando na cesta os pães

que comprara. Mas logo retraiu-se, queixando-se: – Que idiota! Entro nos deboches de vocês e acabo desrespeitando a crença alheia.

– Não se preocupe, Abigail; muitas das coisas que respeitamos são fontes de desrespeito para todos nós! Caifás, sumo sacerdote adversário de Jesus, tem representantes no seio do cristianismo. E até seguidores de Judas com seus 30 dinheiros também proliferam entre os cristãos, mas eles fingem que não vêem e lavam as mãos como Pilatos. Há joio entre os cristãos e o joio abafa o trigo!

– Pôxa, você acordou evangelizado, hein? – disse Sandro.

Abigail pôs-se a comer e Cisco rejeitou o pão, dizendo-se alimentado e servindo-se de um gole de café puro. Leilane apareceu e uniu o cumprimento à satisfação da curiosidade:

– Bom dia. Trouxe as alianças?

Cisco respondeu que sim e, bebendo o último gole do café, disse a Abigail:

– O café está ótimo. Você já pode ser minha esposa só por hoje.

Ela rebateu a ironia dele com uma alfinetada:

– A vida é assim; há homens que necessitam da mulher só para arrumar-lhes a cama, outros para desarrumá-las.

Ele manteve a ironia:

– É verdade. Porém, um homem prendado como eu necessita da mulher como amiga e namorada de vez em quando. Eu sei arrumar e desarrumar minha cama.

As farpas foram trocadas naturalmente, em clima de recíproca simpatia e espírito esportivo, e quando ela terminou a refeição, ele tirou de sua carteira as alianças e o anel, presente de Willian, o ancoradouro. Ele devolveu a ela o anel e lhe deu uma das alianças. Logo que colocou no dedo, ela protestou:

– Ei! Essa não é minha. Eu não tenho esse dedão!

Ele, com cinismo, disse a Sandro:

– Ensine à noiva o ritual!

Sandro fez-se de padre e explicou a Abigail a cerimônia da troca de alianças, e ela colocou a de Cisco em seu dedo e recebeu dele a que lhe cabia, com as bênçãos e o sermão de Sandro, que terminou dizendo:

– E que sejam felizes até que a noite os separe!

Leilane foi testemunha.

Sandrinho chorou lá no quarto e o pai gritou feito garçom no balcão:

– Sai uma mamada quentinha pro leite número um!

Leilane levantou-se, dirigindo-se para o quarto e reclamando:

– Pôxa! Por que os dois seios na mulher? Um deveria ficar com o homem!

Sandro, imitando Cisco, exclamou:

– Reivindicações desse tipo são no último andar do infinito!

Cisco, já se levantando, gritou:

– Leilane! Estou trabalhando num projeto de seios de silicone para homens, e quando o Sandrinho crescer poderá amamentar o próprio filho!

Ela respondeu de lá:

– Para ele não interessa, o pai é quem teria de usar!

Abigail pegava sua bolsa no sofá da sala e Cisco lhe perguntou:

– Você não ficaria emocionada de ver seu afilhado amamentando o próprio filho, com seios criados por mim, seu padrinho?

– Eu ficaria agradecida se o padrinho e o pai do meu afilhado falassem menos bobagens – ela o contrariou, rindo.

Mas Sandro gostou da idéia:

– Pensando bem, não está fora da lógica os seios artificiais para homens amamentarem. Podem até ser abastecidos com leite de búfala! Afinal, daqui a alguns anos os bebês virão à luz da vida pela vagina artificial de um laboratório grávido. É só esperar pra ver!

– E isso será um grande avanço, porque se eliminará um enorme preconceito: sendo todos filhos de laboratório, ninguém será filho da puta! – falou Cisco, já lhe apertando a mão: – E viva o progresso!

– Boa sorte lá! – desejou Sandro.

– Obrigado! Tchau! – gritou Cisco.

– Tchau e boa sorte! – desejou Leilane, aconselhando:

– Abigail, leve agasalho que lá faz frio!

– Tô levando! – respondeu Abigail, já saindo. E Cisco lhe perguntou:

– Cadê sua mãe?

– Cismou de fazer sapatinho de tricô para o neto ontem à noite. Deve ter dormido bem tarde! Está dormindo ainda.

Subiram na perua e partiram. Ela notou que ele desceu a Miguel Stéfano fazendo um trajeto oposto ao que ela estava acostumada a fazer em direção à Avenida Jabaquara. Abigail perguntou-lhe se elas moravam longe e ele respondeu que do outro lado da cidade, mas já próximo da Dutra.

– Campos do Jordão fica mais perto do Rio ou de São Paulo?

– Uns 260 quilômetros daqui. Mais perto de São Paulo do que do Rio. Agora, Lorena, onde eu nasci, fica mais perto do Rio do que de São Paulo.

– Ah, você nasceu em Lorena? É grande a cidade?

– É pequena. Mas considerando que nasci lá, é importante – ele brincou e logo mudou de assunto: – Como é, achou emprego?

– Que nada! Andei um bom pedaço de São Paulo e não encontrei nada. Ainda bem que tenho algumas economias e o amparo da família, mas eu imagino que quem está desempregado e tem filhos deve viver desesperado.

– Principalmente considerando que dentro do conceito cultural idiota em que vivemos, no qual o sujeito vale mais o dinheiro que ganha do que o próprio caráter, o sofrimento torna-se maior. O sistema propaga o desejo, mas não tem capacidade de satisfazê-lo. Isso é meter os pés pelas mãos.

– Deve ser horrível chegar em casa sem dinheiro e sem esperança e ver os filhos passando fome.

– Abigail, o sofrimento não está só nos desempregados. Os empregados também vivem inseguros, com medo de perder o emprego. Muitos até se sujeitam a várias indignidades.

– O meu pai dizia que operários vivem na corda bamba, e é verdade!

– A crise é uma indústria, Abigail. Marx já havia previsto isso antes do início do século. E ele previu somente a crise na mecânica do capitalismo. Creio que ele não previu que os

financistas iriam brincar com a economia mundial como garotos que jogam o Banco Imobiliário.

– Mas por que você diz que a crise é uma indústria?

– Porque é como a crise da seca no nordeste. Lá a miséria chama a atenção e os investimentos e donativos vão parar na conta bancária dos poderosos para suprirem suas fazendas com poços artesianos e outros benefícios. O poder deita e rola na miséria dos oprimidos. Com a crise econômica, o mecanicismo é outro; os empregados se sujeitam a diminuir salários e abrem mãos de direitos adquiridos com medo de perder o emprego. E os desempregados se sujeitam a aceitar os salários que lhe propuserem. E a crise é um dos métodos utilizados para a escravidão remunerada dos tempos modernos. Transmitem a insegurança aos desempregados e enfraquecem o poder de barganha dos sindicatos. Corroem o intestino dos sindicatos alimentando o peleguismo, e proliferam os parasitas provocadores da doença dos oprimidos. E isso vai passando de geração a geração. – Ele parou de falar um instante, atento à manobra que fazia para entrar numa avenida, e ela leu placa: Avenida Abrahão de Moraes. Ele voltou a falar:

– Você já prestou atenção aos noticiários sobre a África nos últimos tempos?

– Já vi alguma coisa... Ah! Angola! Vi umas imagens que me comoveram; mulheres magérrimas com crianças famintas no colo, quase morrendo. Deprimente!

– Pois é, alguns países ali vivem constantes revoluções civis. A África é um continente em que o imperialismo devastou não só as riquezas minerais, mas também a própria cultura do povo de lá. No entanto, mesmo esses países com miséria crônica têm uma distribuição de renda superior à do Brasil.

– Não brinca!

– Eu não brinco com essas coisas. Eu me revolto. Se houvesse uma pesquisa mundial para se saber qual país possui o solo mais dadivoso do planeta, o Brasil seria um dos francos favoritos. É mais favorito do que a seleção brasileira em qualquer torneio de futebol! Mas quando o campeonato é de distribuição de renda, a gente disputa com Serra Leoa e uns dois ou três o último lugar.

– Meu Deus, isso é triste!

– Isso não é triste, Abigail, isso é pra dar gargalhadas bem insanas! Isso é falta de vergonha na cara do povo em geral, desde qualquer dirigente a qualquer mendigo. Todos nós deveríamos nos sentir envergonhados por pisarmos em solo tão rico e tão mal aproveitado. Ou, por outra, injustamente aproveitado! – Por um momento, ele tirou os olhos do trânsito e olhou para ela quando falou a última frase. Abigail notou em seu olhar o brilho da indignação, e falou, como que tentando acalmar-lhe o espírito:

– Cisco, quando eu estava na escola primária, os professores diziam que o Brasil era o país do futuro e ainda hoje se fala isso. Eu acredito, você não?

– Os professores que disseram isso ouviram dos professores que lhes ensinaram. O problema é que eles não aprenderam e nem sabem ensinar como traduzir palavras e sonhos em realidade. Um país só tem futuro se há gente trabalhando para isso no presente. Olhe a África, Abigail! A África foi tão sugada pelos países imperialistas que hoje alguns países de lá transformaram-se em zoológicos a campo aberto, sua grande fonte de renda é o turismo e suas riquezas são os animais. Os homens que comandam as finanças do mundo são vorazes e inseqüentes, e os países industrializados, que comandam o jogo econômico, não nos querem mortos, mas vivos como submissos fregueses. O Brasil no cabresto é útil a eles. Independente, torna-se um concorrente de peso. Ou nos cuidamos ou seremos eterna colônia.

– Nossa! Que descrença!

– Olha, quando se come porcaria pensando que é iguaria, o prazer é fantasia! Realidade é realidade. Para que esse país se transforme num país promissor, tem que ter uma estrutura de país. Precisa de reformas em todas suas instituições: tributária, política, judiciária, educacional!... É preciso mudar o olhar cultural do país, porque o brasileiro sofre de um sadomasoquismo cultural crônico. O relacionamento povo e poder, aqui, é doentio. A elite é perversa!

– Nossa! Como você é revoltado com o poder! Se houvesse uma revolução civil aqui, você seria o primeiro a pegar em armas, não é?

– Não. Você está enganada. Meu guru militar é o Marechal Rondon. Aquele que disse: morrer quando preciso for,

matar nunca! Ele é, pra mim, o patrono do exército dos humanistas. Pra mim, ele vale mais do que todos os soldados cristãos que lutaram em todas as ditas guerras santas. Abigail, quem pega em armas no Brasil e defende interesses próprios em nome do país é o poder, tanto daqui quanto de fora. É a mentalidade de poder pelo poder que é violenta e insensível e tem que ser questionada por todos. Eu não penso em matar pessoas, Abigail, mas acho que se deve esmigalhar, massacrar idéias ruins. E não veja nessa indignação ódio contido, porque não há... O ódio no peito é uma medalha de dor, fracasso e burrice, porque só machuca o peito que o abriga... Não sou eu o perigoso, perigosos são os homens que defendem injustiças em nome de seus privilégios...

– Então não tem jeito, Cisco?!

– Eu só vejo uma saída decente e pacífica. Aliás, esta saída, o mundo todo necessita dela. Seria a democratização do ensino fundamental. Uma reforma educacional embasada no humanismo e na cidadania. A maior fragilidade de um homem não está na fome, está na cultura. A maior fragilidade de um povo não está na precariedade dos seus recursos econômicos, está na falta de educação. Um povo mal educado não sabe defender nem um prato de comida como direito.

– Mas esse poder que você abomina concordaria com isso?

– Não! A classe que bóia acima dos mortais brasileiros sofre da síndrome do Tio Sam, não gosta de concorrentes. Poucos entre eles chegariam a pensar na hipótese, mas a maioria não, porque raciocina com o umbigo... Este seria, no meu entender, o melhor presente que as esquerdas poderiam dar para o futuro deste país, conscientizando a sociedade sobre as vantagens, para a própria nação em geral, que uma educação cidadã e humanista traria.

Abigail não conseguiu atinar com profundidade o que seria uma educação humanista e cidadã. Na realidade, estava mais interessada em questionar a personalidade de Cisco. Ele tinha um ponto de vista particular sobre as coisas, que a surpreendia a todo momento. Era petista, mas não era filiado; era agnóstico, mas agia como um cristão autêntico; era revoltado com os

desmazelos e a insensibilidade do poder, mas não pegaria em armas para combatê-lo; preocupava-se com os movimentos sindicais, mas era um reles camelô; demonstrava ter cultura acima da média, não chegara à faculdade; era um bom partido para qualquer mulher interessada num companheiro, mas fugia do casamento; gostava de crianças, mas não demonstrava interesse em ter filhos. Cisco era o reverso de todo o homem que conhecera, e isso a confundia. E o que mais a fascinava é que ele era espontâneo e transparente em tudo aquilo. Ela não conseguia admitir ou acreditar que houvesse no mundo uma pessoa capaz de viver sem segredos, mas Cisco se aproximava disso, desafiando-a compreendê-lo.

Olhou-o. Ele cantarolava uma imitação de sons de bateria e batucava com os dedos no volante. Não tinha cara de alcoólatra, no entanto se dizia um alcoólico declarado. Lembrou-se de Pérsio. Ele rodeara as asas sobre ela como um gavião, logo na primeira vez em que se viram. Cisco não. Estava com ele a sós e ele não pronunciara uma única palavra que indicasse um assédio, sensualidade ou malícia, mesmo que refreada ou puramente alegórica. Ele não deixava transparecer nada nesse sentido e conversava com ela como se fossem do mesmo sexo. Isso a incomodava.

Absorta em seus devaneios e sentindo o prazer da brisa fresca em seu rosto, olhando letreiros e diferentes construções que passavam na ampla avenida, ela percebeu que esta mudara de nome, sendo agora Ricardo Jafet. Lembrou-se do fato de ele não ser filiado ao PT e resolveu indagar o porquê:

– Cisco, a Leilane me disse que você não é filiado ao PT. Por que você não se filia?

– Eu vejo o PT como uma esperança. Mas eu não tenho interesses dentro do partido, por isso não sinto necessidade de me filiar. De fora também sou útil. Eu sou um patuléia da pá virada! Minha oposição não é só contra governos, faço oposição ao status quo.

– O que é patuléia?

– Patuléia é o apelido que se dava ao Partido Popular em Portugal, em 1830 e pouco. Era o partido da ralé, da plebe. Quando eu tinha uns dezoito anos, li essa palavra num dicionário e gostei do significado. Passei a imaginar que o Brasil

deveria ter um partido que nascesse do povo, como aquele. Todos os partidos, salvo os PCs, nascem de cima pra baixo, e, no meu entendimento, esses partidos não vão combater os males que eles mesmos produzem. O racha entre eles não passa de disputa na divisão dos lucros que a massa produz. O conceito conjuntural não é esse, mas a prática é! E eu, que nos meus devaneios era um patuléia, alguns anos depois fiquei feliz em saber que o Lula, junto com gente da Igreja progressista, intelectuais e operários, ia fundar o PT. Só que eu imaginava que o partido fosse priorizar a politização do povo espalhando informações pelas favelas, pelos sertões, e mostrando a verdadeira cara do Brasil, que os meios de comunicação a serviço do poder escondem ou deturpam, com estatísticas computadas pelo espírito de Maquiavel.

– Mas por que você não se filiou?

– Eu fui participando de movimentos populares: negros, mulheres, favelados, sindicais etc., fui deixando passar e não vi necessidade. Sou como o Carlito Maia, conhece?

– Aquele publicitário que cria muita coisa pro PT. Aquele adesivo OPTEI, foi ele quem criou, não é?

– Foi. Ele diz que não pertence ao PT, o PT pertence a ele. Eu tô nessa barca. Não há necessidade de filiação, Abigail! Eu vejo o Monteiro Lobato como um dos maiores políticos que o Brasil já teve; no entanto, ele nunca foi filiado a partido nem foi candidato a nada. E eu acho que ele teve um valor político maior do que centenas de homens que já passaram pelo Congresso Nacional.

– Engraçado. As nossas circunstâncias são atípicas. Eu sou filiada porque o meu pai me filiou. Mas sempre tive uma vida apolítica e nunca participei de nenhum movimento do PT, como faz a Leilane. Agora é que estou pretendendo me enfronhar e participar, porque estou entendendo a importância disso. Você que tem consciência política e participa há tanto tempo não se filia. Bom, tudo bem, né? Um radical a menos dentro do PT.

– Abigail, este papo de radicalismo merece análise mais séria. Há uns malucos dentro do PT? Há! Da mesma maneira que havia um Judas entre os apóstolos de Cristo, há joio também dentro do PT. Não se esqueça que os integrantes do PT são também filhos da cultura brasileira. Mas, num cômputo geral, são

homens que lutam contra esta cultura até dentro de si mesmos. Eis a diferença!... Mas é necessário tomar muito cuidado ao ouvir o que os meios de comunicação propagam, porque eles são cabos eleitorais do poder. E você sabe, o homem é um animal inteligente que cria lavagem cerebral e burro porque se sujeita a ela. Por que chamar de radical a reação e não ver radicalismo na ação? Um país desestruturado, onde a impunidade impera e privilegia quem oprime uma massa enorme de seres humanos, não é radical? Eu acho que se Jesus vivesse aqui, acharia radical, assim como ele achava César e os sacerdotes hebreus radicais, tanto é que foi contra Caifás e o poder romano. – Ele calou-se um instante, e voltou a falar: – Abigail, o maquiavelismo é mais antigo do que Maquiavel, que apenas assimilou e transmitiu o DNA que lhe passaram... Desde os primórdios, os problemas sociais foram criação dos comandantes, e não dos comandados. Não se iluda com a retórica do poder...

– É um caso para refletir.

E ela pôs-se a pensar se ele era radical. Rememorou o que ouvira dele, analisando suas atitudes e suas práticas. Ela o conhecia pouco, mas o pouco que sabia dele era o suficiente para entender que a indignação estava encrustada em seu ser. Ele cortou seus pensamentos:

– Se eu tivesse o talento de um pintor, sabe qual seria minha obra-prima?

– Qual?

– Pintaria um quadro grande numa sala, com um bebê sentado no chão, apreciando-o. O quadro seria de um mulato com traços clássicos de branco. Um olho com olhar desvairado, e do outro olho desceria uma grossa lágrima. A boca sorridente teria presa nos dentes um charuto. Uma perna faria embaixada com uma bola e próximo a ela haveria dinheiro e cartões de crédito espalhados no chão. A outra perna seria de pau e estaria atolada numa poça de lama. Ao fundo haveria uma pirâmide, tendo no cume uma porção de barras de ouro, e seu corpo seria sustentado por bananas até a base. Usaria chapéu...

– Mas que maluquice! – Ela cortou-lhe a fala, não o deixando terminar a exposição do quadro. – Quem compraria um quadro desse?

– Eu presentearia o Congresso, para que fosse pendurado na parede e servisse como lembrete aos congressistas para se empenharem em mudar o quadro social brasileiro, a fim de que o país não mais inspirasse quadros tão horríveis.

– Eles te pendurariam na parede em vez do quadro.

– Não é difícil. – E ambos riram.

Ela imaginou o quadro pendurado na parede do Congresso. Pensou que mesmo que houvesse adeptos do surrealismo entre os congressistas, nenhum deles iria querer o quadro pendurado lá. Imaginou até que boa parte da sociedade gostaria de queimar o quadro junto com o pintor, afinal ninguém gosta de ser retratado pelo pior ângulo e sem maquiagem. Mas se ele fosse um pintor que desse vida às tintas e às cores, o quadro poderia exercer certo fascínio em alguns. Afinal, até filme de terror faz sucesso. Considerando que ele tivesse razão ao dizer que o brasileiro sofre de sadomasoquismo crônico, o quadro exerceria um fascínio repugnante, tipo “quero ver mas não quero ter”. E o choque causado pelo quadro poderia despertar o brasileiro para o Brasil. Ela entendeu que, na visão dele, o país era um emaranhado de contrastes: dores e alegrias, esperança e desespero, luxo e lixo. Imaginou a pirâmide ao fundo e concluiu que ele tinha razão: o Brasil é um contraste vivo, real.

Ele a despertou do seu mundo imaginário, dizendo:

– A classe média deste país seria o princípio da solução, mas ela é o esteio do problema...

– Não entendi. E o resto do povo, por que não é?!

– No DNA cultural que nos acompanha, na convivência social, a cultura subdivide-se em três: a cultura A, a cultura B e a cultura C. Grosso modo é isso. A classe que comanda este país, a poderosa, está condicionada na cultura da posse. A cultura do “faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço”. São aqueles que dão mais valor à torneira de ouro do que à água. Estão mais interessados em defender suas instituições e seus egos gulosos do que a sociedade, que para eles não passa de números. Bobagem contar com eles... Esperar também da grande massa de oprimidos é o mesmo que viver ao Deus-dará. Além da pobreza física, eles sofrem da miséria educacional, que é a pior das misérias. A cultura deles é de sobrevivência.

– Se os dois extremos perdem-se na própria cultura, a mudança só pode vir da classe média. Tem sentido.

– *Seria* a classe média. Mas a classe média está no meio do poço, pisando nos que estão abaixo e tentando agarrar-se nas botas, no saco, dos que estão fora do poço e não querem companhia!

– Pôxa, Cisco! Mas então ninguém vale nada?!

– Eu comparo a classe média aos adolescentes, finge-se adulta sem ser e defende-se com a auto-afirmação para não parecer criança. E na realidade não é nem adulta nem criança. É uma classe sem identidade definida. Sonha com a maioria falando grosso perto das crianças para se distinguir e vive preocupada com o tamanho do pinto ou das tetas. Não percebem que pinto, por maior que seja, não vale nada sem sangue, e que tetas sem glândula mamária são enfeite. E não percebem que tanto um quanto outro precisam do próximo para ter valor. Essa insegurança, no adolescente, é compreensível, porque são jovens que saíram de uma fase e entraram noutra bem complicada. Mas a classe média traz a cultura do vencer na vida! Cada um por si, Deus por todos! O mundo é dos espertos! Levar vantagem em tudo!... A classe média quer ser adulta e não percebe que a grande lição está na classe infantil. Os adultos são más companhias para as crianças...

Ele fizera uma miscelânea entre classes sociais e fases da vida humana, e a ela pareceu que toda a confusão social se resumia numa única coisa: o homem.

Abigail estava interessada no que ele falava e o ouviu ainda por bom tempo. Mas havia outro elemento que a perturbava. Eles estavam a caminho de uma tarefa muito difícil, e no entanto, filosofava sobre a vida e o sistema, não demonstrando preocupação nenhuma com a situação que iria enfrentar. Expunha os seus pensamentos como se fossem coisas há muito remoídas dentro de si, e havia em sua voz, em determinados momentos, o timbre peculiar da dor de quem desabafa. Não era um decepcionado com a vida e com o planeta, mas deixava claro que estava descontente com o sistema social. Abigail vislumbrava, nos delírios dele, um mundo imaginário onde viver e respeitar a vida era o princípio maior. E por isso ouvi-lo era agradável para ela. Ela estava gostando de viajar no sonho dele.

Abigail percebeu de repente que a avenida acabara e um monumento aparecera à frente, tendo à direita um grande parque e um enorme palácio com ares do século passado. Ia perguntar o que era aquilo, mas Cisco se antecipou à pergunta:

– Aqui é o Museu do Ipiranga. Na verdade este é o Monumento da Independência e lá é o Museu Paulista.

– Ah! Foi aqui que D. Pedro I deu o grito da Independência?

– Foi. Ele gritou, mas os brasileiros não levaram a sério até hoje. Nem os donos das multas e das finanças mundiais. Nem o Tio Sam. Esse deve ter sido um dos gritos menos ouvidos em todos os tempos.

– Ou ouviram, mas fizeram ouvidos moucos!

– Logo que surgir uma oportunidade viremos aqui.

– Ah, legal!... Tá meio abandonado, não é?

– É. O Monumento da Independência está com a cara da própria. Ambos precisam de reformas.

E seguiram em frente. Abigail leu a placa da rua: Leais Paulistanos. Quem seriam os leais paulistanos? Viu-se de repente contaminada pelo vírus dele. Cisco a havia influenciado. Sempre empregava o raciocínio para o seu cotidiano e seus sonhos. Mesmo na clínica, quando se entregara aos exercícios mentais com o anjinho e o diabinho, empregava-os a seu serviço. Mas, inesperadamente, deu-se conta de que seu pensamento começava a ir além das fronteiras de sua pele. O mundo passava a lhe interessar sob um outro ponto de vista.

Percorreram um bom trajeto em silêncio. Ele entrara em outra avenida ampla. Ela procurou ler uma placa indicativa: Avenida Paes de Barros.

– Sabe, Cisco, estou desconfiada de que paulistano não trabalha muito. Levanta cedo pra viajar dentro da cidade ou ficar parado no trânsito.

– É verdade. Se a sociedade brasileira tivesse bom senso, já teria cortado este país de ferrovias e organizado um trânsito fluvial. Teria implantado pólos industriais fora da região sudeste, dando infra-estrutura para que outras regiões se desenvolvessem. Isso desafogaria grandes cidades como Rio e São Paulo, melhorando a qualidade de vida aqui e nas regiões ca-

rentes. O Brasil é grande demais para concentrar indústrias e pessoas em uma só região.

– Mas aí tem tantos interesses envolvidos que fica confuso, não é?

– É! Os paulistas contribuem com quase 50% do imposto que arrecada a Federação, e o retorno da Federação para o Estado não chega a 5%. Isso é um vício institucional que não tem sentido nenhum.

– Qual seria, na sua opinião, a solução para esse problema?

– O Brasil precisa de uma reforma de toda a estrutura do Estado. O poder militar esteve mais de 20 anos com todos os poderes sobre este país e não fez a reforma. Isso prova que é indispensável também uma reforma cultural. Principalmente na cultura dos que exercem o poder. A elite.

– Como é possível isso? Eles querem conservar o que possuem...

– Nós todos temos que considerar a Santíssima Trindade como redentora. A Santíssima Trindade política! Democracia, educação e justiça! Tenho a democracia como um dos melhores presentes que um povo deixou para a humanidade. Empacote as sete maravilhas do mundo e me dê de presente, elas não terão valor maior do que a democracia. Pra mim, a democracia é um presente de grego que só incomoda os conservadores. Claro que me refiro à democracia séria, sem o maquiavelismo do poder embutido! Porque esta democracia que temos, e mesmo a democracia americana, é questionável. Ditadura financeira e mercado livre não combinam com democracia. Suécia, Dinamarca e Noruega estão mais próximas do ideal democrático do que o lado de cá! Por enquanto a nossa democracia parece um quadro com a frente pra parede e a bunda exposta à nossa admiração. Nós temos que sublimar a democracia e tê-la como um presente dos deuses. Eu vejo a democracia como o sangue que corre num corpo social sadio, a educação é o cérebro e a justiça é o coração!

Pronto! Ele havia lhe entregue em sua metáfora a essência do mundo dele. O mundo que ele comparava com o mundo real. Abigail imaginou que esse mundo que ele trazia no íntimo talvez ocupasse o lugar que caberia a Deus, já que era um agnóstico. Procurou conhecer mais do seu mundo particular:

– Mas Cisco, e a justiça? A justiça é uma confusão! O que pode ser justo pra mim pode não ser justo pro outro e o que parece justo pro outro pode não ser justo para mim. E se for analisar as leis, a corda arrebenta sempre do lado mais fraco!

– Quando falo justiça, não falo justiça dos tribunais. E nem no emaranhado de leis confusas, como a lei que coloca assassino universitário em prisão especial e ladrão de galinha em prisão comum.

– É! Essa é uma das leis difíceis de engolir. Nesse país se compra diploma universitário e não se dá condições pra maioria cursar faculdade!

– Pois é. Não é dessa justiça que eu falo. A justiça que penso é a justiça pura! Genuína! Sem ser maculada por leis que só não são esdrúxulas por estarem contidas dentro de um sistema injusto. O torto dentro do torto se ajusta, mas não é direito. Compreende? – Ele olhou para Abigail e ela assentiu com um movimento de cabeça. – Eu acho que a maioria das leis descumpre seu papel por não servir ao ideal de justiça. Vejo a justiça como mãe de todos os dogmas, princípio de todas as leis e eixo da convivência humana. A frase cristã “ama o próximo como a ti mesmo” traz implícita a justiça em seu seio. Baseio a justiça na verdade primária da vida: todos viemos à vida pelo mesmo caminho e somos herdeiros deste planeta. Por isso vejo a justiça como sagrada e acho que todos os impasses humanos deveriam ser discutidos em torno desse único eixo, a justiça.

Ela ouviu com atenção e gostou do que ouviu, mas resolveu brincar com ele:

– Ah, tá legal. Agora já podemos jogar fora esse sistema em que vivemos e encaixar o que você sonhou!

– Não meu bem, esta minha maluquice poderá ser vivida daqui cem anos, mais ou menos, se a geração de hoje reivindicar e preparar um projeto de educação democraticamente correto. Um ensino humanista e cidadão, administrado por igual para todos, desde as creches até a porta das faculdades. Essa minha maluquice precisa ser questionada, comparando-a com a maluquice que vivemos.

– Será que a sociedade gostaria de democratizar o ensino? Você disse que a classe média é como um adolescente que não está nem aí para o resto!

– Você tem razão! A nação xavante tem um lema de vida muito interessante. É mais ou menos assim: tudo o que se usa hoje, deve-se preservar para a sétima geração que virá. É essa a maior lição de amar ao próximo como a ti mesmo que eu conheço. Porque o próximo não é só o filho, nem o cônjuge ou o amigo, o próximo é também os que faleceram e deixaram raízes culturais como herança e os que nascerão e receberão as heranças que vamos deixar. Resumindo, Abigail: enquanto a humanidade não discutir suas misérias e vaidades com franqueza, a compaixão não será mais do que um sentimento idiota!

– Credo, Cisco! Também não é assim.

– As desgraças que a humanidade produz, submissa ao DNA cultural maligno que nos persegue de geração a geração, tornam as palavras, principalmente dos dirigentes, puro nhenhém! E o povo embarca de gaiato.

– Cisco! Me explique que raio de DNA cultural maligno é esse!

– Quando eu falo em DNA cultural maligno, quero dizer que nós, humanos, trazemos conosco uma cultura predadora que passa de geração a geração, alimentada e sustentada pela cultura do poder em todos os países que se formaram como países civilizados. E esse DNA cultural se impõe tanto no relacionamento interno de um país, entre poder e indivíduo, como também no poder de países sobre outros. No meu entendimento, estamos entrando no admirável mundo novo, com nova roupagem sobre velhíssima estrutura. O admirável Novo Império Assírio, o admirável Novo Império Alexandrino, Império Romano Moderno e assim por diante.

– Você vê mesmo assim ou está tirando sarro da minha cara?!

– Vejo assim! Se você analisar os lamentos do povo hebreu de 2.600 anos atrás, perceberá que o povo brasileiro de hoje tem o mesmo perfil psicossocial, salvas as devidas proporções, naturalmente. Tirando o desenvolvimento científico e tecnológico e algumas outras mudanças culturais, nas questões emocionais e no relacionamento social você perceberá que os lamentos não diferem.

– Ah, você tá exagerando!

– Leia os Salmos, leia Eclesiastes, leia Jó, leia Sabedoria,

leia Jeremias, Isaías. Leia a Bíblia, Abigail!... Você leu *Grande Sertão: Veredas*?

– Li! Adoro Guimarães Rosa!

– Leu *Os Sertões*, de Euclides da Cunha?

– Esse não.

– É uma pena, você iria perceber que Antônio Conselheiro não morreu, apenas perdeu poder. E Antônio Conselheiro não era diferente dos profetas hebreus.

– Se no seu conceito nós somos influenciados pelo DNA cultural maligno...

– Nós somos influenciados pelo DNA cultural ingênuo. O maligno é com os poderosos. Apesar de que o ingênuo é maligno porque dá força ao pólo oposto.

– Tudo bem. Mas se somos influenciados pelas circunstâncias, os poderosos também são, então eles não têm culpa de sua condição e situação!

– Claro que não, Abigail! É por isso que não rezo a pena de morte pra eles, apesar de que eles não dão um tostão pela minha vida. – Ele olhou para ela e ambos riram. Ele continuou: – E isso não é conceito meu. É uma descoberta perceptiva de Spinoza e outros pensadores. Eu creio nisso com toda fé que se pode ter numa crença. E uno esse pensamento ao pensamento de Buda: “O que somos é consequência daquilo que pensamos.” Do pensamento de Spinoza, unido ao de Buda, percebo que a vida humana se desenvolve numa permanente marcha, tanto coletiva quanto individualmente. Claro que no meio disso tudo entram as lavagens cerebrais, as desinformações, as informações maquiavélicas e algumas outras interessantes, vindas de pensadores, que poderiam aprimorar todos se o ensino fosse democratizado. Nós já sabemos quem somos. Só falta descobrir de onde viemos e pra onde vamos. E eu não vejo motivo para se amedrontar com esses mistérios. Penso como o Marquês de Sade: “Nós estamos aqui porque seria impossível que não estivéssemos.” Diante disso, penso que qualificar e democratizar a educação é imprescindível para a evolução da raça humana... Por que as instituições arcaicas têm que ser sustentadas pelas dores da maioria de seres humanos? “Não lhe dê o peixe, ensine-o a pescar.” É essa a máxima cristã mais importante. Já é hora de pescar o saber.

– Então, Cisco, se realmente a coisa funciona assim, somente se se democratizar a educação com um ensino mais humanista e justo, pode-se mudar o horizonte da humanidade. Acho que você tem razão!...

– Abigail, nós estamos patinando no nhenhém, no lenga-lenga, há muito tempo! O que difere o dito homem civilizado – ele olhou para ela e tirou a mão do volante, fazendo o sinal característico de aspas em “homem civilizado” –, o que nos difere dos yanomamis, por exemplo, é que na nossa civilização foram mescladas culturas de uma enorme quantidade de povos, muitos já extintos, e esse cruzamento de culturas diferentes fertiliza a imaginação e desenvolve a inteligência e a criatividade. Mas o mecanismo de formação cultural que existe entre os yanomamis, ou todos os chamados povos primitivos, é o mesmo que acontece entre nós. E mesmo com a enormidade de conhecimentos que adquirimos, eles possuem uma convivência mais sincera do que a nossa, porque entre eles poder e povo vivem no mesmo patamar e as mentiras e outros elementos desagregadores não são tão institucionalizados como é entre nós. Há dignidade no olhar dos índios! Se eles não possuem muitas das nossas virtudes, também não possuem muitas das nossas vicissitudes.

– Cisco, não dá pra concordar com tudo o que você diz, mas há uma certa coerência. Eu já não tenho dúvidas de que a educação tem que ser democratizada, mas há algumas coisas que eu não assimilei muito bem, precisaria pensar.

– Eu penso da seguinte maneira: a liberdade da humanidade não tem limites, mas a liberdade dos indivíduos deve ter. E a justiça é a sua fronteira. É por isso que acho que essa conversa de liberalismo não passa de um jogo de palavras sadomasoquistas entre espertos e idiotas. Nunca se combaterá a violência social por esse caminho! E nós precisamos aprender que em todos os discursos sobre direitos humanos estão embutidos os deveres. É como a interdependência entre alegria e tristeza. Ninguém tem referência da alegria sem conhecer a tristeza. Uma não existe sem a outra... É por isso tudo, Abigail, que só tenho três dogmas sagrados: democracia, justiça e educação. E acho que a humanidade deve estar acima das instituições, pois as instituições devem existir para nos servir. Entendeu por que eu ganho meu dinheiro anarquicamente? Não tenho pudores porque a elite é anárquica e também não tem.

– E é por isso que você é camelô?

– É. Eu não tenho grandes ambições, mas prezo a dignidade da minha vida. Acredito que me sujeitar aos costumes e só pensar no cotidiano é limitar a viagem pela vida... A história passada e a história que virá fazem parte também da nossa história.

Ele disse isso e calou-se. Abigail envolveu-se em seus pensamentos. Agora ela compreendia melhor por que ele rejeitava as garantias de um emprego formal. Seus valores baseavam-se na existência e não nos costumes do sistema, que para ele eram por demais injustos e sem a riqueza da dignidade humana. Que a vida valia mais do que o dinheiro, para ela sempre fora óbvio. Contudo, era óbvio também que a cultura do sistema privilegia os endinheirados. E ela compreendeu que para Cisco o dinheiro era um objeto de troca como fruto do trabalho, mas não exercia nele nenhum poder. Ele era radical? Sim, era radical. Mas não era um rebelde sem causa. Ele já havia dito que não era opositor de governos e sim do status quo. Via a violência como fruto principal na relação opressor/oprimido que o próprio sistema impõe como cultura. E via os poderosos também como filhos de um DNA cultural maligno, o que os tornava inocentes diante da predestinação que o próprio DNA cultural impunha. Por compreender-lhe a raiz, inocentava os poderosos como homens, mas deixava claro que era necessário “estragalhar, esmigalhar as más idéias”. E ela concluiu que, diante de um quadro assim, era natural que ele pensasse na democratização da educação para ampliar os horizontes das gerações vindouras. Seria uma autodefesa da humanidade contra os seus próprios males. Achou interessante que ele expusesse isso utilizando a máxima cristã “ama o teu próximo como a ti mesmo”, unindo-a a uma máxima do povo xavante: a preocupação constante com as sete gerações seguintes.

Agora estava claro para ela por que ele era agnóstico. Cisco carregava dentro de si uma religião que se antepunha às religiões institucionalizadas. “Leia a Bíblia, Abigail!”, ele dissera. Ela, uma apegada aos ensinamentos cristãos, já havia sentido uma certa dor na consciência, no dia do batizado de Sandrinho, quando ele lhe dissera: “É mais coerente quem leu e não crê do que quem crê e não leu.” Naquele dia ele lhe havia dito também que ninguém é digno de ser invejado e ninguém merece menosprezo por

ser o que é. Deu a entender que ninguém é dono integral de sua vontade e nem possui o livre-arbítrio, quando lhe perguntou se ela havia escolhido nascer como era. Fora justamente nesse ponto que ela começara a se interessar pelas idéias dele. Idéias que na verdade ele deixara claro não serem dele precisamente, e sim de Spinoza e muitos outros pensadores. Na sua miscelânea de pensamento entravam Buda, Marx, os xavantes, Jesus etc. Pensando no que ele havia dito, ela imaginou a humanidade representada por um atleta-geração em uma corrida de revezamento na pista da vida, passando o bastão para outro atleta-geração, que corre e passa para outro... E no bastão que passa de mão em mão de cada atleta-geração, a mensagem-destino: as circunstâncias nos fazem aquilo que somos e o que somos é reforçado por aquilo que pensamos... Mas e Deus? As pessoas precisam de Deus para o seu fortalecimento espiritual? Ela perguntou-se e ela própria respondeu: O conceito de Deus nele era a sua Santíssima Trindade: democracia, justiça e educação. Mas vale a pena viver assim? Vale a pena viver com conceitos diferentes e divergentes do convencionalismo social? Novamente ela mesma respondeu: se ele tem razão no conceito que diz que “somos filhos das circunstâncias”, ele vive o seu modo de ser e a sua realidade. Ele é o que as circunstâncias o fizeram ser. E ela não o via como um infeliz. Via-o como um maravilhado com a vida, mas frustrado com a forma de convivência humana.

Prometeu a si mesma ler a Bíblia com a atenção merecida e checar se ele tinha razão em dizer que os lamentos do povo hebreu eram semelhantes aos lamentos do povo brasileiro nos dias de hoje.

Ela se envolvera tanto com o assunto que não mais prestara atenção ao trajeto que percorriam, despertando de suas reflexões diante de uma linda praça. Leu a placa: Praça Silvio Romero e lembrou-se de uma aula em que um professor lhe dissera que Silvio Romero achava Tobias Barreto superior a Machado de Assis e Castro Alves. Ela mesma achava Gonçalves Dias melhor poeta do que Castro Alves. “Tudo é discutível”, concluiu. Mas logo lembrou-se de um poema de Castro Alves de que gostava: Bendito o que semeia livros. / Livros às mãos cheias / E leva o povo a pensar / O livro caindo n’alma / É germe que faz a palma / É gota que faz o mar.

Cisco libertou-se de sua concentração e a despertou de seus devaneios:

– Achou longe, Abigail?

– E como! Paulistano não precisa viajar pra fora, tem uma cidade inteira para viajar.

– O interessante é que aqui há bairros que possuem cultura muito diferente, como se fossem cidadezinhas dentro da cidade.

Ele entrou em uma vila, uma ruazinha sem saída cercada por casas iguais, tranqüila e agradável. Na porta de uma das casas apareceu Bruna:

– Quinze minutos atrasado!

– Desconta do pagamento! – respondeu Cisco.

Entraram. Elas já estavam prontas. Cisco, como se tivesse intimidade também naquela casa, foi direto à garrafa térmica servir-se de café. Abigail perguntou onde era o banheiro e disse que iria retocar o batom. Mas Cisco, não acreditando, debochou:

– Abigail, nos lábios que estou vendo não há necessidade de retoques, tá bom como está!

Ela entrou no banheiro rindo intimamente e fez o que Cisco adivinhara que ela iria fazer, depois lavou as mãos, retocou o batom, ajeitou os cabelos e saiu. Deu de cara com Cisco na porta, esperando-a sair, e ele disse:

– Eu não vou retocar o batom. Só vou urinar. – E entrou.

Nanci estava visivelmente tensa, já com a bolsa a tiracolo, afoita para sair. Bruna serviu um pedaço de bolo a Abigail, e quando Cisco voltou, perguntou-lhe se queria, mas ele não quis.

Quando saíram, Bruna foi até uma vizinha avisá-la que iria viajar e que deixariam a perua de Cisco lá. Pediu-lhe para dar uma olhada. Entraram no carro de Bruna, ela iria dirigir. Cisco sentou-se no banco de trás, ao lado de Abigail. Quando partiram, Bruna disse:

– Seja o que Deus quiser!

– Deus! Você falou em Deus e me fez lembrar que foi Ele quem me livrou de morrer na Ásia! – disse Cisco. As três olharam para ele intrigadas, e Bruna indagou:

– Mas você já esteve na Ásia?!

– Não. Mas pela idade que tenho, se tivesse nascido nos Estados Unidos, tudo indica que seria convocado para a

guerra do Vietnã e morreria por lá. Foi Deus quem me livrou de nascer nos Estados Unidos e morrer no Vietnã!

As três ensaiaram um riso e pararam. Ensaíaram xingá-lo e pararam. Bruna falou:

– Abigail, como é que a gente consegue ser amiga de um sujeito desses?

– Tendo paciência. Afinal ele não é filho de Deus, é filho das circunstâncias. Perdoemos!

Aí as três riram. E ele também.

Bruna entrou e saiu por várias ruas, e Abigail constatou a diferença entre São Paulo e Santos, sua cidade nas manhãs de domingo. Enquanto a grande cidade esvazia-se nos fins de semana, a pequena Santos enche-se de visitantes. Ela constatava esse contraste, quando Nanci comentou com Bruna:

– Olha Bru, eles estão de alianças, estão casadinhos!

– Ah, vocês arrumaram as alianças?

– Sim. Sou casado só por hoje!

– Suporto esta aliança por ser só hoje, mas não tenho nada contra o casamento – disse Abigail, rebatendo a ironia dele. E Bruna ficou do seu lado, afirmando:

– Você quer dizer que o Cisco como marido por um dia é suficiente?

Abigail confirmou e Cisco vestiu a carapuça em silêncio.

Entraram por uma avenida e Abigail leu: Avenida Tatuapé. Cisco quebrou o silêncio:

– Você tem muitos amigos na cidade, não é, Nanci?

– Claro. Nasci lá!

– Alguém sabe que você está tendo um romance homo?

– Deus me livre! Numa cidade daquele tamanho essa coisa se espalha mais rápido do que água de inundação. Meus pais teriam que vender a casa e mudar-se de lá!

– Mas como vocês fizeram quando a Bruna foi lá com você?

– Eu fui lá à noite – respondeu Bruna. – A Nanci e eles discutiram, ela pegou as coisas dela, pusemos no carro e viemos embora direto.

– E o que seus pais têm dito para os vizinhos?

– Estão dizendo que arrumei um serviço em São Paulo e me mudei.

– Então quando chegarmos próximo da cidade, teremos que trocar os pares, Bruna.

– Entendi. Eu dou na vista e se a Ci estiver comigo, vão desconfiar. Tá tudo bem pra você, Abigail?

– Pra mim, tudo bem. Mas não gostei da maneira como você colocou. É esquisito, o físico, o gesto, ser colocado como identidade de opção sexual.

– Mas é assim que é, mesmo que não seja. Tanto é que na minha vida fui cantada somente por dois homens, e os dois não eram heteros. Eram bi e com uma sexualidade pervertida. Tanto os pudicos quanto os devassos não têm noção do homossexualismo autêntico, sem o brilho da propaganda, da fantasia e do pudor hipócrita! Minha sexualidade é mais exposta do que a de milhares de enrustidos que existem no mundo e que também se angustiam. Eu já sofri muito por isso, Abigail.

Abigail percebeu, olhando o rosto de Bruna no espelho, um brilho lacrimoso em seus olhos durante o seu desabafo. Mas ela dirigia o carro com a firmeza de quem já dirigira muitas vezes em trânsito ruim, adverso. Comovida, Abigail desculpou-se:

– Perdão, Bruna, por te trazer lembranças tristes – disse ela, enternecida com as palavras de Bruna. Mas sentiu que, mesmo havendo amargura, suas palavras indicavam que tinha os pés no chão, ciente de que o seu destino era aquele. E ciente também de que o mundo não aceita qualquer pessoa que Deus mande à vida fora dos padrões dos homens.

– Não se preocupe, Abigail, não foi você que inventou a minha amargura – respondeu-lhe Bruna.

– A Leci Brandão tem uma música que fala sobre isso...

– lembrou-se Abigail. E Cisco começou a cantar: – Você / vive se perdendo / Vive se escondendo / Com certo temor / Eu sei que as pessoas lhe agridem / E até mesmo proíbem / Sua forma de amor.

Cisco começara a cantar com sensibilidade, e Bruna o acompanhou com a intimidade de quem canta pra si própria. Abigail uniu-se a eles, como se tivesse encontrado a alma da música, da qual gostara antes de conhecer-lhe o espírito. Nanci, que ouvia a música pela primeira vez, prestava atenção, sensibilizada, e com os dedos acariciava afetuosamente a nuca de Bruna. Entraram na Presidente Dutra, e o coral continuou emocionado: E você tem / Que ir pra boate / Pra bater um papo e desabafar...

Abigail nunca imaginara que se emocionaria tão fortemente por uma experiência tão distante de sua situação natural. Sempre fora solidária aos homossexuais, mas baseando-se em jargões comuns: “Dá o que é dele, ninguém tem nada com isso”, “Trabalham, produzem e contribuem com a sociedade tanto quanto qualquer um”, e outros argumentos semelhantes que agora eram para ela superficiais, sem a consistência da profundidade dos sentimentos que envolviam e embasavam sua compreensão naquele momento. Não raciocinava sobre o problema baseando-se em seus valores, sentia-o como se sua pele não fosse mais fronteira para a compreensão dos sentimentos do próximo. Olhou para Cisco, que cantava passando-lhe a certeza de já ter vivido semelhante emoção por muitas vezes. Viu-o como um solidário cujo dogma era respeitar a vida sem subterfúgios. Assim ela sentiu. Comovida pelo momento, pousou a cabeça nos ombros dele. Ele a envolveu com o braço e continuaram cantando agregados. A ela pareceu que havia mais vida dentro daquele carro do que fora, no mundo.

E o carro seguiu pela Dutra, com quatro pessoas cantando: *Você vive se perdendo / Vive se escondendo / Com certo temor...*

Já próximo da cidade, pararam numa lanchonete da rodovia. As três foram ao banheiro, e quando Nanci e Abigail retocavam o batom diante do espelho, Nanci desabafou angustiada:

– Meu Deus, quanto mais perto chego, mais o sufoco aumenta!

– Se acalme. Vai dar tudo certo – disse Abigail, sem muita certeza do que falava.

Bruna, enxugando o rosto com um papel-toalha, procurou acalmar a companheira:

– Ci, nós estamos indo recuperar algo perdido, portanto não temos nada a perder. E acredito que se seu pai aceitou nos receber novamente, é porque está disposto a reconsiderar.

– Pôxa! Eu sei que causo dor a eles, mas será que eu tenho mesmo culpa?! – Abriu-se em prantos. – Pôxa! Eu não quero que a gente passe a se tratar como estranhos! Não quero que quando a gente tiver que se encontrar, se trate como pessoas de outro planeta...

– Calma, Ci, vocês nunca serão estranhos, e seu pai sabe disso – falou Bruna, dando-lhe um leve beijo nos lábios. – A

cena embaraçou Abigail por um momento, mas ela descontraiu-se rapidamente pegando na bolsa lenços de papel e dando-os a Nanci:

– Tome! Enxugue esse rosto e se recomponha. Quando a gente chora antes, pode estar chorando à toa.

Aguardaram-na se recuperar. Quando saíram, encontraram Cisco sentado à mesa comendo uma coxinha e tomando guaraná.

– Não sabia o que vocês queriam, cuidei só de mim.

Bruna se prontificou a providenciar e Abigail repetiu a escolha de Cisco, enquanto Nanci pediu somente uma coca-cola. Sentaram-se e Cisco comentou com Nanci:

– Eu sei que você está apreensiva, mas se acalme. Na verdade me preocupo mais com a dor que está no peito do seu pai do que com a sua. Eu sei que resolvendo a dele, a sua estará resolvida.

Nanci disse apenas:

– É verdade!

Ele lhe perguntou:

– Seu pai é aposentado?

– É. Era maquinista da Rede Ferroviária Federal.

– Maquinista. Me lembra uma história...

– Não vem com piada! – cortou Abigail.

– Não, não é piada. É um conto que alguém escreveu e meu padrasto me contou há muito tempo. – Abigail arquivou na memória: “Ele teve um padrasto.” – E Cisco continuou: – É a história de um maquinista que sempre dirigiu o mesmo trem e fez o mesmo percurso durante quarenta anos. Quando chegou o momento de se aposentar, teve que ensinar o rapaz que iria substituí-lo. Explicou a função do painel de controle, os regulamentos e as particularidades que havia naquele percurso etc. Depois pegou uma marreta de madeira, velha, bem surrada. Pediu que o novato o acompanhasse e desceu do trem. Disse ao rapaz: todos os dias, antes de partir, você tem que fazer isso. E deu três pancadinhas com a marreta na roda do trem. O novato não entendeu qual a utilidade daquilo e perguntou: mas por que tem que fazer isso? O maquinista respondeu: pra que, eu não sei, mas o meu antecessor fazia e me ensinou a fazer. Durante quarenta anos eu fiz e deu tudo certo...

Abigail ensaiou um sorriso mas recolheu-o com a reação de Nanci.

– Meu pai não era maquinista que dava pancadinha em roda de trem à toa!

– Desculpe, Nanci. Não contei a história pensando no seu pai. Contei pensando na humanidade. Quantas coisas não fazemos sem utilidade alguma, por puro costume?

Bruna voltou com os refrigerantes e quis se inteirar do assunto. Abigail principiou a história do maquinista, mas ela já conhecia. Cisco mudou a conversa, dizendo a ela:

– Bruna, tenha paciência porque você é uma das bases para os meus argumentos. Vou ter de ferir sua auto-estima.

– Fique à vontade, estou preparada. Foi por sua iniciativa que estamos tendo esta oportunidade, acho que você deve agir como achar melhor.

Nanci, preocupada, disse:

– Eu só acho que você não deve questionar a Bíblia, como costuma fazer.

– Claro que não. Eu não devo bater na porta de alguém pra questionar os seus valores. Aliás, a solução do problema talvez esteja na Bíblia.

Saíram e, quando entraram no carro, Cisco assumiu o volante e Bruna foi fazer companhia a Abigail no banco de trás. Deixaram a Dutra e entraram na SP123 a caminho do objetivo próximo. A expectativa de saber como terminaria aquele enredo em que participava como coadjuvante causava em Abigail uma certa ansiedade.

Quando chegaram ao portão da casa, o tom de voz dos quatro diminuiu, indicando uma perceptível tensão. Abigail desceu e notou que a rua era tranqüila, apenas algumas crianças brincavam a uns 50 metros de distância. Nanci desceu, caminhou para o portão e apertou a campainha, demonstrando pressa em aproveitar que não havia vizinhos na rua. O portão estava aberto e ela entrou, pedindo que os outros a seguissem pelo corredor de quatro metros mais ou menos, cercado por dois jardins bem cuidados. Quando chegaram à área, a porta abriu-se e um senhor próximo dos 70 anos apareceu. Não houve abraço e nem carinho físico por parte do pai, somente um beijo rápido da filha em seu rosto e a voz enleada pelo constrangimento diante da situação.

– Oi, pai. Este é o Francisco, que conversou com o senhor ao telefone.

Ele, num rápido olhar, divisou todos e apertou a mão de Cisco, que lhe disse:

– Prazer, seu Samuel, e obrigado por nos receber.

– Vamos entrar! – disse ele.

Cisco se afastou da entrada da porta para que Abigail e Bruna entrassem na casa.

– Esta é Abigail, minha esposa. – apresentou Cisco.

– Muito prazer, senhora. – Ele apertou a mão de Abigail e logo em seguida a de Bruna, com a formalidade que a situação exigia. E entraram na sala. A mãe de Nanci veio da cozinha. Aparentava estar aquém dos 60, tinha olhos claros e humildes. Em lágrimas contidas abraçou a filha, que não conteve lágrimas. O clima de constrangimento era claro.

Como que para se adaptar à situação, Abigail percorreu o olhar pela sala. Era espaçosa, típica de uma casa antiga de cidade do interior. Duas particularidades lhe chamaram a atenção: uma lareira simples e antiga à esquerda, tendo como companhia uma cadeira de balanço. À direita, um oratório de madeira vermelha, tendo como destaque uma Bíblia aberta. Ela, a cristã que nunca se interessara em ler a Bíblia, sentiu um leve arrepio ao vê-la agora. Desviou o olhar para uma estante da mesma madeira, no estilo do restante dos móveis, que ocupava boa parte da parede onde se localizava o oratório. Um conjunto de sofás de dois e três lugares com estrutura de madeira e estofamento de couro, surrado pelos anos, rodeava uma mesa de centro quadrada contendo uma floreira com rosas frescas, provavelmente colhidas no jardim naquela manhã. O piso era de assoalho e um tapete o cobria quase que por inteiro.

Dona Rute, a mãe de Nanci, prontificou-se a preparar um café e a filha a seguiu. Cisco, Bruna e Abigail sentaram-se no sofá maior, ficando quase de frente para o chefe da casa, que se instalara no sofá menor.

– Agradável sua casa, seu Samuel. O senhor ainda usa esta lareira? – perguntou Cisco.

– Ah, uso! Aposentado não tem dinheiro pra comprar ar condicionado. A gente se vira com o aquecedor e a lareira.

– Eu só vi lareira em filme e foto. Nunca tinha visto pessoalmente – comentou Abigail, encantada com o romantismo que a lareira lhe transmitia.

– Aqui, a maioria das casas antigas tem lareira. Até algumas casas novas têm.

– Mesmo os que podem ter condicionador de ar constroem casas com lareira, pra manter a tradição e o encanto da lareira, não é isso? – deduziu Abigail.

– É verdade.

– Em Petrópolis também é assim. – Esse comentário de Cisco levou Abigail a usar o arquivo memorial: “Ele já esteve em Petrópolis.” Houve silêncio por um momento, como se todos estivessem pensando a mesma coisa, mas fosse penoso expor o raciocínio. Cisco rompeu o silêncio:

– Seu Samuel, como disse ao senhor por telefone, gostaria que não me visse como enxerido por estar me envolvendo num assunto que aparentemente não me diz respeito. Digo aparentemente porque, mesmo sendo uma situação em que não estou diretamente envolvido, a amizade que sinto pela Bruna, a consideração que passei a ter por sua filha, de quem aprendi a gostar, me faz sentir no direito, e até na obrigação, de me envolver no caso em solidariedade às duas amigas. Quando tomei conhecimento do que estava acontecendo, senti que não eram só a Nanci e a Bruna que estavam sofrendo, mas também o senhor e sua esposa. E eu acredito que todos estão sofrendo por amor, mas me parece que a situação está mal resolvida, mal pensada, e sem a profundidade que o amor merece. Perdoe-me lhe dizer isso, mas eu estou aqui com a melhor das intenções. Eu lhe peço um pouco de paciência, pois a nossa conversa será dolorosa, principalmente porque teremos que buscar a compreensão de tudo o que está acontecendo para que cheguemos a uma conclusão em que o amor não seja prejudicado. O senhor não acha?

– Senhor Francisco, eu compreendo sua boa intenção e agradeço que o senhor tenha vindo aqui na esperança de ajudar. Mas o senhor tem que entender que, mesmo sendo doloroso para um pai, entre Deus e uma filha pecadora, ele tem que ficar com Deus.

Pronto! O nó estava dado, pensou Abigail. Para ela, a conversa iria ficar presa nesse nó e não se chegaria a conclu-

são nenhuma. Porém Cisco, dando a entender que não via Deus como um nó, contrariando as previsões dela, procurou mudar o rumo da conversa:

– Seu Samuel, eu não faço apologia do homossexualismo, e nem tenho por que fazer. Mas eu faço apologia da vida e me apego a ela com o coração e a mente, porque a vida é a melhor obra divina, e não se respeita a Deus se não se respeita a obra. Estão reunidas na sua casa seis pessoas cristãs. Eu creio que a Bruna não deixou de ser cristã pela sua condição, e nem sua filha deixou de ser cristã por ter-se envolvido com ela. A Bruna, quando aqui esteve para falar com o senhor, veio porque se comoveu com o sofrimento de sua filha, que sentia remorso por estar vivendo um amor escondido dos próprios pais. Ambas sabiam que iriam machucá-los com a verdade, mas não quiseram viver iludindo-os com o gosto amargo da traição... Meu pai costumava dizer que onde não está a verdade, o satanás se esconde, e eu também acredito nisso. Eu acho que a verdade machuca, mas ela é imprescindível para a compreensão e para valorizar o amor entre as pessoas. Eu vejo na atitude das duas coragem cristã e respeito ao senhor. Assim como vejo que há entre elas um amor espiritual. Nós sabemos que existe o amor carnal, o amor paternal, o amor filial etc.; enfim, o amor é uma fonte que gera vários leitos. Veja bem, seu Samuel, a sua filha ama os senhores, ama Deus, ama Bruna e ama a si própria. Por que deve ela anular um amor ou outro, se são amores que correm em leitos diferentes e não se chocam e nem se contrapõem?

– Perdoe-me, senhor Francisco, mas o amor entre dois homens ou duas mulheres choca-se com as leis divinas, por isso vai contra o amor a Deus!

Abigail sentiu que Cisco tentara sair das amarras que seu Samuel lhe dera antes, mas recebera outro nó agora. Ela estava descrente na chance de Cisco. Bruna, por sua vez, ouvia cabisbaixa, brincando com os dedos numa visível impaciência. E Cisco voltou a falar:

– Senhor Samuel, eu compreendo que o senhor tem razão no que diz, já que a sexualidade é um instinto dado por Deus aos homens e aos animais para sua procriação e perpetuação. O próprio Jesus disse, cresci e multiplicai-vos...

– Pois é, aí está!

– Mas nós sabemos, e quem observa o comportamento dos cães, por exemplo, constata, que há homossexualismo entre os animais também. Os estudiosos verificam esse comportamento até entre os animais selvagens. As hienas, por exemplo, entram no cio apenas uma vez por ano, e há prática de homossexualismo entre elas. O que quero dizer, seu Samuel, é que a vida é um incomensurável mistério e nossa capacidade de compreensão é pequena demais para compreendê-la no seu todo. E se a obra é grandiosa demais para o nosso entendimento, Deus, o Criador dessa obra, possui uma grandiosidade maior e muito além da nossa compreensão. O senhor não concorda?

– Deus é onipotente!

– O senhor disse bem: Ele é onipotente. Ele pode tudo. Ele está ouvindo a nossa conversa e sabe dos sentimentos íntimos de cada um de nós no presente momento. E só Deus sabe, com plena consciência, por que que o senhor e sua esposa, Bruna e Nanci, estão vivendo essa situação. Nós, seu Samuel, que não temos a capacidade de compreender o porquê do homossexualismo entre os animais, será que temos a capacidade de julgar o homossexualismo nas pessoas? Será que não estamos julgando sem um mínimo de compreensão? – Ele colocou essas perguntas como se as fizesse para si, tanto é que logo chamou a atenção do senhor Samuel para outra colocação, e desta vez dando mais ênfase na fala: – Olhe para Bruna, seu Samuel! Ela é filha de Deus e não creio que Deus a colocou na vida para ser desamada e infeliz! Graças a Deus ela encontrou o amor de sua filha. Assim eu vejo, assim eu sinto e assim procuro amar a Deus sobre todas as coisas. Olhe para ela, o senhor não acredita que ela seja filha de Deus?

– Oh, não, por favor, eu não tenho nada contra a dona Bruna. Claro que ela é filha de Deus como todos nós! O que me impede de aceitar a amizade dela com minha filha é que é uma união que vai contra as leis de Deus...

Bruna não agüentou a pressão íntima e abriu o peito:

– Eu também amo sua filha e amo Deus, seu Samuel! – desabafou. – Será que meu jeito de amar é uma praga daninha?! Por que querem proibir que eu ame e seja amada?!

Um clima de carregada emoção espalhou-se, e Abigail, comovida, mas esforçando-se para não sucumbir à emoção, deu o ombro para Bruna, abraçando-a e pedindo que se acalmasse. Após alguns instantes, Bruna murmurou:

– Desculpe, seu Samuel. Desculpe.

Cisco apenas observou. Olhou para um e outro, como um psiquiatra analisando reações, na visão de Abigail, que o censurava intimamente.

Quando Bruna se acalmou, Cisco voltou a falar com seu Samuel:

– O senhor concordou que Deus é onipotente e que seus desígnios estão acima do nosso entendimento, no entanto o senhor disse que não aceita a união de sua filha com Bruna porque vai contra as leis divinas. O senhor se acha em condições de interpretar as leis divinas com certeza de não incorrer em erro, mesmo tendo consciência da onipotência de Deus?

– Não, não tenho condições. Me baseio nas palavras do Evangelho.

– Eu quero ouvir e conversar sobre as palavras do Evangelho, seu Samuel. Eu acredito que esteja nele a solução para o problema e o bálsamo para as aflições de Nanci, Bruna, do senhor e de sua esposa. Mas antes eu gostaria de lhe fazer umas perguntas. O senhor me permite?

– Sobre o quê?

– Sobre sua filha. Por exemplo: o senhor não se sente feliz por ela não ser uma viciada em drogas?

– Deus me livre desse mal! Ainda bem que não é.

– O senhor não se sente feliz por ela não ser esposa de um traficante, um bandido ou um alcoólatra que a maltratasse de todas as maneiras, como é comum sofrerem tantas mulheres?

– Eu agradeço a Deus por todos esses males não terem acontecido a ela, mas não posso concordar que ela queira continuar vivendo do jeito que está.

– Seu Samuel, antes dela se unir a Bruna, ela não era uma boa filha?

– A Nanci sempre foi uma boa filha, estudiosa. Por vezes, depois que começou a fazer Magistério, mudou um pouco o rumo. Mas isso são coisas de moça.

– Sua filha é uma moça bonita. E mesmo com sua beleza não se enveredou pelos caminhos da prostituição e nem por caminhos em que a beleza da mulher é explorada. Ela não fez do corpo uma fonte de renda.

– Graças a Deus!

– Ela é uma professora e, num país onde as professoras mudam de profissão em busca de um salário digno, já que as

mestras não ganham o suficiente nem para pagar escola para os filhos, ela priorizou seu dom e seu amor pelo magistério. Abandonou por um momento, devido à situação, mas pretende voltar. Acho sua filha digna de ser chamada de cristã em todas as situações.

– Ela sempre foi uma boa filha. Dos três que tenho, ela foi a única que seguiu os estudos até o fim. O meu filho e a outra não terminaram. Por isso, o senhor não tem idéia da dor, da decepção de saber o que estava acontecendo com ela... O senhor tem filhos, seu Francisco?

– Não, não! Minha esposa é estéril. Como vê, outro desígnio de Deus, desses difíceis de compreender.

“Estéril é a tua vó!”, pensou Abigail, irritada.

O senhor Samuel olhou para ela compadecido e disse:

– Que pena. Mas são desejos de Deus, só nos cabe aceitar, não é verdade?

Ela respondeu:

– É verdade!

E fez cara de estéril resignada. Cisco aproveitou-se da situação:

– Eu creio, seu Samuel, que Deus nos dá a dor de acordo com nossa capacidade de aceitar. Veja o nosso caso: eu e Abigail adoramos crianças. Já fizemos tratamento e não adiantou. Gastamos dinheiro com isso. Agora que vimos que não é realmente possível, estamos juntando nossas economias para logo que possível adotarmos uma criança. Ela está ansiosa, não é querida?

De repente o franco tornou-se um cínico descarado. Abigail, respondeu:

– É, querido. Tem que ser logo! – “Cínico desgraçado!”, pensou. E Cisco continuou dando vida à sua inventiva:

– Nós sofremos muito com o caso, seu Samuel, mas de tanto pensarmos, chegamos às seguintes perguntas: será que um filho só tem valor se for filho do nosso sangue? Será que a nossa família tem um valor maior do que a família humana? Se os sentimentos não brotam do sangue, por que a nossa capacidade de amar deve se limitar a ele? Concluimos, seu Samuel, que a nossa capacidade de amar pode ir além dos costumes sociais. Concluimos que temos capacidade de amar além do

elo familiar. Compreendemos que filhos, netos, independem do sangue...

Estava claro para Abigail que ele havia armado algum desfecho para aquela mentirada toda. Seu Samuel estava atento à história dele, mas dona Rute e Nanci chegaram com o café e a conversa foi interrompida:

– Desculpe a demora, mas está aqui o café – disse dona Rute, colocando a bandeja na mesa de centro, próximo às rosas.

Cisco disse:

– Um café nunca chega tarde, sempre chega em boa hora.

Nanci serviu os três, enquanto dona Rute servia o marido. Após tomarem o café e fazerem os comentários de praxe – “Bom o cafezinho!”, “Que delícia” etc. –, Cisco voltou a falar, mas saiu do assunto “nosso filho”, que tornara Abigail uma mulher estéril, e principiou um novo argumento:

– Seu Samuel, eu creio no amor como um sentimento nobre e assexuado. Acho que ver o amor apenas pelo lado sexual é limitá-lo em toda sua amplitude, porque o amor em sua essência vai além, muito além do nosso entendimento intelectual e está acima dos costumes a que se habituaram nossos pensamentos. Não é por costumes que amamos e sim por uma energia superior ao nosso entendimento. O amor autêntico nos torna carentes do próximo e nos impulsiona a sermos suficientes para suprimos a carência do semelhante. Eu quero dizer, seu Samuel, é que o amor que une sua filha e Bruna é um amor espiritual. Se fosse somente uma paixão carnal, haveria nelas a certeza de que seria fogo passageiro e elas viveriam este romance furtivamente. O fato delas estarem aqui, enfrentando esta situação tão delicada, demonstra que elas estão envolvidas por um amor que extrapola a matéria. O senhor não acha?

– Seu Francisco, eu não tenho os conhecimentos que o senhor tem. Já compreendi que o senhor tem conhecimento de coisas que eu não compreendo. Mas para mim o que vale são as palavras de Jesus que estão no Evangelho. Eu admiro a coragem de dona Bruna, gosto demais de minha filha e agradeço o seu esforço e sua boa intenção, mas pra mim as palavras de Jesus prevalecem. Eu e minha esposa sofremos muito com esta situação, mas fazer o quê?

– Seu Samuel, nenhuma pessoa é capaz de sentir com a mesma intensidade a dor que aflige o coração de outra pessoa. Mas é possível compreendê-la. E eu creio que compreendo a dor que aflige os corações do senhor e sua esposa, assim como a dor de sua filha e de Bruna. E eu creio que essas dores devem ser desafiadas pelo entendimento da situação. Como é possível que o amor, o mais nobre dos sentimentos, o sentimento de agregação humana, seja o causador de desagregação familiar e desunião de pessoas que se amam? O amor que une é ao mesmo tempo o sentimento que afasta? Para que haja a desagregação deve haver o rancor. Mas por que haver o rancor, se é o amor a raiz da discórdia?! Seu Samuel, será que se a Bruna fosse um homem, e nós estivéssemos aqui discutindo a separação delas pelo fato da Bruna ter espancado sua filha, nós estaríamos numa situação melhor do que esta? Suponha, seu Samuel, que mesmo sendo espancada a sua filha não quisesse se separar do homem–Bruna porque o amasse. Há tantos casos de cônjuges que sofrem com o par e não se separam! É uma situação difícil de compreender, mas não é incomum.

Nanci e a mãe mantinham-se em silêncio ao lado de seu Samuel, que, para Abigail, demonstrava comoção com as palavras de Cisco, mas deixava claro que se apegava ao Evangelho para defender sua posição. Ela sentia que o Evangelho talvez fosse mais um escudo do que uma referência para ele. Achou que Cisco argumentava razoavelmente e abordara pontos importantes da questão, mas estava descrente que seu Samuel mudasse de opinião só com argumentos racionais. Olhou para Bruna, que parara de brincar com os dedos e estava mais calma, pois recostara-se no sofá procurando relaxar. Então Cisco fez o que ela temia:

– Seu Samuel, o senhor tem razão: assim como estão no Evangelho as nossas referências morais, podemos encontrar no Evangelho as soluções para impasses. O senhor aceita que através do Evangelho procuremos solução para o caso?

– E como faríamos isso?! – Havia descrença em sua voz.

– Veja bem, para o senhor, a sua filha é pecadora. E sua opinião baseia-se no Evangelho. Para mim, ela não é pecadora e minha opinião também se baseia no Evangelho. Nós dois

temos consciência da onipotência de Deus, e sabemos que está na fé em Jesus a nossa redenção. Eu me baseio em fatos da vida para compreender que os caminhos divinos são muitas vezes insondáveis. Há crianças que nascem com defeitos físicos, siamesas, débeis mentais, e não gostaríamos que isso acontecesse com nossos filhos. Há mulheres e homens que nascem inférteis etc. Dizer que essas coisas são intervenções de satanás, não aceito, porque essas coisas acontecem também com os fiéis em Jesus. Aceito esses fatos como determinações divinas que fogem à nossa compreensão... Seu Samuel, a sua filha é saudável e foi criada dentro dos princípios cristãos, os quais assimilou. Bruna também é saudável e sei que segue a moral cristã. Por isso, vejo o homossexualismo entre elas e o amor que as une como desígnios divinos que fogem à nossa humilde compreensão... Eu gostaria que o senhor lesse uma passagem do Evangelho que dá ao senhor a posição firme que mantém. O senhor me faria esse favor?

– Leio, sim. Há várias passagens. – Ele levantou-se para pegar a Bíblia e continuou falando: – Em Romanos, por exemplo...

– O senhor não se esqueça de que Jesus perdoou a mulher adúltera. E quando perdeu Maria Madalena, ele disse aos fariseus: Quem não for pecador, que atire a primeira pedra. – Cisco disse isso, e aproveitando que o homem estava de costas apanhando a Bíblia, virou-se para Abigail dizendo à boca pequena: – E nem Jesus atirou pedra.

Abigail fez uma careta de discórdia e aflição.

– Cala a boca! – sussurrou, com medo que seu Samuel escutasse a heresia.

Bruna também percebeu a cena, mas manteve-se calada, brincando com os dedos. Cisco voltou a falar:

– Seu Samuel, em Romanos as palavras são do Apóstolo Paulo e não de Jesus...

Nanci olhou-o com ar de censura por ele querer ensinar o Evangelho ao evangélico. Cisco se fez de desentendido e o senhor Samuel voltou com a Bíblia, retrucando o que ele dissera:

– O senhor está certo. Mas o apóstolo Paulo, antes um perseguidor de cristãos, foi convertido pelo espírito de Jesus, em Damasco. Por isso suas palavras são abençoadas pelo Senhor.

– Tem razão – concordou Cisco.

O senhor Samuel, em pé, folheou o livro com a experiência e convicção de quem sabe o que procura, e ao encontrar a página pediu licença a todos e principiou:

– Todos os homens são pecadores. – Ele leu o título e, fazendo uma pausa, comentou: – Vou ler apenas alguns versículos que acho importantes para não tornar a leitura cansativa a todos.

Cisco interferiu:

– Por favor, seu Samuel, leia esse capítulo completo. Se não lhe for incômodo...

– Não, não é. Está bem... Romanos 1, 18. “Os Pagãos”... “Realmente, a ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda impiedade e perversidade dos homens que pela injustiça aprisionam a verdade. Porquanto o que se pode conhecer de Deus é lhe manifesto, porque Deus lhe revelou. Pois desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, tornaram-se visíveis a inteligência por meio das coisas criadas; de modo que não se podem escusar. Porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos, e se lhes obscureceu o coração insensato. Dizendo-se sábios, tornaram-se estultos. Mudaram a glória do Deus incorruptível numa representação da imagem de homem corruptível, de aves, quadrúpedes e serpentes. Por isso Deus os entregou aos desejos de seus corações e à imundície, de modo que desonraram entre si os próprios corpos. Trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram a criatura em lugar do Criador, que é bendito pelos séculos, amém! Por isso Deus os entregou a paixões vergonhosas: as suas mulheres mudaram o uso natural em outro que é contra a natureza. Do mesmo modo também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam de desejos uns para com os outros, cometendo homens com homens a torpeza e recebendo a paga devida a seus desvarios. Como se recusaram a procurar uma noção exata de Deus, Deus os entregou a um sentimento depravado, e daí, o seu procedimento indigno. Estão cheio de toda espécie de malícia, perversidade, cobiça, maldade, cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade. São difa-

madores, maldizentes, inimigos de Deus, insolentes, soberbos, altivos, inventores de maldades, desobedientes aos pais. São insensatos, imodestos, sem afeição, sem palavra e sem misericórdia. Apesar de conhecerem o justo decreto de Deus que considera dignos de morte aqueles que fazem tais coisas, eles não somente as fazem, mas também aplaudem os que as cometem.”

Após a leitura ele olhou para todos e ainda comentou:

– Há outros capítulos e versículos em que encontramos referências mais claras sobre a condenação do Senhor aos pecados da carne...

Mas Cisco, que o tinha ouvido com atenção, interferiu na sua fala, antes que ele começasse a folhear o livro em busca de outros versículos:

– Seu Samuel, neste capítulo, o apóstolo Paulo fez o pronunciamento dirigindo-se aos pagãos de seu tempo. Mas, no entanto, ele cabe nos dias de hoje, no cotidiano de qualquer país cristão como o nosso. Erraremos se dissermos que estas práticas são somente dos pagãos. Há homossexualismo nos mosteiros e em qualquer seita cristã do mundo. O senhor mesmo é uma prova viva do que estou falando: tem uma vida cristã, uma família dedicada ao Senhor, e tem uma filha que o senhor crê que fere a moral cristã. E por que ocorre isso? Será que os cristãos, por todas as centenas de anos, se adaptaram melhor às práticas pagãs e fizeram da palavra de Jesus apenas um discurso? Claro que não estou falando de nós, que estamos tentando resolver o problema dentro dos princípios cristãos. Eu já disse ao senhor que não faço apologia do homossexualismo; faço apologia da vida, e faço apologia da vida tentando compreender todas as mensagens e provações que Deus nos manda através de seus mistérios e sua onipotência. Deus está aqui presente! E o senhor sabe disso. – Ele levantou-se e se encaminhou para o senhor Samuel. – O senhor me empresta o Evangelho para que eu o leia?

– Pois não. – Ele ia fechar o Evangelho para entregar a Cisco, mas este se antecipou e pegou-o:

– Não feche, seu Samuel! Nesta página mesmo tem algo que quero ler. – Ele parou um momento, como se tivesse se dado conta de algo importante, e disse ao homem: – Por favor, não pense que estou questionando sua fé e seu senso de justiça,

e nem me leve a mal por estar me utilizando do Evangelho, com que o senhor tem tanta familiaridade, para argumentar. Minha intenção é que encontremos solução para o problema dentro dos princípios cristão que nos regem. Eu creio que muitas vezes, quando estamos envolvidos por um grande problema, não nos damos conta de que a solução, por mais simples que seja, nos escapa, e, no entanto, às vezes está bem próxima de nós. Não é verdade?

– Sim. Fique à vontade. As palavras do Evangelho só ferem os ímpios – disse o senhor Samuel, sentando-se.

– Pois é. Nesta página mesmo, há algo que condiz com o momento. “O julgamento divino”, capítulo 2, versículo 1: “Assim és inescusável, ó homem, quem quer que sejas, se te arvorais em juiz. Naquilo que julgas a outrem, a ti mesmo te condenas, pois tu, que julgas, fazes as mesmas coisas que eles.”

– Ele parou por um instante, como se estivesse insatifeito com o que leu, e prosseguiu: – Aqui no mesmo capítulo, versículo 9: “Tribulação e angústia sobreviverão a todo aquele que pratica o mal, primeiro ao judeu, depois ao grego, mas glória, honra e paz a todo o que faz o bem, primeiro ao judeu, depois ao grego. Porque diante de Deus não há distinção de pessoas.” Veja só que belas palavras, senhor Samuel; diante de Deus não há distinção de pessoas! Deus fez gregos, judeus, chineses, hindus, índios etc. Várias culturas, vários povos, várias raças; bilhões de pessoas de todos os tipos e situações e Ele, misericordioso, não distingue pessoas! Por que iria Deus distinguir a Bruna e a Nanci, sendo elas tementes a Deus? Se está claro para mim que o amor entre elas vai contra as leis da natureza da carne, está claro para mim que a coragem cristã de que são imbuídas e o amor espiritual que as une não vão contra a lei de Deus. Porque é pela fé que alguém se torna herdeiro. Porque a lei produz a ira, e se não há leis não há transgressão. – Ele estava folheando a Bíblia e procurando algum capítulo. Dando a entender que achara o que procurava, ele passou a dar passos curtos e vagarosos pela sala em profunda concentração. Abigail achou que ele estava enrolando, para deixar a Bíblia longe do senhor Samuel. Cisco logo voltou a falar:

– Eu já disse ao senhor, seu Samuel, e não sei se a dona Rute estava presente, por isso vou repetir: a dor que está no coração da senhora, dona Rute, e a dor que se encontra no

coração de seu esposo, eu posso compreender porque conheço a dor, pois já a senti. Posso compreendê-la, porém não posso senti-la com a mesma intensidade com que ela fere o coração da senhora e do seu esposo... Da mesma forma me é difícil sentir sua angústia, dona Rute, que ama seu marido, ama sua filha, ama a Deus e traz o coração dividido por tantas angústias. Também não posso sentir a aflição que vai no coração de sua filha, que ama o pai, ama a mãe, ama Bruna e a Deus e traz o coração também aflito! E como é difícil compreender a dor da Bruna, mulher que aprendi a amar pelo seu caráter e moral, mas que por desígnios de Deus (creio nisso!) veio à vida com uma forma de amar que as sociedades não aceitam porque é incomum! Se não há distinção de pessoas aos olhos de Deus, se é pela fé em Jesus que todos se tornam herdeiros, por que esta mulher deve passar por constrangimentos, se não é justo que passe?! É justo que alguém viva enclausurado, mesmo amando e tendo fé em Deus e respeitando a todos? É justo que todos a discriminem? No entanto, esta moça que está diante de nós, com seu corpo e sentimento, sofrendo e aceitando com coragem e resignação, sem questionar os desígnios divinos e buscando a compreensão de cristãos como ela própria, por amar a si e sua condição, por amar Nanci, e por respeitar os senhores, sofre! Será que não estamos julgando o que não entendemos?

O que era Cisco naquele momento: um ator? Um pastor? Um advogado? Ou um impostor metido a tudo isto, mas bem intencionado? Para Abigail era uma mistura de tudo, o que a deixava surpresa. Apesar de todo o clima emocional do momento, ela lembrou-se de Ricardinho dizendo que Cisco deveria parar de buscar a verdade e abrir um templo, que iria ganhar muito dinheiro com isso. Ela deu razão a Ricardinho. Atônita, viu Cisco dando seus passos curtos pela sala, parar em determinados momentos, estancar de frente para todos e encará-los, dando preferência a seu Samuel e dona Rute. Falava aos atropelos, mas dando ênfase a determinadas palavras, e articulando-as com uma tonalidade não elevada, mas com uma energia que dava a entender que se elevasse a voz, seria ouvido por muitos vizinhos. Abigail sentiu que ele estava jogando as últimas cartas e que, pela desenvoltura que demonstrava, estava bem preparado e convicto de que iria conseguir o que pretendia. O senhor Samuel mostrava-se surpreso com a intimidade de

Cisco com o Evangelho. Na realidade, Cisco nem lera a página que marcara, mas ficava claro que o homem estava cativo pelas palavras de Cisco. Dona Rute, com seus olhos claros, mas vermelhos de choro passado, seguia os movimentos de Cisco, encantada, como se visse de uma situação ruim e fatalista brotar uma esperança de algo melhor. Nanci, cabisbaixa e encolhida, chorava. Bruna voltou a brincar com os dedos. Abigail chegou a questionar a forma como Cisco a defendia. Deu-lhe a impressão de que Bruna era uma brincadeira de Deus. Chegou a pensar em Deus como um tirano. E ela nunca tivera pensamento semelhante. Mas pela impressão que Cisco causava em seu Samuel, achou tudo válido. Acostumado a ouvir pregação do Evangelho por vários anos, o senhor Samuel recebia em sua casa uma pessoa que pregava o Evangelho com novas palavras. Assim ela sentiu. E Cisco continuou. Desta vez, olhando fixo para o dono da casa:

– Seu Samuel, não sou homossexual. Jamais terei condições de compreender o que se passa no íntimo de sua filha e de Bruna. E nem mulher sou, o que torna tudo fisicamente mais distante da minha capacidade de sentir. Mas acredito, como cristão, que temos que compreender as dores alheias e atenuá-las. Como está escrito em Romanos, capítulo 14, versículo 13: “Cessemos pois de julgar uns aos outros, antes cuidai em não pôr um tropeço diante de vosso irmão ou dar-lhe uma ocasião de queda”... – Ele levantou os olhos para o senhor Samuel. – Nós sabemos que o desprezo fragiliza e derruba o fragilizado! Nós sabemos que nas calçadas de todas as cidades do mundo não há somente pecadores! Há, também, muitos a quem faltou amparo e compreensão. Muitos irmãos perdidos pela dor que a incompreensão social causa. Seu Samuel, eu acredito que o seu coração não foi contaminado pela descrença social. Tenho certeza de que o senhor é cristão o suficiente para reconsiderar sua decisão, e tenho certeza de que dona Rute também. Gostaria que nós todos meditássemos sobre o que vou ler: “Romanos, capítulo 13, versículos 8, 9 e 10. “Amor mútuo”: “A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, a não ser o amor recíproco: porque aquele que ama o seu próximo cumpriu toda a lei. Pois os preceitos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e ainda outros mandamentos que existam, eles se resumem nes-

ta palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo. O amor não prejudica ao próximo. O amor é o pleno cumprimento da Lei.” – Ele lera o capítulo parado, terminou e começou a dar seus passos curtos pela sala, como se tivesse em transe meditativo. – Será que discriminando o sentimento do próximo, cujas raízes eu desconheço e sou incapaz de compreender, eu estou sendo recíproco no amor? Bruna e Nanci se amam de uma forma estranha para mim, mas não estranha para elas; não estarei eu limitando a minha própria capacidade de buscar a compreensão do amor e, por conseqüência, impondo limites ao meu próprio coração? O amor não prejudica ao próximo. Isto está escrito!... Mas se o amor não prejudica o próximo, por que então estamos todos aqui reunidos sofrendo porque amamos? Todos prejudicados por amar. Será que impondo as minhas condições de amor não estarei contrariando as Escrituras e deixando de amar o próximo como a mim mesmo?! – Ele parou novamente e, procurando algumas páginas anteriores, falou diretamente para o senhor Samuel: – Será que aqui em Romanos, capítulo 14, versículo 13, que já li, não está a compreensão para o alívio de nossas aflições? “Cessemos pois de julgar uns aos outros, antes cuidai em não pôr um tropeço diante de vosso irmão ou dar-lhe uma ocasião de queda!” Senhor Samuel, o pecado de sua filha está no amor carnal? Será que o pecado de Bruna e Nanci é por se amarem fisicamente, já que de forma nenhuma devemos ir contra o amor espiritual que une as pessoas? Será que o grande problema é que o amor entre elas não procria, e o amor carnal foi feito para a procriação? É esse o problema? Mas se é assim, eu e minha esposa estamos proibidos de nos amar fisicamente, já que não há condições de procriarmos! E eu não creio que Deus queira para nós um martírio tão doloroso, já que nos amamos!... Não sou pai, seu Samuel, mas tenha a certeza de que se tivesse a felicidade de ter a Nanci como filha, eu aceitaria sua condição, indo contra os preconceitos sociais. Se nesta situação há pecado, cabe a elas responderem diante de Deus. A mim e a minha esposa, e creio que ao senhor e dona Rute, só nos cabe ampará-las no amor como lindas pessoas que são e entregar a Deus, pois Ele tudo sabe e tudo compreende... Creio, seu Samuel, que a resposta para suas dores e dúvidas está aqui em Romanos, capítulo 14, nos versículos 10, 11 e 12: “Por que

julgas então o teu irmão? Ou por que desprezas o teu irmão? Todos temos que comparecer ao tribunal de Deus. Porque está escrito: Por minha vida, diz o senhor, diante de mim se dobrará todo o joelho, e toda a língua dará glória a Deus (Isaías 45, 23). Assim, pois cada, um de nós dará conta de si mesmo a Deus!” Essas são as palavras do apóstolo Paulo, aquele que, o senhor bem lembrou, foi convertido pelo espírito de Jesus. O senhor não vê aí, em suas palavras, as respostas às suas angústias e aflições e às de sua filha e sua esposa? – Cisco fez essa pergunta ao pai de Nanci e recebeu, em vez de uma resposta, uma pergunta inusitada, que levou a expectativa de Abigail a desmoronar-se em apreensão:

– A que congregação o senhor pertence?

Abigail sentiu que Cisco não havia só rememorado a Bíblia, havia também se preparado muito bem para o encontro, tanto é que não se abalou com a pergunta.

– Seu Samuel, desde que entrei em sua casa não perguntei ao senhor a que congregação pertence, porque no meu entendimento o único credo do cristão é Jesus e o Evangelho. E se Jesus foi um só, pra que subdividi-lo em várias interpretações? Se o Evangelho são vários livros, me apego mais ao Novo Testamento por trazer a boa nova, mas não rejeito o Antigo, pois o Antigo é pai do Novo, e não se renega o pai, porque implicaria a inexistência do filho. Não pratico a fé por profissão, pratico-a por crença! Não tenho por que ser partidário da fé evangélica, estando o Evangelho, do Gênesis ao Apocalipse, aberto à minha leitura na busca constante de Deus e seus desígnios... Não busco no Evangelho somente palavras para amenizar minhas dores, porque não sou o único filho de Deus e o Evangelho não nos foi dado com esse intuito. Assim como os católicos dividiram-se em dezenas de Igrejas, os protestantes dividiram-se em milhares de seitas cristãs, porém todos buscam entendimento no mesmo Evangelho e no Pai e no Filho! Por isso, seu Samuel, não me ateno a esta ou àquela congregação porque todas são sujeitas ao Evangelho, portanto pertencem a todas. E não pertenço fisicamente a nenhuma porque seria limitar e dividir as palavras do Evangelho! Sou cristão e trago no Evangelho o meu guia com todas as interpretações que ele me oferece, como uma dádiva de orientação divina não só para as minhas dores, mas também para as dores do

próximo, sendo condizente com uma das máximas evangélicas: ama o teu próximo como a ti mesmo... E por buscar orientação divina nas palavras do Evangelho, sem me limitar às suas infinitas possibilidades, compreendo as várias divisões interpretativas que levam o cristianismo a subdividir-se em milhares de seitas cristãs e até chego a lamentar palavras de apóstolos que amo, como o apóstolo Paulo...

– O apóstolo Paulo?! Mas o que há de errado com o apóstolo? Ele foi um dos mais dedicados na pregação do cristianismo!

Abigail decepcionou-se. Cisco estava se saindo bem e, no entanto, cometera um escorregão infantil chocando-se com a admiração do senhor Samuel pelo apóstolo Paulo. Olhou para Nanci e percebeu que ela também estava decepcionada. Bruna continuava entretida com seus dedos. Dona Rute abalou-se da mesma forma que o esposo. Mas Cisco não titubeou com a comoção dos ouvintes, deixando claro que sua observação fora intencional e não uma falha inconsciente. Folheou a Bíblia enquanto falava:

– Seu Samuel, não há nada que desabone o apóstolo Paulo, considerando que os homens erram e errar é humano. Mesmo porque o lapso cometido por ele não foi intencional, tenho certeza. O senhor sabe que o erro, quando premeditado, deixa de ser um erro para ser uma prática nefasta. Eu creio nisso! Mas no caso do apóstolo Paulo, foi uma falha inocente por ele não perceber os males que causaria ao cristianismo com a sua condescendência com os hipócritas. Eu também tenho, como o senhor, uma grande admiração pelo apóstolo. Sei que sou incapaz de entender sua atitude e por isso seria impróprio julgar um dos mais expressivos baluartes do cristianismo. Vejo no apóstolo Paulo um manancial de virtudes, que tornaria qualquer falha que cometesse um lapso perdoável! Por isso, não julgo o apóstolo, julgo o erro. Ou o que acredito ser um erro! – Ele encontrou a página que procurava: – Aqui está: Filipenses, capítulo 1, versículo 15: “É verdade que alguns pregam Cristo por espírito de ciúme e discórdia, mas outros o fazem com boas disposições. Estes por caridade, sabendo que tenho por missão a defesa do Evangelho. Os outros, ao contrário, pregam Cristo por espírito partidário. Não é reta sua intenção. Julgam suscitar maior aflição às minhas cadeias. Mas que importa! Contanto que de qualquer modo,

ou por um zelo hipócrita ou com sinceridade Cristo seja anunciado: com isto me alegro e me alegrarei sempre...” – Ele terminara de ler e fizera uma pausa, para que todos digerissem mentalmente as palavras do apóstolo. E repetiu o final: – Veja que ele diz não se importar que as palavras de Cristo sejam transmitidas por um zelo hipócrita! O que quer dizer isso? Que para o cristão tanto faz ser hipócrita ou não? Esse erro logo no princípio da divulgação do cristianismo é tão nefasto e anti-cristão quanto o episódio que aconteceu em 325 depois de Cristo, quando os cristãos se uniram a Constantino no Conselho de Nicéia! Jesus não era um adepto de César, era um opositor, no entanto os cristãos fundamentalistas se uniram a um igual a César, na perversidade e nas práticas anti-cristãs. Seu Samuel, é de uma pequenina semente que a praga se espalha. No meu entendimento, o grande equívoco cristão cometido no Conselho de Nicéia, unindo cristãos e anticristãos, teve origem nesse erro. Misturou-se joio e trigo entre os cristãos e até hoje não sabemos quem tem essência cristã no coração e quem são os que possuem o DNA cultural dos hipócritas do tempo do apóstolo Paulo! Um erro inocente do apóstolo Paulo, mas um erro que misturou trigo e joio para que o cristianismo crescesse. No berço cristão já havia os hipócritas, e a condescendência com essa mistura chegou até os dias de hoje, onde não sabemos quem são os autênticos cristãos nem quais os templos cristãos que realmente possuem a prática cristã, já que quase nenhuma congregação pratica a máxima cristã que diz: “Não lhe dê o peixe, ensine-o pescar!” E ensinar a pescar é também ensinar a obter a busca do conhecimento, que liberta! Toda a obra de Jesus fica deturpada com a inserção de hipócritas no seio da cristandade. Por isso, seu Samuel, sou um cristão do Evangelho e não de seitas!

– Mas agindo assim, o senhor não tem um templo e irmãs para orarem em comunhão com a paz de Jesus!

– Engana-se, seu Samuel; quem tem o Evangelho sem limites faz do mundo um templo e amplia seus irmãos. Veja o caso de Bruna: sua condição a torna discriminada em vários templos cristãos, mas não para mim, que vejo um irmão no caráter e não nos discursos ou condições discriminatórias baseados em costumes comuns. Assim como Maria Madalena tor-

nou-se uma fiel de Jesus, não porque Jesus a tenha perdoado com o intuito hipócrita ou com o assédio premeditado de torná-la uma fiel, mas sim porque Maria Madalena acreditou em suas palavras. Não sou funcionário de seitas, não arrebanho fiéis, não me envolvo nos entreveros e disputas por fiéis, coleciono amigos, independente da religião que tenham. Basta que eu acredite na pessoa. Como acredito na Bruna e aprendi a crer em sua filha. Duas irmãs que tenho.

O homem não fizera comentário nenhum. Ensimesmou-se. Cisco abriu a Bíblia, seguindo o marcador de página, e colocou o livro no oratório, aberto nas mesmas páginas em que se encontrava aberto quando chegaram. Feito isso, disse:

– Seu Samuel e dona Rute, eu agradeço muito que nos tenham recebido, espero ter colaborado para que haja a compreensão dos senhores para com sua filha e que seus corações tenham pelo menos se desafogado um pouco. Eu proponho ao senhor que converse com sua filha, enquanto eu, Abigail e Bruna damos uma volta pela cidade, almoçamos, e lá pelas duas e meia, três horas, voltaremos para apanhá-la. Acho que a decisão cabe aos senhores. Eu coloquei tudo o que penso e todas as minhas impressões sobre o que sinto sobre o caso e agradeço pela paciência que tiveram em me ouvir e...

Dona Rute cortou sua fala:

– Mas vocês não preferem almoçar aqui?

– Não, dona Rute, obrigado. Fica para uma outra oportunidade. Acho melhor os senhores almoçarem com a Nanci e conversarem. Creio que será um almoço produtivo e abençoado na fé e no entendimento cristão. Tudo bem, seu Samuel?

– Sim, mas os senhores deveriam almoçar aqui.

– Não se preocupe. Está certo assim, Nanci?

– Está! Vocês não vão se perder?

– Não. Às três estaremos aqui.

E assim saíram. Não sem antes Cisco repetir o cafezinho, enquanto Bruna e Abigail iam ao banheiro. Ao voltarem, também tomaram o “elixir dos pobres”.

Logo ao entrarem no carro, Abigail abriu a bolsa, sacando um cigarro e dizendo:

– Meu Deus, estava desesperada pra fumar!

Os dois disseram “eu também” e a fumaça espalhou-se pelo interior do carro. Abigail, que havia sentado ao lado de Cisco, desafogou-se logo de algo que a incomodara durante a conversa na sala dos pais de Nanci:

– Cisco, seu cretino! Por que você inventou aquela história de que sou estéril e desesperada pra adotar criança?

– Nós não temos filho. E sensibiliza mais uma mulher estéril do que um homem!

– Mas pra que inventar aquela história e fazer eu endossar sua mentira?

– Se a sua preocupação é por ter mentido, fique tranqüila que Deus sabe que essa não foi sua primeira mentira. Além do mais, a mentira se encaixou muito bem e fortaleceu a verdade.

– Mas ninguém é obrigado a endossar as suas mentiras. Você diz que venera a verdade, mas é um cínico!

– A verdade que venero é a essência da realidade. Uso as mentiras como vacina contra as essências das ilusões e das mentiras que prevalecem e encobrem a essência da verdade. Não fique preocupada com as mentiras que disse com o intuito de atingir a verdade da questão. O mundo está assim e se você radicalizar a franqueza, não será entendida por ninguém. Um atleta que faz propaganda de vitamina que nunca tomou ou uma atriz que anuncia xampu que nunca usou não estão mentindo? Um pastor que diz que um copo d’água em cima do rádio e a fé em suas palavras curam aids, câncer e hemorróida não está mentindo? Os presidentes deste país que prometeram que o Brasil seria o país do futuro não mentiram? Um banqueiro que diz que não tem condições de pagar um salário digno não é um mentiroso? Um...

– Ah, Cisco pode parar! Estou falando da sua mentira, que me fez ficar constrangida. Não me senti bem.

– Fico feliz que a mentira te cause mal-estar, isso nos tornará bons amigos. Mas se eu tivesse que dizer a verdade naquela hora, eu diria: seu Samuel, eu e a Abigail só estamos casados de mentirinha. É só pra fazer a cabeça do senhor!

Abigail trocou sua indignação por um sorriso de concordância, dando-lhe razão com restrições:

– Mas você podia dizer outra coisa qualquer, e não que sou estéril!

– Fique tranqüila que a minha mentira não vai influir no seu organismo, e se você quiser ainda tá em tempo de ter uns cinco filhos. Agora, é bobagem você se indignar com a minha mentira. Imagine a Bruna como se sentiu com a minha verdade quando eu disse: olhe para o físico da Bruna, seu Samuel! Ela é filha de Deus!

E Abigail sentiu-se feliz por sua esterilidade ser uma mentira. A realidade da Bruna era mais amarga. Ouviu Bruna:

– Eu ajo como o cego que desenvolve outro sentido para compensar a deficiência visual. A minha realidade é a minha realidade, e se os outros não me aceitam, o problema está neles e não em mim. Abigail, eu procuro compreender os que não me compreendem porque sei que todos somos educados com preconceitos, e nem todos são capazes de vencê-los confrontando-os com a realidade da vida... As mesmas pessoas que contestam o homossexualismo não questionam o porquê de milhares de homens e mulheres se privarem de sua sexualidade, enclausurando sua libido num convento... Alguém se pergunta por que tantas pessoas se privam de sua liberdade e sexualidade, que são sentimentos inerentes aos seres humanos?

– É verdade. Ninguém se questiona sobre isso...

– Pois é. No entanto eles defendem as palavras cristã: Crescei-vos e multiplicai-vos!... Sabe, Abigail, as minhas necessidades e sentimentos estão em mim, e eu não vou me punir por algo que nem culpa tenho! Já tive grilos sobre isso, mas bons amigos me ajudaram, e um deles foi esse mentiroso aí! O Cisco só mentiu, Abigail, pra demonstrar que assim como Deus manda ao mundo pessoas estéreis, manda também gente na minha condição. Foi só um teatrinho em busca da compreensão. E a compreensão é o bem, portanto a mentira foi benigna!

Abigail sentiu que sua indignação não passara de pura tolice. Aproveitando que a conversa era franca e aberta a intimidades, resolveu perguntar a Bruna algo que lhe ocorrera quando vira o carinho de Nanci para com Sandrinho no dia do batizado:

– Bruna, você não sente vontade de ser mãe?

– Não. Sinto vontade de ser pai! – respondeu Bruna, rindo. – Estou brincando. Eu gosto muito de crianças e por isso vou ser sempre professora do ensino básico. Aliás, eu adoro

me meter nas encrencas íntimas daqueles que estão entrando na adolescência! Mas eu não tenho desejo de ser mãe. A Nanci tem, e nós já conversamos sobre isso. No futuro será até bom a gente ter uma criança, ou por adoção ou inseminação artificial, sei lá! O problema é que além dos preconceitos das pessoas, teremos que enfrentar os preconceitos das leis...

Cisco interferiu dizendo que elas deveriam se acostumar a comprar em conjunto, colocando o patrimônio em nome das duas. E a conversa girou em torno de família, filhos, preconceitos e leis, até que chegaram em Capivari, o principal centro comercial de Campos do Jordão. Abigail sentiu-se encantada com o local. Claro que ela já ouvira falar das belas paisagens da cidade. Mas a audição só cria imagens, e a visão constata o fato. E ela gostou do que viu. Cisco e Bruna já conheciam as paisagens brancas do inverno de Campos do Jordão e, de tanto os ouvir falar sobre as belezas do Festival de Inverno da cidade, Abigail prometeu a si mesma que na primeira oportunidade a moça do litoral conheceria a beleza dos campos.

Almoçaram em Capivari mesmo, e depois, subiram até o alto dos 1.700 metros da serra em que Campos do Jordão se situa e avistaram as cidades do Vale do Paraíba. Bruna comentou:

– Numa noite de outono, em que o tempo esteja limpo, lá embaixo parece um tapete de estrelas.

Cisco apontou um minúsculo ponto ao longe, que Abigail mal divisou, dizendo:

– Lá está Lorena. Tá vendo aquela beleza? Foi lá que eu nasci!

Ela exclamou com ironia:

– Que linda! Uma das cidades mais linda que já vi!

No Horto Florestal, o mais antigo do Brasil, informou Bruna, eles se encantaram com a floresta de pinus e araucária.

Em Abernèssia, outro núcleo importante pelo comércio de malhas, as moças aproveitaram os preços baixos por não ser temporada, e tanto Bruna como Abigail saíram das lojas com sacolas nas mãos. Cisco nada comprou, dizendo que os produtos de seus colegas camelôs eram economicamente mais interessantes e protegiam do frio com a mesma eficácia. As duas o chamaram de sovina.

Faltavam dez minutos para as 15 horas quando chegaram na casa dos pais de Nanci. Foi ela mesma quem os recebeu, pedindo que entrassem. Encontraram seu Samuel no centro da sala, pedindo para que se acomodassem. Os três sentaram-se no mesmo local de antes. Demonstrando certo desconforto, o dono da casa falou:

– Seu Francisco, pensei muito sobre a nossa conversa e acho que o senhor tem razão, a gente não pode julgar o que não entende e o melhor é deixar o julgamento pra Deus.

– Fico feliz, seu Samuel! – respondeu Cisco.

– Mas é difícil tomar essa decisão...

– Eu compreendo.

– É por isso que peço para a senhora me desculpar, dona Bruna, mas eu não posso receber a senhora sempre em minha casa...

Bruna não deixou o homem terminar.

– Eu compreendo. Para mim o importante é que não haja ressentimentos entre a Nanci e os senhores...

– Por favor, não fique magoada com a gente por fazer as coisas desse jeito. A minha esposa tinha até adoecido. Só em saber que a Nanci vinha aqui hoje, melhorou. Por isso, eu queria que a senhora compreendesse...

– Seu Samuel, eu não tenho o direito de interferir na relação entre a Nanci e os pais. E mesmo que tivesse esse direito, eu não o usaria porque sei a falta que faz a compreensão do pai e da mãe numa situação dessas.

Dona Rute apareceu com outra bandeja, desta vez maior, contendo três bules e xícaras, e pediu a Nanci que trouxesse um cesto contendo roscas caseiras. O resto da conversa transcorreu acompanhado de chá, leite, café e roscas. O gelo entre pai e filha fora diluído, dando espaço para uma reaproximação, deixando tanto Nanci quanto dona Rute com a certeza de que o tempo dissiparia o resto de névoa que ainda pairava.

Quando se despediram, seu Samuel convidou Cisco e Abigail para um almoço. Cisco respondeu que não faltaria oportunidade e que quando possível voltariam. Seu Samuel despediu-se de Bruna com um aperto de mão mais afetuoso e, ao receber um beijo de Nanci, deu-lhe um abraço, dizendo “Deus te abençoe minha filha” com um timbre aliviado na voz.

No carro, os quatro ocuparam as mesmas posições em que estavam quando chegaram, Bruna no banco traseiro, ao lado de Abigail. Mal saíram da frente da casa, Bruna perguntou ansiosa:

– Foi tudo bem, Ci?

– Melhor do que eu esperava. Você tinha razão, Cisco, meu pai não tem culpa de ser do jeito que é. Ele me mostrou que não estava compreendendo bem a situação, e, pelo que eu entendi, a Bíblia é apenas um consolo para aquilo que não compreende. Mas aceitar integralmente, ele não vai aceitar, não!

– Isso é natural, Nanci. A Bíblia não ensina sobre os mecanismos psíquicos que envolvem as pessoas. Construímos mentalmente um único caminho; se, de repente, este caminho tiver uma passagem sem saída, nos perderemos...

– Cisco, eu tenho certeza de que você não ajudou só a mim; acho que ajudou a ele também. Obrigada. Você é um iluminado!

– Agradeço o reconhecimento pela ajuda, mas não me misture no seu mundo esotérico.

– Ô cri-cri! Estou te agradecendo e acho que você é um iluminado!

– Tá bom, eu sou iluminado, e iluminado são todos que acreditam que a realidade se vê olhando nos olhos da vida. E apagados são aqueles que se acostumam com velhas e emboloradas ilusões.

– Nanci, ele não é iluminado; ele é apenas um tremendo dum filho das circunstâncias! – disse Abigail. E as três mulheres se uniram fazendo piadas com o filho das circunstâncias, que aceitou a brincadeira com bom humor.

Quando entraram na Dutra, Bruna, feliz com a felicidade de Nanci, começou a cantar Gonzaguinha:

– Uma canção de amor/ Não é só aquela que fala de um beijo na boca/ Aquela que fala da ânsia tão louca / De corpos na cama matando desejos / Uma canção de amor / Não é só aquela que chora uma separação / Aquela que exalta a nossa união / Felizes pra sempre eterna aliança... – E assim todos se uniram novamente ao canto de Bruna, e Gonzaguinha os acompanhou por um trecho de Rodovia: – Uma canção de amor também é aquela que canta a luta da vida / A fibra, a força, a raça e o

sangue / Que vem de João, de Maria e José / Também é aquela que canta o suor do trabalho / Do calo das mãos de quem canta a esperança / No jogo na dança com garra e fé... – E seguiram pela rodovia cantando, tendo a companhia de criadores de alentos sonoros, como Jobim, que esteve ao lado deles dizendo que estava “chovendo na roseira”; Vandré compareceu explicando por que “não falou das flores”; Chico Buarque, por sua vez, disse que “do amor nasceu o escândalo e do medo criou-se o trágico”; Luis Melodia sugeriu que se tentasse “entender tudo o mais sobre o sexo”; Cartola disse que “o mundo é um moinho e vai triturar seus sonhos tão mesquinhos”; Vinicius pediu para que se pensasse nas feridas da Rosa de Hiroshima; Zé Ramalho escrachou de vez cantando o “povo marcado, povo feliz”; Belchior disse que “nossos ídolos ainda são os mesmos, e as aparências não enganam, não” e Gonzaguinha voltou para lembrar que “a gente não está com a bunda exposta na janela pra passar a mão nela”. E outros, muitos outros, participaram da viagem de volta, até que chegaram ao Tatuapé e, felizes, os quatro prepararam uma refeição com pão, salada e frios, regada a suco de acerola com laranja e muito riso e comentários sobre as emoções do dia.

Na despedida, Bruna agradeceu a Abigail a ajuda e afirmou que contasse com ela quando precisasse. Nanci abraçou Cisco, dizendo-lhe:

– Te devo essa, querido iluminado!

Ele respondeu:

– Esquece, apagadinha! – E deu-lhe um beijo na testa.

Os dois se foram, deixando as duas mulheres sentindo-se um pouco menos discriminadas e mais tranquilas. Era como se um raio de sol penetrasse na clausura do íntimo das duas amantes.

A tarde já tinha cedido o plantão para a noite, e Abigail previu que Cisco estivesse cansado:

– Quer que eu dirija?

– Não, obrigado. Eu dirijo pouco ultimamente. É um bom exercício.

– Cisco, eu prestei atenção em você hoje e cheguei à conclusão de que você é perigoso. Se tivesse um ego exigente e uma ambição desmedida, você seria um problema para a sociedade.

– Que é isso? Eu sou um humilde filho das circunstâncias.

– Não. Você é capaz de vender Bíblia em mesquita. E pro Aiatolá!

– Ora, mas vender a Bíblia pro Aiatolá ou pra rabino não tem nada de mais! É o mesmo que vender o Corão pro Papa. Para os doutrinadores, é uma leitura necessária. As picuinhas existem entre os doutrinados, que assimilam a doutrina sem lhe compreender a verdadeira essência. Os doutrinados são aqueles que acham que os outros têm que pensar por eles; os doutrinadores têm por obrigação ler de tudo pra fertilizar a imaginação. É por isso que tantos se acham burros e no entanto não são. São, na verdade, preguiçosos mentais e acomodados na doutrina do pão, circo e oração, numa mistura político-religiosa...

– Tá legal! Você foge da conversa com as suas filosofias. Eu estou falando que você é perigoso; você chegou a fazer o seu Samuel pensar que você era até pastor! O Ricardinho tá certo; se você montasse um templo na periferia ia ganhar muito dinheiro.

Cisco olhou para ela e, apesar da penumbra, Abigail notou o branco do sorriso dele:

– Eu não vim à vida pra criar ilusão nas cabeças das pessoas. O mundo já tem templos demais e eu não tenho interesse em criar mais confusão nesta bagunça. As coisas que disse para o seu Samuel foram só com o intuito de desbloqueá-lo de um condicionamento tolo...

– Cisco, crença não é tolice!

– É, Abigail! Dependendo da crença, acomoda, domestica e é improdutiva para o bem-estar da humanidade. Acentua as dores humanas por sustentar a convivência de lobos e ovelhas. Aqueles que as ovelhas chamam de ímpios são os que as dominam e lhes sugam o suor, e lhes servem de base para injustiças. Isso há milhares de anos! A crença tola atrofia a capacidade intelectual das pessoas, aprisionando o raciocínio e a capacidade de discernir. Temos educação para isso. Enquanto os hebreus imploravam ajuda a Deus, os imperadores romanos e seus concidadãos agradeciam a Júpiter o dom do poder. O que mudou é que Júpiter virou o deus Money.

– Olha, Cisco, você só não é perigoso porque tem a mania de buscar a verdade, como o Ricardinho disse! – ela insistiu sorrindo.

– Eu não tenho mania de buscar a verdade coisa nenhuma! Eu tenho admiração pela vida e tento compreendê-la. Longe de mim comparar-me a Marx (a distância é muito grande), mas eu sigo o mesmo caminho na vida. Marx dedicou-se a esmiuçar o capitalismo e propor nova ordem, por seu cerne estar ligado às coisas da vida, muito além dos costumes do sistema. Se fosse um homem integrado às mumunhas do capitalismo, e sem um ideal maior, seria um milionário, já que entendia muito bem os truques sórdidos do capitalismo. Mas viveu na miséria por ser um humanista com o ideal de transformação. O que dói é que foi traído até pelos seguidores. Como Cristo.

– Já é a segunda vez que você me fala isso.

– Porque eu acho que enquanto os liderados forem falsos com seus líderes, os líderes honestos serão fracassados e os líderes pilantras prevalecerão. Essa é outra excrescência do DNA cultural maligno da humanidade. Temos educação para isso.

Abigail não conteve a língua e, aproveitando-se do momento de desabafo de Cisco, instigou-o mais:

– Cisco, você fala tanto contra a humanidade e as instituições que chega a parecer que você é infeliz.

– Abigail, a moral religiosa, política etc. é falsa. A moral das instituições humanas é falsa porque os humanos não param pra pensar no justo valor de um homem. Racionam sobre as instituições e não raciocinam sobre o valor de uma pessoa. Eu tenho auto-estima, Abigail! E auto-estima não se preserva indo atrás da correnteza de falsos valores. Sou decepcionado porque vivo num país que não tem auto-estima e que sorri por auto-afirmação e não por prazer. Tem um patrimônio riquíssimo e é capitalista, mas não tem capital e nem educação. Num caso desses, quanto maior a gargalhada, maior a hipocrisia auto-afirmativa. Isso não é auto-estima.

– Ah, Cisco! Eu quero saber de você, e não do Brasil ou da humanidade.

– Desculpe. Eu sou tão convicto de que não sou uma ilha que sempre vou parar no coletivo.

– Olha, o Sandro e a Leilane já devem ter falado de mim para você, não é?

– É. Conheço um pouco de sua vida.

– Mas eu não sei nada de você. Você nasceu em Lorena, teve um padrasto, é camelô...

– Tudo bem, vamos lá: nasci em Lorena, no dia 13 de maio de 1952; portanto, sou do signo de touro. E, sendo condizente com a própria astrologia, sou teimoso! E convictamente não creio em horóscopo...

E assim, com humor em determinados momentos, com sensível introspecção em outros, ele abriu o livro de sua vida, passando para ela a leitura de suas raízes. Falou da infância aprendendo a nadar no rio Paraíba do Sul, falou da irmã e do irmão, bem mais velhos do que ele. E quando ela lhe perguntou sobre sua mãe e seu pai, surpreendeu-se com a resposta.

– Dois ausentes. Um de corpo distante, outro de corpo presente. Minha mãe era uma mulher de corpo bonito e cabeça de sonhos fugazes. Uma despreparada...

– Você tem raiva de sua mãe?!

– Não. Veja bem; hoje eu tenho capacidade para compreender que ela estava despreparada para ser mãe, como uma boa parte das mães que existem por aí; mas quando era garoto tive problemas sérios para entender o que acontecia em casa. Eu cresci vendo meu pai de vez em quando. Ele sumia, aparecia um tempo e sumia de novo. E eu ficava esperando ele aparecer novamente. Até que comecei a ver a minha mãe com um namorado, e outra época com outro. Eu não tenho por que ter raiva de minha mãe. Na verdade ela era uma pobre coitada, despreparada pela educação social dos desfavorecidos.

– Ela não trabalhava?

– Trabalhava como empregada doméstica. E quando ficava desempregada, os namorados apareciam. Era uma prostituição camuflada. Não era uma prostituição por oportunismo, mas por necessidade.

Era a primeira vez que ela ouvia um homem dizer que era filho de uma mulher que se prostituía, e isso a levou a pensar novamente se estava diante de um homem que não tinha segredos. Se os tivesse, deveriam ser bem cabeludos, já que

o que era digno de ser segredo para outros, não era para ele. E foi com essa impressão que ela continuou ouvindo-o atenta e perguntando com uma enxerida curiosidade, que a transparência dele aparentemente permitia.

– Nossa, sua cabeça devia ser uma confusão! Quantos anos você tinha?

– Dos 8 aos 10 anos, mais ou menos, a minha casa foi uma bagunça. E eu fiquei esperando o meu pai aparecer pras coisas melhorarem.

– Ele ficou sumido todo esse tempo?

– Eu nunca mais o vi! A última vez foi aos nove anos, mais ou menos.

– O que ele fazia pra sumir e aparecer e sumir novamente?

– Vivia de jogo e trambique. Era o típico cara que não deveria ter filhos. Vivia desse jogo de tampinha em praça pública...

– Que jogo é esse? Nunca vi!

– Esse jogo em que se usam três tampinhas e uma bolinha e o trouxa procura adivinhar onde está a bolinha. Viviam ele e mais dois caras desse expediente. Uns tempos estavam no Rio, outros em São Paulo. Além disso, jogava baralho, bilhar etc. A nossa casa era só pousada para suas viagens. Mas foi ele a grande paixão de minha mãe. Ela engolia tudo o que viesse dele. Na verdade, creio que minha mãe fazia parte das mulheres que possuem o cérebro e o coração no útero...

– Nossa, que jeito de falar! Você diz que não tem raiva de sua mãe, mas deixa transparecer que ainda guarda ressentimento.

– O problema não é com ela. Ela também foi filha das circunstâncias, como todo mundo. Sabe por que eu tenho espírito coletivo, Abigail? Porque eu sei que são as circunstâncias, o que eu chamo de DNA cultural, que levam a humanidade a estas constantes dores e injustiças. Os verdadeiros pais da humanidade são os costumes que passam de geração a geração. Meu ressentimento é com os costumes. Eles estão aqui, esperando as crianças que nascerão, para moldá-las de acordo com as injustiças já existentes. Somos todos filhos destas circunstâncias. E nada se faz para mudar esse rumo idiota. A minha mãe foi vítima dessa fatalidade que a humanidade alimenta. E meu pai também foi vítima dessa predestinação social.

– E seu padrasto, Cisco?

– Ah, na minha vida ele foi o pai e a mãe de que eu precisava! Quando ele apareceu na vida de minha mãe, a minha irmã já não morava conosco e meu irmão estava servindo o exército. A minha irmã não queria nada com nada e vivia em constante briga com minha mãe; então um tio, irmão de minha mãe, a levou para morar no Rio, na Mangueira. Nós mudamos aqui para São Paulo. Meu padrasto não era bobo, sabia que o fantasma do meu pai ia ficar rondando a cabeça de todo mundo se ficássemos em Lorena. Saímos de lá sem deixar endereço pra ninguém.

– Você o aceitou logo de cara?

– Claro que não. No início eu o vi como mais um dos namorados de minha mãe e não ia com a cara dele. Mas com o tempo eu fui percebendo que ele era diferente. Se com os outros namorados a minha mãe continuava azeda quando eles saíam, com ele era diferente. Ela ficava sempre mais calma, como se começasse a ter esperança no futuro. E eu comecei a sentir que ele era realmente diferente, porque se um ou outro dos namorados de antes me levava doce ou balas, ele nunca me levou isso. Ele levava roupas: calção, camiseta, bamba... Me dava gibis e livros infantis. E quando ele e minha mãe resolveram ficar juntos definitivamente, ele nos levou até Aparecida do Norte; quando minha mãe entrou na Basílica para rezar, ele conversou comigo durante muito tempo. Conseguiu me convencer de que meu pai me fazia mal, porque eu ficava muito tempo esperando algo que durava pouco e não me trazia benefício nenhum. E me convenceu de que viver em São Paulo me faria bem. Na verdade, ele me convenceu naquele dia de que se minha mãe vivesse com ele, a minha vida estaria resolvida.

– E seu irmão?

– Meu irmão estava no exército e disse que iria fazer carreira.

– E ele seguiu carreira?

– Seguiu nada! Saiu do exército, ficou uns dias em casa e foi também viver com meu tio no Rio de Janeiro.

– Parece que seus irmãos não gostavam de sua mãe!

– Eles eram bem mais velhos. Viveram com uma crueza maior a desorganização da família e os desencontros da minha mãe. A reação deles foi uma resposta ao radicalismo cruel e confuso das ações de meu pai e de minha mãe. Eles também são filhos das circunstâncias. Tiveram educação para isso.

– O seu padrasto levou vocês pra Aparecida do Norte a passeio ou ele era religioso?

– Ele não era religioso. Acreditava em Deus, mas se dizia um católico não-praticante. Ele nos levou a Aparecida porque minha mãe pediu. Ela queria rezar. Sei lá; talvez pagar alguma promessa!

– Quantos anos você tinha quando veio pra São Paulo?

– Dez pra onze anos. Estava ainda no primeiro ano primário. Tinha entrado com nove e tomado bomba logo no primeiro ano. Mas o meu padrasto me fez gostar de estudar. Por um tempo ele me deu livros infantis, e pedia que eu lesse e interpretasse. Me orientava nas lições. De repente tudo que parecia complicado começou a ficar fácil, comecei a deslanchar nos estudos e a receber elogios das professoras. Foi o meu estalo de padre Vieira.

– Não entendi! Que estalo é esse?

– Dizem que o padre Vieira era um aluno ruim na escola; de repente, num estalo, transformou-se num gênio.

– Os sermões do Padre Vieira são famosos, mas eu não li.

– Eu também não. Dos livros que meu padrasto me deu, o primeiro a me seduzir e me fazer sentir um adulto foi um livro de Casimiro de Abreu.

– Mas as poesias dele são tão pueris!

– Condizentes com a minha idade. Eu estava com uns doze anos... Era um livro velho. Ele me pedia pra ler e interpretar. Com uma única poesia ele me explicava significados de palavras, me orientava sobre as rimas e a construção dos versos, me ensinava valores morais e noções sobre os sentimentos. Quando ele me deu livros de Monteiro Lobato, minha noção do homem, do mundo e da vida se ampliou. De um pequeno assunto, ele fazia uma explanação periférica, me passando uma compreensão mais ampla do que o assunto do próprio livro...

– Então ele era culto! No que ele trabalhava?

– Era músico. Tocava piano e violão. Foi ele quem me ensinou a tocar cavaquinho!

– Ele era lá de Lorena?

– Não. Ele foi com um conjunto pra tocar num clube de lá e acabou se tornando relações públicas do clube. Tocava em eventos, bailes... O conjunto veio embora e ele ficou.

– Ele era novo?

– Uns 20 anos mais velho do que a minha mãe. Devia ter na época uns sessenta anos.

– Puxa, você veio na raspa do tacho, hein! Quantos anos sua mãe tinha quando você nasceu?

– Trinta e um. Tenho a impressão que foi mais raspa do que parece. Sempre senti que minha mãe não me abortou porque não teve dinheiro pra pagar o aborto e as garrafadas não fizeram efeito.

– Por que você sente isso?

– Se minha mãe era insatisfeita com os filhos mais velhos, por que iria se sentir feliz com um filho que despontava numa época tão imprópria?

– Eu gostaria de dizer que uma mãe não pensa isso, mas a realidade prova o contrário. Além do mais, as circunstâncias deixam esses indícios – ela disse, pensando que nem todas as mães são mães realmente.

Abigail estava tendo uma nítida compreensão do bloqueio de Cisco com relação ao casamento e à constituição de uma família. O padrasto podia tê-lo estruturado no caráter, mas no íntimo dele permaneceram incrustadas heranças dos pais. Assim ela entendeu, mas logo desmanchou o pensamento por achar que estava seguindo caminhos que não compreendia. Cisco havia ensimesmado, talvez viajando por momentos vividos na infância ou juventude, e ela não queria perder a oportunidade de conhecê-lo melhor.

– Qual era o nome do seu padrasto?

– Diógenes.

– Ele devia gostar muito de sua mãe, não é?

– Eu acho que ele sentia por ela uma mistura de paixão e compaixão. Paixão pelo corpo e compaixão pela alma.

– Nossa, que visão estranha. Então você não achava que ele amasse sua mãe?

– Será que a mistura do desejo com a compaixão não dá amor? Talvez...

– Mas por que você acha que ele sentia compaixão por sua mãe?

– Havia uma diferença intelectual muito grande entre os dois. Minha mãe era esotérica e ele racional. Minha mãe era pessimista e ele ponderado... Não é que minha mãe fosse pessimista. Na verdade era ambiciosa e insatisfeita, e ao mesmo tempo fatalista, dizendo que suas dores eram carma. E ele tinha uma paciência enorme com ela. Quando eu estava com

treze pra catorze anos, minha mãe contraiu câncer e ele agüentou as pontas. Se ela entrava em depressão, ele enchia a cabeça dela de fantasias. Dizia que a ciência já estava encontrando a cura do câncer e que eles viveriam muito tempo juntos ainda. Dizia que ele iria primeiro do que ela e que ele a esperaria para dançarem um bolero bem gostoso, despidos de corpo mas com a alma sensualizada. Eu me lembro bem dessas coisas, porque era automático; quando ele falava essas coisas sem nexos, minha mãe se acalmava e sentia-se melhor. Era como se o absurdo tivesse sentido.

– Ele falava essas coisas perto de você?

– Ele tocava à noite e ficava de dia em casa. Tirava algumas músicas, ensaiava, lia, e só saía quando tinha compromisso. Eles só tinham intimidades quando eu estava na escola ou na rua. Era comum eu entrar e eles estarem conversando, brincando ou até discutindo... Certa vez eu entrei em casa e minha mãe estava gritando na cozinha: “Pára”, Diógenes! Tá me machucando! Pára!” Quando eu entrei, minha mãe estava quase esticada em cima da pia, esperneando, e ele dando-lhe mordida na bunda, e quando ele ficava com uma mão livre dava-lhe tapas leves. Quando eles me viram, pararam e ele disse rindo: “Não é nada do que você está pensando! Sua mãe não quer ir ao médico à tarde e eu estou convencendo-a a ir!” Olhei para minha mãe e ela estava rindo e dizendo que não ia. Então ele me pediu que o ajudasse e nós a carregamos e colocamos no sofá da sala, e ele começou a dar cachuletas nas nádegas dela, e eu exagerei na dose, dei um tapa bem mais forte do que a brincadeira pedia. Levei uma bronca no ato! Era como se ele sentisse que foi um tapa de vingança.

– Foi intencional?

– Não. Claro que hoje eu entendo mais ou menos o porquê, mas no dia eu não conseguia compreender por que o tapa saía mais pesado do que a brincadeira permitia.

– E a sua mãe, como ela reagiu?

– O Diógenes pôs panos quentes, dizendo que eu era jovem e não tinha noção de como usar a força e deu outras desculpas que ela engoliu. Mas na primeira oportunidade em que ficamos sozinhos ele me disse que por algum motivo eu sentia vontade de bater na minha mãe. Disse que qualquer que fosse o motivo eu deveria respeitá-la e compreender que assim como eu não tinha culpa de ter dado aquele tapa, ela também não merecia receber o tapa.

– Ah, agora eu entendi este seu jeito! Ele foi o seu pai e sua mãe intelectual.

– Ele foi o melhor presente que o destino me deu. Quando ele começou a me ensinar a tocar cavaquinho, me disse que estava ensinando o ritual mais sagrado da vida dele. Disse que a música e toda a arte deveriam ser a coisa mais sagrada da humanidade...

– Então ele não acreditava em Deus.

– Talvez ele quisesse dizer que através da arte fosse possível se relacionar com Deus sem sacrifícios inúteis. Creio que é isso que ele quis dizer. Pena que com a doença da minha mãe, a convivência com ele foi prejudicada porque tiveram que me internar num colégio.

– Você esteve num colégio interno?!

– A doença de minha mãe se agravou, e ele era uma pessoa que procurava se antecipar aos fatos, sabia que teria dificuldades pra ficar comigo. Eu estava com catorze anos. Creio que sentiu que seria muito complicado ficar comigo. Acho que ele tinha razão, era uma responsabilidade difícil de assumir. Quando minha mãe morreu eu estava com dezesseis anos e já estava há mais de dois anos no colégio.

– Ele te visitava?

– Ele nunca me desamparou! Pelo menos uma vez por mês ele sempre me visitou. Quando eu estava com dezessete anos, mais ou menos, ele arranhou outra mulher e aí as visitas foram mais esporádicas. Eu saí do colégio com dezoito anos e morei na casa dele por uns meses. Depois me firmei num emprego e preferi morar numa pensão. Mesmo nessa época ele continuou me orientando muitas vezes. Quando eu estava com vinte e dois anos ele morreu.

– E seus irmãos, você não viu mais?

– A minha irmã foi pro Espírito Santo e ninguém teve mais notícia. Certa vez eu fui à casa do meu tio no Rio de Janeiro e encontrei o meu irmão.

– Ele ainda morava com seu tio?

– Não. Tinha cinco filhos. Dois com uma mulher e três com outra. Trabalhava com bicheiros e levava uma vida esquisita. Não o vi mais. A não ser o fato de convivermos na infância, não temos nenhuma outra afinidade. Temos visão de mundo totalmente diversa.

– Que situação interessante; pelos seus irmãos você não sente carinho nenhum e pelo seu padrasto você sentia...

– Sentia não, sinto! Ele morreu, mas o carinho está vivo!

Abigail lembrou-se de um momento na sala de seu Samuel quando Cisco dissera: “Se os sentimentos não brotam do sangue, por que nossa capacidade de amar deve se limitar a ele?” As dúvidas que ainda permaneciam sobre suas afirmações de que somos todos filhos das circunstâncias, sem o livre-arbítrio e de vontades limitadas, se dissiparam de vez. Compreendeu melhor o que ele queria dizer com suas explicações filosóficas. Ele não escolhera o pai e nem o padrasto. E sua mãe não se unira a seu Diógenes por mentalizar o homem e ele aparecer para ela. As circunstâncias os uniram, e o único livre-arbítrio que cabia à mãe de Cisco era decidir “quero” ou “não quero” ficar com ele. Em todo o enredo da vida de Cisco, ninguém tivera o livre-arbítrio para dizer: “Eu quero que as coisas aconteçam diferente do que estão acontecendo”, e acontecerem.

Pensando assim, Abigail deu razão a Cisco por dizer que o padrasto fora um presente do destino em sua vida. Se dependesse unicamente dos pais, ele teria uma educação totalmente diferente e, por consequência, tornar-se-ia um estranho ao homem que era hoje. Se o destino lhe impusera pais precários, compensara com um pai perene e orientador, dando-lhe a consciência de que somos frutos das circunstâncias. Mas e Deus, ela pensou. Que circunstâncias o teriam levado a tornar-se um agnóstico? Ela perguntou-lhe curiosa:

– Cisco, foi seu pai que o levou a descrer em Deus?

– Não. Foi o próprio Deus, e uma professora!

– Como eu vou entender isso? A professora teve uma visão em que Deus dizia a ela: “Eu não existo!” E ela transmitiu aos seus alunos: “Deus não existe!” É isso?

Ambos riram e Cisco explicou-se:

– É claro que eu já tinha algumas dúvidas sobre Deus. Afinal, quem vive uma vida confusa e pensa na vida que vive, certeza absoluta só tem se fizer de Deus muleta e viseira. Analisando o comportamento de minha mãe, que era mística ao quadrado, e meu padrasto, que dificilmente falava em Deus, era natural que eu tivesse dúvidas. Mas eu acreditava em Deus. Foi o próprio Deus que derrubou minha crença.

– Então o seu padrasto teve alguma influência!

– Teve. Mas quando fui pro colégio a coisa aconteceu. Ir pra um lugar que não se quer, empurrado por uma circunstância que não se deseja, é tirania do destino. E eu não gostei da situação. Mas procurei compreender a situação, fui envolvido pelo tato e pelas as explicações do meu padrasto, mas não aceitei intimamente.

– Aí você achou que Deus estava sendo tirano contigo?

– Comecei a questionar a dita bondade divina. Mas ia às missas aos domingos e pedia pra Ele fazer minha mãe melhorar logo e eu sair dali. Mas o caldo entornou foi noutra situação. Quando fui para o colégio estava no quarto ano primário. Eu já havia pego gosto pelo estudo e me dedicava não mais para passar de ano, mas para ter as melhores notas da classe...

– Hum, metido!

– É! Eu era assim. Tenho dois livros guardados que recebi de prêmio... Mas quando cheguei ao colégio estávamos no meio de setembro, eu fiz a prova mensal e fui péssimo. A classe estava muito adiantada e as matérias eram novas para mim. A professora disse que eu teria que fazer a quarta série novamente. Eu já tinha começado a estudar com atraso, estava com catorze pra quinze anos. Disse a ela que nas provas finais iria passar.

– Mas de uma escola pra outra era tanta diferença?

– O padrão de ensino era melhor e as matérias eram diferentes. Eu passei a pegar cadernos dos outros alunos e estudar matérias passadas; fiz tudo o que foi possível. Mas o tempo pra estudar era limitado, eu tinha que trabalhar. Eu trabalhava no setor de vime, fazia cesto de roupas, cesto de costura, essas coisas! Além do mais havia outras atividades, aulas de catecismo etc. À noite, as luzes se apagavam às nove horas; eu arranjei uma lanterninha de pilha e ficava debaixo das cobertas estudando... – Abigail sorriu, não por imaginá-lo debaixo das cobertas estudando, mas por imaginar que adolescentes no escuro e embaixo das cobertas fazem outras coisas. Voltou a prestar atenção no relato dele: – Eu comentei a situação com o meu padrasto e ele me explicou que era inevitável a repetência e que era um assunto já definido pela diretoria. E eu perguntei: E seu eu passar no exame? Ele me disse que aí seria um bom caso pra se discutir... Um dia antes do exame fui à capela e pedi a Deus que me fizesse passar; disse que eu não merecia repetir porque tinha feito tudo direito e não tinha por que ter decepção se estava agindo corretamente. Cheguei a prometer a Ele que seria padre, se passasse

de ano! Não adiantou, tomei bomba! Eu cheguei a ter certeza de que tinha tirado nota suficiente para passar. Houve muitos “meios-certos” discutíveis. Se o ensino daquela época fosse no chutômetro como o de hoje, eu teria passado com notas louváveis.

– Notas louváveis num ensino precário. Adianta?

– É verdade. Não adianta, atrasa mais!

– Então foi assim que você perdeu a crença em Deus...

– Não. Só dei um gelo Nele! Sempre que começava a pensar em Deus eu desviava o pensamento para outra coisa. Resolvia os meus problemas sem ajuda transcendental. Fiz o quarto ano de novo e tive as melhores notas da classe em todas as provas mensais. Um dia antes do exame fui à capela novamente...

– Teve as melhores notas e foi rezar pra passar?!

– Não! Fui desafiar Deus a me fazer repetir de ano! Fiquei um bom tempo na capela desabafando. Ficava olhando pro altar de Nossa Senhora das Graças dizendo com o coração: “Fala pra Deus fazer eu repetir de ano! Duvido! Se Ele não é capaz de fazer passar, não é capaz de me fazer repetir!...”

– Meu Deus, mas que rancor!

– Rancor ou não, tive 9,7 e passei em primeiro lugar! E a professora, que era a mesma do ano anterior, quando me deu os parabéns, ouviu também. Disse a ela que o mérito era meu e só meu! E fiz questão de lembrá-la de que ela me atrasou um ano sem precisar.

– E ela, o que fez?

– Chamou o diretor, e os dois me encheram de confete. Procuraram me fazer entender que um primário bem-feito é uma boa base para um curso superior. Hoje acho que eles tinham razão.

– Então Deus também tinha.

– Ele eu não sei. Não me deu explicação nenhuma. Meu padrasto ficou sabendo de tudo. Cheguei a lhe dizer que não me sentia bem assistindo à missa porque achava uma baboseira. Ele disse para assistir às missas como parte das convenções sociais, mas prestigiando minhas crenças íntimas. Disse que se não me sentia bem, era porque dentro de mim a crença não estava resolvida. Passei a ler a Bíblia, e logo na Introdução compreendi que era um livro importante, mas só um livro. Há muita coisa boa na Bíblia, mas nada mais esclarecedor do que a Introdução que Pascal escreveu.

Abigail ouviu-o por mais um tempo, mas sem muito interesse, pois entrara em profunda introspecção. Imaginou que, mesmo sendo mulher, se o destino engendrasses em sua vida origem e circunstâncias iguais às que ele vivera, ela seria uma mulher estranha à mulher que era. Sua realidade seria bem diferente. Por ser mulher, talvez sofresse influências nefastas que Cisco não tivera, sendo homem. Quando ele falara da irmã, fizera-o de uma maneira que a levava a pensar que sua irmã era uma prostituta no Espírito Santo. Mas a irmã dele não tivera a convivência com o seu Diógenes que Cisco tivera. Se ela tivesse vida inteiramente igual à de Cisco, sendo mulher, seria ela um Cisco de saias?, pensou, brincando com a imaginação. E concluiu que não chegaria a tanto, porque só o fato de ser mulher já era uma circunstância com influências diferentes, e há DNA cultural masculino e DNA cultural feminino. E ela divertiu-se intimamente ao perceber que estava usando a linguagem dele em seu raciocínio.

Por muito tempo mantiveram-se calados. Abigail imaginou que ele fazia uma retrospectiva do passado. E ela construía um filme no cérebro, tendo o Cisquinho como único personagem. Imaginava-o criança, alegrando-se com o aparecimento do pai e decepcionando-se com suas sumidas. Imaginava-o sentindo as dores do ciúme infantil ao ver a mãe dando atenção a diferentes homens, que ele agora chamava de “namorados”. Lembrou que certa vez ficara indignada ao saber, por colegas de escola, que haviam visto seu pai com uma mulher com a intimidade de quem mantém um romance. Falara com Leilane e as duas interrogaram o pai. Ele defendera-se dizendo que a mulher era colega do sindicato, esposa de um amigo, e que não havia nada entre eles. Na falta de provas, até a certeza é frágil, e mesmo não engolindo a história elas deixaram “prá lá”, para não levar uma dor a mais à mãe. Se ela indignara-se com a possível escapada do pai, como seria a dor de uma criança, filho da cultura masculina, tendo uma mãe “namoradeira”? Achou que o tapa que ele dera na bunda da mãe quando brincavam com o padrasto tinha como combustível as dores passadas. Estava enternecida pela história do homem a seu lado. Quem o visse atuar na sala de seu Samuel jamais pensaria que a vida de Cisco tivera princípio numa família desmembrada e confusa.

Já estavam novamente na Ricardo Jafet. Ela observou o letreiro narcisista de um motel, cuja fachada lhe chamara a aten-

ção na ida. Um “flash” passou-lhe pela mente, indicando que ela estava vulnerável a uma cantada dele. Desviou a idéia rapidamente. Pegou dois cigarros e acendeu-os, dando um a ele.

– Obrigado – disse ele pegando o cigarro e comentando em seguida: – A vida nos impõe situações interessantes. O que sou hoje teve como base o meu passado, no entanto sou um estranho ao jovem que fui. Acho até que eu fui um jovem “panaca”.

– Panaca?! Por que você diz isso?

– Depois que meu padrasto morreu, me desorientei por completo. Era como se estivesse vivendo uma adolescência retardada. Trabalhava e pagava o que devia, mas o resto era pura farra. Vivi até quase os 30 anos tendo como compromisso mulher, bebida e festa.

– Você se culpa por isso?

– Não. Não me condeno, mas não deixo de me repreender.

– Você bebia muito?

– Bebia. Infelizmente eu era resistente à bebida. Quem não é, não se torna alcoólatra. Abandonei os estudos, e meus sonhos foram pro brejo do tempo perdido, inclusive o de ser jornalista.

O resto da conversa estendeu-se entre sonhos, frustrações e conceitos de Cisco sobre Cisco. Abigail captou inseguranças e firmezas que ele acolhera na alma no passado. A cada momento, sentia-se mais íntima dele, tal a transparência com que Cisco lhe expunha o seu cerne. Ele lhe contara parte de sua vida como se estivesse no divã do analista sem precisar estar, dando a impressão de que a narrativa era sobre a vida de outra pessoa. Salvo o desafio que fizera a Deus e o confronto com a professora que tivera no colégio, nada mais fora dito com tom de fanfarronice. E mesmo fatos que para muitos homens são motivos de orgulhosa exclamação, tipo “eu vivi”, para ele não passavam de um período em que se sentira um “panaca”. Abigail identificou esse período da vida dele com seu próprio passado. Ela também se sentia uma idiota pelo tempo perdido. Tinham algo em comum.

Quando chegaram, Leilane, Sandro e dona Maria assistiam ao “Fantástico”. Sandrinho, no colo do pai, nem ligou para a festa que lhe fez a madrinha. A pergunta inevitável veio de Sandro:

– Como foi lá?

– Bem – respondeu Cisco –, a Abigail conta como foi, porque estou cansado. Mas correu tudo razoavelmente bem. – Ele disse isso a Sandro e olhou para Abigail como quem implora: – Abigail, estou doído pra retocar o batom; posso ir primeiro? – E não esperou a resposta, foi-se.

Leilane estava colocando água no fogo para preparar um café quando ele voltou e foi direto à garrafa térmica:

– Agradeço o café fresco mas não sou fresco e tomo o velho. – E bebeu o resto do café da garrafa.

– Ei, você não vai contar como foi o dia?

– Não. Estou cansado e amanhã tenho muita coisa pra fazer. A Abigail conta. Durante a semana eu apareço e a gente bate um papo. – Já na sala disse a Abigail, mostrando a aliança: – Gostei tanto do casamento que quero que ele perdure até que as alianças fiquem pretas. – Deu um beijo em dona Maria dizendo: – Eu sei que a senhora fez sapatinhos de tricô para o meu afilhado. Quando for fazer os do padrinho, eu quero com bico fino e salto carrapeta!

Dona Maria disse sorrindo:

– Tá bom, meu filho!

E ele se foi.

Abigail foi à cozinha preparar um prato, e enquanto jantava contou, com pormenores e impressões pessoais, os acontecimentos de Campos do Jordão.

Quando estavam para se recolher, ela comentou com Leilane:

– Você tem razão; o Cisco é um cara diferente.

– Não te disse? Ele é um ateu-cristão.

Naquela noite Abigail demorou a dormir.

Sandro havia separado alguns recortes dos classificados para que ela fosse procurar emprego no dia seguinte e deixado o endereço do apartamento para alugar. Tinha que levantar cedo e descansada, mas apesar do cansaço que a viagem causara, foi difícil dormir. Chegou a trocar as funções do diabinho e do anjinho. O diabinho assumiu a posição de um produtivo cristão e o anjinho rebaixou-se para o reles posto de subalterno de satanás.

Dormiu tendo sonhos surrealistas.

CAPÍTULO IV

Com o dinheiro nas mãos as coisas ficam mais fáceis, e logo Sandro havia comprado outro carro e passado o fusquinha para Abigail.

Ela alugara a quitinete e arrumara emprego. Como ficara acordado, mudara-se para a quitinete sem a mãe, que ficara feliz ao lado do neto. Sandro avalizou o aluguel e a compra dos móveis, já que Abigail resolvera comprar em três vezes para continuar com algumas economias na poupança. Quase uma semana dormira num colchonete cercada de caixas de móveis por todos os lados e, aceitando sugestão de Sandro, resolveu não esperar os montadores da loja. Dera um almoço de inauguração, tendo como convidados a mãe, a irmã e o cunhado, Cisco e Ricardinho. Claro que Sandrinho, o dependente, também compareceu. Enquanto as mulheres preparavam o almoço, os homens montaram os móveis. Assim se deu a inauguração de sua nova residência.

Arranjara emprego numa editora como recepcionista. levando em conta a inflação dos 14 meses em que estivera desempregada, seu salário estava abaixo do que recebia anteriormente, mas considerando que era um reinício para um novo caminho na vida, ficou satisfeita.

Com a mudança e com o emprego, sentia-se aliviada. A incômoda sensação de dependência por que passara fora uma experiência marcante. Por um tempo sentira-se um traste a atrapalhar a vida alheia. Sandro passara por momentos tensos na sua função sindical, mas mesmo com a agenda lotada encontrara tempo para ajudá-la, orientando-a no novo caminho. Apesar de não possuir uma posição importante no sindicato, ele envolvia-se completamente na política sindical. Encontrava-se tão atarefado com suas funções que até os prazeres da paternidade não eram vividos com a alegria que desejava. Sempre ao chegar em casa colocava o filho no colo, mas logo estava em conversas políticas e sindicais com Leilane, que ouvia os desabafos do marido com a desenvoltura de quem tem intimidade com a luta do companheiro. No pouco tempo em que residira com a irmã, Abigail absorvera conhecimentos sobre greves e descasos políticos e econômicos que a deixaram muito mais ciente da triste realidade do país. Percebeu que o seu envolvimento com as drogas não era o único motivo para a sua alienação política, mas também seu próprio descaso com a dinâmica social. Ouvindo a irmã e o cunhado, percebeu que mesmo com um diploma universitário não deixaria de ser moralmente uma cidadã de segunda categoria. Resolveu inteirar-se dos fatos políticos do país e se agregar melhor ao grupo, já que inevitavelmente iria participar da campanha eleitoral. Assumiria a respeitada herança que seu pai lhe deixara e só sua irmã aceitaria: a luta política. Iria participar da sociedade como cidadã de primeira classe. Assim ela pensou.

Queria fazer uma assinatura de jornal e pediu a Sandro que a orientasse sobre o melhor, mas ele lhe sugeriu que fizesse uma assinatura da revista *Veja*, já que teria uma síntese informativa dos acontecimentos da semana e lhe seria mais útil e menos maçante. Para incentivá-la, ele lhe deu exemplares antigos, que ela levou com seus outros pertences na mudança. E ela leu. Leu e ficou sabendo que em agosto de 88 o *New York Times* deu a seguinte nota e a *Veja* transcreveu: “Os

colonos teriam menos fome de florestas se o Brasil distribuísse 43% das terras aráveis que pertencem a apenas 1% da população.” Gostou de saber que aquilo que seus companheiros falavam não eram meras palavras ou suposições sem sentido, e sim a realidade do país que até políticos de outros partidos atestavam. Como Fernando Lyra, que disse: “Quando aparece o presidente José Sarney desligo a TV, pois sei o que ele vai dizer. Mas quando aparece o ACM ouço com atenção, pois é a palavra de quem governa de fato.” Ficou sabendo que o Pelé quis ser avalista de um empréstimo para o Brasil, mas o presidente do Citibank lhe disse: “Se for para você dá pra emprestar, mas para o seu país não.” Soube que além de outras tantas coisas que a Bahia tem, tem José Lourenço, um deputado português no Brasil. E ainda que Sarney lastimou-se pelo PFL haver rompido com ele por causa do PMDB, que não o apoiava por causa do PFL. Soube que o Jânio tinha uma conta bancária na Suíça, de número 333081 PWJ, no Citicorp. Soube, ainda, que um tal Henry Breck, homem do mundo financeiro da Wall Street, disse: “O negócio dos bancos é ganhar dinheiro e o dos clientes é remunerar os acionistas... O Brasil não precisa de empréstimos. Aliás, o que precisa é não tomar empréstimos. Em vez de cortar as árvores deveria queimar as dívidas.” E soube que o irmão de Romeu Tuma, Renato, trabalha num tal Conselho Consultivo Metropolitano da Câmara e esse Conselho não existe há mais de três anos. Soube que Abílio Diniz foi autuado por especular com óleo de soja. Ficou sabendo também que Beto Saloes, petista, estava encrencado por ter participado de uma expedição à Nicarágua e ser acusado de um suposto aprendizado de guerrilha para a Líbia. Ficou sabendo que o Humberto Lucena “não mama nas tetas da pátria, vive no útero com toda a família num total parasitismo”, segundo o pensamento dela ao ler uma reportagem. Tomou ciência, numa entrevista do Quércio, de que o Brasil está sendo espoliado pelos credores. Que o Brasil tem uma dívida de 120 milhões de dólares, mas que o título vale 100 dólares e é adquirido até por 35. Envergonhou-se. Indignou-se ao saber que o ministro Roberto Cardoso Alves organizou operação para exportar café solúvel para a União Soviética e montou uma caixinha para sustentar campanha elei-

toral, e que o SNI estava apurando suspeitas irregulares num projeto de exportação de 300 mil toneladas de açúcar por preço abaixo do mercado, e que auxiliares do Ministro estavam cobrando propinas para liberar dinheiro da Siderbrás. E que Roberto Lago, secretário especial de Robertão, como era chamado o ministro, estava envolvido no escândalo do IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool –, mas antes fora afastado do Inamps por autorizar o funcionamento de hospitais irregulares. Abigail inteirou-se com minúcias sobre o episódio Pau-Brasil, de que ela ouvira falar mas não entendera, e agora sabia que João Carlos Martins era ligado a Mário Marzagão, Robertão e Paulo Maluf. Entendeu melhor o que se convencionou chamar de “Operação Bandeja”, que no Rio de Janeiro o governador Moreira Franco articulou com o intuito único de fragilizar Brizola politicamente, acusando seus filhos, Neusinha e João Vicente Brizola, de serem dependentes de cocaína e de comprarem a droga pelo BIP 3420 – o Disque-Coca. Ficou sabendo também, por um tal Elliot Abraans, que os países da América Latina não podem crescer se estiverem alimentando o fluxo exportador de capitais. Leu sobre o assassinato de Chico Mendes uma nota do *New York Times*: “O senhor Mendes será pranteado não só por brasileiros. Na verdade, ele estava defendendo o próprio ar que o mundo respira.” E ao ler isso lembrou-se de Cisco e seus comentários sobre a África, que os países desenvolvidos dizimaram. Chegou a pensar: “Deus, salve a América Latina.” Mas logo pensou novamente em Cisco, que não tinha o hábito de viver esperando Deus.

Após a leitura das revistas, um profundo sentimento de vergonha a possuiu. Estava envergonhada não só com as mazelas de seu país, mas principalmente consigo ao constatar que as coisas estavam acontecendo e ela não sabia de nada. Nos poucos exemplares que Sandro lhe dera, tivera uma noção não só dos fatos, mas também da profunda alienação em que vivia. Ela, que acreditava saber o suficiente e achava-se uma mulher moderna, se envolveu em profunda reflexão sobre si e seu modo de compreender a sociedade e a vida. Entendeu que pouco sabia, e compreendeu melhor as críticas que sua irmã fazia ao *Jornal Nacional*, acusando a Globo de “manipuladora de informações”. Entendeu que o povo era tratado

como crianças que não podem saber dos atos que os adultos traquinas praticam. Ficou sabendo das manipulações das pesquisas eleitorais ao ler matéria sobre as eleições de 88 para as prefeituras. Na matéria, a Veja constatou que houve manipulação no Rio, em Porto Alegre e tantas outras capitais. Em São Paulo, o DataFolha, no último dia da eleição, deu que o Maluf estava com 28%, a Erundina com 25% e o Leiva com 18%; nas urnas o Maluf teve 25% e a Erundina ganhou com 30%. A Globo tinha pesquisa do Ibope que colocava a Erundina na frente e a escondeu na gaveta. No Rio de Janeiro e várias capitais as pesquisas foram manipuladas sempre em detrimento dos partidos de oposição. Ela, que na sua alienação sempre vira os petistas como “bebês chorões” em suas reclamações sobre a conduta política dos poderosos desde o tempo em que seu pai era vivo, agora compreendia que a enganada era ela. Estava agora diante de fatos. Sentiu-se uma idiota travestida de cidadã. Resolveu reciclar-se.

Aos sábados trabalhava só meio período, e aproveitava o descanso para cuidar da casa. Lavava, passava, fazia compras no supermercado e deixava o seu “recanto” habitável para a semana seguinte. Num sábado de março, após cumprir suas tarefas domésticas, aprontou-se sem muito esmero e saiu, ligando do orelhão da esquina para avisar Leilane que estava indo “jantar com o Sandrinho”. “Ótimo, venha! O Cisco virá jantar também”, adiantou-lhe Leilane. Abigail desligou, pensando: “Se o Cisco vai também, o jantar não é mais informal.” Subiu novamente ao apartamento, trocando as roupas e produzindo um novo visual. Desceu a Major Diogo até a rua Santo Antonio com o apetite redobrado. Pegou o carro no estacionamento com o cérebro fervilhando maquinações: “Ele gosta de filosofar, vou ouvir e falar pouco. Mas preciso falar também, senão fico parecendo uma tatibitate.”

Cisco. Cisco tornara-se um habitante do íntimo dela. Ele havia se embrenhado em seu íntimo sem esforço e sem pedido de licença. E o que ele fizera para que isso acontecesse? “Nada”, ela constatou abismada. Ele não dera indícios de interesse por ela, como Pérsio, e no entanto a atingira no coração sem lhe atirar nada. Agira como agiria com qualquer mulher que se aproximasse do grupo, ela assim acreditava. Contudo, passara a ocupar parte de seus pensamentos diários,

mesmo que passasse dias sem vê-lo. Para uma mulher que tencionava ser mãe e esposa, Cisco não era um bom partido. Vivía uma vida distante dos padrões de segurança financeira e do comportamento familiar. Aquilo que as mulheres reclamam dos homens por não possuírem, ela percebera que ele possuía; mas aquilo que comumente os homens dão às mulheres, ele nem se preocupava em ter. Vendo-o por essa ótica, ela matutou: “Como transformar em marido um homem que nasceu para ser amante?” Ela não sabia.

Quando chegou, Cisco não estava. Conversou com a mãe, despiu Sandrinho para experimentar o macacãozinho que levava de presente e se alegrou por ter acertado o tamanho. A mãe e a irmã elogiaram: “Que gracinha!” Sandro gracejou: “É este o tamanho. Ficaremos com a amostra e queremos mais uma dúzia!”

Ao comentar que lera as revistas e que estava se sentindo uma tapada por não saber que as coisas aconteciam, Sandro lhe disse que a imprensa escrita dava melhores informações do que a imprensa falada por não serem concessões e não terem o rabo preso como as rádios e TVs.

Sandro perguntou a Abigail se ela havia lido sobre a campanha da Erundina para a prefeitura e ela respondeu entusiasmada:

– Achei um barato! O PT só tinha duas caminhonetes e uma delas perdeu a roda, e quando o motorista foi procurar mecânico, um ônibus bateu nela e quebrou de vez! É muito azar!

– Azar? Não sei não; pode muito bem ter sido sacanagem do motorista do ônibus. Nós somos tão atacados que já nem sei mais distinguir quando é paranóia ou realidade. Nessas horas, o primeiro pensamento que bate é que fomos sacaneados. Nós só tínhamos duas caminhonetes e um carro de som; o Maluf e o Leiva entupiram de perua e carro de som de uma ponta a outra da cidade, e nós ganhamos. Quer vitória mais bonita? Davi contra Golias!

Os olhos de Leilane brilharam de satisfação, mas Abigail lhe tirou o brilho do olhar perguntando:

– Tudo bem, foi uma vitória bonita; mas ela vai conseguir fazer um governo que deixe saudade?

– Nesse país só deixa saudade quem tem os meios de comunicação nas mãos, porque a memória do povo é a imprensa e a imprensa só fala o que quer. Você fala uma verdade hoje e o povo aceita, mas amanhã o povo está pensando o contrário, porque sua atenção está sendo manipulada para pensamentos diferentes da realidade. Você vai ver na campanha que vem aí...

Sandro interveio:

– O Jânio deixou 160 milhões de cruzados novos de dívida e um monte de obras pra concluir. Se ela procurar concluir as obras, abandona projetos prioritários como os transportes, saúde e educação. Além do mais, ela tem que sanar as contas públicas. Tenho certeza de que, se ela pegasse os cofres com uma dívida menor, faria uma administração muito benéfica para a maioria da população. Se ela conseguir sanar as dívidas da prefeitura e organizar uma diretoria administrativa nos moldes que a gente pretende, é só fazer o sucessor da prefeitura que aí a coisa começa a andar...

Leilane interferiu na fala de Sandro:

– O problema, também, é a classe média. A classe média é uma classe desclassificada por lambar as botas das elites e pisar nos oprimidos.

E Sandro concluiu a fala de Leilane emendando:

– É isso. Lembra a hierarquia militar: o general acorda de mau humor e come o rabo do coronel que come o rabo do tenente que come o do sargento que come o do cabo, e o cabo come o do soldado, que sai à rua procurando um civil pra laranja. Chamam a isso disciplina, civismo e patriotismo. É igual à disciplina dos trotes das faculdades, quando o calou-ro faz as idiotices que o sabichão manda...

Abigail entendeu que ele havia colocado a hierarquia militar na conversa por algum recalque da ditadura militar, mas não pôde concluir o pensamento, porque Leilane voltou a falar:

– Tem muito pilantra que vai odiar a Erundina. Aqueles que estão acostumados a rodear a prefeitura e mamar no bico dos cofres públicos vão odiar!

– Ah, eu sei! Havia cem chamadas por mês do telefone-despertador, não é isso?

– É, menina! Os funcionários da secretaria de obras dos hospitais da prefeitura e na própria prefeitura dormiam no ser-

viço e ligavam pro telefone-despertador acordá-los na hora de ir embora! Até os puxa-sacos dos amigos do secretário do Jânio usavam carros da prefeitura. Só na garagem da prefeitura gastavam 45 mil litros de gasolina por mês. Com a Erundina gastam agora 29 mil...

– E o mais importante: eu não preciso dar propinas para os fiscais do Jânio. E, quem sabe, passe a pagar taxa para a prefeitura e não precise ficar fugindo com os meu chinelos, e nem pagando michê pra marmanjo!

Todos os olhares se dirigiram para a porta. Cisco chegara. Abigail perguntou, estranhando:

– Ué, como você subiu? O portão estava aberto?

– Nós fizemos uma chave para ele – disse Sandro.

– Quando começar a campanha ele não vai sair daqui, é pelo menos uma viagem a menos até o portão – completou Leilane.

Cisco entrou com uma bandeja coberta com pano de prato e um pacote. Foi direto à cozinha, colocou a bandeja em cima da mesa e retornou, dando o pacote a Leilane e dizendo:

– É um smocking para o Sandrinho.

– Oh, não precisava! Dez caixas de fraldas seriam o suficiente – brincou Leilane, abrindo o pacote. Havia uma caixa com um mordedor de borracha com chocalho e uma camisa do Corinthians em que cabiam três Sandrinhos.

– Isso é insulto! Aqui só tem santista! – disse Leilane. – Além do mais essa camisa é grande demais pra ele. Não serve.

– Não serve hoje, mas servirá amanhã.

– Ah, te manca Cisco! Quando esta camisa servir no garoto o Corinthians já acabou! – disse Sandro.

– Não. O Corinthians é uma instituição imortal! Morrerá a Academia Brasileira de Letras e o Corinthians continuará brilhando.

Abigail resolveu meter o bedelho no meio da conversa. Levantou-se para pegar a camisa com Leilane e comentou:

– Nunca me passaria pela cabeça que você é fanático por futebol. E corinthiano ainda!

– Fanático, não. Gosto de futebol e me divirto até com futebol de várzea. Onde tiver dois times jogando escolho o mais fraco para torcer.

– Ah, então você torce para o Corinthians por ser o mais fraco?! – ela se divertiu.

– Não, o Corinthians é coisa à parte.

– E não é fanático?! – Abigail insistiu, provocando-o.

– Claro que não sou fanático. Tiro o futebol como pura distração. Aliás, tenho uma teoria sobre isso: no clube, o presidente está lá por interesse político e financeiro; o conselho deliberativo também, o técnico, o departamento técnico e os jogadores estão lá por interesses monetários e jogam no Corinthians com o mesmo amor que jogariam no Barcelona, ou outro clube qualquer que lhe pagar bem. Os chefes das torcidas também ganham com sua função. Só os torcedores é que amam o clube com fervor admirável e pagam por esse amor. Você não acha que o amor é lindo?

– Eu estava no jogo do Santos e Portuguesa em 73, quando o Armando Marques provou que não sabe contar. De lá pra cá passei a acreditar que o futebol é tão importante que, em vez da galera perder tempo e dinheiro nas arquibancadas, deveria ir jogar bola, que é mais saudável, – disse Sandro, rindo.

– Eu acho que esse fanatismo das torcidas é uma grande idiotice! – retrucou Abigail. – Eu não entendo esta violência maluca por causa de um esporte.

– Isso está dentro do contexto cultural de Nero; ele disse: “O povo quer pão e circo!” Só que ele não percebeu que assim como a falta de pão mata, o excesso de circo também! O futebol é uma prova de que o homem é um animal racional afeito a práticas irracionais. Temos educação para isso. – Cisco terminou suas dissertações filosóficas a respeito do futebol e a olhou de cima a baixo, perguntando:

– Você vai jantar fora?

– Considerando que não moro mais aqui, vou!

– Não! Você está vestida como quem vai jantar no Terraço Itália.

Ela agradeceu e Sandro comentou:

– Realmente; ela está digna de um jantar em Paris.

Cisco pegou o gancho:

– É! Não a convido para jantar no Jour Gras de la Boa Bóia, em Champs-Élysées, por ter um compromisso inadiável amanhã pela manhã...

– É, ele tem que levar seu vira-lata para passear no quintal, logo ao romper da aurora. Que pena! – arrematou Sandro, irônico.

Quando Abigail disse: “Por que vocês não vão alugar as respectivas vovózinhas?”, Leilane gritou da cozinha: “Parem de alugar a minha irmã e venham jantar!”

E eles se dirigiram para a cozinha. Cisco rumou para o banheiro e Abigail perguntou-lhe:

– Vai retocar o batom?

– Não. Nem urinar! Só lavar as mãos.

Leilane tinha feito lasanha com a ajuda e a orientação de alguns truques de dona Maria e todos gostaram, e o jantar transcorreu com o prazer de se jogar conversa fora, aproveitando a pouca oportunidade que tinham para esse exercício. A bandeja trazida por Cisco continha um bolo que ele fizera, e Abigail gostou tanto que lhe perguntou:

– Em que confeitaria você comprou este bolo?

– Este bolo fui eu que fiz, e chama-se “Jornal da Tarde, Abril”.

– Por que esse nome?!

– Na ditadura, as notícias de escândalos que o povo não podia saber eram substituídas por receitas de bolo. O *Estadão* publicava poesia de Camões; o *Jornal da Tarde*, receitas de bolo. Me tornei um perito em confeitaria. Fiz bolo em homenagem ao Golbery, ao Médici, ao Costa e Silva, Figueiredo, Newton Cruz. Fiz até pro Delfim Neto, que dizia que iria fazer o bolo crescer e depois dividir. Eu estava me sentindo massa de bolo, me promovi confeitoiro.

– Não acredito!

– Não acredita que em vez das notícias vinham receitas de bolo ou que eu fiz os bolos?

– Não acredito que você se preocupasse em lê-las.

– Li e fiz alguns bolos. Na época do Figueiredo as receitas de bolo rarearam, mas eu fiz o bolo Incitatus, quando ele disse que “gostava mais do cheiro de cavalo do que cheiro de povo”. Fiz o bolo, e eu, uma namorada e dois casais de amigos comemos e tomamos porre a noite toda!

– E por que o bolo se chamava Incitatus? – ela perguntou sem atinar o porquê.

– Porque Incitatus era o cavalo de Calígula e ele fez do seu cavalo um senador. E eu acredito que se o Figueiredo estivesse no poder na antiguidade, faria o mesmo. Aliás, ele colocaria os cavalos do seu haras para representar o povo no senado.

– Pera aí, Cisco; dependendo do caso e de quem seria substituído, seria uma troca vantajosa! – gozou Sandro. Cisco discordou:

– Se ele gostava mais de cheiro de cavalo do que cheiro de povo, é óbvio que ele substituiria só os que gostam de cheiro do povo e não os viciados em cheiro de cavalo.

– É, faz sentido. Até porque seria uma substituição de composição menor e pragmaticamente mais fácil de se fazer...

Abigail não gostou de ver sua conversa caminhando para situações políticas e interferiu na conversa dos dois.

– Eu estava falando de bolo, e não de política, Cisco: você guardava mesmo receitas de bolo, recortadas dos jornais?

– Claro! Convido-a a ir à minha casa conhecer a minha coleção de receitas de bolo do tempo da ditadura!

Quando Abigail ia responder, dona Maria, que era de pouco falar, exclamou:

– Vigé! Isso ainda vai dá bolo!

Todos riram, e Leilane complementou:

– E de casamento!

O olhar de Abigail encontrou o de Cisco e desviou-se rapidamente, como que dizendo, confusa: “Deus, me livre desse desejo.”

Cisco desviou a conversa sem desviar os olhos:

– Falando em casamento: uma mulher que sempre achei um bom partido morreu!

– Você era fã da Dina Sfat? – perguntou Abigail, que também lamentara a morte da atriz no meio da semana.

– Era! Como atriz, era boa. Como mulher, era bonita. Mas como pessoa, ela possuía um fogo cerebral que me encantava!

As células de Abigail rapidamente captaram a mensagem: a mulher que o encantava produzia-se no íntimo e não nos efeitos especiais. Comparou-se com Dina Sfat e, sentindo-se inferiorizada, tentou diminuir o valor da falecida:

– Ela pode ter sido uma mulher interessante, mas o casamento dela com Paulo José foi conturbado. Talvez porque ela achasse o casamento uma instituição falida.

– Feliz do Paulo José, que teve a capacidade de casar com uma mulher que achava o casamento uma instituição falida e conviver com as brigas que o casamento traz. Mais do que uma mulher admirável, ela era um ser humano admirável – disse ele, não deixando a falecida ser desvalorizada.

Quando foram para a sala, Dina Sfat tornou-se o mote da conversa, com dona Maria rememorando as novelas de que a atriz participara. Leilane acabara de acender seu cigarro, e Sandrinho deu sinal de vida lá no quarto, com vigorosos berros. Sandro lamentou, cinicamente aflito:

– Ah, meu Deus; alguém tem que levar os seios para aquela pobre criança!

Leilane apagou o cigarro, levantou-se e foi ao encontro do filho, dando um croque na cabeça do marido na passagem e dizendo-lhe: “Imprestável!” Sandro agradeceu com fingida humildade: “Ah, querida, o que seria de mim e de nosso filho sem você?”

Abigail levantou-se do sofá dizendo que iria lavar a louça e Cisco a impediu, dizendo que ela estava com roupa de missa na praça de São Pedro, no Vaticano. E ele pôs-se a lavar a louça, com Abigail enxugando e Sandro guardando. Quando Leilane voltou, os três estavam quase terminando. Ela comentou:

– Não te falei, Abigail? Com uns empurrões esses imprestáveis servem para alguma coisa!

Abigail ia dizer algo, mas Cisco se antecipou:

– Sandro, tome as rédeas da educação de seu filho, porque as mulheres deseducam para depois tripudiarem!

Sandro concordou:

– É! Quando elas reclamam da deseducação de um homem estão reclamando de sua própria incompetência!

Mas Leilane discordou:

– Foram vocês que começaram esta pantomima toda cinco mil anos atrás, com a instituição do regime patriarcal!

E Sandro deu truco perguntando:

– O regime patricarcal foi principiado por um estupro à liberdade da mulher ou por uma passiva sujeição da própria, que não quis assumir-se como gênero pensante e participativo? Ser ou não ser: eis o estupro!

– Ah, eu lá quero filosofar sobre o princípio? O que interessa é o meio da história! E no meio da história, saiba que as mulheres educaram os seus filhos como simples professorinhas que recebiam o currículo educacional do ministro da educação! Do general! Do rei! Do papa! Do presidente! E do seu marido! As mulheres educaram seus filhos com as matérias que os homens lhe entucharam no cérebro! Os homens tiveram o poder, as mulheres não.

Abigail aguardou uma avalanche de Cisco em resposta, mas ela não aconteceu. Ele falou calmo:

– Concordo. Embora não se dê a devida atenção ao assunto, ele é muito sério. As mulheres educaram seus filhos despreparadas no método de educação e submissas ao padrão dos homens. Isso é ponto pacífico. Mas Sartre disse que a mulher é vítima e cúmplice de sua condição. Eu concordo com isso e transfiro o pensamento para uma órbita mais abrangente e de óbvia realidade: a humanidade é vítima e cúmplice de sua situação. Por isso, acho idiotice discutir qual dos sexos é mais inteligente ou qualquer elemento discriminatório. Tanto homem quanto mulher são feitos da mesma massa; a forma e o tempero é que fazem a diferença, para o prazer humano e perpetuação da espécie!

Sandro e as duas mulheres o ouviram com atenção. Cisco falara de costas para eles, lavando a última panela. E Sandro, concordando com o que ouvira, reforçou:

– Cisco, essas palavras vão ao encontro dos dizeres do filósofo Zé da Maria, que disse: “O homem que pensa que a mulher é desprovida de inteligência não é besta; é burro! A mulher que pensa que o homem não é provido de inteligência não é burra; é besta!”

Cisco, rindo, entregou a última panela para Abigail enxugar, dizendo:

– É isso aí! E eu não quero mais conversar sobre esse assunto, porque eu só discuto coisas de mulheres quando estou lavando louça.

Conversaram ainda sobre a dita guerra dos sexos, com irônicas farpas trocadas, e logo Leilane trocou a brincadeira por uma proposta:

– Gente; o PT tá abrindo uma conta pra campanha aí no Banco do Brasil da Praça da Árvore. Estou pensando que a gente deve fazer a festa da pizza, Cisco!

Abigail, que não sabia que festa era aquela, perguntou brincando:

– O que é isso? É algum escândalo que termina em pizza e festa?

– Que escândalo nada. O único escândalo em que me meto é na cama! – Leilane disse isso rindo e olhou para Sandro, que falou:

– Ai, meu Deus; ela só pensa naquilo! Cisco, jura que se eu morrer você cuida do Sandrinho?

Cisco disse: “Juro!” e não prolongou a brincadeira. Preferiu explicar para Abigail o que era a festa da pizza:

– Nós compramos ingredientes, preparamos pizzas semi-prontas, vendemos e jogamos o dinheiro na campanha. Fizemos isso em 86 e 88 e funcionou bem.

– Nossa! Se a coisa se espalha, vai ser um tal de gente começar a ganhar dinheiro e fazer a campanha do Lula terminar em pizza! Muitos fazendo campanha e ganhando dinheiro e a campanha não recebendo dinheiro nenhum!

– Claro que isso pode acontecer, afinal os petistas não são diferentes dos apóstolos de Cristo que eram só doze e tinha um picareta no meio – disse Cisco, e Sandro completou:

– Os petistas são milhares e seria idiotice querer que, entre milhares, todos sejam santos como eu.

– Hum, santo do pau oco! – brincou Abigail e Sandro replicou:

– Não fale assim porque a Leilane pode pensar que temos intimidades indevidas!

Mas ela não considerou a bobagem dita por Sandro e voltou à carga:

– Mas é possível um bando de picaretas, até de fora do PT, usar o nome do Lula pra faturar em cima?

– Claro que é possível, Abigail! – falou Leilane. – Mas onde há concentração relacionada ao PT aparecem petistas, e

boa parte dos petistas são ativos e esclarecidos. Assim como são capazes de denunciar trambiques contra o país, naturalmente são aptos a denunciar trambiques contra seu partido!

– Todas às vezes que fizemos as pizzas foi a Leilane quem coordenou – explicou Cisco. – Mas todos os participantes tinham condições de saber quanto entrava e o destino do dinheiro, já que o grupo estava transparentemente inserido no trabalho... O que fazemos, Abigail, é como pagar um imposto ou um dízimo em prol de um ideal. A coisa funciona como deveria funcionar o dinheiro dos cofres públicos, com cada cidadão tendo consciência da aplicação do imposto que paga. É claro que se coloco dinheiro em alguma coisa eu tenho o direito e dever de saber onde esse dinheiro vai parar!... Afinal, a oportunidade faz o ladrão.

– É como a Erundina pretende fazer, implantando o orçamento participativo – cortou Leilane.

Abigail, aceitando a idéia, perguntou:

– Legal essa história das pizzas! Quando vai ser?

– Vou ativar o pessoal pra gente já começar a fazer os talõezinhos de venda, e a gente faz a festa no primeiro domingo de abril.

– Nossa, mas só tem duas semanas? Dá tempo?

– Claro que sim! O pessoal tá engrenado e a coisa funciona rápido. Sabendo o quanto foi vendido, um grupo prepara a massa na sexta-feira e no sábado é só montar. Só vendemos mussarela, calabresa ou mista. Domingo pela manhã é só esperar o pessoal vir retirar. Só da redondeza, de 50 a 60 pessoas eu garanto!

– Nunca deu errado?

– A primeira vez foi um desastre! Começamos a vender bem, nos entusiasmos e compramos ingredientes a mais do que vendemos.

– Sobraram ingredientes, sobrou pizza e faltou lucro – falou Cisco. – O pessoal do grupo levou pizza pra casa e ainda sobrou; levei pra um pessoal lá da favela do Abacateiro!

– Eu acho impressionante este empenho de vocês na questão política – falou Abigail.

– A vontade política é o único afrodisíaco capaz de dar potência ao Belo Antonio – disse Sandro, e Abigail não entendeu:

– Que Belo Antônio?!

– *Belo Antônio* é um filme italiano da década de 60, que conta a história de um rapaz que era o mais bonito e mais rico de um povoado. Ele se casa com a mulher mais bonita da região; só que ele era broxa, e a união fica complicada, cheia de desejos e poucos prazeres! Assim como acontece com a maioria do povo brasileiro e sua terra dadivosa e fértil. Um casamento com muito tesão, mas com mais frustrações do que prazeres.

Abigail riu da metáfora de Sandro e ouviu de Cisco:

– Não basta ser povo, tem que participar! Enquanto o povo não participar, o Brasil ficará com cara de Belo Antonio, e todo mundo tirando casquinha do que é nosso. O Brasil será um eterno país do futuro no discurso; pero tutti la meme shit na prática!

– Mas Cisco, o povo não tem cultura política! Querem que ele participe torna-se besteira! Por que os partidos políticos e os ativistas políticos de esquerda não se unem todos, já que são esclarecidos politicamente, e formam uma coalizão de forças contra o conservadorismo? – Abigail encontrou a grande desculpa para todos os analfabetos e alienados do movimento político, e notou que Cisco gostou de ouvir a pergunta.

– As esquerdas não se unem pelo mesmo motivo que os cristãos se dividem em milhares de seitas em torno de um único Evangelho. E olha que o Evangelho é pequeno e simples diante das intrincadas ramificações do universo político! Se você parar pra analisar a política religiosa, você vai entender melhor todas as ramificações políticas em que se mete a humanidade. Não são todas as famílias que são unidas e na política familiar também existem as picuinhas. Tantas cabeças, tantas cabeças sentenças, disseram os protestantes sobre as interpretações bíblicas. Isso cabe ao PT, às esquerdas e à direita. Aliás, eu próprio só tenho uma cabeça, mesmo assim tenho choque de opiniões. Nas questões políticas é muito complicado compreender quem está interessado em mudanças porque acredita que esta joça está errada e virada de ponta-cabeça e quem participa porque o seu umbigo é maior do que o bom senso e apenas quer aparecer na história, igual à criancada pulando diante das câmeras de TV ou mariposas diante da lâmpada! Tem gente que coloca a vaidade como comandante dos sentimentos, e aí até Deus se perde, Abigail. Assim como os ditos liberais são, na verdade, ditadores financeiros e brigam entre si na divisão

dos dividendos da Brasil S/A, os partidos de oposição brigam porque cada um crê que a sua ideologia é a correta e cada um quer ser pai da redenção brasileira.

– Os liberais que você disse são os partidos de direita, não é?

– São na realidade conservadores que preservam o status quo, renovam o discurso todo dia mas vivem enroscados em milenares teias. Na realidade o liberalismo é a anarquia das elites, respaldada num deus materialista; o deus Money! São os sacerdotes de Maquiavel a serviço do poder, que por sinal são eles mesmos! Pura libertinagem...

– E a oposição, a esquerda, é boazinha, não é?

– Abigail, você não é boazinha, e nem eu sou! E até nós precisamos de oposição e situação dentro do íntimo. Quantas vezes minha razão se opôs aos meus desejos? Muitas e muitas vezes!

Ela lembrou-se de sua arena íntima com os constantes debates noturnos entre o diabinho e o anjinho quando se deitava, e percebeu feliz que tinham algo a mais em comum. Aproveitando que Leilane fora ao quarto ter com a mãe e com o filho e Sandro estava mais interessado em ouvir do que em emitir suas opiniões irônicas, ela resolveu atirá-lo a falar mais:

– Então a esquerda também tem seus caras de direita?

– Assim como se pode encontrar gente de esquerda dentro da direita. O problema é saber distinguir o discurso da prática. Seria melhor definir assim: direita, opressores! Esquerda, oprimidos! Mas prestando muita atenção na prática e no discurso, porque há oprimidos entre os opressores, e não faltam opressores entre os oprimidos. Mas a diferença marcante entre o PT e os partidos de direita é que o PT tem uma postura na qual todos os petistas discutem um assunto e fecham questão com a resolução da maioria. Todos têm voz. Já nos partidos de direita, os caciques comandam e os índios vão atrás. É a cultura de curral. Por exemplo: O ACM manda no PFL e todos seguem o que a cúpula manda. Até os filiados acabam pensando o que os caciques do partido mandam. Gosto mais da postura petista. Na realidade, o poder é uma cultura patológica que tanto opressores como oprimidos sustentam num perverso relacionamento sadomasoquista.

– Mas assim é melhor rasgar meu título ou anular meu voto!

– Eu entendo sua fragilidade diante do caso; uma pessoa incapaz de ler ou interpretar a Bíblia, vai interpretar como essa bagunça?

– Ah, vai tomar banho! Eu sou capaz de interpretar o que leio! Fico perdida é com essa bagunça política. – Ela não gostou da ironia dele.

– Mas tem que compreender essa bagunça para não ser pega pela barbárie ou atropelada pelo caos!

– E na bagunça ninguém anota a placa! – Esse foi Sandro. Preocupada, ela não riu.

– É muito complicado entender quem é quem e quem é o quê!

– Eu concordo que é difícil! Mas os partidos têm origem. Os políticos têm origem. Até mesmo um candidato de primeira viagem tem origem...

– Mas por esse lado também é difícil, Cisco – atalhou Sandro. – Há políticos, principalmente entre os de direita, que vivem numa privacidade hermeticamente lacrada, senão empestieiam o ar. Esses ganham eleições com campanhas fantasiosas e corruptas!

– É verdade! – tornou Cisco. – Abigail, você põe a mão no fogo pela moral de um cantor que você só vê pela TV e só ouve pelos meios de comunicação? Você transa sem camisinha com um sujeito que só conhece por ouvir e gostar de sua voz e do seu progama no rádio?

Ela lembrou-se imediatamente de Paulo Sérgio, com quem transara sem camisinha em seu tempo de embriaguês, e pensou: “Graças a Deus escapei! Hoje não sou mais drogada.” E respondeu:

– Não! Claro que não. Já me enganei até com pessoas de corpo presente, imagine numa condição virtual, programada, sem conhecer direito, só vendo a imagem...

– Com discurso preparado para te seduzir! Quase no mesmo esquema que preparamos para o pai da Nanci.

– Que é isso, Cisco? Aquilo foi teatrinho infantil comparando-se a uma equipe preparada com profissionais de comunicação, psicólogos, sociólogos etc. – contribuiu Sandro novamente.

– Claro! Veja só; eu mando fazer uma pesquisa procurando saber os seus gostos, inseguranças, anseios, dificuldades, medos, desejos etc. Depois apareço na TV com aquela cara-de-pau que Maquiavel me deu e digo: “Darei cama, comida e roupa lavada! Darei pão! Circo! Oração e orgasmos!” É este o quase admirável mundo da mídia, Abigail... Assim agem os meios de comunicação e, naturalmente, os políticos!

– Mas eles são profissionais; estão errados?

– Como profissionais são desculpáveis, mas como cidadãos e seres humanos estão errados. Primeiramente, deve-se compreender que o profissionalismo precisa estar contido na cidadania. Cidadania é o tronco, profissionalismo é um dos ramos. Inverter esses valores é rebaixar a moral de cidadão de qualquer profissional. E é preciso que se entenda que no crime da ignorância o inculco é a vítima e o esclarecido é o réu! Além disso, considerando que a massa é tão inculta quanto o povo que Nero governava, o profissional esclarecido que molda seu trabalho no despreparo do povo está na realidade sujeitando a própria inteligência a lambar o chão da ignorância!

– Que lindo! Sujeitando a própria inteligência a lambar o chão da ignorância... Cisco, isso é o cúmulo da humildade! – gozou Sandro, e Cisco também:

– É a sapiência de joelhos aos pés do ignorantismo!... Compreendeu, Abigail? – Cisco recuperou a seriedade. – Em vez de educarem através da mídia, idiotizam mais. Isso em nome do profissionalismo!

– E por puro oportunismo calhorda! A moral desta história é imoral! – tornou Sandro. E Abigail, que ouvia com atenção, envolvida com o clima disse:

– Pensando nessas coisas, dá até vontade de arrancar a roupa e entrar na catedral sambando!

– Calma! Nós não te falamos isso com a intenção de desfrutar deste prazer! – Cisco disse, tentando dissuadi-la de seu intento. E Leilane, que vinha do quarto e ouvira Abigail dizendo “na catedral sambando”, perguntou:

– Quem está sambando na catedral?

– A sua irmã está com vontade de arrancar a roupa e sambar na catedral! – disse Sandro.

– Eu, hein! Que fantasia mais maluca!

– Não é fantasia! É indignação! – desabafou Abigail com a irmã.

Brincando, ela compreendeu que a política não se restringe à política institucionalizada. Compreendeu que os eleitores são políticos também, só que manipulados.

A conversa se encaminhou para o quadro político que se esboçava para a campanha presidencial. Cisco apostava que o Ulisses seria o candidato do PMDB, mas Leilane acreditava que o Quércia poderia lhe dar um “chega prá lá”. Sandro acreditava que o Waldir Pires tinha chance ainda, e logo desfiou um monte de candidatos a candidatos pelo PMDB e terminou dizendo: “O PMDB tem a cara do Brasil: é um gigante desarticulado!”

Comentaram sobre o Collor, que vinha subindo nas pesquisas, e quando falaram do lançamento da candidatura de Aureliano Chaves pelo PFL, Sandro argüiu com ironia: “O Silvio Santos queria, mas acho que não sai mais do Baú!” E Abigail, lembrando-se do Fernando Lyra, que dissera na *Veja* que o ACM era quem governava o Brasil de fato, perguntou: “E o Antônio Carlos Magalhães, por que não saiu?” Leilane respondeu: “Ele é um discípulo do Golbery, governa nos bastidores. A direita ganha a eleição e ele comanda.” Sandro complementou:

– Quem tem horror à derrota não corre risco.

Cisco lamentou “a cambada de nanicos”, que fazia da campanha uma vitrine para alugar as siglas, e como Abigail não entendeu, Sandro explicou que eram os partidos pequenos que tumultuavam a campanha depois alugavam suas siglas no segundo turno. E Cisco, que falava da regra mas sem esquecer os excluídos, disse:

– Alguns têm personalidade. Como os PCS e o PV. O PPS também é pequeno, mas não é nanico!

Sandro concordou, com reservas:

– É claro, mas o PPS mudou a postura: pulou do socialismo para a social democracia!

Cisco argumentou:

– Na maioria das vezes, mudança consciente é evolução. Eu já tive sérios choques íntimos entre meu coração e minha razão e mudei radicalmente. Além do mais, o Roberto Freire é um político do rol dos respeitabilíssimos na política brasileira. É um caráter a se respeitar.

A conversa se desenvolveu por mais tempo, e quando Cisco deu a entender que se ia, Sandro ainda fez outro comentário finalizador:

– O que me preocupa é quem vai ser apoiado pelo maior cabo eleitoral do mundo!

– Quem é esse? – Abigail perguntou.

Foi Leilane quem respondeu:

– O Roberto Marinho e sua equipe global!

Fecharam a conversa com a viagem do Lula à Europa e sua visita ao Papa.

Abigail raciocinou sobre tudo que ouvira e concluiu:

– Quanto mais vocês me esclarecem, mais confusa fico!

– Eu compreendo – disse Cisco. – O seu cérebro fica como a cabeça de uma criança iniciando o primário e tentando entender como se misturam vogais e consoantes para formar as palavras. Com a diferença de que nas escolas as professoras ensinam; na política, o poder confunde mais... É como a sociedade que ensina as crianças excluídas a serem bandidos e depois quer a pena de morte para puni-las por terem aprendido a lição. Temos hipocrisia para isso!

Ele não dissera “educação”, como era seu costume fincar algumas colocações; preferira mesclar a hipocrisia no contexto político-social, misturando crianças excluídas ao poder, professores e políticos, economistas e trabalhadores, financistas, militares etc., transformando tudo em farinha do mesmo saco, com opressores e oprimidos convivendo entre tapas e beijos. Abigail compreendeu a sociedade como uma “teia estruturada por fios dissociados e inseguros”. E definitivamente concordou com Cisco:

– Você tem razão, somente a democratização do ensino pode socializar a sociedade.

– Só democratizar o ensino não adianta. É preciso reformar a educação priorizando a cidadania e o humanismo, dando-lhe até mais valor do que ao ensino profissionalizante. Aliás, inserir as noções de cidadania no profissionalismo é indispensável para que o profissional não fique com a fisionomia de advogado de porta de cadeia, daquele que quando vai orientar o preso, fica difícil diferenciar quem é quem.

– Ah, mas isso é fácil! Quem está usando gravata é o advogado; quem está sem gravata é o indiciado! – brincou Sandro. Cisco não concordou.

– Isso não faz diferença; Al Capone usava gravatas tão lindas que até parecia um deputado!

– E quando forem duas mulheres? Nós não usamos gravatas! – pronunciou-se Leilane, jogando seu gênero na fogueira dos mortais.

– Aí, só levantando a saia ou abaixando a calça! Quem está usando cinta-liga branca é advogada de moral ilibada! Quem usa de outra cor ou está sem é suspeita! – disse Sandro, e sua mulher não gostou.

– Vai levantar a saia e abaixar a calça da tua vó!

– Eu não! Sempre considereei a velhinha um símbolo de moral e bons costumes; imagine se levanto a saia dela e ela está de cinta-liga preta! Que decepção...

Cisco levantou-se dizendo que iria embora porque tinha de comprar cintas-ligas brancas para vender na banca. Sandro protestou:

– Ainda é cedo, meu! Amanhã é domingo!

Mas Cisco alegou que iria levar o Ricardinho logo pela manhã a Pirassununga, à casa da família dele. Leilane observou:

– Você adotou o garoto, hein?

– Ele é um bom menino! Sabe que ele voltou a estudar?

– É? Você fez a cabeça dele.

– Interesse ele tinha. Só faltava o empurrão. Está fazendo cursinho na Vila Mariana.

– Legal!

Cisco foi até o quarto despedir-se de dona Maria, que assistia à televisão no pequeno aparelho que tinha em seu aposento. Sandrinho dormia na cama da avó. Cisco disse a ela:

– Por favor, dona Maria, quando ele acordar diga que tenho coisas importantes a lhe dizer. Volto outro dia!

Ela disse:

– Tá bom, meu filho. – E deu-lhe a face para o beijo.

Na sala, Cisco despediu-se de Leilane:

– Quando senhora quiser renovar guarda-roupa de cinta-liga branca, eu fazer preço de compadre! – disse ele, imitando judeu. Leilane respondeu:

– Que bom, compadre! Me reserve uma dúzia e um chicote de cabo preto com três tiras vermelhas!

Quando foi beijar a face de Abigail, Cisco apertou-lhe a junção entre o ombro e o braço com delicada firmeza, e ela sen-

tiu uma gostosa reação emocional, como se da mão dele fluísse uma corrente emotiva que lhe penetrasse pelos poros, atingindo-lhe a espinha e se espalhando por todo o corpo. Ele lhe disse:

– Até a festa da pizza.

Ela respondeu:

– Até!

Na porta, Sandro lhe perguntou discretamente “se ia dar alpinismo pra passarinho” e ele respondeu que iria dormir mesmo. Abigail, que ouviu a pergunta e compreendeu o significado, sentiu o seu termômetro de ciúme se elevar na graduação e, em seguida, diminuir quando ele disse: “Vou dormir mesmo.” E ela pensou: “Durma bem querido, se preserve pra mim.”

Estava apaixonada. Tinha certeza disso.

– O que o Ricardinho é do Cisco? – Abigail perguntara a Leilane. Sandro fora tomar banho.

– Os pais do Ricardinho tinham uma banca de roupas ali na Praça da Árvore. Com os filhos casados e eles já velhos, resolveram comprar uma casa em Pirassununga. O pai dele é de lá. O Cisco, que já os conhecia, pegou o dinheiro da indenização e do Fundo de Garantia, quando saiu da firma, e fez um rolo com eles. Mas o Ricardinho, que é caçula, não quis ir com os pais e ficou com uma banca ao lado da banca do Cisco. O Cisco mora numa casa que tem nos fundos vários quartos, e o Ricardinho mora num deles.

– A casa e os quartos são do Cisco?

– Não! A casa é do seu Edgar, um viúvo que também mora lá.

– Mas então é um cortiço!

– É! Mas quando você conhecer onde ele mora, você vai ver que ele está bem instalado. O seu Edgar é gente fina. E é filiado ao PT!

– Escute; quando o Cisco chegou, ele deu a entender que dava propina pros fiscais do Jânio. É verdade isso ou ele tava brincando?

– Ele chegou quase a desistir desse negócio por causa disso, mas ele dava sim! Em qualquer cidade do país, mexer nesse negócio é terrível! A corrupção campeia de forma espantosa. Os “rapas” são puro jogo de cena e pressão para os ambulantes pagarem propina para beneficiar o bolso dos fis-

cais e o bolso de suas digníssimas autoridades. A Erundina está tentando moralizar isso, pensando em taxar e organizar o pessoal, mas vai ter inimigos poderosos contra si...

– Os fiscais da prefeitura?

– Sim! A estrutura é viciada, a prefeitura é como uma galinha rodeada de pintinhos que vivem às suas expensas e que viram galos ferozes na hora de cuidar de seus interesses nefastos! Mas entre os camelôs há também sujeitos que se vendem e se beneficiam com a bagunça. Afinal, a coisa só entra se alguém abre. É como o Cisco diz: a corrupção, quando não é estupro, é prostituição!

– É, deve ser uma confusão mexer nisso. A gente vê na TV; as encrencas no Rio, aqui...

– Você quer ver uma briga do mesmo tamanho, embora participem menos pessoas? É só mexer com os pontos de táxis. Até de cidades pequenas!

– Ué, o que têm os pontos?

– Aqui em São Paulo, tem pontos de táxis que chegam a custar o valor de dois carros, ou mais! E os taxistas parados em pontos são cabos eleitorais de políticos com o perfil do Jânio e semelhantes.

E elas prolongaram a conversa sobre vários problemas da cidade, que a população não atina por não assimilar a ótica de que a cidade em que se vive também é residência. Uma residência com o espaço infinitamente mais amplo do que o umbigo que muitos têm por moradia.

Interromperam a conversa quando Sandro voltou do banho e Abigail deu-se conta de que já era hora de voltar para o seu “recanto”.

– Deixa eu me mandar, porque já estou demais aqui. Pelo aroma que se espalhou pela sala, percebe-se que o macho emana odores de sedução para a fêmea.

– Dispensó sua irônica observação! – defendeu-se Sandro. – Você brinca porque não sabe e nem faz idéia do desprazer de servir a esposa nos deveres matrimoniais assumidos diante de um padre!

– Tá reclamando do quê? Ainda nem comprei a cinta-liga e o chicote! – disse Leilane, rindo.

– Ah, que triste fim de um homem que nasceu livre! Sinto-me um frágil prostituto oficializado socialmente, que não

sabe sair da enrascada em que se meteu. Um prostituto escravizado que até lava as manchas dos lençóis de noites que passei servindo-a sem querer servir!

Ela riu da encenação dele e sugeriu:

– Sandro, você deveria trabalhar na Globo!

– O quê?! Tá me chamando de fingido? De canastrão?

Pensa que minha vida é um palco de tragicomédias banais?... Meu sorriso é uma máscara que acoberta frustrações íntimas. Meu choro é aguda dor privada e a realidade é o meu dramático circo... Engano-me dia após dia para suportar as dores de um mundo a que me entreguei. Minha realidade é uma novela de tolo e cruel enredo. Oh, céus! Oh, dia! Oh, azar... – E assim, plagiando a hiena Hardy, companheira do Leão Lip do desenho animado, ele concluiu sua debochada parábola sobre uma hipócrita realidade alheia a ele próprio, mas que por respingos culturais, causados pela natural integração humana, interferia em sua vida também.

Sorrindo, Abigail despediu-se da mãe e do casal brincalhão, descendo as escadas a caminho de casa; mas quando entrou no carro e deu a partida, o sorriso foi substituído reflexão. Lembrou-se do arrepio que lhe percorrera o corpo quando Cisco pusera a mão sobre seu ombro. Estava claramente retido em sua memória o momento em que ele, brincando, a convidara para conhecer sua coleção de receitas de bolo do tempo da ditadura, e a mãe fizera todos sorrirem dizendo que aquilo ainda iria dar bolo de casamento. No momento, seus olhares se cruzaram e Abigail percebera que sua alma fora lida pelos olhos dele, e ela não conseguira manter o olhar firme. Sentiu que ele notara o fascínio que exercia sobre ela, mas ela não captara qual sentimento exercia sobre ele.

Abigail deixou o carro na rua Santo Antonio e pegou a Major Diogo, subiu as escadas do prédio e entrou na quitinete. Até debaixo da ducha Cisco lhe fez companhia.

E até debaixo dos lençóis, lá estava ele ocupando a privativa intimidade dos seus pensamentos. Com os testemunhos do diabinho e do anjinho.

CAPÍTULO V

Engana-se quem pensa que os homens não notam as mãos das mulheres. Pelo menos o senhor Laércio, editor da pequena empresa e chefe de Abigail, notou:

– Abigail, na sua ficha consta que você é solteira. Mas você usa aliança de casada. Casou-se esses dias? – ele lhe perguntou, dando-lhe um original para que providenciasse a devolução ao autor por ter sido rejeitado. Ela embaraçou-se, e respondeu ocultando a inconveniência da verdade, naturalmente.

– Ahn?!... Ah, não! Eu não me casei oficialmente. Mas tenho compromisso. Eu e meu marido vamos oficializar o casamento logo.

– Ah, tá! – Ele aceitou a explicação. Afinal, a exposição de Abigail era mais simples e plausível do que a própria verdade. E a dispensou: – Por favor, devolva rápido esse amontoado de pretensões sem sentido a esse escrevinhador maluco. Mas com as delicadezas de praxe!

– Pode deixar! – disse ela, saindo da sala do chefe.

Em sua mesa, ainda constrangida pelas mentiras ditas, pensou em suas conseqüências e concluiu que foram positivas: “Se o que somos é conseqüência daquilo que pensamos”, arquitetou, “é bom que ele pense que sou comprometida e não brote em sua mente nada além do relacionamento profissional e de uma amizade platônica que possa surgir.” Com esse raciocínio, ela acreditou que estava colocando barreiras a situações incomodas que já enfrentara anteriormente.

Lembrou-se de que na adolescência, em Santos, quando era novata no serviço, seu chefe a rodeava com conversas melosas e brincadeiras assediadas que ela, por inexperiência e até pelo adolescente prazer de sentir-se sedutora e capaz de fazer a libido sufocar a razão masculina, não refutou de imediato. Por causa disso teve o desconforto de receber, a sós na sala dele, uma proposta sem requinte nenhum, do tipo “ou dá ou rua!”. E ela, achando-se perdida, recorreu a um dito corriqueiro entre os colegas do escritório, dizendo-lhe: “O senhor não sabe que em casa que se ganha o pão, não se come a carne?” E o chefe, raciocinando com a libido, falou, tentando colocar as mãos em seus seios: “Aqui eu só quero um beijinho. Te quero num motel. Lá não ganhamos o pão!”

E só restou a Abigail usar a saída que os adolescentes detestam: “Se o senhor continuar fazendo isso, eu conto pro meu pai!” Safou-se do assédio. Mas por um bom tempo teve de enfrentar o constrangimento de conviver ao lado de quem não suportava, obedecendo a ordens e pressões sutilmente vingativas.

Saiu do episódio consciente de sua seu erro ao alimentar desejos sem intenção de satisfazê-los. Aprendeu que ser desejada é bom, mas não por qualquer um. E aprendeu a colocar barreiras antecipadas quando lhe era conveniente.

Era inegável que seu ego suspirava de satisfação por saber que até os enfeites de seus dedos estavam sendo notados; porém não seria ela que iria fomentar desejos na cabeça de senhor Laércio. Ele não manifestava qualquer intenção que indicasse um futuro assédio, mas, prevenida, sentiu-se segura com a mentira que dissera, pois colocava limites fronteiriços ao redor de si. A adolescência é um proveitoso período de ensinamento na escola da vida.

No cotidiano de uma editora pequena, o árduo trabalho é firmar-se no mercado objetivando dar seu salto expansivo. Abigail acreditava nisso e até projetava alguns sonhos com relação a seu novo emprego. Imaginava que com o crescimento da editora ela poderia no futuro ocupar a editoria. Imbuída desse objetivo, dedicava-se a compreender as funções de um editor, atenta a todo o expediente de seu chefe. Queria crescer com a empresa.

Durante os dias que se seguiram ela enfurnou-se em seu “recanto” após o expediente, empenhada em trabalhar o seu poema sobre o amor de Bruna e Nanci, cujo título inicial seria uma indagação: Nós respeitamos o amor? Na concepção dela seria um poema com densidade de romance, instigante, reflexivo, ousado e desafiador. E quanto mais pensou no amor com a profundidade que o tema exigia, mais nítida lhe ficou a impressão de que o amor, esse astro da literatura, do teatro, da música, dos templos, das camas e de tantos outros cantos em que haja seres humanos, é íntimo apenas na superfície, mas compreendê-lo com a profundidade que ela almejava era como “entrar num labirinto sem luz à procura de um objeto negro”. Um desafio. Intrigou-se tanto com o tema que, durante a hora do almoço e após o expediente, passou a freqüentar a Biblioteca Mário de Andrade em busca de livros que a orientassem a respeito. Queria desvendar por completo os mistérios desse sentimento, e com muito amor entregou-se a essa tarefa que era lazer por lhe dar satisfação.

Passou um fim de semana em casa e comunicou-se com a irmã somente por telefone. No sábado à tarde, comprou objetos para decorar o banheiro e uma cortina, já que só havia improvisado um lençol em sua janela; comprou violetas e uma samambaia amazônica para pendurar no teto, num canto próximo à janela. E envolveu-se com os detalhes domésticos num deleitoso ritual para deixar seu recanto mais agradável. Tomou emprestada uma escada da vizinha e conseguiu colocar a cortina, mas quando foi pendurar o grande vaso no gancho do teto quase caiu. Recorreu à vizinha e tomou emprestado o marido. E com a samambaia vistosa no canto, a cortina, as violetas na estante e o banheiro ornamentado, sentiu-se feliz com os prazeres que o trabalho dá.

À noite deu continuidade ao ritual de cuidar de si. Foi a um posto dos AA, um estabelecimento de ajuda aos adictos. Gostou do ambiente e irmanou-se aos companheiros de infortúnio, ouvindo-os atenta sobre as tragédias e descaminhos que o álcool e outras drogas trouxeram à vida de cada um. Quando assumiu a palavra, fez numa dolorosa retrospectiva dos seus tropeços e, sem reservas, descarregou-os diante de todos como se estivesse diante de um religioso ou de um analista. Saiu da instituição leve e com o espírito reforçado, forte o suficiente para defender-se de um fantasma, que ela sabia, iria rondá-la sempre. Dormiu tarde, após horas empenhando-se na composição de seu poema sobre o romance de Bruna e Nanci, envolvida com o tema popularmente desconhecido: Nós respeitamos o amor?

No domingo acordou às dez e saiu. Andou a esmo procurando adquirir intimidade com o bairro em que morava. Teatros, cinemas, bares e restaurante, clubes, a Vai-Vai e muita variedade de lazer e serviços a fizeram sentir-se uma privilegiada por morar na Bela Vista. Na Praça Dom Orione, encantou-se com a feira de antiguidades e presenteou-se com uns bibelôs de tempos em que ela não existia. Alimentou-se com uma pizza mista catupiry/portuguesa, bebendo guaraná e ouvindo Bobby Solo, Domenico Modugno e outros italianos. Pediu ao gentil garçom que embrulhasse as sobras e voltou para o recanto com o jantar garantido. Uma salada como complemento seria o suficiente.

Os que a notaram neste passeio diriam que ela era uma mulher de bem com a vida. E não estariam de todos enganados, a não ser pelo fato de que Cisco, o ausente, a acompanhara por todo o trajeto. A felicidade, para ser perfeita, não pode ser completa e transbordante. É preciso sonhar.

Abigail escreveu e reescreveu por algumas horas, cuidou do corpo e de suas roupas para o dia seguinte e dormiu.

De segunda a sexta-feira o seu cotidiano se repetiu; o expediente de praxe na empresa, visitas à biblioteca e a dedicação ao seu trabalho noturno. Nas suas pesquisas, já estava quase concluindo que nem tudo o que é carinho e paixão é amor.

No sábado, saiu da firma direto para o seu recanto. Colocou os afazeres domésticos em dia e tirou o resto da tarde

para cuidar de si. Depilou-se com esmero como quem se prepara para dar e receber amor. Lembrou-se de que deveria comprar pílulas anticoncepcionais, pois nunca se sabe o momento certo em que os anseios serão satisfeitos.

Durante a semana havia acertado os detalhes sobre a festa da pizza. A tarefa de entregar as pizzas no domingo pela manhã coube a ela, Pércio e Leilane. Dona Jandira, sua filha, seu genro e outras pessoas haviam preparado a massa em casa, na sexta-feira, ficando o trabalho de cobertura para Cisco, Sandro, Ricardinho, Bruna e Nanci. Abigail dirigiu-se para a casa da irmã, no sábado mesmo. Iria dormir lá.

Quando chegou, encontrou o grupo ainda atarefado com as pizzas. Havia coberto o portão da garagem com lonas e improvisado com tábuas a bancada para o trabalho. Foi recebida com festa não só pela presença, mas “principalmente pela ajuda que poderia dar”, conforme solicitação irônica de Sandro. Ela subiu, foi ao banheiro, beijou a mãe, o afilhado e Leilane, que manipulava dinheiro e papéis e estava satisfeita com o resultado da empreitada:

– Vendemos 122. Fizemos 150 porque sempre aparecem mais alguns querendo!

– Mas ainda tem um monte de pizzas pra aprontar.

– São as de calabresa e as mistas. Atrasou porque o Cisco e o Ricardinho ficaram na Praça, pois estavam vendendo bem. Chegaram agora há pouco.

– Vou lá ajudar!

Desceu e sentou-se ao lado de Cisco, que descascava e fatiava cebolas. E chorava.

– Por que você não põe um miolo de pão na ponta da faca? Melhora – disse ela.

– Não. Deixa como está. Preciso ativar minhas glândulas lacrimais antes que as lágrimas empedrem.

– Se lágrimas empedrassem vocês homens estariam petrificados – disse Nanci.

– E o que eu faço? – perguntou Abigail.

– Nos ajude a montar! – disse Bruna, passando-lhe os ingredientes e explicando o método que utilizavam. E Abigail engrenou na linha de produção. Ricardinho, que fatiava a calabresa, perguntou:

– E o Maluf? Vocês acham que a campanha dele decola?

Ficou claro para Abigail que a conversa girava em torno da campanha eleitoral antes que ela chegasse. Cisco respondeu:

– O Maluf fora de São Paulo não tem chance. O próprio poder que ocupa é o mesmo que lhe impõe fronteiras. Com o racha do PDS, o PFL só deixou São Paulo como curral para ele. É um homem de uma só capitania hereditária.

Sandro teve uma lembrança:

– A situação dele ficou pior com a besteira que falou.

Ricardinho repetiu a frase:

– Está com vontade de fazer sexo, estupra mas não mata!

– Gostaria que este cara fosse estuprado pra engolir suas palavras pelo orifício devido! – Nanci disse isso impulsivamente e com tal veemência que todos os olhares dirigiram-se a ela como se percebessem indícios de que ela já fora estuprada. Ela enrubesceu e Bruna desviou a atenção de todos, comentando:

– O Maluf sempre diz que não raciocina por hipóteses, o que significa que ele raciocina sobre fatos. O slogan “Rouba mas faz”, que até agora ele não refutou, é hipótese ou fato?

– Eu acho que é fato. Mas como todo ladrão é honesto até prova em contrário, fica sendo hipótese – disse Sandro.

Abigail o corrigiu:

– Não deturpe o sentido da frase: todo o cidadão é honesto até que se prove o contrário.

– Tanto faz! Seja assim ou seja assado, nada é sem ser provado! – disse Cisco. – No Brasil A, nada se prova e tudo se suspeita. Do Brasil C pra baixo prova-se até que cego de nascença é assaltante de banco com vários latrocínios.

– É verdade! No Brasil A, o sujeito pode ser absolvido de um grande desfalque alegando legítima defesa da honra ou violenta emoção – brincou Sandro, e Cisco falou sério:

– Até canalhice é cultura quando se transforma em costume social... Conservamos nossos feitos e somos vítimas dos fatos, que são apenas o resultado de nossas práticas e inércias. Numa sociedade em que a impunidade impera, quem vive acima da lei é anarquista social. A imunidade parlamentar é exemplo disso... Eu acho que, na sociedade brasileira, quem não deve, deve temer...

– Ah, deixa eu falar uma coisa! – atalhou Bruna. – É impressionante o que está acontecendo em Itaquera! Fiquei sabendo, pelos meus alunos, que gente honesta paga pedágio pra chegar em casa. Os bandidos exigem dinheiro, senão, não passa!

– Isso acontece no fundão de Santo Amaro também. É uma espécie de seqüestro permanente no próprio bairro em que se mora. E são locais em que nem a polícia entra. É a honestidade entregue à própria sorte. – Cisco disse isso e ouviu o que não queria:

– Olha, Cisco; essas coisas estão se avolumando e cada vez mais nos tornamos impotentes para resolver. Eu sei que vai contra os princípios cristãos a pena de morte, mas eu não vejo outra saída.

– Ah, Abigail, pára com isso! Os Estados Unidos possuem o maior sistema carcerário do mundo, o maior contingente de presos, uma das polícias mais bem preparadas e um sistema judiciário melhor do que o nosso, e possuem pena de morte. Você pensa que eles se inspiram na nossa sociedade para fazer os seus enlatados violentos? Não! Sua cultura social e seu cotidiano é a fonte de inspiração. Melhor a pena de morte chinesa, porque os que cometem crime social e matam crianças por desnutrição e por falta de atendimento médico, esses criminosos que matam por tabela, também são condenados na China.

– É verdade; o problema é cultural. Quando eu era criança, a gente achava alguma coisa que se sabia até quem era o dono, mas se defendia com um pensamento idiota: achado não é roubado... – disse Bruna.

– Achado não é roubado na porta do mercado! – falou Sandro, completando a frase infantil de Bruna. E Cisco comentou:

– É esta tolice humana, este jogo cretino de trouxa e esperto que faz da compaixão um sentimento idiota. Nem só os políticos são cínicos, cínicos são os humanos, esses animais políticos.

– Seu coração empedrou. E não adianta descascar cebolas! – disse Abigail.

– Coração empedrado é o que defende a pena de morte, principalmente no Brasil. O comportamento popular não passa de reflexo do comportamento da elite. A violência sempre tem

antecedentes criminais. Um cadáver e sangue esparramado é apenas o quadro da violência, mas a origem da violência sempre antecede o quadro. É óbvio! Uma criança com uma arma na sua cabeça – ele apontou os dedos em forma de revólver para Abigail – apenas está sendo agente de algo que lhe ensinaram. Quem não tem noções de picaretagem burocrática, quem não tem noção da cachorrada intelectual, caça com assaltos! Na nossa sociedade não se respeita mais nada; até ladrão tá sendo assaltado! Não se respeita nem mais a hierarquia social, sonegadores de impostos estão sendo assaltados! Comerciantes que praticam preços abusivos estão sendo assaltados! Estelionatários da moral e da ética que praticam a filosofia do cada um por si e Deus por todos estão sendo assaltados sem respeito algum. Está um caos!... Me irrita ouvir pessoas reclamando da violência sem refletir que é com um pouquinho de contribuição de cada um que as grandes tragédias acontecem. Acho justo que todos colham os dividendos pela contribuição que dão à sociedade. E acho que mesmo a inércia e a alienação são uma contribuição que merece dividendos valiosos. O lucro é negativo ou positivo dependendo de com que ações se contribui. É injusto e até idiota lamentar a existência daquilo que nós mesmos cultivamos!

– Fantástico, Cisco! – falou Sandro, entusiasmado. – Há muitos anos eu estava em crise existencial e preocupado com o meu futuro. Entrei em profunda meditação; aí, num estalo, tirei a boca do seio de minha mãe e gritei: Eureka! Tinha chegado a esta mesma conclusão. Não é interessante?

– Ah, cala boca e não atrapalha, seu mamulengo de comédia mexicana! – Bruna jogou água fria no bom humor de Sandro. – Cisco, o problema é que boa parte da população não possui discernimentos e, mesmo que contribua em pequena escala com a violência, é, na realidade, a grande vítima!

– Eu sei. No crime da violência, o esclarecido é o réu e o inculco é a vítima. Mas quem é penalizado é a vítima, e o réu é considerado um grande homem. Quem vê legitimidade neste sistema, está tendo miragens. Se na China o homem público sacana vai pro saco como qualquer criminoso comum, no Brasil a pena de morte só aumentaria as injustiças e os cruéis preconceitos.

– Você tem razão; também sou contra a pena de morte. Nos Estados Unidos ela não diminuiu a violência – falou Sandro.

– A cultura americana até fabrica bandidos! Veja só: eles estão privatizando as cadeias! Ora! Uma empresa capitalista almeja lucros. Se a empresa almeja lucros e não quer sucumbir, precisa de criminosos como produto para o crescimento.

– É como os laboratórios que precisam da proliferação de doentes para prosperar – tornou Sandro.

– Pois é. Não entendo como se pode combater a violência social produzindo criminosos... Eu gostaria de ver os Estados Unidos com uma população de bilhões como a chinesa. Como se comportariam?

– Seria um caos mundial! – Sandro afirmou, e finalizou com ironia: – Se um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam, incomodam muito mais. Bilhões é uma tragédia!

– É isso aí! A única forma de dar legitimidade ao Estado e criar autodefesa social é uma educação democraticamente correta! Com um currículo que contenha noções de direitos e deveres, noções políticas etc., o Estado deixa de ser este mastodonte inconseqüente. Cidadania e humanismo devem ser ensinados desde as creches até as portas da faculdade. Povo educado sabe defender-se contra os seus próprios males.

– Eu acho que pode ser uma ótima democratizar o ensino, mas o problema é que o resultado será demorado e nós precisamos cobrar solidariedade dos privilegiados para com os destituídos – Bruna disse, e Cisco discordou:

– Ih, essa conversa de solidariedade é mais antiga do que índia mijando em pé!

– Ahn! Onde você viu índia urinando em pé?! – Foi Abigail quem se espantou. Ela estava entretida com a ornamentação de uma pizza mista e atenta à conversa, quando lhe passou pela mente, como um filme, a cena de uma índia urinando em pé.

– Eu não vi índia urinando em pé, mas sei que era prática comum entre elas, antes dos portugueses lhes imporem roupas como costume civilizado.

– Nossa, devia ser uma vida anti-higiênica! – disse Nanci, e Ricardinho não concordou:

– Anti-higiênico era um bando de homens atravessando o mar, num calor forte, com aquelas roupas que usavam! As águas aqui eram limpas, sem poluição, e os índios nadavam tranqüilamente. Os portugueses é que chegaram aqui fedendo! E as índias urinam arqueando o corpo e jogando a urina longe. Não escorre pelas pernas, Nanci.

– Quem dá aos pobres empresta a Deus! – Cisco voltou ao assunto solidariedade: – Antigamente a filantropia era motivada pela mentalidade maluca e imperialista de conquistar o reino dos céus através da chantagem que se impunha a Deus, através de empréstimos das doações aos pobres... Hoje, o consumo acirrou-se na sociedade e a filantrópica solidariedade transformou-se em marketing que lembra uma via de mão única, onde os privilegiados servem seus restos jogando na pista, para que os desfavorecidos se lembrem de amá-los e dar-lhes dividendos. Quem dá aos pobres lucra em dobro. É essa a máxima hipócrita.

– Jesus disse: quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita – lembrou Nanci, a cristã. E Cisco continuou:

– A solidariedade é justa e limpa quando é recíproca. Uma via de mão dupla, escudada no princípio cristão de ensinar a pescar. E eu vejo o peixe como a cultura e a educação. Esse tipo de solidariedade com holofotes é perigosíssimo! Me lembra os párias na Índia, os aborígenes australianos, a seca nordestina e outros casos... É de uma pequenina semente de praga que a cultura se espalha. Não adianta ficar enxugando a miséria com o pano da solidariedade, se a torneira da miséria está aberta e jorrando penúria para todos os lados... E tem mais: encher a barriga e esvaziar a cabeça não é humanizar!... O meu pai trapeava no jogo da tampinha, ele escondia a bolinha na unha e os gaiatos deixavam o dinheiro. Certa vez, eu me orgulhei dele porque ele disse a um colega que deixou um trouxa liso, ficou com dó e deu dinheiro da condução pra ele voltar pra casa...

– Você se orgulhou dessa vigarice do seu pai?! – Abigail, a estupefata.

– Criança não questiona os valores do pai, engole com orgulho. Além do mais, meu pai foi solidário, não deixando o sujeito ir a pé para casa...

– Ele foi safado, isso sim! – Nanci, a juíza.

– A existência do meu pai foi calcada no mesmo princípio do livre mercado. O meu pai limpava os incautos. E, solidário, lhes dava dinheiro pra voltar para a casa. O princípio é o mesmo. A torneira da miséria é mais em cima e a solidariedade é um pano que fica embaixo eternamente. As soluções alheias às causas injustas são meras palições. É justo criticar as trapças do meu pai e sublimar a conduta do livre mercado, que esconde uma hipócrita solidariedade? Não, gente; a grandeza dos homens que dão emprego é do tamanho da grandeza dos faraós que davam emprego para milhares carregarem pedras a fim de que eles se sentissem semideuses na morte. Para o livre mercado ser realmente livre, o capital tem que ter liberdade geral e irrestrita. Em vez de o dinheiro subir muito para poucos e descer pouco para muitos, tem que girar feito chapéu mexicano.

– Ô Cisco, o que você tem hoje? Tá meio esquisito. Você não acha justo que se ajude quem está necessitando?! – perguntou Abigail, estranhando a posição de Cisco.

– Quem é solidário e tem poder social, até por uma questão de dignidade, deveria pressionar para que houvesse uma reforma tributária a fim de que os impostos fossem cobrados com justiça, e reivindicar punição severas daqueles que cometem crime hediondo contra os cofres públicos. Isso é solidariedade e participação sem hipocrisia...

– O crime contra o patrimônio público não é crime hediondo, Cisco – lembrou Bruna.

– Só não é por uma hedionda injustiça! Um sujeito que rouba verba da saúde, da previdência e da educação é na verdade um assassino de crianças! Morrem crianças por falta de atendimento médico, morrem por desnutrição, e esses criminosos matam os sonhos das crianças sobreviventes por não lhes darem a educação devida...

– E se pegarem um pilantra desse, será um laranja que ficará curtindo um tempo numa prisão especial – falou Ricardinho.

– A bondade só é boa quando faz o bem. Se ela for cabisbaixa e pender pro lado da injustiça, já começou a fazer mal. Mesmo que se beneficie disso....

– O amor é lindo! – baixou o espírito de interpretação em Sandro. – Você deu comidinha pra ele? Eu dei! Você o

está educando? Estou! Ele já sabe apertar parafuso e bater palminha! Ah, louvado seja, que maravilha! Já sabe tudo...

Cisco pegou sua fala de volta:

– O sistema de castas na Índia talvez seja o maior problema que aquele país possui. A Índia tem bomba atômica e já teve vários prêmios Nobel, e no entanto vive entalada numa cultura complicada que a impede de deslanchar e ocupar no mundo o lugar de destaque que já teve há milhares de anos.

– Mas a Índia já foi colônia inglesa durante muito tempo. Isso também é obstáculo pro desenvolvimento – disse Bruna.

– Claro! Mas nós também temos cultura de colônia. E assim como a Índia tinha riquezas e por isso foi assediada e violentada, nós também temos riquezas que assanham os países poderosos...

– É. E se não nos cuidarmos, no futuro não seremos donos nem de fábrica de chuteiras! – disse Ricardinho. E mudou de conversa: – Bom, gente, só faltam essas dez pizzas e já era. Vou abrir cerveja pra comemorar! – Perguntou a Cisco e Abigail: – Vocês preferem coca ou guaraná?

Os dois responderam em uníssono:

– Guaraná!

Bruna reatou a conversa anterior:

– Sutilmente, toda a América Latina é colônia. Nossos produtos, aqui, saem por baixo do pano há muito tempo!

– Nós não temos autodefesa porque o povo não tem noção, e a cultura é do cada um por si, isso fragiliza qualquer sociedade – respondeu Cisco. – E elite, dentro do nosso contexto idiota, é elite por ter capital, e capital não tem pátria. E o povo é sujeito ao DNA cultural dos tempos das capitânias hereditárias; a elite tem dinheiro e poder, então ela manda e desmanda. O brasileiro precisa urgente estudar a história da humanidade, antes que nos tornemos uma Cartago da modernidade, dizimada pelo Moderno Império Romano, e fiquemos chorando a terra prometida que tínhamos e perdemos... como aconteceu com a borracha. Nasceu aqui, mas hoje importamos. A América do Sul precisa enxergar a África como exemplo... Bruna, a mais rica província mineral do mundo é a Amazônia. E a maior parte dela está dentro do Brasil. Lá se encontram 78% do nióbio do planeta, mais um monte de

minerais importantes, sendo que há até minerais cujas reservas são únicas, só existem lá! Ao invés de os computadores diminuir o consumo de papel, como se pensava, ele aumentou. A pasta de celulose só se extrai da madeira, o que faz da Amazônia outra fonte de riqueza.

– Mas aí você acaba com a selva! – disse Ricardinho, o ecológico.

– É possível, com boa vontade, criar mecanismos de exploração sustentável. E desenvolver tecnologia para isso não é difícil, porque nas universidades tem cabeças capazes. Só faltam políticos de boa vontade... e povo com juízo político. O mundo daqui algum tempo estará com escassez de água. Só o rio Amazonas joga no mar, a cada segundo, bilhões de litros. Vocês não se sentem na terra prometida? Se nós não cuidarmos disso com urgência, ficaremos igual ao povo hebreu, nem terra teremos mais, e só nos sobrar o semi-árido do nordeste pra sobreviver.

– Ah, tem o projeto Calha Norte pra sair, Cisco! – alertou Bruna.

Pois é, projeto! Nós também temos projetos há décadas nas gavetas pra combater a seca nordestina. Temos o projeto mas praticamos a solidariedade. O Brasil tem tantos projetos engavetados que se não se cuidar será um extinto projeto de país... Os sonhos não objetivados são meros devaneios...

– Que podem se transformar em pesadelos ou meras lembranças! – Sandro falou enquanto enchia copos com as bebidas.

– E podem mesmo! – continuou Cisco. – A nação tucana e a nação yanomami possuem milhares de hectares. Sem contar outras nações menores. Se nós não cuidarmos do conjunto federativo, dançaremos com a Amazônia!

– Não acredito nisso! – desta vez Sandro interferiu com seriedade. – Você acha que eles vão tomar na mão grande?!

– Não, claro que não. Mas com a sutileza maquiavélica do imperialismo moderno, sim. Nós não cuidamos daquele território com a devida seriedade. Não damos aos índios o valor que merecem, não cuidamos do meio ambiente com a devida atenção, deixamos o narcotráfico penetrar ali com liberdade; não é difícil os índios gritarem independência ou morte,

influenciados por manipulações estrangeiras. Já há indiozinhos de olhos azuis, filhos de missionários...

– É. Nós convidamos os gringos para descobrirem o que é que a baiana tem, mas os ditos missionários preferiram ver o que é que as índias têm – agora Sandro falou com ironia.

– Se a América do Sul não se cuidar logo, pode se tornar um continente mais confuso do que é hoje. Em nome da defesa do meio ambiente e da etnia, os donos do mundo podem nos dar um nó, e aquilo que sai por baixo do pano sairá na nossa cara e nós não poderemos dizer nada além de amém.

– Mas, Cisco, o que os Estados Unidos fizeram com os seus índios? – Ricardinho perguntou.

– Os Estados Unidos e o Canadá acabaram com 120 milhões de índios, em nome de nosso senhor Jesus Cristo. Não! tô exagerando. Os anglicanos, os batistas e católicos fizeram esta besteira, mas os quacres de George Fox, não. Os quacres conviveram com os índios durante 70 anos na Pensilvania e não mataram um só índio e conviveram bem. Mas os cristãos acabaram com os quacres...

– E o que eram esses quacres? – Nanci, a curiosa.

– No meu entendimento, a seita mais cristã de todas. Dizem que Santo Agostinho e alguns outros foram os maiores cristãos. Eu creio que depois de Cristo, o maior cristão, o autêntico, foi George Fox, o líder desta seita... Esse cara merecia um filme.

– Como é que as nações indígenas vivem hoje nos Estados Unidos? – Ricardinho, o curioso.

– As nações que sobreviveram são poucas e frágeis, tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá. Elas tentam preservar a cultura e o território, mas logo serão pulverizadas pela cultura do poder. Os mahawks, no Canadá, já tiveram atritos por causa de um clube de golfe que os brancos queriam fazer em seu território. O prefeito quis tomar à força; os mahawks bateram o pé, e por fim até a população de Quebec apedrejou os índios. Quem quer ter a verdadeira noção de democracia dos países imperialistas deveria ouvir as nações sioux, cree, seminole e outras que ainda restam na América do Norte. Na Guatemala também se perseguem e matam índios com a conivência americana. Mas a Guatemala não é um forte concorrente para as nações poderosas, como seria o Brasil se crescesse.

– Mas se eles fazem a mesma coisa, você acha que eles vão ter a cara-de-pau de meter o bedelho aqui usando o massacre étnico como argumento? – Ricardinho, o iludido.

– Claro que sim! Dê o motivo e eles terão a desculpa. E além da desculpa terão o poder. Em nome do interesse próprio qualquer desculpa é lei quando a razão é a força... Faça o que eu mando e não faça o que eu faço, é o argumento do poder. Ricardinho, não esqueça que capital não tem pátria e a elite só é elite por ter capital. E outra coisa: primeiro mundo, aqui no Brasil tem, em Serra Leoa tem e em qualquer canto do mundo tem. E terceiro mundo, nos Estados Unidos tem, na França tem e na Inglaterra também. É só questão de enxergar a geografia social do mundo. Mais de um bilhão de pessoas no planeta vive abaixo da linha da pobreza. Ou nós acabamos com esta mentalidade idiota de poder, ou a maior carnificina da história humana ainda não aconteceu.

– Ah, meu querido sonhador, que vacina a gente usa pra acabar com essa mentalidade? – foi Bruna, a descrente, quem falou. – O princípio de poder é o princípio de autoridade. Acabe com isso e caímos na anarquia. Aí será o caos!

– Raciocine comigo: o dinheiro faz poder, o poder faz o abuso, a elite é elite porque tem capital e capital não tem pátria, a elite é poder e não tem pátria e abusa. Você não vê aí uma anarquia, Bruna? Poder e autoridade são coisas diferentes...

– Não vejo diferença! Se quem tem autoridade é poder, quem é poder tem autoridade.

– Bruna, a diferença entre poder e autoridade é que poder se consegue por qualquer meio; na porrada, no trambique, nas sacanagens políticas e cada vez mais com o poder que o deus Money dá. Poder, um traficante de armas tem, um narcotraficante de peso tem, os brancos têm sobre os negros, o homem sobre a mulher, o rico sobre o pobre, o bandido sobre os honestos da favela etc. O princípio do poder é a força, é a imposição! O princípio da autoridade é o princípio de respeitabilidade por competência.

– Cisco, mesmo que se faça uma reforma total no ensino e se dê noção de cidadania e humanismo a todos por igual, poder e autoridade serão quase sinônimos.

– Engana-se! Para que o poder emane do povo e deixe de ser a utopia que é, e para que a palavra autoridade seja reconhecida com o seu justo valor, a política terá que funcionar

de uma forma simples: como o relacionamento entre um atleta e seu treinador. O atleta renomado contrata o treinador para treiná-lo; veja o atleta como povo e o treinador como autoridade. O atleta-povo contrata o treinador-autoridade para orientá-lo. O treinador-autoridade tem que obter resultados satisfatórios, senão leva um pé na bunda!

– Eu entendi! Funciona como o personal-trainer que está virando moda por aí. O cara contrata alguém para cuidar de si e obedece a orientação do contratado, mas se a coisa não funcionar, dá cartão vermelho pra ele – esclareceu Bruna, a entendida.

– Exemplificando melhor o que penso sobre essa dicotomia entre os sentidos de poder e autoridade, vou contar um episódio que aconteceu quando gerenciei uma loja de móveis: a rede de lojas comercializava um bar que era muito procurado. Eu havia exposto o mostruário bem na frente da loja. Um dia acabou o estoque do barzinho e a supervisão me proibiu de vender o mostruário. Coloquei um bilhete de reservado no mostruário e aguardei nova orientação... Num sábado apareceu a filha do dono da rede de lojas e teimou que queria o mostruário porque iria dar de presente de casamento. Eu tentei falar com a supervisão mas estavam em reunião. Eu não liberei. Ela telefonou para o pai e o pai falou comigo. Disse a ele que só com ordens da supervisão eu liberava...

– Mas ele é o dono da mercadoria! Que absurdo! – Nanci, a indignada.

– Ele era o dono da mercadoria, mas o responsável era eu. Só liberei a venda quando a supervisão me ligou me dando autorização... Prestem atenção no quadro: a rede de lojas é a Brasil S/A; o dono da rede de lojas é o povo e a filha do dono é a elite. Eu era o governador de uma das lojas e o supervisor o presidente... Creio que isso explica o que quero dizer sobre poder e autoridade dentro de uma democracia politicamente correta. E se as coisas não estão assim, é graças ao poder do deus Money que mantém o alicerce no teto...

– É, há analogia. Afinal um país pertence a todos e o poder deve ser de todos, e dado autoridade para alguns. – Abigail, a politizada.

– É isso! É esse o princípio de autoridade numa democracia. Mas para que isso funcione a contento, é imprescindível a educação democratizada para dar sustentação ao ideal democrático e até legitimar um Estado democrático! Um povo educado e consciente do funcionamento dos mecanismos do Estado tem condições de dar à sociedade um equilíbrio que dê ao sentido de autoridade o respeito merecido. É possível aniquilar até a anarquia do poder econômico com o Estado legitimado pela educação democrática. O sistema, na forma como está estruturado, é subversivo aos direitos humanos e ao próprio sentido real de justiça democrática. E deseduca! A mentalidade de poder que envolve opressores e oprimidos é o gene cultural mais maligno que nos persegue desde os primórdios da cultura humana e que prevalece e aniquila as culturas menores. Essa mentalidade de poder é perversa e incentiva o comando dos mais ousados, vaidosos ao extremo e insensíveis. Esses homens possuem os sentimentos governados pela vaidade, são insensatos e só pensam no poder pelo poder! O resto é imagem e hipocrisia. São os predestinados a nos levar para o Deus-me-livre-e-guarde. Esses homens têm que ser vistos com olhos clínicos, com olhar de psiquiatra... A oportunidade faz o ladrão e o desatento dá oportunidade.

– É, esses caras têm que ser analisados no comportamento porque nas palavras eles são bem treinados e inteligentes... – disse Sandro, o assistente.

– Enquanto nós não nos conscientizarmos de que a estrutura política das sociedades, seja aqui ou em qualquer canto do primeiro mundo, está virada do avesso e é incoerente com o princípio básico da convivência humana, o discurso e a prática serão adversários. E precisamos nos conscientizar de que o princípio correto de autoridade é superior ao princípio que se impõe pela mentalidade de poder. Mas para que isso aconteça, é indispensável que o próprio conceito de povo seja focado pela ótica correta; povo é o todo da população, desde o mendigo de Quixeramobim até o presidente da nação. Isso é o óbvio que surpreende os cativos dos discursos maquiavélicos!

– É, e pra isso acontecer é preciso EDC – disse Bruna.

– O que é isso? – perguntou Cisco.

– Educação Democraticamente Correta – respondeu Bruna.

– Você é viciada em siglas! – acusou Cisco.

– Ô, Cisco – se intrometeu Ricardinho. – Mas uma educação igual pra todos vai transformar todo mundo em coca-cola! Vai nos padronizar, e isso não é bom!

– Isso é impossível! Eu penso em qualificação da inteligência através da qualificação cultural. Não penso uma educação doutrinária e nem uma educação medíocre como a que se tem. Acho que de nada adianta uma escola para formar pelotões de formiguinhas que fazem tudo o que seu mestre mandar. E acho tremendamente ruim proliferarem escolas como se fossem botecos formadores de baratas tontas, como está acontecendo agora com as faculdades. Minha preocupação é com o ensino fundamental, e aí a qualidade tem que ser democratizada, com a conscientização para a boa convivência desde a creche. Justiça é o ponto de referência. Penso em equilíbrio na convivência humana através dos conhecimentos adquiridos pela humanidade. Todos somos formados por circunstâncias diferentes, cada indivíduo tem e terá sua identidade e caráter particular! Um exemplo: pegue dois gêmeos univitelinos. São oriundos da mesma fonte genética, naturalmente. A mesma gestação, o mesmo dia de nascimento, a mesma educação familiar, as mesmas influências no bairro, cidade etc. Agora imagine que esses dois vão pela primeira vez na vida a um velório. Naturalmente essas crianças estão envolvidas pelo momento de emoção e mistério que a morte causa. Morreu um tio deles. Um fica de um lado do caixão e outro de outro lado. Um está ao lado da viúva, que diz chorosa: “Ah Gervásio, você era tão bom! Você não merecia ir tão cedo. O que será de mim!” Do outro lado, a outra criança ouve um irmão do falecido dizer: “Porra meu! Você partiu desta pra melhor. Você é que está feliz!” Os dois garotos estão no mesmo local e momento e diante da mesma situação, mas absorvendo informações diferentes. Se viverem sempre juntos, serão sempre parecidos, mas jamais serão idênticos na personalidade.

– Mesmo que as pessoas tenham origens genéticas idênticas, não serão iguais. – Sandro, o geneticista, aparteou. – Se no futuro, a ciência conseguir fazer dois clones de Einsteins colhendo material genético do próprio, e se der um Einstenzinho

pra dona Maria José, esposa do Zé Maria lá da favela do Buraco Fundo criar, esse filho do Einstein talvez só crie a teoria da passividade relativa. Se der o outro para Sir Bastardo Bom Berço e Lady Fábula Bom Berço, um casal de playboys internacionais, criarem, esse poderá elaborar a teoria da atividade negativa. Agora o Einstein da Teoria da Relatividade foi único, e todos nós somos únicos! Satisfeito, querido guri?

– Obrigado, invejável guru! – respondeu Ricardinho.

– Não, não o inveje! Ele é apenas outro filho das circunstâncias – disse Abigail a Ricardinho.

Ela completou seu trabalho em uma pizza, enfeitando-a como se fosse uma obra de arte. Tomou um gole do guaraná que Cisco lhe servira enquanto falava. De repente lhe ocorreu uma dúvida, e ela verbalizou a pergunta, certa de que o assunto o incomodaria:

– Cisco, supondo que um dia a sociedade democratizará o ensino, você acha que deve ter aula de religião ou não?

– Claro que deve haver educação religiosa! Afinal, todas as religiões têm história e propósitos. Qualquer professor bem preparado tem condições de dar aulas de história das religiões, e é possível inserir palestras de representantes de todos os segmentos religiosos nas escolas. Naturalmente, todas as seitas poderiam participar. Se uma quiser, todas têm direito!

– Ah, e você acha que um pai muçulmano vai querer que seu filho tenha aula de cristianismo ou um judeu aceitará que seu filho tenha aula de islamismo?! – ela questionou, incrédula.

– Não se trata de achar ou não; verdade que não se expõe para comparação, mesmo que seja a suprema verdade, é uma verdade questionável! Acho que os testemunhas de Jeová têm seus direitos, tanto quanto os anglicanos, os batistas, os espíritas, os adeptos do candomblé, os budistas, hinduístas etc. Democracia pressupõe, também, direito de conhecimento para a escolha e não ditadura religiosa imposta de pai pra filho. O ensino religioso, sem discriminações, dá às crianças uma convivência amigável mesmo tendo religiões diferentes. Esse entrelaçamento no convívio desde crianças aprimora as próprias religiões.

– Percebam a importância do que ele disse! – Exclamou Sandro, o puxa saco. – Ele acaba de lançar a idéia para a campanha: Adote um Deus inteligente para o seu filho!

– Ai, Sandro! Suas brincadeiras às vezes são bem idiotas! – Nanci, a ofendida.

– Mas eu acho que os cristãos não aceitariam isso, Cisco. – ponderou Bruna, descrente.

– Não aceitar é o mesmo que ressuscitar a Santa Inquisição. E não é de bom alvitre regressarmos no tempo. Nós temos que criar vacinas culturais contra o DNA cultural maligno que restou daquela época. Nenhuma criança em tempo algum da história humana elaborou, nem por brincadeira, as guerras santas. E nem os bebês vêm ao planeta predestinados pelos céus a se pegarem a tapas em nome de Jesus, Alá ou qualquer outra entidade. Os bebês não se drogam e democracia se ensina. A moral é legítima quando estendida a todos por igual. E a doutrina religiosa não tem por prática moralizar o poder. A história mostra isso... Sou a favor da educação religiosa com a participação até do Clube dos Céticos e dos Agnósticos...

– Isso é vespeiro, Cisco! – interferiu Sandro. – Aí tem mais tabus e interesses do que estrelas no céu.

– Eu sei! E é por isso que radicalizar a democracia é imprescindível, porque é radicalizar direitos e deveres. Esse ideal, mesmo sendo inatingível tanto quanto a perfeição, a justiça, a liberdade e outras virtudes superiores, tem que ser perseguido para o aprimoramento da humanidade. Nós não podemos esquecer que o futuro se lê pelas linhas do passado e do presente!

– Cisco, eu fico ouvindo você falar e cada vez mais te entendo menos – falou Nanci, a confusa. – Eu não sei até agora se você é um sonhador otimista ou um pessimista apegado à última esperança. Tô mais pra achar que você é um pessimista!

– Ah não, Ci! Você tá sendo injusta com ele – foi Bruna, a companheira, quem falou. – Dias atrás você estava pessimista e sem futuro, e foi ele quem lhe abriu o futuro e devolveu o otimismo.

– Tá! Eu concordo que na prática ele é otimista e vai à luta. Mas quando começa a falar das coisas que acontecem no mundo, ele me passa uma visão pessimista!

– O otimista lê o futuro e idealiza maravilhas – defendeu-se Cisco, o acusado. – O realista lê o passado e lamenta o tempo perdido com esperanças ilusórias e mesquinhos interesses. Você tem razão, Nanci; eu sou pessimista. A realidade me mostra quanto tempo demoram as mudanças necessárias e o quanto engatinharmos intelectualmente domesticados por instituições retrógradas! O otimista vê modernidade até em coisas passadas. Na teoria, eu também vejo. Mas, na prática, eu me pergunto que modernidade é essa que cultua milenares tradições sem nexos?

– Ah, Cisco, vai com calma! – Bruna, a contestadora, discordou. – Concordo que há tradições sem sentidos! Mas você não pode jogar todas no mesmo bueiro. O folclore, por exemplo; você tem alguma coisa contra o folclore?

– Não, não tenho nada contra o folclore. Aceito-o como folclore. Mas não esqueço que na cultura indígena tribo é nação, e na nossa cultura família é tribo!

– Mas o folclore é cultura e é crença. Boa parte do povo crê! – falou Nanci, a folclórica.

– Até canalhice é cultura no momento em que se transforma em costume social! Eu já me diverti em várias festas folclóricas, e não tenho nada contra o folclore. Eu gosto de carnaval e já fui em festa do Divino Espírito Santo e me diverti! Aliás, eu gostaria que o povo criasse a festa do divino espírito humano! Novos folclores e tradições seriam ótimos. Seria uma bela festa para ser festejada em todo o planeta e todos os dias... Apesar de que eu acho que festa e alegria é muito bom, mas se for inseqüente vira idiotice.

– Qual é, Cisco? Tá a fim de zoar com a alegria do povo brasileiro? – Ricardinho, o festeiro.

– Eu não quero zoar com coisa alguma! Se o brasileiro é um povo alegre, maravilha! Mas que se canalize essa alegria para algo útil. Olha, conheci um corintiano sorridente, que sorria até quando o Corinthians perdia. O cara tava sempre com uma piada nova ou com uma brincadeira qualquer. Um dia ele sumiu. E tempos depois fiquei sabendo que ele estava preso

porque matou a mulher a machadada! Rir por fora mas estar desarranjado por dentro é uma alegria horrível!

– Que coisa triste – Nanci lamentou.

– Eu gostaria que se democratizasse o folclore – foi Sandro, o folclórico, quem se pronunciou arquivando o assunto machadada. – Não seria lindo ver Lady Fábula Bom Berço dançando o xaxado no Rio Grande do Sul, a chula na Paraíba, um boi de matraca em Pernambuco, o frevo no Maranhão e o cateretê no Jardim Paulista? Sem preconceito de nenhuma das partes e com todo o respeito, claro!

– E eu gostaria que você dissesse essas brincadeiras para o Câmara Cascudo. Levaria uns cascudos e engoliria suas brincadeiras goela abaixo! – Foi Bruna quem disse essas palavras cascudas.

– Engoliria numa antropofagia oswaldiana – Cisco, o erudito, voltou à conversa. – Bruna, com a mesma naturalidade que você aceita a aculturação das nações indígenas, aceite a aculturação da gente de sua tribo! Viva o folclore, mas como arte popular. Qual é a diferença das nossas crenças e das lendas indígenas, de nossas lendas e das crenças deles? A diferença de uma ou de outra nasce na mesma fonte dos mistérios!... É como os rios que correm sobre leitos diferentes com origem na mesma fonte... Nós nos habituamos a falar das culturas, lendas e folclores de outras nações, sem questionarmos as lendas e folclores da cultura que prevalece por ser poderosa, e que segue acelerada para o futuro, levando as culturas menores de roldão ou extinguindo-as de vez. Vou dar um exemplo de folclore da cultura que nos conduz para Deus-me-livre-e-guarde: o dinheiro traz felicidade. Isso é folclore!

– Ah, você tá louco! – exclamou Nanci.

– Tira sua tristeza da poupança e dá pra mim! – falou Bruna.

– É isso! Eu sou maluco! Quero me entupir de dinheiro pra morrer de tristeza – gozou Ricardinho.

– Eh, eh, eh, eh – riu Sandro.

Abigail também riu, mas conseguir falar entre risos:

– Cisco, claro que um rico também tem seus momentos de infelicidade. Mas quando eu vou ao shopping sem dinheiro, sou infeliz, e com dinheiro o astral é outro!

– O que prova que dentro da cultura em que vivemos o dinheiro traz facilidades e nos faz bem. Mas felicidade é sentimento, e sentimento não se compra em prateleiras e nem depende de costumes... ou folclore. Mas o poder do dinheiro mata a espontaneidade do folclore! Eu não tenho dados corretos sobre o que vou dizer, mas tenho certeza de que não vou dizer bobagem: se vocês somarem a renda dos 50 países mais pobres do mundo e compará-la à renda dos 10 homens mais ricos do planeta, os 10 homens possuem rendimento maior. Não vejam só a diferença financeira entre os 10 homens e os 50 países; entendam que são 10 para bilhões de pessoas!... O sistema financeiro tem uma perversa “gambiarra”, com vazamentos por onde se escoam muitas misérias, e a riqueza se concentra num pequeno compartimento muito bem protegido. Estou falando de uma riqueza de cunho duvidoso, porém legitimada pela cultura do status quo. Se nos comovemos ao ver cadavéricas mães com bebês de pouco futuro nos braços, na África, na Ásia, na América, que juízo temos de nós mesmos por invejarmos os 10 homens mais ricos do mundo? Se sabemos que a falta de limite para a riqueza é causadora da falta de limite para a miséria, que felicidade é essa que o dinheiro traz? É claro que o sistema nos educa para nos seduzir com esse folclore, nos viciando no raciocínio individual, que é ilusório, porque somos animais gregários.

– Olha, Cisco, esse seu discurso lembra a fábula da raposa e as uvas; se as verdinhas estão na conta bancária de outros, nada valem pra mim! – foi Abigail, a fabulosa, quem argumentou.

– Você está enganada, Abigail; não tenho nada contra a riqueza e até acho justo que algumas pessoas, por funções sociais importantes para a sociedade, tenham um padrão de vida mais elevado do que as outras. E não me indignaria se na sociedade a pobreza tivesse dignidade e houvesse senso de justiça. O que penso é que se deve dar um teto para a riqueza para que a pobreza tenha um piso digno para viver. É uma questão de respeitar a vida acima das condições culturais que o regime impõe... Veja só, até os índios, que na sua cultura simplória nunca sonharam em criar uma moeda porque não tiveram necessidade disso, e sempre tiveram respeito pela

natureza, já que seu sustento era proveniente das matas, mesmo eles, doutrinados pela nossa cultura, corromperam-se, e hoje vendem madeira sem critério nenhum e perderam seu respeito por coisas que lhes eram sagradas. Será que eram infelizes antes e encontraram a felicidade no dinheiro? Não! Fazem isso por uma questão de autodefesa, talvez, ou porque estão perdidos entre dois valores culturais... A felicidade que você sente quando vai ao shopping, Abigail, é a mesma felicidade que os índios sentiam antes de Cabral aportar por aqui. Eles ficavam felicíssimos quando conseguiam uma saborosa caça ou encontravam árvores carregadas de frutos...

– Porra! Mas aí você tá dizendo que quem vive abaixo da linha de pobreza, deve se mandar pra Amazônia e viver uma vida de índio – foi Ricardinho quem colocou essa estupidez na boca de Cisco.

– Não, claro que não! Se até os índios, que possuem um sagrado respeito pela floresta, estão perdendo esse respeito e por influência de nossa cultura estão vendendo madeira a torto e a direito, os miseráveis da nossa “cultura do quero mais” acabam com aquilo em três tempos! Estou é questionando a nossa fé e crença no deus Money e a felicidade que esse “deuseco” dá para a humanidade. Anos atrás, quando as mulheres não precisavam trabalhar fora para ajudar no sustento da família, era comum homens dizerem: mijo fora do penico mas lá em casa não falta nada. A dona da pensão não tem do que reclamar! Será que a dona da pensão era feliz?

– Ela era escrava porque não tinha independência financeira! – respondeu Bruna, a convicta. – Escravos não são felizes!

– A maioria das mulheres possui independência financeira e é feliz, hoje? A maioria das famílias com homens e mulheres trabalhando possui independência financeira? Ora, Bruna! A energia que nós aplicamos correndo atrás da felicidade que o dinheiro traz é a única felicidade com que os bandidos sonham! A felicidade que o dinheiro traz é a que torna os remédios tão caros, porque os donos dos laboratórios adoram essa felicidade. A felicidade que o dinheiro traz pode fazer um médico chutar o pau da barraca de Hipócrates e tornar-se um picareta. A felicidade que o dinheiro traz é perversa quando leva um médico a torcer pra aparecer um cliente com câncer, pra ele pagar a duplicata de

um carro novo. A felicidade que o dinheiro traz pode fazer com que um milionário desenganado por Deus permaneça entubado por muito tempo para que o hospital fature mais felicidade. A felicidade que o dinheiro traz, faz um monte de crianças morrerem por falta de atendimento médico e aposentados sofrerem nas mãos dos planos de saúde que detestam ver sua felicidade no vermelho. A mesma energia que gastamos para conquistar dinheiro nos traria mais felicidade se a aplicássemos a organizar a sociedade. Professores não têm condições de colocar seus filhos numa boa escola, mas contrabandistas, donos de botecos, têm.

– E é por causa da felicidade que o dinheiro traz que os empregados vivem de quatro para os patrões, infelizes e com medo de perder o emprego! – disse Sandro, o sindicalista.

– É por causa dessa felicidade que as organizações mafiosas crescem em todo o mundo e mesclam-se aos poderes constituídos. E é por causa da felicidade que o dinheiro traz que ele se acumula lá em cima, enquanto aqui embaixo todos lamentam. Nessa questão de dinheiro, penso como Francis Bacon...

– O que pensa o Chico Toicinho? – foi Sandro, o açougueiro.

– Francis Bacon disse que o dinheiro é como estrume, só serve espalhado.

– E é pela felicidade que o dinheiro traz que todos saem às ruas, inseguros e com medo da violência! – falou Ricardinho, o convertido.

– E é por causa da felicidade que o dinheiro traz que muitas famílias se dividem e não irmanam! – falou Nanci, a antimafufista ferrenha lembrando-se de quando Maria Maluf morreu e houve briga na família por causa da divisão da herança.

– Tempo é dinheiro! Ganhe dinheiro não perdendo tempo! – disse Sandro, o memorialista. – Lembra-se disso, Cisco?

– Claro que lembro! Mas, pra mim, tempo e dinheiro não têm analogia nenhuma. Porém os males que emanam desse slogan me lembram que o dinheiro tem um influxo maligno que nasceu quase antes de o próprio dinheiro existir.

– Que conversa confusa, Cisco! – disse Nanci, a desentendida.

– Tá na Bíblia, em Gênesis! Deus mandou Abraão ir para Canaã, e ele foi. Pára aqui, pára acolá, ele chegou em

Negeb. Mas em Negeb sobreveio a fome e ele resolveu ir para o Egito, onde não faltavam comida e riqueza. Mas, antes de entrar no Egito, ele ficou com medo que o matassem, porque sua mulher, Sarai (depois Deus mudou o nome para Sara), era muito bonita. Então ele a fez passar por sua irmã, assim ninguém o mataria para ficar com ela. Por causa da beleza de Sara, Abraão entrou no palácio egípcio e ganhou do faraó jumentos, bois, ovelhas, camelos, escravos e escravas etc. Mas Deus zangou-se com a situação e o faraó pagou o pato, pois Deus o prejudicou com grandes pragas. Daí o faraó ficou sabendo que Deus o castigou por que Sara não era irmã de Abraão e sim esposa. Ele ficou magoado e mandou o casal embora com toda a riqueza, animais e escravos que já havia dado a Abraão. Isso porque ele estava muito zangado mesmo!

– Ah, Cisco! Vou levar minha irmã Leilane para o Egito!
– disse Sandro, o marido.

– Que história ingênua, Cisco! – disse Abigail, a que não leu.

– Ingênua ou não, prova uma coisa: o dinheiro é um objeto a serviço do DNA cultural maligno que já acontecia antes de ele mesmo existir. No tempo de Abraão, o comércio se utilizava de moedas, mas ainda havia a troca de mercadorias. A mania que temos de achar que o dinheiro resolve tudo transforma-se na grande besteira social. Quantos pais não reclamam dos filhos dizendo: nós lhes damos tudo e eles não reconhecem! Esses pais não percebem que berço de ouro não transmite afeto e nem fortalece o caráter. Afinal, o dinheiro não compra filhos maravilhosos que satisfaçam ideais paternos e sociais. O dinheiro engrandece dentro do conceito cultural folclórico, mas não dignifica... Nós precisamos nos conscientizar de que a propaganda é a alma do negócio, mas não é o negócio da alma. E que sentimentos não se padronizam. O que me faz feliz pode não fazer a outro! Muitas pessoas se suicidam por perderem seu patrimônio. Eu pergunto: que noção exata de vida tem uma pessoa que comete essa asneira? O cerne dessa pessoa era estruturado na essência das coisas da vida ou apenas no conceito idiota da cultura mercenária?

– Puxa, Cisco, vou tirar minha mixaria da poupança e jogar fora! – Abigail, a irônica.

– É claro que o dinheiro tem sua inegável importância tanto para os indivíduos como para o coletivo, mas ele é um remédio que causa dependência e sérios problemas colaterais para a sociedade em geral pelo mau uso. O dinheiro alimenta a sensação de poder; eu tenho, eu posso, eu mando! E são homens com esse espírito que comandam a humanidade e inspiram a maioria na crença de que é esse o caminho humano, limitando outros horizontes mais fraternos. Esses homens analisam as reações humanas pela ótica de seus próprios desejos e sensações, como se fossem eles a matriz ideal de toda a humanidade. Na verdade, são blefes que dão certo porque não carregam na consciência limites de bom senso, respeito ao próximo e outras virtudes necessárias. E muitos desses homens ocuparão as páginas da história humana como grandes profissionais, fazendo da própria história um grande blefe e perpetuando o DNA cultural maligno...

– Não se preocupe, Cisco! As mulheres vêm aí para transformar! – foi Abigail, a sexista, quem disse isso.

– As mulheres são feitas da mesma massa e sofrem as mesmas influências culturais – rebateu Cisco.

– As mulheres têm mais sensibilidade, são mães...

– Assim como os homens precisam de uma nova educação, as mulheres também precisam. Influenciadas pela mesma cultura e tendo os mesmos princípios e prática, tutti permanecerá le meme shit! No leito de vários colarinhos brancos tem muitas dondocas que são cúmplices. Messalina! Maria Antonieta! Cleópatra! Maria Tudor! Stuart! Até a China fabricou mulheres perigosas, mesmo tendo uma cultura digna de admiração; Tz’u-hsi foi uma mulherzinha maquiavélica e pernicioso para o povo chinês. Um pus no corpo cultural da China! Todas estiveram no poder e não ficaram longe da sensibilidade de um Nero ou Luís XIV. É preciso que as mulheres questionem o poder e a forma como ele é exercido. É preciso ampliar o ideal de autoridade em substituição à mentalidade de poder. Se analisarmos a conduta do poder em toda história humana e a legitimarmos, teremos inevitavelmente que coroar a hipocrisia como a rainha das virtudes. E a hipocrisia não é virtude e nem sinônimo de

inteligência como se aceita comumente. Isso tudo acontece porque o alicerce está no teto... O problema é que o parto da cultura humana não aconteceu num bom berço. Mas disso a humanidade não tem culpa. A culpa da humanidade é por sustentar essa má-formação!

– Permita-me que o interrompa, sábio guru? – pediu Sandro.

– Fala! Se não for engraçada eu não vou rir – falou Cisco sorrindo, já esperando uma piada.

– Certa vez, estava eu a caminho de Santiago de Compostela, quando um garoto abordou-me, perguntando: “Senhor, o que é materialismo?” Meditei por alguns segundos e procurei ser singelo e objetivo na resposta: “Materialismo, meu filho, é pura ilusão!”, disse-lhe eu. “É como o ouro dos templos que não servem pra nada! É como as fortunas das Bolsas de Valores que nós nunca vemos! É como palavra de políticos conservadores, cujas promessas só vemos se concretizar em sonhos fúteis e esperanças ilusórias...” Fui feliz na definição mestre?

– Foi! Só que você deve mudar de caminhos. Sugiro que comece a andar por Santiago de la Compostura! – disse Cisco, rindo.

– Ô dupla de hereges! – disse Abigail, tentando dar um croque na cabeça de Cisco, que se esquivou.

– Cisco, eu acho que a mulher tem condições de transformar o exercício do poder, sim! – Desta vez foi Nanci, a engajada.

– O problema não é ocupar espaço, o problema é transformar a mentalidade cultural – respondeu Cisco. – Há mulheres capacitadas e bem-intencionadas, há homens capacitados e bem intencionados, há negros, índios, pobres, ricos, há intelectuais, empresários etc., todos bem intencionados. O problema é que, no bojo de tudo isso, prepondera a mentalidade antiqüíssima do poder! E somos todos feitos da mesma massa e suscetíveis à influência do DNA cultural maligno... Para que vocês entendam o que estou querendo dizer, vou idealizar um quadro que simboliza o poder como eu o vejo...

– Ih, lá vem você com outro quadro surrealista! – falou Abigail, a romântica.

– O simbolismo é um dos adubos da imaginação para o discernimento, tanto para domesticar como para libertar...

Imaginem uma sala ampla e requintada. Com lustres, tapete persa, mesas de jacarandá etc. Imaginem um homem trajando um terno impecável, com gravata e camisa vistosa...

– E relógio de ouro! – Abigail, a poderosa.

– Isso! Esse homem é um poderoso. Ele está em pé, falando sobre negócios importantes ao telefone. A sua braguilha está aberta e a sua secretária está de joelhos diante dele!

– Nossa, Cisco, que visão obscena você tem do poder! – foi Nanci, a decepcionada, quem falou.

– O poder é obsceno e abusado. E não pense que eu vejo, neste simbolismo de poder, a ajoelhada como oprimida! Muitos ajoelham-se para o poderoso motivados pelo próprio desejo de poder! E se as mulheres que chegarem ao poder estiverem envolvidas pela mentalidade de poder pelo poder, a mudança será apenas uma troca de posição.

– Pode parar de descascar cebolas, que estas já dão! Acho que a cebola está variando o teu humor. Você fala das coisas como se não houvesse exceção! – foi Bruna, a incomodada, quem bronqueou. Cisco parou de descascar as cebolas e explicou-se.

– Enquanto as regras estiverem do avesso, as exceções serão esperanças duvidosas. Eu costumo dizer que se existe uma regra sem exceção, é uma exceção que não conheço; claro que há exceções nessa regra também. Mas em todas as regras malignas, as exceções estão passivas demais. Eu sei que há homens que exercem o poder e não colocam sua secretária de joelhos, mas esses homens, vejo-os como autoridade. Sei que há mulheres que não almejam o poder pelo poder e no PT há exemplos de mulheres com esse perfil. E em outros partidos também. Mulheres com ideologias opostas, mas com dignidade política e humana. Mas não me venham com este discurso de que vocês são a grande esperança de transformação do mundo porque são mães, são sensíveis, intuitivas etc., porque vocês não são clones culturais de si próprias, e a moral e o chauvinismo não são dádivas ou castigos, deste ou daquele sexo. Por serem uma novidade política, as esperanças são depositadas nas mulheres como novo potencial político. Porém, essas esperanças só serão concretizadas se as mulheres trouxerem ao panorama político uma nova cultura, uma nova mentalidade política, e não só um visual mais bonito para os Congressos. Por enquanto, a maioria das parlamentares, de qualquer lugar do planeta, está

apenas se moldando à estrutura política existente. É muito difícil ser reto dentro de uma coisa torta. Já é hora do sistema se moldar à humanidade e servi-la, chega de a humanidade se moldar a um sistema desengonçado... Vocês duas são professoras – ele apontou Bruna e Nanci. – Se eu disser que as professoras estão lecionando com a rotina de quem prepara arroz e feijão, estou falando em regra ou exceção?

– Eu acho que tá mais pra regra do que pra exceção – disse Bruna, a antichauvinista.

– Ah, mas pelo salário que ganham e pela bagunça do ensino, tá justificado! – Nanci, a chauvinista.

– Se salário baixo justifica corpo mole, as enfermeiras e médicos de hospitais públicos já podem matar os pacientes que dão muito trabalho e os policiais estão liberados para assaltar!

– Grosso! – Nanci, a ofendida.

– Assim como a política teve Indira Ghandi, tem também a Cicciolina e suas tetas; qual é o perfil político das mulheres que transformarão o quadro político? Vejam o quadro do DNA cultural político: o mal vai na frente fazendo estragos e o bem vai atrás consertando! As mulheres mudarão isso, mas como? Atacando o mal na raiz ou praticando a política paliativa do bem, com solidariedade, com filantropia e sensibilidade materna para com os miseráveis culturais que estão nascendo e se formando na ignorância? Não basta ser mãe, é preciso ter visão coletiva e noção de justiça para entender o direito de todos os filhos e todas as mães...

– Tudo bem, Cisco; você venceu! Daqui alguns anos serei candidata a vereadora, depois deputada e vou em frente... E minha plataforma política será sempre EDC, reforma no ensino com currículo humanista, cidadão e democrático. Você me apóia? – Bruna, a candidata, lançou-se.

– Eu te apóio, faço campanha, te assessoro e, se tiver dinheiro, jogo na campanha! E depois de eleita, fico na sua marcação, para que o discurso e a prática sejam coerentes! Eu cobro!

– Ah, Bru! Você tá pensando mesmo em ser candidata?!

– Nanci, a desapontada, lamentou-se.

– Nas próximas eleições, nem pensar! Mas daqui oito anos quem sabe? É uma questão de se preparar bem!

– A nossa vida vai virar um inferno!

– A nossa vida já é um inferno. Nós não percebemos porque nos acostumamos. E claro, não é por culpa nossa.

– Eu estou falando da nossa vida, da nossa relação!

– A tranqüilidade da nossa relação não depende da boa convivência com os outros? Quem sabe, com a democratização do ensino, caíam muitos preconceitos e a convivência seja mais fraterna! Tudo indica que sim. Alguém tem que ir à luta...

– Bruna, uma reforma com essa envergadura não pode ser monopólio de uma pessoa ou um partido político – atalhou Cisco. – É a sociedade quem tem que debatê-la com amor e pari-la com carinho. Tem que haver um debate exaustivo entre todos os segmentos da sociedade. O ideal é que um grupo de professores, pediatras, sociólogos, juristas, psicólogos, cientistas, políticos, psiquiatras, filósofos, religiosos etc. debata à exaustão e apresente projetos para serem confrontados.

– Os artistas seriam importantes também. – Abigail, a artífice.

– Ah, claro! Os artistas de boa vontade, porque nesta área também tem muito arteiro. Eu imagino que as crianças deveriam ter uma educação para o desenvolvimento da criatividade e até da inteligência emocional, desde as creches, e nisso os artistas, esportistas, psicólogos etc. têm importância. Imagine uma educação com fundamentos socráticos, com recursos do circo e da capoeira, com assistência psicológica, para as crianças nas creches.

– Isso é interessante porque formaria pais equilibrados emocionalmente e daria às próprias mães condições de transmitirem bons fluídos à criança, no próprio ventre. Seria uma gestação civilizadora! – Sandro, o professor aloprado.

– Além de todos os obstáculos que existem para a sociedade iniciar essa transformação, há um que me lembra a revolução sexual, que trouxe sérios problemas à sociedade sueca... – disse Cisco.

– A liberação sexual dos adolescentes e a nova ordem sexual levou muitos pais conservadores ao suicídio – lembrou Bruna, a sexóloga da história.

– É mais ou menos isso. Na transformação de comportamento, houve sérios choques culturais entre pais e filhos. A Suécia teve peito para fazer aquela revolução.

– Mas a revolução sexual foi uma mudança radical num assunto muito mais controvertido do que a democratização do ensino.

– Mas que problema pode acontecer entre pais e filhos, Cisco? – Abigail, a desentendida.

– Falar em cidadania sem falar em justiça é o mesmo que fazer palhaçada num templo ou pregar um sermão num circo. É ensinar pra não ser compreendido. Se der o verdadeiro e natural sentido de justiça às crianças, você lhes ensinará um comportamento social correto, mas os jovens passarão a cobrar esse comportamento dos pais, na família, e dos adultos, na sociedade. Esse é apenas um dos pontos...

– Que bela briga, hein?! – falou Sandro, o torcedor. – Eu torço pros menores! Será uma inversão de comportamento social. Principalmente da classe B para baixo, será um debate ferrenho de valores!

– Será em todas as classes! Na questão de comportamento social, todas as classes são desclassificadas! – rotulou Ricardinho, o nomeador.

– Tem razão; umas por isso, outras por aquilo. Todas sem classe.

– Olha aí, acabamos de achar uma regra sem exceção!
– Nanci, a descobridora.

– Nesse caso, as exceções se inserem em todas as classes com os homens de boa vontade. Em todas as classes eles existem. – Cisco, o minucioso. – Não é possível reformar uma casa sem haver transtornos. Acho imprescindível o choque de gerações. É um atrito necessário! Aí é que veremos até onde vai o espírito de solidariedade e humildade dos que estão cativos da velha cultura. Aos velhos, cabe pensar no futuro dos jovens. Gostaria de testar os que pregam a solidariedade numa transformação desse porte. Ou aceitam ou a solidariedade pregada não passa de um discurso hipócrita encalacrado no umbigo.

– Outra briga boa! Os conservadores jamais vão querer suas posições questionadas e defenderão suas instituições com unhas e dentes. – Ricardinho, o progressista.

– Terão que entender que estas instituições não passam de velhos baús de remédios com data vencida que causam sérios estragos no cérebro da humanidade. Precisamos de cursos e práticas mais saudáveis!

– Mas Cisco, você não falou até agora em cursos profissionalizantes – lembrou Sandro, o sindicalista.

– Claro que tem que haver cursos profissionalizantes. Mas considere que estamos pensando no futuro, e pensar no futuro

é considerar índices de desemprego cada vez maiores, já que a tecnologia substitui cada vez mais o ser humano. Teremos que diminuir a carga horária para dividir empregos. Apesar de que a revolução tecnológica não vai ocupar emprego de ninguém. Não creio que o problema seja esse. O buraco é sempre mais embaixo, mas o esburacador está sempre mais acima. A valorização do capital e a mercantilização do suor barato é o problema de desemprego. Afinal, no Brasil, barateia-se o custo de um produto barateando-se o salário. Eu vejo assim: teremos mais tempo de lazer do que de trabalho e aí é que se torna imprescindível a educação social e humanista, para que os indivíduos ocupem seu tempo de lazer com mais criatividade e bom senso. Artes e esportes são imprescindíveis nessa educação. A filosofia pra fertilizar a imaginação também. Na década de 60, a Suécia já fazia experiências sobre as atividades humanas para ocupar o tempo, prevendo as atividades pós-industriais. Eu, particularmente, acho que na questão profissional devemos nos aplicar para que haja uma proliferação de miniempresários. Por exemplo; acho que farmácias de manipulação com farmacêuticos especializados, espalhadas por várias cidades do país, têm uma importância maior do que os megalaboratórios. As próprias universidades podem se tornar grandes laboratórios de pesquisas. Dou um exemplo: imaginem uma farmácia em que parte de uma comunidade interessada paga uma taxa mensal, e quando cada um desses cidadãos associados precisa de remédios, paga o preço de custo. Quem não é associado compra o remédio pelo preço comum do mercado. As taxas pagas pelos associados cobrem as despesas administrativas, inclusive o lucro do proprietário da farmácia.

– Ah, você tá sonhando! – Sandro, o descrente.

– Claro que é um sonho! E se você sonhar comigo e mais milhares se juntarem ao sonho, acabaremos com o pesadelo que é o preço dos remédios e daremos um jeito na safadeza dos donos do livre mercado da saúde humana... Acho também que o turismo ecológico seria uma ótima fonte de renda e um bom incrementador de empregos para o Brasil. O turismo incrementaria até o nosso espírito artístico cultural, criaria emprego para músicos, folcloristas etc. E assim por diante. Mas há um grande obstáculo...

– Diga! Um a mais entre milhões não faz diferença. – Sandro, o pé no chão.

– Só o Brasil é pouco para começar uma reforma desse porte.

– Ora, por quê? A Suécia não principiou a revolução sexual e os outros não foram a reboque? A gente inicia e os outros vêm! – Abigail, a voluntariosa.

– Não é bem assim. A liberação sexual já era algo sonhado pela humanidade, e até entre os conservadores havia adeptos. Uma revolução cultural é algo mais volumoso e não há um só conservador que a queira. E eles são o poder. Só pra se ter uma idéia: no princípio rudimentar da democracia em Atenas, os poderosos de outras nações ficaram preocupados, porque se a democracia desse certo na Grécia, o povo do seu país gostaria do exemplo e o seu poder iria pro saco. Dario, da Pérsia, invadiu a Grécia com outra desculpa, mas talvez tenha sido com a intenção de impedir que se propagasse a democracia. Não se esqueçam de que os conservadores amam mais suas instituições do que a própria vida, e não se importam com as gerações que nem vão conhecer. Para um conservador, ter vale mais do que ser, e por isso finge ser o que na realidade não é.

– Pronto, o sonho acabou! Como um país de cultura colonial pode tornar-se líder de uma nova ordem cultural? – Sandro, o cabeça no chão.

– A nós só cabe seguir os poderosos para Deus-me-livre-e-guarde. – Cisco, o descrente do próprio sonho.

– E o sonho da EDC termina em pizza, porque esta é a última! – Bruna, a ex-candidata.

– Ah, que pena! – Abigail, a decepcionada.

– Bru, já são oito horas, só temos meia hora pra chegar no centro! – Nanci, a apressada.

– É mesmo! Gente, vocês limpam tudo isto que nós temos compromisso. Fui! – Bruna, a retirante.

– Gente! Vocês estão falando sério? Vocês não acreditam que seja possível democratizar a educação? – Abigail, a inconformada.

– Abigail, qualquer Estado do mundo está construído sobre bases preconceituosas – respondeu Cisco. É como uma casa construída sobre um terreno instável, mas forças ocultas, que

são o alicerce da casa, prometem que ela jamais ruirá e com isso tutti continuará le meme shit! Claro que tudo isso são raízes dos problemas sociais e humanos. Mas é esse o currículo escolar da vida. Os bebês, por muitos anos, continuarão viciando-se com drogas embaladas em papel de bons costumes.

– Continuarão sendo educados num rígido sistema de princípios frágeis e duvidosos, com espertos ministrando cursos para trouxas – Sandro lamentou.

– Eu acredito que seja possível a sociedade discutir, pressionar o Estado e elaborar uma mudança no ensino e democratizá-lo! É só jogar a idéia na rua para apreciação – insistiu Abigail.

– Eu também acho que será lindo o porvir humano se a humanidade tiver futuro – disse Sandro, já providenciando a limpeza da bancada improvisada. – Mas no momento eu quero deixar tudo aqui em ordem, que amanhã eu vou é bater uma bola!

– Você não vai ficar aqui amanhã?

– Não. Amanhã, você, o Pérsio e a Leilane darão conta do recado. Eu vou jogar bola porque bola é cultura. Apesar de que quando eu crescer vou querer ser cartola, igual ao Golbery ou ao ACM – Sandro encerrou com cinismo.

Aquela conversa deixou Abigail com a mesma sensação dos tempos em que prometia a si que iria parar com as drogas e procrastinava a decisão para o futuro. Enchia-se de sonhos e coragem, mas logo estava envolvida com a paranóia e a frustração pelas besteiras praticadas na noite anterior e por não tomar a decisão com firmeza. A sensação era a mesma agora.

Consolou-se pensando que pelo menos convivía agora com pessoas que procuravam saídas. Tão diferentes dos seus companheiros de faculdade e barzinhos, cujas aspirações eram ébrias e menos dignas. Mas, para ela, democratizar o ensino era uma saída que não devia ser abandonada. Estava com Cisco: Os bebês não se drogam.

Ao se despedir, Nanci disse a Abigail que seus pais lhe mandaram lembranças.

– Eles estão bem?

– Estão! Temos conversado por telefone. Vou lá domingo!

- Mande um abraço pra eles. A Bruna não vai, né?
- Não! A Bruna vai pra chácara com vocês.
- Que chácara?
- Você não está sabendo?
- Não.

– Ô, gente! – Nanci gritou para os outros, que estavam entretidos com seus afazeres, enquanto Bruna conversava com Cisco. – Vocês já escalaram a mulher e não a avisaram? Ninguém disse a ela sobre a festa na chácara?

– Ah, é! Abigail, você está intimada a comparecer à festa do Riacho Grande – comunicou Ricardinho. – Traje pra homens: smoking. Para mulheres: fio dental e topless!

– Então a festa será só para mulheres, porque petista não tem smoking! – disse Sandro.

E assim Abigail ficou sabendo do compromisso para o domingo seguinte. Se por um lado essas festas a agradavam, ao mesmo tempo a preocupavam, porque estaria entre pessoas bebendo e isso lhe causava um choque psíquico nada agradável. Ela sentia-se como uma diabética que trabalhasse em doceria. Que prazer há em se sentir assim numa festa?... Mas ela iria. E Cisco também.

Nanci e Bruna se foram. Abigail ajudou a arrumar a garagem, deixando-a organizada para a distribuição do dia seguinte. Levaram algumas pizzas para guardar na geladeira de Leilane, outras foram levadas por Sandro à casa de vizinhos que conseguiram reservar um espaço nas geladeiras, e a grande parte restante colocaram na perua de Cisco para que Ricardinho a levasse à casa de Antônio Carlos, genro de dona Jandira, que estava com um freezer horizontal à espera do produto. Sobrou para Abigail a agradável tarefa de levar Cisco para casa, já que ao ficar sem condução ele a convidara para conhecer sua coleção de receitas de bolo do tempo da ditadura e comer uma pizza.

Quando ele se despediu de dona Maria, tirou a tampa do disco de uma pizza mista que iria levar, dizendo:

- Veja que beleza, dona Maria!
- Está linda mesmo, meu filho!
- Vou levar sua filha para comê-la em casa!

– Vigé, isso ainda vai dá bolo!

A caminho, Cisco lhe disse que fazia um percurso mais rápido, mas cheio de zigue-zague, e ela se perderia ao voltar, por isso foram pela Avenida Jabaquara, com que Abigail estava familiarizada. Ao descerem a Avenida Bosque da Saúde, ela reconheceu a igreja em que batizaram Sandrinho. O percurso era fácil e em poucos minutos chegaram ao local onde Abigail pretendia satisfazer várias curiosidades.

O terreno era grande; 12 por 50, conforme lhe dissera Cisco. A casa, típica construção de três cômodos, não tinha nada de incomum que se destacasse. Ao lado, uma rústica garagem com quatro grossos caibros verticais, amparados por outros menores, sustentavam algumas telhas de PVC. Ele desceu, abriu o portão e ela entrou com o carro. A casa era separada do restante do terreno por uma cerca viva de brinco-de-princesa, que ia de um muro a outro, tendo um pequeno portão de madeira no centro. Cisco levou-a para conhecer o outro lado do terreno. Uma pequena horta à direita, cuja variedade a falta de luz não permitia que se visse, e à esquerda um imponente abacateiro. À frente, ela percebeu a construção que dava ao terreno a condição de cortiço; quatro portas à direita se colocavam de frente a mais quatro à esquerda. Ela imaginou serem oito quartos, mas ele explicou-lhe serem os da direita dois quartos e cozinhas onde residiam dois casais e na esquerda apenas dois quartos, sendo as outras duas portas dois banheiros. Num dos quartos residia Ricardinho; noutro, um senhor se encontrava na porta conversando com um rapaz que se estava do lado de dentro. Cisco interrompeu a conversa dos dois e apresentou Abigail.

– Seu Edgar, esta é Abigail, companheira do PT.

– Opa! Se é do PT é boa gente. Prazer, moça! – ele lhe estendeu a mão com simpatia.

– O seu Edgar é o dono do pedaço – disse Cisco.

– Ah, o senhor é a autoridade aqui?

– Eu não. Eu só recebo o aluguel – disse seu Edgar, apontando para o rapaz que estava no quarto: – A autoridade é ele. Remildo é quem toma conta de tudo por aqui.

O rapaz veio até Abigail e estendeu-lhe a mão com a humildade de quem só exerce autoridade no cumprimento do dever:

– Prazer, dona.

– Já vão pra gandaia? – perguntou Cisco a seu Edgar.

– Já estou quase desistindo! Tô esperando esse moleque se aprontá mas tá demorado. Até parece que vai se encontrar com a Lady Di!

– Dependendo do que ele sente pela menina, pode valer mais do que a Lady Di. Divirtam-se!

Cisco ainda lhe mostrou a outra casa, onde morava seu Edgar, e voltaram. Abigail estranhou o fato de um velho já passado dos 60 aguardar um garoto de pouco mais de 20 para irem ao baile e indagou:

– O seu Edgar está esperando o garoto para irem ao baile?

– É um clube que tem aí pra baixo. É um salão de baile e no fundo tem um carteado. O Remildo dança e o seu Edgar joga baralho. Depois voltam juntos, se o Remildo não conseguir um programa diferente, claro.

– Ah, bom! Seu Edgar não é casado?

– É viúvo. Ele tem um filho que mora em São Bernardo.

– E ele vive só dos aluguéis?

– É aposentado, e está sempre arrumando serviço de pedreiro por aí. Tá certo ele, ficar parado enferruja.

Eles passaram novamente pela cerca de brinco-de-princesa, pegaram a pizza que havia ficado no carro e entraram na casa.

– Não vou dizer para não reparar na bagunça porque você teria que fechar os olhos. Repare à vontade.

A sala era grande. Quase maior do que toda a quitinete de Abigail. À esquerda, uma porta fechada, possivelmente o quarto; outra porta lateral provavelmente era o banheiro. Caminharam para a direita e entraram na cozinha, que tinha apenas uma cortina artesanal de bambu substituindo a porta. Não era grande, mas comportava fogão, geladeira e armários, sobrando um bom espaço para a locomoção, mesmo tendo uma pequena mesa e duas banquetas num canto.

– Nossa, você está melhor instalado do que eu! A sua sala é maior do que a minha quitinete.

– A sua quitinete ficou menor porque você cismou de colocar uma cama de casal. Isso é mania de grandeza.

– Ah, perdi espaço pra andar, mas ganhei espaço deitada. Sempre dormi em cama de solteiro, e dá impressão que a gente dorme encolhida e não descansa.

– É verdade. Eu durmo em cama de solteiro. Vá lá ver o meu quarto!

– Você não quer ajuda?

– Não, fique tranqüila. Vou só pôr a pizza no forno e preparar um suco.

O quarto também era grande, mas além da cama de solteiro e de um pequeno guarda-roupa, havia algumas caixas de vários eletrodomésticos pequenos, caixas de TV e outra de uma máquina de lavar roupas, tudo lacrado, o que diminuía o espaço.

– Você dorme num depósito! – gritou ela. E ele concordou:

– Ta vendo? Aí não cabe cama de casal.

– Mas você tá preparando enxoval? Tem até máquina de lavar e TV!

– Ah, isso é investimento. Quando sobra uma grana eu compro para revender no tempo das vacas magras. Eu tenho máquina de lavar. Tá aí no banheiro.

Ela abriu a porta do banheiro e entrou. Também era grande. A máquina de lavar roupa era pequena. Um aparelho para abdominais, do lado oposto ao da máquina, deu-lhe a entender que o porte atlético dele não era somente dádiva da natureza. Um cesto de roupas, ao lado do aparelho, impedia que a porta abrisse inteiramente. O pequeno armário pendurado acima do lavatório trazia um espelho acoplado na própria porta, de tamanho suficiente para barbear e pentear-se. A curiosidade venceu e ela abriu a portinhola do armário; aparelho e creme de barbear, loção após barba, desodorante, uma pequena caixa contendo medicamentos, três envelopes de preservativos e nada mais. Salvo a máquina de lavar e o cesto de roupas, um típico banheiro masculino. Os envelopes de preservativos provocaram-lhe, no íntimo, um indevido ciúme. Teria ele alguém? Ele levaria alguém lá? Afastou esses pensamentos com uma afirmação escapista: “Estas camisinhas são sobras de um romance passado.” Olhou-se no espelho e ajeitou os cabelos.

O barulho do liquidificador na cozinha despertou-a e ela saiu do banheiro. Deteve-se na sala. Mais parecia uma biblioteca desajeitada. Uma estante e uma antiqüíssima cristaleira re-

pleta de livros. Na estante destacavam-se uma coleção de Monteiro Lobato e Os Pensadores. Lá estava Platão. Ela o lera na adolescência e se apaixonara por sua utópica República. Aliás, apaixonara-se por ele por ser “lindo, inteligente e sonhador”. Durante boa parte da juventude, ela idealizara Platão como o homem ideal. De repente, Abigail relacionou Cisco a Platão e uma constatação lhe ocorreu. Dirigiu-se à cozinha e encostou-se no batente da porta de modo insinuante – “Note-me porque eu mereço”, dizendo:

– Já sei quem te inspirou a pensar em ensino democratizado: foi Platão!

Cisco estava passando o suco de maracujá do copo do liquidificador para uma jarra. Deteve-se, colocando o copo na pia, despejou as sobras da peneira no lixo e olhou-a:

– É verdade. Platão também tem algo a ver com a democratização do ensino. Mas não foi ele quem me inspirou... Quem me passou essa idéia foi Diógenes! – Ele sorriu. – Não o grego cínico. Foi o Diógenes meu padraço. Ele me disse certa vez que Cecília Meireles, na década de 30, chegou a iniciar uma campanha pela democratização do ensino. Ela queria o ensino fundamental igual para todos... Mas a Igreja e Getúlio Vargas se opuseram e o sonho acabou. Veja só, Getúlio Vargas era conhecido pelo povo como “o pai dos pobres”. Pelo visto, nem a Igreja e nem o pai queriam que seus filhos pensassem pelas próprias cabeças e andassem pelas próprias pernas. – Ele sorriu com cinismo, e concluiu: – Schopenhauer explica!

– Porque Schopenhauer explica?

– Porque ele disse que as religiões são como vagalumes, precisam das trevas para brilhar. É claro que o sistema político e financeiro, enfim, os defensores do status quo, são coniventes com esse contexto, por conveniência... É comum esse pessoal acusar os radicais de torcerem pelo quanto pior melhor; quando ouço isso, lembro-me de Schopenhauer e devolvo a retórica.

– E você acha que a Igreja prega o quanto pior melhor?!

– Mesmo que não seja objetivamente, subjetivamente sim. Os profissionais da religião, sejam católicos, evangélicos, budistas, muçulmanos etc. Colocam seus dogmas acima dos valores humanos... Abigail, creio que as instituições são como os indivíduos; também transportam no subconsciente elemen-

tos duvidosos do DNA cultural maligno. Eu acredito que se não discuto meus valores e se não os coloco em discussão, minha certeza é duvidosa com relação à verdade, e as religiões são por demais senhoras de si com relação aos seus dogmas e os defendem com veemência, numa retórica duvidosa.

– Mas isso não prova que a igreja quer o quanto pior melhor. Isso significa que ela crê nos seus dogmas.

– Tudo bem, que seja assim; mas não esqueça que as religiões arrebanham mais fiéis onde o caos prospera. Além do mais, perceba que sabemos que a Terra é redonda porque a ciência é dinâmica, mas se dependesse da Igreja, estaríamos propensos a acreditar eternamente que é quadrada. Na verdade, eu acho um desrespeito humano e até uma perversa burrice querer se impor como dono da cocada preta, espalhando ignorância...

– Puxa, quer dizer que a Cecília Meireles já tentou democratizar o insino e não conseguiu? – Ela disse, cortando o raciocínio filosófico de Cisco.

– Já imaginou se ela tivesse conseguido naquela época igualar o ensino fundamental? Nós seríamos hoje filhos de homens com conhecimentos apurados. Imagine o que seria o Brasil hoje...

– Nossa! Até me emociona...

Limpando as mãos num pano, ele passou da cozinha para sala e Abigail o seguiu:

– Me faz um favor Abigail; antes de ler as receitas de bolo, leia um texto de Erich Fromm e você entenderá melhor o que conversamos. – Ele pegou um livro na estante, folheou-o e deu a ela, indicando: – Leia daqui até ele falar da racionalização sobre o amor. Nesse texto tem coisas que fogem do assunto de agora, mas leia inteiro para entender melhor.

Ela pegou o livro com o dedo indicador marcando a página que ele mostrara e leu a capa: *A Sobrevivência da Humanidade*. Sentou-se no sofá para ler, enquanto ele foi para a cozinha concluir o seu trabalho. Ela leu:

“... Isso aconteceu na China, Índia, Egito, Palestina, Pérsia, Grécia – onde se formaram as novas religiões e escolas filosóficas. Após algum tempo, porém, essas idéias perdiam sua força. Embora as pessoas no primeiro surto de florescência

experimentassem o que pensavam, lentamente começavam a ter pensamentos alienados, puramente cerebrais, em vez de experiências autênticas.

Não é o momento de discutir o complexo do difícil problema da razão dessa deterioração. Basta dizer que seria muito mais fácil explicar o problema pela morte do líder carismático. Não basta nem mesmo acentuar o fato de que a liberdade, amor, igualdade são qualidades para cuja realização é necessário coragem, vontade e capacidade de sacrifício. Nem basta dizer que embora deseje muito a liberdade o homem a teme, e procure escapar dela, e portanto quando o primeiro período de entusiasmo desaparece, as pessoas já não são capazes de conservar as idéias originais. Por mais certo que tudo isso seja, há outra razão mais importante. O homem, no processo da história, modifica seu meio e se modifica. Mas esse processo é lento. Pondo de lado as sociedades primitivas, o desenvolvimento da civilização e do homem tem ocorrido de tal forma que a maioria dos homens tem sido obrigada a servir uma minoria, porque a base material de uma vida digna não se encontra ao alcance de todos. Como poderia o ideal de amor e igualdade ser experimentado com autenticidade pelos escravos, pelos servos, pelos pobres cujas vidas eram principalmente uma luta contra a fome e a doença? Como poderia o ideal da liberdade manter-se vivo entre os que estavam obrigados a sujeitar-se às exigências de uns poucos que disputavam de poder sobre eles?

Não obstante, as pessoas não poderiam viver sem fé nesses ideais e sem esperança de que, com o tempo, poderiam tornar-se realidade. Os sacerdotes e reis posteriores aos profetas utilizaram-se dessa necessidade. Apropriaram-se dos ideais, sistematizaram-nos, transformando-os num ritual, e os empregaram para controlar e manipular a maioria. Assim o *ideal* foi transformado numa *ideologia*. As palavras continuam as mesmas, e não obstante tornaram-se rituais, e deixaram de ser palavras vivas. A idéia de aliena; cessa de ser a experiência viva e autêntica do homem, tornando-se, em vez disso, um ídolo fora dele, que cultua, ao qual se submete e que utiliza para dar cobertura e justificar seus atos mais irracionais e imorais.

A ideologia serve para unir as pessoas e submetê-las aos que administram devidamente o ritual ideológico. Serve para explicar e justificar toda irracionalidade e imoralidade que existe dentro da sociedade. Ao mesmo tempo a ideologia, contendo em si a idéia congelada, satisfaz aos adeptos do sistema, que se acreditam em contacto com as necessidades mais fundamentais do homem, como amor, liberdade, igualdade, fraternidade – porque ouvem e vêem essas palavras.

Ao mesmo tempo, porém, a ideologia também preservava essas idéias. Embora se tornem rituais, não obstante continuam expressas; podem voltar a ser idéias vivas novamente, quando a situação histórica permitir ao homem despertar e experimentar novamente como real aquilo que se havia tornado um ídolo. Quando a ideologia deixa de ser um ritual, quando se torna novamente ligada ao indivíduo e à realidade social, transforma-se então de ideologia em idéia. É como se a ideologia fosse uma semente, repousando durante anos na areia, sendo em seguida transplantada para terreno fértil, onde cresce novamente. A ideologia é, então, ao mesmo tempo, um substituto enganoso das idéias e sua preservação, até que chegue a época de seu renascimento.

As ideologias são ‘administradas’ pelas burocracias que lhes controlam os sentidos. Desenvolvem sistemas, decidem o que é certo ou errado no setor do pensamento, quem é fiel e quem é herege; em suma, a manipulação das ideologias torna-se um dos mais importantes meios de controle do povo, através do controle de seus pensamentos. As ideologias tornam-se sistematizadas e adquirem lógica própria; as palavras têm seu sentido específico e – o que é muito importante – idéias novas ou mesmo opostas são expressas ainda em termos da velha moldura ideológica. (Um dos exemplos mais drásticos disso é a negação, por Spinoza do Deus do monoteísmo, por ele expressa numa definição de Deus aparentemente pouco diferente da definição ortodoxa.)

As idéias de Marx foram transformadas em ideologias. Uma nova burocracia assumiu o poder e estabeleceu seu governo em princípios exatamente opostos às idéias originais. Os russos pretendem ser uma sociedade sem classes e ter atingido a verdadeira democracia, pretendem estar caminhando

para o desaparecimento do Estado, pretendem ter como objetivo o pleno desenvolvimento da personalidade individual, da autodeterminação do homem. São as idéias de Marx e que, na verdade, ele partilhava com os outros socialistas e pensadores anarquistas, com o iluminismo, e, em última análise, com toda a tradição do humanismo ocidental. Os russos, porém, transformaram essas idéias numa ideologia, e uma burocracia – que torna o Estado cada vez mais poderoso às expensas do indivíduo – governa em nome das idéias de individualidade e igualdade.

Como compreender esse fenômeno? Serão os líderes soviéticos simples mentirosos enganando seu povo? Serão cínicos que não acreditam numa palavra do que dizem?

É uma questão intrigante: muitas pessoas estão prontas a supor que os russos realmente são sinceros no que dizem, ou que são mentirosos totais. No entanto, se nós examinássemos mais cuidadosamente, descobriríamos que também fazemos o mesmo, sem qualquer receio. A maioria das pessoas no Ocidente acredita em Deus, portanto nos princípios divinos do amor, caridade, justiça, verdade, humildade etc. Não obstante, essas idéias pouca influência têm em nosso comportamento. Nossos motivos são, em sua maioria, o desejo de conforto material, segurança, prestígio. Embora as pessoas acreditem em Deus, não se preocupam com Deus, ou seja, não pensam nem perdem o sono devido a problemas religiosos ou espirituais. E, mesmo assim, orgulhamo-nos de sermos ‘tementes a Deus’ e chamamos aos russos de ‘ateus’. Ora, a maioria dos americanos acredita que o sistema capitalista se baseia no mercado livre, não dirigido, na propriedade privada, num mínimo de controle governamental, na iniciativa individual. Embora isso fosse verdade há cem anos, não o é agora. Os meios de produção são essencialmente não-controlados pelos (ainda uma insignificante minoria) seus donos; a iniciativa individual está afogada num sistema burocrático e se encontra com mais frequência nos filmes de western do que na vida real. O mercado ‘livre’ passou a ser dirigido e manipulado; O Estado, em vez de interferir num mínimo, é o maior empregador e cliente e apóia a indústria sempre que isso parece útil à burocracia do “governo-economia-forças-armadas”. Consideramo-nos uma aliança de po-

vos que amam a liberdade, e no entanto vários ditadores pertencem a ela. Acusamos os comunistas de desejarem proselitizarnos e fazer do comunismo um sistema mundial – mas dizemos ser nossa aspiração ver também o povo russo livre de sua escravidão atual, e o povo chinês também. Desejamos que os povos de todo o mundo sejam livres. São eles os mentirosos? Ou estaremos, nós e eles, afirmando convicções autênticas?

Para compreendermos plenamente que essas não são as únicas hipóteses, devemos lembrar uma das mais importantes descobertas de Freud: a natureza da racionalização. Antes de Freud, acreditava-se geralmente que, exceto quando a pessoa mentia, seus pensamentos conscientes eram o que ela realmente pensa. Freud descobriu que uma pessoa pode ser sincera, subjetivamente, e não obstante seu pensamento pode ter um peso ou uma realidade reduzidos, que pode ser apenas uma cortina, uma “racionalização” do verdadeiro impulso que a motiva. Os exemplos desse mecanismo são conhecidos amplamente hoje. Quem não ouviu falar do homem escrupulosamente moral que em nome da virtude e da bondade domina sua mulher e filhos, privando-os da liberdade e espontaneidade? Esse homem não mente quando recita seus princípios, e no entanto, se o analisarmos, ou seja, se estudarmos sua motivação real, veremos que o desejo de poder ou controle ou mesmo um impulso sadista de estrangular qualquer forma de espontaneidade é o que realmente o motiva.

Essa realidade é inconsciente – e a sua consciência não é real. Não obstante ele é sincero, e na verdade ficaria indignado se seus motivos fossem postos em dúvida. Além disso, sua ideologia não é simplesmente uma mentira vazia e um meio melhor de dominar a família com a utilização de frases nobres e impressionantes.

Ele experimenta, na realidade, um anseio autêntico de bondade, virtude e amor, mas em vez de agir segundo esses impulsos, transforma-os em palavras e se engana com a ilusão de que está cheio de amor ao falar do amor.

Ela terminou de ler, levantou-se e foi à cozinha:

– Puxa, Cisco, esse conceito de Freud sobre a racionalização é bem contudente, heim?

– Também acho! Agora, você não acha que esta precepção deveria ser um conhecimento de todos? Eu acredito que a pro-

pagação desses conhecimentos agregaria melhor a sociedade. Conhecimento é patrimônio da humanidade, precisa ser espalhado! Temos de acabar com essa educação medíocre, que só ensina os jovens a se inserirem no mercado de trabalho. Eles devem ser incentivados a ter senso crítico, discernimento.

– Engraçado, Platão pensou numa educação superior à nossa há mais de dois mil anos! Já naquele tempo ele pensava em homens e mulheres tendo a mesma educação!

– Ele imaginava aulas de ginástica e dança com rapazes e moças nus...

– Aí ele exagerou, né? Muito bonito imaginar, mas na prática seria um caos! – ela riu, como quem imagina um bando de moças e rapazes pulando com seios e sexos balançando ao ar livre.

– Não vejo exagero nisso! Se você sair na rua com os seios de fora, o problema não estará nos teus seios, estará na cabeça dos malformados. Somos educados para ver pecado em coisas naturais. Imagine Platão dando aula de música, ginástica, dança, filosofia e matemática para os yanomamis; o que haveria de errado? Eu gostaria de ver os yanomamis dançando o Lago dos Cisnes e questionando filosoficamente sua própria cultura...

– É, tem razão. É um problema cultural. Nossa! Se desde aquele tempo houvesse uma educação desse tipo, hoje viveríamos o sexo sem complexo nenhum.

– Eu tenho certeza que teríamos menos maníacos sexuais e menos desta besteirada toda que faz do sexo uma fonte de perversões absurdas! A cultura que assimilamos com relação ao sexo é tão idiota que nos leva a rir de piadas sexuais para atenuar a idéia de pecado e nos leva ao divã do analista ou ao confessionário aos pés de Deus para atenuar a idéia de malícia. Abigail, eu acho que o maior pecado na questão sexual está na educação cretina que se dá, principalmente através da mídia. Adolescentes sendo pais e mães por falta de educação é uma perversividade. – Ele finalizou seu comentário e mudou o rumo da conversa: – Escute; embaixo da estante, na gaveta do lado esquerdo, está a coleção de receitas. É um fichário com capa preta. Dê uma olhada enquanto eu termino aqui.

– Você não quer ajuda mesmo?

– Não, fique tranqüila. A pizza logo estará pronta, e é só preparar este suco. Já já comeremos!

De volta à sala, ela abriu a gaveta. Era grande e nela havia até livros. Alguns manuais de artesanato, eletricidade, hidráulica, pedreiro etc. estavam ao lado do fichário preto. Ela notou também alguns recibos da LBV e achou estranho que ele contribuisse com a Legião da Boa Vontade. Ela sentou-se no sofá e folheou as receitas, sem muito interesse. Notou que a maioria das receitas eram apelidadas por ele: Escândalo da Mandioca I, II etc., Polonetas, Safra, Rio Centro, Delfin e outros. Numa delas estava escrito: Coroa-Brastel, e numa letra caprichada, Filhos das Putas! Ela levantou-se e levou o fichário a ele, perguntando:

– Por que você escreveu isso aqui?

– Porque eu trabalhei para esses caras e não passavam de trambiqueiros. Lembra-se do programa “O Povo na TV”?

– Lembro! O povão ia reclamar quando era prejudicado por patrões, profissionais liberais etc.

– Isso! Nós fomos lá em trinta e poucos vendedores reclamar do atraso de pagamento e pedir uma ajuda propagando a sacanagem dos nossos patrões. Sabem o que eles disseram?

– O quê?

– Com a Brastel não podemos mexer porque tem gente poderosa no meio!... Voltei pra loja e forcei o gerente a me dar a conta e depois de alguns dias recebi os atrasados e a indenização. Os que ficaram perceberam que aquilo não tinha futuro e começaram a levar TV, som etc. pra casa. Procuraram compensar roubo com roubo.

– Mas tinha gente do governo no meio?

– Claro que tinha.

– Ainda bem que você recebeu o seu.

– Recebi como profissional, como cidadão fui roubado como todo mundo. Quando há rolo financeiro entre os homens do governo, todo o cidadão é roubado. Só não são roubados os que usufruem da picaretagem, porque são ladrões sociais!

– É verdade. Bom, eu já vi sua coleção de receitas da ditadura, agora deixa eu ver seus livros, que me interessam mais!

– Abra a porta de baixo da cristaleira, ali tem alguns de que talvez você goste.

– Tá legal! – Ela disse, e lembrando-se dos recibos da LBV, perguntou: – Cisco, você contribuiu com a LBV?

– Contribuía, mas parei. Percebi que eles gastam o dinheiro doado, mais no marketing do que nas obras. Eu acho que as instituições filantrópicas deveriam ter sua contabilidade publicada na mídia. Isso deveria ser lei! Principalmente as religiosas. Afinal, até os religiosos imbuídos de bons propósitos se sentem incomodados quando o nome de Deus e de Jesus são usados como avalistas por charlatães.

Os nomes de Deus e Jesus abrem portas, Abigail... Jesus pregou sua doutrina numa peregrinação de cidade em cidade, e vilarejo em vilarejo; hoje ele teria que usar a mídia. A construção de templos, e outras despesas administrativas, mais espaço em rádio e televisão, custa dinheiro. E isso vêm de onde?... Outra coisa: a imprensa falada e escrita tem donos. E seus donos tem ideologias. E é a ideologia deles que absorvemos sutilmente entuchadas em nosso espírito para sermos o que pensamos. Filtrar o que se ouve é imprescindível, Abigail.

A bela fala pode ser uma falha bela...

– É. Olhando por esse prisma é um caso para se pensar... Mas depois penso nisso. Primeiro vou olhar seus livros.

Ela foi olhar os livros da estante mais detalhadamente: Erich Fromm, Freud, Karen Horney, Sartre, José Ângelo Gaiarsa, Gilberto Freire, Marilena Chauí, Simone de Beauvoir e tantos outros nomes que ela conhecia por ouvir falar, mas que nunca lera. Numa outra fileira ela viu o *Sobre o Behaviorismo*, de B. F. Skinner. O termo behaviorismo Abigail ouvira outras vezes, mas nunca pensara no que viria a ser. Achou que Cisco lhe ensinaria numa outra oportunidade. Outros autores lhe chamaram a atenção: J. S. Brunner, L. S. Vigtski, Kurt Lewin, Fred S. Keller. Ela percebeu que era uma fileira sobre livros de psicologia, pois constavam títulos como *O que é Psicologia Social*, de Silvia T. M. Lane, *Contestação – Nova Fórmula de Ensino*, de Neil Postman e Chalés Weingartner, e *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, de Karl Marx, um não-psicólogo. Noutra parte, outros livros dispostos em destaque: *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, *O*

Imprecador, de René Victor Pilles, *A tirania do Status Quo*, de Milton e Rose Friedman, *Eu, Claudius, o Imperador*, de Robert Graves, *1984*, de George Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Adouss Huxley, e *Fora de Série*, de Morris West, autor que ela conhecia por ter lido *As Sandálicas do Pescador*. A estante era grande e não havia um só espaço vago, toda ocupada por livros. Molière, Brecht, Augusto Boal, Rui Guerra e outros indicavam que ele se interessava por teatro também. A *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque, finalizava uma pequena fila de textos teatrais.

Ela abriu a porta da cristaleira que ele indicara. Encantou-se: deu de cara com volumes de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda, Patativa de Assaré, Roberto Piva, Cruz e Souza e outros poetas; Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Raul Pompéia, Bernardo Guimarães, João Ubaldo Ribeiro, Mário de Andrade, Carlos Heitor Cony, Clarice Lispector, Lígia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca etc. Ele tinha razão, daqueles autores ela era mais íntima. Alguns dos livros que estavam ali, ela já havia lido. Mas eram muitos. Estavam empilhados de forma horizontal e formavam três filas dentro do móvel. Ela sentiu vontade de ver os outros que estavam atrás, mas pensou na bagunça que faria e desistiu da idéia. Tinha certeza de que teria outras oportunidades, afinal não estava ali só para ver receitas de bolo do tempo. Tinha outros interesses. “Com todo o respeito, é claro!”, ela pensou, rindo intimamente.

Fechou a porta da cristaleira e olhou os livros da parte de cima. Através do vidro, percebeu que onde deveriam estar expostos imponentes jogos de cristais, *O Capital*, de Karl Marx, se destacava, entre livros de antropologia, arqueologia, paleontologia etc. Desistiu dos livros. Ao lado de uma poltrona onde o cavaquinho repousava, havia uma estante com um aparelho de som, uma pequena TV e um arsenal de discos e fitas. Entusiasmada e sem rodeios, ela agachou-se e foi dedilhando os discos e reconhecendo-os: Jacob do Bandolin, Poly, Waldir Azevedo, Dilermando Reis, Paulinho Nogueira, Luis Eça, Ademilde Fonseca, Domenico Modugno, Agostinho dos Santos, João Nogueira, Martinho da Vila, Amália Rodrigues, Paulinho da Viola,

Elizeth Cardoso, Edith Piaf, Orlando Silva, Altamiro Carrilho, Ray Charles, Luiz Gonzaga, Charles Aznavour, Elis Regina e outros. Nas fitas ela encontrou João Bosco, Djavan, Betânia, Gil, Vinicius, Toquinho, Caetano, Ney Matogrosso, Vandr e, Chico Buarque, Taiguara, Peri Ribeiro, Edu Lobo, Francis Hime e coisas estranhas a ela, como Rossini, Bach, Tchaikovsky, Chopin, Mozart, Beethoven etc.

– Seu gosto musical é bem variado, hein? – ela gritou.

– Em termos de literatura e de música, sou eclético! Ouço e leio qualquer corrente. É a melhor forma de enriquecer o intelecto e a sensibilidade... Eu acho que a inteligência é como o corpo:   malhando que se desenvolve...

– Você tem até música clássica!

– Você gosta?

– Não tenho intimidade. Nunca ouvi com atenção.

– Você está deixando de usufruir de um prazer. – Ele apareceu na sala enxugando as mãos num pano de prato, pegou uma fita de Tchaikovsky e logo o som de “tchan tchan tchan tchan” tomou conta da sala. Ela sentou-se predisposta a ouvir a música, mas ele lhe pegou a mão e puxou-a, dizendo:

– Vamos comer. Está pronta a pizza.

– Do jeito que você me puxou, pensei que ia me tirar pra dançar!

– Podemos até dançar depois, mas vamos resolver um problema urgente agora. Você não está com fome?

– Estou. Vou lavar as mãos.

Quando voltou do toailete e entrou na cozinha, surpreendeu-se; havia toalha na mesa, e além da pizza e da jarra de suco, uma tigela com salada de palmito e algumas folhas de alface. Os talheres ajeitados formalmente davam a entender que o momento era de um jantar e não de um piquenique.

– Nossa, adoro salada de palmito! – ela disse com sincero entusiasmo.– Você preparou rápido!   prendado. Já pode casar!

– Não se deixe levar pela aparência. Eu demorei muito pra perceber que essas coisas dão prazer, mas não deixo que isso vire rotina, justamente para continuar tendo prazer de vez em quando. Eu penso que quando uma coisa vira rotina, deixa de dar prazer. Pode-se até sentir falta, por costume, mas não por prazer.

– Então você não cozinha todos os dias? – ela perguntou, acomodando-se em uma das banquetas.

– Eu não almoço aqui, almoço em bares. Me alimento bem de manhã e à noite como um pão com bife, ou bife com salada e uma fruta. Às vezes faço arroz.

– Você faz ginástica naquele aparelho?

– Vinte minutos a trinta, todas as manhãs. Aí tomo uma ducha, frito mandioca ou cozinho milho e como mais alguma coisa. Eu só cozinho mesmo aos domingos, quando não saio. Ou quando estou com vontade de fazer alguma coisa diferente.

– Ele serviu-lhe o suco. – Este suco é de maracujá com laranja. Eu gosto. Acho que você vai gostar.

Ela serviu-se da salada e, antes de provar, perguntou se ele a havia temperado com limão ou vinagre. Ele respondeu que a temperara com limão e ela comentou:

– Na clínica eles recomendam que só se tempere com limão. Dizem que o vinagre estimula o desejo de beber.

– Não deixam de ter uma certa razão. Mas eu conheço um japonês alcoólatra que todas as tardes bebe um copo de vinho, desde que começou o seu tratamento antialcoólico. Faz disso um ritual e não sai da linha.

– Não estou duvidando de você, mas isso é difícil de acreditar.

– O problema é que pouquíssimos seres humanos possuem um profundo conhecimento íntimo. Nós não somos educados para ter intimidade com nossas emoções e reações, para adquirirmos auto-controle. Esse japonês tem conhecimento de suas fragilidades porque foi se questionando intimamente. Ele me disse que, às vezes, depois de tomar um copo, ele sente vontade de tomar outro. Mas ele não toma. É um ritual.

– E por que ele tem que tomar esse copo de vinho? Por que ele não fica sem beber nada?!

– Primeiramente porque um copo de vinho faz bem pra saúde. Em segundo lugar, ele tem consciência de que o seu organismo não permite que ele se entregue ao prazer de beber, mas fixando sua vontade num único copo, ele não extirpa de vez esse prazer que tinha.

– Mas meu Deus; aí ele está sempre alimentando a vontade de beber mais. Ele nunca eliminará a vontade!

– Depois que você fez o tratamento, você não sente vontade de beber?

A pergunta chocou Abigail.

– Sinto. Estou até pensando em cortar festas da minha vida e não frequentar bares.

– Aí é que está, assim como cada um de nós tem organismos com predisposições diferentes com relação à bebida, temos também universos psíquicos diferentes. Ele conseguiu encontrar um ponto de equilíbrio dentro do seu problema. Antes ele não voltava cedo para casa e estava sempre em gandaia na Liberdade. Já faz mais de dois anos que eu sei que, entre oito e nove horas da noite, ele vai pro canto de que mais gosta na sala e tem o prazer de beber o seu relaxante copo de vinho. Ninguém o perturba nesse momento. É um ritual. É como se ele estivesse bebendo um copo de vinho com Deus. É um momento sagrado. E com prazer!

– Você já tentou fazer isso?

– Nem me preocupo. Há cinco anos tomo um porre uma vez por ano. Só há dois anos quebrei o meu ritual e tomei dois porres.

– E por que tem que ser porre?

– Porque quando eu bebo uma, me torno um grande sem-vergonha que arranja todos os tipos de desculpas pra beber a segunda, a terceira e a trigésima. O Nakamura, esse meu amigo, achou o seu ponto de equilíbrio, eu não.

– Me diz uma coisa, Cisco: como é que você consegue ir a festas, frequentar bares com os amigos, não beber e ficar à vontade? No dia do batizado, todo mundo estava bebendo e você se divertiu sem beber...

– Eu tenho um companheiro inseparável. Eu tenho o meu cavaquinho. Aí pra baixo, na Ricardo Jafet, tem o pessoal da Barroca Zona Sul...

– A escola de samba?

– É. Eu me enturmo com eles, eles enchem a cara e eu me embriago com o meu cavaquinho.

– Mas eu acho que mesmo que eu tocasse cavaquinho, ou qualquer outra coisa, eu iria me sentir mal. Eu me sinto deslocada quando estou perto de pessoas que estão bebendo

e eu não. Quando já está todo mundo meio alto, a conversa parece que fica sem graça e eu me sinto fora de sintonia.

– E é assim. A gente só não percebe se estiver bebendo junto e ficar tolo também. No início, quando comecei a frequentar festas e bares sem beber, eu também me senti deslocado. Mas com o tempo fui me identificando com as tolices dos bêbados, já que em muitas situações eu tinha sido um tolo igual.

– Mas não acontece de em alguma situação você se sentir ofendido por um deles?

– Bom, primeiramente eu só bebo entre estranhos se estiver bêbado. O que significa que estou sempre entre amigos ou conhecidos. Já aconteceu de eu ser ofendido em situação assim. Mas eu deixei pra lá, pois ele havia bebido e eu não. Eu vou à Barroca e nunca mais tive problemas com esse cara. Além do mais, eu não me envolvo com encenqueiros. Acho que seria um idiota se sáísse pra me divertir no meio de quem não sabe o que é isso!

– É, acho que vou aprender a tocar cavaquinho.

– Compre um que eu te ensino. Um dos maiores companheiros que uma pessoa pode ter é um instrumento musical. Isso não é fantasia de poeta não, é uma verdade insofismável.

– Eu acho que mesmo que tocasse um cavaquinho, eu teria problemas se frequentasse bares. Eu vou a esta festa na chácara, mas vou trabalhar.

– Tem razão. Festa com bebida, pra alcoólatra abstêmio, é funeral. E se a gente não comparece é taxada de anti-social.

– Não se preocupe com o que a sociedade pensa, Abigail. A sociedade se embriaga com infinitos preconceitos, e quanto mais se afunda em preconceitos, mais bebe. Analise a mídia, você perceberá que ela é um convite para mais e mais desejos aos jovens, porém a sociedade não tem meios de satisfazer os desejos criados.

– Você já percebeu que as propagandas de cigarro e bebidas são sempre as mais sedutoras e dirigidas aos jovens?

– Seguem uma lógica perversa: vicie os jovens para ter consumidores por mais tempo. Além do mais, os jovens são mais suscetíveis às influências, já que possuem o cérebro fresco pra se jogar qualquer porcaria. Veja as músicas que os produtores musicais entucham na cabeça da juventude!

– Cada vez mais eu tenho certeza de que a democratização do ensino é necessária e a reforma educacional também. Acho que nas escolas é que se deve administrar as defesas contra os vícios sociais. A família não tem mais condições pra isso.– Quando eu estava na clínica, pensei numa coisa que eu acho que funcionaria pra combater o alcoolismo: taxar as bebidas com altos impostos e utilizar o dinheiro para amparar instituições de tratamento e investir na saúde dos dependentes.

– É uma boa idéia! Diminuiria o consumo de bebida e, com isso, muitos jovens acabariam salvando-se da dependência alcoólica. O problema são os impostos, que iriam parar nas mãos dos homens que sugam a pátria há tanto tempo. Esse dinheiro não voltaria para ser aplicado corretamente. Talvez até financiasse a compra de uísque doze anos da Escócia para as festas dos grandes homens. Nós não resolveremos os problemas com as drogas químicas se não resolvermos os problemas das drogas psíquicas e culturais antes. Estamos envolvidos numa bagunça cultural, e os oportunistas, que são viciados em levar vantagem em tudo, estão muito bem nessa festa maluca. Temos educação para isso.

– Engraçado; do jeito que você disse, dá impressão que boas idéias não funcionam neste país.

– E não têm condições de funcionar! A cultura política e econômica que vivemos só eleva ao comando os individualistas viciados em raciocinar de si pra si. E a cultura que é transmitida aos comandados é a cultura paternalista que leva a maioria a esperar que um homem resolva o problema. Não se cultua a percepção de que um homem só, é só um homem, nada mais que um homem só.

– Você não está sendo incoerente? Você apóia o Lula por quê?

– O Lula sozinho não fundaria o PT nunca. Aliás, um homem sozinho não sobrevive nem para a vida! Sem a ajuda de intelectuais, segmentos da Igreja e de outros segmentos sociais, o ideal do Lula ficaria arquivado no seu compartimento cerebral dos sonhos não realizados. Assim como ficará o meu sonho de democratização do ensino. O Lula tem espírito de liderança e capacidade agregadora, por isso lidera uma co-

munidade de intelectuais, trabalhadores etc., mesmo sendo chamado de burro pelos adversários. Mas para que o PT exista e funcione, ele depende de seus liderados tanto quanto Gandhi dependeu dos homens que liderou.

– Pensando bem, o Lula é impressionante, né? Sem diploma, metalúrgico, fundou um partido que nada contra a maré, o que é mais difícil ainda!

– O fato de ele não ter diploma é irrelevante. Na escola da vida, o Lula não cola e nem compra diploma, ele aprende. Há outros exemplos de gente assim; o Florestan Fernandes, por exemplo, é um dos intelectuais mais conceituados do país e é autodidata.

– Ele foi professor do Fernando Henrique Cardoso, não é?

– É, ele foi professor do FHC! Ele será candidato a deputado federal e eu vou apoiá-lo.

– Então é meu candidato também.

– A família unida agradece sua vinda.

Não tinha jeito. Abigail queria aproveitar a chance do momento para conversarem sobre assuntos pessoais, mas fosse qual fosse o assunto que principiasse, terminavam caindo na política. Ela tentou mudar o rumo da conversa novamente:

– Há tempo que quero te fazer uma pergunta, e vou fazê-la: por que você não frequenta o AA?

– Porque tenho o meu cavaquinho!

– Ah, Cisco, pára com isso! Tem um monte de músicos dependentes de drogas...

– Há uma diferença: eles tocam com pretensões profissionais. Eu toco o meu cavaquinho para satisfazer a alma. A minha relação com a música é mais profunda, não busco aplauso nem dinheiro.

– Então você acha que o seu cavaquinho é o suficiente?

– Para mim, é a referência principal. O meu cavaquinho é o canto da sala e o copo de vinho do meu amigo japonês. É o meu AA! Por exemplo: eu gosto de fazer música. Mas eu faço música para o meu gosto. Componho para a minha alma, para a minha satisfação. Eu acho que cada indivíduo é um artista e cada um deveria dedicar-se à arte para sua própria satisfação. Através da arte é possível questionar o mundo,

questionar-se a si e homenagear a vida num relacionamento íntimo com ela. Eu acho que é essa a grande virtude da arte.

– Então, para você a arte é religião!

– É. Vivo a minha espiritualidade com a arte. O mesmo alívio que sente quem ora, eu sinto compondo ou cantando, ou tocando o meu cavaquinho.

– Eu entendo o que você quer dizer. Quando eu termino uma poesia, sinto um prazer enorme.

– Pois é esse envolvimento com a criação o mais importante ritual humano. Nós necessitamos prestigiar sempre a inteligência e a nossa capacidade de imaginação. Mesmo que uma pessoa, por uma doença qualquer, fique para o resto da vida jogada numa cama, se ela fertilizar ao máximo sua imaginação com informações constantes e usá-las com criatividade e pensamentos positivos, a doença não lhe será um peso tão grande e viver não lhe será desagradável.

– Mesmo que não creia em Deus?

Eu vejo Deus como o mais lindo poema criado pela humanidade. Deus é uma poesia de várias versões: Apolo, Tupã, Manitu, Júpiter, Zeus, Alá, Oxalá, Inhanderu etc. Em qualquer versão, Deus é a mais linda poesia humana. Um poema retalhado em infinitos versos universais. Deus é o universo infinito e o universo cerebral, e seus infinitos mistérios. Eu, particularmente, vejo Deus como um quebra-cabeça para os cientistas e um bálsamo escapista para os religiosos. Acho que a grande falha desse poema é que ele foi criado para ser sonhado, não para ser vivido. As próprias instituições religiosas, com práticas paternalistas e doutrinas dogmáticas arcaicas, transformam o lindo poema em versinhos capciosos e impróprios para a maturidade humana. A humanidade vive o poema Deus mais para o discurso do que para a prática. As superstições inseridas no poema são como rimas pobres que diminuem sua grandeza. Isso diminui a capacidade de compreensão e respeito à vida e Deus fica pequeno na cabeça da humanidade. Deus é um poema de infinitas interpretações e eu também o interpreto com o meu cavaquinho.

– É bonito sentir Deus como um poema, mas eu não consigo vê-lo assim. É a minha crença em Deus que me dá forças para não voltar a beber.

– Eu entendo. A fé é uma determinação mental. A fonte de onde sai a essência de sua fé em Deus é a mesma que leva o meu amigo japonês a ter certeza de que se beber um copo além do fixado, ele terá uma recaída alcoólica. Em todas as atitudes humanas, a chave e a fechadura estão no cérebro. E as circunstâncias que nos formam nos dão carências e fórmulas psíquicas para supri-las. O cavaquinho que me traz paz espiritual, talvez não trouxesse a você se o tocasse. Assim como a idealização na ajuda divina não funciona pra mim.

– Cisco, você pode me dizer o que você quiser, mas eu duvido que se você estivesse numa situação extremamente ruim pediria ajuda ao seu cavaquinho e não a Deus.

– O meu cavaquinho é o meu Deus das situações emocionais. Situação extremamente ruim por questões financeiras não me fará perder o juízo, porque minha existência não está calcada na sedução do deus Money. Uma situação extremamente ruim seria aquela que colocasse a minha vida em risco...

– É! E aí duvido que você não peça ajuda a Deus!

– Abigail, tranque-me entre quatro paredes de concreto, um quarto hermeticamente fechado. Coloque água subindo gradativamente, me dando a certeza de morte por afogamento: eu farei de tudo pra sair dali! Quando a água estiver no peito, talvez eu já esteja gritando “Shazan!” pra tentar me transformar num super-herói e me safar dali. Quando a água estiver entrando pela minha boca, tudo indica que estarei gritando a última esperança: “Deus, se existe dê um jeito!...” E morrerei engolindo as palavras e a esperança.

– Nossa, que forma fria e teimosa de ver Deus...

– Você vê frieza e teimosia nisso?!

– Claro!

– Isso não é teimosia. Isso é crença. Mas tudo bem, deixa pra lá! Já que você me questionou na sua crença, vou te questionar também: digamos que você sofresse um acidente e precisasse fazer uma cirurgia com urgência e soubesse já na sala de operação que o médico é ateu. Você se deixaria operar numa boa e teria confiança no médico ou isso te abalaria psicologicamente e você teria uma confiança menor no resultado? Enfim, você acha que um médico que crê em Deus tem capacidade maior do que um médico ateu?

– Não sei. Nunca pensei nisso e nunca perguntei aos médicos que me examinaram se eram ateus ou crentes em Deus...

– Ai é que está! Nossa vida está sempre na dependência de pessoas das quais nunca sabemos crenças, a não ser que elas tenham a coragem de propagar abertamente. E isso na verdade é irrelevante. Mas não se esqueça de que a sociedade brasileira é cristã e crê em Deus. Leia os jornais, ouça o rádio e assista à TV pensando nisso...

– Debochado! – ela riu de sua ironia.

– Debochado é quem diz que Deus é brasileiro! Abigail, eu acho que compreendo a sua forma de ver a vida e acho que você a vê de uma forma que é comum a todos. Desculpe por falar isso, mas é assim que eu sinto e estou sendo sincero. E não precisa me xingar, porque eu percebi que você sentiu vontade e eu aceito o xingamento... – ele riu.

– Você não me conhece direito, como você pode dizer isso?

– Pelas nossas conversas, foi o que você me demonstrou. E acho que você não tem condições de compreender minhas idéias porque fogem dos padrões comuns. Eu sei que dizendo isso lhe pareço petulante, mas com o tempo você vai perceber que eu não sou....

– O que é você? Um extraterrestre?

– Não. E nem no mundo da lua vivo! Apenas questiono os costumes e tudo o que se convencionou chamar de cultura. E procuro não ser incoerente na minha forma de pensar. Considero-me um sonhador que sonha com uma nova prática.

– Você me permite que te aponte uma incoerência que você cometeu? – Ela até sentiu prazer na pergunta, antevendo a oportunidade da vingança.

– Claro! Uma das maiores provas de amizade é alertar um amigo de erros que esteja cometendo.

– Já que você não gosta de incoerência, tem como princípio a justiça existencial, a cidadania e o humanismo, por que você aceitou dar propina pra fiscais?

– Eu estava num momento delicado. A minha função profissional é vendas dentro de magazines. Comecei trabalhando com isso e não desenvolvi outra profissão. E o comércio esfola. Na verdade, o vendedor de lojas é como um político

picareta a serviço da instituição que o emprega. Um picareta escravizado.

– Não entendi. Por que você vê as coisas assim?

– Uma conversa entre vendedor e cliente não é uma conversa entre dois cidadãos. Na verdade, o vendedor é como um político a serviço do poder econômico iludindo um cidadão desprevenido. Principalmente numa sociedade badernada como a nossa! Aquilo que chamamos de criatividade para vendas tem mais picaretagem do que propriamente criatividade. E o vendedor faz parte do contexto, mas não faz parte do lucro.

– Se ele vende mais, ele ganha mais!

– Por mais ambição que tenha, por mais que se dedique e venda, ele não passará de um instrumento a serviço de uma instituição que não preza a cidadania e adora o lucro; ele não passará de um sujeito que por profissionalismo fere a cidadania.

– Você está falando como se o comércio fosse composto de vários grupos de mafiosos!

– Mafiosos são aqueles que não são legitimados pela lei. Mas há leis que legitimam atitudes mafiosas. Por exemplo: quando o Sarney fez o Plano Cruzado em 86, um gerente do Pão de Açúcar foi preso porque estava remarcando preços. E outros gerentes de supermercados foram presos em todo o país. Esses gerentes não eram cidadãos?

– Claro que eram! Mas se eles não fazem, perdem o emprego. Ou no mínimo o cargo.

– Tá aí! Por profissionalismo o cidadão age contra a sociedade. E até vai preso por defender patrões, que nem têm a imagem arranhada. Há nesse mecanismo uma atitude mafiosa, e o comércio tem muito disso. Foi no Plano Cruzado que fiquei de “saco cheio” com o comércio e resolvi parar...

– Você pediu a conta?

– Não, claro que não! Você se lembra que no Plano Cruzado o comércio escondeu as mercadorias?

– Lembro! Eu queria trocar a máquina de lavar roupa de minha mãe, e ela foi em todas as lojas de Santos e não encontrou pra comprar...

– Nessa época, o meu salário caiu pra mais da metade. Chegavam pessoas para comprar e não podíamos vender porque as mercadorias estavam escondidas. No depósito in-

terno da loja, tinha TVs, aparelhos de som, videocassetes e eletroportáteis, mas não era qualquer coisa que podíamos vender. Até que o departamento de vendas resolveu fazer uma jogada de marketing e colocou em oferta TV e videocassete Mitsubishi. Publicou nos jornais de domingo, dizendo que a oferta era válida até acabar o estoque. Só no depósito da loja tínhamos mais de 30 TVs e uns 50 videocassetes. Isso só no depósito da loja em que eu trabalhava! Sem contar os depósitos de outras lojas e o estoque no depósito central...

– Aí vocês tiraram a barriga da miséria!

– Aí é que eu chutei o pau da barraca! Nos jornais estava colocado que era até acabar o estoque, mas havia um comunicado interno para cada loja vender só 5 vídeos e 5 TVs. Só na loja em que eu trabalhava, éramos em 15 vendedores.

– Aí virou briga entre vendedores.

– Não, entre os vendedores não. Logo que a loja abriu já tinha gente suficiente pra acabar com a promoção. Eu fiz a venda de uma TV, peguei outra cliente que queria o vídeo e a TV em promoção e quando estava fechando a venda, o gerente veio me avisar que não podia vender mais. E disse à minha cliente para desculpar mas havia esgotado o estoque.

– Aí você endoidou...

– Não. O gerente ficou doido porque eu disse que o vídeo e a TV dela eu havia reservado de manhã.

– E você tinha reservado?

– Claro que não! Se havia no estoque mais de 30 TVs e 50 vídeos, pra que eu precisava reservar?!

– Você estava indo contra o comunicado interno. Tava vendendo além do permitido.

– Eu fiz isso! Tirei a nota fiscal, dei à cliente para pagar no caixa e a orientei a ir ao Procon, caso não liberassem a venda. E me propus a ser testemunha!

– Você é maluco! Aí você foi mandado embora...

– Duas horas depois, um office-boy veio da matriz com a carta de demissão...

– Você foi radical demais!

– O radicalismo brota primeiro da ação, a reação é uma resposta ao agente principal. Digamos que me suicidei profissionalmente para me fortalecer como cidadão!

– Mas há situações em que é melhor pensar como Henfil: “O estupro é inevitável, relaxe e goze.”

– Gosto muito do Henfil e acho a frase interessante, mas eu vim à vida para vivê-la e não para ser estupro. Eu posso até me impor dores, mas não tenho por que aceitar passivamente dores que outros me impõem.

– Mas, ô “seu certinho”, eu não te perguntei sobre suas brigas com o comércio. Eu quero saber é por que o “senhor certinho” aceitou dar propinas a fiscais...

– Eu peguei minha indenização, quase cinco anos de firma, umas férias vencidas e outras quase pra vencer... O dinheiro era pouco pra abrir um negócio. E eu não queria mais ser empregado em empresa nenhuma. Aí surgiu a oportunidade de comprar o ponto e o estoque do pai do Ricardinho. Tudo vinha a meu favor, só havia dois empecilhos que eu teria que engolir: comprar um ponto que não é oficializado é um negócio meio esquisito, e dar propinas a fiscais já é dar um passo dentro da marginalidade... Mas também se deve considerar que ao mesmo tempo em que a honestidade é uma virtude, ela é uma merda quando sustenta desonestos e nós nos submetemos a eles passivamente. Eu tinha que me defender com o que tinha.

Ouviu-se o barulho de um carro.

– O Ricardinho já chegou?! – Cisco espantou-se.

– Será que o carro atrapalha pra perua entrar?

– Ele não vai entrar. Tenho certeza de que ele vai pedir a perua emprestada...

Mal ele terminou de falar entrou uma garota sorridente e com a beleza juvenil de quem ultrapassara os dezoito anos havia pouco.

– Desculpe ir entrando assim, Cisco!

E se eu estivesse pelado? – provocou ele.

– Ah, Cisco, você é lá de ficar andando pelado pelo meio da casa? Além do mais, é claro que eu sabia que a Abigail estava aqui e vim conhecê-la...

– Abigail, esta é a Lulu, neta da Janjan!

– Lulu é a vó dele! Meu nome é Luana.

Abigail surpreendeu-se com o interesse de Luana em conhecê-la e causou-lhe estranheza a proveniência desse interesse.

– Qual foi o show meu que você assistiu e causou-lhe interesse em me conhecer? – ela tentou ser espirituosa com Luana, que não entendeu sua espiritualidade:

– Show?! Você dá show?

– Você chegou aqui como quem é minha fã, sem me conhecer!

– Ah, entendi – Luana riu, desinibida. – Minha vó me falou muito bem de você. O Ricardinho também. Ele disse que o fusquinha que está aí na frente agora é seu, e eu vim conhecê-la. Eu gosto muito da Leilane e do Sandro, agora só falta conhecer tua mãe.

– Então estamos em família!

– Claro! E este cara também faz parte – ela abraçou Cisco. – Este cara é legal! É tão legal que até empresta a perua pra gente sair num sábado como este...

– Levando a perua, tem direito a um pedaço de pizza. Quer? – Ofereceu Cisco.

– Não! Fizemos essa massa e minha mãe separou algumas pra nós. Isso significa que por muitos dias jantaremos pizza. Já enjoei.

– Cadê o Ricardinho?

– Já foi tomar banho e trocar os panos. E eu vou pra lá pra não atrapalhar o jantar de vocês. Prazer, Abigail.

E a garota se foi, deixando-os a sós novamente.

– Cisco, você empresta a perua sempre para o Ricardinho?

– Quando não preciso dela, não há por que negar.

– Você confia nele? Eles não bebem quando saem para a esbórnia?

– A farra que eles farão será a dois e regada a pouca bebida. Se eu confio nele para me quebrar galhos, por que não confiar para quebrar os galhos dele?

– Tem razão... Mas voltemos à conversa anterior. Não me leve a mal por insistir. Estou insistindo porque é uma incoerência que vejo em você. Mas se não for agradável falar, não fala.

– Sempre é desagradável falar dos sapos que se engole. Mas é justamente com essas situações que devemos estar atentos, para não nos transformarmos em vaquinhas de presépio. São nesses momentos que o bom cabrito deve berrar...

– Mas você não berrou!

– Não. Engoli o sapo. Eu fiquei numa encruzilhada, se eu não fizesse o pouco dinheiro que tinha render, eu teria que engolir o sapo maior, que era fazer o que eu não queria mais. Eu não me sinto bem em trabalhar no comércio como empregado. Sinto-me um escravo mal remunerado... Também não me sinto bem em participar do jogo cultural da corrupção. A corrupção fortalece o poderoso e causa um desajuste social sério. É a minha consciência de cidadania que sai ferida desse jogo.

– E o bolso também, porque você dá dinheiro a eles e eles já ganham o salário deles...

– Não, isso é de menos! As regras do jogo são erradas, e dentro das regras erradas eu posso ver a propina como investimento. Dentro do jogo errado, é como se o fiscal fosse o dono da calçada e eu lhe pagasse o aluguel.

– Mas que coisa absurda! Nem o fiscal é dono da calçada e nem você paga aluguel! Há aí o crime de corrupção. Nada mais que isso.

– Abigail, canalhice também é cultura quando vira costume social. Há anos que a prefeitura é um reinado, com uma aristocracia que passa de pai pra filho a tradicional corrupção. Muda-se o prefeito mas as moscas continuam. Há prefeitos que se adaptam e se alimentam tirando proveito desse tipo de situação, mas os prefeitos bem-intencionados são semi-reféns, já que se não compactuam, também não atacam com a intenção de extirpar o mal de vez, já que terão que enfrentar poderosos da sociedade muito bem doutrinados pela cultura da calhordice, e enfrentarão até muita gente sem poder, mas puxa-sacos de calhordas. Há muitos direitos adquiridos que são tortos...

– Mas, Cisco, veja bem; a partir do momento que você entra no jogo e dá propina a eles, você entrou para o grupo desse tipo de gente. E pelo que sei você não é calhorda.

– Sou um “laranja” consciente. Parece incoerência dizer isso, porque quem é consciente não é “laranja”, mas acontece que há uma indústria de corrupção que por coerção obriga qualquer cidadão a tornar-se conivente com a bandalheira. Abigail, dentro desse mesmo contexto, comerciantes pagam propinas a fiscais e até sujeitos que estão construindo sua casa própria pagam. Há uma infinidade de leis absurdas que pre-

judicam pessoas honestas e as levam a pagar propinas a fiscais para fugir de multas abusivas. Eu estou no mesmo contexto. Nem todas as leis nascem com intenções justas.

– Não. Você não está no mesmo contexto, porque você está ocupando uma calçada que é pública e não é só sua! Além do mais, você não paga imposto.

– Concordo que a calçada não é só minha, portanto não deveria ocupá-la com minha banca. Mas aí há um desmazelo social que justifica a minha atitude. É covardia exigir o imposto do camelô e não exigir o imposto dos que nadam de braçada acima da lei. Você crê que os grandes bancos pagam impostos corretamente? Você acredita que os políticos-empresários pagam? E as grandes empresas que não depositam o fundo de garantia? E os cigarros que os camelôs trazem do Paraguai, mas são fabricados no Brasil num escancarado cambalacho das empresas para driblar os ditos impostos? Literalmente falando, imposto só funciona pra assalariado, Abigail! Boa parte da sociedade vai de embalo nas conversas dos oportunistas e faz dos camelôs, dos sem-terra, dos sem-teto, os grandes vilões das badernas brasileiras, mas o dinheiro da sonegação de impostos das grandes fortunas alimenta paraísos fiscais. Não seja ingênua, Abigail; se desconsiderarmos as exceções, poderemos dizer que os grandes vilões do país habitam o sótão, e no porão sobrevivem as vítimas... O brasileiro é um povo muito retórico, mas pouco prático. É mais de deixar como está pra ver como fica e lamentar o jeito que está. Eu torço pro Brasil acordar, mas não sei se isso acontecerá. Parece que pão e circo é o destino brasileiro...

– E isso tudo justifica o fato de você dar propina a fiscais?

– Claro que não! Socialmente é até uma atitude que tem um efeito bumerangue. Se a vítima contribui com o fortalecimento do carrasco, além de vítima é idiota! Logo que puder vou saltar fora disso; mas, por enquanto, veja como legítima defesa da sobrevivência, ou algo desse tipo.

– Por enquanto por quê? Você ainda dá propina para os fiscais?

– Não. Mesmo os fiscais que se acostumaram a pegar propina, independentes do comandante, não me procuram mais porque sabem que sou ligado ao PT e têm medo de serem pegos. Mas logo que puder vou saltar fora disso.

– Mas agora você não está mais tranqüilo?

– Nada me diz que a Erundina vai ter condições de resolver esse problema. Isso é alimentado culturalmente pela própria sociedade. Aquilo que chamamos de opinião pública não passa de um amontoado de preconceitos que brotam das cabeças oportunistas e fazem a cabeça da maioria sem opinião formada. Grosso modo, é o mesmo DNA cultural que levou a maioria a crucificar Cristo e salvar Barrabás. Lembra o povo calado, assistindo ao enforcamento de Tiradentes. É o mesmo DNA cultural dos formadores de opinião que no século XVIII diziam que negros não têm alma e que crianças indígenas eram bom alimento pros cachorros dos Bandeirantes...

– Você tá exagerando!

– Não. O mecanismo social é o mesmo de milênios atrás, só mudam a roupa e os utensílios dos Matusaléns. Nós patinamos no tempo, Abigail. E, por ironia histórica, os que comandam são os verdadeiros retardatários da evolução humana. Isso considerando os detentores dos poderes políticos e econômicos como os comandantes que nos levam pra Deus-me-livre-e-guarde. Temos educação para isso... O que nós chamamos de civilização, na realidade ainda está longe de ser. E esta pseudocivilização teima em se perpetuar...

– Eu não entendi até agora se essa sua forma de ver as coisas é progressista ou reacionária.

– Para mim, Abigail, pouco importa o rótulo que se dê, o importante é que o conteúdo seja justiça. Pouco importa a forma pela qual cada um queira viver, o importante é que respeitem a justiça...

– Mas se você desrespeita a justiça ocupando calçada e dando propinas a fiscais!

– Se você considerar as palavras honestidade e cidadania no genuíno sentido, vai concluir que os honestos e dignos cidadãos são os marginalizados dentro da sociedade. E esse paradoxo acontece porque, apesar de todos os discursos dos comandantes, a sociedade é desonesta porque a própria raiz cultural que a sustenta é injusta. Eu apenas me inseri no contexto social, para que no futuro não me torne um catador de papelão que paga imposto quando come seu pão com banana e toma suas pingas e não tem retorno nenhum com a sua honestidade.

Abigail, Raul Seixas explica: falta cultura pra cuspir nesta estrutura. Temos educação para isso.

– Você gosta de Raul Seixas?

– Gosto. Tenho discos dele.

– Eu não vi.

– Estão embaixo daquela mesinha que uso como criado mudo no quarto. Lá, eu tenho alguns roqueiros da velha guarda, e também Titãs, Paralamas, Rita Lee etc.

– Cisco, eu vou te fazer um pedido que, se você fizesse pra mim, eu não aceitaria. Mas como você não sou eu, talvez aceite: posso ler as coisas que você escreve?

– Não. Você não gostaria. Além do mais são coisas pessoais... desabafos... São coisas cruas e agressivas à pseudo-moral, sem a preocupação de seduzir outras pessoas. Eu costumo escrever e compor aquilo que gostaria de ler e ouvir, mas que poucos se atrevem porque não dá dinheiro e causa polêmica. Particularmente, tenho a sensação de que escrevo coisas impúblicáveis por serem puras. A cultura social pode transformar qualquer pureza em pecado...

– Se eu já tinha curiosidade, estou mais curiosa ainda. Mas eu compreendo. Eu escrevo com a intenção de publicar meus poemas, mas também não gosto de mostrar. Aliás, escrevi poemas falando de amor e agora que parei para pensar com mais profundidade sobre o assunto, compreendi que boa parte do que escrevi não passou de um monte de tolices... Acho que é por isso que não gosto de mostrar...

–Sei como é. Às vezes eu escrevo algo e me sinto como se tivesse encontrado a célula que originou a vida! Passado um tempo, olho pra aquilo e acho besteira. Mas não se recrimine. A humanidade estruturou as sociedades no princípio do amor e acabou transformando um sentimento nobre num marginal ralé.

– É essa a sua definição do amor?

– Hoje o amor é um não-sei-quê que todo mundo explica, mas ninguém entende. Mesclaram tantas baboseiras e mesquinhasias nesse sentimento que o amor se marginalizou.

– Eu tô chegando a essa conclusão também! Você não acha uma coisa idiota uma pessoa dizer que matou por amor?

– Claro! O amor se tornou tema de discursos fúteis e argumento de sedução para oportunistas. Eu acho que por ser confundido com instintos daninhos e ser banalizado, o amor só será regenerado se for agregado à justiça. O amor é um sentimento, justiça é razão; mesclando-se o sentimento à consciência, obtemos o amor-razão. Vejo aí uma equação humanista.

– Que negócio mais confuso, Cisco!

– Confuso é a puta na esquina convidando pra fazer amor! Confuso é um sujeito enganando seus semelhantes e justificando que é por amor aos seus filhinhos! Confuso, Abigail, é amor de tapas e beijos... Amor que nasce no pinto ou no útero, amor que brota no bolso... Eu acho que transformaram o amor num sentimento maluco, hipócrita e marginal! Acho que só a justiça pode regenerá-lo.

– É, vendo por esse prisma, o amor é um não-sei-quê que todos explicam e ninguém entende. Tem razão.

– Veja só: ama o teu próximo como a ti mesmo! Todos os cristãos aceitam essa máxima como o grande laço da união humana. Mas como nós podemos saber quem realmente se ama e quem não se ama? Como é que eu posso me impor, amar uma pessoa em quem eu não confio? Será que todos os egoístas se amam? Tenho dúvidas...

– É verdade. Nós nem somos donos dos nossos sentimentos como gostaríamos. Podemos nos apaixonar por quem não queremos e não por quem gostaríamos...

– O campo dos sentimentos é um campo minado. Até sentimentos que chamamos de ruins, em determinadas situações são necessários; e sentimentos bons às vezes fazem mal. A própria bondade é má: se for ingenuidade, fortalece o mal. É por isso que dou uma importância enorme ao envolvimento da justiça no relacionamento humano, e acho que todas as crianças deveriam ter uma educação para o desenvolvimento daquilo que chamam de inteligência emocional. É superimportante a busca do autoconhecimento. Quanto mais um indivíduo se conhece, mais condições tem para conhecer o próximo, e tendo consciência da justiça, o relacionamento torna-se mais suave. Eu creio que esse princípio em larga escala é fundamental para iniciar a sonhada civilização humana. Mas para que essas coisas aconteçam, precisamos de uma educação sem hipocrisia.

– Incrível! Nós estávamos falando de amor e entramos na política de novo!

– Desculpe, Abigail! É que quando se conversa sobre problemas humanos, a gente cai na religião, na política, na economia. Por mais comum que o assunto seja, estamos aprisionados a esses segmentos.

– A fita acabou, e eu nem prestei atenção em Tchaikovsky.

– Você vai levar essa fita. Se gostar é um presente, se não gostar devolva.

– Falando nisso, eu preciso te devolver *O Rei de Ferro*.

– Precisa mesmo, porque esse livro faz parte de uma trilogia do Maurice Deon. Os outros estão emprestados, depois eu te passo. Vamos lá pra sala, talvez tenha algum livro que te interesse...

– Vamos arrumar essa bagunça primeiro.

– Deixa como está, depois eu arrumo. Amanhã vou jogar bola de manhã e de tarde tenho todo o tempo pra arrumar a casa.

– É gostoso e estranho ouvir um homem dizendo que vai arrumar a casa.

– Não é tão estranho quanto uma mulher erguendo a parede de uma casa. Mas seria gostoso ver.

– Grosso! – ela o xingou, rindo.

– Fina! – ele sorriu, retrucando.

Foram para a sala e entre música e literatura se entretiveram e expuseram confidências recíprocas, sem que a política interferisse na conversa. E o assunto que era a paixão de Abigail encontrou em Cisco um interlocutor interessado. A conversa virou poesia. Ela recitou-lhe Vinicius: “De tudo, ao meu amor serei atento/Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto/ Que mesmo em face do maior encanto/Dele se encante mais meu pensamento...” E recitou Drummond: “Não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro. Estou preso à vida e olho meus companheiros. Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças. Entre eles, considero a enorme realidade. O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas...” Ele ouviu-a atento e retribuiu lembrando-lhe, entre outros, Sá de Miranda: “Perdi-me dentro de mim já que eu era um labirinto / Agora quando

me sinto, sinto saudade de mim...” Tchaikovsky, Mozart e Rossini deram sonoridade à prazerosa ocasião e ela se entregou à magia do momento sem sentir o tempo passar. O homem de que ela gostava compreendia e compartilhava sua paixão pela poesia. O homem de que ela gostava compreendia o que é amar, mesmo achando o amor “um não-sei-quê que ninguém entende”. Estava vivendo na prática o que na adolescência só sonhara. Na fantasia dela, Cisco era a reencarnação de Platão.

Ricardinho e Luana entraram para se despedir e se foram, despertando-a por instantes de seu momento de encanto. Ela, que desde que conhecera Cisco ouvira-o mais do que falara, não queria perder a oportunidade de comandar o assunto e expor a sua paixão pela poesia. Inebriada pela oportunidade, chegou a recitar versos seus e comentá-los. Ele a ouviu com interesse e até opinou sobre eles, mas não se abriu a ponto de lhe mostrar os seus escritos, que para ele não passavam de desabafos. Essa curiosidade ela não satisfez.

Num dado momento em que foi ao toailete, lembrou-se de uma amiga da faculdade que passara uma tarde ouvindo música na casa de um rapaz e dera-lhe todas as chances possíveis para que a cantasse, mas ele não se atrevera. Até que ela perdera a paciência e lhe perguntara: “Você não me acha atraente ou é viado?” Abigail lembrou-se deste episódio da amiga por achá-lo semelhante ao momento atual. Ela havia notado que o comportamento de Cisco para com ela estava sendo diferente da maneira que ele a tratara antes. Tratava-a com mais intimidade e uma afetividade maior. Até o olhar dele instintivamente lhe percorria o corpo e transparecia desejo. Ela notou esta transformação em seu comportamento e aguardou uma cantada. Não aconteceu. Certa de que o atraía, aceitou a atitude dele como um jogo, e resolveu jogá-lo. Naquela noite, declararam-se um ao outro com olhares e poesias num flerte sutil, lúdico. Namoraram-se sem palavras diretas e sem se tocarem, subjetivamente, como que envolvidos numa prolongada e etérea preliminar sexual, só colhendo trocadas emoções. Como se ambos soubessem que o tempo era cúmplice de seus desejos e os esperaria. Se amaram em promessas, adiando a entrega e o orgasmo. Assim ela sentiu.

Quando Abigail chegou à casa da irmã, Leilane olhou-a analiticamente. E quando a mais nova foi para a cozinha beber água, a outra a seguiu:

- Esse brilho nos olhos significa que você gostou da pizza?
- Amanhã vou dar os parabéns a dona Jandira porque a massa ficou macia e gostosa. – Ela retribuiu a ironia da irmã, deixando-a sem a resposta que queria.
- E a pizza do Cisco, também tava boa? – Leilane resolveu ser objetiva na pergunta e Abigail abriu-se na resposta.
- Não aconteceu nada do que você está pensando. Ou talvez já aconteceu e só não oficializamos. Sei lá...
- Se você não estava bêbada, como é que você não sabe se aconteceu ou não?
- Não aconteceu nada, mas tudo indica que vai acontecer qualquer dia. Saí da casa do Cisco como se tivesse até transado com ele, mas na realidade não aconteceu nada.
- Ih! Vocês se merecem! Você já está tendo até delírio.
- É sério! Ele me deu a entender que está a fim de mim, mas não me disse nada objetivamente...
- É próprio do Cisco. Ele é racional, não se leva por impulso. Pelo que conheço dele, tenho certeza que ele está a fim de você e sabe que você tá caída por ele...
- Ah, Leilane! Mas então por que ele fica com esta brincadeirainha?
- Foi ruim ficar lá com ele e não acontecer nada?
- Não, foi uma delícia! Mas me deixou mais confusa do que eu tava.
- Leilane a olhou por um instante, sorrindo com carinho e admiração.
- Você está com um semblante de adolescente apaixonada. Aproveite esse momento, porque ele só acontece de vez em quando.
- Sabe que em determinado momento eu cheguei a pensar em partir pra ofensiva e dar uma intimada na cara dura?
- Fez bem em não apelar. Você quebraria o encanto. Você acha que pra ele se segurar foi fácil?
- Mas por que ele tem que agir assim?
- Se formos pensar nisso, pensaremos num monte de motivos. E talvez até seja para aumentar o desejo, para que o

momento da satisfação seja mais gostoso. O Cisco sabe ser criança. Considere a hipótese de que ele te respeita e está te levando a sério como pessoa. Se a situação estava propícia para se atracarem e ele não aproveitou, eu acho que não é só para sexo que ele te quer.

– Teve um momento que nos envolvemos num clima tão propício, tão gostoso, que se estivéssemos tomando cerveja, em vez de suco de maracujá, o rumo seria outro...

– Abigail, você está se sentindo ofendida por ele não ter ido pra cima de você?

– Ah, Leilane! Você sabe que não é nada agradável querer e não ter. Qual é a mulher que se sente bem?

– Eu acho que como mulher você pode até se sentir desprestigiada. Mas como pessoa foi amada com respeito... Acho que é isso... O que vale mais?

– Ah, sei lá... Eu vou tomar banho.

– E eu vou dormir. O Pérsio diz que chega amanhã às oito, mas eu duvido muito! Talvez nem venha.

– E só nos duas damos conta?

– Se começar a chegar muita gente de uma só vez complica um pouco. Mas dá pra dar conta... Boa noite.

– Boa noite.

Leilane enganara-se, eram pouco mais de oito horas quando Pérsio chegou. Eles recolheram as pizzas que os vizinhos guardaram e organizaram o local, à espera do pessoal que viria retirar. Às nove e meia, Antônio Celso e Anahí, genro e filha de dona Jandira e pais de Luana, trouxeram as pizzas que Ricardinho havia levado na noite anterior. E assim, aos poucos, Leilane foi apresentando a Abigail simpatizantes e petistas de carteirinha que vinham retirar as pizzas.

Nos momentos em que o movimento diminuía e Leilane subia para cuidar de Sandrinho, Pérsio rodeava Abigail.

– Fui assistir *O Nome da Rosa* na quarta feira.

– Ah, é? Deve ser muito bom! Li o livro e gostei.

– Vamos assistir qualquer dia desses?

– Mas você não assistiu?

– Assisti, mas tem uma cena que vale a pena ver de novo: uma morena gostosa estupra um padreco num celeiro...

– Não dá pra ir, Pérsio. Estou fazendo uns trabalhos à noite.

– Trabalho de quê?

– Sou ligada em poesia, e à noite escrevo...

– Poesia não é comigo. Não vejo graça.

– É tudo uma questão de percepção, Pérsio. *O Nome da Rosa* é um romance cheio de poesias...

Quanto mais ela conversava com Pérsio naquele dia, mais pensava em Cisco. Chegou a lembrar o dia do batizado de Sandrinho, quando ele lhe perguntara: “O que é gente bonita?”

E o domingo foi satisfatório pela quantidade de pessoas que conheceu. Porém Abigail estava insatisfeita por desejos avolumados e incógnitos. Havia um Cisco em sua vida.

Mas o domingo passou.

CAPÍTULO VI

Mais uma semana Abigail dividiu o seu dia-a-dia entre as funções profissionais no emprego e a entusiasmada tarefa de se dedicar ao poema. Tão absorvida pelo trabalho, ela nem se deu ao prazer de tirar uma noite da semana para ir ao cinema assistir *O Nome da Rosa*, conforme sua vontade. Fora tomada inteiramente pela inspiração, e nessas circunstâncias outras vontades são relegadas a segundo plano. Depois da conversa e experiência que tivera com Cisco, Abigail coletara mais combustível para impulsionar o trabalho com paixão maior, já que ela própria tinha as emoções aprisionadas pelo tema. Estava em transe, com a razão e o coração envolvidos na mesma teia e a carne exigindo satisfações.

O romance entre Bruna e Nanci, que lhe servira de inspiração e que, de início, seria o cerne da poesia, transformara-se apenas em alguns versos iniciais do difuso poema que se alongava a cada noite. Cada vez mais ela sentia que o seu trabalho estava se transformando numa “metafísica tese sobre

um assunto que todos vivem e explicam mas ninguém entende”. Concordava com a ótica de Cisco quando ele dizia que o “o amor marginalizou-se e só a justiça pode regenerá-lo”, mas complicou-se toda ao procurar analisar e dividir o sentimento-amor da justiça-razão e da paixão-instinto. Se dividir as várias formas de amor já era uma tarefa árdua, compreender os mecanismos da paixão, as particularidades sentimentais do amor e entremear nesse conteúdo a razão da justiça existencial era para ela uma missão impossível. Para entrar nesse campo teria que ler livros e livros de psicanalistas e ouvir psicoterapeutas, o que era impossível para suas condições. Percebeu que seu poema seria um trabalho de muitos anos. Mas ela não desistiria. Seria o seu hobby e sua bebida, como era o cavaquinho para Cisco.

Uma coisa ela já havia concluído: “O amor é coisa para psiquiatra.” Chegara a essa conclusão pensando no amor de Bruna e Nanci. Na sua concepção, os que não as compreendiam e as discriminavam não eram somente injustos e preconceituosos, mas vivenciavam também um sentimento de desamor que, em alguns, transformava-se, inexplicavelmente, em ódio. Certa vez, um colega de faculdade com princípios nazistas havia defendido a idéia de que os homossexuais deveriam viver confinados em guetos. Ela, democrática, perguntara ao colega: “Onde deveriam enfiar os separatistas?” E a discussão tomara conta do bar.

Foi a primeira vez que se discutiu política social naquela roda de súditos do pileque, e ela não esqueceu. Traduziu as argumentações daquele dia em versos para o seu poema.

No sábado, após o expediente matinal na empresa, cumpriu a tarefa de higiene doméstica ouvindo a fita de Tchaikovsky com que Cisco lhe presenteara. No fim da tarde, cumpriu o ritual de cuidados com o corpo numa lúdica sensualidade, conforme seu espírito exigia. E no início da noite compareceu à reunião antialcoólica para defender-se do desejo que o espírito também exigia, mas a razão, por experiência e sensatez, advertia ser impróprio e perigoso para ela. Fortalecida pelos deveres cumpridos, foi ao estacionamento pegar o carro e seguiu para a casa da irmã. Novamente iria dormir lá, a fim de no domingo irem para a chácara onde ocorreria a confraternização com o pessoal de Diadema. Sua expectativa em relação à festa era de que seria uma chateação; em relação a Cisco, era

de que seria uma festa. Mas será que seria? Foi com esse espírito que ela chegou à casa da irmã.

Até irem dormir, conversaram sobre política – o que era inevitável naquela casa –, falaram ainda sobre o cotidiano e sobre uma disenteria de Sandrinho que deixara Leilane preocupada, só não ficando desesperada pela presença da mãe experiente. Mas não passara de um susto, como o próprio bebê confirmou, todo sorrisos no colo da madrinha.

A reunião na chácara tinha o mesmo objetivo da festa da pizza: arrecadar fundos para a campanha do Lula. Uma taxa por cabeça com direito a piscina, churrasco e música, já que Cisco se encarregaria de levar um conjunto musical de amigos seus. As bebidas seriam cobradas à parte. E ela foi dormir, naquela noite, imaginando algo para fazer no evento, já que as bebidas, feito bruxas, estariam à solta e ela não tinha um cavaquinho para se proteger.

Por volta das nove horas da manhã chegaram à chácara. Abigail foi com seu carro. Sandro e Leilane ficariam até altas horas ajudando dona Jandira, Antônio Celso, Anahí e outros promotores do evento. Sugeriram a ela que trouxesse em seu carro a mãe e Sandrinho mais cedo. Ela gostou da situação, já que não pretendia ficar por muito tempo no local.

Na piscina, viu Cisco brincando com algumas crianças, ao lado de outras pessoas. Ele apenas acenou em cumprimento e continuou a brincar com as crianças, que desciam por um escorregador e eram por ele amparadas. Ricardinho e Luana, que também lá estava, saíram da piscina e foram ao encontro deles. Luana, que viera se enxugando no percurso, colocou a toalha em volta do pescoço, deu rápidos beijinhos em Abigail, Sandro e Leilane e parou diante de dona Maria, abraçando-a com cuidado para não molhá-la e exclamando:

– Ô dona Maria, de cá um abraço! Prazer em conhecê-la!

Dona Maria, surpresa com a recepção, abraçou-a meio sem jeito.

– Não se assuste, dona Maria – falou Sandro. – Esta é a neta da Janjan. Ela pretende ser candidata a alguma coisa daqui a cem anos e já está em campanha!

– Olha aqui, Sandrão; eu adoro conhecer gente boa, e minha vó gostou da dona Maria, então ela é boa gente.

– Ah, é? – Sandro a pegou pelo braço. – Então por que você só deu um beijinho mixuruca na Leilane e nem se interes-

sou em conhecer o Sandrinho, que está no colo dela? Ele também é boa gente!

– É mesmo! Me interessei tanto em conhecer a dona Maria que nem notei o garoto. Desculpe a nossa falha! – E ela se apresentou a Sandrinho, tirando-o do colo da mãe. Leilane não perdeu a oportunidade de comentar:

– Isso! Segure-o direito, porque político que não sabe segurar criança no colo, quando em campanha tem tudo pra ser um fracasso.

– É! O povo adora político que pelo menos saiba o que é criança – afirmou Sandro, e Luana apenas riu dizendo: “Bobo!”

Abigail aproximou-se de Ricardinho, que, a distância, ria das brincadeiras que faziam com sua namorada:

– Parece que sua garota sente vontade de conhecer a humanidade toda, hein?

– Acho que é ao contrário; ela quer que a humanidade a conheça!

– Parece que o Roberto Carlos se inspirou nela quando fez *Eu quero ter um milhão de amigos*.

– O Sandro tem razão, ela tem sonhos políticos – Ricardinho falou com a certeza de quem conhece a namorada.

– E você, não tem pretensões políticas?

– Eu não. Me filiei ao PT porque o Cisco me apresentou um pessoal da juventude petista e eu gostei de participar. Mas não sou candidato a nada, meu negócio é batucada!

– Faz tempo que você conhece o Cisco?

Uma das melhores formas de conhecer uma pessoa melhor é através de várias outras. E Abigail aproveitou a oportunidade.

– Eu era criança e ele já era amigo do meu pai – respondeu Ricardinho. – Mas comecei a ter uma aproximação maior com o Cisco quando estava com uns 18 anos. Uma vez que ele e meu pai discutiram, isso me despertou a atenção e acabamos ficando amigos.

– Que esquisito! Ele discutiu com seu pai e você ficou amigo dele?

– É estranho, mas foi assim. Eles discutiram sobre política e dinheiro. O meu pai era janista, e um candidato a vereador estava precisando de um coordenador para a campanha e o procurou. Mas o meu pai não tinha condições de coordenar uma campanha política, e a única pessoa que ele conhecia

com condições para isso era o Cisco. Era uma grana boa, e o meu pai cresceu o olho. Só que o Cisco não topou.

– Foi aí que discutiram...

– Foi a maior encrenca! Quase romperam a amizade. Meu pai chamava o Cisco de trouxa; o Cisco xingava meu pai de prostituto que ficava de quatro pra quem o prejudicava!

– Que baixaria! Foi assim a encrenca?!

– Foi feia! No início eu dava razão pro meu pai e não entendia por que o Cisco tava jogando fora aquela oportunidade. Naquele tempo eu não entendia nada do jogo político, e fui falar com ele. Ficamos um bocado de tempo tomando cerveja e conversando sobre política. Aí eu dei razão a ele. O meu pai achava que ele devia votar em quem acreditava e tirar o dinheiro do inimigo. E o Cisco perguntava: “Se eu consigo milhares de votos pro meu adversário, que valor tem o meu voto?” E ele tinha razão; isso é o mesmo que entrar no jogo pra fazer gol contra! Mas por dinheiro o meu pai era meio prostituto, como o Cisco dizia. Ele achava que o Cisco deveria mandar a política plantar batata, ganhar dinheiro e cuidar da sua vida. Esse é sempre o caminho mais fácil que todo mundo quer seguir, não é? Mas o Cisco pensa diferente. Não te disse outro dia que se ele quisesse ganharia dinheiro com uma igreja na periferia? Mas ele não quer... Ele falava pro meu pai: “Cadê a dignidade disso?”

– Nossa, deve ter sido uma discussão bem interessante...

– E foi! O meu pai estava decepcionado, porque ele achava que o Cisco não rejeitaria o dinheiro. Mas o Cisco replicava: “Que direito tenho de reclamar dos males sociais se sou um contribuinte? Que valor tem esse dinheiro, se vendo o meu ideal?”

– É verdade! Seria prostituição, sim! Escravidão e prostituição não são sinônimos, mas são parentes psicológicos. É servir por sobrevivência. Uma por imposição; outra, em algumas das vezes, por pura sem-vergonhice...

Mas Ricardinho, que convivia com Cisco e suas filosofias todos os dias, não se interessou em prolongar a filosofia da interlocutora e voltou ao assunto anterior:

– Foi a partir dessa discussão que comecei a compreender melhor a política e a me interessar. O Cisco me deu as noções básicas, me apresentou para uns companheiros da juventude petista e eu acabei até me filiando ao PT.

– Foi por isso que você não foi morar com seus pais em Pirassununga?

– Não. Não fui pra lá porque me acostumei aqui. Eu acho que aqui é um grande cortiço, e lá é apenas um quarto. Me acostumei com a amplidão do cortiço...

– Você chama São Paulo de cortiço?!

– Você não sabe quantas favelas tem em São Paulo, se soubesse veria que estou sendo bonzinho.

Abigail dividia a atenção entre conversar com Ricardinho e olhar para a piscina onde Cisco ainda se divertia com as crianças e os companheiros. Ela notou que seu Edgar também estava na piscina. Alguns carros começaram a chegar e a conversa com Ricardinho se desfez entre os cumprimentos e apresentações. Ela reparou que dona Jandira, Antônio Celso e Anahí armavam mesas e cadeiras e foi ajudá-los. Pediu a dona Jandira que lhe arranjasse um lugar onde pudesse ser útil. A mulher relutou, já que Abigail havia pago e tinha que aproveitar. Mas Abigail insistiu e a insistência prevaleceu, e ela iria ficar no balcão das bebidas com Luana e Ricardinho.

– Você ficando lá, me deixa livre para ser um reforço pra Anahí no caixa e ajudar noutras coisas. Mas se prepara, minha filha, que este pessoal bebe! Quando a bagunça começar você vai trabalhar mais do que bóia-fria no corte da cana debaixo do sol!

Ela mal dissera “tudo bem” e recebeu um beijo úmido na face, de alguém que lhe surgira pelas costas. Virou-se: era Cisco.

– Você não vai entrar na piscina?

– Nasci na beira da praia e aprendi a nadar no mar. Piscina pra mim é banheira, não tem graça.

– Mas o sol está bom! Se não gosta de banho de piscina, tome banho de sol.

– Você acha que estou precisando?

– Pelas partes que estou vendo, não, mas precisaria ver o resto para me certificar... – Ele foi interrompido por uma mão no ombro.

– Porra, sumido! Que prazer em te encontrar!

– Ô Landão! O prazer é meu! – ele disse, surpreso, abraçando o chegado com o entusiasmo de remota amizade. Uma moça que acabara de cumprimentar dona Jandira com

íntimo carinho aproximou-se dele com a familiaridade de uma amiga de longa data, abraçando-o também:

– Como vai, querido? – Ato contínuo, apresentou um terceiro personagem: – Este é Lucas, meu namorado!

Cisco cumprimentou o namorado da moça e, em seguida, colocou a mão no ombro de Abigail, apresentando-a aos três:

– Esta é Abigail, irmã da Leilane. Importamos de Santos pra ajudar na campanha.

– Ah, adoro tua irmã! – A moça abraçou-se a ela com simpatia, apresentando-se: – Muito prazer, sou Agnes!

Agnes. Agnes era o nome da mulher que Leilane dissera que carregava um caminhão pelo Cisco, e que se separaram porque ela queria casar e ele não. Seria outra Agnes? Mas quantas Agnes existiam em Diadema que fossem conhecidas dele? Não havia dúvida, era ela. Abigail cumprimentou os dois homens com a atenção voltada para a moça que os acompanhava.

Após as apresentações, Lando se dirigiu a Cisco, indagando sobre o inevitável assunto que fervilhava nas rodas petistas:

– Como é, logo na primeira eleição pra presidente vamos ganhar?

– Com a confusão que a direita está vivendo, não é impossível. Os donos da mídia ainda não escolheram o seu candidato, e o povo se embriaga pela mídia...

– Se embriaga é pouco; o povo baba pelas manipulações da mídia! – Foi Agnes quem interferiu. – Há pouco tempo tivemos um exemplo do que a mídia faz com a cabeça do povo: Roberta Close é homem e virou símbolo sexual feminino. Isso num país machista!

– É como diz o Raul Seixas: falta cultura pra se cuspir nesta estrutura! – Lando fez a observação e voltou a falar com Cisco. – O nosso problema é o Brizola, que tira votos que poderiam ser nossos!

– Não vejo assim. Se o Brizola ganhar, rompe-se uma barreira. Quebramos a tradicional hegemonia da direita, e isso é um avanço! Mas o meu medo é o Lula ganhar e não ter condições de governar adequadamente por não possuir uma bancada forte. O povo não tem idéia da importância que do

deputado no processo político e acaba votando em qualquer um. Isso é o mesmo que dar passe livre pro carrasco te maltratar. Nós temos é que nos empenhar para ter o máximo de deputados...

– O importante é a presidência! – a “ex” interferiu novamente. – O Lula tem capacidade pra negociar com os poderosos, ele só precisa ter o poder nas mãos também...

– Agnes, até o presidente americano, em determinadas situações, é refém dos poderosos! Eu acredito que a conscientização do povo é bem mais importante do que chegar ao poder com bases frágeis. É como o caso de Cuba; Fidel e Che Guevara só peitaram os americanos porque tinham a maioria do povo cubano a seu lado...

– Mas peraí, Cisco! – Foi Lando desta vez. – Se a gente ganhar, é porque o povo está conosco!

– Isso é ilusório. A cultura política brasileira é pulverizada em muitos interesses individuais e a massa é composta por uma enorme quantidade de analfabetos políticos. Para uma boa parte dos brasileiros, o voto funciona como pule do jogo do bicho, com um valor inferior porque não precisa pagar. Temos educação para isso. Sem contar que, no Brasil, a esquerda tem gente em seu meio com discurso de esquerda e prática de direita. O PDT, por exemplo, por pragmatismo tem essa prática.

– Olha aqui, Cisco. – Agnes era declaradamente opositora dele. – Com o Lula lá, ele tem condições e peito pra desengavetar todos os nós que amarram o país! Ele pode escancarar os cambalachos e pôr a boca no trombone e ser ouvido! Mostrar ao povo onde vai parar o dinheiro dos impostos e os picaretas que sonegam. Pode apontar os desmazelos e os parasitas que minam as energias do país! Pode estancar o dinheiro que sai por baixo do pano para o exterior...

– Ei! Você não está querendo um presidente! Você quer transformar o Lula num Promotor Público superdocumentado e com plenos poderes. Agnes, a emoção é linda, mas não há bom senso em idealizar projetos com ela. Isso é perigoso! É o mesmo que se apaixonar hoje e acreditar que será feliz por todo o sempre.

– Ah, Cisco! Você analisa muito e crê pouco!

– Olha aqui, a Erundina está em início de governo e já está sendo boicotada por alguns sujeitos dentro do próprio PT. Da mesma forma como tem gente querendo dirigir o governo

da Erundina, tudo indica que haverá petistas querendo interferir no governo do Lula. Isso porque dentro do PT tem gente que elabora suas esperanças com as emoções e sem o raciocínio prático voltado para o coletivo nacional... Nem o Lula sozinho resolve nem os integrantes das correntes resolverão...

– Ah, mas isso é cultura do próprio povo brasileiro! Vamos ganhar, comemorar e governar o país!...

– Escute aqui, sua sarapintada! É melhor comemorar depois de um governo bem-sucedido. E um partido de oposição deve se opor à cultura nefasta do país, não assimilá-la passivamente. Proposta de governo pressupõe também transformações culturais se o partido é de vanguarda e se coloca como transformador! O PT tá no caminho, mas ainda não chegou lá, e pode queimar o Lula se as correntes dentro do partido não se conscientizarem de que estão no interior do PT por ser ele um partido democrático, e que o PT existe pela democracia!

Apesar do confronto esquentado entre os dois, Abigail percebeu que havia entre eles apenas diferenças ideológicas e que o clima era amigável, e os ressentimentos, que por certo havia entre eles, conforme ela acreditava, eram imperceptíveis. Ele a havia chamado de sarapintada, e Abigail entendeu que esse tratamento, talvez, Cisco tivesse usado muito durante o romance dos dois. Ela era ruiva. A pele branca salpicada de acobreadas pintas atestava a autenticidade da cor dos cabelos, que possuíam um matiz exótico, como se o amarelo tivesse atingido o seu ápice e o vermelho fosse tomar seu lugar. Os gestos eram agitados e o corpo lembrava o perfil de uma negra esportista. Era bela. Uma beleza fora do padrão.

Abigail notou que o movimento no balcão das bebidas começara, e Ricardinho e Luana já se agitavam. Resolveu ajudá-los.

– Com licença, gente; eu vou para o balcão...

– Você vai ajudar lá? A gente se vê! – Agnes lhe disse com simpatia e Cisco ironizou:

– Bom descanso!

Abigail ia se retirando e Lucas a seguiu:

– Onde eu pego ficha?

– Ficha lá no caixa com a Anahí. E a bebida comigo!

– Enquanto a Agnes resolve os problemas do país, eu vou tomar uma cerveja pra comemorar – ele brincou.

– Ela está inflamada e confiante com a campanha, hein?

– Se está! Acho que ela pensa que, com o Lula vencendo as eleições, todos os sanguessugas do país fogem para o exterior e os problemas se acabam!

– Aí é viajar na ilusão!

– Só é!

Ele se encaminhou para o caixa para comprar ficha e ela foi para o balcão, integrando-se ao movimento. Luana comprovava sua popularidade demonstrando conhecer todos os que chegavam e apresentava a Abigail os que ela ainda não conhecia. Um rapaz testou o som, intimando Cisco a se integrar ao grupo de músicos, e o debate entre ele e Agnes se desfez, com Cisco indo ao encontro dos companheiros e Agnes e os dois parceiros, após tomarem a cerveja, indo para os vestiários. Abigail viu Sandro e Leilane, que já vestiam trajes de banho, encontrarem-se com Agnes e entabularem uma entusiasmada conversa. A churrasqueira estava a uns 20 metros da piscina, e ela viu a mãe sentada na grama embalando o carrinho de seu afilhado e entretida numa conversa com dona Jandira, que, esporadicamente, ajudava Antônio Celso no trabalho com a churrasqueira. O sol esquentara mais, empurrando muitos para a piscina e aumentando a sede do pessoal, o que fez com que ela, Luana e Ricardinho trabalhassem feito “bóia-fria no corte de cana”, como profetizara dona Jandira. Bruna e Pérsio chegaram, e enquanto Bruna ajudava coletando as garrafas que os bebedores abandonavam pelas mesas e na beira da piscina, Pérsio rodeava Abigail, bebendo uma cerveja no balcão e convidando-a insistentemente para dançar. Até que ele percebeu que Abigail dançava com as garrafas e desistiu, indo procurar uma parceira para misturar-se aos casais que dançavam lambada, a dança da moda. Dona Jandira, traquejada em eventos daquele tipo e atenciosa, não deixou os três sem alimento, levando-lhes pães e churrasco. E os três, entre goles e dentadas, saciaram a sede dos participantes até a uma da tarde, mais ou menos, quando Bruna chegou com um pratinho com pães e churrasco e deu a Abigail, sugerindo:

– O Cisco está comendo numa mesa lá dos fundos, vai fazer companhia a ele que eu te substituo. Ah! Ele pediu pra você levar um guaraná para ele!

Pausa melhor impossível. Ela apanhou o pratinho e dois guaraná e saiu, encontrando-se no caminho com Leilane e Sandro, que iriam substituir Ricardinho e Luana. Contornou

as mesas, onde alguns conversavam e bebiam impressões da política e discutiam o quadro eleitoral, cada um expondo suas convictas estratégias particulares para levar o Lula lá.

Os fundos a que Bruna se referira eram mais fundos do que Abigail imaginara. Cisco se escondera num canto fora do salão e do burburinho. A uma certa distância, ela percebeu que entre o prato de carne e pães, mostarda e ketchup, ele escrevia num guardanapo. Antes de se aproximar, foi cautelosa:

– Se baixou o espírito inspirador, não quero atrapalhar!

– Pode vir! Eu já terminei, e o espírito já se foi – ele respondeu, dobrando o guardanapo em quatro partes, enquanto ela se aproximou, sentando-se na única cadeira que havia disponível.

– Não me diga que você consegue se inspirar até no meio dessa bagunça?

– A inspiração me tira de qualquer bagunça.

– Mas numa bagunça dessas, o que tem de inspirador? – ela perguntou, e instantaneamente a figura de Agnes lhe apareceu na mente. Mas ele respondeu:

– Você! – e lhe deu o papel dobrado. Curiosa e confusa, ela fez menção de abri-lo, mas ele colocou as mãos sobre as dela, impedindo-a: – Não abra agora. Leia depois!

– Hum, quanto mistério... – Ela enfiou o papel no bolso da bermuda. – Vou engolir essa carne depressinha porque estou curiosa pra ler!

– Eu estou bem mais curioso pra saber sua reação.

– Então deixa eu ler aqui!

– Não. O Ricardinho e a Luana vêm para cá, e você não vai ler com atenção. Escute: o Sandro me disse que você vai embora logo, e eu preciso de uma carona.

– Mas a perua tá aí!

– O Ricardinho vai levar os músicos depois e eu não pretendo ficar até mais tarde. A idéia é a seguinte: você me dá uma carona para eu sair daqui, em troca eu te proponho uma carona pra embarcar num sonho meu...

Ela estava levando o pão a boca e parou. Ia dizer alguma coisa, mas ouviu a voz de Luana, que parou a alguns metros.

– A Leilane disse que tinha lugar aqui, mas já vi que vocês não querem companhia. Deram sumiço até nas cadeiras pra ficarem a sós!

– Vem pra cá! As cadeiras estão ali! – ele disse, apontando para as cadeiras fechadas e encostadas numa escada entre uns produtos de caiação.

Enquanto ele apontava as cadeiras para Luana, Abigail não tirava os olhos dele, e quando ele a encarou novamente, ela perguntou:

– Que sonho é esse em que você vai me dar carona?

Ele esquivou-se:

– Me dê a sua carona primeiro, eu te dou a minha depois.

Luana pegou a cadeira e se complicou para armá-la, então ele a ajudou. Ricardinho aproximou-se também, e Abigail teve que se contentar em morder o pão e a carne, rejubilando-se por dentro por todas as perspectivas de felicidade que surgiam em seu cérebro.

Enquanto Ricardinho colocava os pratos dele e de Luana na mesa, a moça sentou-se na cadeira que Cisco armara, dizendo:

– Ô cadeirinha complicada pra armar!

Ricardinho ensinou:

– Luana, eu já te disse que mulher que não sabe usar as mãos e o cérebro pra viver vai ter que sobreviver usando outras partes do corpo! Vê se aprende a viver, mulher!

– Viver eu sei: eu não sei é armar a cadeira!

– Abigail – Ricardinho piscou para ela –, se o destino da gente já viesse traçado e fosse meu carma casar com essa mulher, eu já teria pedido o divórcio. Entrava com o pedido de divórcio junto com o papel de casamento!

Curiosa e com pressa de ler o bilhete, ela estava com a boca cheia, e de boca fechada sorriu do deboche dele. Mas Luana, consciente de seu poder sedutor e com a certeza de que tinha uma missão a cumprir, da qual Ricardinho faria parte, rebateu o deboche:

– Pode tirar sarro! Mas você será meu marido e meu assessor...

– Você pretende se candidatar no futuro, Luana? – Agora foi Cisco quem se pronunciou.

– Claro! Por que não? Se qualquer um pode votar, qualquer um pode ser candidato.

– Claro que qualquer um pode ser candidato, tanto é que no Congresso tá cheio de qualquer um – Ricardinho continuava irônico.

– Não subestime minha pretensão! Eu sei que você não acredita nisso, mas eu sou predestinada. Sabe, Abigail, tenho a sensação de que fui escrava na outra encarnação e agora tenho a missão de libertar pessoas.

– Você acredita mesmo nisso? – Foi Cisco quem perguntou.

– Se é verdade eu não sei, mas eu sinto. E se eu sinto, por que devo me desfazer dessa sensação?

– Eu tive sensação semelhante à sua e deixei pra lá quando te conheci – Ricardinho voltou à carga.

– Que sensação você tinha e deixou por minha causa?

– Eu sinto que fui um eunuco do Sultanato do Rala e Rola, tomei conta da mulherada do harém pro Sultão e passei muita vontade na encarnação passada. Por isso eu deveria comer o máximo de mulheres nesta encarnação para compensar. Mas quando te conheci abandonei a sensação por amor e fidelidade a você!

Desta vez Abigail sorriu de boca aberta. Havia engolido a carne e abandonaria o restante no prato. Estava apenas tomando guaraná, e louca para sair. Ficou do lado de Luana.

– Tá vendo, Luana? A sua sensação é verdadeira e a dele era falsa.

– Eu já disse que esse cara tá predestinado! Ele vai se casar comigo e vai ser o meu assessor.

– Se você um dia for prefeita de Diadema, tenho certeza de que o seu projeto primordial será construir o prédio da prefeitura em forma de pirâmide. Eu não quero pagar esse mico, nem como seu assessor!

– Bobinho! Não tem jeito de escapar. Já estamos predestinados. – Ela o abraçou, encostando o rosto ao dele, e olhou para Abigail. – Você não acha que estamos predestinados, Abigail?

– Claro que sim. Foram feitos um para o outro.

– Você não acha, Cisco? – perguntou Luana.

– Realmente há um carma entre vocês. Mas se não usarem camisinha, podem reverter o carma. Isso sem contar que alguém pode ter também como carma interferir no carma de vocês com um despacho e acontecer um triângulo carmático! Mas vocês não podem deixar de considerar o número de letras dos nomes de ambos e somar esta numerologia às datas

de nascimento, mais o dia e as horas em que se conheceram, considerando os ascendentes para sabermos o que dizem os astros. Isso, naturalmente, com reforço do tarô, dos búzios... e de uma infinidade de etceteras esotéricos...

– Ah, vai tomar banho e tirar sarro da tua avó!

– Bem, não liga pras gozações dele, não, porque não vai adiantar – Ricardinho alisou-lhe os cabelos. – Daqui dez anos o mundo vai acabar. Nostradamus já disse.

– Não vão sobrar trevas sobre trevas! E quando ele diz, Deus obedece! Como o inferno não vai comportar todos e no céu vai sobrar muito espaço, o diabo já está entrando em contato com Deus e tentando terceirizar o céu... – Cisco disse.

– Ah, seus hereges! Abigail, como é que esses caras podem falar tanta bobagem?

– Ah, sei lá!

– Eu apenas transmito os acontecimentos do mundo transcendental; creia se quiser! Minha imprensa não é marrom, é transparente – Cisco definiu.

Por mais alguns minutos a conversa desenvolveu-se tendo Luana como pivô. Até que Abigail, ansiosa para satisfazer sua curiosidade, após beber o último gole do guaraná, levantou-se dizendo:

– A carne estava uma delícia e a companhia de vocês estava ótima, mas eu tenho coisas pra fazer.

– Ei! Deixe o pessoal trabalhar um pouco. Descansa! – Luana implorou.

– Não. Eu vou embora às três e preciso conversar com minha mãe...

– E você vai me deixar sozinha com esses dois tirando sarro da minha cara?! – Luana disse, fazendo cara de desamparada.

– Não se preocupe, eles tiram sarro mas não estupram!

E ela se foi, deixando Luana à sanha satírica e exotérica dos dois. Com a mão direita no bolso da bermuda acariciando o papel que Cisco lhe dera, entrou no salão onde muitos lambavam, agora ao som de um disco, já que os músicos companheiros de Cisco descansavam. Andando entre os pares, rumo ao banheiro, percebeu Agnes dançando, e próximo a ela, Pérsio dançava. Luiz Caldas, o cantor da moda, cantava: Pega ela aí! Pega ela aí! / Pra quê? / Pra passar batom / Que tom? / De violeta! / Na boca e na bochecha!...

Abigail teve de passar em frente ao balcão onde Sandro, Leilane e Bruna serviam. Os três a fitaram com olhares enigmáticos. Ela passou dizendo: “Volto logo!” Leilane respondeu: “Não tem pressa!” Sandro disse algo que ela não entendeu e Bruna riu. Abigail saiu do galpão e entrou no banheiro. Duas mulheres olhavam-se no espelho e conversavam sobre bronzeadores. Ela entrou num dos boxes e trancou a porta, desceu a calcinha e a bermuda simultaneamente e sentou-se no vaso sanitário. Abriu o papel e leu:

“Convido-a pra importante reunião a dois.

Pauta: Peça permissão para lhe fazer a corte.

Motivo: Sensações opostas senti ao conhecê-la.

Um mix de prazer e sofrimento...

O prazer, eu sinto em vê-la.

Não tê-la é o meu tormento...

Local: A ser definido por nós.”

Só depois de ler ela urinou. Emocionada. Pegou o papel higiênico e enxugou-se, apertou a descarga e ergueu-se ajeitando calcinha e bermuda. Sentou-se e releu o recado. Sentiu uma confusão íntima, como se os pensamentos e sentimentos descessem do cérebro para o coração e subissem do coração para o cérebro e se chocassem no caminho ocasionando uma desorganização geral. Na bagunça, só um pensamento ficou em pé: “Eu quero e seja o que Deus quiser!” Levantou-se do vaso e abriu a porta do box. Um susto! Leilane e Bruna estavam na porta feito duas meninas levadas:

– Você tem segredinhos pra nos contar, queridinha! – disse Leilane com trejeito de colegial.

– Como vocês ficaram sabendo?! – Abigail entregou-se pela surpresa. E surpresa perguntou: – Vocês tramaram isso?!

– Não tramamos nada e não sabemos de nada – disse Bruna com ares sapecas. – Só sabemos que você tem segredinhos pra contar.

– Não acredito! – Confusa e séria, Abigail deu a entender que não acreditava mesmo – Se vocês não soubessem de nada, não estariam aqui!

– Estamos aqui por dedução, minha cara Abigail! – falou Bruna. – Quando o Cisco me pediu para buscar o prati-

nho de carne para você e para você levar um guaraná pra ele, ele estava roubando uma mesa do salão pra levar lá para os fundos. Você queria que eu deduzisse o quê?!

– Eu, o Sandro e a Bruna íamos substituir vocês três no balcão – Agora Leilane explicava-se. – Quando eu vi a Bruna indo pro balcão chamei o Sandro para a gente ir também e ele ficou enrolando... até me tirou pra dançar!

– Então o Sandro sabe também?!

– Claro, Abigail! São amigos, trocam confidências... Como é?! Vai contar o segredinho?

Abigail não soube definir se no semblante de Leilane era mais transparente a curiosidade ou a alegria pelo acontecimento. Também não saberia explicar se foi pela necessidade de dividir com o mundo a sua euforia, ou pela cumplicidade natural que transforma até mulheres adultas em adolescentes, que ela enfiou a mão no bolso e entregou o bilhete para irmã, dizendo:

– Ele só me disse que quer uma carona pra ir embora mais cedo. E me deu isto.

Leilane pegou o papel e abriu, Bruna colocou a cabeça por sobre o seu ombro tentando ler em conjunto, mas, talvez em respeito a Leilane, recolheu-se e aguardou sua vez. Leilane leu, deu o bilhete a Bruna e abraçou a irmã:

– Parabéns! Conte comigo pra segurar esse cara! Quero ter o Cisco como cunhado.

Abigail ia responder, mas Bruna a interrompeu:

– Uau! Abigail, com um torpedo desse, até eu dava pro Cisco!

– Você dava pra ele?! – Abigail perguntou incrédula.

– Claro! Com todo o respeito, é claro! Se não dava por desejo dava por solidariedade. Tenho certeza de que ser solidária ao Cisco não dói e dá prazer pelo menos espiritual. Mas tá escrito: ele precisa de você. Fico feliz! – e Bruna também a abraçou, feliz pelo prazer da amiga.

– Era isso o que eu queria. Mas agora que está acontecendo, estou com medo – confessou Abigail.

– Medo?! – exclamou Leilane, aturdida. – Abigail, você não é mais mocinha e tem quilômetros de pintos percorridos. Você tá com medo de ser feliz?!

– O meu passado não me serve como experiência para as coisas de que preciso agora. Eu quero filho e companheiro,

mas me apaixonei por um homem que não quer casar, não quer filhos e tem valores diferentes dos meus. O Cisco é o avesso de mim!

– Isso é discutível – disse Leilane. E perguntou a Bruna: – Você que está no meio, diz pra gente: quem é o avesso, o homem ou a mulher?

– Ah, sei lá! Dizem que o avesso sou eu, e eu não me sinto assim – brincou Bruna consigo e com todos.

– O Cisco me deixa insegura! Eu não concordo com tudo o que ele diz, mas não consigo rebater. E ele chega a ser prepotente nas convicções...

– Eu acho que por mais prepotente que seja um homem, ele não terá um fiapo da prepotência da humanidade – falou Leilane.

– No entanto é a humanidade que nos comanda, mesmo não tendo domínio sobre o seu próprio comando. A prepotência que você vê no Cisco não passa de autodefesa contra a prepotência da humanidade. Acho o Cisco mais humano do que a humanidade em geral, porque ele procura ter conceitos e contrapõe seus conceitos aos preconceitos que a humanidade se impõe... Em vez de estar com medo, você já deveria estar pensando em maneiras de prendê-lo pelo estômago! Pelo coração! Pelo sexo! E principalmente pelo cérebro, porque é no cérebro que estão a liberdade e o confinamento dele!

– Uau! Abigail, tua irmã é sua rival! – Bruna comentou sorridente.

– Eu já falei isso pra ela!

– Olha aqui, Abigail, tenho certeza de que o mesmo sentimento que tenho pelo Cisco, a Bruna também tem – Leilane explicou-se e recorreu a Bruna, perguntando: – Se você sentisse desejo por homem, qual o homem que você gostaria de ter como companheiro?

– Claro que é o Cisco! Sou amiga dele há muito tempo e já discutimos muito, mas nunca tive decepção com ele. Pra mim, Cisco é pai, irmão e amigo. E, às vezes, até padre...

– Abigail – Leilane pegou as mãos da irmã –, dentro do convencionalismo que a gente idealiza como casamento, eu sou bem casada. Dentro do convencional, o Sandro é um bom marido e eu procuro ser uma boa esposa... Mas se você me perguntar qual é o melhor perfil de homem para marido, eu tenho certeza de que é o Cisco. Talvez ele não pense em casar porque não acredite que encontre uma mulher que esteja próxima do perfil que ele idealiza...

– Aí é que está o problema: eu vou ter que me moldar ao idealismo dele?

– Não. Espera aí! – Bruna interferiu, propondo-se a esclarecer. – O Cisco não impõe nada a ninguém. A não ser o respeito às suas convicções. Ele é incapaz de exigir que alguém deixe de ser o que é para conviver com ele. Tanto é que ele tem amigos de várias tribos e não se prende a tribo nenhuma! Eu acho que, para ele, confiança é o fundamental... Se você atçou os hormônios dele, já tem meio caminho andado. E pode ter certeza de que ele não é do tipo “faça o que eu mando e não faça o que eu faço”...

– É isso – atalhou Leilane. – Ele não costuma dizer que justiça é primordial pra convivência humana?

– Eu acho, Abigail – voltou Bruna a dizer –, que se vocês se gostam, é possível cada lado ceder os anéis para as mãos se ajustarem melhor. Agora, se você está pensando num casamento convencional, tire o cavalo da chuva que ele não nasceu pra isso!

– Falando, tudo fica fácil; mas a impressão é de que eu vou me machucar – ela confessou.

– Você já se machucou! – retrucou Leilane. – Se você deseja e tem medo do desejo, já está machucada. Pelo que eu sei não há paixão que não traga dor. Por isso, perca o medo de ser feliz e, para compensar, vá fundo, de cabeça! No que depender de mim, o Cisco será meu cunhado.

– Conte comigo, também...

Foram interrompidas por uma garota de biquíni que entrou no banheiro caminhando apressada para o boxe e disse a Leilane:

– Aqui não é um bom lugar pra preparar a campanha, Leilane!

Abigail notou que dois bottons da estrela petista destacavam-se em ambos os bojos da peça superior do biquíni. Ao saírem do banheiro, comentou:

– Que menina maluca! Tá fazendo campanha do PT pra petista?!

– Ela se filiou há poucos dias. É marinheira de primeira viagem. Mas é esse pessoal que vai nos ajudar muito na campanha! – Leilane explicou.

– Só é! – disse Bruna. – É a entusiasmada alegoria dos jovens que sacode a rotina marasmática dos velhos...

– Puxa Bruna; isso é profundo! – disse Abigail.

– Devo ter lido em algum livro pornográfico por aí! – ela brincou e todas sorriram.

Caminharam pela grama, onde havia alguns carros estacionados, longe do aglomerado. Abigail ouviu Bruna e Leilane, como cúmplices do Clube da Luluzinha, traçarem um perfil psicológico de Cisco. Se houvesse condições de o analisado ouvir a conversa, sentir-se-ia amado pelas três mulheres, sendo que, por feliz coincidência, a que lhe despertara o instinto masculino também o queria instintivamente e as outras o amavam com o espírito. Abigail, convencida pelas cúmplices, sentiu que seu medo era infundado e que estava insegura por antecipar dores que poderiam nem acontecer.

– Vocês têm razão, eu sempre escolhi o homem errado. Agora que encontro um homem diferente de todos os que escolhi, estou com medo. Na verdade eu gosto do Cisco. É a razão que põe empecilhos.

– A razão, ora, a razão. A razão não tem razão quando desconhece os sentimentos...

– Puxa, Bruna; você está filosófica hoje! – disse Leilane.

– Acho que é porque não vejo a Ci desde ontem. Vou me embora logo, pra chegar cedo e esperá-la...

– Humm, ela está carente! – Leilane brincou com a amiga, mas logo perguntou com seriedade: – Está tudo bem entre vocês e os pais dela?

– Conversei com dona Rute sexta-feira, pelo telefone. Parece que o gelo está se derretendo devagar.

– Que bom! Assim como o tempo nos acostuma com os preconceitos, também pode desacostumar e eliminá-los.

– Eu não vou forçar a barra. O importante é que a Ci tá legal, e isso me faz bem.

O pequeno diálogo entre Bruna e Leilane levou Abigail a compreender melhor a dimensão da tolice causada por sua insegurança com relação ao romance que estava para viver. Percebeu que suas projeções infundadas eram picuinhas comparadas ao romance entre Bruna e Nanci, que era sólido mesmo enfrentando insólitas situações. Raciocinando por esse prima, certificou-se de que estava “vendo chifres na cabeça de cavalo” e consentiu em abandonar-se aos instintos, sem a interferência das ilusórias razões que lhe brotavam no íntimo, atrapalhando até sua capacidade intuitiva.

Havia coisas para acontecer e a ansiedade começou a tomar todos os espaços do seu interior; o tempo já lhe parecia seu inimigo. Ciente de que o futuro não se antecipa, procurou acalmar-se e programou-se intimamente para o encontro. Envolta nos pensamentos, ela caminhava atrás das duas, que conversavam sobre amor e preconceitos, até que resolveu intervir na conversa e dividir sua ansiedade com a irmã:

– Leilane, já são quase duas e eu vou embora às três; você não tem nada pra preparar para a mãe levar?

– Ah é! Eu preciso me ordenhar, pra mãe dar mamadeira mais tarde...

– “Eu preciso me ordenhar”, que esdrúxulo! – Abigail estranhou a frase.

– Se tirar leite da vaca é ordenha, por que tirar meu leite não é? Eu sei que não sou vaca e a vaca nem sabe que é vaca, mas ambas damos leite quando parimos. Somos mães, e acho que “ordenhar” é a palavra que melhor define o ato. Tirar leite de vaca, cabrita, ovelha e da mulher é a mesma coisa...

– Nossa, você tá mais rural que galinha caipira! – brincou Bruna.

– Galinha, não! Eu sou mamífera! – protestou Leilane.

E entre gozações sobre a animalidade de Leilane caminharam para o balcão de bebidas. Sandro e dona Jandira lá estavam. Sandro foi para os fundos organizar umas caixas. Leilane foi em busca da bombinha e das mamadeiras para extrair seu leite. Bruna dispensou dona Jandira do seu posto, e a ativa senhora saiu dizendo que “iria ralar o bucho porque era filha de Deus”. Abigail viu quando ela tomou o par da neta e rodou pelo salão lambando com Ricardinho. No tablado improvisado como palco, logo que o disco parou, os músicos assumiram seu posto. Seu Edgar ocupou o microfone, dizendo:

– Gente! Um minuto de atenção, por favor! É o seguinte: às vezes, à noite, eu, o Cisco, o Ricardinho e mais alguns tínhamos por costume fazer um pagodinho em nosso terreiro. Era uma brincadeira pra gente dormir melhor! O Ricardinho participava mas começou a estudar e outros também se afastaram, e por fim só sobramos eu e o Cisco. Nós saímos do samba e fizemos um rock!

Aplausos, vaias e piadas brindaram a notícia. Seu Edgar sorriu e continuou:

– Não estranhem um velho como eu estar fazendo rock, porque o rock teve origem quando eu era jovem. E eu gostava de rock na minha juventude!

– É! Apesar de mulato, ele esticou os cabelos, fez tope-te e se vestia como o Elvis! – disse Cisco.

– Não chegava a tanto! Eu só imitava a jogada de quadril! – ele balançou a pélvis numa tentativa de imitar o trejeito de Elvis Presley. – Bom, gente, nós vamos mostrar este rock pra vocês e vocês vão compreender que os instrumentos não são apropriados para acompanhar um rock! Considerem que quase não tivemos tempo pra ensaio! Mas é uma homenagem a todos nós, que sonhamos com mudanças parte este país!

Foi aplaudido unanimamente. Após o arcaico “one, two, three” e o toque da bateria, Cisco começou a cantar:

Ontem, acordei anti-social / Quase um agitador bem radical! / E quando no banheiro / Na falta de higiênico / Me limpei com a coluna social! / Sai então por aí, em descompasso / Olhando, procurando, cambalachos / Segui na contramão / Buscando confusão / Com quem está roubando o meu espaço / Me espantei ao ver a jóia da madame: / Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! / Quanto dinheiro! / Parei para pensar; / O que valia mais: se era a jóia, ou o suor do garimpeiro?! / A manchete de jornal, li de relance: / “Policial é preso como traficante!” / Parei para pensar: que droga era mais ilegal; / Se era a própria, ou se era o policial? / Encontrei com um ladrão / Que estava enrustido / Escondido atrás / De uma profissão. / Chamei de colarinho branco / E de fundo perdido. / E segui o meu caminho na contramão. / Cruzei com um juiz corrupto / Confesso que fiquei numa de horror! Xinguei de peculatório! / De latifundiário! / Xinguei-o até de especulador! / Não me vejam como agitador e radical / Eu sou é muito mais! / Sou marginal! / Estou fora do contexto, do quadro cultural / E isto é que define um marginal! / Todo o camelô é marginal! / O sem-teto é um marginal! Todo analfabeto é marginal! / Salário baixo é marginal / O sem-terra é marginal! / A ética também é marginal / A honestidade é tal e qual!

Abigail viu Agnes invadir o palco para dividir o microfone com Cisco e acrescentar à letra da música: “O PT também é marginal!” E ela sentiu, por uns bons momentos, o ciúme queimar-lhe as entranhas, já que todos dançaram o refrão que Agnes e Cisco cantavam: “O PT também é marginal!”

Como todos gostavam e dançavam houve um bis para a música, com Cisco fazendo firulas em ágeis embaixadas so-

noras com seu cavaquinho. Seu Edgar dançava e ironizava a platéia:

– E agora todo mundo com o dedo pra cima!... Agora balançando o bumbum pra direita!... Agora, com a língua pra fora fazendo cara de idiota!... Isso gente! Vocês sabem fazer tudo o que o mestre mandar! Bons meninos! – dizia ele, gozando.

Sandro, que abandonara as caixas, puxou Abigail para dançar. E dançaram. Quando a música terminou, ele disse:

– Esse Cisco é muito pra cabeça! É um maluco!

– Por quê? – ela perguntou.

– Em pleno 89, estamos ouvindo um rock novo com cara da década de 50! E eu nunca imaginei que ouviria um rock acompanhado por flauta, cavaquinho, violão, pandeiro...

– E eu nunca imaginei que veria um bando de petistas dançando e cantando assumidamente que o PT é marginal! – disse Bruna.

– Pra você ver que a arte só tem cabresto quando o poder lhe impõe ou se vicia e se prostitui – Sandro disse.

– Bom, a arte tem várias partes e os artistas se repartem – Bruna brincou. E ele complementou:

– Eu prefiro achar que há artistas e bobos da corte!

Abigail aceitou a idéia de que mesmo os bons artistas podem ocupar a função de bobos da corte e misturar-se aos artistas de arte duvidosa. Lembrou-se de uma entrevista que lera em que Belchior dizia: “A proposta da arte é a transformação.” Olhou para o palco, dizendo pra si: “O espírito de Cisco é artístico e não de bobo da corte.”

Cisco trouxera um amigo flautista que tinha bastante intimidade com o instrumento. Eles deram continuidade à apresentação tocando vários chorinhos que os presentes, principalmente os de idade avançadinha, gostavam. Mas os jovens também se misturavam e davam seus passos ritmados.

Por algum tempo Abigail e Bruna revezaram-se servindo um ou outro que vinha retirar bebidas. Sandro voltara para a organização das caixas. Abigail notou que o movimento já diminuía bastante. Havia algumas pessoas esparramadas na grama à beira da piscina e poucas dentro. Algumas ainda dando trabalho a Antônio Celso na churrasqueira, com Leilane ajudando-o. Muitos já haviam se retirado, indo cumprir outros compromissos domingueiros. Os que permaneceram eram perceptivelmente fa-

mílias, já que muitas mães procuravam crianças e crianças procuravam as mães, em desencontro. No salão, algumas mesas ocupadas por gente e garrafas de cervejas, em descontraídas conversas políticas. Em duas mesas jogava-se baralho. Numa delas, Abigail percebeu Agnes subir na cadeira e expor seu corpo sarapintado por inteiro. Com gritos expansivos e gesticulações, desafiava: “Seis! Seis! Seis, seu farabuto de uma figa!” Logo Abigail percebeu que o adversário não só aceitara os seis como vencera a partida, já que a gritaria e a gozação caíram pra cima dela. Ela havia blefado no jogo de truco. Lucas, seu parceiro de jogo e de amor, abraçou-a rindo e ambos se retiraram da mesa cedendo lugar para outra dupla.

Bruna havia servido outra pessoa e, ao voltar, notou o olhar de Abigail na direção de Agnes.

– Ela é bonita, né?

– Ela chama a atenção pelo exotismo. Acho interessante que ela tem a silhueta de negra, mas é ruiva!

– O pai dela é italiano e a mãe é uma mulata baiana. Mas acho que na ascendência do pai deve ter alguma mistura anglo-saxônica, germânica, sei lá...

– Ou dálmata! Não, dálmatas não, os dinamarqueses são mais manchadinhos... – Abigail disse rindo, mas corou pela bobagem dita.

– Ih, você está com ciúme do passado! – Bruna riu e a fez corar mais.

– Não é ciúme. Fiz uma brincadeira infeliz! Só isso.

– É ciúme, sim! Quando se deitar, ronde o seu subconsciente que aí tem coisa.

Leilane, que demorara mais do que o normal, chegou reclamando que tivera de ajudar Antônio Celso na churrasqueira. Chegou com Sandrinho no colo e uma sacola com fraldas, bombinha e mamadeiras. Abigail ajeitou uma banquetta num canto discreto, abaixo do balcão, onde a irmã pudesse amamentar o filho com mais tranquilidade. Bruna comentou o ciúme de Abigail, que continuou negando com frágeis justificativas, tentando esconder o óbvio que sentia e não queria sentir. Leilane, já acomodada no canto e com o filho no seio, tirou do túnel do tempo a lembrança do ciúme que sentira de uma ex-namorada de Sandro e, quase num sussurro para que o marido não a ouvisse, comentou:

– Ela era mais velha do que eu e o Sandro já tinha transado com ela, e eu não me sentia pronta. Ela dava em cima

dele e eu me sentia em desvantagem porque não dava pra ele. Acho que acabei transando não só por desejo, mas também por medo de perder a parada. Mas mesmo quando passei a transar, eu sentia ciúme dela...

– Não vejo isso como ciúme – disse Bruna. – Acho que é insegurança pela comparação: “Será que ele gosta mais de transar comigo ou sente saudade dela?” Isso não é ciúme, é insegurança mal trabalhada, não resolvida.

– É mesmo! – falou Leilane. – E se a gente, que é mulher, sofre com essas bobagens, imaginem os homens com sua educação machista! Eu acho que os machistas são, antes de tudo, masoquistas...

Bruna também viajou pelo túnel do tempo, trazendo de lá velhas lembranças. Confidenciou que nas vezes em que teve casos com meninas que só haviam saído com homens, não sentia ciúmes ou insegurança com relação ao passado delas; contudo, certa vez se apaixonara por uma mulher que tivera outras amantes e se sentira tão insegura que acabara estragando o namoro e perdendo a companheira.

Alongaram o assunto ciúme até concluírem que tanto o ciúme como o amor são muitas vezes confundidos com reações nada inerentes ao próprio sentimento.

Sandrinho, alheio à conversa, tirou a boca do bico e mexeu-se no colo da mãe, resmungando para pedir outra posição. Leilane o deu para que a madrinha o fizesse arrotar, e passou a “ordenhar-se”.

– Ele mamou pouco. Se bem que faz pouco tempo que ele mamou... Tenho medo de demorar aqui e ele ficar com fome! Vou tirar o máximo de leite...

Parou de falar ao ouvir a voz de Cisco.

– Quer ajuda aí, Sandro?

– Ué! Você não vai tocar mais?

– Ah, não! O pessoal dá conta do recado. Esse grupo é muito bom...

– Ah, legal! Então me dê essas caixas pra eu empilhá-las mais alto.

Ele entrou e, ao ver Leilane manipulando a bombinha para a extração de seu leite, perguntou:

– Vai abrir uma leiteria?

– Não, não vou... Não abro pelo mesmo motivo que sua mãe não abriu! – o riso dela uniu-se às gargalhadas de Bruna e Abigail.

– Minha mãe não tinha jeito pra negócios. Só tinha a matéria-prima! – Cisco demonstrou sentir o baque com a resposta de Leilane e, para absorvê-la melhor, recuou dizendo: – Mas se a minha pergunta mal-educada mereceu a má-educada resposta, humildemente eu te abençôo com o pedido de desculpas. – Ele colocou a mão esquerda sobre a cabeça de Leilane e com a direita fez o sinal da cruz, dizendo: – Abençoado seja o seu leite, mulher, porque dele sobreviveu o saudável reino dos homens!

– Ih! A emenda ficou pior do que o soneto – disse Abigail, sorrindo. – Todas as suas palavras ainda estão menores do que a resposta da Leilane!

– As palavras ditas espontaneamente traduzem o caráter com transparência maior do que as palavras racionalizadas em esfarrapadas desculpas...

– Puxa, Bruna, você hoje tá afiada, hein?! – disse Leilane, admirada.

– Esse pensamento eu já havia elaborado quando ouvi o Maluf dizer: “Tá com vontade de fazer sexo? Estupra, mas não mata!” – falou Bruna, também rindo. – Depois, todas as desculpas que deu não valeram mais nada.

Sandro, que havia ajeitado umas caixas para subir e colocar outras nas pilhas mais altas, entrou na conversa:

– Não sei por que vocês acham que o leite da mulher não será comercializado no futuro! Até banco de esperma já existe. Se existe o banco, logo vira negócio! Se o produto dos testículos será comercializado, por que o das tetas não será?!

Esperto, Cisco não perdeu o gancho:

– Claro! Se já existe comércio de sangue e até de crianças, por que não haverá comércio de leite materno?!... Aliás, dizer que o leite da vaca não é leite materno é o mesmo que chamar a vaca de pai!

– Vocês avacalharam tudo, hein?! – protestou Abigail, brincando. Cisco defendeu-se:

– Eu não avacalho nada, só comento os fatos! A minha imprensa não é marrom, é transparente. O homem é produtor e produto no seu reino comercial de razão postiça! Eu sei que até o que começa com bons propósitos, com o tempo transforma-se em nojentos negócios. – Ele pegou uma caixa e entregou a Sandro sem parar de falar. – Em verdade vos digo: a prostituição não está só no sexo. Ela está nas mentes gananciosas e nas

mesquinhas salas de reuniões dos laboratórios, dos palácios e em todos os cantos do sótão do mundo! Já há gente que, ao perceber que possui dois rins, vende um... Isso não é prostituição? E veja bem: não é o aluguel de um órgão, é a venda!

– E viva o progresso! – gritou Sandro, já pegando outra caixa.

E assim, entre o movimento de homens e caixas, com Bruna atendendo no balcão vez ou outra, Abigail embalando o afilhado e Leilane “ordenhando-se”, a conversa transcorreu dos bancos de leite, esperma e sangue para barrigas de aluguel, comércio de crianças, placentas e outros órgãos, com a conclusão de que o corpo humano tornar-se-ia, no próximo milênio, um sério assunto de política econômica, jurídica e, naturalmente, policial. Sandro chegou a dizer que gostaria de estar vivo quando fosse inaugurada a primeira Feira de Miúdos e Matérias-Primas Humanas organizada pelos grandes laboratórios. Bruna, Abigail e Leilane exclamaram: “Argh!”

Foram interrompidos por dona Jandira, que chegou eufórica ao lado de dona Maria:

– Vocês ficam enfurnadas aí dentro, por isso não viram a mãe de vocês dançando!

– Mãe, a senhora dançou? – perguntou Leilane.

– Dancei! Vige, é bom demais! Há quase 30 anos que não balançava o esqueleto – falou a feliz dona Maria.

Surpresa e comovida ao ver prazer nos olhos da mãe, Abigail prometeu:

– Mãe, daqui algum tempo vou te levar num baile da terceira idade. Me cobre isso!

– Ei, já tratamos disso! – disse dona Jandira. – É só o Sandrinho crescer mais e a campanha acabar que eu e sua mãe vamos cair na gandaia!

Pouco depois, no banco de trás do carro, com o neto no colo, dona Maria ainda exibia nos olhos a felicidade de reviver um prazer de três décadas passadas. Ao volante, Cisco deu a partida, e do banco do carona Abigail acenou para Leilane, Sandro, Bruna, dona Jandira, Ricardinho, Luana e outros. Todos retribuíram o aceno como se ela partisse para uma lua-de-mel.

Foi Cisco quem pediu para dirigir o carro. Abigail percebeu que ele dirigia com pressa, sem filosofar como de costume. Ele incentivava dona Maria a falar dos bailes de outrora e ouvia a mulher com atenção, comentando sobre sucessos musicais e

costumes dos bailes de antigamente com a intimidade de quem tem conhecimento mesmo não tendo vivido a época. Se Abigail agora se surpreendia com um Cisco de nova faceta, compenetrado em arrancar de sua mãe remotas lembranças de coisas vividas, mais surpresa ficou com a própria mãe, que embarcou na curiosidade de Cisco e falou de coisas passadas em sua vida das quais ela não tinha conhecimento. Surpreendeu-se ainda mais ao saber que seus pais conheceram-se no Saldanha da Gama, num baile inesquecível de 1950. Censurou-se por não ter conhecimento de tal detalhe e não ter tido o interesse de perguntar e aguçar as lembranças da mãe. Percebeu que a convivência de tanto tempo não fora tão íntima e que a mãe lhe era uma desconhecida em coisas tão simples e tão importantes.

E a viagem prosseguiu, com Cisco transformando dona Maria numa tagarela, como se o passado contido nela tivesse esperado por muito tempo uma chave que lhe abrisse o peito e ela pudesse expor sua história, os bons momentos e os encantos da época de sua juventude. E assim fizeram uma longa viagem a décadas passadas.

Até que chegaram, e Cisco subiu as escadas com o carrinho e uma sacola, dona Maria com uma sacola de fraldas e as mamadeiras. Tudo coisas de Sandrinho. E o “paxazinho” subiu carregado no colo da madrinha, sorrindo para ela, como se dissesse: “A vida é bela!”

Cisco fez menção de ir para casa tomar banho e voltar depois para apanhá-la, mas ela o convenceu com o razoável argumento de que seria mais prático esperá-la e seguirem juntos para a casa dele. Dona Maria foi tomar banho, ela foi dar banho em Sandrinho e ele preparou café. Quando dona Maria voltou, Abigail lhe entregou Sandrinho para que ela lhe desse a mamadeira. Foi a vez dela banhar-se, deixando a mãe e Cisco voltarem à conversa anterior, enquanto Sandrinho estranhava o bico da mamadeira.

Foi uma ducha tensa, ansiosa e cheia de expectativas. Há dias vinha tomando pílulas. Estava prevenida. Mas será que era estrategicamente correto ir para a cama logo na primeira vez? Mas por ela já teria ido antes, ele é que não se pronunciara! Lembrou-se de William, o ancoradouro, e as noites de seus segretos fiascos. Naquelas vezes, ela não conseguira entregar-se e atingir o orgasmo. Será que só com cocaína gozaria novamente? Então orgasmos nunca mais? Essas dúvidas que lhe rondavam o

íntimo, ela não falara para Bruna e Leilane, no entanto eram mais incômodas para o seu universo psicológico do que as inseguranças que contara. E dessa, Cisco não tinha culpa. Relembrou item por item o bilhete dele: “Peço permissão para lhe fazer a corte.” “Se é permissão para fazer a corte, é um namorico de séculos passados e não um convite para ir para a cama”, ela pensou. Mas os versos continham diferentes intenções: “O prazer eu sinto em vê-la / Não tê-la é o meu tormento.” Tão fácil concluir o óbvio: “Ele me quer e eu o quero. E ponto final.”

Saiu do banho. Por sorte era prevenida e trouxera roupas para trocar, pois sabia que não viria da chácara com camiseta e bermuda limpas. Tão prevenida era que a calcinha que trouxera era uma das preferidas. Não trouxera sutiã, mas a blusa que usaria permitia que os seios ficassem livres sem que olhares inquisidores ou invejosos a julgassem uma desfrutável, coisa que ela gostava de se sentir mesmo não sendo.

Depois de inteiramente produzida, saiu do banheiro esforçando-se para demonstrar descontração. Ao entrar na sala, a mãe tinha ido ao quarto e Cisco estava com o afilhado no colo conversando:

– ... ele é um volante perna-de-pau e como quarto zagueiro você cobrirá os furos dele...

– Até parece que ele está entendendo o que você está falando!

– Claro que entende! Não entende as palavras, mas entende o sentido. Quando você começa a falar “que biitinho! Bidzi, bdzi, bidzi!”, ele entende que está diante de uma pessoa que não bate bem da cabeça!

– Quem não bate bem da cabeça é você, que conversa com ele sem simpatia nenhuma. Você é que não é entendido! Você tem que usar a linguagem da criança. Ele não entende.

– Como não? Vem ver!

Ela aproximou-se para olhar o afilhado e encostou-se nele esperando algum comentário sobre o perfume que exalava. Ele nada disse a ela e, olhando para o garoto, engrossou a voz, dizendo: “Teu pai é um volante perna-de-pau!”. A criança fez menção de chorar e ele a deu para Abigail, proferindo:

– Tá vendo como entende? Decepcionou-se ao saber que o pai é um volante perna-de-pau!

– Você assustou o coitadinho com este vozeirão! Você tem que se comunicar com as crianças de acordo com o seu tempo de vida.

Ela o embalou, caminhando para o quarto da mãe. Ele foi atrás dela, e quando se despediram de dona Maria, Cisco disse:

– Dona Maria, não se preocupe com o jantar de sua filha, porque vou levá-la para comer em casa.

– Pizza de novo? – perguntou a mulher, com o neto no colo.

– Não!... Eu espero que não – ele disse beijando dona Maria, e saíram.

Novamente ele pediu a chave do carro. Quando entraram, antes de ele dar a partida, ela notou o desconforto em seu semblante. Desconfortável também, e numa ansiosa expectativa, ela se manteve em silêncio. Cisco falou:

– Creio que, no bilhete, eu lhe expus o princípio e os fins, mas não falei sobre os meios, não é? – E deu a partida.

– Hum, hum... – Ela o olhou, olharam-se, e Abigail colocou-se na cômoda condição de ouvinte, não o ajudando em nada.

– A verdade é que preciso de você... É claro que você me atrai como a mulher que é, seu corpo me causa um desejo que poucas vezes senti por alguém. Mas também me sinto atraído pelo seu caráter, seu espírito, e isso me assusta...

– Assusta?! Eu te assusto?! – “Que cantada mais esquisita”, ela pensou.

– Calma! Eu sei que dizer isso numa situação dessas é estranho, mas prefiro ser sincero agora a criar ilusões escondendo a realidade. Se temos que principiar algo, que seja sincero para não se tornar um castelo de frustrações no futuro. O que começo, prefiro que seja transparente para a compreensão e para a confiança recíproca. Se as forças circunstanciais do destino, da natureza, podem transformar sonhos em pesadelos, eu procuro não contribuir e nem ser cúmplice. Por isso estou sendo sincero e...

– Olha, eu adorei o que você escreveu. Foi a cantada mais gostosa que recebi e a que mais esperei. Mas parece que você precisa de mim pra ouvir suas filosofias e para isso você já me tem... – Ela tentou ser espirituosa e percebeu que não foi, e por isso caiu numa incontida gargalhada, como lhe acontecia às vezes, quando se encontrava em situações embaraçosas.

Cisco também riu, só que descontraidamente. E ela percebeu, enquanto lutava para conter as risadas, que ele fazia rápidas manobras por entre ruelas, como se estivesse levando-a para um hospital para salvá-la de sua crise de riso.

Quando se recuperou, ouviu de Cisco:

– A piada não foi boa, mas a gargalhada foi a melhor que já ouvi!

Ela sorriu. Pegando um lenço de papel na bolsa, desculpou-se:

– Me perdoe. É que quando estou nervosa, às vezes me dão esses ataques malucos. E me desculpe, não falei aquilo por mal.

– Não se preocupe! Tá tudo bem. E você tem razão. Eu tenho uma personalidade discernidora e cautelosa em algumas circunstâncias que me levam a filosofar mesmo numa situação como esta. Vou tentar ser objetivo... Eu fui sincero naquilo que escrevi. Você acha que ali eu te pedia em casamento?

– Não. – Ela não precisou pensar para responder.

– Você acha que na brincadeira que fiz com relação a lhe fazer a corte eu estou lhe propondo um namoro do século passado?

– Claro que não! – Ela sorriu. – Nem se fosse uma freira pensaria isso.

– Naquele bilhete, então, está explícito que eu preciso de você apenas sexualmente?

Aí ela parou para pensar. E recordou-se do último verso: “Não tê-la é o meu tormento.” Impossível não entrever o apelo sexual contido, porém “ter” não significa só possuir sexualmente. Mesmo porque possuir alguém na cama também não significa “ter”. Até uma prostituta vende seus favores e não a si. Resolveu não esticar o raciocínio ao lembrar-se de que o censurara havia pouco nas suas filosofias. E foi evasiva na resposta, deixando para ele a conclusão:

– Aí, só você pode responder e explicar. Eu não sei.

– É aí que a coisa se complica, Abigail! Que eu te desejo e preciso do seu carinho é inegável. Desde que te visitei na clínica, passei a sentir essa comichão quando te vejo...

– Eu não percebi! Nós ficamos muitos momentos a sós e você não deu a entender isso.

– Procurei ser reservado porque se o teu corpo me atrai, o teu espírito me encanta. Então não é só teu corpo que quero.

Ela sentiu vontade de sentar-se no colo dele e beijá-lo, mas estavam num carro e ele descia a Avenida Bosque da Saúde numa velocidade considerável:

– O que eu posso dizer, Abigail, é que um princípio de romance nunca indica que fim terá. E, na maioria das vezes, o final não é agradável.

– Você não acha que é colocar o carro na frente dos bois principiar um romance pensando no seu final?

– Será que os finais ruins da maioria dos romances não ocorrem porque ninguém considera o fim quando os inicia?

– Mas por que pensar no fim se é tão bom quando está iniciando?

– Se é tão bom quando está iniciando, por que não pensar numa fórmula para que seu fim seja o mais distante possível?

– Você é jogo duro! A última palavra tem que ser sempre a sua – ela disse rindo, mas considerou razoável o que ele dissera.

– Não é isso. Eu estou te propondo um romance que gostaria que se prolongasse ao máximo. Mas não gostaria que esta amizade que nos une se acabasse por termos nos envolvido num romance. Isso acontece muitas vezes.

– Você está me propondo que a gente vá até as últimas conseqüências? Está me propondo casamento?

– Não estou te propondo casamento. Estou te propondo que tenhamos um namoro que nos dê chance de nos conhecermos melhor e até abra essa possibilidade.

– Ufa! Pelo menos a chance de te ver casado é possível. Imaginei que você tivesse a pretensão de passar pela vida como ermitão.

– Tem muitos ermitãos casados, Abigail. Muitos solitários juntos. E é esse casamento que não quero. Nós teremos muito tempo pra você entender o que penso sobre o casamento... O que eu quero é que o nosso caso não comece com os truques baratos de sedução. Prefiro as dores e chateações que a sinceridade causa do que as ilusões e desavenças tolas que a mentira traz.

– Você está pondo em dúvida a minha sinceridade?

– Não. Estou dizendo que os casais, em sua maioria, fazem o jogo falso para se seduzirem e depois ficam reclamando por não serem o que pensavam. Se você tiver que se decepcionar comigo, será pela franqueza. E não por mentiras que te diga por joguinho bobo de sedução.

– Você está a fim de ter um caso comigo ou está querendo me assustar? – ela riu de novo.

– O que eu quero é te prevenir. Te proponho e te ofereço bons momentos para nós, mas não te darei a eterna serenidade e nem a felicidade eterna. Mas não se assuste, se eu não te proponho o céu também não proponho o inferno. Apenas sou inseguro com os relacionamentos que principio. E com você, estou mais do que já estive.

– Você está inseguro?! Não acredito! – Ela achou mesmo difícil de acreditar.

– Abigail, você tem necessidade de casar. Pelo menos é o que você me demonstra... Eu estou sentindo que está chegando a minha hora. Só que eu acho que não é o homem que deve moldar-se à instituição; é a instituição que deve moldar-se ao homem. Portanto, nós teremos que nos conhecer bem para saber se o que começa agora tem futuro ou não. Eu não quero machucá-la. Se terminarmos, que seja numa boa.

– Assim como você e a Agnes terminaram. – Foi instintivo. Logo ela se arrependeu de colocar Agnes na conversa, que era só deles dois.

– Não se compare. Vejo você com outros olhos, mas não tenho condições ainda de te propor nada além de nos conhecermos melhor.

Chegaram. Ele parou o carro em frente ao portão e não desceu. Pegou suas mãos e falou:

– O que eu quero, Abigail, é que principiemos a relação abertamente. Sem truques de sedução bobos como a maioria principia...

“O amor marginalizou-se e só a justiça pode regenerá-lo.” Ela lembrou-se do pensamento que Cisco lhe dissera na casa dele. Era essa fórmula que ele estava aplicando agora. “Confiança e justiça em vez de amor de trapo e farrapo.” Assim ela entendeu a conduta dele. Mas compreendeu, também, que a excitação que os versos dele lhe provocaram agora estava mingando devido àquela conversa racional e metódica! “Peço permissão para lhe fazer a corte.” Ela lembrou. E se indagou: “Será que ele está lançando o namoro da era de Aquarius?” As mãos dela ainda estavam entre as dele. Abigail olhou-o nos olhos, comentando:

– Engraçado; nunca fui e nem ouvi dizer que uma mulher fosse abordada por um homem com estas condições para um relacionamento. Só não estou te achando um cara metido a gostoso porque você acaba de se confessar inseguro justamente no maior empecilho que existe entre nós!

– Se principiarmos o relacionamento de uma forma transparente, creio que é assim que vamos nos relacionar depois. Mas se iniciarmos já com desconversa, nós não vamos nos entender.

– Vai tomar banho e vamos conversar. Ou o encontro que você queria era ficar aqui no portão dentro do carro? – ela brincou.

– Não. Nós vamos sair. Se você quiser podemos ir a Moema, ao Barracão de Zinco, um restaurante dançante...

– Não, acho um desperdício. Eu não tenho cavaquinho e sou vulnerável a bebida ainda. Não quero ficar num lugar em que a bebida seja elemento importante.

– Então vamos jantar num motel.

– Jantar num motel?!

As mãos dele soltaram as de Abigail e pousaram nos ombros dela.

– É! Jantar num motel. Independente de qualquer obstáculo: ginecológico, psicológico, etc, um casal pode se trancar num quarto e esconder-se do mundo, como se estivesse numa igreja, e jantar, conversar e deixar tudo o que for bom para ambos acontecer. É uma sugestão.

Ela pensou se não estaria indo rápido demais aceitando, mas lembrando-se de desejos e oportunidades acontecidas e não concretizadas, deduziu que estava na hora.

– Tudo bem. Vamos a um motel – ela disse e aguardou um beijo.

– Ótimo! – ele aproximou os lábios dos dela, dando-lhe um beijo rápido, infinitamente aquém do que ela esperava.

– Você está bonita, cheirosa e gostosa. Eu estou empoeirado e cheirando a carne queimada e suor. Isso me causa a impressão de que você é intocável! Preciso de um banho pra me livrar dessa sensação de inferioridade.

– Exagerado! – ela disse. Pegou o livro dele no portaluvas, a bolsa, e saiu do carro.

Quando entraram na casa ela viu um violão em cima do sofá.

– Ué! Trocou o cavaquinho por um violão?

– Esse violão é meu há muito tempo. Eu havia emprestado para o seu Edgar porque o dele quebrou. Ele comprou outro e me devolveu.

– Então você toca violão também?

– Toco! O violão é mais intimista. Eu uso mais para compor ou tocar sozinho aqui em casa. Pra sair prefiro o cavaquinho. É o meu companheiro de farra!

Ela deu o *Rei de Ferro* a ele, e Cisco guardou o livro na parte inferior da cristaleira. Em troca, lhe deu outro.

– Este não vai te trazer prazer ao lê-lo, mas vai te trazer uma noção profunda sobre a sua existência e a vida em geral.

– É tão abrangente assim?

– É. Não precisa me entregar logo. Só não me dê sumiço nele porque é relíquia e muito importante pra mim.

Ela pegou a relíquia dele e leu a capa: Silva Mello – Da Academia Brasileira de Letras. *Eu no Universo*. Abaixo do título, uma pergunta: “Quem nasceu primeiro, o homem ou Deus?” Achou o título presunçoso e o subtítulo hereticamente ousado em sua indagação.

– É poesia? – ela o folheou e notou que não. – Ah, não. Eu nunca ouvi falar desse Silva Mello...

– Dr. Antonio da Silva Mello era um médico humanista com uma cultura considerável. Você vai perceber pela quantidade de assuntos que aborda. Ele publicou mais de uma dezena de livros e já foi traduzido para o espanhol, francês, inglês etc.

– Puxa! E como eu nunca ouvi falar dele?

– Porque os assuntos que ele abordava incomodam os ilustres defensores do status quo e da cultura de curral. São livros para os fundos das prateleiras das bibliotecas. Ele escrevia com os pés no chão e os homens que vivem com a cabeça na lua não gostam... O DNA cultural maligno é um gás que penetra em todos. O raciocínio alerta e bons livros são a única vacina. Principalmente livros que se chocam em opiniões divergentes. E que a gente entre no meio opinando. Esse é o método. Leia este livro e leia a Bíblia...

– Que implicância você tem com a Bíblia, hein?! – ela protestou, séria. Ele, agachado, mexendo nos livros da cristaleira, riu:

– Não é implicância. É apelo para se pensar!... Escute isso: William Jennings Bryan, que foi líder do partido democrático americano por um bom tempo e três vezes candidato à presidência dos Estados Unidos, participou do debate sobre a questão do ensino do darwinismo nas escolas. Ele era contra e quando foi indagado pelo juiz se realmente acreditava que Jonas foi engolido pela baleia, ele respondeu que acreditava porque a

Bíblia dizia que sim. Aí, o juiz lhe perguntou: se a Bíblia afirmasse que foi Jonas quem engoliu a baleia, o senhor acreditaria? Ele respondeu que acreditaria desde que estivesse na Bíblia. – Ela riu e ele continuou: – Abigail, nos Estados Unidos as testemunhas juram com as mãos sobre a Bíblia.

– Acho que foi por isso que ele não se elegeu nas vezes em que foi candidato!

– Porque ele não se elegeu eu não sei. Talvez tenha sido porque Deus não acreditou nele. E note que ele pertencia ao Partido Democrata de um país que se diz o mais democrático do mundo!... Eu não falo da Bíblia por tolice ou implicância. Acho que a Bíblia pode funcionar para as pessoas da mesma forma benigna que o copo de vinho do meu amigo japonês serve a ele. Algo que sirva como referência psicológica benéfica. Mas qualquer coisa que se fanatize vira besteira... Além do mais, já passa da hora de a humanidade questionar o DNA cultural que a influencia, separando o bom senso da ingenuidade primitiva.

– Você acha que esse político foi hipócrita ou ingênuo? – ela perguntou, já sabendo a resposta.

– Claro que hipócrita! Político sacana é como vendedor sacana que vende o que não tem, ou vende gato por lebre. A história prova que a religião misturada às coisas do Estado cria uma cultura calamitosa e ignorantista nas sociedades. Quem tem boa vontade intelectual e não tem o rabo preso com o status quo comprova isso com facilidade. Desde que se tenha o espírito livre para o discernimento, claro!

– Tudo bem, Cisco; você me convenceu! Vou ler este livro, vou ler a Bíblia e tudo a que tenho direito!

– E eu vou tomar banho. Ouça um disco. Se quiser comer, tem bolo e leite na geladeira. Ah, tem suco também. Fique à vontade.

– Tá legal.

Ele entrou no banheiro e ela foi à geladeira pegar o suco. Pensou que acabara de receber uma proposta de romance sem a promessa comum de “viverem felizes para todo o sempre até que a morte os separe”. Seria um bom início?

Pegou a jarra, encheu um copo, experimentou e gostou. Acerola com laranja. Foi até os discos, disposta a escolher algo de acordo com seu estado de espírito. O busto de Nara Leão destacou-se. Não porque queria ouvi-la no momento,

mas pelo olhar. Pegou o disco para olhar atentamente a capa. A pele morena coberta por um tecido vermelho e os lábios tipo alto-relevo chamavam a atenção. Mas os olhos preponderavam sobre o todo. No olhar transparecia ternura, mas ao mesmo tempo firmeza e lascívia de uma fêmea consciente. Olhou a contracapa, conhecia algumas músicas e outras não. Não gostava da voz pequena da musa da bossa nova, mas gostava de seu repertório. Resolveu ouvir. Colocou-o para tocar.

Sentou-se no sofá e pegou o livro que ele lhe emprestara. Abriu a esmo e leu: “... É ainda e sempre a fantasia, a imaginação, a velha tradição escolástica que domina, sempre cheia de misticismo e pretensões, do inacessível desejo de sermos grandes, importantes, divinos. O que há ainda é que não aceitamos o fato de sermos tão insignificantes, uma partícula ridícula dentro do imenso e incompreensível Universo. Daí provavelmente a nossa revolta, o nosso sofrimento, o impulso que nos afasta da realidade, talvez como uma reação engendrada pelo nosso amor próprio e o nosso orgulho quase infantil. Queremos colocar-nos, assim, fora da série animal, num lugar de exceção, acima do que a natureza comanda e impõe. Pobres de nós, vítimas de nossas vaidades, da nossa ignorância, da nossa ilusão!”

Abigail gostou do estilo do autor, claro e facilmente compreensível. “Esse assunto é a cara do Cisco”, pensou, e continuou a leitura: “Precisamos libertar a nossa visão, olhar o mundo de olhos bem abertos, mesmo sem poder compreendê-lo e explicá-lo, pois estamos diante de uma realidade demonstrável, concreta, indiscutível. É dela que devemos partir, procurando dentro dela o significado da nossa vida.”

“Já é extraordinário que tenhamos chegado lá, que possamos reconhecer a nossa ignorância e a nossa insignificância, sendo absurdo querermos escondê-las, disfarçá-las à custa de subterfúgio e manobras intelectuais, sempre por demais falsas e artificiais. Chegou o momento de dar-nos conta do valor das cartas, de desistirmos de truques e trapaças nesse jogo tão real e positivo. No entanto, é isso que ainda está acontecendo freqüentemente com não poucos filósofos e pensadores da época atual, que procuram ganhar a partida apesar de estarem violando as regras do jogo. Não será por esse caminho que poderemos chegar a resultados favoráveis dentro do grande panorama! Hoje, dispomos de outros recursos de orientação e reconhecimento das realidades cósmicas, sendo las-

timável que prossigamos trabalhando dentro de territórios falsos e artificiais, como velho instrumento espiritual vindo de séculos e milênios passados...”

“Meu Deus! Não é à toa que este livro é uma raridade”, pensou Abigail, pasma. Interessou-se pelo livro e até esqueceu que Nara Leão cantava. Parou pensando no que lera, refletindo sobre os seus valores e sobre o que Silva Mello dizia, procurando encontrar a realidade no meio de tudo aquilo. Prometeu a si mesma ler o livro atentamente e com profunda reflexão. Abrindo-o novamente, leu: “A influência do subconsciente sobre o consciente é de tal ordem que não é raro as nossas idéias e convicções acompanharem ou obedecerem a esse mecanismo de formação...” Aliviou-se por encontrar páginas que não se preocupavam em atacar a religião. Pulou algumas linhas e continuou a leitura: “Aliás, do lado social, político, profissional, verificam-se fatos da mesma natureza, traduzindo idênticos imperativos. Liberais, democratas, socialistas podem obedecer a motivos justos, razoáveis, lógicos, compreensivos, aceitos e defendidos por espíritos dos mais lúcidos e normais. O mesmo não acontece, porém, quando o indivíduo faz parte de partidos políticos ou de qualquer outra natureza, sendo freqüentemente conduzido pelo sentimento e a emoção. Nesses casos, não é raro servirem-se de símbolos externos, superficiais, até ridículos, que podem tomar significação ritual de extrema importância...” “Será que ele não se filia ao PT por pensar assim?”, ela se indagou e leu outras linhas: “O mais extravagante neste conjunto é de, mesmo nas reuniões sem gravata e em mangas de camisa, aparecerem as senhoras, em toailete de grande luxo, não raro cobertas de jóias de grande valor. Isso mostra quanto o subconsciente pode dominar o consciente, agindo a mulher de maneira mais biológica e natural, sem dúvida partindo de tendências mais profundas e remotas. No homem essas propensões são mais dominadas pela razão, que encontra subterfúgios e simbolismos para traduzir sentimento e convicções. Estão percebendo até onde podem levar a política e o partidarismo os seus adeptos? É de estranhar que eles, depois de alcançarem o poder, tornem-se ditadores, até dos mais brutais e miseráveis, como aconteceu com Hitler e Stalin?” “É de um livro assim que preciso pra compreender melhor os bastidores políticos!”, pensou Abigail. Convencida disso, ela folheou mais: “A verdade, a justiça, a dignidade não são noções vazias e artificiais, em-

bora até agora por demais violadas e sofisticadas. São valores que devem possuir um fundo mais consistente, mais imperativo, talvez de caráter orgânico, biológico, partindo dos instintos que os souberam criar. É o que temos procurado investigar mais profundamente, inclusive em relação ao direito e à moral. Se a moral e o direito existem é porque deve ter havido motivações para a sua criação, daí derivando os preceitos de todas as religiões e de inúmeras determinações legais. O direito romano, por exemplo, estabelece o preceito de ninguém dever causar danos aos seus semelhantes, enquanto as religiões prometiam aliviar e suprimir sofrimentos, podendo se alcançar a felicidade graças ao auxílio da divindade.”

“Até agora, a tendência tem sido para se acreditar que esses sentimentos são criação exclusiva do ser humano, apesar de ser fácil demonstrar terem eles origem animal, provindo de uma continuação progressiva e ascendente, que atingiu no homem a sua mais alta expressão. Mais tarde entrou em jogo um outro fator, a inteligência consciente do ser humano, que tem contribuído enormemente para o desvio e o desnaturamento desses valores primitivos. Se procedem esses sentimentos dos animais, não há dúvida de que têm sido eles profundamente desvirtuados pelas nossas crenças, dogmas, superstições, provindo tanto da magia e das religiões, quanto das filosofias, da política e de outras organizações sociais. Isso tem ocorrido pra conservar o ser humano num estado de perpétua escravidão, da qual, certamente, ele não se dá conta suficientemente. Criamos novos tabus, metemos o ser humano em novas camisas de força, em geral sugerindo-lhe que isso representa o seu ideal e sua libertação. Pobre ser humano que atravessa ainda fase de tanto atraso e superstição!...”

Ela fechou o livro, espantada: “Meu Deus! A alma dele está neste livro!” Abigail guardou o livro na bolsa com cuidado, como se realmente a alma de Cisco estivesse enclausurada naquele objeto.

Bebeu o último gole do suco, depositou o copo na mesinha e relaxou no sofá. Ficou um bom tempo ouvindo Nara Leão, mas sem atentar para o que ela dizia em seu canto, até que a voz da musa da bossa nova sumiu e ela levantou-se para virar o disco. Ao mesmo tempo ele saiu do banho e abriu a porta do banheiro envolto por uma toalha que lhe cobria o baixo ventre. Os pelos do peito molhados e os cabelos brilhantes e em desalinho deram a ele uma aparência sensual e agradável.

– Dá um tempinho! Juro que demoro menos do que uma noiva! – ele disse, e entrou no quarto.

– Tudo bem – ela falou, pensando: “Que peito bonito.”

Virado o disco, Abigail apanhou o violão sobre o outro sofá, sentou-se e fez pose de “Joana Gilberta”, cruzando as pernas e dedilhando o instrumento. Não gostou do que produziu. Lembrou que se quisesse dominar o instrumento teria de cortar as unhas. Desistiu. Levantou-se para colocar o violão no outro sofá e, ao virá-lo, notou que havia algo escrito nas costas, talhada a canivete, talvez. Leu: “As pessoas gargalham superficialismos; eu penso na vida. As pessoas oram lamentos e angústias; eu penso na vida. Eu penso na vida e a canto por ser um apaixonado por ela!” “Isso é típico dele”, ela pensou. O pensamento, o peito, o livro; coisas de Cisco que bailavam em seu cérebro. O mundo de Cisco, a vida de Cisco, os sonhos, o sexo, tudo estava acontecendo para mesclar-se à sua vida, seus sonhos, seu sexo, seu mundo. Como Agnes partilhara... De repente a voz pequena de Nara misturou-se à voz forte de Fagner. Envolvida em seus devaneios, ela nem atentara para a música anterior. A entrada de Fagner cantando em dueto com Nara a fez prestar atenção à música e à letra: Uma parte de mim é todo mundo / Outra parte é ninguém, / fundo sem fundo / Uma parte de mim, é multidão / Outra parte estranheza e solidão / Uma parte de mim pesa e pondera / Outra parte delira / Uma parte de mim, almoça e janta / Outra parte se espanta / Uma parte de mim é permanente / Outra parte se sai de repente / Uma parte de mim é só vertigem / Outra parte linguagem / Traduzir uma parte noutra parte, / Que é uma questão de vida ou morte: / Será arte? / Será arte?

A música acabou, e ela dirigiu-se ao aparelho para repeti-la. Sentou-se novamente, e Cisco saiu do quarto.

– Estou pronto. Vamos?

– Vamos. Mas espere eu ouvir esta letra de novo.

Ele sentou-se calado. E calado ficou, até a música terminar:

– “Traduzir-se” é o nome dela. A letra é do Ferreira Gullar e a música do Fagner.

– Interessante. Gostei... Mas será arte? – ela perguntou sorrindo. E ambos se levantaram.

– Viver é uma arte e traduzi-la não deixa de ser. Nesse sentido, talvez seja uma arte religiosa. Uma arte religiosa que, para sua compreensão, necessita da ciência. E ambas para se-

rem criadoras e compreendidas precisam interpretar, traduzir a vida e seus mistérios, o que é uma arte... – ele tomou o rumo filosófico, mas ficou de frente para ela e, abraçando-a, mudou o rumo da conversa: – Mas isso tem importância menor no momento. O importante é que minhas duas partes necessitam de você inteira.

Beijaram-se. Primeiro roçando os lábios levemente, como crianças aprendendo a arte, mas logo ela sentiu sua boca invadida pela língua dele e os lábios se amassaram, com as línguas se enroscando em carícias lambuzadas e sensuais. O calor do corpo dele penetrou-lhe os poros e o perfume da loção após a barba penetrou-lhe as narinas como se fosse um gás hormonal estimulante. Seus sentidos reagiram com desejo, e os corpos colaram-se como que imantados.

Desligaram-se do beijo sem se desligarem do abraço, e ele lhe disse no ouvido:

– Vamos, enquanto ainda tenho forças para ir.

– Vamos. Deixa eu ir ao toalete – ela respondeu, e separaram-se.

Retocando o batom, ela sentiu que em momento algum, desde que saíra da clínica, havia sentido a compulsão pelas drogas de maneira tão forte como naquele instante. Na verdade, até aquele momento, ela só havia sentido vontade de beber, motivada pela estimulação de ver os outros bebendo. Lembrou-se das conversas em reuniões de reforço na clínica, quando ouvira algumas vezes que “o desejo sexual e a necessidade de procurar companhias afetivas é um perigo para recaída”. Quando ouvira isso não dera muita atenção, porque havia mentalizado que não frequentaria mais barzinhos e nem se colocaria à disposição de namoricos esporádicos. Mas como idealizar não é precisamente comandar o destino, ela não escapou inteiramente da profecia psicanalítica que ouvira na clínica. Não estava num bar e nem se abrindo para um namorico inseqüente, no entanto a sede imprópria, a fissura, que se mantivera quase em estado de latência até aquele momento, agora latejava exigente em suas entranhas.

Procurou relaxar: “O afeto é superior a um orgasmo. Deixe o afeto fluir que ele não depende de causas físicas.” Ela, assim pensando, lembrou-se de Bruna: “Tenho certeza que ser solidária ao Cisco não dói e dá prazer, pelo menos espiritual.” Concluiu: “Eu o desejo e o amo; se há solidariedade nisso, é de mão dupla.” Resolveu deixar-se levar por Cisco e deu graças a Deus

por ele não estar bebendo e ter autocontrole sobre o mal que também era dela. A consciência de Cisco sobre os males do alcoolismo lhe seria útil, afinal, pessoa que não vivesse o problema dificilmente teria sensibilidade para compreendê-lo, e isso a deixaria mais frágil do que estava se sentindo.

Mais uma vez foi Cisco quem assumiu o volante e deu a partida.

– São sete horas. Você tem coisas pra aprontar pra amanhã?

– Só tenho que passar roupa. Mas é pouca coisa... É você que passa suas roupas?

– É, mas não gosto! Eu demorei para me trocar porque tive que dar uma alisada nesta camisa, que estava mal passada.

– É bonita esta camisa!

– Obrigado. Das que tenho é a que mais gosto. Só uso em ocasiões especiais...

– Ah, é? E hoje é uma ocasião especial? – Ela levou a mão à nuca de Cisco, acariciando-a.

– É, Abigail. Tanto é que estou me sentindo como uma criança num momento de satisfação.

– Fico feliz por fazer parte. Eu também estou me sentindo assim.

– Estou feliz, estou satisfeito e me sentindo bem, mas não esqueço que o prazer tem troco...

– Não é possível! Você diz que está feliz, mas está antevendo problemas para o futuro?!

– Claro, Abigail! Quando um homem e uma mulher principiam um relacionamento, é imperativo que tenham consciência de que o amor é uma medalha completa, vem com verso e reverso. E tanto o bom quanto o ruim se duplicam, porque é a união de dois corpos com lados bons e ruins...

– Você é impressionante! Você morde, assopra, dá beijinho e morde novamente!

– Não sou eu, meu anjo! Sou apenas um fiel leitor das linhas da vida. Eu não deturpo as palavras que ela escreve, leio procurando a interpretação correta.

– Não acredito! Como é que pode? Isso é o mesmo que gozar pensando na dor do parto!

– Parabéns, é isso mesmo! A vida é assim, e o resto é satisfação fantasiosa. “Se queres viver em paz, esteja preparado para a guerra.”

– Você está me levando para um campo de batalha ou para um motel?

– Se você pensa que num campo de batalha o amor e todos os sentimentos benignos não acontecem, está enganada. E se pensa que numa cama o ódio e os sentimentos malignos não nos rondam, está muito mais enganada. Onde houver ser humano, haverá todos os sentimentos...

Filmes de guerras passaram-lhe pela mente e ela registrou várias cenas de amor, solidariedade e outros sentimentos bons. Tramas e maquinações de alcova também lhe passaram pela mente.

– Você me surpreende...

– Não se assuste com o que eu falo. – Ele a olhou sorrindo e simulou um beijo, comprimindo os lábios numa leve sucção. – Te acho sensível e inteligente; mas acho que você vê a vida com os olhos culturais do mundo retórico e eu quero quebrar estes óculos.

– Pretensioso! – Ela pressionou-lhe a nuca.

– Isso não é pretensão, é autodefesa contra o poder castrador do DNA cultural maligno. E com relação a você, é porque te quero bem!

– Isso é pretensão, sim! Aliás, uma pretensão com acentuado acúmulo de loucura. Imagine, querer mudar o mundo!

– Eu não quero mudar o mundo. Apenas faço parte do pequeno número de homens que questionam as influências nefastas do DNA cultural maligno sobre o prazer de viver. Por exemplo: eu acho que as famílias são aglomerados de pessoas que fingem não serem estranhas, mas são! Creio que haja tantos segredos entre marido, mulher, pais e filhos que o lar se torna uma sala de esporádicas reuniões para desconversas estressantes. Acho que a convivência familiar poderia ser mais transparente e compreensiva se abolissem a idéia de pecado que obriga todos a se protegerem com o escudo da hipocrisia. Acho que seria menos neurotizante porque a relação seria mais afetuosa. O que você acha?

– Ah, eu acho que você seria um ótimo marido se parasse de pensar no casamento dos outros e pensasse no seu.

– É por pensar no meu que eu penso no dos outros, e por pensar no dos outros, fico inseguro com o meu. Por isso, o meu só acontecerá se for diferente do casamento dos outros.

Ele agredia a certeza, mas não matava a esperança. Agia como se pretendesse transformar-se numa nova divindade com

intenções de mudar o eixo cultural do mundo. No entanto, confessava-se inseguro para tomar uma atitude que a maioria assume ainda jovem, sem muitos conflitos e até com alegria e festa nas igrejas, cartórios e salões.

Ela também se escudara no raciocínio antimatrimonial durante muito tempo. Mas a sua posição acontecera por colocar sua ascensão profissional e social – que fora prejudicada pelo seu envolvimento com as drogas culturais e físicas – como prioridade sobre a condição de mãe e esposa. Agora, talvez premida pelo tempo que lhe cobrava, “ou é logo ou nunca mais”, os valores maternal e familiar assumiam preponderância sobre seus outros desejos. Não abdicava de seu sonho de poetisa e do diploma universitário, mas eram agora desejos de influência menor na escala de valores do seu íntimo. Ele não, o seu bloqueio com relação ao casamento dava-se por questionar a instituição e, quem sabe, por insegurança com relação ao futuro, já que seu temperamento o levava a “nadar contra a maré” dos valores culturais que ele não assimilava. “Que futuro profissional e social pode ter um camelô?”, ela indagou-se. E respondeu com outra pergunta: “Que futuro social e profissional terá a humanidade daqui a alguns anos?” Deu razão a ele, que havia dito que “o futuro não se lê, o que se lê é o passado. O futuro se planeja, lendo-se o passado”. E essa lembrança levou-a a perguntar-lhe com objetividade:

– Você já parou pra pensar que essa dúvida que você tem com relação ao casamento seja motivada pelo fracasso do casamento de seus pais?

– Já! É claro que tem influência. Eu penso o seguinte: eu gosto da liberdade, e a liberdade dentro do esquema social não passa de uma fantasia, um discurso ilusório. A liberdade das boas famílias estampa-se no verso do Raul Seixas: “Ir ao zoológico dar pipoca aos macacos.” Mas também não quero ser uma cópia do meu pai, que gozou de uma liberdade inconseqüente e desrespeitosa e enclausurou minha mãe numa vida deprimente. Meu pai era descontraído e feliz porque só cuidava de si. Vivia sem raiz, satisfazendo-se, despreocupado com quaisquer valores sociais e humanos. Se era feliz realmente eu não sei. Como disse Simone de Beauvoir, felicidade não tem peso e nem medida. Mas meu pai demonstrava isso. Ele era como as instituições, que só raciocinam para defender a própria existência. Eu não quero ser vilão e nem vítima nesta

viagem pela vida. Não quero negar aos meus instintos a satisfação e nem viver a tradicional hipocrisia dos casais, ou ser um controlador de pessoas...

– Mas você gosta de crianças e acho que você gostaria de ser pai. Não gostaria?

– Sou a favor do planejamento familiar, devido à superpopulação. Sou a favor da adoção, não só para equilibrar as injustiças sociais, mas também para que o tutor seja feliz por distribuir afeto. E tenho certeza que um filho me faria feliz e me daria um rumo muito interessante na vida, e me colocaria em harmonia direta com ela...

– Mas sem casamento?! Só se for um pai independente!

– E por que não?! Se já tivesse uma vida equilibrada e condição financeira estável, poderia adotar uma criança.

– Ah, mas aí não seria um filho biológico. Não teria o seu sangue!

– Abigail, o instinto sexual é forte em mim, o instinto maternal é fortíssimo em você. Um homem não dá à luz, portanto essa racionalização tipo “sangue do meu sangue” está mais pra “brasão do meu brasão”, “nome do meu nome”!... Os nobres escravagistas de tempos atrás chegavam a odiar suas esposas se não lhe dessem os filhos varões; no entanto, muitos deles tinham filhos com escravas, filhos machos! E não estavam nem aí com esses varões. O efeito psíquico do instinto reprodutor no homem e na mulher são diferentes. O homem aprende a amar pela convivência, não pelo nascimento! Portanto, este papo de “sangue do meu sangue”, para o homem, não passa de uma racionalização folclórica distante do instinto masculino. Vejo assim: tenho certeza de que poderia amar uma criança adotada e não sentir o amor paterno por um filho que não convivesse comigo. Analise o relacionamento do leão e da leoa e dos outros animais em geral: os macaquinhos se agarram mais ao cangote das macacas do que ao dos macacos. Somos iguais!

– É, vocês machos nasceram com espírito e instinto de porco!

– Reclamações deste tipo, só no último andar do infinito!

– Seu cretino! Esse seu chavão é cruel!

– Ele apenas retrata a realidade, sem o véu das racionalizações fantasiosas! Não nasci mulher, mas não seria infeliz se acontecesse. E se nascesse barata também não seria infeliz. Tenho certeza!

– É! Mas esse chavão não tem muito valor diante das questões legais numa sociedade civilizada. A lei não vê instintos, a lei vê direitos e deveres!

– Sem querer você colocou a frase corretamente. A lei vê direitos e deveres, mas não os pratica corretamente, porque não vê e desconsidera os instintos que são princípios humanos indispensáveis para se começar a entender os princípios da existência. Os instintos não têm classe social... Mudando o rumo da conversa, sem sair do assunto: você sabe por que a mulher americana é poderosa nos Estados Unidos?

– É piada? – ela perguntou imaginando ser uma charada humorística.

– Considerando que a mulher americana afastou seus instintos da relação com a naturalidade da vida e sobrecarregou-se de tarefas artificiais, o poder delas é uma piada.

– Não, não sei!

– Porque na colonização americana, a diferença entre a quantidade de homens para mulheres era enorme. Pra se ter uma idéia, na Califórnia, em 1850, havia 200 mil homens e 1500 mulheres. Em São Francisco, havia uma mulher para 150 homens. Aqui, os portugueses copulavam com negras e índias, mas os brancos americanos não eram a favor da mistura...

– Nossa, coitados dos homens! Devia ser uma briga entre eles para conseguirem uma...

– Há estudiosos que crêem que a violência do faroeste tinha como fundamento maior a escassez de mulheres. Dá pra se pensar que as corridas do ouro eram na realidade uma subjetiva corrida atrás de mulher. Com ouro nas mãos, mulher não faltava. Por aí, é possível analisar o porquê da supervalorização da mulher nos Estados Unidos e o artificialismo no seu comportamento, e principalmente porque as leis americanas são, às vezes, absurdamente injustas no relacionamento entre os sexos. A mulher americana é calculista e coloca o poder acima dos prazeres naturais que a vida nos dá. Eu creio que a mulher americana é a que mais se afastou da naturalidade de estar vivo... Não é à toa que um país riquíssimo e cheio de recursos tenha problemas culturais graves e violência crescente. Isso tem raiz...

– Ah, e você acha que a mulher é a culpada, e os políticos não?!

– As mulheres americanas têm uma influência fortíssima na política do país... Eu veria nisso uma virtude, se a intenção fosse virtuosa! Mas não passa de um infrutífero jogo de poder.

– Esse seu argumento cheira a mulheres no fogão!...

– Há mulheres no fogão que também são cheirosas. – Ele sorriu. – Mas você sabe que não penso assim. Eu sei que nos grandes restaurantes internacionais, a maioria dos homens coloca milhares de mulheres no chinelo. E sei que há mulheres dirigindo grandes restaurantes com competência. Acho que o que importa é a competência e o prazer de se exercer a função. É nesse sentido que o trabalho dignifica! O trabalho sem prazer danifica... Mas pense o seguinte, Abigail: deixe de lado a exceção, analise a regra e você perceberá que a liberdade conquistada pelas mulheres no mercado é falsa. As mulheres apenas angariaram mais funções e responsabilidades, sem a justa compensação. E isso é ruim para as sociedades porque filhos de mães neuróticas são inspirados à barbárie...

– Não entendi Cisco; se isso acontece com as mulheres do mundo todo, por que você colocou a mulher americana como exemplo?

– Porque o comportamento americano influencia boa parte do mundo ocidental com seus filmes, livros, músicas etc. E a mulher americana é exemplo para muitas jovens do mundo... Veja bem, não estou dizendo isso como condenação à mulher americana e ao povo americano em geral; lembre-se de que somos filhos das circunstâncias culturais que nos formam ... Eu acho que a mulher americana cairá em si daqui algum tempo. Mas eu gostaria que as mulheres brasileiras comesçassem a raciocinar a justiça como valor maior do que a luta por espaço e se conscientizassem de que o acúmulo de funções não é útil para o bem viver. A mulher americana, me parece, se tornou mãe do pai, mãe do marido, do amante, do vizinho... E isso não leva a nada...

Repensando a vida. Era essa a forma de Cisco viver. Na visão de Abigail, o senso profissional, os modismos e tantos outros mecanismos do cotidiano moderno eram substituídos, nele, por novos conceitos de vida. Seu modo de pensar o novo tinha por base o mais remoto princípio: a origem humana, a origem da vida, as primitivas raízes... Ele não pensava em novo caminho, pensava em reforma cultural, por isso defendia a democratização do ensino.

Procurando compreender a alma de Cisco, ela calou-se e se recolheu nos pensamentos. Algum tempo depois notou que ele entrara na Avenida Ricardo Jafet, safra, fizera um contorno e vol-

tara a ela por outra mão. E de repente entraram no motel luxuoso que lhe chamara a atenção quando foram a Campos do Jordão.

– Aí deve ser caro! – ela comentou excitada.

– Não se preocupe. Não sou acostumado a fazer extravagância com minhas economias, mas há momentos em que elas fazem bem! Além do mais, outro dia você até virou o pescoço pra olhar aqui.

– Ah, a fachada me chamou a atenção, mas eu não me interessei em entrar em todos os lugares que acho bonitos.

– Escute, eu não sou maluco de acabar com as minhas economias porque sei que se acabar, corro o risco de parar numa calçada; se eu vim aqui é porque estou podendo.

– Tudo bem. Mas então ajudo numa parte.

– Nada mais justo! Gosto de mulher que sabe que o dinheiro alheio não é capim – ele disse, parando o carro atrás de outro que ocupava o guichê, e sorriu: – Mas hoje quem paga sou eu. Quando houver uma oportunidade, você paga uma viagem à Ilha de Bali.

– O que tem lá de especial?

– Lá eles desfrutam de uma convivência interessante que eu gostaria de conhecer. Eles têm uma forma religiosa de viver que me chama a atenção.

– Eles são muçulmanos?

– A maioria dos indonésios é, mas em Bali não. Praticam o hinduísmo, mesclado com a doutrina animista... Eu gosto da sua filosofia de vida. Não se perdem entre a pompa e o nhenhê. Preocupam-se com a melhor forma de viver e conviver com alegria. Mas é a nossa cultura que vai prevalecer no mundo porque o sangue do deus Money tem poder! Até Cristo sabia disso e Maomé também. É uma pena...

Passaram pelo guichê e foram em frente. Cisco abriu a porta e Abigail entrou na suíte. O jogo de espelhos lhe trouxe à lembrança a última vez em que estivera com Paulo Sérgio, no fatídico dia do quebra-quebra geral. Procurou apagar o filme da memória.

– Nossa, que lindo é aqui!

– É bonito, sim. Mas não passa de uma moldura para uma bonita tela. A tela é você! – ele disse, trancando a porta.

– A tela somos nós dois, porque nós estamos no interior da moldura. – Ela imaginou ter definido o quadro melhor e retribuído o galanteio.

– Na verdade, tanto a tela quanto a moldura são matérias que encantam o Universo visual – ele disse, já a abraçando –, mas o encanto maior está no universo abstrato, invisível, de sentimentos e instintos. No amor, no desejo... É por eles que estamos aqui...

Beijaram-se com maior intensidade do que o beijo anterior. Ela sentiu o corpo pulsar como num apelo de carência e de posse. Deixou-se levar, estava tensa. Sentiu um arrepio quando ele beijou-lhe o pescoço e deu-lhe uma mordidela no lóbulo da orelha, dizendo: “Quer retocar o batom?”

Ela conteve-se para não ter outro acesso de riso. Mas sorriu e ele também.

– O que você tem contra o batom? – ela perguntou.

– Nada! É apenas uma figuração feminina, do tipo “tirar água do joelho”, “caiu um botão no banheiro”...

– Você fala tanto nisso que me dá a impressão que não gosta de batom.

– Bom, eu acho que deveriam variar mais o tempero! Por exemplo: um batom com gosto de alho seria exótico...

– Prefiro ouvir suas filosofias à suas piadinhas! – ela caminhou para o toalete, rindo. – Eu volto já!

– Eu espero! Não vá me abandonar no altar!

Pouquíssimas vezes ela entrara num quarto com um homem sem que ambos se despissem freneticamente, indo direto para a cama. Na verdade, que ela se lembrasse, isso só acontecera nas vezes em que saíra com William, o ancoradouro. Pensou que Cisco falava muito em instinto mas não os liberava indiscriminadamente. Não compreendia direito se estava sendo tratada com o devido respeito ou se havia um exagero de respeito por parte dele. Desejava-o muito e a expectativa deixava-a mais confusa. Sentia-se a adolescente da primeira vez. Só que, no momento, estava longe da adolescência, da virgindade, e seu cérebro havia experimentado as malditas drogas. Como adulta, salvo os fiascos com William, era a primeira vez que iria fazer sexo com a mente totalmente “limpa”. Despiu-se, ficando só de calcinha, e envolveu-se na toalha. Ia sair, viu creme dental e escovas sobre a pia, escovou os dentes rapidamente. Saiu e conteve o espanto. Cisco estava descontraidamente nu, ajeitando suas roupas sobre uma poltrona.

– Não estranhe eu estar assim, porque foi assim que eu nasci e esse estado foi um dos prazeres que me tiraram – ele

disse, já caminhando em sua direção. Deu-lhe um beijo rápido dizendo: – Vou pegar papel higiênico.

Ela foi para a cama, livrou-se da toalha e enfiou-se sob os lençóis. Ele voltou com o papel higiênico, andando com desenvoltura, como se caminhar nu fizesse parte de seu cotidiano. Não havia na memória dela nenhum homem que andasse com o pênis flácido, exposto, sóbrio e com semelhante descontração. Ele depositou o papel higiênico junto aos invólucros de camisinhas no console ligado à cama e lhe fez companhia debaixo dos lençóis.

– Eu ia preparar a hidro, mas acho melhor deixar pra depois. Estou mais interessado em lhe fazer uma massagem e contar uma história sobre um dependente que broxou...

– Você é massagista?

– Curiosamente sou um curioso!

– Que história é essa de dependente que broxou?

– Vire-se, eu vou lhe contar.

Ela virou-se de bruços. Estava confusa. Deixou-se levar. Ele alçou-se sobre ela, ela sentiu seus dedos pressionando a omoplata. “Meu Deus, ele é impotente”, pensou. Procurou não tirar conclusões precipitadas. Tentou relaxar. Ouviu-o.

– O dependente que broxou misturava bebidas e mulheres com muito prazer. Começou a beber cedo porque cedo conheceu o sexo, mas não conheceu formas de lidar com as emoções. Insegurança, timidez e as cobranças culturais para que o macho seja macho exigem auto-afirmação e a bebida é uma das vitaminas para isso. Durante sua juventude, satisfiz seus instintos regando-os com bebida, música e cama. Só que não satisfiz o seu equilíbrio psíquico, e já quase na entrada da meia-idade percebeu que era um dependente... Por algumas vezes tentou brigar contra sua dependência, mas a procura de mulheres e a frequência de festas e bares onde elas se encontravam tornavam inevitável a recaída...

Ele desceu as mãos para o seu dorso, e desceu o corpo mais para baixo, e na manobra ela sentiu “as partes” moles dele roçarem-lhe as nádegas sobre o tecido da calcinha. Ele continuou a pressionar levemente os dedos sobre partes de suas costas e continuou o relato:

– Até que o dito-cujo, um dia, percebeu que deveria se auto-avaliar com profundidade e mudar sua forma de encarar

a vida sexual, pois percebera que além de dependente alcoólico estava se tornando um dependente do sexo. Estava transformando o prazer da satisfação de um instinto em vício. E concluiu que só se reequilibraria psicologicamente abstendo-se de dois desejos compulsivos: a bebida e o sexo. E a vida dele mudou! Começou a produzir mais e, já que ganhava por comissão, passou a ganhar mais. Não procurava mulheres, e com isso gastava bem menos. Preenchia seus momentos de lazer com leitura, e a falta de mulher, com o cavaquinho e esporádicas masturbações quando o corpo e a mente exigiam...

Abigail virou-se a meio corpo e, fingindo-se surpresa, perguntou:

– Você está falando de você?!

– Claro! A história mais verdadeira que podemos contar é a da nossa vida. E, assim mesmo, faltando com a verdade em muitas situações, por mais honesto que se queira ser...

Sentiu pena dele. Ela lhe dera todos os sinais de que o queria quando ficaram a sós na casa dele. A impotência explicava a atitude, indiferente. Ela pensou que ele agora lhe fazia massagem não por ela, mas por ele. E a conversa do momento, o rodeio nas atitudes serviam apenas para justificar a impotência, a vergonha do homem!

Resolveu encarar a situação objetivamente e dar a ele todo o carinho e compreensão como mulher. E foi direta na pergunta:

– Cisco, você é impotente?

– Eu, não! Mas você está com medo de ser.

– Eu?! – Ela ficou sem ação.

– É, Ab! Você está com medo!

Ele chamou-a de Ab – pela primeira vez na vida alguém a chamava assim. Mas nem parou para pensar sobre isso, porque a situação se invertera e ficara mais confusa. Ouviu-o.

– Você está tensa e insegura. E eu sei, porque já passei por isso. Abigail, broxar não é só um fantasma masculino; é um fantasma que assusta os dois gêneros. E eu não estou denominando “broxar” só um pau mole ou ausência de orgasmo! Acho que insatisfação emocional após o ato também é “broxar”! Uma pessoa que se viciou em sexo a ponto de não conseguir dormir direito se não praticar o ato, eu também vejo como psicologicamente broxa.

Ele saiu de sobre seu corpo postando-se de cócoras ao lado dela e enfiou o dedo sob o elástico da calcinha, principiando

baixá-la. Ela colaborou, e logo ficou com as nádegas expostas ao olhar dele. Ela fez menção de virar-se, mas ele não deixou:

– Fique assim, deixa eu massagear suas pernas – ele iniciou a massagem e continuou o assunto: – Eu fiquei quase um ano sem beber e sem ter relações sexuais. Até que comecei um caso com uma menina na empresa em que trabalhava. Quando fomos a um motel pela primeira vez, broxei.

– E aí você se sentiu o pior dos homens....

– Não! Já havia acontecido antes... Quando se passa da conta na bebida, até o pinto fica tonto! Mas esses momentos nunca me abalaram psicologicamente porque eu sabia que a causa era a bebedeira. Além do mais, até o Pelé, que é vitaminado, já perdeu pênalti. Mas essa vez me marcou porque eu estava de cara limpa e era justamente essa a causa! Ela estava no quarto tomando cerveja e eu bebendo suco...

– E aí você resolveu beber.

– Não. Eu abri o jogo. Expliquei os “porquês”: que estava há um bom tempo sem fazer sexo e que anteriormente fazia sexo estimulado por bebida. E que estava me sentindo inseguro... Ela tentou me estimular de todas as maneiras possíveis, mas não adiantou. Então eu desencanei! Achei que pelo menos ela podia ter algum prazer. Me desliguei de mim e me liguei no prazer dela. O prazer dela me acalmou e me fez bem, como se tivesse cumprido uma responsabilidade. Desencanei, tive ereção normal logo depois e tudo fluiu normalmente. Estou te dizendo isso pra você compreender que existem armadilhas psicológicas que quanto mais nos preocupamos com ela, mais nos enroscamos. E o mecanismo de desbloqueio é simples: desinteresse pelo que causa insegurança. Faça. Se der certo, ótimo; se não der, tudo bem!

– O que você está dizendo é que devo me desligar do meu prazer e me ligar no seu...

– É isso! É com esse espírito que estou aqui. O teu prazer é prazer pra mim... Deixe o teu prazer pra mim, se ligue no meu.

Ele estava massageando-lhe os pés, e isso era sensualmente agradável e relaxante; ele beijou-lhe um pé e ela sentiu um arrepio agradável. Relaxou, ajeitando-se confortavelmente na cama, abrindo as pernas e entregando-se despidorada à visão dele. Desde que entrara no quarto, estava ali para dar-se,

e se daria sem se preocupar em ter. E ela sentiu as coxas sendo beijadas e acariciadas com vigor cuidadoso, sentiu as nádegas mordiscadas e as costas acarinhadas, até que a cabeça dele emparelhou-se com a dela e ela virou-se; ficaram frente a frente. Beijaram-se. Os lábios dele percorreram-lhe por momentos o ombro e pescoço, até que a língua invadiu-lhe a orelha – um ponto fraco dela –, e ela sentiu o arrepio úmido no centro do corpo, como se os hormônios efervescessem dentro de si. Abriu-se instintivamente. Alçou as pernas e serpentou os quadris buscando o encontro de seu sexo com o dele. Sentiu-o quente roçando seus lábios vaginais e demonstrando que a imaginada impotência dele não passara de um susto nela. Desejou-o dentro de si e preparou-se para isso, mas ele se afastou. Sentiu os seios lambidos, os mamilos mordiscados levemente e o calor lhe desceu pelo ventre acariciado por mãos e boca, até que recebeu uma gostosa mordida no monte de Vênus, e logo a quadruplicidade de seus lábios era lambida em prolongados e variados carinhos que se estenderam por toda a região. E ali ficou por impreciso tempo. Ela acariciou-lhe os cabelos até que, descontrolada, passou a forçar a cabeça dele contra si. Desejosa de carícias mais fatais, sussurrou quase gritando: “Vem dentro de mim!” Ele não foi. E dedos ágeis a invadiram. E foi com dedos e língua que ela teve seu primeiro orgasmo com Cisco.

Ele subiu beijando-lhe o corpo e emparelhou seu rosto com o dela. Ela o olhou nos olhos. Brilhavam. Ela o beijou, intensa, como se quisesse retribuir todos os beijos recebidos, num beijo só. Abriu-se: “Vem, amor! Vem dentro de mim.” Ele disse: “Gruta sagrada do amor profano!” E entrou. Ela ergueu as pernas para receber suas estocadas. Eram lentas. Lentas como quem se move sem querer chegar ao destino por saber ser o fim. Movia-se nela como quem aprecia a paisagem. Penetrava até a base, subia até quase sair inteiramente dela e voltava a entrar forçando a parede vaginal como se procurasse algo. Ela cansou-se de ficar com as pernas erguidas, desceu-as. Ele, que havia ficado com os braços estendidos, relaxou-os e abraçou-a. Rolaram na cama com cuidado, para que ele não saísse dela. Montada, ela começou a agitar os quadris freneticamente. Foi contida por ele: “Espere!” E ela sentiu-o pulsando dentro dela. Gostou do efeito que lhe causava.

– O que você está fazendo?

– Flexionando os músculos...

Ela procurou fazer o mesmo flexionando os músculos vaginais.

– Assim?

– É. Se você fizer alguns minutos por dia, na terceira idade estará com uma vagina que muitas moças invejarão.

– Então vou fazer todos os dias pra chegar na terceira idade bem gostosa pra você – ela disse, sem refletir.

Retribuiu as pulsações dele por alguns momentos até se cansar. O desejo cresceu e ela passou a movimentar-se sobre ele na ânsia de misturarem os orgasmos. Decepcionou-se. Ele saiu dela e pediu que lhe desse a camisinha que estava a seu lado. Ela lhe deu. De cócoras diante dela, ele pegou e abriu o invólucro. O falo era circunciso. A lembrança dos judeus e Jesus lhe ocorreu. Eles também eram. Não gostou da lembrança, apagou-a do cérebro. Pegou o pênis, pressionando-o. Cisco lhe mostrou a camisinha, perguntando: “Quer colocar?” Ela disse: “Não. Eu não sei.” E ela o viu prender a ponta da camisinha com o polegar e o indicador e vestir o pênis até a base, deixando pequena sobra na ponta. Continuando de cócoras, ele disse: “Vem!” Ela perguntou: “Assim?!” E subiu no colo dele, alçando-se quase que por inteiro, e desceu ajoelando-se para sentar, com ele dentro dela. Novamente ele lambeu-lhe o ombro e pescoço, novamente ele mordiscou-lhe a orelha e a invadiu com a língua. Novamente ela suspirou e agitou-se. E ele tolheu seus movimentos dizendo: “Calma!... Curta o desejo... Não acabe com a festa agora.” “Não agüento!”, ela falou, agarrando-se a ele: “Você me deixa louca! Sinto vontade de te morder!” “Então morda... mas curta o desejo...”, ele voltou a dizer. Ela mordeu-lhe o ombro, ao mesmo tempo em que sentiu nas entranhas a ebulição do prazer físico como se fosse orgasmo em conta-gotas. Ficaram assim por algum tempo, namorando-se, até que ele ergueu o tronco e se ajoelhou, o que a obrigava a soltar os ombros dele e sustentar-se com braços e pernas ficando com os quadris suspensos e a anca amparada pelas mãos de Cisco, que a desceu à mercê de enérgicas estocadas. Na ânsia de traduzir sentimentos e sensações em palavras, ela foi banal: “Faz amor! Faz amor! Tô gozando!” E gemidos e prazeres se misturaram.

Por um pequeno instante olharam-se agradecidos. Com o corpo dolorido mas satisfeito, ela permaneceu esparramada

na cama, observando-o tirar a camisinha do pênis, que já voltava a meio pau. Ele moveu-se sobre ela; pegando o papel higiênico, envolveu a camisinha, enxugou-se nas partes preconceituosamente discriminadas e deu uma parte do papel a ela, que ajeitou entre as pernas e procurou a calcinha, vestindo-a. Lembrou-se de um médico que a examinara sobre um corrimento que tivera: “Urinar após uma relação sexual é uma boa prevenção contra as bactérias”, dissera ele. Cisco acendeu dois cigarros e lhe deu um; ela pegou e aconchegou-se nos braços dele. E soltou palavras e fumaça:

– Você me judiou!

– Eu?! Por quê? – Ela não percebeu se ele fingia ou realmente não entendera.

– Me deixou numa posição incômoda. Estou com as pernas e os braços doendo! E antes, quando eu estava quase gozando, você tirou...

– Tá vendo como o seu medo era infundado? Na verdade o seu problema é ejaculação precoce...

– Eu não tenho nada precoce! E ejaculação é coisa de homem... – Ela moveu-se, vendo no ombro dele a marca de seus dentes. – Desculpe! Te machuquei, né? – Ela beijou a marca.

– Tudo bem – ele disse, indiferente, e voltou ao assunto anterior: – Você pode não ser uma cascata de humores como algumas mulheres, mas você ejacula sim...

Ela nada disse. Na verdade tinha sentido alteração em seu organismo dessa vez, principalmente no primeiro orgasmo. “Deve ser por ficar tanto tempo em sexo”, pensou. Mas não comentou nada com ele. Por ser detalhista e indiscreto, talvez trouxesse outras mulheres para a cama, exemplificando, e ela só queria eles dois no quarto. Deu-lhe um beijo e ergueu-se:

– Volto já! – enrolou-se na toalha e saiu da cama.

Sentou-se no vaso tentando fixar na memória todo o filme passado. Passado e futuro misturaram-se em sua mente. Por quanto tempo viveria momentos semelhantes com ele?, perguntou-se. “Pra sempre”, respondeu com dúvidas. Tentando convencer-se, repetiu: “Pra sempre. Quero esse homem pra sempre.” Entrou debaixo da ducha e lavou-se.

Quando saiu, Cisco estava enchendo a banheira de hidromassagem. Ele lhe perguntou se estava com fome.

– Não muita. Comi tanto pedaço de carne e pão e bebi tanto guaraná! Acho que me empanturrei.

– Eu também não quero comer muito. Peça alguma coisa leve e suco de laranja e acerola. O que você acha?

– Que tal salada de palmito?

– É bom! Mas peça um bife para reforçar.

Ela estava com o cardápio na mão e sugeriu suco de kiwi em vez de acerola e laranja. Ele aceitou a troca. Ela enfiou-se debaixo dos lençóis novamente, pegou o fone, fez o pedido de dois bifês, salada e uma jarra de suco e continuou deitada, apreciando a naturalidade com que ele movia a sua nudez.

– Você se sente tão bem nu que chega a dar a impressão de que vive sempre assim.

– É que a maioria nasceu com camisa-de-força e com cinto de castidade; eu nasci nu! Faça parte das pessoas que preferem olhar nos olhos do que na cor da blusa ou no decote, ou na cor da gravata.

– E os vestidos não olham nos olhos?

– Não como deveriam! Os nudistas têm os olhos como centro da atenção e isso faz com que se conheçam melhor. Isto talvez explique a dignidade do olhar do índio...

– Você é um romântico às avessas e um progressista diferente... Sabe o que eu penso? Eu acho que você gostaria que todas as pessoas tivessem capacidade de desfilarem nuas numa escola de samba!

– Que tivessem a capacidade de desfilarem, eu gostaria sim! Mas acho que no carnaval a fantasia é importante. Você já desfilou em escola de samba?

– Algumas vezes na X-9 de Santos.

– Nua?

– Que é isso?! Eu não me sentiria bem de jeito nenhum! Imagine!

– Tudo é uma questão de educação, e a sociedade nos educa. Mas no caldo de toda essa cultura, eu penso o seguinte. – Ele parou um momento, concatenando as idéias, e deu seqüência: – É claro que uma mulher bonita nua é bonita, e é claro que uma mulher feia nua é feia. O que vale também para o gênero masculino. Mas num campo de nudismo, apesar de as diferenças persistirem, ambas se nivelam na pureza que a própria nudez transmite. A bela continua sendo bela e a feia, feia, mas os olhos que as vêem olham nos olhos, e dentro dos olhos não há rugas e no espírito não há estrias. É essa a nudez que eu admiro! A preocupação maior é ver o universo íntimo. O universo invisível...

– Mas será que as pessoas, mesmo num campo de nudismo, se olham assim?

– Se olham, Ab, da mesma maneira como os índios se vêem. Não há entre eles a reação de insana luxúria que a nudez profissional causa e nem o insano pudor do fruto proibido, como na visão dos profissionais da fé. Agora, veja bem: uma mulher nua no carnaval, dessas que procuram a câmera de TV pra rebolar, pra mim não passa de uma mulher fantasiada de profissional antiqüíssima. Pra ficar bem caracterizada, só falta a etiqueta de preço.

– Meu Deus! Se eu saísse nua na X-9, você estaria me perguntando qual é o preço por eu estar aqui com você!

– Ab, quem age como objeto, objeto torna-se! Mesmo que use todas as justificativas para não se sentir assim.

– Cisco, há incoerência no que você está dizendo; nudez é nudez. No teatro e no cinema não é arte? Então por que na escola de samba não é?!

– Veja bem: carnaval é arte! Mas se transforma em vitrine de produtos quando se apresenta como vitrine de produtos... É claro que se o enredo da escola é a história da nação yanomami, até a escola inteira pode estar nua, desde bebês até um velho com 150 anos. Mas se o enredo for sobre as vestimentas das mulheres muçulmanas, uma mulher nua no meio caracteriza a vitrine se não tiver nada a ver com o enredo. Muçulmana é muçulmana e puta é puta!

– Esse seu discurso é meio moralista!

– Eu sou moralista. E todos são. Cada um a sua maneira. Na casa de detenção tem seis mil homens moralistas! Quando eles estupram estupradores não estão tendo uma atitude moralista? Claro que uma moral tipo olho por olho e dente por dente... Mais que isso: é uma moral ralé, pois quem estupra estuprador também é estuprador... Acho que uma boa referência para a moral é a justiça e o respeito pela existência e não pela força... O que não cultivo é o falso moralismo, que se escuda em hipocrisias e justificativas calhordas para encobrir a realidade. Vejo falso moralismo nos fiéis do deus Money e nos fiéis de todos os deuses arcaicos. Veja bem, admiro a nudez dos naturalistas, porque há mais moral entre eles do que num desfile de modas.

– É. Pensando bem, a moral é uma coisa duvidosa.

– Não é só a moral, Ab. O amor, a justiça, o respeito, a dignidade e tantos outros valores, saem das nossas bocas como

bolinhas de sabão que flutuam como belos ideais, e logo estouram no ar... Lembra-se do texto do Erich Fromm, que lhe dei quando você foi a primeira vez lá em casa?

– Lembro. Aquele que falava sobre racionalizações?

– Isso. Ele também fala das ideologias que lembram sementes de ideais, enterradas na areia esperando um sólo fértil para brotar. Por enquanto, usamos ideologias como retóricas banais, e não palavras idealizadas para serem concretizadas. Soltamos bolinhas de fantasias pela boca para seduzir os otários, que no frigidar dos ovos somos todos nós!

– Isso é muito confuso... É até engraçado!

– Engraçado seria o garoto yanomami vendo a revista *Playboy*. Ele não está acostumado a ver loura de pele pálida, riria e diria: Tá doente e ainda faz pose!

– Ah, vai! Ele não diria nada disso! Será que eles se interessariam em ver a revista?

– Claro que sim. É novidade! Mas não veriam com o mesmo olhar dos garotos civilizados que até lambuzam a revista com esperma. A nudez não os assanha e nem os assusta. Olha, Ab; não são os donos das revistas de nudez os inventores do pecado. Os inventores do pecado são também pecadores! Se Deus não colocasse a árvore do fruto proibido no Paraíso, Eva não teria por que pensar em comer o fruto proibido e nem usar tapa-sexo! É o mesmo princípio das leis, quanto mais leis se criam, mais criminosos aparecem. Ao criar a lei seca, os Estados Unidos fortaleceram os mafiosos. Ao se criar o pecado, a nudez e o sexo ficaram entre a cruz e a caldeirinha.

– Você foi criado diferente. Eu não podia ficar sem calcinha quando criança, porque minha mãe dizia que batia vento e fazia mal... – ela mudou o assunto.

– Quando criança eu nadava pelado no Rio Paraíba do Sul. Mas você foi criada à beira-mar, deveria ter menos pudores com a nudez!

– Uso até um biquíni reduzido e me sinto bem, mas tirar uma peça em público, acho que nem em campo de nudismo eu tiraria...

– Tudo questão de costume. Veja bem, o mesmo desconforto que você sente pra ficar nua em público, um yanomami sentiria ao vestir um smoking. E assim como você não viveria bem numa mata, ele não viveria bem em São Paulo. É por aí que podemos entender os fundamentos da cultura que nos forma.

Agora, eu não vejo modernismo em quem não compreende nem as reações do próprio corpo e da mente, mesmo que dirijam bólidos, vistam Gucci e ouçam gospel num moderno walkman... Nós precisamos aprender a separar as sensações artificiais das sensações naturais que trazemos no espírito. Se eu fosse limpar cadáveres no IML, para preparar para o velório, no início não me sentiria bem, mas depois me acostumaria...

– Nossa, que comparação mais esquisita!

– Não vejo assim. Dois corpos nus; um com vida dentro e outro sem. E é aí no sentido vida que está a virtude dos naturistas; são pessoas que se olham nos olhos tendo intimidade com o espírito do interlocutor. A roupa desvirtua esse sentido. Talvez a nudez do índio explique sua dignidade e a nossa roupa explique as futilidades do nosso caráter cultural com relação ao sexo e à nudez.

– Não sei, não; acho que você está exagerando...

– Pode ser que eu exagere; mas só podemos saber comparando as culturas... Você já assistiu filme pornográfico?

Ela quase negou, mas resolveu ser recíproca na sinceridade dele.

– Algumas vezes.

– Percebeu o quanto de fita se gasta mostrando um pênis socando uma vagina?

– Chega a ser absurdo!

– Pois é! Assim como é absurdo a religião ficar socando o seu pecado em nosso cérebro! Foi no livro do Dr. Silva Mello que percebi isso. Um pênis socando uma vagina é tão primitivo que aves, insetos e mamíferos fazem, e é tão mecânico que lembra um soquete calcando um pilão. No entanto, devido às racionalizações humanas, esse ato simples transformou-se em ato polêmico, traumático, levando o ser humano a perder-se entre o pecado e a luxúria. E o pobre sexo vira alvo de chacotas de desejos pervertidos, vira alvo de vergonha e estrela de filme pornô!... Precisamos considerar que a vagina e o pênis são órgãos com a mesma importância das mãos, da boca, dos olhos etc. Na verdade, o que quero dizer é que a burocracia hipócrita da razão humana, na nossa cultura, é mais complicada do que o ato de viver! Os yanomamis têm uma vida sexual mais agradável e pura do que a nossa, apesar de não saberem nem pra que servem os testículos!

– Mas eu acho anti-higiênica a forma como os índios vivem. Acho que não é legal a nudez por isso!

– Um corpo limpo, com uma mente suja por besteira, também não é saudável! Além do mais, considere que a mulher yanomami mantém sua vagina numa temperatura natural, com isso os organismos de autodefesa funcionam normalmente. A dita mulher civilizada usa calcinha e calça que podem alterar essa temperatura e fragilizar os organismos de defesa.

– Ah, não exagera!...

– Não sou médico, portanto posso estar enganado. Mas já ouvi médico dizer que cueca apertada diminui a produção de espermatozóides e que calcinhas de lycras são prejudiciais por alterarem a temperatura. Mas não pense que os laboratórios farão este estudo comparativo entre índias e “civilizadas”; eles não farão porque semelhante trabalho zangaria o deus Money. E a saúde do deus Money é mais importante do que a sua. Veja o caso do HIV: não sei o que ocasionou essa peste, mas tudo indica ter sido traquinagem ou negligência dos fiéis do deus Money. Ou outra atitude próxima disso. A ciência com cabresto é ineficaz. Sem transparência democrática, é perigosa!

– O que você suspeita? Que foram os laboratórios que criaram o vírus, a mando do poder político?

– Não sei. Mas aconteceu alguma coisa errada na corrida dos laboratórios pela bênção do deus Money. Ab, a nossa cultura é uma próspera fabricante de doenças. Não são poucas as doenças do homem moderno fabricadas sob a influência do deus Money. O estresse é uma! São doenças que nem copo d’água em cima do rádio resolve. Nem com bênção de pastor e pílulas de farinha! Doenças bravas... Espere um pouco; vou tomar uma ducha.

Ele entrou no banheiro e ela acendeu um cigarro, fumando-o pensativa. Terminou e levantou-se. Despiu a calcinha. Resolveu assumir a filosofia de comportamento dele. Imaginou-o limpando e vestindo cadáveres; arreprou-se. “É melhor eu me acostumar com a nudez”, concluiu.

Quando ele saiu do banheiro, ela estava dando uma ajeitada na cama. Cisco comentou:

– Ah, resolveu aderir ao naturismo! Bem-vinda!

– Aqui dentro com você tudo bem, em outro lugar não. Mas você não me convenceu. Continuo achando que a nudez é anti-higiênica e nada saudável!

– Ab, preste atenção. – Ele parou diante dela com ares de professor. Ela ficou com um lençol na mão, olhando-o. – O que nos difere dos índios é o nosso desenvolvimento científico e tecnológico. E isso aconteceu na nossa cultura pela mistura de conhecimentos de várias nações, desde o dito princípio de nossa dita civilização, na Mesopotâmia e no vale do Nilo. Foi a mistura que fez chegarmos onde estamos. Sem os que principiaram essa corrida científica e tecnológica – o invento da roda, a manipulação do cobre, do ferro etc. –, nós estaríamos no mesmo estágio deles, ou dos aborígenes australianos, dos pigmeus, ou de qualquer dito povo primitivo. Sem o desenvolvimento científico, nós estaríamos tratando doenças fatais com rezas e simpatias...

– Mas isso nós fazemos e os índios fazem!

– É, se com a mistura de povos desenvolvemos a ciência, também desenvolvemos as superstições e as trouxemos até nossos dias. Os índios também têm seus espíritos que curam, têm suas simpatias, e por terem uma quantidade menor de superstições, a sua fé em suas poucas superstições é bem mais profunda do que a fé de nossa cultura, já que o povo culto se dispersa em infinitas superstições. Mas não é sobre isso que quero falar! Eu quero te contar um fato histórico, comprovado, quando os portugueses e espanhóis aqui chegaram invadindo e subjugando a América do Sul...

– Descobrimo o Brasil! – ela disse com ironia.

– Se alguém entra na sua casa para morar nela sem sua permissão não está descobrimo nada, está invadindo! Os índios moravam aqui! Pois bem; em 1500, a Europa toda só conhecia cem tipos de remédios, mais ou menos. Cem tipos de remédios para curar uma infinidade de doenças. A medicina não tinha liberdade para a pesquisa porque a Igreja era poder soberano e dava mais valor aos desígnios divinos do que às pesquisas médicas. Já com os índios isso não acontecia. O cacique não enchia o saco do pajé e, com isso, naquele tempo os índios tinham conhecimento de três mil tipos de remédio para curar as suas doenças. Claro que eram suas plantas medicinais! No século XVI os índios possuíam conhecimentos farmacológicos superiores aos conhecimentos dos europeus! Tinham águas cristalinas para se banhar e um sol para abençoar sua nudez. Pegavam o alimento diretamente das prateleiras do seu shopping natural e trabalhavam de acordo com a necessidade. Você não vê nisso uma vida saudável?

– Eu acho que você tá com um discurso reacionário! – ela disse, estendendo o lençol na cama. Ele ajudou-a.

– Não sou reacionário, Ab! Apenas questiono como será o Deus-me-livre-e-guarde que a humanidade está esboçando para concretizar no futuro. Como você pode me chamar de reacionário, se o que eu gostaria de ver é o equilíbrio da humanidade no planeta?! Dou o maior valor à ciência e à tecnologia, mas sei que um energúmeno com uma arma a laser na mão é um perigo. Além do mais, creio que a tecnologia vem aí para acabar com a escravidão física, mas necessitamos da ciência para acabar com a escravidão mental e as doenças espirituais.

– Mas não precisamos nos transformar em índios pra isso!

– Isso seria impossível, Ab! Mesmo que quiséssemos imitar o tipo de vida deles, não teríamos mais condições e nem eles conseguem mais viver como viviam antes. Mas eles estão mais próximos dos nossos instintos sem os artificialismos. E nós precisamos analisar sua cultura para nos entendermos melhor, já que nos envolvemos em muitas sofisticacões prejudiciais... – Ele parou de falar um instante, depois voltou a falar, agora com mais firmeza: – Ab, o que nós chamamos de progresso é instável. A humanidade avança e retrocede no tempo com uma facilidade espantosa! E a história prova que os conservadores iludem a massa sempre... Vou lhe dar um exemplo: 1600 anos antes de Cristo, havia uma civilização no mar Egeu com pinturas que indicavam uma técnica impressionante, com palácios luxuosos e banheiros com água corrente e com encanamento. Os tubos de esgoto da cidade permitiam que um homem andasse em pé dentro dele... Já em 1600 depois de Cristo, Paris era uma suntuosa metrópole, mas o povo jogava os dejetos noturnos, o produto do penico, nas ruas! Estou tentando demonstrar, com isso, que o dito progresso de hoje pode ser uma hedionda miséria amanhã! Ou se cria um berço cultural benigno que combata o maligno para formar seres humanos mais dignos da espécie ou corremos o risco de nos tornarmos, no futuro, primitivos com armas a laser à disposição.

– Ah, mas você está comparando culturas diferentes! – ela replicou, enquanto arrumava os travesseiros.

– Não, claro que não! A civilização cretense, que ficava no mar Egeu, é fruto de uma grande civilização anterior e influenciou a civilização grega. A civilização grega foi dominada

pela civilização romana e os romanos assimilaram maravilhas da civilização grega, inclusive seus mitológicos deuses. Assim como os judeus foram escravos romanos e acabaram influenciando os romanos com seu Deus, posteriormente! A França, no século XVII, já possuía esse acúmulo cultural, no entanto despejava o seu penico no meio da rua. Sintetizando, grosso modo é isso, sem contar outros povos e tantas outras circunstâncias históricas. Na época em que estamos entrando, os meios de comunicação nos aproximam mais, e a população cresceu demais. Durante todo este tempo nós não nos desfizemos dos males imperialistas, dos líderes que possuem o espírito dominado pela vaidade, das superstições prejudiciais para o entendimento real da vida, das injustiças e manipulações hipócritas etc. Olha, Abigail, se não repensarmos a nossa conduta no planeta, o mundo não precisará de guerras para se transformar num caos. Carecemos de uma revisão política, econômica e principalmente cultural! Precisamos olhar a vida com mais coragem e vergonha na cara...

Ela ia perguntar se a democratização do ensino não seria um princípio para isso, mas a campainha do guichê tocou, avisando que a comida chegara, e ela foi buscar. Ele pegou uma toalha e correu para a mesa, forrou a cadeira com a toalha e sentou-se sem cerimônia, dizendo:

– Quero imaginar como é a vida num campo de nudismo, sendo servido por uma garçonete nua.

– Folgado! – ela disse, levando-lhe a bandeja com salada e os talheres e copos, e voltou para pegar a jarra de suco com os bifés. Caminhou procurando ser o mais natural possível, sabendo que os olhos dele miravam sua bunda.

– Fiu! Fiu! – fez ele. – Você num longo preto ficaria maravilhosa! – ele riu.

– Ô, seu cretino! Sou tão feia assim nua?!

– Estou apenas invertendo a situação. Estou apenas imaginando como seria a nudez se estivesse vestida, assim como todo mundo imagina nua uma mulher vestida. Você é bonita e sabe disso!

– Nossa! Pensei que estivesse enjoada de carne, mas esses bifés estão quentinhos e com uma cara tão boa que vou comer um pedaço – ela disse, voltando. Como ele, forrou a cadeira com a toalha e se sentou. Pela primeira vez na vida iria comer à mesa nua em pêlo.

Por algum tempo comeram em silêncio, quebrando-o apenas com considerações sobre o paladar disso ou daquilo. Abigail, satisfeita, comeu um pouco de salada e um pedaço de bife. Aguardando ele terminar o seu, ela olhava-o e pensava em tudo o que estava acontecendo. Embevecida com o momento, fez um comentário:

– Sabe, Cisco, você é um cara tão diferente que eu acho que você não existe. Acho que nenhuma mulher do mundo um dia pensou em cruzar o caminho de um homem como você. Você é uma bela loucura...

Ele bebeu todo o suco do copo de uma só vez, empurrou o prato na mesa e disse com satisfação:

– Nunca fui chamado de louco pelos cientificamente loucos, mas todos os que se acham equilibrados questionam minha lucidez. Isso me preocupa!... Não com relação a mim, mas com relação aos que se acham equilibrados...

– Ah, seu cínico! Sutilmente me chamou de doida!

– Todos somos. – Levantando-se, ele disse: – Vamos para a hidro e eu vou te provar porque somos loucos.

Ela foi para o banheiro lavar-se, enquanto ele foi escoar um pouco da água da hidro, que já estava fria, e misturar água quente para a morná-la. Ele estava terminando a operação quando ela voltou e sem cerimônia entrou na banheira, dizendo:

– Quero imaginar como é a vida de uma mocinha indefesa num campo de nudismo, sendo socorrida por um bombeiro hidráulico nu.

Ele riu e disse:

Ah, descontou?! – E saiu para ir ao banheiro. Ela assobiou e sorriu:

– Fiu Fiu! Esse bumbum numa bermuda apertada ficaria irresistível!

Cisco também riu. Voltou do banheiro com dois cigarros acesos, deu um a ela e entrou na banheira. Ajeitaram-se com Abigail ficando de costas pra ele, recostada em seu peito. Ele falou:

– Bom, voltemos ao assunto. – E em seguida cantou: – Dizem que sou louco, por pensar assim... – E envolvendo-lhe os seios com ambas as mãos: Eu sou louco, ou somos loucos? – perguntou.

– Pode até ser que eu seja maluca, mas eu não cometo a loucura de querer combater a loucura do mundo. Você não. Você é louquinho da Silva!

– Essa loucura que você vê nasce do fato de eu ter como ambição viver num mundo melhor, e não ser o melhor num mundo ruim. Eu creio que se os capazes, não no dinheiro, mas na cultura, doassem um pouco de si para o mundo, transparentemente, em vez de ficarem adorando o próprio umbigo, a humanidade dava uma guinada no seu modo de viver. Sou louco por isso? Sou louco por achar que a intelectualidade precisa deixar de trocar figurinha entre si?

– O que você pensa tem uma certa lógica. Mas a maioria não pensa assim; então é loucura!

– Abigail, Darwin passou vinte anos estudando a teoria da evolução. Aplicou 20 anos de sua vida nesse sonho, pesquisando, analisando e trabalhando com afinco numa coisa em que a maioria da humanidade não acreditava, porque de geração a geração acreditavam que tinham vindo do barro através de Adão, os homens, e da costela de Adão as mulheres. Agora que está comprovada a teoria de Darwin, eu pergunto: louco era Darwin ou loucas eram as bilhões de pessoas que viveram e morreram acomodadas mentalmente naquela história ingênua?

– Ah, mas você não é Darwin. Além do mais, a sua não é uma teoria minuciosamente analisada e você nem cientista é!

– Eu extrapolaria a loucura se me comparasse a Darwin porque um cara já é louco sentindo-se um reles Napoleão! O que expus foi apenas para pensarmos o que é loucura... O saber é loucura ou a ignorância é loucura? Nada disso é loucura, naturalmente. Mas então eu sou louco por procurar loucura nisso?

– Bem, você vai ficar doido – ela riu e deu-lhe um beliscão na perna.

– Eu quando fico louco gosto de ir até o fim. Vem comigo! O charlatanismo não é loucura, assim como a hipocrisia também não; mas considerando que ambos se impõem sobre a ingenuidade, não será então a ingenuidade loucura?

– Claro que a ingenuidade não é loucura!

– Tem razão! Se o charlatanismo e a hipocrisia não são loucuras, mas imperam malevolamente, não serão o escrupuloso, o ético, o honesto, loucos por permitirem que isso aconteça?

– Aonde você quer chegar? Tá querendo me deixar louca?!

– Não, eu só estou enrolando um pouquinho pra te provar que não sou louco. – Ele beijou-lhe o ombro.

– Isso é loucura.
– Veja bem; tudo isso que eu falei é realidade?
– Eu acho que sim. É realidade, mas não é loucura!
– Mas esses problemas todos estão sendo resolvidos?
– Claro que não! Cada um cuidando de sua vida...
– E reclamando da situação! Vou te fazer uma pergunta infantil, com o concretismo do cérebro de uma criança: fugir da realidade e alienar-se não é loucura?

– Ah, sei lá! Eu não sou psiquiatra.

– Você pelo menos poderia responder que não é loucura porque somos todos doutrinados por uma cultura maluca para sermos os loucos que somos... Por exemplo: creio que o equilíbrio social de uma nação tem analogia com o equilíbrio psíquico de um indivíduo. E não há só analogia, há identidade, influências recíprocas... Será que os eminentes doutores que estudam a mente percebem isso ou eu é que estou completamente enganado?

– Ah, como é que eu posso responder se é coisa em que eu nunca pensei? – ela respondeu, não muito inteirada do assunto.

– Boa resposta! Nós não podemos responder antes de pensar. Por exemplo: se quero ter uma opinião sobre o mundo exterior, tenho que tomar cuidado para que “cacas” do meu subconsciente não interfiram na minha análise e na minha opinião...

– Não entendi necas de pitibiribas!

– Eu explico: neste livro que eu te dei, do Dr. Silva Mello, ele fala sobre Freud. Ele reconhece o grande trabalho de Freud, elogia sua capacidade e persistência, mas crê que Freud foi traído pela formação adquirida, que falhou na elaboração de seu trabalho por não ter percebido as influências do seu mundo subjetivo interferindo nos seus conceitos. Ele era filho de judeus e naturalmente tinha fortes influências do judaísmo em sua personalidade. Trazia impregnado em seu espírito o conservadorismo da sua formação e não se deu conta da influência dessa formação na elaboração dos princípios da psicanálise. Pode-se dizer que ele foi um feliz pai de uma maravilhosa filha, mas deixou que uma falha de sua personalidade influenciasse a personalidade dessa filha. – Ele deu-lhe outro beijinho no pescoço e fez uma ressalva no que disse: – Não veja falha como pecado; lembre-se de que somos filhos das circunstâncias...

– Vamos ver se eu entendi: teu colo é meu divã – ela deu uma reboladinha com as nádegas e ele, com medo instintivo, defendeu-se com as mãos para que ela não ferisse suas frágeis partes – e eu estou sendo analisada por você...

– Hum, hum.

– Mas você, o meu analista, está me analisando de uma forma errada porque está sendo influenciado por coisas de sua personalidade que vêm da formação que teve, e que têm pouco a ver com a realidade do meu problema...

– É quase isso! Não que Freud tenha feito tudo errado; na verdade ele fez um trabalho genial! Mas foi traído por coisas impregnadas em sua personalidade pela formação que tivera. Mas com falhas ou sem falhas, pode-se dizer que quem não se entende, Freud explica, e quem não se explica, Freud entende...

– Agora entendi por que você disse que pra analisar o mundo exterior tem que se tomar cuidado com o mundo interior. A gente pode estar puxando a sardinha pro nosso lado ao analisar a divisão das sardinhas culturais.

– É por aí! – ele riu. – É como criticar o comportamento alheio baseando-se nas sensações do próprio espírito, desconsiderando o espírito do analisado e os porquês do comportamento. É eu dizer que você tem defeitos só porque eu tenho... Nós não podemos buscar a compreensão do universo externo baseando-nos nas sensações do universo interno. Temos que trazer o mundo externo pra dentro de nós, analisando teses e antíteses, para daí extrair um resultado. As nossas sensações não são suficientes para se compreender o mundo exterior nem servem de base para se compreender o universo íntimo do próximo com clareza. Se nos enganamos muitas vezes com nossos próprios sentimentos e sensações, como vamos compreender com clareza o que se passa no coração alheio?

– Tem razão. Eu te acho sensato. Sua única loucura é querer mudar o mundo!

– É. Eu quero!

– Ela virou-se para trás e beijaram-se, e Abigail achou que poderiam se amar novamente, no meio do borbulhar da água. Mas refreou o pensamento ao notar que ele estava mais interessado em continuar conversando. E lembrando-se do momento em que ele cantara o seu rock, disse:

– Ah! Eu gostei do rock que você fez. É bom mesmo!

– Eu e seu Edgar fizemos. Ele chegou com os primeiros versos lá em casa, rebolando e imitando o Elvis. Eu gostei e demos continuidade à brincadeira.

– Ficou legal!

– Ah, já que estamos falando disso: dias atrás você disse que gostaria de conhecer as coisas que faço; eu fiz dois haikais um dia desses e gostaria que você desse o seu parecer. Veja se estão corretos. Na verdade, é um poeminha que contém dois haikais! Chama-se “Dois haikais e um crime.”

– Recite! – ela pediu, interessada em satisfazer uma curiosidade, procurando não exteriorizar a excitação que estava sentindo.

– Preste atenção se estão corretos! É assim:

...Sem poça de sangue,

Morreu sem nojo de mim,

Só sentiu temor!...

Uma chinelada:

Paft! Matei a barata preinha!

Ah! Que Deus as tenha...

Enquanto ele recitava, ela, utilizando-se dos dedos, contou as sílabas dos versos. Ele terminou e aguardou a crítica. E ela criticou.

– É meio kafkiano. Aliás, é meio maluco, como você.

– Você leu Kafka?

– Não, mas sei que ele nos comparou às baratas...

– Kafka teve a sensibilidade de perceber que somos envolvidos por influxos culturais que nos transformam em homens bem baratinados, submissos à ideologia do poder.

– Mas esses versos são interessantes! – Ela tirou Kafka da conversa. – Só que o haikai tem cinco sílabas no primeiro e no terceiro versos e sete no segundo. Considerando que na poesia não se conta a última sílaba do verso grave, o primeiro haikai está perfeito. Mas o segundo tá errado!

– Tá errado por quê?! – Ela notou um certo inconformismo em sua voz.

– Bem, recite o segundo haikai de novo – ela pediu. Ele atendeu:

Uma chinelada:

Paft! Matei a barata preinha!

Ah! Que Deus as tenha...

– Está errado porque este “Paft” está demais no segundo verso. “Matei a barata preinha” já dá as setes sílabas! Porque “Matei a” não forma elisão. Eu creio que é isso, até por-

que se unir as vogais muda o sentido da frase. Ficaria: “Matei-a barata prenha!”

Ele ouviu em silêncio, como aluno atencioso, e falou:

– Mas aí você descobriu o crime, e não o erro!

– Não entendi. – Ela realmente não havia entendido.

– Qual é o nome do poema? – ele perguntou.

– Dois haikais e um crime!

– Pois é, o “Paft!” é o crime. É um crime gramatical!

– Ah, vai tomar banho! Pensei que o crime fosse matar a barata! – Ela virou-se para ele e o abraçou rindo.

– E desde quando matar barata é crime?

– Seu cretino! Tô pensando que estou ouvindo uma poesia, estou ouvindo uma charada.

– Percebeu como a gente se ilude fácil com os truques orais e visuais?... A mais útil leitura é a das entrelinhas...

– Então leia as minhas entrelinhas – ela disse, beijando-o e levando a mão para o centro do corpo dele.

E beijaram-se, acariciaram-se, esquentaram-se e principiaram novo ato, que se estendeu por alguns minutos. Mas quando ela disse ciciando: “Bem, eu tô quase...”, ele saiu dela, dizendo: “Vamos pra cama!” E ergueu-se, saindo da banheira. Pegou uma toalha e deu outra a ela.

– Você é maluco?! – ela disse, indignada, pegando a toalha com os olhos no pênis duro apontando pra ela.

– Não sou maluco. É que a camisinha está lá na cama!

– Quando eu comecei a sentir que poderia haver algo entre nós, comecei a tomar pílulas, viu? – Ela estava chateada e abismada com o autocontrole dele. Ele respondeu:

– Melhor! É um reforço.

– Eu sei que você não usa camisinha pra se prevenir da Aids, porque você me lambeu, me chupou! – De repente um pensamento lhe ocorreu: – Ou você usa para me preservar? Você está com algum problema?

– Não, claro que não! Se tivesse nem estaria aqui contigo. – Ele havia se enxugado e passou a enxugá-la e em seguida abraçou-a, colando o corpo ao dela, e ela sentiu que o pênis já não tinha a potência de há pouco. Abraçado a ela, ele disse: – Eu creio que não tenho nenhuma doença transmissível, porque fiz exames há poucos meses. De lá pra cá não tive relações de risco nem com hospital! E se eu tivesse alguma coisa, o sexo oral que fiz em você te poria em risco também...

– Pela saliva não pega! – ela disse, imaginando ser o único perigo.

– Eu poderia ter um problema na gengiva, sangrar e te contaminar – ele disse, e ela calou-se. Ele continuou: – Estou usando camisinha para me preservar da paternidade. Eu sei que você fez exames quando foi para a clínica e creio que você não teve nenhum relacionamento de risco desde que saiu de lá...

– Obrigada pela confiança, mas como você pode ter certeza? – ela disse já mais calma, caminhando com ele para a cama.

– Certeza eu não tenho, porque os meus exames podem estar errados e os seus também. Você pode estar mentindo e eu também. E sabe como é: um avião pode cair aqui em cima do quarto agora...

– Ou um tufão destruir este motel! – ela disse já debaixo das cobertas, sendo seguida por ele.

– Não, tufão não! Neste país não tem tufão. Só tem negligências! Porque as pessoas pensam que Deus e o governo resolvem tudo.

– Você acredita que a Aids se dissemine tão facilmente como tem falado a mídia?

– Se é transmissível pelo sexo e pelas drogas, a coisa é séria. Até o governo pode estar contaminado!

– Mas as pessoas não estão nem aí! Morreu um rapaz da faculdade, e as pessoas disseram que foi de Aids. Ele usava drogas injetáveis... Mas ninguém se preocupou muito com isso... Eu mesma fui uma! Se usasse drogas injetáveis, não sei não...

– Diga-me com quem andas e eu te direi o risco que corres... – ele disse-lhe, acariciando os cabelos.

– Olha, se você vai continuar usando camisinha, eu vou parar de tomar pílula. Pílula me engorda...

– Tudo bem. Eu vou continuar usando a camisinha.

– Você usa há muito tempo?

– Desde que recebi a notícia de que iria ser pai sem querer... – Ele fez uma pausa, como quem vai contar uma passagem desagradável, e continuou: – Há uns sete anos tive um namoro com uma garota que me apareceu com a notícia de que estava grávida. Se hoje eu tenho dúvidas se caso ou compro uma bicicleta, naquele tempo eu tinha certeza de que a bicicleta era melhor. Só sei que quando ela apareceu com a novidade, foi uma das notícias mais incômodas que recebi na vida. Aliás, a mais incômoda...

– E a criança?

– Quando ela deu a notícia, nós brigamos. Ela jurou que a pílula falhou. Eu não acreditei. Disse a ela que só teríamos contato por causa da criança e ficamos um tempo sem nos ver. Um mês depois, mais ou menos, ela disse que havia abortado. Aí, eu tive a certeza de que era mentira, porque ela não tomaria a decisão sem pelo menos me procurar para ajudá-la a pagar. Era mentira, mas me alertou para o problema. Aí, resolvi só transar com camisinha.

– Então você acha que se uma mulher te criou problema, todas vão criar?

– Ab, eu penso da seguinte maneira: pegue o homem mais honesto do país e lhe dê carta branca para manejar o dinheiro público a seu bel-prazer, e ele cometerá alguma desonestidade, mesmo que pequena. A maternidade é um poder que você tem, e não quero ser eu a engolir esse poder. Tem que se ficar atento e se prevenir... Sabe como é, a oportunidade faz o ladrão e o poder faz o abuso.

– Ah, mas e se você casar e quiser um filho, e sua mulher transar por fora e o filho for de outro?

– O que vai me incomodar é a traição, não a criança. A traição é imperdoável, com criança ou sem. E eu dou mais valor ao amor pela convivência do que ao amor sanguíneo, já te disse. Posso amar o filho de um outro homem com a maior facilidade e não amar um filho meu. Eu fui mais amado pelo Diógenes do que pelo meu pai!... Outra coisa; quando falo em traição não estou falando só em pular a cerca ou não. Traição é qualquer situação que se trama para prejudicar, enganar etc. E nesse sentido, a menina que tentou me forçar, fingindo a gravidez, estava tentando me enganar, e isso é traição dentro do meu conceito.

– A camisinha também fura, viu?! – Talvez por um impulso chauvinista de defender alguém do próprio sexo, ela tentou argumentar em defesa de uma mulher que nem conhecia. – Quer dizer que se a pílula falhar, você desconfia, e se a camisinha falhar não?!

– Eu considero o acidente. Ora, eu sei que até um avião pode cair na minha cabeça! Agora, quando um acidente acontece, várias circunstâncias têm que ser analisadas para se tirar as conclusões. Eu não vejo a mulher tomando a pílula, portanto não posso descartar a hipótese de não ter sido tomada. Quanto

à camisinha, a mulher vê eu colocá-la e até a sente dentro de si, pode constatar se o sêmem está contido nela ou não.

Ela não se deu por vencida.

– Mas você entrou em mim sem camisinha também. O que pode garantir que você não ejaculou um pingo dentro de mim?

– Pra você, eu não posso garantir nada, já que uma gota de sêmem misturada à sua própria química, você nem sentiria. Agora, considere que sou uma parte interessadíssima em que isso não aconteça, e é claro que tomo todo cuidado!

Sem ter o que dizer, ela apenas comentou o que a deixara impressionada no ato sexual que tiveram e no episódio de há pouco na banheira.

– Acho impressionante seu autocontrole. Até parece que você faz sexo pensando em outra coisa! Acho que você pensa no avião que pode cair na sua cabeça!...

Ambos riram, e ele disse:

– O único avião que estava me interessando era você! E eu viajei em você com muito prazer, e continuo viajando.

– Como é que você consegue que a cabeça de cima controle esta? – Ela lhe pegou o pênis e pressionou a glândula.

– Claro que, como todo jovem, eu tive ejaculação precoce. Mas sempre me preocupei em aprender a retardar o orgasmo. No segundo ano colegial, tive um professor que estudava medicina e me deu uma dica boa pra vencer a ejaculação precoce...

– Um professor ensinando isso?!

– Não. Ele não ensinou na sala de aula. Este professor, Paulino era o nome dele, era um cabeça aberta. Ele falava sobre comportamento, normas de conduta social, dava noções sobre a sexualidade, dizia para as meninas se prevenirem de uma gravidez indesejada. Foi com ele que aprendi o que era camisinha.

– Naquele tempo, você teve aulas desse tipo?!

– Tive! Não por mérito da escola, mas do professor. Tanto é que ele foi expulso da escola. Uma menina evangélica contou pros pais, que fizeram pressão e ele foi expulso.

– Mas ele era meio avançadinho para a época, não era?

– Eu acho que na questão educacional a humanidade sempre perde para os seus preconceitos, e ele até era muito atrasado para época, como toda a humanidade é hoje. Ele tinha consciên-

cia de que o sexo existe bem antes do nosso “zazaravô” ter-se transformado num australopithecus. Ele era tão consciente que alertava os rapazes sobre os problemas que as moças enfrentavam com a gravidez inesperada. Falava dos preconceitos e da ignorância dos pais. – Ele parou de falar um instante e emendou ao assunto uma nova lembrança: – Nesta mesma época, mais ou menos, um psiquiatra, Paulo Galdêncio, fazia um programa na TV Cultura, chamado “Jovem Urgente!” O programa era ótimo. Esclarecia os adolescentes sobre as coisas da vida. Só que acabaram com o seu programa e ele foi expulso da TV Cultura, porque resolveu dizer que as mulheres estavam conquistando direitos legítimos e entre os direitos legítimos estava o fato de escolher se queriam casar virgem ou não. Não me lembro bem, mas foram coisas desse tipo que acabaram com o programa.

– Isso quer dizer que o sexo derrubava os bons mestres, naquele tempo.

– Assim como a libertinagem sexual de hoje derruba muitos adolescentes... Ab, se a razão é inerente ao humano, o instinto também é. E a razão não tem razão se teima em pôr cinto de castidade no instinto. E tem menos razão ainda quem só considera o instinto! Ambos são valores que exigem equilíbrio, juízo... Tanto os grilhões de ontem como a libertinagem de hoje são merdas no espírito. O mal está naqueles que só raciocinam com as próprias sensações, para o oitavo ou para o oitenta. Faltam aos formadores de opinião os conhecimentos da psicobiologia. Até no sexo se encontra o “duplipensar” de que George Orwell falava...

Preocupada mais com as aulas práticas do que teóricas, ela voltou a pensar na educação sexual que o professor deu a ele:

– E esse seu professor; o que ele te ensinou sobre ejaculação precoce?

– Eu o procurei em particular, e antes de ele me dar a dica, passou a me fazer um monte de perguntas: quantos anos tinha a menina, se eu estava preparado para ser pai, se eu tinha capacidade de assumir a responsabilidade pelos meus atos, se a menina estava fazendo sexo porque queria ou somente como prova de amor...

– Prova de amor! Que papo furado! – Ela lembrou que já haviam lhe exigido essa prova.

– Ele me fez um monte de perguntas, procurando saber se eu e a menina estávamos conscientes do que fazíamos. Depois

me recomendou usar preservativo. Disse para eu explicar pra menina que eu não era experiente como demonstrava ser e que os dois estávamos aprendendo juntos. Aí ele me disse que quando me masturbasse procurasse friccionar a glândula para diminuir a sensibilidade. Eu estranhei que ele me incentivasse à masturbação. Ele disse que a masturbação é a melhor forma de conhecer nossas reações sexuais e nosso próprio corpo, e nos dá autocontrole psicosssexual... Ele não era um professorzinho qualquer! Por isso foi expulso da escola...

– E aí, masturbando e friccionando a glândula você aprendeu a ter autocontrole.

– Não é assim de uma hora pra outra! Friccionar a glândula foi importante, mas a outra dica dele foi mais...

– Ele te deu outra dica?

– A de conversar com a menina sem querer bancar o machão experiente. A partir do momento em que demonstrei que não sabia, encontrei uma parceira pra me ajudar a aprender e aprender junto comigo. Aprendi que quanto mais conversa o casal tem sobre o problema, mais fácil se torna resolvê-lo.

– É o que as revistas falam hoje...

– Mas as revistas padronizam o assunto, e os indivíduos trazem no íntimo muitas coisas que fogem da padronização. Veja só; existe outro mecanismo que eu usei e foi útil. Li um livro sobre os yanomamis que diz que quando eles têm ereção espontânea, apertam a glândula e o pênis volta ao estado normal...

– Como acontece isso, bem? Se acontece é porque vocês estão com vontade...

– Não! Não precisa nem estar pensando em sexo. Isso me acontecia às vezes, sentado no ônibus, por exemplo, mesmo que eu estivesse pensando numa prova ou numa partida de futebol.

– Aí era ruim, hein?! Se chegasse na hora de descer!... Como você faria?

– Se tivesse com jornal, colocava o jornal na frente, ou qualquer outra coisa. Mas depois que aprendi o método yanomami, não tive mais problemas. Discretamente dava um apertão na cabeça e a coisa voltava ao normal.

– E isso te serviu para o autocontrole como?

– Quando estava quase gozando, tirava e dava um apertão na glândula...

– E a mulher, hein? Você pensa que é legal estar chegando lá e voltar pra trás?! Pode ser que pra você seja uma maravilha, mas eu fiquei chateada agora há pouco, viu?

– Desculpe. – Ele beijou-a num seio. – Estamos nos conhecendo agora e com o tempo encontraremos a sintonia perfeita pra nós...

– Eu não estou reclamando de você... – Ela enfiou os dedos em seus cabelos. – Ah, meu Deus! Você foi delicioso!... O que estou reclamando é que agora há pouco estava pra acontecer de novo e você me deixou na mão.

– Escute, eu não te vejo como boneca inflável e pode ter certeza de que seu prazer é prazer pra mim. Eu acho que há mais energia no desejo do que na satisfação. Você veio pra cá tendo na mente o orgasmo. E eu penso que o importante é a brincadeira, e a importância do orgasmo é por ser o desfecho. Agora, se pra você somente uma profusão de orgasmos satisfaz, eu tenho dedos, língua e pinto; é só me ensinar o seu jeito de ter prazer que eu aprendo. Um carinho que te faça, é carinho em mim também...

– Calma, eu não sou ninfomaníaca.. É engraçado: estamos conversando como duas pessoas que transam há muitos anos, no entanto, o fato é que estamos nos conhecendo agora.

– Eu prefiro que as coisas sejam assim. A partir do momento em que abertamente te digo “eu gosto disso e sou assim”, estou dizendo: “Respeite-me!”. De que adianta estarmos nus, fazermos amor, mas transmitirmos um ao outro apenas uma imagem do que somos realmente? Aí, vestimos as roupas e saímos cada qual para seu canto, pensando na mentirosa imagem que um transmitiu ao outro. Se apaixonar por uma imagem é uma ilusão, Abigail! Entre me iludir com a hipocrisia e ter problemas com a realidade, prefiro os problemas. Sou inseguro como todo mundo, mas a realidade não me machuca tanto quanto as ilusões. E pra mim não existe conversa de homem e de mulher, existe conversa humana. Umas chatas, outras não...

– Então você acha que cabe a mim te ensinar do que eu gosto? – ela disse, acariciando-lhe o ventre, beijando-lhe o peito e descendo. – Deixa eu descobrir do que você gosta...

E tudo recomeçou.

Amaram-se como duas crianças que brincam de papai e mamãe dizendo um ao outro: vi meu pai e minha mão fazendo assim, vê se você gosta. Exploraram-se e doaram-se, amaram-

se como dois adultos cientes de que tiveram outros amores e intimidades, sem se prenderem ao egoísmo hipócrita que falsos pudores impõem. Aberta e confiante, Abigail soltou-se, desvencilhando-se dos bloqueios, e expôs suas preferências e fantasias sem se ater ao jogo feminino comum a muitas mulheres, que esperam a iniciativa do homem no intuito de esconder-se no véu de falsas e impróprias virtudes, simulando numa pureza inexistente. Ela deu e recebeu prazer com a consciência de adulto livre, deixando os bons sentimentos e instintos fluírem soltos, ciente de que o prazer da carne também satisfaz a alma.

E por um bom tempo brincaram como duas crianças travessas que têm a certeza de que os olhos censuradores dos pais não estão por perto.

Quando esgotados, acenderam os cigarros e entregaram-se às conversas banais que o momento vadio permitia. A banalidade da conversa foi se exaurindo e dando lugar à poesia, depois à gramática. Abigail foi senhora do assunto, e ele um atento ouvinte. Por algum tempo Cisco a ouviu com atenção, interessado que era em saber o que desconhecia. E ela sentiu que a união dos dois seria útil para ambos, já que ela também tinha fichas para trocar. Ela dominava a técnica gramatical, ele não. Chegou a imaginar que ele não lhe mostrara seus escritos por constranger-se por isso, e passou a acreditar que mais dia menos dia satisfaria a sua curiosidade, lendo o que ele chamava de seus “desabafos”. Na verdade, ela via nele o talento que gostaria de ter, e achava que a união do talento com a técnica seria útil aos dois.

Mas era impossível conversar com Cisco sem cair nas críticas ao comportamento humano e seu DNA cultural. Era, nele, uma predisposição inevitável. Se o tema da conversa fosse útero, logo ele estaria falando da influência da cultura comum na gestação do bebê, eugenia etc. Se o tema fosse a lua, provavelmente falaria sobre os caldeus, que “inventaram” a astronomia, mas na ânsia de prever o futuro deram-lhe cunho supersticioso, criando a astrologia. Era o seu jeito de ser. Era como se ele acumulasse informações e idéias, mas não tivesse com quem trocá-las. Tinha uma enorme ânsia de saber e era ávido de explicações sobre tudo que o cercava, mas faltava-lhe o ambiente, o ouvido para ouvir, o interlocutor para debater. Pensando dessa forma sobre ele, Abigail procurou ser a ouvinte e a interlocutora de que ele necessitava. Muitos assuntos que em outras situações lhe escaparam do entendimento, agora, nas

palavras dele, eram interessantes e de fácil compreensão. Além do que, ele lhe estimulava o raciocínio, levando-a a perceber com mais acuidade as coisas da vida e do mundo.

E foi o que aconteceu; da conversa literária passaram para os diálogos de Platão, a paixão adolescente de Abigail. E quando ele discorria sobre *A República* de Platão, e falava sobre a abolição da família, imbuída de uma confiança e um despudor inusitado, ela disse, cortando-lhe a fala:

– Vou te contar uma coisa, mas você vai me jurar que não vai rir!

– Depende. Se não for piada, juro que não rio.

– Ah! E você acha que vou te contar uma piada e pedir pra você não rir?

– Sei lá! De cabeça de mulher eu espero até juízo!

– Não fala assim! – Ela deu à fisionomia um ar de mulher que roda a baiana. – Você mesmo disse que somos feitos da mesma massa!

– É, mas o tempero é diferente. Só o juízo e o prejuízo são iguais. Mas conta! Eu não vou rir.

– Sabe o que é, a primeira vez que ouvi falar em Platão, o professor o elogiou dizendo que ele foi uma das mais sensíveis inteligências que a humanidade já produziu. Depois eu fiquei sabendo que ele era rico e bonito (era chamado Platão porque tinha os ombros largos!). Eu era adolescente na época, e me despertou o maior interesse. Eu tinha que fazer um trabalho sobre *A República* de Platão, acabei lendo tudo o que tinha na biblioteca sobre ele. Fiquei mais de um ano sonhando com Platão. Me apaixonei! Virou loucura a ponto de... – ela parou um instante e concluiu com um rubor quase adolescente na face – naqueles momentos de fantasia, era ele o homem com que eu sonhava...

– Ah, é?! Sua intimidade com Platão chega a esse ponto? Eu estava falando de Platão pensando que estava te passando alguma informação, agora vejo que você o conhece bem melhor do que eu. Estou constrangido!

– Não tira sarro, bem!

– Tô brincando. – Ele beijou-lhe os cabelos. – Obrigando pela confiança... Eu entendendo isso. A Sophia Loren não sabe, mas ela já foi apaixonada por mim e transou comigo de todo jeito...

- Ah, ela foi a sua musa?
- Ela se aproveitou de mim quando eu tinha uns 13, 14 anos. – Ele parou um instante, lembrando. – É engraçado. Essas fantasias parecem uma chupeta que se dá ao espírito para ele não chorar pelos desejos insatisfeitos.
- É verdade.
- Mas agora você me surpreendeu. Você deve saber bem mais do que eu sobre Platão.
- Eu li muito. Fiz um trabalho que o professor elogiou. Discuti com ele coisas que Platão colocou n’*A República* e eu não concordo...
- Uma sociedade sem famílias, eugenia...
- Isso também. Mas principalmente escravidão e exércitos. Eu não consigo compreender como ele pensou uma sociedade tão linda e aceitou esse tipo de coisa...
- Ah, ele não escreveu *A República* com o intuito de distrair pessoas. Não escreveu um romance. O seu intento era sério e a intenção era de que as pessoas, aceitando a idéia, lutassem por ela e transformassem a sociedade... Mesmo sendo um país pacífico e sem problemas com os vizinhos, você eliminaria as forças armadas do Brasil?
- Ela pensou um pouco:
- É meio complicado, né? O problema é que os outros, nos vendo frágeis, acabariam nos dominando.
- Quando os problemas são os outros, nós também somos problemas. A mesma preocupação que temos com os outros, eles têm com relação a nós. Enquanto formos idiotas, prevalecerá o pensamento: “Se queres viver em paz, esteja preparado para a guerra.” Seria impossível para Platão pensar o contrário numa época em que malucos imperialistas surgiam a torto e a direito... Passou-se tanto tempo e ainda conservamos esse DNA cultural.
- E pelo jeito não tem solução.
- Eu penso que não existe nenhum problema no relacionamento humano que seja insolúvel. O que precisa é os indivíduos deixarem de ser idiotas e começarem a demonstrar mais interesse social, sem esperar pelo governo. O que falta é a humanidade focar com mais atenção o seu relacionamento político no planeta. E isso depende de indivíduos e não de governos... Os homens entranhados na política oficializada,

sejam políticos ativos ou militantes, são viciados no contexto do poder. E eu acho que é justamente a ideologia do poder que deve ser questionada.

– Acho tão esquisito esse negócio de nação atacando nação... Você tem razão; nós ainda não somos civilizados...

– O problema está nos fiéis do deus Money. Os poderosos sacerdotes do deus Money defendem seu status com a garra que a ganância dá, porque sem isso eles se sentem menores... O pior é que criamos artefatos tecnológicos mas não evoluímos para usá-lo de uma maneira benigna, ajuizada... Uma guerra hoje pode proteger soldados e só matar civis, já que é uma guerra tecnológica, de apertar botões. Isso me lembra Voltaire: “Deus não gosta de guerras, mas fica do lado de quem atira melhor...”

– É verdade. Você tem razão, se Platão tirasse soldados de sua República estaria fugindo da realidade... Mas e a escravidão? Ele não deveria ver isso como natural...

– Aí ele falhou por não ter lido Castro Alves...

– Ah vai, como ele poderia ler o que não estava escrito?

– Ah é! Ele era filósofo, e não vidente! – Sorriu. – Nesse caso, lembre-se de Freud e as influências que atrapalharam seus trabalhos... – Ele fez uma pausa reflexiva e falou: – Mas você tem razão numa coisa, Ab: Platão foi vendido como escravo pelo rei de Siracusa...

– Dionísio era o nome do cretino.

– Isso! Mas se ele foi escravizado, conviveu com escravos. Seria lógico que ele escrevesse coisas contra a escravidão...

– Claro. Não é estranho?

– Talvez o assunto fosse delicado demais pra época e ele preferiu relevar o assunto...

– É possível. Sócrates não foi condenado por menos?

– É, talvez seja isso. Ele foi um dos homens da antiguidade que mais se preocupou com a justiça. Talvez na sua apologia da justiça estivesse a insinuação e a esperança de que os homens no futuro acabassem com a escravidão...

– É possível. Mas eu acho um absurdo que mesmo naquele tempo se achasse a escravidão uma coisa natural. E o pior é que isso se estendeu por muito tempo!

– A escravidão ainda existe, Ab. O problema é que nos acostumamos com a injustiça. Aliás, nos acostumamos com

qualquer coisa. Uma prova são as bilhões de pessoas que aceitaram a “historieta” sobre Adão e Eva e o Paraíso...

– Quando eu era pequena ficava imaginando o Paraíso como um jardim sem fim, cheio de flores e todo gramado, e com carneirinhos bem branquinhos.

– E os carneirinhos não comiam a grama e as flores?

– Não. Imaginação de criança é boazinha.

– Isso é mito. “A criança tem tudo, menos o que lhe tiramos.” – Ele deu uma pausa: – Acho que foi Pierre Genet que disse isso... O paraíso, Ab, é um enredo sem sentido; Deus criou tudo, depois criou o homem e a mulher com os truques que você sabe. Deu a eles um jardim maravilhoso, para viverem nus e entediados. Deixou-lhes como quebra-cabeça, pra quebrar o tédio, uma árvore de fruto proibido, que funcionava como um detector, um mecanismo de controle de qualidade para testar se sua obra tinha falha ou não. Uma serpente provou que ele falhou. Os animais naquele tempo falavam, e a serpente convenceu Eva a comer o fruto proibido. Pergunta: por que a serpente fez a cabeça da Eva e não a do Adão?

– Sei lá!

– Eva comeu o fruto e ainda induziu Adão a comê-lo também. Deus castigou todo mundo. Fez os dois cobrirem-se com folhas de parreira, e a partir daí Adão e Eva descobriram pra que serviam o “soquete” e o “pilão” que Deus lhes dera, e disso nasceram Caim e Abel. – Ele deu-lhe um beijinho, acariciou-lhe o púbis e continuou: – Note que esses dois não eram pra existir. Existiram por que os pais pecaram! Essa família nasceu de uma situação confusa... Daí Caim foi ser lavrador e Abel pastor, por que na concepção divina trabalhar é um castigo. Mas como Caim e Abel já tinham conhecimento do suborno, resolveram presentear Deus com o fruto de seu trabalho. O problema é que Deus se agradou do presente de Abel e não gostou do presente de Caim... Claro que essa não foi uma atitude psicologicamente correta de um pai para com seus filhos. Ele poderia pelo menos dizer: “Olha Caim, eu gosto mais de buchada de ovelha do que nabos e verduras. Mas cada um dá o que tem, e eu estou feliz que tenha se lembrado de mim”...

– Mas então Deus foi culpado pelo crime que Caim cometeu?!

– Culpado, não. Responsável, sim, pois exercia mais influência do que os pais carnis na formação dos rapazes. Ele não foi hábil como pai. Ciúme foi o motivo do crime...

– Cisco, fica a impressão de que Deus é culpado pelo crime de Caim...

– Um pai não pode ser culpado pelo crime que o filho comete. Mas responsável, sim, porque os adultos são responsáveis pela conduta das crianças. Afinal, uma geração forma outra e o DNA se estende...

Abigail silenciou, esperando ouvi-lo. Mas ele também silenciou, envolvido em reflexões. E um quadro brotou na mente de Abigail, retratando a família de Adão e Eva. Deu razão a Cisco; era uma família confusa. Não tinham vizinhos, só quatro pessoas, tendo um delinqüente juvenil entre eles. E com a participação de Deus no seio da família. Comentou:

– Realmente, é absurda essa história de Adão e Eva...

– Pois é. E no transcorrer do tempo, bilhões de pessoas a aceitaram como verdade insofismável... Ab, a imaginação pode criar milhares de doutrinas, algumas até com certa lógica, mas se o seu princípio tem como base uma fantasia qualquer, milhares de pessoas correm o risco de passar pela vida vendo o Saci Pererê enrolar os pêlos de um ovo... Perceba, Abigail, como a humanidade se acostuma fácil com coisas até absurdas.

– É, vendo dessa maneira, talvez a gente esteja sendo escravizado sem perceber...

– Ora, Ab, o que é o livre mercado? Parece mais uma doutrina de adoração do deus Money. Os financistas são os sacerdotes, outros menos prestigiados são os fiéis, e os operários são coroinhas e serventes que limpam os templos e fazem outros trabalhos... Eu acho que enquanto o homem brincar com a verdade, a mentira fará dele um brinquedo. Um João-bobo bem idiota.

– Sabe que agora estou tendo uma noção melhor disso que você chama de DNA cultural? Clareou um pouco...

– Ah é ?! Quem bom! Então vamos passar um pouco pela antiguidade e você vai compreender melhor.

Abigail nunca imaginara o passado além dos romances que lera e dos filmes de época a que assistira. Seus estudos de História Universal não lhe despertaram maior interesse do que saber o suficiente para obter boas notas nas provas. Tanto é que, salvo Platão e sua utopia, pouco do que aprendera permanecera em sua memória. Mas agora sentia despertar em si o interesse pela história científica, motivada pelo envolvimento com Cisco. Aquele momento estava sendo para ela um lazer,

lúdico e útil. Ouvindo-o e incentivando-o a falar, ela não estava só adquirindo conhecimento sobre a história humana, mas também sendo a inter-locutora de que ele necessitava. Era um dos caminhos para seduzi-lo, e ela sabia disso. Uma sensação marota brotou em seu espírito ao lhe ocorrer o pensamento de que a mulher é um animal político. E se há pouco sentira-se uma professora de literatura e gramática, agora era a vez de ser a aluna nua nos braços do professor de antiguidade.

Ela deu-lhe um beijinho, alçou-se sobre ele e disse:

– Mande a aula, fessô! Vamos passear pela Grécia antiga!

– Não sou professor. Sou apenas um aluno da escola da vida e troco considerações sobre o que aprendo.

– Então troquemos considerações.

– O que você acha das pirâmides do Egito? – ele perguntou de estalo

– É um monumento impressionante, considerando o tempo em que foi construído.

– Só isso?

– O que há mais pra falar?... É um triângulo de quatro lados...

– E os litros de sangue derramado? E a carne dilacerada?

– Nas pirâmides tinha isso?! – Sua surpresa foi sincera.

– Dentro, os tesouros dos faraós. Mas fora, na construção do monumento para o megalomaniaco dormir em paz na eternidade, muito sangue se perdeu. Eu também acho o monumento impressionante, mas atrás do visual do monumento esconde-se uma grande idiotice. Muito sangue foi derramado pra que malucos saqueadores de nações e acumuladores de fortunas fossem para a eternidade confortavelmente.

– Ah, entendi.

– O Egito nasceu no Vale do Nilo. Naquele tempo, onde havia rios surgiam pessoas de todos os cantos, e há seis mil anos, mais ou menos, vários povos começaram a se unir por lá: O vale era fértil e alimento não faltava. Com o aglomerado de pessoas vindas de lugares diferentes, deu-se o choque cultural e a imaginação, nesses casos, é atizada. Com o tempo esses homens foram descobrindo coisas. Por exemplo: alguém percebeu que enfiando semente de trigo na terra, brota mais trigo etc. É claro que no meio de uma multidão sempre aparece os mais perspicazes e criativos. E alguns desses mais observadores perceberam que o rio tem época de enchente e vazante. A partir daí come-

çaram a controlar a produção de trigo e estocá-las... Claro que os desavisados, os mais desligados, passaram a ver esses homens como mágicos que interpretavam os desígnios divinos, que decifravam os truques dos deuses. A partir daí, não foi difícil esses homens se transformarem em reis e sacerdotes...

– Quer dizer, nada de sangue azul!

– Nem sangue multicolor... Na verdade, eu acredito que os pré-históricos já possuíam seus líderes num grupo. O que aconteceu na antiguidade foi que a liderança passou a ser oficializada, com paramentos e sofismas, e naturalmente com a força e a perfídia. Bem, os egípcios se desenvolveram no Vale do Nilo. Entre os Rios Eufrates e Tigre, na Mesopotâmia, surgiu outra civilização. Eram os sumerianos, ou sumérios. Foi dessa região que saiu Abraão com destino a Canaã. Bem antes de Abraão sair de lá, os sumérios construíram a Torre de Babel...

– Eu sei. Foi nessa torre que Deus fez todo mundo falar línguas diferentes.

– Essa foi a história que o povo hebreu contou. Como no Egito, milhares de pessoas vieram de várias regiões para a Mesopotâmia e falavam línguas diferentes. E esse aglomerado poliglota, motivado por algum visionário talvez, resolveu construir a Torre pra chegar ao céu e bater um papo com Deus. Como não deu certo, o fato passou à história como “Deus não quis”... Ab, nessa região viveram por milhares de anos milhares de pessoas. Tipo uma Nova York da antiguidade...

– Devia ser uma bagunça!

– Uma bagunça que não difere muito da bagunça de hoje. Daqui mil anos, quando contarem a história de hoje, a impressão será a mesma. O que eu quero é que você perceba que os monumentos da antiguidade eram megalomaníacos e supersticiosos...

– E o Farol de Alexandria?

– Ah, esse não! Esse era importante. Assim como a Biblioteca de Alexandria, que possuía 400 mil livros. Mas perceba que Alexandre, o grande serial Killer, que construiu tudo aquilo, era um assassino megalomaníaco que pra construir Alexandria destruiu várias cidades e matou milhares de pessoas. É como se me baixasse um espírito megalomaníaco e eu destruísse em monte de cidades nordestinas para fundar a Ciscópolis!

– E Atenas? Não vai me dizer que você também vê de-
feito em Atenas!

– Atenas era como uma bela mulher de calcinha suja e
bunda mal lavada!

– Por quê?

– Péricles, considerado o maior administrador público
da antiguidade, governou a Grécia por 40 anos, mas se dedi-
cou muito mais a Atenas que aos outros estados. Esparta se
ressentia com isso, e durante um bom tempo pairou sobre as
duas cidades uma ameaça de guerra. Quando declinou a po-
pularidade de Péricles, ele incentivou a guerra entre Esparta e
Atenas. O fato é que houve a guerra e Atenas perdeu. E além
de perder, sofreu com a peste que matou Péricles. A peste
aconteceu porque Atenas era uma bela cidade mas seus siste-
ma de esgoto era precário. O esgoto das cidades espelha o
verdadeiro espírito de seus governantes.

– Nossa, isso é profundo! E fedido – Ela riu e voltou a
falar: – O ruim é que embarcamos nas atitudes ruins desses
caras.

– O costume explica. A maioria das pessoas acredita
que tem opinião, mas não cultiva o conhecimento. Isso signifi-
ca que se acostumou a ver preconceito e opinião como a mesma
coisa.

– Mas também não difere muito, Cisco. Opinião é a
crença, o modo de pensar das pessoas, seja certo ou errado.
Tanto faz!

– Se tanto faz, mudemos o termo “opinião pública” para
“preconceito público”. Dá na mesma!

– Você gosta, né!/? – Ela riu.

– Como você acha que surgiu a divisão de classes so-
ciais? – ele perguntou sério.

– Sei lá! – Ela refletiu um pouco e disse: – Os reis e
sacerdotes passaram a se destacar no início, daí surgiram os
puxa-sacos dos espertos, e a coisa foi acontecendo...

– O que você falou tem sentido. – Ele achou graça –
Mas acredita-se que principiou na Índia. Os indianos eram
homens de pele escura, que viviam afastados nos primórdios
da civilização, dos homens do Vale do Nilo e da Mesopotâmia.
Eles viviam sua vidinha lá na Índia... Há cinco mil anos, um
povo nômade originário da região que é hoje o Irã começou a
se espalhar por toda a Europa e Oriente. Eles eram brancos e
bárbaros. Eram os arianos...

– A raça pura que Hitler adorava...

– Isso, Ab! Esses caras invadiram a Índia e aprisionaram os indianos que não foram mortos. Transformaram-nos em escravos, e com o passar do tempo formaram-se as castas, subcastas etc. Os outros povos viram e gostaram da idéia. Hoje só aceitamos a democracia dentro desse contexto, como se uma democracia de outra maneira fosse inconcebível... Isso é tão absurdo, Ab, que a Índia vive encalacrada numa cultura confusa de milhares de castas e subcastas, onde morrem milhares de crianças por dia de subnutrição e doenças. Se vangloriam de serem a maior democracia do mundo, por terem quase um bilhão de pessoas, e não fazem um planejamento demográfico porque seus governantes se dizem democratas e não podem interferir nos direitos individuais das pessoas...

– Mas eu acho que o Estado não pode interferir nisso mesmo! O Estado não tem esse direito.

– Ab, você acha que os garotos que comem lixo no lixão de Carapicuíba estão exercendo seu direito individual?

– Ahn?!... O que tem a ver o fiofó com as calças?

– As calças ficarão sujas se o fiofó estiver imundo de sofismas, insensibilidade e hipocrisias... Ab, não existem direitos individuais humanamente corretos se não houver chances educacionais e financeiras distribuídas de uma forma digna a todos indiscriminadamente. A Índia está chegando a um bilhão de pessoas, ocupando um território um pouco menor que território brasileiro e com quase 300 milhões de pessoas vivendo na miséria... Nesse caso, o que vale mais: um aborto ou uma criança jogada na calçada? Eu acho que tanto a Índia quanto a China têm um caso sério para resolver, e se não resolverem estarão alimentando um problema que pode se tornar uma catástrofe humana.

– Tudo bem, olhando por esse prisma você tem razão. Mas é complicado interferir nos direitos individuais.

– Eu entendo que você veja o direito individual como uma instituição que pode ser respeitada, Ab, e até concordo contigo. Mas acho que pra considerá-la correta, justa e benigna, ela deve ser estendida a todos. – Ele pensou um pouco e falou: – Defender o direito individual dentro do sistema que vivemos é sofismar em causa própria, ou ingenuamente defender os privilegiados. Ab, lembre-se de que foram poucos os homens brancos que combateram a escravidão. A maioria pre-

feria defender seus direitos individuais, mas o direito coletivo é superior ao direito individual...

– Cisco, eu concordo que o direito coletivo tem valor superior ao direito individual, mas se não defendermos os direitos individuais, também não estaremos prejudicando o direito coletivo?

– Somos produtos do meio, Ab, e se desde crianças aprendemos que temos o direito de puxar a sardinha para o nosso lado, isso se torna uma educação sutil para o emprego da força e da esperteza. Creio que se nos aprofundarmos nessa questão concluiremos que há na retórica do direito um latifúndio da procriação humana. Não vejo aí o intento de trazer seres humanos para uma vida digna, mas sim criar uma massa de manobra para servir o direito dos privilegiados...

– Credo, Cisco! Você acha que isso é intencional?

– Se é intencional não sei, mas creio que, por nos acostumarmos raciocinar superficialmente, sem nos aprofundarmos na questão, só damos tapinhas no diabo e não acabamos com o safado... E isso não tem nada a ver com influências divinas; é negligência humana.

– Caramba, Cisco, você pôs em dúvida até o meu direito de pensar. – Ela deu-lhe uma mordidinha no queixo: – Pelo menos ainda tenho o direito de fumar?

Ele pegou o maço de cigarros e deu a ela.

– Aproveite e fume bastante, porque assim como o privilegiados te entucharam esse vício como direito, usarão de todos os artifícios para tirá-lo quando se sentirem prejudicados.

– Cisco, do jeito que você fala parece que eu não tenho nem direito de pensar.

– Você tem o direito de pensar o que quiser, já que ninguém vasculhará sua cabeça pra descobrir seus pensamentos...

– Ufa! Pelo menos isso!

– Mas não se esqueça que você foi treinada desde criança por uma doutrina cultural que lhe foi entuchada na mente e que faz você pensar como pensa. Portanto, não acredite que os seus pensamentos são frutos genuínos de sua mente... Aliás, um direito importante que você tem é questionar seus próprios valores e as bases de sua estrutura mental, e você deveria usá-lo. Você só teria pensamentos próprios se fosse a única pessoa no planeta, desde os primórdios humanos.

– Você está fazendo eu me sentir uma idiota.

- Ótimo!
- Ótimo?! Seu cretino! – Ela puxou um pêlo do peito dele.
- Ai! – Ele segurou sua mão: – Acho bom que você se sinta assim. Lembra quando lhe disse que me sentia um panaca na juventude por só me meter em farras e bebedeira?
- Lembro!
- Tá aí, foi a partir do momento em que me senti um panaca que comecei a deixar de ser e comecei a mudar minhas atitudes. Já ouviu dizer que são as grandes crises que levam a humanidade a evoluir e se aprimorar? Foi no período glacial, que os nossos antepassados refrescaram a cabeça e começaram a se socializar...
- Esse período glacial aconteceu nos tempos das cavernas, né?
- Na verdade houve quatro períodos glaciais. Talvez o correto seja dizer Era Glacial, que abrange os quatro períodos. Mas isso é pré-história...
- Tempo do homo-sapiens?
- O neanderthal também viveu naquele tempo. Mas voltamos à Antiguidade; o que você me diz da Muralha da China?
- Tá aí um monumento fabuloso!
- Fabuloso por quê?
- Ora, ela é grandiosa! Li, que os astronautas a viram do espaço... Isso não fabuloso?
- Tem razão. Mas assim como você notou apenas o fenômeno visual das pirâmides e não o histórico e psicológico, também só está vendo o visual da Muralha...
- Ah, a muralha também tem sangue derramados...
- É claro que deve ter morrido muita gente numa construção daquele porte. Mas o motivo da construção da muralha e das Pirâmides são opostos. As pirâmides foram construídas como túmulo de luxo pra tiranos e invasores de nações; a muralha foi erguida para a defesa do bem comum, contra invasores bárbaros do ocidente. Ab, fora as baboseiras que toda cultura tem, a cultura chinesa tem valores exemplares.
- Não gosto dos chineses. Tiro pelas pastelarias. São sujas!
- Porque uns baianos mataram à facada algumas pessoas há 50 anos atrás, todos os baianos são assassinos?
- Ah, eu sei que é preconceito, mas a primeira impressão é a que fica.

– Que bom que você sabe que é preconceito, mas só ter consciência é pouco; analise seu preconceito até transformá-lo em conceito. Saiba que a cultura chinesa na antiguidade se aproximava, e muito, da República de Platão.

– É?! – Ela achou as pastelarias chinesas limpíssimas. – Que maravilha!

– Calma! Os chineses eram extremamente machistas e as mulheres não recebiam a mesma educação que os homens...

– Ah, eu sabia que era fantasia. – Ela tornou a pensar nas pastelarias sujas dos chineses. – Mas o que eles tinham de semelhante com a República de Platão?

– Os soldados chineses, e os negociantes na antiguidade, pertenciam à camada inferior da sociedade. Acima deles estavam os mandarins, que eram os educadores do povo e ao mesmo tempo auxiliares dos governantes... Viviam distantes da Mesopotâmia e do Vale do Nilo e não tiveram a infelicidade de serem invadido pelos arianos, como aconteceu com os indianos. Eles organizaram o seu sistema social sem a influência da cultura ocidental. Não pensavam em invadir nações. O filho de um mandarim poderia se tornar um servente se não se interessasse pelos estudos; e o filho de um servente poderia se tornar um mandarim se gostasse de estudar...

– Nossa! Será que Platão não se inspirou nos chineses pra escrever sua República?

– Creio que não. Nada consta que ele esteve na China. Se bem que ele era um homem bem informado e se interessava pela história de todos os povos... Foi ele quem falou na existência da Atlântida...

– Mas os soldados chineses aceitavam pertencer à camada inferior numa boa?! Eles não tentavam um golpe como o de 64? – ela perguntou interessada e sorriu marotamente.

– Aí é que está o valor cultural de um povo. A China não estava contaminada pela ganância da cultura ocidental. E a função principal dos soldados era manter o equilíbrio e a paz social...

– Puxa, Cisco, essa história dos chineses está interessante. O que você chama de DNA cultural, neles era bonito!

– Por que eles saíram da rota?

– Eles não saíram da rota, colidiram com a cultura ocidental, que o desviou...

– Não entendi.

– Eles sofreram influências de más companhias. Até o nono século antes de Cristo os chineses formavam uma civilização admirável, aí foram invadidos pelos russos e se bagunçaram por um tempo. Sob influência dos hunos, por um tempo brigaram entre si, mas graças à cultura do povo, que era pacífica, séculos depois eles reencontraram o caminho. Foi nesse período, no século VI antes de Cristo, que nasceram Lao Tsé e Confúcio. Quando um país está em desordem, começam a surgir grandes pensadores. Os profetas hebreus surgiram por seu povo viver cativo de outras nações... Os chineses tiveram mais problemas com a invasão ocidental do que precisamente com sua conduta cultural. Centenas de anos depois eles foram invadidos pelos mongóis, e mais recentemente pelas potências ocidentais...

– Mas e se os chineses se deixaram influenciar pelos outros, sua cultura não era tão forte assim – ela disse, duvidando.

– Na convivência entre um traficante poderoso, preso, e um carcereiro mal pago, será o carcereiro capaz de convencer o traficante de que o crime não compensa, ou o traficante o convencerá de que ele é um tolo e honesto semi-encarcerado?

– É, aí é um problema entre o mal e o bem, né? O mal é mais sedutor, não tem que ter responsabilidade e bom senso, como o bem... Caí nas drogas por isso...

– Com o mal e algumas doses de hipocrisia e ambição desmedida, consegue-se ascensão. É por isso que digo que o poderosos boíam acima do mar humano... É por isso que digo que os poderosos boíam acima do mar humano...

– Sabe o que estou pensando? Que os chineses da antiguidade tinham pastelarias limpas, mas com a invasão dos ocidentais ficaram com as pastelarias sujas. O que você acha?

– Acho que isso é um pastelão metafórico – ele disse sorrindo e a beijou. Logo depois voltou a falar: – Já ouvi falar que na China, num lugar afastado, existe um povo entre as montanhas que é comandado por mulheres. Vive-se lá a poliandria. As mulheres são livres para transar com os homens a seu bel-prazer.

– Que interessante! Mas como elas conseguem viver assim num país machista?

– Ora, a China possui um território maior do que o território brasileiro. Nós não temos nações de diferentes culturas em nosso território, como os xavantes, yanomamis, pataxós etc.?

– Hum, acho as pastelarias dessas chinesas as melhores do mundo! – Ela pegou-lhe o pênis e concluiu: – Elas trazem os homens no cabestro.

– Um costume idiota em boa parte da China, era atrofiar os pés das meninas, e elas se tornavam mulheres que andavam sobre cotocos...

– Meu Deus! Que atrocidade! – Ela soltou-lhe o pênis. – Por que faziam isso?

– Porque atiçava a sexualidade dos chineses, ou por um perverso simbolismo psíquico de poder, sei lá!

– Que horrível!

– É por isso que digo que todos os povos devem questionar suas culturas, seus costumes... Bom, mas fora as porcarias culturais elaboradas pelo lado podre da razão humana, eles eram um povo bem criativo! Inventaram a pólvora e os fogos de artifício; conhecem a acupuntura há cinco mil anos; em tempos remotos já manufacturavam a seda; tinham conhecimento da medicina e das posições dos astros... Isso tudo, quase mil anos antes de Cristo...

– E Confúcio, Cisco? O que ele dizia sobre as mulheres com seus pés atrofiados?

– Creio que nada. Os tabus sociais, por mais idiotas que sejam, na maioria das vezes são maiores do que qualquer gênio. As mulheres judias, no tempo de Jesus, eram proibidas de estudar, mas você nunca leu um pronunciamento de Jesus dizendo: escolas, abram suas portas para as mulheres! Lembre-se de Platão com relação a escravidão...

– É verdade. Quebrar maus costumes não é fácil. Mas Confúcio viveu muito tempo antes de Cristo?

– Ele nasceu em 651 antes de Cristo. Como vê, viveu antes de Platão também... Entre 600 e 700 anos antes de Cristo, nasceram Lao Tsé, Buda e Confúcio. Jeremias nasceu no fim do sétimo século antes de Cristo... Eu creio que a vantagem do povo chinês, Ab; é que eles vêem o sábio como herói, e não o militar, o esportista, o estadista etc. Para o povo chinês, o herói, o homem admirável, é o homem ponderado, que possui conhecimento e soluciona impasses de maneira satisfatória, e Confúcio foi o maior entre eles. Eu acho que está aí a grande diferença entre a cultura chinesa e a cultura ocidental, o povo chinês tem uma ligação maior com o universo invisível, com o mundo espiritual...

– Mas eles são comunistas, e os comunistas são materialistas! Há uma incoerência nisso: – Ela disse convicta de que o provocaria.

Ele riu.

– Ab, Martin Luther King disse que o comunismo se fortalece no mundo porque o cristianismo não tem conseguido satisfazer os anseios de justiça, paz e dignidade social no seio do povo... É mais ou menos isso. Luther King tinha sensibilidade visão histórica e humana e defendia a causa dos excluídos. Por isso o assassinaram... Tome cuidado com a retórica da mídia, porque ela é porta-voz dos poderosos do ocidente. Por exemplo: pela China ser comunista, você ouvirá muitas coisas contra o governo chinês. Claro que muitas serão verídicas, razoáveis e dignas de crença, mas no bojo virão junto as retóricas bem articuladas para a lavagem cerebral. A proibição de um casal ter mais de um filho é um exemplo. Imagine, Abigail, se num universo que ultrapassa o bilhão de pessoas, 200 milhões de casais tiverem 3 ou 4 filhos? O chinês ainda possui o costume idiota de ter o filho varão a qualquer custo; imagine se for nascendo mulheres e eles continuarem tentando o menino!

– É, tem razão, seria um caos.

– Tanto no caso da Índia como no da China, a recomendação de Jesus para crescer e multiplicar não pega bem. A cultura ocidental adora esse raciocínio porque os poderosos ocidentais vêm nisso a proliferação de consumidores, fiéis e mão-de-obra barata... Aí está o quanto pior melhor, bem escancarado! Jesus não diria o “crescei e multiplicai-vos” se vivesse nos dias de hoje.

– Ele diria: “Usem camisinha!” – ela disse sorrindo.

– Ele era um homem sensato, naturalmente diria isso. – ele concordou, sorrindo também.

– Mas por que os chineses se tornaram comunistas?

– Assim como Cuba, as circunstâncias os levaram ao comunismo...

– Por quê? Os cubanos não são comunistas porque querem?

– Agora sim, mas foram circunstâncias políticas que os levaram ao regime... Primeiramente, Ab, não veja o comunismo que desmoronou na cortina de ferro como o comunismo elaborado por Marx...

– Tem diferença?

– Claro que tem, Mas depois eu explico. Entenda primeiro o caso de Cuba: no tempo de Fulgêncio Batista, o dita-

dor cubano, Cuba havia se tornado casa de veraneio americana. O povo vivia na miséria, a corrupção campeava, e Fulgêncio Batista era um ditador sacana a serviço dos interesses da chamada democracia americana... Quando Fidel e Che Guevara iniciaram a revolução cubana, o povo aderiu a eles com toda a simpatia que um povo pode ter por uma causa. Assim conseguiram expulsar cubanos que se aproveitavam da bagunça e os americanos que a causavam. Só, que pra colocar a casa em ordem precisa de dinheiro. Espera das potências ocidentais, que defendem os mesmos interesses americanos, seria bobagem, então a ajuda veio da Rússia, que na época tinha interesse em espalhar o comunismo.

– Tem sentido. E as circunstâncias explicam a condição de Cuba... Sabe, isso me lembra aquele texto de Erich Fromm, que li na sua casa. Mas com a China aconteceu a mesma coisa?

– Aconteceu. Depois dos hunos eles se aprumaram, criaram maravilhas artísticas, inventaram a imprensa no século VI...

– Mas, Cisco, a imprensa não foi inventada por Gutemberg?

– Os chineses usavam peças de madeira no século VI, e com isso já tinham uma imprensa artesanal. Gutenmberg inventou a imprensa industrial... Nessa época eles estavam tão à frente da Europa que já usavam aquecimento à gás e carvão... No século VII eles estavam no auge de sua civilização. A Europa já havia começado as ditas guerras santas entre cristãos e muçulmanos.

– Que bagunça que você fez, Cisco!

– Eu não. Só narro os fatos. Bom, nesse período o imperador chinês recebeu tanto cristãos como muçulmanos. Primeiro os muçulmanos, sete anos depois os cristãos. Ele deixou ambos construírem igrejas e mesquitas lá, e mandou trazer o Alcorão e a Bíblia para o chinês.

– O imperador foi ingênuo...

– Política da boa vizinhança, Ab. Para o imperador, Confúcio e Lao-Tse tinham ensinamentos melhores. Ele não acreditava que o cristianismo ou o islamismo fossem “pegar” entres os chineses.

– E não “pegou”?

– Há chineses católicos e muçulmanos, mas são poucos... Bem, no século XIII, Gengis Khan invadiu a China. Apesar da força bélica, eles não se impuseram sobre os chineses. Mes-

claram-se os povos, e a cultura chinesa continuou intacta. Isso é uma coisa inusitada na história humana.

– Interessante... Mas eu quero saber é por que o povo chinês se tornou comunista.

– Dá um tempo e eu te explico. Mas é bom que você saiba que foi pouco depois disso que o italiano Marco Polo foi à China roubar o macarrão...

– Marco Polo foi à China roubar macarrão?!

– Figurativamente é isso, né, Ab? – ele riu de seu espanto. – Todo mundo vê o macarrão como italiano e o macarrão é chinês. Saiba que Marco Polo viveu na China dezesseis anos e foi nomeado pelo imperador para um cargo importante no governo. O imperador nessa época era Kublai-Khan, neto de Gengis Khan, o bárbaro mongol. O neto já não era mais bárbaro...

– Caramba, eles eram bem hospitaleiros, hein?!

– Pois é, eram. Agora não... No século XVIII, mais ou menos, eles começaram a perceber que os ocidentais são abusados...

– Foram invadidos de novo?!

– Foram. E dessa vez a coisa foi muito feia. Eu acredito que foi essa a circunstância que os levou ao comunismo.

– Espere um pouco, bem. Dá um plimplim que eu vou fazer xixi – e saiu da cama.

Quando voltou, Cisco estava com um cigarro na boca e outro na mão, para ela. Abigail subiu na cama e deitou-se ao seu lado, usando o braço como traveseiro.

– Você tava dizendo que no século XVIII eles começaram a entrar em parafuso.

– É. Até o século XVII eles viviam sob a dinastia Ming...

– Aquela dos vasos lindos!

– Toda a arte ming é muito elogiada. Mas aí os manchus tomaram o poder e fundaram a dinastia C'hing...

– Quem eram esses manchus?

– Era o povo da Manchúria, a região mais rica da Ásia, por haver muitos minerais em seu território. É uma província chinesa. A população manchu era pequena, e mesmo assim tomou o poder... Não pense, Ab, que os chineses não são culpados pela situação que passaram porque eles também contribuíram com tudo aquilo. Eles eram orgulhosos de sua civilização, e com a

dinastia C'hing ficaram mais arrogantes e pouco diplomáticos. Outra coisa: Confúcio era um sábio, pregava a meritocracia, e como Platão, desprezava negociantes, e mais ainda: desprezava os soldados porque detestava o litígio. Porém, achava que diferenças de classes sociais eram uma contingência imposta pelos deuses, e isso era um prato cheio para os poderosos, principalmente os manchus. Os chineses, então, tornaram-se arrogantes, intolerantes e politicamente andaram pra trás...

– Êta, pastelaria imprópria! – ela disse, e riu.

– Pois é. A partir daí a coisa complicou para os chineses. Do final do século XVIII até o século XX eles tiveram sérios problemas políticos internos.

– O que houve? Desmanchou o império?

– O maior desmanche. Os manchus eram poucos, mas governavam a maior volume de pessoas do mundo, um povo inteligente e passivo. Não queriam dividir com o ocidente o que tinham... Sabe, Ab, os manchus refletem muito bem a cabeça dos poderosos do ocidente, a diferença é que os manchus, com medo de perder seu poder sobre o rebanho, que comandavam, não por rebeldia do rebanho, mas pela voracidade do ocidente e do Japão, acabaram fazendo um governo catastrófico. Até que por volta de 1860 uma ex-concubina ardilosa, por vários truques, assumiu o poder. Ela era ambiciosa, amoral, manipuladora e corrupta...

– Cheia de qualidades!

– É. E sabe-se que ela mandou matar alguns. Ela lembra Livia Augusta, mulher do imperador Augusto e avó de Claudius. Aliás, ela lembra um monte de mulheres da história ocidental... Era conhecida como a Velha Buda...

– Ela tinha os pés atrofiados?

– Não. Só as chinesas sofriam essa tortura maluca, os manchus não tinham esse costume. Aliás, com os manchus esse costume teve fim gradativamente...

– Tá vendo? Há males que vêm para bem.

– É. O destino sempre aparece carregado de contradições e surpresas... O fato é que a Velha Buda maquinou o governo chinês a seu bel prazer. Governou a China com interesse umbilical. “Malufou” os cofres públicos e antes de morrer colocou um pobre coitado no poder. Você assistiu *O último imperador*?

– Não. É ele?

– É. Eu tenho o livro de Eduard Behr. É mais esclarecedor do que o filme. Depois te empresto.

– Por que você diz que ele foi um pobre coitado?

– Porque ele foi manipulado desde a infância pra ser uma marionete dos donos do poder. Acabou sendo marionete dos japoneses...

– Bem, eu já tô achando que os chineses não são e nunca foram comunistas – ela disse séria.

– Por que você está dizendo isso? – ele franziu o cenho com graça.

– Você enrola muito! Eu só quero saber por que eles se tornaram comunistas. Você parece que quer contar a vida individual de cada chinês!

– Tudo bem, vamos resumir! Naquele tempo a Inglaterra era a grande potência do planeta. Ela tramava e fustigava guerras entre outros países, cuidando dos próprios interesses, assim como fizeram na guerra do Paraguai, que despontava na época como uma grande nação...

– A guerra entre Brasil e Paraguai teve o dedo da Inglaterra?! – Ela realmente se espantou.

– Teve, Ab! Mas essas coisas ferem suscetibilidades. A história universal é manipulada pelos interesses dos poderosos. Os fatos narrados nos livros sobre a história do Paraguai, é só pra inglês ver. Se for mexer na realidade dos fatos, muitos sulamericanos ficarão ressentidos, e nós temos que nos unir para que a América do Sul não imite a história do continente africano. A Manchúria foi desejada pelas grandes potências por ser rica; imagine o tesão que a Amazônia provoca nessas potências! Mas voltemos à China pra você compreender melhor a ganância das potências ocidentais: o fato é que a Inglaterra estava abandonando o tráfico de negros, pois havia um clamor contra esse tráfico nojento. Mas ao mesmo tempo incrementava o tráfico de drogas no oriente...

– A Inglaterra traficava drogas?!

– Seus comerciantes traficavam com o respaldo do governo.

– Assim, na cara dura?!

– Na cara dura. Seus negociantes produziam o ópio na Índia, que era colônia inglesa, e eles resolveram vender a droga pra China. Como a China não aceitou, houve guerra de 1839 a 1842.

– É muito pra cabeça...

– O ópio ou o imperialismo inglês? – ele perguntou sorrindo.

– Ambos – ela respondeu com tristeza.

– Pois é. Mas hoje as drogas são outras e o grande império também. Mas o DNA tá ativo, os ingleses venceram e mostraram a fragilidade do exército chinês.

– Mas Cisco, a Velha Buda não teve culpa dos ingleses invadirem a China?

– Claro que não! Essa invasão foi antes da Velha Buda assumir o poder.

– Ah, tá. Quem mais invadiu a China?

– Eu vou resumir: Rússia, Japão, França, Alemanha e Inglaterra tomaram pedaços da China. Os japoneses anexaram Formosa e Coreia, um protetorado Chinês; a Rússia tomou Manchúria e a Mongólia; Alemanha e França também... Virou bagunça! Todos esses países instalaram concessões na China e até 1940 esses países tomaram dinheiro dos chineses... A bagunça foi tão grande que a Rússia e o Japão brigaram dentro da China pela Manchúria...

– Que coisa maluca, Cisco! É o mesmo que duas quadrilhas brigarem dentro da minha casa disputando o que é meu!

– Tá vendo como tem analogia tanto a relação entre indivíduos como relacionamento entre as nações?

– E daí, Cisco, eles viraram comunistas, né?

– Bom, aí a Velha Buda morreu, após fazer P'ui, o último imperador, assumir ainda criança. Essa criança cresceu e se tornou marionete nas mãos do japonês. Nesse tempo surgiram alguns grupos, tropas de déspotas brigando pelo poder. Morfina, heroína e ópio se espalhavam pelo país. E surgiu Chiang Kai-Shek, corrupto e safado, mas com um exército considerável. Esse homem tinha um grande ideal: satisfazer seu ego, que era enorme. E nesse período surgiu Mao-Tse-Tung...

– Ah, até que enfim surgiu o homem!

– Ele só conseguiu fazer a revolução chinesa porque teve a ajuda do povo. No início era chamado de bandido e caçado pelos japoneses, que mandavam no imperador; logo, na China, que assim como Cuba teve a ajuda da Rússia para se tornar comunista.

– Mas a Rússia não tinha invadido a China também?

– Outra época, Ab. A Rússia e o Japão lutaram por volta de 1906; em 1917 houve revolução na Rússia e a implantação do comunismo. Em 1946, as tropas de Chiang Kai-Sek e as tropas de Mao ainda lutaram, apesar de Mao já ter tomado o poder e o Japão ter se desmilitarizado com as bombas atômicas da Segunda Guerra.

– Mas agora caiu o muro, Cisco; os chineses estão sozinhos. Como eles vão se arrumar?

– Não se lê o futuro, Ab. Principalmente na política internacional. Considero a cultura chinesa comunista por excelência, e só espero que logo eles tenham democracia pois é possível o socialismo democrático. É o que Fidel Castro deveria fazer...

– Mas Cisco, por que você diz que os chineses já possuem uma cultura próxima do comunismo?

– Ab, eu acredito que Marx, Confúcio, Lao Tsé, Jesus, Platão, Buda, Zoroastro e tantos outros possuem em seus ensinamentos muitas convergências e pouquíssimas divergências. Todos eles buscaram em seus pensamentos a melhor forma de viver e conviver. Cada qual ocupou espaços e tempos diferentes, e com isso viveu circunstâncias diferentes. Mas todos eles transmitem milenares anseios humanos no que ensinam. A diferença é que Confúcio e Platão não foram transformados em mitos; os outros sim...

– Não entendi. Quem transformou Marx em mito?

– Os líderes comunistas. O comunismo se espalhou quase como uma religião. Tanto é que, Albert Camus disse que Marx foi o único que percebeu que uma religião que não invoca transcendência deveria ser chamada de política. Por isso eu acho que o comunismo começou errado, não por culpa de Marx, mas dos líderes comunistas. Eu não gosto de ver um povo arrastado pela emoção, sem juízo algum. Dou mais valor à educação discernerativa, cognitiva, para que o povo em conjunto crie o seu futuro...

– Você quer dizer que muito do que os comunistas fizeram em nome de Marx na verdade nada tinha a ver com o que Marx elaborou?

– É isso. É por isso que acho que Marx não morreu. Está tão vivo quanto Jesus, Confúcio, Buda e outros... Tal qual Marx, Jesus também foi transformado em mito...

– E Confúcio não, por quê?

Ela percebeu que Cisco gostou da pergunta. E ele respondeu como se já houvesse maturado o assunto por muito tempo:

– Ab, esse assunto vai tomar páginas e páginas do livro que pretendo escrever. Vou pesquisar muito ainda, mas tenho um conceito sobre isso e preciso analisar fatos históricos para confirmar. Mas eu creio que Confúcio não se tornou um mito para o povo chinês porque seus ensinamentos foram transmitidos ao povo na base do boca-a-boca. E esses ensinamentos se espalharam entre o povo chinês de geração a geração como pensamentos de um sábio, e não de um mito... Veja bem, há

estudiosos que acham que Confúcio é, figurativamente, padrinho espiritual de Jesus, já que viveu quase 600 anos antes dele. Mas, na cultura ocidental, Jesus se transformou num mito e não num sábio pensador como Confúcio...

– Por que você fala que Jesus é um mito? Por causa da crença de que ele seja filho do Espírito Santo?

– Também por isso, mas há outras coisas. Jesus só passou a ser oficialmente filho do Espírito Santo a partir do violento debate que houve no Concílio de Nicéia. Mas o que transforma mais ainda Jesus em mito é compararmos seus ensinamentos com a conduta dos cristãos. Por exemplo: se te agredirem vire a outra face; não faça aos outros o que não quer que te façam; é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico ir para o céu; minha casa é casa de orações e vós a transformastes num covil de ladrões; hipócritas! Porque não procuras por vós mesmos saber o que é justo...

– Mas, Cisco, isso não significa que Jesus se transformou em mito; significa que os cristãos é que não estão fazendo a lição de casa!

– Significa muito mais que isso, Ab. Por exemplo: como os cristãos conseguem conciliar capitalismo e cristianismo? Se Jesus disse que é mais fácil um camelo entrar no buraco de uma agulha do que um rico ir para o céu, como é que o cristão leva Jesus a sério e ao mesmo tempo diz que o dinheiro traz felicidade, o mundo é dos espertos, cada um por si e Deus por todos e eu quero nadar em dinheiro? Como é que você consegue conciliar todos esses valores em seu espírito?

– Eu?! – Surpresa, ela se ofendeu com a pergunta e se perdeu na resposta. – Cisco, eu gosto de dinheiro, mas para ter uma vida digna...

– Não precisa explicar, Ab. – Ele lhe deu um beijo de leve. – Isso, Ab, George Orwell, explica! No livro *1984*, ele expõe uma sacada genial quando fala que o duplo pensamento é a capacidade de manter duas convicções de sentidos opostos ocupando o mesmo cérebro. Eu acredito que, além disso, explicar os conflitos e incoerências do espírito de uma pessoa, também explica o porquê de haver tantas tralhas incoerentes na cultura ocidental. Veja bem: se o cristão traz tantas incoerências dentro de si, carrega conceitos cristãos e anticristãos no espírito, ele é na verdade cristão da boca pra fora e maquiavélico da boca pra dentro. Você não acha a cultura ocidental bem artificial e inconsistente?

– Acho – ela disse, mas sem convicção na resposta porque seus neurônios estavam ocupados em procurar entender quantas incoerências ela carregava dentro de si. A per-

gunta de Cisco a despertou para coisas em que ela nunca pensara. Procurou prestar atenção no que ele falava e deixou para pensar no assunto depois.

– ... e o povo chinês é visto como povo mais educado do mundo. Solidariedade, justiça, respeito ao próximo e tantos outros valores humanos tão comuns na retórica cristã são mais comuns na prática do cotidiano chinês. É por isso que, com mais de um bilhão de habitantes, a China não explode. Você acha que o Brasil conseguiria manter harmoniosamente uma população acima de um bilhão de pessoas?

– Deus me livre! Claro que não! Multiplicaria a bagunça e seria um caos total...

– Claro. Nenhum país ocidental, nem os Estados Unidos, conseguiria se manter com uma população desse porte sem cair no caos.

– Mas eu ainda não consegui entender esta questão de os ensinamentos de Jesus e Confúcio serem semelhantes, porém na China deu certo e entre nós não. Se Jesus tinha ensinamentos similares aos de Confúcio, por que os cristãos não assimilaram?

– Confúcio foi boca-a-boca e Jesus vem de cima pra baixo... Nossa cultura é de curral, entuchada de cima pra baixo... – Ele deu uma pequena pausa, concatenando as idéias – Claro que há, entre eles, métodos de persuasão psicológica. Em qualquer lugar do mundo isso acontece. É só prestar atenção na revolução do Khomeini, no Irã, pra entender isso. Nos países democráticos essas mensagens de persuasão psicológica ocorrem sutilmente pelos veículos de comunicação. Um jornalista, um artista e outros, se tornam porta-vozes do poder... É a lavagem cerebral impregnada de magia, esperança ilusória e outras coisitas. É por isso que entre nós a educação é medíocre. Entre nós, raciocinar é pecado.. Ab, Darwin só concretizou o seu trabalho porque pulou a cerca do universo dos tabus. O universo dos tabus são cercas mentais...

– Cisco! Que tem Darwin a ver com a conversa? É incrível como você se dispersa do assunto. Parece que bebe!

Ele riu. Abigail continuou:

– Mas os ensinamentos de Confúcio eram semelhantes aos ensinamentos de Jesus mesmo?

– Ora, ambos queriam a boa convivência entre os humanos. Havia algumas diferenças, mas eram pouquíssimas, analisando-se o conteúdo geral. Só que Confúcio foi um homem culto. Andava entre o povo de província em província,

mas chegou a ser nomeado prefeito de uma cidade e até foi ministro da justiça do Estado...

– Ele foi ministro da justiça?

– Foi, de uma província. Mas por causa de ciúmeira de outra província ele acabou abandonando o cargo e reunindo milhares de adeptos em torno de si. Passou a ler e escrever muito. Os ensinamentos de Confúcio eram fórmulas de conduta para a boa convivência social. Por isso dizem que ele era um moralista e torcem o nariz para o que ele dizia. Por exemplo, uma de suas máximas é: “Sede leais para convosco e caridosos com vossos vizinhos.” Você não acha que um comportamento assim tem um valor maior do que virar outra face ou cada um por si, Deus por todos etc.?

– Claro, né, Cisco? Ser leal para comigo é me cuidar e não permitir que me ofendam; ser caridoso com o vizinho é respeitar o próximo. Isso é uma coisa que todo mundo quer!

– Só querer não adianta. É preciso aprender a praticar.

– Mas e Jesus, Cisco? Ele teve escola?

– No Novo Testamento, no capítulo sobre a mulher adúltera, diz que ele estava escrevendo na areia; considerando isso, conclui-se que ele sabia escrever. Mas não teve os conhecimentos de Confúcio. Aliás, Alan Kardec faz uma comparação entre Jesus e Sócrates que chega a ser uma analogia sobre o que estamos conversando. Kardec diz, em sua doutrina, que Jesus e Sócrates são espíritos iluminados e mostra que os dois não se defenderam ao serem condenados e ambos não deixaram nada escrito. Isso é fato. Ambos só foram conhecidos na história humana porque outros escreveram sobre suas vidas. Jesus foi propagado por seus apóstolos e Sócrates foi homenageado por seus alunos, principalmente Platão e Xenofonte...

– Mas Cisco, será que essas coincidências aconteceram à toa? – Um pensamento místico lhe tomou o espírito.

– As circunstâncias também produzem coincidências, Ab. Dostoievski disse: “Sempre estamos prontos a distorcer nossos sentidos para provar nossa lógica.” O fato de nos depararmos com situações coincidentes não nos dá o direito de usá-las como prova de sensações, de desejos que nos iludem o espírito, e com isso distorcer a realidade. Por exemplo, para Kardec afirmar com certeza sua analogia ele teria que considerar outras circunstâncias também. Confúcio, Jesus e Sócrates nasceram em situações culturais diferentes; se há semelhanças

de anseios, assim como em Platão, Buda, Zoroastro e tantos outros, é apenas porque eles conceberam, em suas elocubrações, anseios inerentes à humanidade desde os primórdios da civilização. Isso, independente da cultura vigente no tempo em que qualquer um deles nasceu... Kardec uniu as coincidências entre Jesus e Sócrates, mas desconsiderou as grandes diferenças. Sócrates viveu quase 500 anos antes de Jesus, em Atenas, a cidade mais culta de seu tempo, quando a democracia dava os primeiros passos. Escultor, era um destacado orador na terra de grandes oradores e filósofos. Não esqueça que ele foi mestre de Platão...

– Acho que neste caso o aluno superou o mestre – ela defendeu sua velha paixão.

– Tudo indica que sim. O que faz de Sócrates, no meu conceito, o patrono dos mestres. Se o aluno não supera o professor, um dos dois é medíocre. Nem um nem outro foram medíocres. Quanto a Jesus, nasceu em Nazaré, um pequeno povoado onde a maioria do povo era analfabeto...

– Mas se Confúcio, Platão, Sócrates e todos os outros tiveram estudo, como é que Jesus teve condições de criar pensamentos semelhantes ou equivalentes a todos eles?

– Jesus também foi um filho da circunstância. Só que com grandes méritos. Numa análise psicoantropológica, sociológica etc., é possível explicar isso, mas eu prefiro dizer que ele, como o Lula, tornou-se bom aluno da escola da vida e sensível aos anseios do povo...

– Cisco! – ela cortou a fala dele, censurando. – Até o Lula ficaria constrangido com essa comparação!

– Creio que sim. Afinal ele teve formação católica e até sua amizade com frei Beto prova isso. Mas a mim não constrange porque não mitifico Jesus. Já te disse que com poderes sobrenaturais um macaco cuida de uma loja de louças... Claro que corro o risco de incorrer em preconceitos nas coisas que exponho, afinal não sou uma máquina que raciocina sem emoção alguma. Mas procuro me despir da aura mística que leva a gente a cometer erros de avaliação. Os erros que cometo acontecem por desconhecimento e não por suposição. O que me interessa perceber é que a China, sem ser cristã, tem um povo considerado o mais educado; e o Brasil, país cristão, tem fama no mundo de ser um país de putas e ladrões...

– Tá certo, seu cético ao quadrado! Mas sabe que com

essa conversa sobre a China você me deixou em dúvida se a democratização do ensino daria um jeito no Brasil? Eu acreditava que seria uma boa saída, mas com a influência da cultura de fora sobre a gente, acho que não adiantaria muito. Se os chineses, que tinham uma vida independente, foram contaminados, nós, que já estamos contaminados, como vamos sair dessa? Fazendo revolução como eles?!

– Claro que não. Como é que os dependentes de drogas se curam de seus vícios?

– Com força de vontade e tratamento. – Ela estranhou a pergunta, mas preferiu ouvir.

– E o tratamento mais eficiente é o que o AA pratica, não é?

– É. Acho que é...

– O tratamento consiste em cultivar uma fé que fortaleça o espírito objetivando parar de consumir drogas, não é?

– É! E mudar de hábitos é importante.

– Exige humildade e franqueza com os companheiros.

No tratamento não tem as reuniões em que cada dependente conta aos companheiros as besteiras que praticou com o uso de drogas? Não tem esse descarrego psicológico?

– É a terapia do espelho. A gente conta o que fez de errado, os prejuízos que causamos aos outros e os que praticamos contra nós mesmos... Mas por que você está perguntando isso?

– Porque o mesmo tratamento do AA é o tratamento de que o brasileiro precisa. Antes de pensar na democratização do ensino, é imprescindível que todos os homens de boa vontade comecem a fazer o mea-culpa da humanidade, independente da profissão e da função que ocupem na sociedade. É por isso que digo que é preciso considerar que o profissionalismo se insere na cidadania e a cidadania se insere no humanismo. Essa escala de valores não pode ser invertida em hipótese nenhuma por um homem que se considere humanista ou cidadão. Assim como um homem de bem não deve defender uma instituição que prejudique a sociedade e a humanidade. Isso é vício e os vícios devem ser combatidos e precisam de um descarrego psicológico. E numa escala maior, o tratamento para os vícios da cultura humana deve seguir o mesmo tratamento que o AA pratica. Acho que a sociedade ébria tem que dar uma parada pra reflexão, fazer o mea-culpa de sua histó-

ria com sinceridade e mudar os hábitos.

– Você tá brincando! Isso é viagem...

– Claro que estou brincando. A humanidade ébria continuará viajando pelos tempos, dizendo que paga impostos e Deus ajuda! E continuará reclamando da bagunça social, da violência, da injustiça etc. Temos educação pra isso.

– Putz! Eu não sei se você é louco ou sensato demais...

– Sou indignado. Sei o que incentiva a violência... As fontes dos males existem, mas gente de nariz empinado não enxerga. O que me irrita é ouvir hipocrisias dos que mandam no mundo, defendendo instituições apodrecidas, como se não soubessem das fontes dos males... Pelo meu jeito de ser, jamais serei um milionário, já que nem em loteria jogo, mas se caísse um monte de dinheiro no meu bolso, eu daria um destino a ele que pouquíssimos homens no mundo pensariam em dar...

– Não iria curtir a vida de um milionário?!

– Claro que não! Um milionário cercado de miseráveis é apenas um miserável endinheirado!

– Iria distribuir o dinheiro aos carentes?!

– Também não. Isto é paliativo que não resolve o problema. Eu compraria uma fazenda e convidaria todos os cientistas, professores, juristas, enfim, os homens cultos e de saco cheio com as sociedades em que vivem, para formar uma comunidade de princípios humanistas.

– Você acha que seria possível?

– E por que não?! Aqui no Brasil tem russos, americanos, holandeses e tanta gente de seitas tradicionalistas que vivem dessa forma. A diferença é que eu imagino uma comunidade agnóstica.

– Isso parece uma sociedade alternativa.

– E é! Só que sem esoterismo, sem superstições. E participativa!

– Mas e se um religioso quisesse viver na comunidade?

– Um religioso carregado de superstição não iria querer viver ali nunca. Agora, um religioso de mente aberta não seria impossível. Poderia, por que não? Abigail, a diferença fundamental entre ciência e religião é que a religião teima em explicar o Criador e a ciência primeiro quer compreender a sua obra.

– É, mas a ciência também tem seus podres!

– Claro que tem! Cientistas a serviço do deus Money

não são poucos. O poder dos laboratórios é um bom exemplo disso. É por isso que estou falando de cientistas descontentes! Formaria uma sociedade, uma ONG, que funcionaria como ombudsman da humanidade.

– Mas se a sociedade for agnóstica não terá ateus?

– Seria uma sociedade de fundamento cultural agnóstico, com um lema assim: “Deus é a verdade, e a verdade é uma procura!” Deus seria procurado através da obra, das coisas da vida. Mas tanto a crença do religioso de mente aberta como a do ateu seriam respeitadas. Afinal, isso é um princípio de foro íntimo. Não haveria na comunidade os atravessadores no relacionamento entre o homem e os mistérios da vida. A educação das crianças teria fundamentos científicos e todos na comunidade teriam uma educação igual. Aquilo que não se sabe, se diria: não sabemos! E aquilo que se sabe, seria ensinado. Uma educação sem preconceitos, sem cegonha e sem Papai Noel. Mas com valorização da inteligência e respeitando a vida e a convivência. Pode-se ensinar a realidade para as crianças com fantasias, mas sem calcar mentiras na sua frágil mente. Não vejo respeito no sujeito que entucha mentiras no íntimo das crianças.

Ele enfiou um braço sob ela, abraçando-a, e colocou-a sobre si. Ela ajeitou-se por cima dele, dando-lhe um beijo, e disse:

– O problema, meu sonhador, é que nesta comunidade a fé viveria em baixa.

– A fé só religiosa é um mito. Você pensa que Darwin não teve fé no seu trabalho? Freud, Einstein, Marx tiveram fé no que produziram. Aliás, lembre-me de te dar a biografia de Marx para você ler. A fé de Marx extrapolou o limite do humano comum! Era orgulhoso, mas por sua fé viveu humildemente, procurando a saída pra humanidade... Você acha que um cientista não tem fé, mesmo sendo ateu, quando está analisando bactérias à procura da descoberta do remédio para uma doença? Claro que tem fé! Um paleontólogo andando à cata de fósseis para análises não tem fé? Tem. Alguns cientistas são ateus, mas vivem como santos, Ab. Eles fazem do seu trabalho uma homenagem à vida. Eu tenho fé de que vou escrever o meu livro...

– Tudo bem, sabichão! Você disse que o homem tem uma história de 400 mil anos...

– O homo sapiens, uma espécie anterior à nossa. Mas

eu não sou sabichão. Eu sou um vagabundo que consome, para o próprio deleite, as maravilhas que os cientistas descobrem com seu trabalho!

– Ah, é um vagabundo?

– Claro! Os cientistas se esfolam para desvendar os mistérios da vida, se ralam para solucionar as três grandes charadas humanas: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? – Ele dramatizou as indagações. – Eu só usufruo de suas descobertas; sou um vagabundo mental que apenas suga o suor deles... Mas pior são os que nem isso fazem. Passam pela vida sem ao menos pensar o que isso significa. Existir sem ter consciência é ridículo...

– Neste caso, também sou uma vagabunda mental e eu quero sugar os seus conhecimentos; me diz como era a vida na pré-história.

– Isso está nas enciclopédias! Se você não estivesse no incomensurável número de pessoas que acha que o saber dói e que um vernizinho cultural já está bom, saberia!

– Eu não acho que saber dói e nem quero só fazer de conta que sei. Eu quero saber. Se não sei é porque as circunstâncias não me deram a oportunidade de saber. Tá vendo? Você me ensinou uma ótima desculpa para a inércia e para a alienação. As circunstâncias explicam tudo!

– E explicam mesmo! Até desculpa esfarrapada. Mas quem sabe percebe...

– Ora, bem, deixa de frescura! – Ela ergueu-se e sentou-se sob o ventre dele. – Já viajamos pela antiguidade, vamos dar uma esticadnha até a pré história!

– Tudo bem, vamos lá: com os dinossauros tendo pra mais de 130 milhões de anos, significa que quando Deus fez o Paraíso, os dinossauros já existiam... Acredita-se que o “zazaravô” dos nossos arquiavôs, o símio que nos deu origem e aos macacos, tenha existido pra mais de 40 milhões de anos.

– Bem, deixa os macacos pra lá! Eu quero saber do homo sapiens!

– O mais antigo ancestral do homo sapiens que se conhece é o australopithecus. Era bípede e já trabalhava com ferramentas feitas de pedras há uns dois milhões e meio de anos pra três... Há dois milhões de anos apareceu o homo habilis. Esse já tinha cara de homem, era bípede e tinha capacidade craniana maior. Daí passou mais um milhão de anos e apareceu o homo

erectus. Tá percebendo como demorou chegar onde estamos? Esse homo erectus já possuía uma capacidade craniana maior que a do habilis, produzia ferramentas de pedra melhores, aprendeu a acender o fogo e mantê-lo aceso. E se espalhou por todo o canto do Velho Mundo. Pausa para pensar: será que esses ancestrais foram pro céu ou eles ainda não tinham alma?

– Esse já é quase igual a gente? Então tinha alma.

– Há 400 mil anos existiam duas espécies, o sapiens e o neanderthal, que conviveram por mais de cem mil anos. Há indícios de que houve cruzamento entre duas espécies, mas não há provas... Há oitenta mil anos, na primeira glaciação, o neanderthal era baixinho, truncado e tinha cara de mau! Foi o primeiro a enterrar seus mortos.

– Tá vendo? Nessa época eles já eram religiosos.

– Pode ser por inspiração religiosa que eles enterravam seus mortos, mas também pode ser por outros motivos. Vamos supor, por exemplo, que fosse por amor!

– O que é isso?! Tá defendendo uma tese?

– Quem sou eu pra defender uma tese?! Eu levanto hipóteses! Naquele tempo, no meio de tantos animais famintos que havia, qualquer espírito que se apagasse, o corpo virava banquete. Talvez, para a pessoa que perdesse um ente querido, não fosse nada agradável saber que o corpo do ser amado iria virar alimento pros outros animais. Então passaram a enterrar. Saiba que os elefantes também praticam rituais com seus mortos. Será por amor ou religião?

– Você sempre arruma uma desculpa, mesmo que sem pé nem cabeça, pra jogar a religião pra escanteio!

– O amor é desculpa sem pé nem cabeça?! Tudo bem que o amor de hoje não seja flor que se cheire, mas os instintos e os sentimentos naquele tempo eram puríssimos! O amor não estava contaminado pelas hipócritas sofisticadas dos tempos modernos... É engraçado; nós sacralizamos o amor dos humanos numa retórica formidável; mas por esnobismo não percebemos que o amor se pronuncia nas abanadas de rabo do cão que gosta de nós...

– Não acredito nessa sua hipótese! Acho que era por religiosidade.

– Tudo bem! Feche os olhos, vamos fazer uma regressão. Vou te mostrar como era a vida por lá! – Ele a abraçou e sacudiu sobre si. – Pronto, chegamos!

– Ei, mas eu nem fechei os olhos!

– Minha fórmula de regressão é mais rápida do que um piscar de olhos. Não precisa de hipnotismo e nem fragilidade emocional, só imaginação e conhecimento... Você está percebendo que agora é uma baixinha de pernas tortas, grossas e peludinhas?

– Eu não tenho pernas tortas e nem peludas!

– Tudo bem! Vou te dar uma colher de chá: você é a única que tem as pernas torneadas e lisas entre as mulheres daquele tempo. Você se depilava com um aparelho feito de pedra. A primeira e última palavra em depilação da época.

– Eu me depilando com pedra? Isso até me arrepia!

– E não esqueça que se infeccionar será problema. Naquele tempo, só havia médico em outro planeta qualquer, mas não na Terra. Naquela época, gente com braço ou perna quebrados se arrastava e uivava enquanto a morte não vinha.

– Nossa! Gravidez naquele tempo devia ser horrível!

– Se eu fosse escultor, faria uma escultura de uma mulher daquele tempo parindo. Em homenagem à mãe das mães!

– Uma estátua parindo?! Teria que ser um escultor com personalidade semelhante à de Salvador Dali.

– Eu, por exemplo. Por eu não ter o dom, a humanidade perde um grande artista!

– É! E as mães perdem uma grande homenagem!

– Ei! – Ele a sacudi pelas nádegas. – Nós estamos em regressão! Estamos há 80 mil anos. Regressão comigo, vive-se o drama! Não tem essa de dizer fui Cleópatra e tudo bem. Tem que sentir a picada da cobra! Você está comigo.

– Eu sei. Estou aqui contigo e está tão bom! – Ela beijou-lhe os lábios. Mas logo ele falou:

– Não! Você está lá comigo... Estamos 80 mil anos atrás e não somos neanderthal porque eles foram extintos. Somos da espécie homo sapiens... Eu estou fazendo a cesta, depois que nós comemos um filhote de não sei quê. Eu estou roncando debaixo de uma árvore. Mas você, naquele dia, talvez por intuição feminina, está impaciente. Sente que algo está pra acontecer. Há um cheiro de tragédia no ar...

– Alguma coisa está pra acontecer! Há um cheiro de tragédia no ar... – Ela entrou na brincadeira dele, dramatizando. – Mas o que é que vai acontecer? O quê? O quê? O quê?

– O sol é escaldante! Esta palavra cai bem para a época.

Na Europa e na Ásia daquele tempo o sol derretia sertanejo... Você caminha pra lá e pra cá, nua e preocupada. Os seios apontam pro umbigo e balançam!

– Desgraçado! – ela disse, rindo.

– Mas você, preocupada, inquisitiva, cheira o ar tentando entender o cheiro da desgraça que se aproxima.

– Sim! Eu sinto! O que será?

– Neve! Aconteceu a catástrofe que nenhum vidente da época havia previsto. Começou o primeiro período glacial! A neve desce das montanhas em estrondosas avalanches! Flocos de neve começam a bater em sua pele quente! A neve queima, arde, dói! Você quer fugir mas não sabe pra onde... Responda: qual a sua primeira reação?

– Faço um boneco de neve!

– Que boneco de neve coisa nenhuma! Você nunca sentiu e nem viu a neve antes. Naquele tempo aquela região era calorosa. A neve machuca! Você fica desesperada! Quer fugir, mas não sabe pra onde porque em todo canto tá caindo neve!

– É! Eu quero fugir mas não sei pra onde!

– Você começa a sentir um frio que dói! Quer fugir. Se esconder bem longe da dor que está sentindo. Você quer fugir de você!

– Eu quero fugir de mim! Eu tô pelada! A neve machuca...

– Berros e gemidos por todos os cantos. O chão estremece com o tropel dos animais! Tudo se transforma num pandemônio incompreensível! Animais grandiosos se atropelam e se agriem! E a neve continua a descer das montanhas em estrondosas avalanches! Os flocos caem do céu e forram o chão. A vida é um inferno gelado!... Qual a sua reação naquele momento trágico?

– Morri de frio pra renascer e ficar aqui com você brincando de mentirinha!

– Não! Abigail não morreu! É imortal como Elis Regina!... Você não morreu porque eu te salvei. Acordei nervoso com aquela gritaria toda. Dei um pontapé na árvore porque pensei que era ela que estava me jogando aquela coisa gelada! Peguei tua mão e saímos em desabalada carreira. Eu mancava. Tinha quebrado o dedão com o chute que dei na árvore!

– Ai que dó! Quer que eu te faça uma massagem?

– Naquele tempo não havia essas frescuras... Tive uma idéia! Te empurrei pra subir em cima de uma pedras!

– Eu subi!

– Te empurrei pra subir em outra!

– Eu subi!

– Chegamos na boca de uma caverna!

– Que felicidade! – Ela bateu palminha.

– Homens e animais disputam a entrada da caverna.

– Eu chorei! Buaaaá, quero minha mãe!

– Mas os homens conseguem vencer os animais! Nós entramos.

– Ufa, que alívio! Como conseguimos?

– A inteligência humana se sobrepôs à ferocidade dos tigres dente-de-sabre famintos que nos impediam de entrar! Na encrenca éramos em cinco, quatro homens e você. Eu e mais dois homens éramos jovens. O outro era um velho metido a sabido que teimava em comandar a estratégia de combate...

– Ainda bem que tinha um experiente na área! – ela disse aliviada.

– Mas fui eu quem teve a idéia salvadora!

– Oh, meu herói! O que você fez para nos salvar?!

– Elementar, minha cara tiete: dei uma pedrada na cabeça do velho experiente e o joguei para os tigres, como boi de piranha! Enquanto os tigres comessem o velho, a gente estava sossegado.

– Seu anti-herói! Seu crápula! – Havia uma caricatura de decepção em sua fisionomia.

– Meu lema na época era: os fins justificam os meios! Eu era o protótipo dos grandes comandantes da humanidade!... Só que depois tive que brigar com os outros dois...

– Você era encrenqueiro, hein?! – ela censurou.

– Briguei por sua causa!

– Ah, bem; eles começaram a me paquerar e você ficou com ciúmes. Foi isso, não foi? – Ela adorou.

– Não. Não foi por causa disso. Eles notaram as suas pernas lisas e torneadas e começaram a dar gargalhadas e tirar sarro! Estava fora dos padrões estéticos da época!

– Seu cretino! Quem tem que levar uma surra é você! – Ela detestou. E tentou lhe puxar os pêlos do peito.

– Pára! Pára!... – Ele defendeu-se. – Você consegue imaginar como é que aquele pessoal vivia? – Ele falou sério.

– Não era fácil. Devia ser bem complicado.

– Eles estavam mais pra inumanos do que pra humanos. Tinham o cérebro carregado de indagações diante de tantos mistérios. A noite era um breu e o céu despoluído devia ser assombroso. Era inevitável que criassem raciocínios supersticiosos, místicos... Eles não tinham nada para provar suas indagações e só podiam viver na base do “acho que é assim, acho que é assado”. Foi assim que nasceram as doutrinas supersticiosas...

– É mesmo! Como é que eles iam entender o que eram as estrelas, a lua, o sol, o dia e a noite, os raios e trovões...

– Imagine o que era o sonho na cabeça deles! Se até hoje a maioria das pessoas não compreende o mecanismo dos sonhos, imagine você sonhando comigo naquele tempo...

– Bom, aí é um sonho gostoso.

– Tudo indica que, na cabeça das pessoas daquele tempo, quando se sonhava com alguém, era o espírito desse alguém, ou do animal, que entrou no corpo dele enquanto dormia. E pense como devia ser ir à fonte ou ao lago beber água e ver a imagem refletida, ou olhar a sombra que os perseguia. Eles só podiam pensar que eram dois seres; um corpo que se beliscava e sentia e outro que era um corpo espiritual. Este é o outro lado da inteligência: os mistérios levam a indagações, as indagações levam a suposições, as suposições levam algumas vezes à verdade, mas também a misticismos e superstições. Naquele tempo a inteligência era desprovida dos conhecimentos que temos hoje, o que havia era uma inteligência fresca, infantil, e um punhado de mistérios a cercá-la e instigá-la.

– Você acha que é daí que nasceu a religião?

– Claro que sim! As mulheres pariam, e os homens não sabiam por quê. Sabiam apenas que sentiam desejo de transar com elas, mas não compreendiam a necessidade! Claro que as mulheres eram vistas como mágicas que davam vida às pessoas. Naquela época vocês estavam com a bola toda... Outra coisa interessante! Imagine dois homens acostumados a sempre caçarem juntos. Se um dia eles fossem atacados por animais e um morresse, o que sobreviveu diria que teve sorte. Mas por que um tinha sorte e o outro não?... É claro que, num bando, sempre tem o líder, que nem sempre é o mais inteligente e sensível, mas sim o mais violento ou maquiavélico, o

mais tirânico. Um cara desses poderia dar as explicações, e quem não concordasse levava porrada. Até hoje muitas verdades são construídas assim! E considere também que a humanidade não nasceu falando!

– É mesmo, eles não falavam! E como será que aprenderam?

– É provável que só depois do período glacial começaram a falar. Antes, eles não tinham uma vida social, eram nômades que andavam a esmo. Com a era glacial, eles passaram a conviver em cavernas e a se socializar. Primeiro a comunicação era mais gestual, depois os mais inteligentes devem ter começado a articular algum som diferente com os gestos, e passaram a ser imitados. Mas também, na época de frio, era provável que se reunissem em volta da fogueira e comessem a cantar aos berros.

– Nossa, devia ser o coral mais desafinado de todos os tempos!

– Não zombe, pois foi daí que nasceu a música. Outra arte que nasceu naquele tempo foi o desenho, a gravura. A arte é tão próxima da religião que o desenho nasceu devido à superstição.

– Não entendi.

– Eles não desenhavam só por vontade de desenhar. Acreditavam que quanto melhor desenhassem os animais, mais chances teriam de matá-lo quando fossem caçar. Os deuses os abençoariam. Não era por arte que eles desenhavam, mas por superstição.

– Fico imaginando o medo que devia causar a sombra neles...

– É verdade. Tenho certeza de que, se vivesse naquele tempo, acharia que minha sombra era um espírito me seguindo, me vigiando. Aliás, eles tinham mais motivos do que nós para ter paranóias. Por isso acho que as superstições e as neuroses são parentes.

– É um caso pra se pensar...

– Imagine como eram fantasmagóricas as noites nas cavernas. Eles faziam fogueiras, a noite era um breu e as chamas provocavam as danças das sombras. E eles não tinham conhecimento para explicar nada disso cientificamente.

– Que esquisito! Eu sinto isso como romântico e ao mesmo tempo imagino algo assustador!

– Onde há humanos, todos os sentimentos estão presentes. Se as novidades nos assustam hoje, imagine os homens de milhares de anos atrás quando começaram a manipular o fogo e tantos elementos misteriosos. O primeiro homem que fez isso mereceria uma estátua...

– Você é doido pra fazer quadros, estátuas...

– Não é isso. Eu gosto de homenagear os heróis anônimos e a realidade que ninguém gosta de enxergar. Eu acho que o sujeito que dominou o fogo foi o Eistein de seu tempo.

– Cisco, eles tinham todos esses problemas com o desconhecido, mas eles eram mais livres do que nós, não eram?

– Eram. Não estavam presos neste labirinto em que nos enfiamos. Mas eles tinham muitas perguntas e pouquíssimas respostas, o que me leva a pensar que a liberdade é apenas mais um dos sonhos humanos impraticáveis... Ah! Não se esqueça de que enquanto o homem foi nômade, a mulher escolhia com quem queria transar.

– Interessante isso. Muito interessante. Mas essa conversa de andar nua em cavernas e escolher o homem que quero me deixou com vontade... Me deixou com um desejo bem primitivo.

– A mão dela desceu para o centro do corpo dele.

Cisco deslizou entre suas pernas, invadindo com leves carícias o seu mais íntimo recanto físico. Beijaram-se e lamberam-se e se entregaram ao mais antigo e forte instinto animal.

Dessa vez, ela sentiu-se uma mulher das cavernas cruzando com seu homo sapiens.

Abigail nunca se sentira tão à vontade a sós com um homem. Ouvira, no início, palavras diretas e cruas, de uma sinceridade que não estava habituada a ouvir e que ia contra seus interesses. Mas no transcorrer da noite sentiu-se livre, aberta, sem reservas. Claro que passara muitas noites com Paulo Sérgio sem bloqueio algum. Mas a comparação era inconcebível. Se com Paulo Sérgio, devido às drogas, ela entregava-se sem reservas, também não havia senso crítico e nenhuma noção real de si. Sempre ficara, naquelas noites, com a sensação de que não fora precisamente ela, e pouco se lembrava do momento vivido. Com Cisco, não; ela fora ela: autêntica, limpa, sem ingredientes de ilusão – entregara-se de corpo e espírito. Inusitadamente, fizeram do quarto uma sala de aula e usaram a sensualidade como recreio. Sentiu-se menina. Sentiu-se fêmea. Sentiu-se humana. Não se sentiu noiva ou esposa, e isso era o re-

vés da felicidade almejada. Mas tinha esperança de reverter a situação. Estava certa de que teria Cisco por marido.

Quando saíram do motel, era mais de uma hora da madrugada. Ela, por sua iniciativa, ajudou-o nas despesas. Ele não recusou, e acompanhou-a até o estacionamento da rua Santo Antônio. Pegaram um táxi na rua Martins Fontes, ele a deixou em casa e seguiu para a sua.

Naquela noite, ela deitou-se exausta e logo dormiu. Nem pensou em anjinho e diabinho. Dormiu com a sensação de que, mesmo diante da crua e misteriosa realidade, a vida é bela e prazerosa.

CAPÍTULO VII

A paixão é um estado interessante que chega a aparentar que os sentimentos estão em ebulição no íntimo, sensibilizando a pele e iluminando o olhar. Assim se sentia Abigail. Seu envolvimento com Cisco lhe trouxera um contagiante bem-estar ao espírito, causando-lhe uma sensação agradável que não se lembrava de ter sentido em outros tempos com tal intensidade e tão fácil aceitação. Nem mesmo as divergências entre ambos lhe causavam conflitos íntimos. Amava e sentia-se amada, e isso lhe emprestava uma transparente vivacidade, dando-lhe um ar de adolescente descobrindo o amor. Enfim, estava bonita e aérea, com os instintos a florados e um ar abobalhado de sublime encanto, tão peculiar aos apaixonados.

A exteriorização deste estado de espírito era tão perceptível que certo dia, quando Abigail estava na casa da irmã e do cunhado (aguardavam Cisco para os dois casais irem ao cinema ver *O Nome da Rosa*), Sandro comentou:

– Vai chegar o dia em que as mulheres bem amadas terão seus hormônios vendidos a preço de ouro para os grandes laboratórios fazerem cosméticos para a pele. Abigail, se você conservar esse estado de graça, vai ficar milionária!

Mas a forma divertida de Sandro elogiar a beleza da pele da cunhada abriu brecha para Leilane alfinetar o marido:

– É, a pele das mulheres bem amadas é invejável. Tomara que façam logo esse cosmético porque a minha pele tá um lixo!

Sandro, sem-vergonha, saiu pela tangente sem perder a ironia:

– E a minha pele então, santa?! Se pele de mulher mal amada fica um lixo, imagine a de homem! Sinto-me um galo velho depenado! Abigail, preciso do teu hormônio. Com todo o respeito, é claro!

Comentário assim a envaidecia naturalmente. Mas, diferente de Sandro e Leilane, que se habituaram a viver trocando amistosas farpas numa branda disputa de irônica reciprocidade, ela e Cisco principiaram sua relação de forma diferente. Eles brincavam e até se cobravam em sutis ironias, mas na intimidade habituaram-se a ter conversas confidenciais e empáticas como se fossem dois analistas e pacientes tentando desvendar reciprocamente os mistérios dos seus âmagos. Abigail, que na clínica de recuperação tivera enorme dificuldade para abrir-se e expor os desastrosos infortúnios que passara com o uso das drogas, agora se, espantava com a facilidade com que se expunha a ele, contando coisas que lhe eram pessoas de lembrar. Naturalmente o espírito perspicaz, analítico e intimista de Cisco influenciou-a para que esta convivência pouco comum se desenvolvesse, mas ela se adaptou de uma forma surpreendente. Chegava a sintonizar-se com ele nas desavenças, já que não havia assunto mal resolvido entre ambos. Independentemente das diferenças e interesses, havia em quaisquer circunstâncias um imaginário símbolo da justiça existencial como mediador entre os dois. Coisas de Cisco que ela assumira também. Abigail procurava ser direta e franca como ele, por mais delicado que fosse o assunto, mas, talvez por sua característica feminina ou pela própria personalidade, era mais sutil e jeitosa nos comentários, porém sem perder a franqueza.

Os assuntos político-filosóficos, que eram marca inerente à personalidade dele, foram aos poucos dando espaço

para os assuntos pessoais, e dos assuntos pessoais foram se aprofundando no âmago de um e de outro, a ponto de às vezes conversarem até durante o ato sexual, já que ela também aceitou ver, como ele, o sexo como um prazer além do orgasmo e o coito como uma relação gostosa, útil em muitos sentidos. Habituararam-se a se divertir sensualmente até conversando sobre coisa sérias.

E com o tempo ela foi percebendo que Cisco tinha esta particularidade bem acentuada: ele mesclava o útil ao agradável na medida do possível, unindo o trabalho ao prazer e o prazer ao trabalho. Nas horas de pouco movimento em sua banca de ambulante, era possível vê-lo lendo algum livro, compondo uma música no violão ou criando alguma novidade entre seus colegas. Ele possuía a rara capacidade de mudar os hábitos se não tivesse prazer no que fazia. Ela compreendia que para Cisco a existência era o ponto-chave, e não os hábitos herdados. Agia como um computador que saiu da fábrica padronizado e, sentindo-se insatisfeito com a programação recebida, procurava auto-aprimoramento contínuo, ouvindo os técnicos mas tendo sempre a palavra final sobre o que seu arquivo cerebral iria absorver. Cisco não fazia um tipo diferente: ele era diferente. Autêntico até nas suas revoluções íntimas.

Mas tinha manias, como qualquer pessoa, e essas manias ele conservava, mesmo que para alguns transmitisse a imagem de arrogante e inflexível, coisa que, como Abigail percebeu pela convivência, ele não era. Mas o fato é que, com o seu jeito de ser, espontaneamente ele influenciava os amigos. Abigail notou a presença de Cisco alterava a natureza das conversas, no grupo de amigos comuns. Com ele presente, a reunião tornava-se mais produtiva e acalorada. Sem ele, os assuntos eram superficiais e rotineiros, e mesmo o humor era previsível.

Abigasil percebeu esse fato com clareza num dia em que saíram para uma panfletagem na Cidade Universitária. Ela, Pérsio, Leilane e mais quatro garotos da juventude petista aguardavam Cisco e Ricardinho chegarem para apanhá-los. Quando todos subiram na kombi, Pérsio notou que na orelha de Ricardinho brilhava um brinco: pequeno, do tamanho da timidez, mas tão brilhante quanto o desejo de destaque. Claro que a novidade mereceu a gozação de todos, até mesmo dos adeptos da moda. Mas Leilane, após chamar Ricardinho de “quase colega do gênero”, voltou atrás dizendo-lhe:

– Estou brincando. Não ligue pra gozação dos trogloditas. Você é um homem moderno.

Já Pérsio assumiu-se troglodita, dizendo:

– Prefiro ser troglodita a boiola.

Ricardinho defendeu-se dizendo ser moderno, consciente do que era e em condições de defender o seu jeito de ser. E concluiu:

– Os trogloditas não sabem o que são e não se questionam para se descobrirem porque têm medo de descobrir que são o que não gostariam de assumir.

O tiro saiu pela culatra, pois Pérsio e os quatro garotos preferiram entender que Ricardinho assumira-se homossexual e passaram a fustigá-lo com todos os tipos de gozações. A conversa continuaria dentro deste contexto comum e infantil se Cisco não interferisse:

– Acho que o mecanismo que levou o Ricardinho a usar brinco é o mesmo que leva os índios a enfiarem paus na orelha e no nariz! Chamar isso de modernidade é chamar botocudo de moderno, e chamar índio de viado é não conhecer a cultura indígena. Naturalmente há o homossexualismo na infância entre eles, mas, que eu saiba, mesmo que alguns tenham predisposição genética para o homossexualismo, não conheço nenhuma nação indígena que aceite isso culturalmente. Eles são tão primitivos quanto os primitivos de nossa cultura! Creio que uma gravata no pescoço ou um brinco na orelha não estão tão distantes entre si, e ambos não estão distantes do botoque do botocudo, da tatuagem do polinésio ou dos brincos dos piratas. Um brinquinho na orelha não está distante da lingerie preta da mulher fatal, do piercing do gótico, da jóia da madame dos palácios ou dos paramentos de um padre ou juiz. Tudo isso está contido na auto-afirmação do homem. Isto vendo pelo lado psicológico, porque pelo lado biológico, tem a mesma significação das asas abertas do pavão, do canto das baleias ou dos pássaros ou do miado escandaloso do gato quando está a fim de dar uma trepada. No fundo, todos querem existir e aparecer, mesmo que utilizando recursos e adereços primitivos, instintivos...

Ricardinho discordou, negando que seu desejo de destacar-se com o brinco o tornasse igual a tantos outros, dizendo que seu brinquinho era símbolo de protesto contra o “tudo-isso-que-tá”. Como ele, os outros discordaram das coloca-

ções de Cisco, e o assunto, que normalmente transcorreria com superficialismos e condimentos banais, mudou o conteúdo sem perder o humor ou tornar-se uma conversa desconfortável. A não ser para Pérsio, que detestava raciocinar além dos seus costumes.

Cisco comumente dizia que a inteligência é como uma moeda com verso e reverso, e que enquanto uns raciocinam com o verso, baseando suas razões na verdade natural, outros raciocinam pelo reverso, tendo como parâmetro os desejos e meras superstições e suposições fundamento, típicos de quem tempreguiça mental e medo de olhar na cara da vida.

Com Cisco, Abigail foi desenvolvendo uma nova ótica sobre a vida e sobre o mundo, principalmente nas questões políticas, já que ela começara a divisar o universo político numa dimensão mais ampla do que a política se expunha no cotidiano. Seu raciocínio sobre o todo passou a ter como premissa a existência, e isso a levava a questionar seus próprios costumes adquiridos por sofisticadas sociais. Velhos questionamentos sem respostas passaram a ter outros elementos para a sua compreensão. Conviver com Cisco era como estar num outro país, absorvendo uma nova cultura, uma forma diferente e exótica de se relacionar com a vida. Era como adquirir uma nova religião. Ela mantinha a sua crença em Deus e outras crenças análogas também, mas de uma forma mais livre e menos dependente, causando-lhe a impressão de que cada vez mais o seu espírito se expandia e Deus ficava maior dentro dela. Estranhamente, sentia-se mais íntima de si, como se anteriormente fosse uma estranha dela própria.

Mas o homem que amava tinha problemas como qualquer mortal. Certa vez ele lhe confidenciara que se sentia “enjaulado num labirinto íntimo”. Ela surpreendeu-se, já que o via como um homem independente, auto-suficiente, e acreditava que os problemas que o incomodavam seriam os comuns a todos, os problemas financeiros e os relacionados à política social. Como não entendeu o que significava sentir-se “enjaulado num labirinto íntimo”, quis saber que tipo de prisão era essa, e ele explicou: “O sentimento de liberdade não se encontra no mundo exterior e no direito de ir e vir; ele está dentro de nós. E poucas pessoas têm consciência disso. Mas só a consciência não é suficiente para libertar-se, é preciso trabalhar o universo íntimo, e ele é um labirinto misterioso, enorme,

ocupado por muitos entulhos culturais que tomam o lugar reservado às razões mais próximas da nossa existência e das necessidades naturais. Localizar esses entulhos e removê-los é complicado. Digo que é uma prisão íntima porque ocupa espaços internos e nos limita. Isso prejudica meu autoconhecimento.”

Ele não dissera nada de novo para Abigail, já que ela aprendera a chamar isso de “bloqueios”. Mas achou interessante Cisco ver esses bloqueios como uma prisão dentro dele, imposta por entulhos culturais que limitavam seus espaços internos. E chamou-lhe também a atenção o fato de ele ter dito que se considerava prejudicado no seu autoconhecimento e por isso sentia-se preso.

Não era difícil para Abigail compreender o sentimento de prisão que o acompanhava, já que essa sensação lhe era íntima também. Na clínica, quando exercitava o autoconhecimento de suas emoções, mesmo sendo exercícios sem a devida profundidade, ela surpreendia-se com muitos bloqueios que levava dentro de si sem se dar conta. Chegara até a concluir que carregava no íntimo duas forças opostas em constante choque: os bloqueios que a limitavam e a vaidosa necessidade de vencer e destacar-se. Nas conversas com Cisco, passou a compreender que a vaidade lhe abrira as portas para o mundo das drogas. “O mais, quando extrapola, leva ao menos”, ele lhe disse.

Cisco não tinha cultura acadêmica, portanto não era nenhum conhecedor profundo da mente e seus mecanismos, mas era interessado em compreender, perspicaz e sensível, e lhe transmitia confiança. Isso fazia com que seus encontros lhe trouxessem não só bem-estar físico como espiritual.

Mas a felicidade não é permanente. Ainda bem, porque sem crises o dom da inteligência e o prazer de estar vivo não se justificariam para o homem. Conforme palavras de Cisco, “rotina de felicidade é um pé no saco”. Se, por um lado, Abigail sentia-se feliz em abrir-se de corpo e espírito para ele, por outro passou a questionar se esse comportamento sem reservas não a expunha demais, tornando-a uma mulher previsível, o que poderia levá-la a perdê-lo. Ela via como exemplo muitas mulheres casadas que mantinham segredos e artimanhas de sedução sobre seus maridos, e passou a comparar seu modo de convivência amorosa com a maneira de agir dessas mulheres.

Em vez de chegar a uma conclusão, suas dúvidas aumentaram, Cisco possuía o sexto sentido que comumente se considera dom das mulheres, pois era enxerido e tinha uma percepção aguda para desvendar comportamentos e palavras. Além do mais, sua forma transparente de agir parecia-lhe um convite de boa convivência e ao mesmo tempo um ultimato: “Se não sabe conviver com sinceridade, até logo.” Esse recado do instinto funcionou como um sobreaviso, e num momento vadio, sentada em seu colo e trocando carícias, ela expôs seu receio:

– Você não acha que esta convivência aberta, com troca de confidências, pode nos levar a nos desinteressarmos um pelo outro?

– Não. Se nós dois não conhecemos os nossos próprios universos e somos mistérios para nós mesmos, como vamos perder o interesse?

– Mas eu tenho medo de que esse jeito de se expor me torne uma mulher previsível e você perca o interesse.

– Se você é um mistério para você, e eu pra mim, temos no mínimo 50 anos de análise conjunta para nos desvendarmos.

– Estou falando sério! A maioria das mulheres tem uma amiga que a conhece melhor do que o próprio marido.

– Isso tá parecendo conversa de vovó: “Há coisas que não se diz pro marido” – ele tentou imitar uma velhinha. – Esse comportamento acontecia porque o homem era o rei dos animais, mandava e desmandava, e a mulher era a rainha do lar, se defendia com segredos e subterfúgios. Mesmo agindo assim, elas engoliam pelo menos um sapo por dia, entuchado pelo seu príncipe.

– Eu estou falando de nós e não do comportamento dos outros! Eu tenho medo que essa paixão se acabe com esta convivência sem reservas. Acho que você pode perder o interesse como perdeu pelas outras...

– Por favor, não se compare! Você é você e as outras são as outras. Eu não estou interessado em manter uma relação com uma vamp cheia de mistérios, criada por sua imaginação. Prefiro usar meu discernimento em coisas mais úteis e benignas. Pra fazer amor com você não preciso pensar na Sophia Loren e para conviver contigo não preciso fantasiá-la como Lady Di. É com você que transo e em você que penso. Nós não temos o compromisso de arrancar segredos um do outro, o compromisso é a confiança. Quanto mais confiança você tiver

em mim, mais você se dará, quanto mais confiança eu tiver na sua capacidade de compreensão, mais me darei. Quanto mais nos dermos reciprocamente, mais nos amaremos. Vejo assim.

– Mas eu tenho medo que essa paixão vá pro espaço...

– A paixão é um fogo forte, mas seu combustível não é eterno! Se Romeu e Julieta não se matassem, veriam a paixão se esvaír no meio da convivência. O que poderia sobrar era o amor. É ilusão querer eternizar a paixão. A paixão é um cio humano. Eu acho que vale mais um casal que nem se deseje mais, porém se ame, do que dois inimigos presos pelo fogo da paixão e que se detestem. Eu creio que é a convivência constante e dependente que satura e ocasiona a apatia na relação, e não a troca de confidências. A troca de confiança transforma o casal em cúmplices. É claro que depende do grau do caráter dos dois para que a cumplicidade seja sólida e benígna para ambos.

– Quer dizer que você acha que a convivência muito grudada causa a apatia no relacionamento?

– Acho. Se um casal jovem, superapaixonado, ficar um ano em uma ilha solitária, sairá de lá desgastado e entediado. Mesmo considerando que a situação e a solidão do ambiente os una pela solidariedade, o fato é que a paixão não resiste.

– Não será por isso que você resiste ao casamento?

Desde que conversaram sobre o assunto pela primeira vez, eles não voltaram a falar a respeito. Agora, impulsivamente ela lhe fizera a pergunta. Ele sorriu de maneira incômoda.

– Não... Olha, não me cobre o que vou te dizer, mas eu tenho pensado em me casar contigo.

– Jura que é verdade?! – Ela saiu de seu colo e deitou-se, puxando-o para si.

– Juro por São Maquiavel que é verdade.

– Não brinque com os meus sentimentos! Você tem pensado mesmo?

– Tenho. Só que tenho que resolver algumas situações antes. Por isso não me cobre.

– Que situação você tem que resolver? Perder o medo de casar?

– Casar não causa medo. Mas eu não posso casar, ter filhos e continuar com aquela banca como sustento familiar.

– Esqueceu que eu também trabalho?

Veja só, eu não posso assumir um casamento tendo uma fonte de renda insegura. Essa coisa de colocar filhos no mundo pra tomar sopa de fubá, o meu pai já fez e eu não quero repeti-lo. Com aquela banca eu ganho mais do que 50% da população brasileira, mas o que ganho não me dá segurança, e boa parte da sociedade brasileira me tem como um marginal. Isso graças aos dignos pagadores de impostos e distribuidores de notas fiscais do comércio estabelecido! Veja só, trabalho pra mais de dez horas por dia e no entanto sou visto como vagabundo!

– Mas se a Erundina conseguir cadastrar todos e vocês pagarem taxas, não vai dar certo?

– Melhora por um tempo, mas depois bagunça de novo. Com a política e a justiça que temos, tudo que esteja ligado ao serviço público vira foco de corrupção e não tem segurança. Lembre-se de Platão: ele sonhava que fazendeiros e comerciantes pertencessem ao terceiro escalão social e que os governantes não tivessem bens e vivessem a expensas do Estado...

– Tudo bem, mas a sociedade em que vivemos não é a que Platão sonhou, por isso você tem que aproveitar seu tino comercial e entrar no jogo pra valer!

– Que tino comercial, Ab? Eu compro e vendo as minhas coisas apenas para sobreviver! Acho que a maior ambição de um homem é viver bem numa sociedade justa; você acha que um sujeito que pense assim está interessado em alimentar tino comercial?

– Mas fora esse comércio de sobrevivência e dessa ambição de viver numa sociedade justa, não existe um outro sonho que você tenha?

– Tenho e vou realizar. Vou escrever um livro: “O plebeu – um manual maquiavélico para analfabetos políticos”!

– Não brinca! Você pensa mesmo em escrever um livro?

– Claro que vou escrever! Estou me preparando. Cada livro que leio é uma aula e o diploma será meu livro editado. Na verdade, eu quero questionar a cultura que passa de geração para geração.

– Mas você não vai fazer faculdade para se aprimorar?

– Fora a preparação profissional, a faculdade é fonte de doutrina para a mediocridade do senso comum, e eu vou escrever sobre o contra-senso do senso comum. Uma faculdade, agora, seria perda de tempo e sacrifício inútil. O importante é observar a conduta dos poderosos e do povo. Sou um

voyeur do poder, procuro desnudá-lo nas entrelinhas dos seus discursos e comparar a prática com o resultado. Sou também voyeur do povo, procuro entender seus preconceitos e incoerências, seus sonhos e desejos, e comparo com a sua prática e comportamento...

– Quando você escrever esse livro quero ser sua assistente!

– Quem sabe você não será co-autora?

– Será uma honra... Agora me diz, olhando nos olhos. – Ela virou-se, posicionando o rosto frente ao dele. – Você acredita mesmo que esse nosso relacionamento sem reservas não vai acabar nos desgastando? Você não acha que essa paixão pode acabar?

– Não existe um só casal na história humana que tenha conseguido manter até o fim a paixão inicial, é isso que eu acho! Por isso essa paixão forte tem vida mais curta do que pode ter o amor...

– Ah, mas eu não quero que o que estou sentindo acabe!

Eu acho que a paixão é um sentimento mais físico do que espiritual, e penso que se quisermos prolongar mais essa paixão devemos procurar o meio-termo entre o desejo e a satisfação. Se nos entregarmos ao desejo procurando a satisfação plena, mataremos a paixão em poucos dias e prolongaremos a relação apenas por costume... Agora, essa confiança recíproca e essa troca de confidências nos ata afetivamente e pode prolongar o amor. É por isso que te disse que acho mais gratificante um casal que se ame, mesmo que não se deseje, do que um casal que se deseje e se deteste.

– É por isso que quero que a paixão continue pra sempre! Quero amor e paixão até que a morte nos separe. – Ela deu-lhe uma bicota nos lábios.

– Ab, não idealize o que a natureza não te propõe. Artificializar os sentimentos e instintos não é bom, e viver uma relação com auto-afirmações também não. Eu penso que se nós nos casarmos, será com a consciência de que nos amamos mas não nos pertencemos. É por isso que acho que devemos nos compreender o melhor possível e respeitar as diferenças sem perder a confiança. A franqueza é importante para que o amor permaneça e o entendimento também.

– Mas há situações em que a franqueza é muito complicada e difícil de lidar. E a verdade machuca...

– Ab, o medo do sofrimento aumenta o tamanho da dor. E as crises são eternas, independente da maneira com que se

lide com elas. Acho que casar acreditando que obstáculos e desentendimentos não acontecerão é idealizar um futuro que não se concretizará. Um casamento é a união de dois universos com diferentes culturas e tantas outras divergências. Conciliá-las exige confiança recíproca e aceitação das diferenças para que a união seja satisfatória. Vejo assim: o casamento é como uma sociedade na qual sentimentos e sensações são o capital de cada um e cabe aos dois aplicar o que de melhor possuem para administrar o patrimônio afetivo.

– Ih! Isso parece casamento por conveniência!

– Não tem nada a ver com amor de bolso e bolsa, mas é um casamento por conveniência, já que se procura a conveniência de manter uma união atada por afeto e companheirismo sem perder a identidade e os sonhos pessoais. Vejo até a possibilidade futura da adesão ao amor livre, que é uma coisa que os casados pela conveniência material praticam até durante a lua-de-mel.

– Amor livre?! Você está dizendo que quer se casar comigo já pensando em amor livre?!

– Primeiramente, não estou te pedindo em casamento. Estou pensando na possibilidade! Outra coisa: a traição é motivo pra indignação, vergonha, raiva e escândalo. Agora, um acordo aceito e cumprido por ambas as partes é digno e respeitoso. E férias conjugais fazem bem para que o amor não morra de tédio. Eu acho que anular o instinto em nome de racionalizações egoístas é matar um pedaço do espírito...

– Mas um casamento assim vive em crises constantes!

– As crises são eternas em qualquer situação. Neste momento há muitas mulheres com vontade de cortar o pinto do marido por terem sido traídas, e muitos homens dando cabeçadas na parede para afundar o chifre. É isso que dói! Como dói também a fidelidade construída com cinto de castidade, auto-flagelações psicológicas etc. Eu creio que a consciência de que não sou seu dono nem mando em seus sentimentos e ensaços me obrigará a namorá-la e seduzi-la constantemente. O mesmo acontecerá de você para mim. Um casamento com constante namoro e sedução não é mais interessante do que uma fidelidade mesquinha e castradora numa relação afetuosamente apática e de cobranças tirânicas? Vejo no acordo do amor livre um instrumento a favor dos instintos e sentimentos e não contra, como é a traição, a desconfiança e o jogo sujo por baixo do pano, comum à maioria dos casais.

– Mas isso cria uma insegurança permanente!

– Ab, querer controlar a segurança é se iludir com a rotina de felicidade. Rotina de segurança também é um pé no saco! Precisamos desarmar o nosso espírito controlador, porque todo controlador é um amedrontado pelas novidades. Por medo de perder o que tem, muitas vezes o controlador conserva pela imposição até o que não presta mais. Pura idiotice! Se não for capaz de manter seu interesse, não tenho direito nenhum de forçá-la a continuar apaixonada por mim, e mesmo que tivesse esse poder não o usaria, porque sentimentos não se comandam por leis ou porrada.

– Tudo bem. E se nós estivermos casados, tivermos filhos, e eu aparecer com a notícia de que estou apaixonada por outro?

– Vai doer, mas não vou perder a dignidade por isso. Se não fui capaz de seduzi-la a ponto de mantê-la interessada somente em mim, só me cabe usar a humildade e aceitar. Se eu for um bom marido, por maior que seja a sua paixão pelo outro, é comigo que você vai querer manter o lar e os filhos. E isso tem uma importância maior do que a minha vaidade e meu egoísmo. O reverso da relação também pode acontecer e a humildade será sua.

– Você é de outro planeta! Acho que você não é daqui
– ela disse, rindo, e o beijou.

O fato de Cisco pensar na hipótese de casamento já era um avanço que ia ao encontro dos anseios dela. Mas, sem pedi-la em casamento, ele indicara a possibilidade do amor livre no matrimônio. Era esse o seu modo de ser. Sua forma de encarar os fatos da vida a pegava sempre desprevenida, por mais que procurasse compreendê-lo. Normalmente só conseguia compreender suas opiniões pouco comuns depois de deduzir os porquês. No caso do amor livre, ela entendeu que se ele prezava a liberdade, a justiça e os sentimentos de cada um, era natural que concluísse que eticamente a relação entre o casal tinha que considerar a hipótese do amor livre como forma de respeito aos prazeres do instinto e aos sentimentos mútuos. Sua base de raciocínio fundamentava-se no universo biológico e não somente nos costumes sociais criados por condicionamentos tão antigos.

Mas para ela era difícil aceitar uma idéia tão adiante dos elementos que trazia no espírito, que agora ela entendia como

conservador. Porém, como nem em casamento ele a pedira, resolveu aguardar os acontecimentos para discutirem depois.

O fato é que Cisco a fazia sentir-se, às vezes, uma conservadora de carteirinha, daquelas para quem qualquer novidade dói. Sentia-se bem distante da garota que se acreditara moderna nos barzinhos de Santos, com cigarro nos lábios, caderno universitário nas mãos e sonhos de vencer na vida. Depois de Cisco, ela sentia-se uma ultrapassada. Isso a levava a questionar seus conceitos constantemente e essa prática causava revoluções em seu cerne, a ponto de até seus poemas tomarem um novo rumo e obterem maior consistência. Mesmo quando falava de amor em seus versos, não havia mais dores-de-cotovelo, pieguice e sonhos impossíveis. Era como se ela, aos poucos, estivesse colocando os pés no chão, com poesia.

Quanto a Cisco, Abigail sabia que ele não tinha ambições vertiginosas. Seus ídolos eram Gandhi, Darwin, Einstein, Marx, Freud, Platão, Mazzini, George Fox, Rondon e outros semelhantes, não Onassis, Salomão, Rockefeller, Ford, Roberto Marinho e Silvio Santos, que havia sido camelô, como ele. Sua ambição de viver num mundo justo, Cisco sabia que era inatingível, mas no entanto o impulsionava a praticar e produzir coisas úteis, procurando não perder a convicção e a dignidade. E Abigail achava que estava neste sonho, a força motriz para a sua liberdade e ânsia de viver destemidamente, escarafunchando os tabus e costumes, questionando a cultura, privilegiando a inteligência e os instintos e não se deixando sucumbir à rotina do senso comum. Ela entendia que essa ambição espiritual que o dirigia é que lhe dava o carisma de que ele próprio não se dava conta e do qual não tirava proveito.

Apesar de, quando o conheceu, tê-lo achado arrogante, com o tempo foi percebendo que conviver com ele era fácil e agradável. O seu comportamento o fazia cercar-se de poucos amigos, e chegava a parecer intencional sua forma de se comunicar com as pessoas. Suas palavras funcionavam como a urina que os animais usam para demarcar território, e assim deixava claro que não tinha interesse em picuinhas e situações enroladas motivadas por interesses escusos. Mantinha uma posição firme, dando a entender que não se interessava por meias conversas e que não compactuava com práticas injustas. Procurava praticar sua filosofia de que a justiça deve ser o eixo das relações humanas. Esse comportamento sistemático fazia com

que ele angariasse amizades sólidas e a simpatia e confiança de muitos. O mesmo carinho que Leilane, Sandro, Bruna, Nanci, dona Jandira e outros amigos nutriam por ele, ela constatou em vários lugares que Cisco comumente freqüentava. Até mesmo na Praça da Árvore os ambulantes o estimavam, e ela chegou a notar que espontaneamente, sem jogo nenhum por parte dele, Cisco era para os seus colegas um líder. Um líder que não assumia a liderança.

Porém, de acordo com dona Jandira, o melhor amigo de Cisco fora o padre Anselmo. Numa reunião em que o grupo mapeava locais e horários de panfletagem, ela comentara com Abigail:

– O Cisco sentiu muito a morte do padre Anselmo. Foi a amizade mais engraçada que já vi! Às vezes eles discutiam tanto que parecia que iam se pegar, e logo depois estavam tomando cerveja e rindo e gozando um com a cara do outro.

– Eles discutiam o quê?

– Eles ficavam um bom tempo conversando sobre um assunto, mas quando surgia uma divergência começava a discussão... Certa vez, o Cisco disse que a cultura das pessoas de curar suas dores e adquirir forças suggestionando-se, pedindo a ajuda de Deus, em vez de unir as pessoas, separa. O padre Anselmo não concordava e dizia que é uma cultura benigna. O Cisco dizia que era maligna porque acomoda o indivíduo e artificializa os sentimentos, e até a solidariedade passa a ser praticada por interesse e não por amor. O padre Anselmo discordava e o Cisco gritava: “O ombro amigo une! A crença na ajuda divina separa, porque incentiva e reforça o individualismo!” Aquele dia foi um barato...

– Eu não acho que crer na ajuda divina faz com que a solidariedade se artificialize.

– Eu também não! Mas naquela discussão o padre Anselmo chegou quase a concordar com ele, porque disse que a forma como as pessoas crêem em Deus é que está errada, pois pensam em Deus só pra si.

– Então o padre Anselmo era igual ao Cisco, gostava de pensar coisas complicadas?

– Uma vez ele me disse que o Cisco estava mais próximo de Deus do que muitas pessoas, porque o Cisco procurava Deus para entendê-lo, enquanto muitos crêem mas não procuram compreendê-lo.

– Ele falava isso?!

– Falava! Dizia que o Cisco, eu e os outros que trabalhavam na pastoral tínhamos um espírito semelhante ao espírito de Cristo porque, como Jesus, lutávamos contra as injustiças que o poder causa.

– Esse padre era meio da pá virada, não era não?

– Não fala assim! O padre Anselmo era uma pessoa fora de série. Ele era da Teologia da Libertação e tinha um carinho pelas crianças que chegava a comover. Ele dizia pras crianças que a melhor oração começa pelo estudo!

– Não é à toa que o Cisco se dava bem com ele.

– Se dava bem é pouco! A gente às vezes ficava até altas horas da noite preparando algum trabalho para alguma atividade do dia seguinte, e os dois conversavam, discutiam e se gozavam durante o trabalho. Tenho certeza que o padre Anselmo foi o melhor amigo do Cisco!

Quando Abigail expôs a Cisco a opinião de dona Jandira, ele disse que Diógenes, seu padrasto, e o padre Anselmo foram as pessoas mais importantes em sua vida. Ela estranhou que ele mencionasse dois homens e não mencionasse a própria mãe. Cisco explicou que sua mãe tinha uma importância biológica, como seu pai, mas a estrutura de sua personalidade tivera uma formação melhor pelo amparo que Diógenes lhe dera, a qual, posteriormente, a convivência com o padre Anselmo reforçara. Dentro do seu conceito de que as circunstâncias nos formam, ele compreendia a existência precária que sua mãe tivera e até o próprio pai, mas era muito grato a Diógenes, um agnóstico, e ao padre Anselmo, um religioso, e reputava a eles uma influência maior na sua formação.

– Isso é como a nacionalidade; nascer num país é contingência circunstancial. Muitos, mesmo amando e tendo saudade do torrão em que nasceram, adotam outro como pátria. Uns aprendem a crer em Deus de acordo com uma religião herdada dos pais, mas depois se encontram em outra crença e passam a ver Deus de outra maneira. Quantos filhos, mesmo amando os pais, não admiram mais o relacionamento da família do amigo?

Ele não possuía cartão de crédito nem poupança. Mantinha uma conta bancária porque seu trabalho exigia, mas preferia comprar mercadorias, principalmente eletrodomésticos. Tinha amigos, ex-colegas, que lhe davam “dicas” de produtos em

promoção nas lojas em que trabalhavam, e assim ele aplicava seu lucro e prevenia-se da inflação, que era altíssima na época, sem recorrer às instituições financeiras. Costumava chamar seu quarto de “meu banco” e o banheiro de “filial”, já que caixas de eletrodomésticos ocupavam espaço nos dois cômodos.

Tinha um terreno em Parelheiros. Quando ela lhe perguntou se era longe, ele disse que ficava “num dos poucos lugares de São Paulo que ainda tem mato”. Ela quis saber com que intenção comprara o terreno; ele respondeu que era investimento e que naquilo que se é mais vulnerável é com que se deve tomar mais cuidado. Abigail entendeu que ele era prevenido com o dinheiro, já que o via como seu “calcanhar-de-aquiles”. Chinelos e roupas eram as principais mercadorias de sua banca, mas sempre havia alguma coisa diferente que ele adquiria com a venda de um eletrodoméstico de seu estoque. Era um negociante, mas não se assumia como tal, dizendo que um negociante ama o dinheiro acima de todas as coisas e que a religião financeira seria a última que assumiria. Para ele o deus Money não era sagrado. Era um objeto. Isso tornava evidente para Abigail que, casando com ele, jamais seria milionária. E ela queria casar.

Com sua forma de agir, Cisco agitava sua curiosidade de Abigail e isso lhe fertilizava a imaginação, sendo-lhe útil para levar adiante o velho sonho do livro de poesias. Depois de Cisco, até o esboço de algumas crônicas ela começou a escrever. Sentia-se “prenha de imaginação”. E ele era o responsável. Para ela, até nos sonhos casavam-se, já que também ele pretendia escrever seu “manual maquiavélico para analfabetos políticos”.

Ao mesmo tempo em que o namoro deles tomava ares de caso sério, a campanha eleitoral para a presidência também se encorpava. Contudo, a campanha do “Lula Lá” dançava a passos para frente e para trás nas pesquisas, e os militantes petistas protestavam dizendo que os números estavam sendo manipulados como em outras campanhas. Desde o fim de abril, Fernando Collor aparecia disparado na corrida presidencial, e Cisco comentou: “Os poderosos já escolheram seu homem. A elite já tem representante e a mídia vai jogar pesado!”

Ela continuava lendo revistas e jornais com muito interesse. Sua visão política sobre o país mudou substancialmente. Não havia um dia em que ela não lesse notícias de escân-

dalos e corrupção, protagonizados tanto por pessoas do governo Sarney como de outras áreas da elite política ou econômica. Abigail estranhava que o povo absorvesse com tanta apatia essas mazelas, como se fosse uma coisa natural e inevitável que não lhe dissesse respeito. Apesar disso, reconhecia que ela também fora uma alienada perdida em seus sonhos íntimos e suas drogas.

Eles já haviam entrado na campanha para valer. Leilane, por ser funcionária do PT, vinha trabalhando há mais tempo e apenas intensificava a participação. Sandro estava empenhado na função sindical e isso lhe tomava tempo, já que reivindicações salariais com greves constantes estouravam por todo o país. Cisco e Ricardinho fechavam as bancas às 18 horas. Ricardinho ia para a escola e Cisco, munido de latas de colas, vassouras, broxas e cartazes, juntava-se a outros militantes para colar cartazes do Lula pela periferia da Zona Sul. Nessa tarefa varavam a noite, e no dia seguinte era Ricardinho quem armava as bancas e tomava conta das duas enquanto Cisco não chegasse. Era uma tarefa cansativa e Abigail não tinha condições de participar durante a semana, então ia ter com Leilane na Avenida Domingos de Morais, após o expediente, e lá participava de alguma atividade.

Aos sábados ela saía do serviço e ia para a Praça da Árvore, onde almoçava com Cisco. Depois iam para a casa dele, onde Abigail lavava as roupas de ambos, cozinhava para o almoço de domingo e preparava arroz e feijão para a semana. Ele ia para a peregrinação dos cartazes e ela às vezes o acompanhava. Acordavam no domingo já no princípio da tarde e passavam, passavam roupas, limpavam a casa e faziam amor. Mais tarde ele a acompanhava até o seu recanto, onde cumpriam tarefas semelhantes. Isso tudo regado a desabafos contra Sarney, Collor, Maluf, Roberto Marinho, PTB, PFL, PL, Caiado e outros mais. Apesar de Brizola ser um obstáculo para Lula chegar ao segundo turno, havia um certo respeito entre pedetistas e petistas como “primos de esquerda”. Mas para Cisco o PDT era um partido fisiológico que aceitava qualquer um em seu seio sem atinar se as convicções políticas de seus filiados condiziam com a ideologia partidária, no intuito de crescer a qualquer custo. Dizendo ser comum essa cultura, temia que o PT seguisse o mesmo rumo no futuro, já que a reforma política não aconteceria tão cedo e até os políticos de bons propósitos poderiam se acomodar nas práticas antiéticas

da bagunça muito bem articulada pelos poderosos para inviabilizar as mudanças tão necessárias.

Abigail, sondando inexperiente as teias intrincadas da política, cada vez mais envolvida pela emoção da campanha, mesclava momentos de euforia e otimismo com outros de desalento e até raiva. Cisco, com a experiência de outras campanhas – nas quais colhera mais derrotas do que vitórias, já que era um lutador ideológico, não um brigador por interesses materiais –, trabalhava com a garra de um homem sem preço, porém analisando atento os acontecimentos e extraindo análises frias, já que numa campanha os boatos e as falácias são tantos que encobrem os fatos verdadeiros. Certa vez ela comentou, eufórica, ao ler uma notícia da revista *Veja*, que até o Marco Maciel elogiara o Lula. Cisco respondeu que isso só servia para provar que Maciel não era mudo, como alguns pensavam, e que o importante seria saber o seu pensamento, já que, como Antônio Carlos Magalhães, pertencia ao poder desde a “proclamação da República” e poucos sabiam o que ele realmente pensava. Eram dois “reacionários travestidos de liberais e conservadores do progresso encalhado”.

Ela não estranhou sua observação mal-educada, já que até seu pai demonstrara antipatia política pelos dois em outros tempos. Continuou lendo. Na mesma reportagem, Fernando Henrique Cardoso dizia que Lula era “inteligente e intuitivo” e tinha “todas as condições para assumir a presidência”. Ela leu em voz alta o comentário, certa de que ouviria uma opinião que endossaria o seu pensamento. Mais uma vez ele discordou.

– Esse eu conheço o que pensa. Tá nos livros dele! Em *Dependência e Desenvolvimento da América Latina*, ele e o chileno, seu parceiro no livro, dizem que a América Latina deve crescer com sua economia atrelada à dos países ricos. Sendo assim, a América Latina deve fazer campanha pra votar na eleição para presidente nos Estados Unidos da América. E o presidente brasileiro deve se oficializar como governador de província. Ele acha que o Brasil deve ser dependente dos países ricos. Acho que ele desconsidera o potencial do Brasil e deveria ler a Bíblia e conhecer a história para constatar a dor do povo judeu por não possuir um país livre. Por analogia, é quase a mesma coisa que ele propõe para os países latino-americanos. Como é que um brasileiro que conhece o potencial do Brasil pode aceitar que o país cresça como dependen-

te? Dentro desse conceito, sustentaremos a riqueza dos ricos e ficaremos com as sobras. Olha, Ab, tudo bem que foi Portugal que colonizou o Brasil, mas nós não precisamos carregar essa cultura colonial para sempre!

– Mas ele tem prestígio entre os formadores de opinião! Não é bom ele ter dito isso?

– Já que ele disse isso, por que ele não propõe a retirada do Covas da campanha, pois ele não tem chance de vencer as eleições, e apóia o Lula, que ele afirma ter condições de governar o Brasil?

– Ora, Cisco, mas o PSDB quer se firmar como partido, não é?

– É claro que sim. E é por isso que não dou valor ao que ele disse. Fala de político serve pra chamar a atenção sobre si, mas o importante é saber a intenção atrás do discurso.

Mesmo gostando da postura de FHC, ela não lera os livros dele, por isso ficara tão impotente para argumentar. Sem conhecimento é difícil defender opiniões que brotam dos sentidos, já que não há o respaldo que os conhecimentos transmitem e endossam. Para não parecer uma tola que defende o que não conhece, preferiu calar-se e aceitar seus argumentos.

A primeira proposta para vice de Lula foi a de Fernando Gabeira, presidente do Partido Verde. O clã petista se alvo-roçou em discussões, já que Gabeira era tido pela opinião pública como homossexual e muitos petistas acreditavam que isso tiraria votos do Lula e prejudicaria a campanha. Até Bruna e Nanci achavam que o vice deveria ser outro. Cisco entrou em choque com as duas. Enquanto elas defendiam uma postura pragmática na escolha do vice, para vencer as eleições, ele punha-se contra, usando a própria condição delas como argumento: “De que vale anular convicções que respaldam sua própria existência e condição natural para obter uma vitória? Entreguem os braços para vencer e não terão braços pra levantar o troféu!”

E em tantas outras situações ele contrariava a opinião da maioria mesmo sabendo que seria voto vencido. O que mais espantava Abigail era que mesmo sabendo de suas opiniões divergentes, tanto ela como os demais faziam questão de ouvir os seus pareceres. Num dos debates entre ele e os outros integrantes do grupo, dona Jandira se aproximara de Abigail dizendo: “O padre Anselmo às vezes dizia brincando

que o Cisco devia ter uma herança genética do profeta Jeremias, porque ele é teimoso como o profeta era.” Pela primeira vez, desde que Cisco lhe recomendara a leitura da Bíblia, ela se interessou em procurar no Velho Testamento as aventuras do profeta Jeremias. Chegou à mesma conclusão do padre. “Esse profeta tem alguma semelhança com o Cisco”, concluiu, num pensamento invertido.

A campanha se desenvolvia e cada qual, dentro de sua disponibilidade, participava desenvolvendo alguma atividade na esperança de levar o Lula lá. Corria a piada de que os jovens filhos de ricos iriam votar no Lula porque seus pais diziam que, se ele vencesse, eles se mudariam para a Europa. Comentário de Cisco: “Eles já têm vida de Primeiro Mundo aqui, por herança de nascimento. Podem, como seus pais, viver aqui suas vidas de semideuses e amar a Europa em esporádicas visitas...” A CUT intensificara as greves e Cisco advertiu que elas prejudicariam a campanha do PT porque “o povo é viciado em baixos salários e altos lamentos. Não sabe que a corda arrebenta do lado mais fraco porque o mais fraco contribui com a fragilidade da corda. Temos educação pra isso!”

Ele participava da campanha eleitoral como se fosse um momento importante para a educação política. Não via a eleição como unicamente uma disputa de seu candidato contra os outros, como era comum à maioria dos militantes. Certa vez, como Cisco não fora colar cartazes na noite de sábado, ele e Abigail acompanharam o grupo no domingo pela manhã a algumas feiras nos bairros centrais de São Paulo para distribuir panfletos. Vendo que Abigail dava o papel a todos os que por ela passavam, como que distribuindo um folheto qualquer de propaganda, ele ensinou-lhe a perguntar antes se podia “deixar um recadinho do Lula”. Ela percebeu que essa simples mudança na abordagem fazia com que os antilulistas recusassem os panfletos, o que evitava o desperdício de material, que para o partido era caro, além de preservá-la da situação constrangedora de ver seu recado atirado ao chão com raiva. Ao mesmo tempo, estimulava os indecisos a travar um diálogo, proporcionando-lhe a chance de explicar as propostas do Lula, uma oportunidade que a mídia não dava. Essa prática foi adotada por Abigail e pelos demais integrantes do grupo, já que havia muitos jovens entusiasmados que eram, como ela, marinhos de primeira viagem.

Num sábado em que Abigail cumpria sua peregrinação habitual de fim de semana, indo encontrar-se com ele após sair do serviço, pela primeira vez ela o viu nervoso, demonstrando aversão por uma pessoa, evidenciando que Cisco não era imune a essa reação. Quando ela chegou à banca, ele atendia uma moça que lhe chamou a atenção pela forma de se vestir e pelos adereços que usava. Elegante e jovem, fez Abigail estranhar que uma mulher como ela comprasse chinelos em banca de camelô. Ela havia comprado um par de chinelos e, enquanto aguardava o troco de Cisco, censurou-o por ter em sua banca propaganda do Lula, declarando que seu candidato seria qualquer um que não fosse o petista. Calmo, Cisco explicou as razões pelas quais votaria em Lula e ao mesmo tempo foi traçando um perfil da história política dos outros candidatos. Ela rebatia utilizando argumentos comuns para atacar Lula, demonstrando claramente que não era uma pessoa com convicções próprias e que tinha um discurso composto por palavras herdadas de doutrinas veiculadas pela mídia, palavras que ela repetia sem a necessária reflexão. Quando Cisco começou a falar da corrupção e dos escândalos que de geração em geração assolavam o país, ela teve uma reação sarcástica que espantou até alguns ambulantes que ouviam a conversa. Ela disse: “Ah, vai me dizer que se você estivesse lá não faria a mesma coisa? Qualquer um faria!” Ele ofendeu-se: “A senhora não pode analisar a personalidade dos outros pelas sujeiras entulhadas em seu íntimo! O que me dói é que pessoas como a senhora sejam professoras. Veja aquelas crianças!” Ele apontou para uns garotos maltrapilhos do outro lado da rua que brincavam de trocar tapas. “Todos nós temos responsabilidade pelas condições delas! Mas gente como a senhora deveria pedir desculpas de joelhos!”

Pessoas que passavam no momento e até os ambulantes que ouviam a discussão espantaram-se com o tom de voz elevado que ele usara, e a mulher, tentando não deixar transparecer abalo emocional, mas percebendo que ir embora era a melhor estratégia, saiu dizendo: “Isso é discurso. Todo mundo que estivesse lá faria o mesmo!” E foi-se.

Foi nesse momento que Abigail percebeu no semblante de Cisco, pela primeira vez, o sentimento de aversão por uma pessoa. Era como se ele tivesse dado de cara com algo horrível que não gostaria de nunca ter encontrado. E apesar das brincadeiras e comentários dos colegas, o seu humor não se reabilitou de imediato.

E seu humor não se reabilitaria tão cedo, pois quando se preparavam para ir almoçar e ele conversava com Ricardinho, que cobriria sua ausência, a moça reapareceu, agora com uma fisionomia nervosa e próxima da histeria: “Seu desgraçado! Foi você que mandou aqueles moleques me roubarem a correntinha, não foi?!”

Garotos haviam roubado a correntinha da mulher e ela deduzira que Cisco era o mandante do crime. Dessa vez foi Abigail quem se irritou: “Você saiu daqui dizendo que é uma ladra e agora vem chamá-lo de ladrão?!”

Muitas vezes se interpuseram e se anularam. Ricardinho e um outro foram atrás da polícia. Dona Expedita, uma senhora com banca ao lado da de Cisco, providenciou uma banqueta e um copo com água para a professora, que, chorosa, lamentou-se: “Aquela correntinha foi um presente de meu pai quando fiz quinze anos!” Cisco, nada solidário, exclamou: “Então era uma relíquia de valor igual à sua educação! Olha aqui, dona, a senhora vai responder processo por calúnia! Tenho testemunha de que a senhora me acusou de ter índole igual à sua!”

A polícia não chegava e a discussão mudou de rumo. A mulher queria ir embora e Cisco dizia que ela havia de comparecer à delegacia para que ele abrisse um processo por calúnia. Foi dissuadido pelos apelos de Abigail, dona Expedita e outros colegas. Mas antes de a mulher partir, ele não aceitou o pedido de desculpas que ela lhe fizera e ainda desabafou: “Professores como a senhora deveriam dar aulas na Febem, que é escola de bandidos. O fato de a senhora ter sido vítima hoje não lhe tira a identidade de ré!” A mulher foi embora assustada e o tumulto virou cochicho.

Quando Ricardinho chegou com a polícia, não havia vítimas e nem queixas, só o comentário irritado de Cisco pelo mal-estar que o episódio lhe causara.

O almoço naquele dia foi sem apetite e sem graça para os dois. “Se são mulheres assim que vão mudar o mundo e professores assim que educarão as crianças, é melhor deixar como está ou voltar ao tempo das cavernas!” Comentários desse tipo ela ouviu por um tempo durante o almoço, como se houvessem jogado pimenta em suas vísceras e ele precisasse cuspir o ardor para aliviar-se. Abigail ouviu-o com paciência, até que ele próprio, percebendo ser tolice alimentar dores sem perspectiva de solução, mudou de assunto, agradecendo-lhe

por ter ido em sua defesa e por tê-lo convencido a deixar a mulher ir embora, já que ele estava fora de si. Disse que a professora tivera o justo revés para refletir, e levar o caso adiante realmente seria bobagem.

Mudaram de assunto, saindo de uma conversa azeda para outra: conflitos na China durante a semana com protestos de estudantes contra a corrupção e a política econômica e por reformas políticas. Houvera um massacre na praça da Paz Celestial com centenas de mortos. Cisco encerrou a conversa dizendo: “Ah, China! Quem te viu e quem te vê!”

No mesmo dia, ao cair da tarde, o tempo começou a dar sinais de chuva. Quando Cisco chegou em casa para jantar e descarregar a mercadoria da banca, trocando-a por latas de cola, cartazes e outros apetrechos que usava para o seu trabalho noturno, ele a convenceu a não acompanhá-lo e descansar, já que se chovesse ele também voltaria mais cedo. Ele tirou uma caixa de cima do guarda-roupa contendo cadernos e fitas cassetes, dizendo:

– Se não quiser assistir televisão, aqui tem algumas coisas que escrevi e umas fitas com algumas músicas minhas. Tem também uma coleção de frases e pensamentos...

– Você faz coleção de frases?

– Faça. É um hobby que me ajuda na reflexão e amplia os conhecimentos.

Ela não ligou a televisão. Leu os trabalhos dele com o contentamento de quem satisfaz uma curiosidade acumulada por muito tempo. Pegou bolachas e leite na geladeira, colocou a fita no gravador e passou a ouvir e gostar. Estranhou que ele não tentasse que outros cantores gravassem suas músicas, já que eram aproveitáveis. Achou-o um artista egoísta, que produzia apenas para o seu deleite.

As poesias, algumas delas, como ele havia dito anteriormente, eram curtas e grossas. Outras mais suaves e sonhadoras, sem no entanto perder a objetividade. Seus trabalhos eram desafiadores como a sua personalidade. Percebia-se que ele não escrevia com o intuito de seduzir, transmitindo somente o que o leitor gostaria de ouvir. Eram escritos desafiadores, objetivos, como que intimando para a reflexão contra os costumes. Estava claro que a vida e o mundo eram a sua fonte de inspiração, mas sem se sujeitar a observações passivas sobre o cotidiano, ele expunha suas crenças com sinceridade. Eram

versos simples, sem palavras rebuscadas, sem “papas na língua”. E mesmo não assimilando bem os seus poemas mais crus, Abigail gostou do resultado geral. Leu e releu o trabalho como se lesse a alma do autor. Já era quase meia-noite quando se deu por satisfeita.

Na mesma caixa ela pegou os cadernos com os pensamentos. Eram cinco cadernos de 200 folhas repletos de frases, axiomas e reflexões dos mais variados autores, que ele intitulava de “Coleção Refletir”. O caderno número 1 datava de 1984, o que a levou a deduzir que ele já não era estudante quando começara a coleção. Eram milhares de frases e ponderações, e ela notou, ao folhear um deles, que pretensiosamente Cisco inserira pensamentos seus entre os de Michel Foucault, Descartes e Sartre. Não havia separação por autores e nem outra ordem qualquer. Em qualquer caderno podia-se encontrar uma parábola de Jesus seguida por um pensamento de Marx, uma observação de Maquiavel ou Gandhi logo após a de São Francisco de Assis ou do Marquês de Sade.

Começou a chover e ela tomou banho, ajeitou o colchonete para Cisco (ela dormia na cama de solteiro), pegou um dos cadernos da Coleção Refletir, deitou-se e passou a ler à espera dele. E ela leu:

“Somos como um gato dentro de uma biblioteca, o qual conhece todos os cantos e recantos, todas as entradas e saídas, todos os móveis, tapetes e almofadas, embora sem ter qualquer idéia do que são os livros e seu conteúdo. É exatamente a nossa situação dentro do universo.”

Silva Mello

“No princípio era o verbo, e o verbo estava junto de Deus, e o verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito se fez.”

(Novo Testamento
O Evangelho Segundo São João 1, 2, 3, 4)

“A história é a grande mestra da vida.”

Heródoto

"O diabo da escola da vida é a bagunça do seu método pedagógico."

Paulo Mendes Campos

"Ao se falar em educação e cultura, é imprescindível que se raciocine profundamente a variabilidade dos significados destas palavras."

Cisco

"Chega sempre um momento na história em que quem se atreve a dizer que dois e dois são quatro, é condenado à morte."

Albert Camus

"Precisamos de lanternas para encontrar homens não raros perdidos pela rotina universitária, que apenas os prepara para a mediocridade da vida civilizada."

Silva Mello

"Avalia-se a inteligência de uma pessoa pela capacidade de incertezas que ela é capaz de aceitar."

Immanuel Kant

"A estupidez crassa, o julgamento falso e a rigidez de espírito não são substitutos para os sonhos."

Lovercraft

"Na verdade, precisamos estudar mais profundamente a nossa origem e a nossa trajetória, procurando adaptar-nos melhor aos imperativos da natureza, agora segundo os ensinamentos da ciência."

Silva Mello

"Quando um cientista afirma que algo é possível, isto certamente é correto; mas quando declara que é impossível, isto é certamente errado."

Arthur Clarke, cientista

"Para aceitar Deus como responsável pela complexidade do mundo, temos que acreditar que essa divindade seja imensamente complexa."

Richard Dawkins, geneticista

“Em verdade, em verdade vos digo, um de vós há de me trair!” “Senhor, quem é?” “É aquele a quem eu der o pão embebido.” Em seguida molhou-o ao e deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. Logo que ele engoliu, Satanás entrou nele. Jesus disse-lhe então: “O que queres fazer, faze-o depressa.”

(Jesus anuncia a traição de Judas –
Novo Testamento, João 13,21; 25-26-27)

“O raciocínio é o olho que enxerga o que a visão não capta.”

Cisco

“Se os resultados científicos contradizem a leitura das escrituras, devemos reconsiderar essas últimas. O mundo natural não mente.”

Stephen Jay Gold, biólogo

“A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública de seus segredos de amor... A religião é um sonho da mente humana.”

L. Feurbach

“Julgais que vim trazer paz à terra? Não, digo-vos, mas separação. Pois dora em diante haverá numa mesma casa cinco pessoas divididas, três contra duas e duas contra três; estarão divididos: o pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra.

Dizia ainda ao povo: Quando vedes levantar-se uma nuvem no poente, logo dizeis: Ai vem chuva. E assim sucede. Quando vedes soprar o vento do sul, dizeis: haverá calor, e assim acontece. Hipócritas, sabeis distinguir os aspectos do céu e da terra; como, pois, não sabeis reconhecer o tempo presente? Porque também não julgais por vós mesmos o que é justo?”

(Jesus – Os sinais dos tempos –,
Novo Testamento, Lucas 12, 51-57)

“O fiel que entrou em comunhão com seu Deus não é meramente um homem que vê novas verdades que o descrente ignora. Ele se tornou mais forte. Ele sente dentro de si mais força, seja para suportar o sofrimento da existência, seja para vencê-lo.”

E. Durkheim

“Senhor, não fiqueis silencioso. Não permaneçais surdo, nem insensível, ó Deus...”

(Oração contra a coalizão de povos vizinhos –
Antigo Testamento, Salmo 82, 2)

“Creia. Na vida todos devemos ter uma crença. Creio que vou tomar uma cerveja.”

Groucho Marx

“O sofrimento religioso é, ao mesmo tempo, expressão de um sofrimento real e protesto contra o sofrimento real. Suspiro da criatura oprimida, coração de um mundo sem coração, espírito de uma situação sem espírito: a religião é o ópio do povo.”

Karl Marx

“Escuta contudo o que vou dizer-te, assim como todo o povo: os profetas que nos precederam a mim e a ti, anunciaram contra numerosos países e reinos poderosos, guerra, fome e peste. Quanto ao profeta que predisse a felicidade, somente quando seu oráculo realizar-se, poder-se-á saber ser ele um enviado do Senhor.”

Jeremias (Conflito entre Jeremias e Ananias –
Antigo Testamento, Jeremias 28,7-8-9)

“Eis o que diz o Senhor Javé: “Ai dos profetas insensatos que seguem suas próprias inspirações sem terem tido (realmente) visão alguma.”

(Antigo Testamento, Ezequiel 13,3)

“Não existe religião alguma que seja falsa. Todas elas respondem de formas diferentes às condições da existência humana.”

E. Durkheim

"As religiões são como vagalumes, precisam das trevas para brilhar."

Schopenhauer

"Tendes ouvido que foi dito: 'Olho por olho, dente por dente'. Eu, porém, vos digo: Não resistas ao mau, se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra."

Jesus (Novo Testamento, Mateus 5,38-39)

"É mais fácil ser valente do que ser homem."

Júlio Cortázar

A maior coverdia que se pratica contra a inteligência é aceitar passivamente incoerências no espírito.

Cisco

"É mais importante sabermos com quem vamos comer do que o que vamos comer."

Epicuro

"Um príncipe deve dedicar-se exclusivamente à arte de matar, pois a guerra é a única arte a que se deve dedicar um governante."

Maquiavel

"Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão."

(Jesus a Pedro –

Novo Testamento, Mateus 26,52)

"Estou convencido de que os ensinamentos da igreja são, em teoria, uma mentira ruim e astuciosa e, na prática, um conjunto de grosseiras superstições e feitiçarias, sob o que o verdadeiro significado da doutrina cristã desaparece absolutamente."

Tolstoi

"Na verdade, temos o direito de admitir que o sobrenatural não passa de uma etapa provisória de conhecimento, que deve terminar por entrar no domínio do natural, científico, desde que seja demonstrada sua realidade."

Silva Mello

“Queimai suas sinagogas e escolas... enterrai o que não for possível queimar... tomai todos os seus livros de oração e seus talmudes... proibi a seus rabinos de ensinar sob pena de lhes ser cortada a língua se insistirem.”

Martinho Lutero, contra os judeus

“Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo.”

Voltaire

“Guardai-vos dos falsos profetas, eles vêm a vós com vestes de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores.”

Jesus (Novo Testamento, Mateus 7,15)

“Morro adorando a Deus, amando meus amigos, sem odiar meus inimigos e detestando a superstição.”

Voltaire, no leito de morte

“Onde quer que surja a rebeldia, aí deverá ser empregada a violência.”

Martinho Lutero, contra os camponeses

“Quando faz alguma coisa de que se envergonhe, o homem estúpido diz que apenas está cumprindo com o seu dever.”

Bernard Shaw

“Não está por ventura escrito: a minha casa chamar-se-á casa de oração para todas as nações? Mas vós fizestes dela um covil de ladrões.”

Jesus (Novo Testamento, Marcos 11,17)

“Se nós tivéssemos quaisquer posses, necessitaríamos de armamentos e leis para defendê-las.”

São Francisco de Assis

“O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais não deixa de ser mais escravo do que eles... Se há, pois, escravos pela natureza, é porque houve escravos contra a natureza. A força fez os primeiros escravos, sua covardia os perpetuou.”

Rousseau (*Do Contrato Social*)

“Os sentidos de carta de alforria e independência financeira são os mesmos em tempos diferentes ou diferentes em qualquer tempo?”

Cisco

“De acordo com as leis da floresta, se não oprimirdes os outros, os outros oprimir-vos-ão. A força é direito; portanto, o forte precisa sempre defender sua força e fazer leis para sua própria proteção contra os fracos. O dever do fraco é servir ao forte, e o dever do forte é servir a si mesmo.”

Maquiavel

“Quanto mais poder se dá ao poderoso, mais fraco se torna o fraco.”

Camões

“Toda a inveja seria extinta se se soubesse universalmente que não existe ninguém a ser invejado, e seguramente ninguém pode ser muito invejado a não ser por aqueles que não estão satisfeitos consigo mesmos...”

Samuel Johnson

Aquele que procura investir-se deve primeiramente saber duvidar, porque a dúvida da inteligência leva a manifestação da verdade.

Aristoteles

As sociedades mudam as leis, e as leis não mudam a sociedade.

Machado de Assis

“O prazer, a satisfação, a alegria, a felicidade, de regra, não são trazidos pelo progresso material, exceto quando este corresponde a impulsos lúdicos, tão característicos e necessários à infância, mas também de grande ação sobre os adultos.”

Silva Mello

“Ai daquele que para si construiu esse palácio por meios desonestos, e seus salões, violando a equidade. Ai daquele que faz seu próximo trabalhar sem paga e lhe recusa o salário.”

(Antigo Testamento, Jeremias 22,13)

"O dinheiro é como estrume, só serve espalhado."
Francis Bacon

"Diz-se que entre nós a escravidão é suave, e os senhores são bons. A verdade, porém, é que toda escravidão é a mesma, e quanto à bondade dos senhores, esta não passa de resignação dos escravos."

Joaquim Nabuco

"O camelô é o efeito. A causa são os banqueiros, os políticos, os financistas etc."

Cisco

"Ai de vós que juntai casa com casa e que acrescentai campo a campo até que não haja mais lugar, e que sejais o único proprietário do país."

Isaias (Maldição contra a aristocracia – Antigo Testamento, Isaias 5,8)

"Como é difícil aos ricos entrar no reino de Deus! É mais fácil o camelo passar pelo fundo de uma agulha do que o rico entrar no reino de Deus."

Jesus (Novo Testamento, Mateus 19, 24-25)

"Vim ao mundo a passeio, não a negócios."

Carlito Maia

"Quem bate cartão não tem tempo de ganhar dinheiro."

Dito popular

As palavras escravidão e direito são contraditórias, excluem-se mutuamente. Quer de um homem a outro, quer de um homem a um povo, será sempre igualmente insensato este discurso: Estabeleço contigo uma convenção ficando tudo a teu cargo e obedecerei enquanto me aprouver e que tu observarás enquanto for do meu agrado.

Rousseau (*Do Contrato Social*)

"Roubai tudo o que puderdes e fazei silenciar os que se queixarem: aparentai sempre ser um príncipe liberal. Não ide muito longe, porém, em vossa avareza, não porque seja isso um erro, mas porque é perigoso possuir demais. É melhor roubar os estrangeiros que são fracos para tomar uma vingança, do que aumentar os impostos de vossos concidadãos, que podem voltar sua cólera contra vós. Em outras palavras, roubai os fracos e acautelai-vos dos fortes; por esse caminho vos tornarei grandes homens."

Maquiavel

"Devemos agradecer aos idiotas. Sem eles, o resto de nós não seria bem-sucedido."

Mark Twain

"Sois sumamente justo senhor, para que entre em disputa convosco. Entretanto, em espírito de justiça desejaria falar-vos. Por que alcançam sucesso os maus em tudo quanto empreendem? E por que razão vivem felizes os pérfidos?"

(Antigo estamento, Jeremias 12,1)

"Na política ninguém faz nada pelo vizinho, a não ser que isso lhe traga alguma vantagem."

Bismark

"O homem é um animal político."

Sócrates

"Nem só os políticos são cínicos, cínicos são os humanos, esses animais políticos."

Cisco

"A classe proletária deve ser dominante e dirigente, mas não ditatorial."

Antonio Gamski

"Tudo está uma confusão completa, sangue, homicídio, furto, fraude, corrupção, deslealdade, revolta, perjúrio, perseguição dos bons, esquecimento dos benefícios, contaminação das almas, perversão dos sexos, instabilidade das uniões, adultérios e impudicícias, porque o culto de inomináveis ídolos é o começo, a causa e o fim de todo mal."

(Conseqüências da idolatria – Antigo Testamento, Sabedoria 14, 25-26-27)

“O tempo em si não tem divisões que marquem sua passagem. Não devemos esperar que soem as trombetas para anunciar o início de um ano novo, século ou milênio.”

Thomas Mann

“Os ataques mútuos de Estado contra Estado; as usurpações mútuas de famílias contra famílias, os furtos recíprocos dos homens; a falta de bondade por parte do soberano e de lealdade por parte dos ministros, a ausência de ternura e amor entre pai e filho – estas coisas e outras semelhantes são prejudiciais ao império. Tudo isso surgiu da falta de amor recíproco. Se apenas essa única virtude pudesse ser implantada universalmente, os príncipes amando-se mutuamente, não teriam campos de batalha; os chefes de família não teriam usurpação, os homens não cometeriam furtos, os governadores e os ministros seriam condescendentes e leais, os pais e os filhos seriam amáveis e fraternais; os irmãos seriam harmoniosos e facilmente reconciliáveis, os homens em geral amando-se uns aos outros, os fortes não fariam dos fracos uma presa, a maioria não pilharia a minoria, os ricos não insultariam os pobres; o fidalgo não seria insolente para com o plebeu; e os sábidos não enganariam os ingênuos.”

Mo-Ti, pensador chinês da antiguidade

“Somente a consciência de justiça fundamentada no fato de que todos são filhos de um ato de amor físico pode regenerar e elevar o amor espiritual ao pódio de sentimento nobre que é. Uma universalização da consciência de justiça baseada na existência natural levaria a humanidade a repensar com respeito o sentido do amor, da equidade, da paz, da solidariedade e da fraternidade, fazendo com que todos esses predicados do espírito humano deixem de ter a conotação de discursos alegóricos, viciosos e cansativos, para se tornarem práticas aproximadas do ideal humano. Caso contrário, permaneceremos na condicional convivência inebriada com racionalizações escapistas e autodefesas preconceituosas, num teatro caótico de risos forçados ou sarcásticos, com prantos derramados ou contidos e aliviados com ilusórias esperanças. Isso é o mesmo que saciar a sede com água salgada.”

Cisco

“A mente que se abre para uma nova idéia jamais volta ao seu tamanho natural.”

Albert Einstein

“Logo que chegaram a Cafarnaum, aqueles que cobravam o imposto do didracma aproximaram-se de Pedro e lhe perguntaram: Teu mestre não paga o didracma? Paga sim, respondeu Pedro. Mas, quando chegaram a casa, Jesus preveniu-o dizendo: Que te parece Simão? Os reis da terra, de quem recebem os tributos ou os impostos? De seus filhos ou dos estrangeiros? Pedro respondeu: Dos estrangeiros. Jesus replicou: Os filhos, então são isentos. Mas não vamos escandalizá-los. Vai ao mar, lança o anzol, e ao primeiro peixe que pegares, abrirás a boca, e encontrarás um estáter. Toma-o e dá-o por mim e por ti.

Obs.: Estáter = Moeda de prata

(Jesus paga o imposto – Novo Testamento, Mateus 17, 24-25-26)

“Uma coisa é pôr idéias arrançadas, outra é lidar com um país de pessoas, de carne e sangue, de mil e tantas misérias...”

Guimarães Rosa (*Grandes Sertões: Veredas*)

Terminarei este capítulo e este livro por uma observação que deverá servir de base a todo o sistema social: o pacto fundamental, em lugar de destruir a igualdade natural, pelo contrário substitui por igualdade moral e legítima aquilo que a natureza poderia trazer de desigualdade física entre os homens, que, podendo ser desiguais na força e no gênio, todos se tornem iguais por convenção e direito.”

Rousseau (*Do Contrato social*)

“Não é possível viver agradavelmente a não ser com juízo, equidade e justiça.”

Epicuro

“Numa sociedade onde impera a impunidade, quem não deve, deve temer.”

Cisro

“Receio homem de um só livro.”

São Tomáz de Aquino

“Pugnai pelos interesses do outro apenas quando puderdes fazer bom uso dele. Mas no momento em que esse outro ameaçar tornar-se popular, matai-o. Para um homem ambicioso é um imperativo não possuir rivais.”

Maquiavel

“Se Deus se transformasse em justiça no espírito das pessoas, talvez Deus passasse a crer no homem.

Cisco

Mentes criativas são conhecidas por resistir a todos os tipos de mau treinamento.

Anna Freud

“(…) por outro lado, se fordes conceder benefícios concedei-os pouco a pouco, a fim de que eles sejam sempre lembrados. Um tirano deve manter-se pela força e não pela boa vontade de seus súditos.”

Maquiavel

“Morrer pudera, então, em terra livre
sob um poder que só do povo emana
Santo designio que as nações meditam
Elo final da liberdade humana!...

Paulo Eiró

“Nenhum príncipe necessita arranjar razões para encobrir uma quebra de palavra, pois quase todos os outros homens são estúpidos.”

Maquiavel

“Ouvistes o que foi dito: Não cometerás adultério. Eu porém, vos digo: todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração.”

Jesus (Novo Testamento, Mateus – 5,27-28)

“O coração tem razões que a própria razão deveria considerar com mais carinho.”

Cisco

“Considera a mulher como tua igual na vida civil e política. Sê as duas asas humanas que levam a alma ao ideal que somos destinados a atingir.”

Mazzini

“Não! O necessário não é automatizar a nossa vida, desumanizar o humano, torná-lo parte de um rebanho de proporções infinitas, embora pareça inevitável devido à marcha da civilização, pois, crescendo a massa, não poderá deixar de ser ela caracterizada por uma mediocridade cada vez maior.”

Silva Mello

“A filosofia serve para que se faça espontaneamente aquilo que outros fazem por coação.”

Aristóteles

“A filosofia é uma bússola para se navegar no infinito, mas que não funciona.”

Silva Mello

“Os filósofos nada mais fizeram do que interpretar o mundo... Nossa missão é transformá-lo.”

Karl Marx

“Somente agora chegamos à fase verdadeiramente científica, pela qual poderemos descobrir a realidade da natureza, independente do ser humano e do seu avassalador antropomorfismo. O diabo já morreu, o inferno desabou, o céu e o nosso Deus estão em precária situação, enquanto os sábios, os santos, os iluminados vão adquirindo caráter mais humano, que mostra até onde podem elevar-se os atributos da nossa espécie. Nesse sentido, Cristo foi o maior e mais sábio dos humanistas.”

Silva Mello

“Gandhi é a mais colossal experiência do mundo e não venceu por uma polegada.”

Sir Lloyd George

“Vim, vi, venci.”

Júlio César

"A luta por espaço fortalece a injustiça. A luta por justiça pode fortalecer o espaço, que por direito é de todos."

Cisco

"É impossível, então, os homens viverem em paz neste mundo tão cheio de beleza, sob este céu estrelado? Como podem, num lugar como este, alimentar sentimentos de ódio e vingança e o desejo de destruir seus semelhantes? Tudo o que há de mau no coração humano deve desaparecer ao toque da natureza, essa expressão imediata do belo e do bom."

Tolstoi

"As grandes revoluções são obras mais de princípios do que de baioneta."

Mazzini

"Toda a educação deve ser sistematizada de maneira a dar ao rapaz alemão a convicção de que é inquestionavelmente superior à juventude das outras nações."

Hitler

"Quem vive apenas pelo seu país é traidor da raça humana. Devemos nos esforçar para fazer da humanidade uma família única".

Mazzini

"A certeza que temos dos nossos conhecimentos resulta da invariância das operações intelectuais que estão na sua base. Nossas idéias só nascem das sensações: o resto, por exemplo, a finalidade da existência humana, ou a realidade do mundo exterior e mesmo Deus, são só assunto de crença. Em política não existe nenhuma legitimidade; o Estado nada mais é que uma convenção social, útil aos homens para viverem juntos."

David Hume

"Posso não concordar com nenhuma de vossas palavras, mas defenderei até a morte o teu direito de dizê-las".

Voltaire

“Por enquanto, o nosso comportamento é falso e precário, por vezes monstruoso e abominável, agimos quase como verdadeiros cretinos e imbecis, pois os diplomatas, os estadistas, os políticos, os homens de governo, quase sempre seres admiráveis, parecem não passar de uma corja de jericos, quando se reúnem em conselhos e comissões. Então, não sabem evitar disputas e guerras nacionais e internacionais, sendo levados por motivos fúteis e desumanos à chacina e ao morticínio.”

Silva Mello

“É preciso o olhar na utopia pra se curar a miopia.”

Cisco

“Certamente não faz parte da religião forçar a religião. Ela deve ser abraçada livremente e não por coação.”

Tertuliano

“Nada é mais difícil de executar, mais duvidoso de ter êxito ou mais perigoso de manejar do que dar início a uma nova ordem de coisas. O reformador tem inimigos em todos os que lucram com a velha ordem e apenas defensores tédidos nos que lucrariam com a nova ordem.”

Maquiavel

“De todas as fantasias humanas, nenhuma deve ser superior ao desejo de não permitir que criança alguma seja injustiçada por má-formação baseada nas fantasias ruins dos adultos.”

Cisco

“Todo o assunto está além do intelecto do homem, mas o homem pode cumprir o seu dever.”

Darwin

Entre as páginas do álbum havia algumas folhas dobradas e manuscritas em letras apressadas, como se, acometido de uma inspiração repentina, ele a tivesse registrado com urgência para não perder a idéia. Na margem de cima da primeira folha ele escrevera “Repensar e desenvolver”, circulando as duas

palavras com pressa e sem capricho algum. Ela, que estava envolvida com o pingue-pongue de “porquês” e “pra quês” que o álbum continha, desviou sua curiosidade para o texto e leu:

“Compreende-se o que chamo de DNA cultural analisando por todos os ângulos possíveis o extenso currículo humano em sua trajetória no tempo, principalmente até o momento em que a cultura ocidental embrionou-se no Vale do Nilo e Mesopotâmia, mas indo além em busca dos primitivos instintos humanos até onde o desconhecimento nos limita nas remotas paragens da pré-história. É claro que o mistério prevalece sobre o conhecimento e nos põe freios para a compreensão comprovada, deixando-nos engasgados com a eterna pergunta: de onde viemos? Porém, é importante que nos apliquemos (com o mesmo empenho que a ciência, a economia e a política se aplicam às pesquisas para a conquista do cosmos) em busca da conquista do nosso autoconhecimento para chegarmos o mais próximo possível da resposta a outra pergunta incômoda, mas igualmente interessante: quem somos?”

Particularmente, creio que o empenho em conquistar o espaço sideral, negligenciando a busca do conhecimento de nossa origem e da nossa identidade, é meter os pés pelas mãos. Mas a humanidade é comandada pelo contra-senso político-econômico e religioso, e cabe-me engolir minha irreverência como um humilde e impotente grão de areia diante da cordilheira de ambições e vaidades dos poderosos. É lei cultural, mas está errada! Para que a humanidade seja livre, os indivíduos devem limitar-se aos direitos e deveres de cada um. Isso é liberdade humana.

Acho improvável a vida inteligente em outro canto qualquer do universo, já que vejo o próprio desenvolvimento da inteligência humana como uma loteria na qual, de uma possibilidade de um para milhões, deu o um. Junte-se a isso a quantidade de espermatozóides dispersos em coitos inférteis ou masturbações e se tem a idéia do privilégio que é estar vivo, e no meio de zilhões dos mais variados tipos de seres vivos, ter nascido humano, um animal consciente. Não é idiotice encalhar a inteligência em abstrações cretinas e sofisticadas?

Mas considerando não ser impossível haver vida inteligente em algum canto qualquer do universo e supondo ser uma hipótese viável o encontro do homem com o dito alienígena, nosso colega de universo e vida, pensemos na hipótese de ele saber sua origem e existência integralmente e se apresentar a

nós com clareza insuspeita, dizendo sua origem e quem é. Quando nos perguntar ‘E vós, quem sois? De onde vens?’, com que cara ficaremos?

Penso que ficaremos na mesma situação do sujeito da quadrinha popular que dizia:

Venho não sei de onde
A mando não sei de quem
Trazendo não sei o quê
Pra entregar não sei pra quem.

Por isso, creio que procurar outros seres no universo, sem nos conhecermos de maneira adequada, com todos os conhecimentos que a biologia, a psicologia e outros ramos da ciência possam nos apresentar para dar uma idéia melhor de nossa origem, é claramente colocar o carro adiante dos bois!

Mas essa mania de invadir o mundo alheio sem conhecer o próprio mundo, que lembra tantas expedições imperia- listas da história, como os europeus invadindo o “Novo Mundo” sem resolver problemas do “Velho”, é tão antiga quanto o indivíduo querer conhecer o fora e desconsiderar o dentro, co- nhecer o longe e desconhecer o que lhe cerca, conhecer o outro sem conhecer a si próprio. Isso é tão bem incrustado no que chamo de DNA cultural que merece que se navegue nesse universo para sondá-lo, já que, provavelmente, raízes psicobiológicas podem explicar esse comportamento tão es- quisito. Esse e outros mistérios merecem investigação para que nos conheçamos melhor. Antes que os ditos alienígenas este- jam diante de nós e passemos vergonha!

Temos uma necessidade visceral de pensar no futuro e no além e nos distanciarmos de nós e de nosso passado. Temos a mania de pensar nossos que problemas só são explicados com os fatos de hoje como origem. Por exemplo: ‘A violência au- mentou porque aumentou o uso das drogas’; ‘Aumentou por- que o desemprego aumentou’; ‘Aumentou a violência porque está faltando Deus e amor no coração das pessoas’ etc. É claro que fatos de hoje contribuem e influem muito, diminuem ou au- mentam os problemas de nosso cotidiano, porém, é imprescin- dível que se considere que o passado está no presente, influen- ciando-o com o DNA cultural que nos acompanha através dos

tempos, de geração a geração, com uma cultura impregnada de muitos valores inúteis e condicionantes, que limitam o prazer de viver. Os lamentos, a violência, a prostituição, as superstições da massa – que mais a amedrontam do que aliviam –, os escritos sugestivos de auto-ajuda – que seduzem falando do fruto futuro, mas escondem a raiz do passado –, as discussões morais e práticas imorais, as injustiças e o clamor por justiça, as súplicas a Deus e muitas outras circunstâncias vividas pelo povo bíblico conforme nos narra o Velho Testamento; todos os fatos ali contidos não diferem dos fatos vividos pelo cotidiano do povo brasileiro! E as práticas vis dos poderosos daquela época não diferem dos nossos Herodes, Césares, Pilatos, Salomões e Caifás, que o nosso tempo se habituou a aceitar passivamente.

Essa analogia só não é devidamente perceptível para a massa devido (além da deseducação prestada ao povo) ao fato de que o passado tem sua história nublada por retóricas, superstições e sofismas. Se mil anos atrás o povo cristão tivesse educação suficiente pra ler e interpretar textos e raciocinar, a Bíblia seria hoje um livro de fundo de prateleira somente procurado para pesquisas. Se na Bíblia estão explicitadas a dor do povo hebreu e sua fé, a história que vivemos hoje está encoberta por discursos banais, ignorância e práticas maquiavélicas, além de a massa viver o seu cotidiano sonhando com o amanhã sem atentar para o agora, deixando-se seduzir por doutrinas sofisticadas e alienantes que são obstáculos para a percepção de sua própria realidade. O indivíduo não preza o todo como deveria. Acho que o primitivismo dos povos da antiguidade não está distante de nosso primitivismo e, se não redirecionarmos a trajetória humana para horizontes mais dignos, o primitivismo do futuro será o mesmo de hoje, com os agravantes dos males contemporâneos.

A morte por espada ou por arma a laser é morte violenta, não importa o tempo. É preciso que se atente para o fato de que se um sujeito metralha pessoas num canto qualquer de Nova Iorque por discordar da conduta e opinião de seus semelhantes, esse comportamento não está distante de Carlos Magno e seu cupincha Roldão, que num único dia mataram 4.500 saxões por discordar de suas opiniões, no século VIII. Isso não é um fato estranho a nós!

Fatos sociais contemporâneos são, na essência, repetições de fatos passados, recentes ou remotos, cuja diferença está nos cenários e figurinos, mas o enredo é semelhante. Há

semelhanças implícitas ou explícitas, objetivas ou subjetivas, e só não percebemos porque vivemos a mediocridade de raciocinar a vida como um caramujo, como se a vida existisse somente porque temos umbigo. Esse pequeno detalhe nos torna grandes idiotas, às vezes até bem-sucedidos na civilização malsucedida.

O passado nos prova claramente que, apesar de nosso maravilhoso avanço científico e tecnológico, não evoluímos ainda no que mais necessitamos evoluir: a convivência social e a relação indivíduo/Estado. Vejo nisso a influência nefasta do DNA cultural maligno do poder. Há os que vêm nisso um fatalismo inerente ao espírito humano. Acho esse parecer perfeitamente questionável porque várias nações que não sofreram as influências da cultura que teve como berço cultural a Mesopotâmia e o Vale do Nilo demonstraram possuir esboço de convivência sociopolítica mais digna do que a nossa. A cultura chinesa e outras, em seu princípio de civilização, são exemplos. Mesmo nações que existiram no bojo da cultura ocidental formaram estruturas sociopolíticas mais dignas e humanas do que muito sistemas políticos existente nos dias de hoje, e só não resistiram no tempo pelo imperialismo avassalador de povos vorazes. Vide Atenas e outras. Até mesmo nações que habitavam as Américas antes da invasão cristã possuíam e possuem resquícios de *organização política mais próxima do ideal da política socialmente correta*. Um digno exemplo de comparação está num axioma xavante que transmite o princípio de que tudo que se usa hoje de benigno deve ser preservado para as próximas sete gerações. Vejo implícito nesta cultura o amor ao próximo, que chega a se estender ao próximo das sete gerações que virão. Este axioma tem fundo e princípio cultural coletivo que naturalmente protege os indivíduos. Sendo princípio comum, o coletivo irmana e ampara o indivíduo. Compare-se este axioma xavante com uma razão falsa que está incrustada no espírito dos indivíduos de nossa cultura: 'O dinheiro traz felicidade.' Isso chega a ser um combustível social no mundo consumista, um combustível alienante, tirânico e idiota. A vida está acima dessa idiotice! Esse conceito não tem berço capitalista, pois é um gene cultural que encontramos na História Antiga, nos lamentos dos profetas e na pomposidade de Salomão e outros, no Velho Testamento. Percebemos aí a individualização do comportamento social, o que nos leva a outro chavão cretino: cada um por si e Deus por todos. Fica claro que, nessa mentalidade mesquinha, os indivíduos fragilizam o coletivo, a sociedade desorganiza-se e enfra-

quece os indivíduos, e aí passam todos a esperar ajuda divina, manipulados por espertalhões. Alguém vê paz num quadro assim? Defendemos o discurso de ‘amai-vos uns aos outros’, mas na prática o próximo torna-se adversário, mesmo que seja desta geração, do mesmo bairro ou até da mesma família, e viver torna-se uma banal artificialidade. Não se ama sem traumas se não houver orientação prática para amar. Falar em boa formação familiar e não ampliar o raciocínio para a boa formação social é hipocrisia das grandes! Sociedade também é família. Aliás, uma família em escala maior, de cunho mais amplo, por isso mais nobre. As sociedades têm problemas sociais se os indivíduos tratam-se com preconceitos herdados por mero costume. De nada valem as leis e os tribunais, os discursos políticos e religiosos, se cada indivíduo não questionar no fundo de seu íntimo seus valores culturais. O americano rico, orgulhoso de sua pátria e de sua ‘democracia-exemplo’, que teve a felicidade de nascer branco, que valor real dá à vida e à existência? O negro, já que preferiu nascer estadunidense e não na África, por que não escolheu nascer branco? E o latino que preferiu viver na nação mais rica do mundo mesmo sofrendo preconceito por negros e brancos, por que não escolheu nascer logo lá? Por que não se usa o livre-arbítrio? [Repensar e aprofundar. Há exemplos melhores]. Se o dinheiro compra a felicidade, por que não compra um casulo protetor para que ela se eternize? Será que a inteligência custa caro? E a consciência? Será que o amor espiritual comprado vale mais que o amor ganho? Pele é fronteira emocional e social? Se Deus foi tão bom para comigo me fazendo negro ou amarelo, por que foi mau com outros fazendo-os brancos? O óbvio é coisa que espanta qualquer raça distraída e umbilical. [Pensar melhor, há mais coisas para dizer aqui.] Se com o dinheiro se praticam tantas atitudes insensatas, por que não se compra sensatez? [Repensar.]

Por que lá em Manhattan – símbolo maior do Império Romano de nosso tempo – a Estátua da Liberdade se desespera e grita: ‘Meu Deus, o que está acontecendo com as nossas crianças?’ Talvez esteja faltando a sensatez que o dinheiro não consegue comprar e o sofisma esconde. Numa cultura em que o indivíduo nasce preparado para a disputa por poder com os que o cercam, a idéia de poder prepondera. E homens que se sentem acima do bem e do mal brotam, vicejam com galhardia e são exemplos sociais. As práticas da Igreja quan-

do foi supremo poder político nos dá provas cabais de que, dentro desta cultura, até religiões, com seus dogmas, tabus e alguns princípios doces, tornam-se amargas, azedas e ferinamente apimentadas quando ocupam o poder. Lutero é outro exemplo, e há tantos outros mais. A meu ver, as religiões devem se manter distantes do poder, dissociadas, para que não caiam em tentação e cometam o pecado de discursar o sagrado e praticar o cruel e o profano, tendo de pedir a cada século um perdão para milhares de pecados. O cidadão comum que mata um urubu, além de pedir perdão a Deus tem de pedir perdão aos homens, cumprindo pena. Veja a cultura xavante e sua preocupação com a sétima geração. Mesmo tendo uma cultura precária no campo tecnológico e de pouca criatividade, eles praticam aquilo que em nós é somente discurso e lamento. Com o dinheiro como todo-poderoso, algo a disputar, que idéia real temos do amor? Prostituição?! Não é só fisicamente que a prostituição acontece. [Desenvolver raciocínio]. Tá na Bíblia: as riquezas do pai Abraão e da mãe Sarai explicam.

Mas o fato concreto, inevitável, é que é essa cultura que prevalecerá sobre todas as outras. A cultura que traz no seu bojo o DNA cultural maligno da voracidade imperialista absorverá todas as outras culturas. É nela que se insere a força econômica e militar, conseqüentemente a força e o poder político. Grave asneira humana! Portanto, é a esta cultura que os olhos humanos devem dirigir-se com perspicaz e corajosa reflexão. É o poder dessa cultura e a cultura desse poder que devem ser dissecados. Atentamente.

A humanidade teve um berço precário. A família humana, considerando a vida na pré-história, teve uma formação que nos lembra uma criança sem pais andando a esmo pelo planeta, espantando-se com seus mistérios: raios, trovões, fogo e outros fenômenos físicos a assustavam; sombra, reflexos na água, barulhos inexplicáveis nas matas, sonhos – que mistério amedrontador não seriam os sonhos para os nossos ancestrais? É impossível que desses fenômenos naturais não nascessem o misticismo, o esoterismo, as superstições. Fenômenos sobrenaturais nos assombram até hoje. A ciência está sempre quebrando a cabeça com fatos inexplicáveis, e até nossos índios nos encantam e nos espantam com sua pajelança! O Santo D' Aime é um bom exemplo. Mas o fogo, que já foi um deus, que hoje fritar o nosso bife, e os fenômenos sobrenaturais com o tempo serão compreendidos e manipulados pelo

homem como tantos outros fenômenos inexplicáveis de outrora, que hoje nos prestam serviços corriqueiramente. O que não é certo é alimentar o medo absurdo com charlatanice e tolas superstições, transformando-os em nossos carrascos psíquicos! Que se respeite o sobrenatural com o mesmo respeito que se tem pela natureza (?), pois são fenômenos dela, inerentes a ela, como todos os fenômenos que já foram sobrenaturais e hoje são compreensíveis. Os nossos ancestrais que se amedrontaram com o fogo e o observaram a distância criaram as superstições. Aqueles que o encararam com cuidado e espírito de entendimento inventaram a carne assada. Os supersticiosos inventam explicações para os fenômenos sem procurar comprovar a realidade, e daí tiram sua compreensão de Deus. Os que possuem espírito analítico investigam os fatos sobrenaturais buscando compreender e comprovar sua realidade, e daí procuram sua compreensão de Deus. Mas a dúvida persiste: o homem é obra-prima de Deus ou os deuses são obras balsâmicas dos homens? Como separar sofismas mal intencionados de fenômenos realmente sobrenaturais? Como separar medos naturais dos medos causados por indução imposta por má-fé? [Não esquecer de comentar que os cristãos são parcialmente hereges entre si com relação à Bíblia ou à sua crença cristã; da mesma maneira como foram, no tempo de Jesus, hereges ao judaísmo, e que o Islã tornou-se herege para ambos posteriormente.] As guerras santas explicam. Vaidade das vaidades, quanta tolice! Os negros e índios tiveram suas crenças sagradas respeitadas pelos cristãos?

Fenômenos premonitórios são realmente possíveis ou são coincidências? A mulher de um piloto de avião que tem constantemente a sensação de que o avião que o marido pilota cairá durante o vôo; se o fato realmente acontecer, é possível que ela só se lembre dessa “premonição” e esqueça as impressões anteriores? A precognição não pode acontecer por “chute” nos fenômenos ocultos? Por exemplo: sou um supersticioso às raias da hipocondria mística e dou palpites sobre tudo o que possa acontecer; quando acerto, alimento a fama de vidente dos fenômenos ocultos. Ou realmente existem pessoas equilibradas emocional e psiquicamente que possuem o dom de serem avisadas de fenômenos que irão acontecer? Mas se uma pessoa sabe, com um dia de antecedência, que um avião cairá, não fica claro que o futuro já está escrito? Não tenho dúvida de que se alguém consegue prever algo no futuro, a queda de um avião,

por exemplo, é porque Deus já traçou o futuro humano e a vida de cada um já está com enredo pronto. Se o avião caiu por falha mecânica, naturalmente o mecânico já estava escolhido para ser o ‘Judas’ premeditado por Deus. Vendo a coisa por esse prisma, só podemos concluir que os ciganos estão certos. E também que ninguém tem culpa de nada do que pratica. Hitler foi apenas um “Judas alemão” a serviço do destino? O bebê que nasce morto só veio cumprir a missão de viver no ventre da mãe por nove meses? O marido bêbado que esfaqueou sua mulher já estava com destino marcado? A devastação da Mata Atlântica, devemos reputar a culpa a Deus por ter traçado o destino humano desta maneira devastadora? Os miseráveis morrem em enchentes porque Deus lhes traçou esse destino e livrou os ricos das enchentes porque assim quer? Será que Ele quer a terra para os ricos e o céu para os miseráveis, na sua predestinação? Mas e o pobre feliz e sacana na terra vai pro céu também? E o rico infeliz? Então pouco importa a qualidade dos serviços prestados pela companhia de aviação, o avião cairá porque já está com seu destino traçado, não é? Então pra que pensar em qualidade? Deus nos impôs a busca pela qualidade por puro entretenimento ou nós que somos teimosos e tolos e não queremos aceitar a predestinação que nos foi imposta? Serão os “animais inferiores” mais felizes do que nós porque não têm consciência de nada? Paro por aqui porque o óbvio misturado a mistérios me torna um tolo, e Deus não me deu essa predestinação.

Filha de berço precário, formada por frágeis condições que as circunstâncias naturais lhe impuseram, a família humana se redime de tantas bobagens praticadas no passado. Mas é imperdoável que persista neste rumo! A vergonha e a conscientização são ótimos elementos e princípios para se livrar de males e vícios e buscar a ‘regeneração’. Será que precisamos universalizar um método semelhante ao do AA para nos livrarmos da embriaguez cultural? Com Deus ou sem Deus, o importante é a fé e o empenho em querer transformações, pelo menos para amenizar o futuro para os próximos das gerações vindouras! É imprescindível que se reconheça que a civilização científica conseguiu coletar conhecimentos suficientes para que seja possível trilhar o caminho da civilização real, humana e fraterna. Considerando que ainda temos lamentos e problemas semelhantes aos problemas que afligiram o povo hebreu há dois ou três mil anos, cabe a pergunta: somos burros, covardes ou sem-vergonha? Por que aceitamos passivamente essa cul-

tura preconceituosa e fatalista, mesmo tendo conhecimentos infinitamente superiores aos dos homens daquele tempo? Que se jogue o DNA cultural no divã de um laboratório para análise biológica, cultural e psíquica. O imaginário popular é um bebê diante do imaginário do poder. O imaginário do poder faz coisas que o povo nem imagina... Mas é idiotice ficar bêbado com a bebedeira dos outros...

Falamos da violência vendo-a como fruto que nasce entre o povo, mas esquecemos da raiz. Não seria mais útil à sociedade, ao vermos a notícia de um delinquente juvenil, relacionarmos de imediato com os bandidos que se acobertam em partidos políticos? Não é mais sensato à sociedade observar atentamente o foco da violência do que as ramificações? Lógico que se tem de combater os males do corpo social com os remédios paliativos que se tem a disposição, mas fazer vista grossa para os focos dos males é misturar safadeza com ingenuidade. Só se expurga males esterilizando o foco. O imposto social é também pacto salarial para homens que nos servem e escolhemos. Além de escolhermos mal, pagamos bem péssimos serviços. Que carapuça nos serve?

Folheando a história humana verificamos que a humanidade teve até agora – principalmente a que comanda e carrega o DNA cultural imperialista – uma existência ébria, sonhando lindos sonhos quando sóbria, mas transformando os sonhos em cacos quando de porre. A prática dos que a comandaram até aqui é que deve ser analisada.

Considerando que a classe política brasileira tem, em sua maioria de componentes, gente mais interessada em sua sobrevivência e ascensão política, sendo essa prática que ocupa mente e cotidiano dos políticos quase que inteiramente, pois usam as carências da população para elaborar discursos e arrebatar votos que resolvam os seus interesses próprios; e considerando ainda que no universo econômico prepondera o número de pessoas interessadas em sobrevivência e ascensão econômica, mais interessadas em vender seus produtos e serviços do que em integrar-se à sociedade para uma convivência social digna e resolver os problemas sociais; a que conclusão podemos chegar sobre o axioma “amai-vos uns aos outros”? Se o lucro satisfaz o ego por sentir-se superior à maioria, que conclusão tiramos sobre o ensinamento cristão “ama o próximo como a ti mesmo”? Esse ensino é enviado a somente uma parcela do povo?!

Se a maioria nasce para servir instituições que não lhe servem, nascer humano é um bom negócio? E brasileiro?

Impossível a felicidade fraterna no meio de disputas e injustiças! Impossível a paz e o amor somente como auto-sugestão. Impossível o desenvolvimento da inteligência alimentando-a com sofismas limitadores. ‘Meu coração está prenhe de amor porque sofro lavagem cerebral.’ Que coisa absurda!

Isso posto, não é estranho que dignos e culturalmente preparados cidadãos, alguns até baluartes da ciência, artes, educação e outros segmentos, sejam cativos e subalternos a homens cujo grande e único talento seja o dom de manipular a ingenuidade da massa como um cínico imperador dos ingênuos, um todo-poderoso sustentado por analfabetos políticos, sendo esse homem, muitas e muitas vezes, desprovido de responsabilidade, sensibilidade e respeito pelo próximo e pelo próprio cargo que ocupa? Não há uma patente inversão de valores se homens dignos da sociedade se submetem passivamente a desmandos de homens cujo talento é colecionar fortuna e poder, mas que seriam incapazes de acalentar no íntimo princípios de moral, justiça e outros valores importantes para a convivência social dignificante e para a política socialmente correta?

Urge que a ciência, a arte e a educação, entre outros segmentos relevantes da sociedade, se transformem em oposição política ao velho berço cultural e se posicionem não só contra os governos que se substituem no mesmismo. Há homens capazes para isso. Só falta quebrar os grilhões que nos viciam na vivência social marasmática. Justificar a bagunça social culpando a bagunça cultural é justificativa? Só constatar é suficiente? Ter consciência é importante, mas é preciso mais!

Os conhecimentos adquiridos na trajetória humana nos dão condições de questionar, discutir e elaborar importantes transformações pelo ensino, dando um rumo mais digno ao horizonte humano. É importante lembrar que a hipocrisia é liga entre tirania e poder. Considero a palavra poder pejorativa e má companhia para a palavra autoridade. A convivência entre opostos, nesse caso, não faz bem para o todo da sociedade. A justiça politicamente correta tem a existência como fonte. Para a vida, o menino que se alimenta de lixo em Carapicuíba e outros lixões do país tem o mesmo valor que o garoto dos chamados bairros nobres. É o luxo que laxa o lixo [ampliar exemplos]. Compaixão, lamento e solidariedade são

sentimentos, atitudes e não fundamentos para compensar a injustiça. Justiça é debate de inteligência, mas tendo a existência como marco fundamental e mediador. Usar o bem a serviço do mal é idiotice! A cultura do paliativismo lembra um sujeito que tem furúnculo na bunda e se senta sempre torto por ter medo da operação.

O júri popular composto por leigos, alguns até desprovidos de noções psicológicas e outros conhecimentos que os previnam das falácias e sofismas comuns nas dramatizações retóricas de defesa e acusação, não raro dá condições para que a corda arrebente do lado mais fraco. Isso acontece aqui em nosso torrão, no Primeiro Mundo e até nos países “hors-concours”! Para os dias de hoje, o júri popular, na forma como é constituído, é mais uma instituição superada, pro forma, longe do ideal nobre da justiça. Vale lembrar que leis são elaboradas por parlamentares, sendo que muitos deles levam em conta a pirâmide social para elaborar leis e não consideram a sociedade composta por gente do mesmo valor no todo. Leis elaboradas por esse princípio privilegiam preconceitos e injustiças. A sociedade é forma que molda cidadãos. Moldando-se ao torto, poucos homens têm condições de discernir direitos e deveres, o justo e o injusto. Nestes termos, a sociedade passa para muitos a idéia de inimiga. Poucos homens têm condições de raciocinar a justiça pelo ato de estar vivo, existir, como todos os outros. Instituição nenhuma deve superar esse valor, e todos os valores criados pela razão humana na elaboração dos mecanismos de convivência social deveriam ter por princípio esse fundamento. Mas o passado é perdoável, afinal a humanidade teve um mau berço. Esse mecanismo viciado que nos comanda institui a relação trouxa/esperto como uma relação politicamente correta. Isso é fonte para várias formas de tiranias e abusos e, em conseqüência, torrente de males sociais e sofrimentos humanos desnecessários. Esse desrespeito do humano contra si já tem condições de ser solucionado pelos conhecimentos adquiridos. Hipocrisia funciona, mas não é virtude, e o que chamamos de cultura é um depósito labirintiforme onde se conservam e se misturam virtudes e inúteis besteiras. É preciso separar o joio do trigo – melhor dizendo, o útil do inútil e o bem do mal. É necessário que se abra o debate sem sofismas e preconceitos. A pré-história é história também, e é lá no meio do insondável que a vida dos que estão vivos e dos que nascerão se formou e é referência

de direitos e deveres. Certidão de nascimento é escritura de posse sobre o país!

É importante que os jovens, mesmo os pequenos oportunistas, pensem que melhor do que puxar o saco de espertalhões é liberar geral e puxar o saco da humanidade! É esse o ‘mais’ que deve seduzir a juventude para o prazer de viver com dignidade. Através da educação democratizada, creio ser possível fazer as reformas de uma maneira pacífica e indolor, até para homens que têm o coração nos bolsos.

São mais dignas as mudanças pacíficas do que as ocasionadas pelo saco cheio! Sangrentas batalhas já foram travadas em guerras ditas santas. Levar isso para o futuro é idiotice! É preciso questionar a cultura parasitária que nos comanda com olhar clínico, político e psicológico, pois quando discurso e prática não condizem, o questionamento é imprescindível e até mesmo um divã! Calar-se é covardia ou conivência. Escolher o lado é fácil: é só imaginar filhos e netos nos faróis do futuro, tanto dentro quanto fora do carro. E pensar na sabedoria dos xavantes, cientificamente limitada, mas espiritual e filosoficamente sábia. ‘É preciso amar o próximo das próximas sete gerações. Sempre.’ Mais do que amor, isso é responsabilidade.”

Abigail compreendeu claramente que se tratava de um esboço para ser desenvolvido. Colchetes quebrando o sentido de frases e citações inesperadas levavam a esse raciocínio. Eram pensamentos para serem filtrados, purificados e desenvolvidos, como se fosse um embrião de uma tese. Seriam já fragmentos do livro *O Plebeu*? Ela acreditou que sim. Dobrou as folhas, deixando-as no lugar onde encontrou.

Voltou à leitura dos pensamentos, que lhe pareciam uma reunião de teses e antíteses numa disputa do isso contra aquilo. Mas logo teve de abandonar esse prazer por outro: o barulho do motor da perua, que ela se habituara a identificar, denunciava a chegada de Cisco. Ainda chovia, e ela levantou-se apressada, pegando um guarda-chuva no guarda-roupa e indo ao encontro dele. Ao abrir a porta, ouviu: “Fique aí. Já estou molhado!” Ele já havia descido da perua e aberto o portão, expondo-se, indiferente, à chuva. Ela correu para pegar uma toalha e um pano de chão, enquanto ele guardava a perua e fechava o portão.

Enxugando cabeça, tronco e braços, ao mesmo tempo que limpava os sapatos no pano de chão, ele lamentava o dia.

Realmente, não havia sido bom. Além do entrevero com a professora desonesta, as vendas ficaram aquém das expectativas para um sábado e a chuva atrapalhou o seu trabalho noturno. Ela acariciou-lhe o rosto afetuosamente, num gesto quase maternal, dizendo-lhe: “Vai tomar banho enquanto esquento a comida. Depois te faço uma massagem gostosa pra tirar a urucubaca!” Ele foi para o banho e ela para a cozinha.

Quando jantavam, ele perguntou o que ela achava de suas músicas e poesias. Abigail declarou que havia gostado, mas preferia conversar depois sobre cada trabalho, e preferiu questioná-lo sobre seus pensamentos na Coleção Refletir:

– Acho que você é o príncipe dos radicais! Em alguns textos seus, parece que você quer apagar a cultura humana e empurrar no cérebro de todos as suas convicções.

– Ser chamado de radical eu aceito. Mas de tirano que quer que outros vivam como eu penso, não! Isso é próprio dos que produzem doutrinas para manipular o imaginário coletivo. Eu sou adversário desse grupo. Apenas o mundo me inspira e eu solto meu verbo! Não me xingue por levar a realidade a sério...

– Tudo bem, mas você extrapola o radicalismo!

– Já disse que meu radicalismo é reação ao radicalismo da ação que o poder pratica. Sou a favor de um Estado em bom estado; os que defendem o Estado como está preferem o estado de calamidade permanente.

– Cisco, eu não sei se esse seu jeito de pensar vai te levar a algum lugar. É meio confuso o seu raciocínio... Tem hora que você parece um conservador; outra, um progressista...

– Quem presta atenção na história humana sabe que o progresso espiritual humano enalhou na antiguidade. Eu sou a favor de que a humanidade, acima das instituições, possua uma mordomia espiritual. Isso é ser conservador ou progressista? Grosso modo, a humanidade está servindo às instituições e as instituições não estão servindo aos homens...

– Mas Cisco, você passa a impressão de que quer mesclar todas as culturas numa só. É como destruir todas e prevalecter o que você pensa. O Ricardinho disse que todos podem ficar com cara de coca-cola, lembra-se?

– Ab, o fato de os jovens fazerem de tudo pra serem diferentes não será porque eles se sentem todos iguais coca-cola? Eu gostaria que na sociedade brasileira todos tivessem a

justiça como referência e a educação baseada nesse prisma. Agora, democraticamente sou a favor de que as culturas dos que aqui já estavam e a dos que aqui chegaram se ampliem, se mesquem, se exponham e que de todas as tradições nasçam culturas diferentes. Que com o tempo, naturalmente, velhas tradições dêem lugar a novos movimentos, que se transformem em tradições mais úteis ao entendimento humano. Eu quero nova história, mas que nasça da criatividade livre de gente que sabe pensar, e não essas tradições arcaicas e injustas, enfiadas no cérebro. Quem quer uma cultura única é a Globo! A Globo comanda o pensamento brasileiro diretamente do Leblon. Por mim, cada tribo do Xingu ou da Amazônia teria rádio comunitária. Povoados distantes teriam rádio comunitária para divulgar seus costumes. Agora, nas questões políticas, de convivência social, eu gostaria de ver a camada social que sabe das coisas, os esclarecidos que são reféns das mazelas políticas tanto quanto o povo no geral, indo à luta e esclarecendo o povo. Essa seria a solidariedade mais útil que poderiam praticar, porque também seriam beneficiados. É o que penso. Reciprocidade. Solidariedade de duas vias.

– Tudo bem, sonhador. Você é um soldado da utopia! Por que você usa tantos pensamentos de Jesus em seu álbum?

– Porque acho que Jesus, Jeremias e tantos outros eram contra o andar da carruagem cultural de sua época. Jesus também era contra o DNA cultural maligno. Tanto é que o sumo sacerdote Caifás e o todo-poderoso Pilatos manipularam o povo para crucificá-lo.

– Mas você tem no álbum citações que o povo não conhece sobre Jesus.

– As superstições? É claro que essas conversas de tirar moeda da boca de peixe para pagar impostos, ressurreição de Lázaro etc., não passam de folclore, histórias que o povo hebreu contava. Era um povo criador de mitos e lendas. É como o episódio de Judas: se Jesus deu o pão embebido e Satanás entrou em Judas, Satanás não se transformou num soldado de Deus para fazer o trabalho sujo? Os biógrafos de Jesus, ou por ingenuidade acreditaram nas histórias que o povo contava ou por esperteza profissional viram a chance de acentuar o marketing da instituição que estavam propagando e seduzir a massa com a magia. Particularmente, eu creio que Jesus não endossaria tudo que contaram sobre sua vida no Novo Testa-

mento. Acho Jesus superior à imagem que o Evangelho lhe dá. O Jesus homem é muito mais admirável do que o Jesus mito.

– Nem você prova e nem eles provam, de que adianta discutir isso? Fica palavra contra palavra.

– Prefiro ver Jesus da seguinte maneira: um homem de bom caráter. Se fosse um picareta, se mancomunaria com os vendilhões do templo e entraria no negócio. Quantos cristãos nos dias de hoje não fazem isso? Mas Cristo tinha caráter. Tanto que ele foi radicalmente contra os costumes religiosos da época e contra a tirania romana sobre o povo. Por ter seguidores, preocupou os poderosos. Se fosse um sacana político embromaria os que acreditavam nele, se uniria aos poderosos e mamaria nas tetas da nação, como tudo indica que o sumo sacerdote Caifás fazia. Eu acho que temos muitos cristãos com DNA de Caifás hoje.

– Você vê Jesus como um revolucionário humanista. É isso?

– Claro! Um Deus inteligente e onipotente não usaria de expediente tão frágil para fazer as mudanças que gostaria, colocando Jesus para ser crucificado. Isso é óbvio. A cultura do povo hebreu era esperar de Deus ajuda por vários expedientes, mesmo que absurdos. E é esse Deus que a cultura brasileira assimilou... Olha, Ab, num daqueles álbuns tem um pensamento de Bernard Shaw que diz: “Jesus ainda não é um fracassado porque ninguém tem sido suficientemente sensato para trilhar seu caminho.” Eu também penso assim.

– Não entendi. O que ele quis dizer?

– Disse que se os cristãos assumissem os ensinamentos de Jesus como cultura prática e não onírica, hoje a humanidade viveria bem e ele seria esquecido porque não haveria dores e injustiças para se recorrer a ele. Ele seria esquecido por nós, assim como Moisés, que teve uma tarefa muito mais complicada do que Jesus e deixou os dez mandamentos como legado. Claro que Moisés também enfiou truques psicológicos e magia ilusionistas na sua conduta e discursos, mas era compreensível, porque dirigir 40 mil homens confusos pelo deserto exigia atitudes pragmáticas desse tipo. Homens que hoje comandam 200 milhões de sua sala não fariam o que fez Moisés. E eu penso que se como mito Jesus é consagrado, como homem é desrespeitado. A coragem de um Jesus de carne e osso é admirável. Mas a de um Jesus com poderes sobrenaturais,

não. Com poderes sobrenaturais, até um macaco deixa uma loja de louças e cristais “nos trinques”. Você crê que o padre Cícero fez os milagres que o povo nordestino crê que ele fez?

– É. Há analogia. Antônio Conselheiro também é tido como milagreiro.

Após o jantar a conversa continuou, e eles vararam a madrugada envolvidos por papéis, carinhos e massagens. Até que se acarinharam, se desejaram, se comeram e dormiram satisfeitos.

Antes de Cisco ela não havia atinado que existia prática política no seio das religiões; depois de conhecê-lo começou a perceber com clareza a briga por espaços, o jogo de interesses, as estratégias para cooptar fiéis e aumentar o cacife e a luta pela sobrevivência das instituições. E ela, que sempre vivera como católica não-praticante, sentiu-se mais confortável na sua conduta religiosa, dirigindo diretamente a Deus suas orações. Sem intermediários, e agora sem peso na consciência. Em compensação, enfiou-se na vida política oficializada, percebendo que por esse caminho se resolveriam muitos problemas espirituais. A política lhe havia penetrado nas veias e se mesclado a seu sangue.

A TV Bandeirantes realizou o primeiro debate entre presidenciáveis da televisão brasileira. Sendo impraticável o debate entre os 21 candidatos, participaram os que mais se destacavam. Collor, que deveria estar entre os presentes, não compareceu. Na opinião dos petistas, Lula se saiu bem.

Cada vez mais a figura de Lula chamava a atenção de Abigail. Sua origem e trajetória causavam-lhe admiração, e ela passou a comparar a conduta dele com a de Collor. Havia uma enorme discrepância entre um e outro. Lula dormia uma média de quatro horas por dia. Somente no mês de julho cruzara o país fazendo 17 comícios em várias capitais e 13 concentrações em portas de fábricas, participando ainda de dois jantares por semana para arrecadar fundos para a campanha, que na previsão petista seria de 12 milhões de dólares. A previsão para a campanha de Maluf seria de 96 milhões de dólares, a de Ronaldo Caiado seria de 90 milhões – o qual, na opinião dos petistas, só se candidatara para atrapalhar uma possível vitória do Lula e evitar a reforma agrária. A previsão de gastos com a campanha de Collor era de 85 milhões de dólares. Collor cruzava o país em jatinho Challenger de 12 lugares e poltronas confortáveis, enquanto Lula viajava em avião

de carreira. Collor tinha a maior parte da mídia a seu favor, enquanto Lula a tinha contra. Empresários de peso do país apoiavam Collor: Abílio Diniz, Paulo Villares, Eugenio Etaub etc., e Silvio Santos até chegara a apostar na vitória de Collor. Roberto Marinho declarava que Collor era “o mais assentado, o mais ponderado, por ser privatista”. Essa declaração levou Cisco a comentar: “Se o Roberto Marinho viu no Collor o melhor investimento para os seus negócios, é muita pretensão da gente querer vencer com nossos míseros cem mil militantes. Mas como não somos partideco, vamos incomodar!”

Abigail não concordou com o parecer de Cisco. Envolvida pela emoção, tinha esperança na vitória do Lula. Mesmo espantada com o fisiologismo dos políticos a quem o país estava entregue, acreditava na vitória. Notícias de políticos que abandonavam o barco de seus partidos e iam para o barco de Collor eram muitas, gente do PDS de Maluf, do PFL do Aureliano Chaves, do PTB de Afonso Camargo e outros abandonavam seus candidatos e fortaleciam a campanha collorida. Porém ela acreditava.

Uma das práticas mais comuns do presidente Sarney em sua gestão foi viajar. Numa dessas viagens foi a Paris, acompanhado de 150 aristocratas de sua corte, comemorar os duzentos anos da Revolução Francesa. Gastou dos cofres públicos um milhão e meio de dólares para passar 72 horas em Paris com sua turma.

Inconformados com a afronta ao povo, Cisco e Sandro protagonizaram o seguinte diálogo:

Cisco: A República brasileira também faz cem anos. Será que ele vai gastar um mundaréu de dinheiro pra comemorar?

Sandro: Eu acho que não, a comemoração seria aqui. E aqui não há o que festejar mais. O carnaval desse ano já passou, e a Copa é no ano que vem.

Abigail (que havia lido em algum lugar sobre outra comemoração centenária em 89): O sutiã também está comemorando cem anos!

Sandro: Nossa! Tomara que ele não saiba, senão vai tirar dinheiro dos cofres e dar à Roseana para que ela saia comemorando com as amigas numa volta ao mundo.

Cisco: Mas, pensando bem, sutiã e República não te lembram nada?

Sandro: A República brasileira me lembra gente mamando nas tetas do país, o sutiã me lembra proteção e sustentação.

Cisco: Taí! É a privatização das tetas para os donos do Estado. O sutiã afasta o povo.

Abigail (achando a conversa e a comparação tão bobas que mereciam interrupção): Ah, vai, que bobagem! O sutiã nem brasileiro é! É francês.

Cisco: Outra coincidência! O Sarney gastou uma nota preta do povo brasileiro pra comemorar os duzentos anos de República da terra do sutiã. E depois o De Gaulle diz que o Brasil não é um país sério!...

Sandro: O Sarney é coerente. Comemora a Revolução Francesa, mas torce pra que não aconteça a Revolução Brasileira. Apesar do pescoço curto, ele gosta daquele pescoço.

Assim, com brincadeiras tolas eles expurgavam a indignação causada pelas perversas brincadeiras dos poderosos que teimavam em permanecer no poder por ideologia umbilical.

Collor mantinha-se desgarrado na frente; Brizola, em segundo, estancara entre 14% e 15%; Lula, Covas, Maluf e Afif estavam embotados no terceiro lugar. Ulisses Guimarães e Aureliano Chaves, representantes dos dois maiores partidos do país, PMDB e PFL, não passavam dos 3%. Aureliano Chaves reclamava e concordava com Brizola, dizendo que o monopólio da Globo era prejudicial ao país.

Numa reportagem da *Veja*, Abigail ficara sabendo que os católicos creditavam a expansão dos protestantes no país à manipulação da CIA. Achou a notícia interessante e comentou com Cisco. Ele disse:

- Isso me deixa aliviado.
- Ué, por quê?
- Pelo menos não puseram a culpa no PT!
- Só faltava essa!
- Você não leu que o frei Leonardo Boff está sendo criticado pela Ordem dos Franciscanos por apoiar o Lula?
- É mesmo. Eu li!
- Eu tenho certeza de que São Francisco de Assis não apoiaria a Ordem dos Franciscanos. É só prestar atenção na história de São Francisco e na história da Ordem. Esses homens encalharam no mesmismo e não têm consciência de que a renovação começa no íntimo, então ficam procurando culpados pelo encalhe! Apesar de que não é absurdo achar que a CIA esteja fortalecendo o protestantismo no país. Eles são

os teólogos do deus dólar e nos ter em seu rebanho é a missão desses homens.

Política, religião e economia formavam o triunvirato que incomodava Cisco. Para ele, esses três segmentos iriam para o divã, se fosse psicanalista.

A saúde do país estava doente naqueles tempos e a educação mal-educada. O PIB, estagnado desde 1980. Obras inúteis, privilégios e aumento salarial para políticos eram reclamações constantes da população. Greve dos trabalhadores descontentes com o baixo salário e reclamações dos empresários com os juros altos eram constantes também. Petistas, pedetistas e outros membros de partidos de esquerda reclamavam do atrelamento da economia brasileira ao jogo do FMI. Cisco dizia que o FMI era um cavalo de Tróia.

E a campanha eleitoral esquentava. Collor reclamou que alguns veículos de comunicação não o estavam apoiando como deviam, e Roberto Marinho prometeu a ele que iria conversar com quem não estava dando o apoio devido. E desta vez foi Sandro que se indignou: “Enquanto esses homens tiverem o monopólio das comunicações no Brasil, nada vai mudar! Só o Sarney já concedeu mais de mil estações de rádio e TV para seus amigos e amigos do Antônio Carlos Magalhães. Com uma mamata dessa, até um poste vira presidente ou vice! Isso é aristocracia! É o suor e o espírito do povo brasileiro sendo monopolizados por alguns elitistas!”

No *Jornal Nacional*, Collor aparecia em média de 16% das reportagens, Ulisses, 14%, Brizola, 9%. Sandro comentou que o Lula não aparecia no *Jornal Nacional* por estar numa capital e logo sair e aparecer noutro Estado, e com isso os repórteres da Globo não o encontravam. Cisco disse: “Então o Lula está errado. Por que ele não pára de fazer comício e faz plantão na central de jornalismo da Globo?”

Em agosto de 1989, morreu Raul Seixas. Abigail percebeu que Cisco sentiu a morte do roqueiro como um soldado que perde um companheiro na luta. Conversando a respeito, ela ouviu-o dizer:

– O que Raul Seixas dizia fora dos discos era mais importante do que as letras de suas músicas. – E ele desfiou para ela vários pensamentos do roqueiro.

Em setembro, Lula foi capa da *Veja* e Abigail achou que isso seria bom para a campanha. Ficou feliz por saber que

era o preferido no meio universitário e que o médio empresariado o apoiava.

Luis Antônio Medeiros, dirigente da Força Sindical, que Sandro chamava de “pelego visceral”, apoiava Brizola e quase chegou a ser seu vice com a promessa de dois ministérios e uma nova Central Sindical que seria financiada pelo governo de Brizola. Ao perceber que seu candidato não ultrapassava os 15% nas pesquisas, abandonou o barco e pulou para o iate de Collor. Cisco avaliou que a mudança foi ótima para Lula passar para o segundo turno, pois enfraquecia Brizola, “porque em São Paulo a quantidade de pelego é considerável e faz diferença.”

Entre a bagunça política e outras notícias escandalosas da época, Abigail indignou-se com uma pesquisa do Ibope expondo o fato de a elite brasileira ter uma visão desfavorável do povo brasileiro. Os que recebiam acima de 2.500 cruzados novos por mês, significando uma faixa de 30% da população, viam com menosprezo a população que sobrevivia abaixo. Deste universo, 31% achavam o povo burro; 43% diziam que o povo era desonesto; 45% consideravam-no preguiçoso e 68% diziam que o povo não sabia votar.

Naturalmente ela e Cisco conversaram sobre o assunto. Ele repetiu-se, dizendo que “qualquer povo reflete a sensibilidade e conduta da elite que o comanda”. E continuou: “Já que se analisa classe social pelo patrimônio e progresso material, é preciso lembrar que os homens que sugam recursos financeiros deste país e minam a economia brasileira encontram-se no seio desses 30%. E está no meio da elite brasileira quem financia campanha eleitoral e troca figurinha com os que regem a conduta política do país.” Com ironia, arrematou: “Eles não falaram bobagem. Só se esqueceram de se incluírem no emaranhado que é o termo ‘povo’ e esqueceram de fazer o mea-culpa pela própria conduta, que, pela responsabilidade que o privilégio lhes dá, torna-os piores do que o próprio povo que criticam.”

– Sem exceção? – perguntou Abigail, já sabendo a resposta.

Ele respondeu:

– Quando as boas exceções superarem a regra, eu mudo o discurso.

Na mesma revista leram que na Colômbia o governo de Virgílio Barco atacou o Cartel de Medellín, e o Cartel, como retaliação, metralhou o candidato favorito às eleições do país, Luis Carlos Galan. E Pablo Escobar, cabeça do Cartel de Medellín, disse que tinha condições de manter uma guerra contra

o governo colombiano por dois anos, e não faltava alvo para o seu intento.

Cisco comentou que o brasileiro preocupa-se tanto com o próprio umbigo que esquece de olhar o que acontece com os países vizinhos, só se dando conta quando o problema já está no quintal. “Temos que aprender a nos cuidar nas coisas em que somos mais vulneráveis”, repetiu-se.

Mas entre tantas notícias ruins e vários escândalos, como o do álcool, Naji Nahas e outros, Rosemary Melo por uns dias foi onipresente no noticiário. Ela disparou um foguete de sinalização no Maracanã, quase atingindo o goleiro Rojas, que aproveitou a situação e armou uma cena. O Chile perdia de um a zero, gol de Careca para o Brasil, e o jogo foi suspenso, dando muito falatório nacional e internacional, já que era válido pelas eliminatórias da Copa de 90. Mas terminou tudo em pizza para o Brasil, assim como os outros escândalos brasileiros. E Rosemary ficou com muitos recortes de jornais e revistas para lembrar seu tempo de fama, fama tão transparente, que até sua nudez foi exposta na mídia.

Logo no início da propaganda eleitoral gratuita, a esperança de que a campanha de Lula deslancharia tomou conta dos petistas. O mestre-de-cerimônias do programa do Lula foi Paulo Betti, e Betty Faria, que contracenava com ele em *Tieta do Agreste*, era aguardada para participar. Mário Covas foi apresentado por Lima Duarte.

Collor apareceu no Monte Pascoal, no magnífico cenário onde o Brasil Novo principiou. O programa de Collor era uma superprodução: dispunha de 15 equipes de TV para gravar em vários pontos do país. Tinha um estúdio em Brasília com equipamentos avaliados em 3,8 milhões de dólares. Outro estúdio, em Belo Horizonte, possuía 6.000 m². Já havia gasto um milhão de cruzados novos na aquisição de fitas virgens e possuía 400 fitas gravadas com mais de 100 horas de filmagens e mais de 40 assuntos diferentes catalogados num computador.

Mesmo assim, Abigail tinha fé que Davi poderia derrotar Golias. Se acontecera no passado, por que não poderia se repetir?

Com o início da propaganda eleitoral, Cisco assumiu outras atividades na campanha, e Abigail participava com ele. Ele havia emagrecido com o trabalho noturno de sair pela periferia pregando cartazes do Lula, que diziam: “O Brasil vai mudar de cara.” Era uma tarefa cansativa, que ele cumpriu por alguns meses, mudando sua rotina, deixando de jogar futebol aos domingos, abandonando sua atividade física matinal

e se alimentando pouco. Mas uma coisa deixou Abigail feliz: naquele tempo todo, ele não havia bebido uma gota de álcool. A expectativa dela era de que ele não cumprisse o ritual de tomar seu costumeiro porre uma ou duas vezes por ano, que Leilane e ele próprio disseram ser praxe.

Num domingo em que se encontravam em seu “recanto” assistindo à TV, o *Fantástico* apresentou uma reportagem que mostrava trombadinhas em ação, roubando carteiras, relógios e outros objetos no Vale do Anhangabaú. A reportagem dizia que aconteciam 700 roubos por mês naquele local. O Secretário da Segurança Pública, Luiz Antônio Fleury, apareceu no vídeo dizendo que “não sabia que os trombadinhas costumavam agir assim”. Cisco e Abigail olharam-se e sorriram. Ela comentou:

– Você tem razão, esse país precisa democratizar a educação. Mas qual educação deve ser administrada: a do Secretário ou a do trombadinha?

– Uma completamente diversa das duas, que não diferem muito – ele respondeu.

Em 1989, houve mais de 37 mortes, até o mês de outubro, nos conflitos de terra. Abigail chocou-se com o número e mais espantada ficou com o comentário de Cisco: “Lamento as mortes nos conflitos de terra, mas não esqueço que morrem muito mais crianças subnutridas e mil vezes mais gente por conflitos espirituais. Sem contar os que nascem e vivem com o espírito morto. Temos educação para isso!” Na mente de Abigail formou-se um quadro maior e mais dramático do que o dos conflitos de terra, que já era grande.

Como era previsto pelos militantes e petistas em geral, com o início da propaganda eleitoral pela TV, Lula começou a subir nas pesquisas e ameaçar o segundo lugar de Brizola. Mas um episódio abalou o universo petista: 40 barracos foram soterrados na favela Nova República, em São Paulo, e a prefeitura do PT foi acusada de negligência, porque o proprietário, que construía uma obra acima dos barracos, já havia sido multado muitas vezes pela prefeitura, porém esta não embargara a obra, construída em local indevido e de risco. Para muitos petistas e até alguns paulistanos fora um ato criminoso planejado por adversários políticos, e o pessoal do Maluf era suspeito. Outros petistas censuravam a Erundina por não ter embargado a obra. E por uns dias a incômoda notícia do triste episódio permaneceu nos jornais e na mídia em geral.

Apesar dos obstáculos, as militâncias do PT, PSB e PC do B engajaram-se na campanha em todo o país com uma emoção que contagiava a muitos. Abigail sentiu o ápice emocional no último comício do primeiro turno na Praça da Sé. Dezenas de artistas empenhados espontaneamente na campanha do Lula subiram no enorme palanque montado em frente à catedral e milhares de pessoas ocuparam a praça e as ruas adjacentes. Todo o grupo ligado a Leilane e Sandro e o pessoal de Diadema e de outros lugares lá se encontraram, cansados pela luta, mas confiando que o trabalho seria compensado com a passagem para o segundo turno, o que lhes redobrava o vigor.

Cantores e artistas em geral se apresentaram e transmitiram sua emoção e confiança, políticos discursaram e, por último, ouviram Lula. Era a primeira vez que Abigail ouvia um discurso do Lula, já que não lhe foi possível comparecer a outros comícios. A oratória firme, simples, porém aguda e perspicaz, de quem conhece as feridas do país e tem convicção do que está dizendo, a comoveu. Discurso diferente, sem a pompa acadêmica dos homens treinados para seduzir pelo dom da palavra, mas com a ênfase necessária para mostrar a realidade do país e propor novos rumos. Abigail sentiu que ele transmitia emoção e falava como se os sentimentos da própria vivência o inspirassem. Ela emocionou-se e brigou contra as lágrimas, percebendo que os que lá se encontravam, chorando ou não, estavam emocionados e confiantes. Abraçada a Cisco, que analisava tudo como se quisesse saber o que se passava na cabeça de cada indivíduo daquela multidão, ela perguntou: “Você não está achando tudo isso emocionante?” “Estou!”, ele respondeu. “Está me lembrando a campanha das diretas já!”, ele acrescentou, e ela arrependeu-se de perder tantos dias iguais àquele por estar envolvida num cotidiano socialmente improdutivo em outros tempos.

Do comício, a multidão saiu em passeata até a Avenida Paulista. Formou-se uma descomunal fila, uma grandiosa procissão de crentes no ideal de transformação do país. Uma multidão com faixas e bandeiras saudava o pessoal que, das janelas dos prédios da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, jogava papéis e acenava, solidário. Milhares de pessoas caminhavam numa manifestação diferente e bem maior do que a multidão de atletas que todo o último dia do ano ocupa aquela avenida na tradicional corrida de São Silvestre.

A música é uma das mais sublimes criações humanas, e Hilton Acioli brindou aquela multidão com uma das mais ex-

pressivas canções já feitas para campanha política. Pelo menos para aquelas milhares de pessoas, era a mais linda de todos os tempos. Agitando bandeiras, subiam a Brigadeiro tal uma procissão de indignados transpirando esperança e cantando Lula-lá: Passa o tempo e tanta gente a trabalhar / De repente essa clareza pra notar / Quem sempre foi sincero e confiar / Sem medo de ser feliz / Quero ver chegar / Lula-lá! Brilha uma estrela / Lula-lá / Cresce a esperança / Lula-lá! No Brasil criança e na alegria de se abraçar / Lula-lá! Com sinceridade! / Lula-lá! Com toda a clareza! / Pra você meu primeiro voto / Pra fazer brilhar nossa estrela! / Lula-lá! É a gente junto / Lula-lá! Valeu a espera! / Lula-lá! Meu primeiro voto / Pra fazer brilhar nossa estrela!

Mas a manifestação não foi impecável e o dia não foi perfeito. Ao passarem pelo Teatro Jardel Filho, onde Marília Pêra se apresentava, uma estrepitosa vaia abafou a beleza da música. Muitas vezes um pequeno cochicho no meio de uma multidão se transforma em um vigoroso clamor, e foi o que ocorreu. Marília Pêra, assim como Cláudia Raia, apoiava Collor. Foi esse o motivo da vaia. Era como se a família petista vaiasse uma ovelha desgarrada, já que possuía a maioria dos artistas a seu lado.

Abigail, ao lado de Cisco, também vaiou, mas ao notar a contrariedade estampada no semblante dele, aproximou-se e gritou ao seu ouvido: “Você é contra a vaia?” Ele respondeu: “Por que não vão a Maitê Proença, que apóia o Brizola, ou o Lima Duarte, que apóia o Covas? A Marília Pêra e os outros têm o direito de escolher o seu candidato! Ruim mesmo são os pseudoprofissionais que jogam sua cidadania no lixo e apóiam quem paga mais! Esses mercantilizam a cidadania numa vergonhosa prostituição do espírito!”

Aderindo ao seu raciocínio, ela o abraçou e ambos caminharam cantando *Lula-lá*. Atrás, cada parcela da multidão que passava em frente ao teatro vaiava Marília Pêra.

Quando chegaram à Paulista, o grupo se reuniu num dos bares da avenida e juntou mesas com o pessoal de dona Jandira e Antônio Celso. Entre comentários sobre tudo o que ocorresse na manifestação, Luana, extrovertida e desatinada, comentou com entusiasmo:

– Putz! A Marília Pêra pode se considerar a mulher mais vaiada do Brasil!

E a maioria concordou com comentários jocosos.

– Não foi nada inteligente vaiá-la! – Cisco discordou.

Pérsio, oportunista, se opôs a ele e ergueu seu copo num brinde:

– Viva a vaia! Tinha que vaiar mesmo! Ela foi espancada e despida pelo CCC e agora está do lado deles? Vaia nela!

Abigail não sabia o que era CCC e perguntou a Cisco, que respondeu ser o Comitê de Caça aos Comunistas. Prometendo explicar melhor depois, rebateu a fala de Pérsio:

– Numa disputa política não existem só nós e eles! Existem fatos e idéias! Interesses e ideais! Dúvidas e confiança! Existem pessoas e rumos! Se nós vaiarmos daqui e eles vaiarem de lá, caberá a todos o troféu da tolice! Mas se eles não nos vaiarem, o troféu é só nosso.

Luana principiou uma vaia para Cisco, mas percebendo que não seria acompanhada, calou-se. Leilane interferiu na conversa:

– Mas Cisco, você conhece meio melhor para o povo expressar seu desagravo?

– O voto e a participação ativa! Para um povo mal-educado a vaia é o único recurso. Mas a vaia me parece um recurso antiético. Parece tirania popular!

– Uma tirania que não machuca! – gritou Pérsio.

– Você vai ver como machuca! – Cisco replicou. – Amanhã, toda a beleza do comício e da passeata vai perder para essa vaia burra. Nós temos que tomar cuidado com o que fazemos.

– Você acha que as manchetes dos jornais amanhã vão ser: “PT vaia Marília Pêra”? – perguntou Antônio Celso.

– Por que não? Se a mídia for contra um pavão, o pavão pode abrir suas asas coloridas e desfilar exuberante que a mídia só focalizará seus pés! E em pouco tempo boa parte do povo será contra o pavão e o achará horrível! Idiotice também é cultura!

– Gente, close-up em mim! – Foi seu Edgar que se levantou, pedindo atenção e imitando o Zé Bonitinho. – Como bom espírita, só tenho uma trovinha para vocês pensarem:

Quem se opõe ao poder,

Deve ter muito cuidado,

Pois se não se precaver

Pode ser crucificado!

Dito isso, sentou-se, sob aplausos.

– Estou com vocês! – Sandro bateu o copo na mesa. – Concordo contigo, Cisco; boa parte dos brasileiros não gosta do PT porque a mídia só mostra os nossos pés no chão e não mostra nossa maravilhosa cabeça e nossas asas libertadoras!

– Uau! Que maravilhosos nós somos! – Abigail se entusiasmou.

Mas Bruna atacou Sandro:

– Vai, seu cínico! Você vaiou também!

E aí Cisco vaiou Sandro, e todos se vaiaram.

Apesar dos tropeços, a garra prevaleceu, e no dia da eleição, pesquisas de boca-de-urna davam um empate técnico no segundo lugar, com ligeira vantagem de Lula sobre Brizola. Abigail trabalhou como fiscal no dia da eleição, no mesmo colégio em que votou, e nos dias subseqüentes acompanhou a marcha das apurações com angustiante expectativa, já que, presa ao compromisso profissional, não foi voluntária nas apurações. Cisco deixou Remildo na banca substituindo-o em troca de comissão e trabalhou na apuração como fiscal. Collor já estava eleito para o segundo turno e os adversários eram petistas e pedetistas, que disputavam atentos os votos duvidosos que os apuradores da junta eleitoral pretendessem impugnar.

Maluf, com seus previsíveis 96 milhões de dólares, morreu na praia; Ronaldo Caiado, o todo-poderoso da UDR, não incomodou Lula com seus 90 milhões de dólares; Roberto Freire e Covas fizeram uma campanha discreta, marcando posição para outras campanhas; Guilherme Afif Domingos, do PL, chegou quase lá junto com uma vidente mineira, que tivera uma visão de Afif presidente. Mas o marketing não funcionou, e Afif voltou a exercer a presidência na sua empresa de seguros. Vidente nunca se engana inteiramente. Aureliano Chaves não decolava e Sarney, usando suas prerrogativas de presidente, tentou substituí-lo por Silvio Santos já quase no fim da campanha; mas a Justiça Eleitoral, usando suas prerrogativas para combater o fisiologismo, vetou a maracutaia. Silvio Santos voltou para o Baú e Sarney continuou cumprindo a função de esperar um presidente para o país. E Aureliano Chaves, da poderosa força conservadora do PFL, continuou na disputa sem competir, com seu partido apostando as fichas em Collor para continuar no poder, como fazia desde quando não havia eleições.

Mas Ulisses Guimarães, presidente do PMDB, Senhor Diretas, presidente da Câmara e titular de mais de uma dezena de cargos acumulados no governo Sarney, deve ter se espantado ao ser ultrapassado em votação por um barbudo que gritava em 15 segundos alguns atropelos e arrematava: “Meu nome é Enéas!”

Houve mais, mas eram de menos.

Lula foi para o segundo turno. Houve festa na Paulista. Cisco compareceu com uma camiseta que um amigo de Brasília lhe enviou. Dizia o seguinte: “Mais vale um mau poeta do que um péssimo presidente”, numa referência ao livro *Maribondos de Fogo*, do poeta Sarney.

E Cisco e Abigail dançaram lambada até altas horas da noite. Tomando guaraná.

CAPÍTULO VIII

A fé fortalece o espírito, nutrindo-o com garra para luta, mas nem sempre proporciona a vitória. Collor venceu Lula por ter mais munição financeira e mais poder de fogo nos meios de comunicação. Menos de 5% dos votos válidos fizeram a diferença entre vencedor e vencido, deixando claro que, apesar da disparidade de forças, a luta fora acirrada.

Foi difícil para Abigail assimilar a derrota. No fim da eleição, no mesmo dia, o grupo já sentia que a virada não acontecera e ela experimentava a estranha sensação de que milhões de pessoas pisaram as esperanças que nutrira durante toda a campanha. Viu no semblante de cada companheiro a mesma frustração que lhe tomava o espírito, como se cada um fosse um espelho da decepção do outro.

Seu consolo foi Cisco. Passou o resto da noite em sua casa e ele, como se já tivesse o espírito preparado para a derrota, assimilou-a com mais rapidez.

– Ab, lamento a derrota, mas vamos em frente que a luta é eterna – ele disse. – Veja só: tivemos mais de 20 anos de

ditadura que nos atrasaram politicamente uns 50 anos. Votamos pra presidente, isso é uma vitória! Levamos o nome do PT para todos os cantos do país, isso também é vitória! Eu penso da seguinte forma: não importa quantas derrotas o PT tenha nas disputas presidenciais, o importante é que o PT não saia de sua linha programática, que não se misture aos fisiológicos só para chegar ao poder. Lembre-se dos chineses, que tiveram um princípio de civilização maravilhoso e, por se contaminarem pela cultura fisiológica de outros povos, perderam o rumo. Eu espero que o PT não perca o rumo. Não importa quantas derrotas sofrerá, o importante é que não saia de sua linha e não se embriague pelo poder. E quando dirigir o país, que faça um governo para todos, por mais dura que seja a briga contra a elite viciada em desgovernar o país e defender interesses umbilicais. Acho que partido político não é clube de futebol, não tem que contratar artilheiros de votos para ganhar eleições. Nesta campanha, apesar da derrota, saímos vencedores pela coerência. Perdemos na matéria, mas ganhamos no espírito. Isso também é vitória. Acho que o Brasil não vai bem, mas sem o PT estaria pior...

– Mas perdemos a chance de vencer quando eles estavam meio perdidos e daqui pra frente eles estarão bem mais preparados, e vai ser mais difícil. Você não acha?

– Isso é verdade. Mas nós também poderemos nos preparar melhor. Ab, mesmo sem dinheiro demos trabalho. Imagine se a Frente Brasil Popular tivesse a mídia a seu favor como teve o pessoal do Collor: não gastaríamos nem 10% da dinheirama que eles gastaram e o Lula daria um banho de votos nos pseudoproprietários do país!

– É, fomos vítimas da ditadura financeira e dos meios de comunicação.

– E do abuso de poder – ele acrescentou, pedindo-lhe que pegasse a *Folha de S. Paulo*, que estava em cima da mesinha próximo a ela. Folheou o jornal e, encontrando o que queria, disse: – Ouça isto: “Trinta anos depois. Hoje soa um grito de ordem contido em cada voto. Mais uma vez saem às ruas, mas dessa vez com a cédula na mão: não quero pai, nem patrão, sou cidadão que calado aguardou, durante trinta anos, o direito de escolher os empregados desta nação, sendo requisito básico e indispensável aos candidatos: respeito ao cargo por nós conquistado, que não nos ludibriem, nem se iludam

com o poder que lhes é dado por nossas mãos. Na história fomos sempre a massa que se manobra, mas a que elege, revoluciona e transforma e que muitas vezes enganada viu toda sua luta em vão. Hoje não! Quero empregar um homem que respeite meu pobre nome, o meu voto na mão.” – Ele terminou a leitura dizendo: – Só o fato de uma pessoa poder sonhar isso já é uma vitória!

– Quem escreveu esse texto?

– Está na sessão de cartas. Cissa Carvalho, aqui de São Paulo. Não sei se ela votou no Lula ou no Collor, mas o importante é que ela votou com a consciência do valor de seu voto.

Ela apanhou o jornal e leu a carta da leitora. Concordou com a mulher. De qualquer forma, poder escolher já era um avanço. Folheou o jornal até encontrar a página com a pesquisa do DataFolha que dava 3% de vantagem a Collor. Nas pesquisas anteriores, Lula vinha subindo gradativamente e Collor caía, a ponto de no dia 14 a diferença ter caído para um ponto. Para ela a recuperação de Collor acontecera por três motivos: o caso Mirian Cordeiro, o seqüestro de Abílio Diniz e o debate muito bem manipulado pela Globo no *Jornal Nacional*.

Ela assistira ao debate. Achara que Lula não fora tão bem como no debate anterior. Notara-o cansado, abatido. Mas para ela havia ficado claro que Lula se apresentara pronto para colocar suas diretrizes de governo caso fosse eleito, enquanto Collor preocupara-se apenas em teatralizar e tornar o debate uma chanchada de baixa qualidade para angariar os votos dos analfabetos políticos, que pela quantidade são importantes para levar e manter no poder os endinheirados dirigentes do país. Naquele dia, sentira raiva de Collor, e no dia seguinte sentira raiva da Rede Globo. Até mesmo Boni, vice-presidente da Globo, confirmou posteriormente que o *Jornal Nacional* manipulara a divulgação do debate em favor de Collor. A grande massa, que dorme cedo, não assistira ao debate, mas, fiel ao *Jornal Nacional*, assistira à manipulação global com os piores momentos de Lula e os melhores momentos de Collor, finalizados pelo sorriso irônico do âncora Cid Moreira: “Afiml, quem venceu o debate?” Para boa parcela de desavisados, a última impressão é que ficou.

No episódio Mirian Cordeiro, ex-namorada de Lula, a jornalista Maria Helena Amaral, integrante da equipe de Collor, acusou o PRN, o partido collorido, de ter corrompido Mirian

com NCZ\$ 200.000,00 para atacar Lula, acusando-o de racista e de haver tentado forçá-la a abortar Lurian, filha de ambos. O próprio nome Lurian, uma junção do nome dos dois, indicava que Lula não fora inamistoso durante a gravidez de Mirian, mas a massa de pouco estudo não tem psicologia para discernir boatos e tramóias de fatos concretos. A jornalista Maria Helena Amaral pediu proteção policial por ter sido ameaçada de morte.

No seqüestro de Abílio Diniz, o Secretário de Segurança Pública do governo Quércia, Luís Antônio Fleury, dissera que material do PT havia sido encontrado no esconderijo dos seqüestradores. Cisco chegara a comentar: “A polícia continua com o mesmo DNA cultural dos policiais do tempo de Cristo, defendendo o poder contra os oprimidos!”

Na pesquisa do DataFolha, Collor vencia no Nordeste e nas regiões Norte e Centro-Oeste com larga margem, levava três pontos de vantagem na região Sul e perdia por quase oito pontos na região Sudeste, a mais progressista do país. Dias antes Abigail havia constatado, em outra pesquisa, que Lula vencia entre os eleitores de melhor renda e melhor escolaridade. Isso levou-a a pensar que Cisco não tinha razão em criticar a classe média e que os que possuíam certo privilégio social não estavam totalmente atrelados às práticas dos poderosos que comandam o país. Não discutiu o assunto com Cisco, pois conhecia sua posição sobre exceção e regra, conveniência e conivência etc., mas ficou claro para ela que pior do que a injusta distribuição de renda era a perversa discriminação educacional. Por coincidência, no mesmo jornal encontrara uma frase de Marcuse que ela já havia lido num dos álbuns da coleção de Cisco: “Democracia genuína é quando o povo governa o governo.” Concordando com Marcuse, ela sabia que estava concordando com Cisco, e achava, como ele, que isso só seria possível com a democratização do ensino básico e com uma educação amplamente cidadã.

Naquela noite, Cisco, cansado pelo trabalho de boca-de-urna, dormiu logo e nem ânimo tiveram para fazer amor. Ela, cansada também, mas magoada pela derrota, demorou para dormir. Sabia que a apuração dos votos daria a vitória a Collor e isso lhe doía. Achou que Cisco assimilara a derrota mais resignadamente porque pela visão que tinha da vida, além de outras experiências, ele trazia no peito derrotas maiores do que uma derrota eleitoral. Naquela noite ela dormiu amuada.

Logo no início do segundo turno Cisco havia se envolvido com a campanha integralmente. Deixara Remildo, o caseiro de seu Edgar, substituindo-o na barraca da Praça da Árvore mediante o pagamento de comissões, e como seu Edgar liberara-o sem descontar o salário mensal, o rapaz tivera naquele mês um ganho extra. Leilane providenciara um aparelho de som para instalar na perua, e Cisco rodava com militantes por toda a cidade, participando de atividades para levar o Lula lá. Impossibilitada de acompanhá-lo, Abigail saía do serviço e ia direto para o comitê na Vila Mariana. Ao lado de Leilane, ajudava no que lhe era possível ajudar, depois ia para a casa de Cisco. Os dois estavam vivendo uma vida de casal atarefado que só se via altas horas da noite. Ela ia ao seu recanto somente aos domingos, e a maioria de suas roupas já dividia espaço no guarda-roupa de Cisco. Para sentir-se casada, só faltava ele fazer o pedido que ela aguardava e oficializar a união no cartório.

Um dos hábitos que adquirira durante a campanha foi o de, após o almoço, ir até a Praça Ramos de Azevedo. Nessa praça, famosa pelo Teatro Municipal e pelo movimentadíssimo Mappin, acontece tradicionalmente a concentração de ativistas políticos em épocas de eleições. Desde o primeiro turno Abigail freqüentava a praça na hora do almoço e ficava junto a uma barraca que o PT mantinha para vendas de bottons, camisetas, livros e outros materiais do partido. No primeiro turno, pela quantidade de candidatos, as discussões eram brandas; no segundo turno, porém, formaram-se duas forças opositoras que travavam calorosos debates. Alguns, sem saber para que serve uma duplicata e sem conhecimento dos mecanismos que são utilizados para dar grandes desfalques na nação e sair ileso, defendiam seu candidato com fervor, na certeza de que ele resolveria a situação do país para os próximos milênios. De um lado, simpatizantes e filiados do PRN, PFL, PDS, PTB, PL, alguns do PMDB de Quêrcia e partidos pequenos; de outro, os componentes e militantes da Frente Brasil Popular, composta por PT, PSB, PC do B e, no segundo turno, PV, PCB, PPS, PSDB, alguns do PMDB de Ulisses Guimarães, Waldir Pires e Miguel Arraes, e o PDT de Leonel Brizola, que tivera fundamental importância, transferindo seus votos quase que integralmente para o Lula, principalmente no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Abigail assistia às discussões, participando algumas vezes, quando o lado oposto, em sua opinião, exagerava na conversa sem sentido.

O terrorismo financeiro era um dos meios empregados à exaustão pelos representantes da elite, a ponto de o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a poderosa FIESP, o Sr. Mário Amato, dizer que se o Lula vencesse as eleições, mais de 800 empresários abandonariam o país com suas empresas. Cisco, na época, comentou: “Esses empresários não farão falta porque são do tipo que colocam preço barato no suor de trabalhador e põem o lucro fácil acima de qualquer ideal e civismo. Alguns deles construíram fortuna se utilizando dos cofres públicos durante a ditadura.” Mas o fato é que esses pronunciamentos eram como torpedos que penetravam no imaginário popular e transformavam o Partido dos Trabalhadores em fabricantes de desemprego. Constante alvo de discussão na praça era também a queda da Bolsa de Valores. Militantes da direita falavam que o capital estrangeiro sairia do país caso Lula vencesse. Abigail tinha a impressão de que, para esses homens, o país vivia deitado em berço esplêndido por estar doente, e por isso dependente do solidário capital externo. E ela indagava o porquê dessa dependência. Certa vez, referindo-se à música em que Raul Seixas sugeria ironicamente que se alugasse o Brasil, Cisco havia dito: “É só alugar que o inquilino usa e abusa, e o povo brasileiro incorporará de vez os lamentos do povo hebreu. Os índios conhecem essa história e os africanos também...”

No primeiro sábado do segundo turno, Cisco lhe telefonara na empresa avisando que após terminarem algumas atividades na região da Vila Mariana iriam para a Praça Ramos. Disse que ela fosse ao cinema porque eles chegariam por volta das 15 horas. Sandro, Leilane, Nanci, Bruna e seu Edgar estavam com ele.

Ela não foi ao cinema para passar o tempo. Saiu do serviço, tomou um lanche numa lanchonete da Rua Dom José de Barros e se dirigiu à Catedral. Foi rezar. No silêncio imponente do monumento, lembrou que Cisco se escondia ali quando trabalhava na rua como vendedor. “Acho que os cristãos deveriam discutir suas picuinhas familiares e até divisão de herança dentro de uma igreja.” Ele lhe dissera isso por ironia ou verdadeiramente pensava assim? Não soube responder. Ajoelhou-se e rezou. Pediu a Deus que inspirasse a maioria dos eleitores e desse a vitória ao Lula. Pediu que Deus o abençoasse para que fizesse um bom governo, dando-lhe forças para vencer os obstáculos que teria pela frente, fazendo com que tivesse condi-

ções de dar ao país um rumo mais digno, justo e humano. Não deixou de pedir a Deus que a unisse a Cisco e que juntos construíssem uma família justa e unida pelo amor. Lembrando-se de que Deus conhecia Cisco e suas convicções, não esqueceu de dizer: “O Senhor sabe que ele é um homem bom.”

Saiu da Catedral confiante. Ficara mais de uma hora dentro do templo, mas ainda lhe restou tempo para satisfazer a curiosidade de conhecer o Pátio do Colégio. Pedindo informações, chegou ao local. Tentou imaginar como seria aquilo mais de 400 anos antes. Só imaginou uma clareira com aquelas edículas cercadas de mato por todos os lados, alguns índios despidos e padres e bandeirantes vestidos. Pensou no espanto deles se pudessem ver em que se tornara a vila que fundaram. E o que seria São Paulo com mais 400 anos de vida? Sentiu-se incapaz de imaginar. Lembrou que, se dependesse de Cisco, São Paulo já teria parado de crescer para que outras regiões crescessem e a qualidade de vida em São Paulo melhorasse. Cisco era um utópico. Para ele, deixar as coisas acontecerem era uma política insana. Certa vez ele lhe disse que talvez fosse melhor unir Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte em um único Estado para que tivessem maior força política. Ela argumentou que ele estava raciocinando na contramão, porque os Estados maiores estavam sendo divididos e ele queria unir cinco em um. Ele disse que tinha consciência da insensatez humana que acha mais fácil separar do que unir, mas que aquela região vivia uma situação atípica e a solução também teria de ser atípica. Disse que era preciso estudar os prós e contras da fusão e, se fosse interessante, fazer um plebiscito. Era um utópico. Mas ela gostava de ouvir suas utopias, pois lhe davam esperanças de que o Brasil teria solução se deixasse de contornar com “jeitinhos” os problemas, deixando-os para os bebês brasileiros como herança.

Pensando em Cisco, esqueceu-se do encontro. Atrasada, apressou-se, e quando chegou à Praça Ramos, Cisco já estava lá. Ele, seu Edgar e Sandro, próximos a barraca do PT, conversavam. Pouco antes que ela chegasse, Sandro e seu Edgar se foram em direção à Barão de Itapetininga, onde uma multidão se aglomerava. Ela se aproximou de Cisco e ele a beijou:

– Aonde eles vão? – perguntou, apontando os dois.

– Vão buscar as meninas. Tem um sujeito com um megafone gritando que se o Lula for eleito a Bolsa vai à falência, e as bobas estão lá vaiando. – Ele abraçou-a perguntando: – Assistiu que filme?

– Não fui ao cinema. Fui até a catedral rezar.

– Legal.

– Não vai me perguntar o que fui pedir a Deus?

– Não preciso. Tenho certeza de que não é nada que me faça mal.

– Ora! Mas alguém entra na Igreja para pedir a Deus um mal pra alguém?

– Claro que sim! Muita coisa que te beneficie pode prejudicar alguém. Numa época de desemprego, como agora, se outro pede a Deus um emprego, Deus terá que desempregar alguém para encaixar aquele que pediu. Se todos os desempregados pedirem a Deus, Ele ficará sem saber o que fazer.

– Ah, bobo! – Ela deu um tapinha em seu peito. – Fui ao Pátio do Colégio também.

– Interessante a lembrança, mas visitar o Pátio do Colégio é um melancólico programa de índio com saudades dos antepassados! – ele disse, rindo.

– Seu cretino! – Ela beliscou-o. – Tá certo que é uma coisa simples, mas não deixa de ser um marco histórico.

– Tem razão. Mas vem cá, vamos fazer a nossa história.

– Ele puxou-a pela mão e pediu o megafone ao rapaz da baraca do PT, que o cedeu dando a entender que já haviam conversado sobre o empréstimo. Caminharam para a concentração dos ativistas e no caminho encontraram o pessoal. Abigail notou que havia um clima tenso entre as duas partes adversárias. Após os cumprimentos e comentários de Abigail sobre sua ida à Catedral e ao Pátio do Colégio, fizeram uma roda, discutiram estratégias, ensaiaram, e logo todos saíram gritando um refrão não muito bem articulado de início, mas que logo se espalhou entre os ativistas de esquerda e daí para a praça toda, abafando a fala do colridorista terrorista financeiro, que dizia que a Bolsa iria falir se o Lula vencesse. Cisco, com o megafone, puxava o coro: “Caiu! Subiu! Caiu! Subiu! Caiu e despencou!... Quando a bolsa caiu, a puta se embriagou! Caiu! Subiu! Caiu! Subiu! Caiu e despencou!... Quando a bolsa caiu, a puta se embriagou!” E por um bom tempo ficaram na praça gritando a palavra de ordem e acompanhando-a com uma mímica quase dança, uma dança quase indígena. E a tensão foi relaxada, pois o terrorista financeiro e seus parceiros tiveram a palavra abafada pela gritaria comandada por Cisco.

Cisco não gostava de vaias e nem de terrorismo psicológico, preferia o esculacho franco e irônico. Ele, Sandro e seu Edgar estavam sempre criando alguma coisa diferente para rebater boatos criados pelos adversários, a fim de compensar os poucos recursos de que dispunham. Procuravam também criar fórmulas para transformar a campanha em educação política, simplificando ao máximo a comunicação, tornando-a didática e bem-humorada, a fim de explicar os mecanismos políticos e denunciar à população o “quem é quem” na política brasileira. Levar às pessoas o básico da cidadania e da democracia eram princípios que eles inseriam na campanha, além, claro, de buscar votos para o Lula.

Num sábado eles resolveram organizar uma manifestação numa favela. Era uma favela pequena, nos arrabaldes de Santo Amaro, onde Cisco, dona Jandira e seu Edgar já haviam participado de algumas atividades em ajuda aos moradores. Seu Ambrósio, dono de um bar próximo à favela, havia procurado seu Edgar e avisado que, devido ao longo tempo sem aparecerem por lá, deram espaço para o pessoal do Collor.

Eles não haviam feito campanha em nenhuma favela e reconheceram que era um grande erro, pois os veículos de comunicação penetravam nesses lugares, e era justamente nos sertões e nas favelas que o Lula estava em desvantagem em relação a Collor. Na classe média, havia um certo equilíbrio porque o PT se comunicava com o operariado.

Mas era difícil fazer campanha nesses lugares, pois o material promocional da campanha do Lula consistia de panfletos com proposta de governo e a maioria dos moradores desses locais não sabe ler, e mesmo os que sabem não compreendem. Seria necessário fazer um trabalho de porta em porta, com conversa bem explicada, e isso exigia tempo e um grande número de pessoas. Eles sabiam que o pessoal do Collor ia a esses lugares distribuindo camisetas, bonés e até cesta básica, como se fossem os portugueses aportando em Porto Seguro em 1500 com espelinhos e bugigangas, e isso funcionava mais do que panfletos e palavras. Eles também não tinham condições financeiras para contratar renomados artistas e organizar shows, que eram um argumento eleitoral eficiente para essa camada da população e muito bem utilizado pelo pessoal collorido.

Mesmo com as dificuldades, resolveram visitar a favela. Tentaram levar o conjunto que tocara na festa na chácara do

Riacho Grande, mas todos os componentes tinham compromissos e não poderiam comparecer. Cisco e seu Edgar resolveram, então, que os artistas seriam eles. Criaram um trabalho baseado na cantoria dos talentosos repentistas nordestinos, um desafio que eles mesmos apresentariam. Ensaïaram tentando decorar o trabalho, mas devido ao escasso tempo de que dispunham e por não se sentirem seguros, temendo esquecer a letra na apresentação, resolveram gravar. Pediram a um amigo entendido em eletrônica que improvisasse dois fones de ouvido com fios longos que servissem de ponto para os dois e ensaiaram com Sandro todas as artimanhas que usariam para apresentar o “improviso”.

E assim, num sábado já no final da tarde, estacionaram a perua em frente ao bar do seu Ambrósio. Os garotos da juventude petista que normalmente os acompanhavam nas atividades desta vez não participaram, em virtude de compromissos programados anteriormente. Assim, só compareceram Nanci, Bruna, Leilane, Abigail, Sandro, Cisco e seu Edgar. Seu Ambrósio havia recrutado alguns simpatizantes para ajudá-los e, quando o grupo chegou, três homens improvisaram um minipalanque com tábuas e caibros que seu Ambrósio havia arranjado. O bar ficava em frente a um terreno descampado, provavelmente reservado para ser uma futura praça, mas que corria o risco de se tornar uma extensão da favela, já que alguns barracos se acercavam dele.

Seu Edgar e Sandro uniram-se aos homens no trabalho do minipalanque e Cisco saiu com a perua a fim de convocar os moradores das redondezas para o evento. Abigail, Bruna, Nanci e Leilane cumpriram a tarefa de visitar o interior da favela, já que as ruas estreitas não permitiam a entrada da perua. Um garoto, indicado por seu Ambrósio, lhes fez companhia.

Ruelas estreitas em que mal passavam duas pessoas ao mesmo tempo, cercadas por barracos com gente espremida dentro. Em alguns, o número de crianças indicava que pelo menos duas mães dividiam o espaço. Abigail condeou-se com a situação daquelas pessoas. Achou que aquela forma de vida prenunciava um futuro nada promissor e teve dúvidas se o Brasil poderia reverter o quadro. “A miséria não tem educação, mas tem filhos e se multiplica”, ela pensou. Contidas naqueles barracos, aquelas crianças não eram crianças de rua, mas as suas condições indicavam que eram filhos de pais abandonados. Lembrou-se de que estava em São Paulo, a mais rica

cidade da América do Sul e uma das maiores do mundo. Notou a diferença marcante entre o olhar das crianças e dos adultos; no olhar das crianças a vivacidade dos inocentes, que na pureza lúdica dos que têm o presente para se divertir, nem percebem o futuro que os espera; nos adultos, o olhar de quem carrega frustrações no peito e uma esperança impulsionada aos trancos e barrancos, com fé na ajuda divina. Olhar nublado, ferido, de fera medrosa mas explosiva, incerta.

Não foram mal recebidas. A maioria era hospitaleira e travava conversa, aceitava o prospecto que lhes era entregue demonstrando pouco interesse em lê-lo, mas aceitando por educação e sem dar esperança de que o voto seria para Lula. Os mais jovens diziam abertamente que votariam no Collor e tinham quase todos os mesmos argumentos; apesar disso, era com eles que elas alongavam a conversa.

Com o intuito de agilizar o trabalho e visitar o maior número de barracos, elas se dispersaram e Abigail entrou por uma rua mais larga que margeava um córrego fétido e com lixo nas margens. Viu à frente um abacateiro frondoso carregado de pequenos abacates contrastando com aquele conjunto de coisas tristes. Um terreno murado cercava o abacateiro; no muro, o nome de um candidato a deputado estadual com o slogan: “O amigo de todos”. O terreno ocupava um bom espaço daquele trecho da favela e tinha bananeira, limoeiro e muitas plantas. Ao fundo, uma casa de alvenaria bem construída divergia do restante da paisagem. Havia campainha no portão e ela pensou em apertá-la, mas sentiu-se insegura. Crianças brincavam próximo do córrego e ela foi até elas:

– Quem mora naquela casa? – perguntou.

– É o seu Tuta! – respondeu um garoto. – Mas ele não está aí agora.

– Ah, tá, obrigada! – Ela voltou pelo trajeto que havia feito, à procura das companheiras. Encontrou Leilane rodeada por mulheres e crianças e chegou-se a elas, participando da conversa. Eram simpatizantes da candidatura de Lula e até conheciam Cisco e seu Edgar. As mulheres demonstravam descrença na vitória de Lula e deram a entender que a maioria dos moradores da favela votaria em Collor. A conversa esfriou quando Abigail perguntou sobre seu Tuta, o morador da casa do abacateiro. Rose, uma morena gorda, puxou-a pelo braço, afastando-se das crianças numa demonstração de que a conversa

era para adultos. Num tom de voz de segredo, falou que ele era o dono do pedaço e prometera uma cesta básica pra cada morador se o Collor ganhasse. Abigail não entendeu:

– Mas assim ele vai dar cesta até para quem vota no Lula!

– Isso é uma jogada. Ele já deu algumas coisas no primeiro turno pro pessoal eleger o candidato a deputado estadual. A maioria trabalhou por merreca! Ele é foda! Já tem o pessoal no cabresto. Se o Collor ganha, ele faz festa pra todo mundo e sai como o bonzinho que respeita a opinião dos outros. Se o Collor ganhar eu não vou na casa dele buscar a cesta, mas se ele ou os filhos dele trouxerem no meu barraco, eu pego! Pego e digo que votei no Lula. Mas as crianças não têm culpa do Collor ter ganho, por isso eu pego!

– Ele tem filhos?

– Tem dois. Um tá estudando pra advogado e outro estuda no colégio. Eles moram por aqui, mas são donos de um monte de barracos da favela e têm um bar lá na avenida. Eles têm dois carros que ele deixa lá no bar. Só abrem o bar de noite.

– E a mãe?

– Ajuda lá no bar. É um bar grande, tem som, lota à noite. Nos fim de semana funciona a madrugada toda.

Abigail teve de interromper a conversa porque Leilane a chamou para irem embora. Nanci, Bruna e o garoto que as acompanhavam, cercados por um bando de crianças, fizeram sinal para elas, e ambas se despediram de Rose e das outras mulheres e foram ter com Bruna e Nanci. Bruna pediu o material para que as crianças fossem distribuir, mas Leilane hesitou:

– Essa garotada vai jogar fora, Bruna!

– Não, claro que não! Não é? – ela disse, dirigindo-se ao mais velho da turma. – Eu dei um troco pra eles e eles vão entregar direitinho.

– É só avisar que tem lambada no bar do seu Ambrósio e entregar o papel, né? – perguntou outro garoto.

– É! Fala que vai ter um show com a banda A Cor da Crença. Fala pra todos comparecerem!

– Vocês vão dar camiseta? – perguntou o que parecia ser mais esperto.

– Nós vamos dar bandeirinhas! – disse Leilane.

– Os homens do Collor dão camiseta! – ele retrucou.

– O Collor é rico e o Lula é pobre. Cada um dá o que tem e cada um tem o que tira. – Bruna acariciou a cabeça do moleque esperto.

– O Lula também vem aí? – perguntou o mais velho.
– Não. Só as luletes! – respondeu Abigail, indicando as quatro.

Bruna enxotou-os:

– Vão, vão entregar! Não se esqueçam de dizer para a pessoas irem à praça em frente ao bar do seu Ambrósio.

E a garotada saiu gritando:

– Tem lambada com as luletes em frente ao bar do seu Ambrósio!

– Essa garotada vai jogar esse material fora! – protestou novamente Leilane.

– Ora Leilane, são quase sete. Só não tá escuro por causa do horário de verão. Além do mais esse pessoal nem lê esse material! Pelo menos a molecada faz uma bagunça e incentiva o pessoal a comparecer lá.

– Tá certo, tudo bem – concordou Leilane.

Voltaram não muito confiantes no resultado do trabalho e procurando tirar algumas informações de Lauro, o tímido rapaz que as acompanhava, a respeito do tal Tuta. Conseguiram pouco mais do que já sabiam: souberam que os filhos do homem chamavam-se Paulo César e Luís, que todos chamavam de Luís Estorvo, porque vivia atrapalhando a vida dos outros. Que Paulo César, o mais velho, tinha um carro do ano e Luís uma moto. E nada mais o garoto acrescentou.

Quando chegaram à praça, o pequeno palanque já estava montado. Sandro e seu Edgar tomavam cerveja com os três homens que ajudaram a montá-lo. Era um pequeno palco com três metros por dois, mais ou menos, sobre cavaletes de um metro e meio de altura. Tábuas velhas emendadas por sarrafos davam um aspecto não muito seguro à estrutura.

Elas ocuparam uma mesinha no canto do bar, que também poderia ser chamado de mercearia, já que uma parte era ocupada por cereais, condimentos, produtos de limpeza etc. Sandro levou-lhes cerveja, copos e guaranás para Lauro e Abigail. E ela disse, apontando o palanque:

– Eu é que não subo ali!

– Que nada! Aquilo está seguro. Já fizemos os cálculos; aquilo não comporta dez Jô Soares dançando, mas não pelo peso, pelo espaço! O peso ele suporta, mas o diâmetro do Jô o palanque não comporta – ele disse e voltou para o balcão.

Algumas crianças na frente do bar já davam a entender que a platéia seria preponderantemente infantil, e Bruna comentou:

– Pelo menos poderemos fazer um comício para futuros eleitores.

– Que pena! – Abigail brincou. – Esquecemos as fantasias de paquitas!

Mas Leilane, não muito interessada em brincar com a frustração, chamou seu Ambrósio, que acabara de vender ovos e açúcar para uma freguesa, e o negociante arrastou uma cadeira para perto, unindo-se a elas. O assunto foi seu Tuta, o líder da favela. Ficaram sabendo que a favela era pequena quando seu Tuta se mudara para lá, mas que crescera rapidamente com sua chegada e o homem era dono de muitos barracos da favela. Leilane comentou:

– Ele tem espírito de liderança. Espírito de liderança é uma virtude, mas o problema é saber a moral do espírito.

Seu Ambrósio informou ainda que seu Tuta se dizia representante comercial, mas não se sabia do quê. Bruna, objetiva, perguntou se por acaso não seria de drogas, e o velho, com uma fisionomia enigmática, abriu um sorriso ambíguo, dizendo:

– Ah, isso eu não sei! – E levantou-se para atender um senhor que se encostou no balcão. Leilane olhou para Bruna, todas olharam para Leilane e ela perguntou:

– O direito de privacidade e a lei do silêncio são parentes ou amantes?

– Se forem amantes, é amor de princesa e plebeu – disse Bruna. – Se forem parentes, é relação de primo rico e primo pobre. É como o Código Civil e o Código Penal, cada qual com endereço certo.

– É, a lei só está do nosso lado quando o advogado é bom. E advogado bom custa caro! – Nanci falou olhando para Bruna, como que pedindo permissão para usar palavras dela.

– Olha, não é correto julgar pelas aparências e eu não conheço o homem, e é claro que não tenho provas contra ele – Leilane voltou a falar. – Mas eu fico com o raciocínio do Sandro: “Todo ladrão é honesto até prova em contrário, e no caso de dúvida que se fodam as vítimas!” Acho que é assim mesmo que a coisa funciona. E o pior é que isso serve de exemplo para muita gente. No Brasil, o pressuposto é embaralhado, já que a cultura é de trouxa e esperto.

– E eu fico com Cisco: “A sociedade só será legitimada no dia em que todos entenderem que a justiça deve ter como parâmetro o fato de que todos, indiscriminadamente, somos filhos de uma trepadinha” – falou Abigail, a tiete de Cisco.

E assim permaneceram por um tempo, saboreando a bebida e comentando o cotidiano social, tendo como tempero da conversa as leis, a justiça, a pobreza, a riqueza e a miséria cultural, misturando a tudo isso a vida e a morte. Quando Abigail disse “eu acho que a gente finge que vive numa sociedade civilizada”, Cisco chegou e elas interromperam a conversa. Já passava das oito horas e elas se deram conta de que algumas pessoas, poucas, na verdade, mantinham-se à distância numa tímida espera pelo início do evento.

Cisco explicou-lhes que havia dado voltas por toda a redondeza. Ele havia percorrido também uma vila que iniciava na praça, do lado oposto à favela. Era um bairro de classe média baixa, com algumas ruas asfaltadas e iluminadas, e mesmo sendo um bairro pobre fazia contraste com a favela por possuir uma qualidade de vida um pouco melhor, pelo menos na questão de moradia.

Com a ajuda de Sandro, Cisco puxou uma extensão de uma tomada do bar do seu Ambrósio e instalou iluminação no palanque. Experiente nessas manobras e cheio de truques, ele agitou o local colocando uma fita que reproduzia o burburinho típico de uma grande aglomeração de pessoas e logo a voz sonora e firme de um locutor dizia: “Boa noite, pessoal. É um prazer enorme estar aqui...” Uma microfonia irritante para os ouvintes não permitiu ouvir o nome do local. “Hoje teremos aqui muitas atrações! Vocês verão e ouvirão a banda...” Outro barulho irritante. “E estará presente também o ...” Outro guincho ensurdecedor. E assim ouvia-se a presença disso e daquilo sem se saber de quem se tratava. Mas logo após o barulho chato da microfonia ouviam-se aplausos e assovios, aprovando com entusiasmo os nomes anunciados. Até que o locutor anunciou como aperitivo para aquela festa o cantor Chico Francis, que de acordo com o apresentador era uma grata revelação do Rio de Janeiro. E logo Abigail ouviu a voz de Cisco, acompanhado por um violão, cantando “A Gota d’Água”, de Chico Buarque. Ela não se conteve e foi ter com ele, que, auxiliado por Sandro, instalava dois microfones no palanque. Ambos riram com a sua chegada.

– Você é um picareta, seu Chico Francis! – ela disse. – Onde você gravou essa fita?

– É uma fita velha em que eu transei uns efeitos especiais!
– E tinha essa microfonia toda? – ela perguntou com ironia.
– Ora, Ab, o pessoal que participou daquele show não vai participar hoje. A microfonia é um recurso!
– Você é um picareta!
– Picareta, não! – ele protestou, cínico. – Sou um atencioso imitador dos profissionais da comunicação. Todos os recursos são válidos para seduzir a audiência! Como profissional sou um fracasso, mas moralmente estou no mesmo nível. – Ele riu e profetizou: – Você vai ver como isso funciona!

Ela foi obrigada a dar-lhe razão. Aos poucos, jovens foram se juntando às crianças que lá se encontravam; pouco mais de meia hora depois, homens e mulheres, tanto vindos da favela como da vila do outro lado da praça, começaram a chegar e se aglomeraram nas proximidades. Leilane, abandonando o pessimismo, subiu ao palanque e passou a dar as boas-vindas ao pessoal. Logo estava falando sobre a proposta de governo da Frente Brasil Popular, enquanto Abigail, Bruna e Nanci distribuíam bandeirinhas para as crianças e apresentavam prospectos sobre o programa de governo para os eleitores, travando um diálogo de reforço e convencimento. Seu Edgar e Sandro andavam no meio do pessoal sentindo o clima e a receptividade. Cisco, no fundo do palanque, colocava um rádio-gravador dentro de um caixote e preparava todo o aparato que usariam para a apresentação do “repente previamente improvisado”.

Tudo transcorria de acordo com o que haviam planejado e as pessoas tomavam parte do espaço da pequena praça numa aglomeração maior do que a expectativa. Contudo, um grupo de jovens que se colocara bem próximo do palanque passou a atrapalhar a fala de Leilane com gritos contra o Lula e o PT: “O Lula é burro! Comunista! Partido de baderneiros! Radicais!”

Leilane, visivelmente desconcertada, irritou-se e passou a revidar aos ataques, dizendo ser falta de educação o comportamento deles. Foi vaiada. Misturando-se aos tradicionais “uhhs” das vaias, alguns gritos de “a rua é pública”. Simpatizantes de Lula entre os presentes passaram a vaiar o grupo e revidar com impropérios. E por alguns instantes ouviu-se a voz do povo e o palanque calou-se.

Cisco pegou o microfone de Leilane e tentou, mas não conseguiu abafar a gritaria.

Abigail viu Sandro subir no palanque e pegar o caixote que Cisco manuseara havia pouco, arrancar uma ripa do caixote

e chamar Cisco, enquanto a multidão trocava insultos entre si, já quase se pegando, numa violenta muvuca. Ela notou que Sandro pedia para Cisco baixar o microfone até próximo do caixote. Quando Cisco o fez, Sandro deu algumas fortes pancadas com a ripa. Na praça ouviram-se sonoros estampidos que fizeram alguns se afastarem amedrontados e muitos pararem, olhando para os lados para ver de onde vinham os “tiros”. Um repentino silêncio se fez e Cisco aproveitou:

– Calma, pessoal! Ninguém matou, ninguém morreu e ninguém vai pra cadeia nem pro cemitério! Estamos em paz! Algumas pessoas gritaram aqui que a rua é pública e têm razão. A rua é pública e até mudo tem o direito de se expressar. Mas gente, falar pra não ser entendido é burrice! Eu quero que vocês saibam que a rua é pública e este palanque também é! Você aí que está com a camiseta do Collor – ele se dirigiu a um rapaz que parecia ser o líder do grupo que vaiava Leilane. – Convido você a subir aqui e expor suas convicções! Nada melhor do que um palanque democrático onde os indecisos possam ouvir os dois lados! E viva a democracia participativa!

Pego de surpresa, o rapaz embarçou-se e negou-se a subir. Mas a multidão, influenciada por Bruna, Nanci e Abigail, começou a gritar: “Sobe! Sobe! Sobe!” O próprio pessoal que o rapaz liderava passou a esperar dele uma atitude condizente com a postura de um líder. Ele subiu.

Lauro, o garoto que as havia acompanhado na favela, aproximou-se de Abigail dizendo:

– Aquele é o Paulo César, filho do seu Tuta!

Leilane, que, ainda nervosa, estava próxima de Abigail, desabafou:

– Ah, é ele o filho do peixe? Espero que o Cisco lhe tire a espinha e frite!

No pequeno e precário palco, o rapaz recebeu alguns aplausos e muitas vaias. Cisco, dono da situação, colocou a mão sobre o ombro do rapaz dando-lhe as boas-vindas e pediu à multidão:

– Por favor, pessoal! Vaia não! Meu avô dizia que a vaia é a voz de quem não tem argumento e acho que ele tem razão. – Cisco perguntou o nome do rapaz e logo voltou a falar ao povo: – Olha, gente! Eu gostaria que todos considerassem a situação e compreendessem o valor desse rapaz! Vejam bem, senhores: o Paulo César é um autêntico líder!

Mesmo sabendo ser aqui um palanque da campanha do Lula, ciente do valor da democracia participativa e do direito constitucional de ir e vir, ele aqui está para expor a sua essência, a sua ideologia e defender o seu candidato! Afinal, as pessoas votam no candidato com que se identificam! Pelo menos deveria ser assim. Mas tem muito oprimido votando em opressor porque temos educação pra isso.

Com o braço sobre o ombro do rapaz, que se mostrava incomodado, Cisco não lhe deu o microfone, apenas o colocou próximo a sua boca para que ele falasse. E ele falou:

– Eu sou de agir e não de falar. Falar é coisa de vocês!

– Paulo César, as pessoas que agem também têm que falar o que fazem – retrucou Cisco. – Isso é lógico! O que você faz além de liderar o seu pessoal e votar no Collor?

– Sou *estudante*. Faço o quarto ano de direito.

– Ah, é por isso que você e seu pessoal estavam chamando o Lula de burro?

– Claro! Que condições tem o Lula de governar este país? Ele só tem o primário!

– Viram, gente, como ouvir o outro lado é sempre bom? Acabo de constatar que sou burro e não sabia. Eu não tenho diploma universitário, e como eu, 80% da população brasileira é burra! Por que será que o Estado brasileiro é uma máquina de produzir burros?

A ironia de Cisco funcionou de uma forma contrária ao que ele queria, e a multidão agitou-se em desabafos do tipo: “Burro é a tua vó!” Paulo César desvencilhhou-se do braço de Cisco, que de imediato mudou de estratégia:

– Paulo César, vou lhe fazer uma proposta inteligente: nós estamos aqui fazendo um trabalho para a campanha do Lula, aproveitando que a rua é pública. Já te disse que esse palanque é democrático. Tanto é que você está aqui com a camiseta do Collor. Mas eu vou demonstrar a você e a todos que aqui se encontram que esta democracia não está sendo praticada só porque você está neste palanque! Já tínhamos programado que outro eleitor do Collor se apresentaria neste palanque! – Ele olhou para a multidão procurando alguém. – Seu Edgar! O senhor está por aqui ou já fugiu?

Seu Edgar ergueu a mão, apresentando-se. O grupo de Paulo César o ovacionou e ele aproximou-se do grupo, formado por rapazes e meninas. Seu Edgar, passando-se por collorido, procurou travar amizade.

Cisco continuou:

– O seu Edgar é dono da perua que nos trouxe. Apesar de votar no Collor, é meu amigo pessoal, e por isso fez um preço camarada para nos trazer até aqui. Só que ele é um pernambucano arretado, repentista, e como eu também gosto de um repente, ele me desafiou. Então, já já ele irá defender o Collor e eu vou defender o Lula num desafio!

A multidão aplaudiu. Cisco voltou a se dirigir ao rapaz:

– Paulo César, a gente pode ter ideologias diferentes, mas não devemos perder a dignidade e o senso de cidadania, você não acha?

– Acho! – O rapaz aproveitou o gancho para desafogar sua irritação. – E acho que não há cidadania e nem dignidade em ficar invadindo terras por aí como os sem-terra fazem e o PT aprova!

Abigail pensou o que estaria fazendo a casa de seu Tuta, pai dele, no meio da favela. Havia analogia nos fatos. Pensou que Cisco fosse falar sobre isso, mas ele não o fez, preferiu outro argumento.

– Pior do que a invasão dos sem-terra é a invasão da coca-cola e do McDonald's, Paulo César! Estão vendendo para nós a comida que produzimos! Mas fique tranquilo, porque o PT não vai invadir a favela e entregá-la para os moradores do Morumbi e dos Jardins. O PT tem consciência de que justiça social se faz de modo diferente. Mas fique sabendo que se alguém do Morumbi ou dos Jardins quiser construir um edifício na favela, eles têm dinheiro, poder e artimanhas jurídicas para enxotar todos dali e construí-lo com a bênção da injustiça social. – Ao dizer isso, ele provocou alguns comentários de aprovação entre a platéia. E falou para Paulo César: – Eu vou lhe dar o microfone para que o utilize por dez minutos e fale aos presentes por que eles devem votar em Collor. Depois, por favor, entregue-o a Leilane para que ela diga ao pessoal por que votar no Lula! – Então se dirigiu à platéia: – Por favor, gente, ouça o rapaz com atenção porque ouvindo os dois lados se tem um juízo melhor e se derrubam preconceitos. Paulo César, o microfone é seu, fale e depois ouça!

Ele deu o microfone ao rapaz, chamou Leilane, que ainda estava com Abigail no meio do povo, e quando Leilane subiu ao palanque disse algo a ela e desceu. Chamou Abigail, Bruna, Nanci e Lauro para tomar guaraná, pediu para chamar

Sandro e se dirigiram ao bar do seu Ambrósio. Do bar, passaram a ouvir o rapaz, que dizia que Collor era experiente por ter sido governador de Alagoas, que tinha estudado no exterior e vinha de uma família de homens que prestaram relevantes serviços ao país; comparava com o currículo de Lula, que saíra de pau-de-arara de Caruaru e o máximo que conseguira fora ser deputado federal. Recheou seu discurso com mais alguns assuntos veiculados na mídia e no próprio programa televisivo do Collor, e então cedeu a vez a Leilaine.

Seu Ambrósio desaprovou Cisco por ter deixado o rapaz falar num palanque que não era dele. Cisco explicou que fora a melhor saída para não criar conflito e prejudicar o trabalho. E disse convicto que os indecisos que ali estivessem iriam votar no Lula. Sandro concordou.

Planejaram deixar Leilane falando até um pouco mais das 21 horas, para depois Cisco e seu Edgar se apresentarem e, em seguida, saírem rapidamente enquanto a multidão estivesse na rua. Temiam que o grupo de Paulo César atirasse pedras na hora de saírem ou arrumasse outra confusão qualquer. Deixaram o número do telefone de Leilane com seu Ambrósio para o caso dele ter algum problema depois que eles se fossem. Seu Ambrósio se prontificou a providenciar o desmonte do minipalanque.

O discurso pró-Collor de Paulo César num palanque pró-Lula despertara a curiosidade dos moradores das casas que margeavam a praça, tanto da vila como da favela. Com isso, Leilane falava para um número maior de pessoas. Por cima, Abigail calculou que havia quase 300 pessoas presentes no minicomício, e ela percebeu que contavam com a vantagem de falar do Lula a muitos eleitores do Collor que para lá se dirigiram seduzidos pelo inusitado acontecimento.

E foi nesse clima que Cisco e Sandro subiram ao palanque e Leilane compreendeu que deveria encerrar o seu discurso:

– Gente, como já foi dito aqui, hoje vai haver um debate entre eleitores de Collor e Lula. O representante do Lula já está aqui no palanque, falta o seu Edgar. – Ela olhou para seu Edgar, que ainda estava no meio da garotada collorida. – Como é seu Edgar, desistiu? Está com medo?

Vaias de um lado e aplausos de outro brindaram a subida do seu Edgar ao palanque. O grupo de Paulo César foi o mais festeiro e gritava:

– Dá-lhe seu Edgar! Arrasa o sapo barbudo!

Enquanto isso, Sandro e Cisco providenciaram todos

os preparativos para se apresentarem. Cisco já havia colocado seu fone de ouvido e, sentado numa banquetta, afinava o violão. Sandro ligara outro microfone para seu Edgar, ajeitara o gravador dentro do caixote e sentara-se com a timba, esperando seu Edgar preparar-se. Quando seu Edgar colocou o fone de ouvido e sentou-se, desta vez com um pandeiro nas mãos, Leilane concluiu sua fala:

– Gente, eu peço a você que torçam, mas sem atrapalhar os debatedores! O improviso é difícil e exige concentração. Além do mais, com barulho vocês não ouvirão direito, não é verdade? Pessoal, viva a democracia! Nós precisamos da democracia porque somente com ela limparemos esse país das práticas sujas que o fragilizam e que na ditadura se escondem atrás de receitas de bolo e das poesias de Camões! Mas não basta ser democrata, tem que participar! Obrigada!

Abigail compreendeu o que Leilane quis dizer com o desfecho de seu discurso, mas duvidou que a maioria dos presentes tivesse entendido. E foi pensando nisso que ela viu Leilane ajeitar o microfone para Cisco e Sandro esticar o braço para dentro do caixote, ligando o gravador. Cisco começou a cantar:

Meu amigo Edgar, eu pergunto pra você:

Por que você vai votá

Num home pra inglês vê?

Um home que é bom de estampa,

Pode até subi a rampa,

Mas não sobe por você!

Meu amigo, põe na mente:

De que serve um presidente,

Somente pra inglês vê?

(Seu Edgar)

Home que até inglês vê,

Tem muita sabedoria!

E eu digo pra você,

Dá o voto pro PT

É que é entra em fria!

O Collor tem a ciência,

O Lula, tornearia,

O Lula só tem primário,

O Collor tem academia.
O Collor tem sapiência
O Lula, burrologia!

(Cisco):

Edgar, vou lhe dizer
Baixo, quase num sussurro:
Não é coisa inteligente
Vê num semelhante um burro!
O Jânio foi professor,
Foi um mestre da palavra,
Quis brincar de imperador
Nos deixou numa roubada.
Fez o fi-lo porque qui-lo
E nos deixou na cana-brava!
O Sarney é diplomado,
E tem poesia editada,
Tem até inteligência,
Mas taí na presidência
Só levando de umbigada!
O Collor é inteligente
Isso logo se adivinha,
Ele promete pra gente
Uma camisa novinha
Mas o que o país precisa
É muita sopa de letrinha!

(Seu Edgar):

Essa sopa de letrinha
Não dá camisa a ninguém!
O que eu quero é uma casinha,
Isso sim é o que convém.
E com o governo dando,
E com Deus nos ajudando,
Eu vou me sentir alguém.
E com o Collor governando
A coisa vai caminhando
Logo eu vou me dá bem!

(Cisco):

Como pode viver bem,
Vivendo com o que é dado?
Sem ser dono do nariz,
Até o ar é alienado!
O sujeito com o doado,
O mendigo com o achado,
E o ladrão com o roubado,
Formam um trio marginal
Muito mal-acostumado!
Se você vê como exemplo
Você tá muito enganado!
É melhor gozá com o teu
Do que gozá com o emprestado
Gozá com o troço do outro
É coisa pra mutilado!

(Seu Edgar):

Não baixe o nível do debate,
Não venha com baixaria!
Eu tenho dignidade
Tanto a noite como o dia,
Mas se tô desprevenido
O meu voto tem recado;
Se meu voto é vendido
Então ele tá bem dado.
Eu nem voto porque quero
Voto por ser obrigado!

(Cisco):

Mas quem vota obrigado
Não é dono da vontade!
Se não vota consciente
Vota sem ter liberdade!
É voto disenteria
É voto banalidade,
Voto sem cidadania,

Voto sem civilidade,
É voto de freguesia,
Não é voto de verdade!

(Seu Edgar):
Seja obrigado ou não,
O fato é que o voto é meu!
Sendo meu, dou a quem quero.
E aí o papo morreu!
Eu dou o meu voto ao Collor
Pela estampa de estadista.
Pergunte pra mulherada
Elas são boas de vista
E sabem que o Collor tem
Imagem pra ficá bem
Até em capa de revista!

(Cisco):
Se a imagem satisfaz
O Collor é o candidato
Se a imagem te apraz
Tenha a imagem de um mandato!
Tenha a imagem de uma escola,
A imagem de sociedade,
Tenha a imagem de um país!
Viva com salário-esmola,
Finja que tem liberdade,
E pra tua felicidade
Faz de conta que é feliz!

(Seu Edgar):
Tá na estampa da pessoa
Toda a dignidade!
O Collor é gente boa
Esta é toda a verdade,
Tem imagem de estadista
Quer um Brasil futurista
E vivendo em irmandade.

O Collor é gente boa
Tá na imagem da pessoa
Gente de boa vontade!

(Cisco):

Ouçã com muita atenção,
O que eu vou lhe dizê:
O bom na televisão,
Pode ser mau pra você!
Qualquer coisa na telinha,
Vira coisa milagrosa
E uma cara de fuinha,
Na TV fica vistosa
E pessoa mentirosa,
Na TV não dá pra vê!
A imagem que é bondosa,
Pode sê é muito prosa
E pode enrolá você!
O certo é que na TV,
Até o filho do demo
Parece um doce bebê!

(Seu Edgar):

Esse troço de política
É um troço enrolado,
A gente se mete nisto
Fica meio abestalhado!
É somente na eleição
Que eu tiro meu bocado,
Até ganho cesta básica
Sô até paparicado,
Por isso voto no Collor
Eu sou um descamisado!

(Cisco):

Se a gente bota o voto
Num qualquer, indiferente,

Corre o risco de votá
Num carrasco delinqüente!
Quando ele for poder,
Ele que bota na gente.
E não adianta esperneá,
Ele bota o roxo quente,
E se a gente reclamá
Vai pros braços do tenente,
Preso como baderneiro
Radical e bagunceiro
Imoral e indigente!

(Seu Edgar):
Baderneiro tem é mesmo
Que caí de tanto pau!
Pra aprende dignidade
E deixa de sê radical!
Pra vive em sociedade
Não pode sê marginal,
Tem que tê dignidade
Tem até que tê moral,
Tem que respeitá a lei
E sê um cara legal!

(Cisco):
Tem é muito preconceito
Nessa sua cantoria;
Candidato mal eleito,
Também é má companhia!
E dentro do meu conceito
Sociedade é família!
Esperança e ignorância
Só se afinam na rima,
E o poder é igual urubu
Joga caca lá de cima.
Desculpe, mas é verdade!
Vou falar o que eu sei
Sobre a tal dignidade:

Quem vende e compra voto
Já perdeu dela, a metade.
E o voto dado a esmo
Não contém civilidade,
Tenho olhado pra você
Não vejo moralidade,
É assim que penso mesmo,
Desculpe a sinceridade!

(Seu Edgar):

Eu vô dizê a você
O que disse a muita gente:
O Collor é arretado,
Destemido e inteligente!
É só olhá na TV
Pra vê ele alinhado.
Ele é bem-apessoado
E até briga pela gente!
Ele num é home chocho,
Ele tem aquilo roxo,
Ele é homem valente!

(Cisco):

O que é “aquilo roxo”,
É o da frente ou é o detrás?!
Se pra uns fica na frente,
Para outros tanto faz!
Já pra outros, esse “aquilo”
É o que fica bem lá atrás!
Mas pra que “aquilo-roxo”,
É marketing para cartaz?
Tudo bem que é collorido,
Mas aí já é demais!

(Seu Edgar):

Põe respeito na conversa,

Nessa nossa desavença!
Olhe o Lula e olhe o Collor,
Veja quanta diferença;
Enquanto um só tem primário,
Doutro jorra inteligência!
O Collor dá o que precisa
E só um burro não adivinha,
Um nos quer dá camisa,
Outro sopa de letrinha.
Mas pra um descamisado
A camisa é um belo dado
Quero a camisa novinha!

(Cisco):
Um cabra politizado
Não fala essa tolice!
Um cabra alfabetizado
Não comete essa lerdice,
E nem fica apalermado
Com a camisa novinha!
É por isso que lhe disse:
Quero sopa de letrinha!
Ela é feito camisinha
Para prevenir burrice!

(Seu Edgar, dirigindo-se às garotas do grupo de Paulo César)
Olha ali todas mocinhas
Estão torcendo pro meu lado!
Elas sabe que eu defendo,
O que é mais apanhado!
O que é bom pro gosto delas
E pra comandá o Estado!
Elas são inteligente
Sabe que o Collor é da gente,
Tem que ser o presidente
Porque é o mais preparado!

(Cisco):
Moças parem pra pensar:
Voto é igual casamento,

Quando forem se casar,
Firme bem o pensamento.
Bom marido não aparece
Caído do firmamento!
E moradia e educação,
Bem-estar pra uma nação,
Quem nos traz não é o vento!
Ele pode ter a fama,
Ser bonito e bom de cama;
Mas comando de nação
É outro departamento!

(Seu Edgar):

Deixa as moça votá
De maneira dedutiva,
Elas vota no bonito
Porque são intuitiva!
Entre o canto da gralha,
Prefere o da patativa;
Elas gosta de avião
E não de locomotiva!
Com as moça eu me embolo,
Com elas eu deito e rolo,
E se elas vota no Collor
É porque são muito viva!

(Cisco):

Vou esticar essa conversa
Pra explicá o que aconteceu
Com uma pobre amiga minha.
Meu Deus, como ela sofreu!
Se encantou pelo bonito
Veja o que se sucedeu:
Um cara belo por fora
Lhe tomou o pensamento.
Ela o quis foi sem demora
Sem nenhum discernimento.
Sem pensar se o belo fora,

Era assim também por dentro.
O fato é que o belo fora
Lhe causou assanhamento.
Por gostar do belo fora,
Ela quis o belo dentro!
Foi feliz dias e horas
Mas depois veio o tormento;
O belo saiu de dentro
E lhe deu um belo fora
E sem nenhum acanhamento,
Se mandou e foi-se embora!
Ela ficou apalermada,
Sofrendo arrependimento,
Feito criança drogada
Gostando do que é ruim.
Mas essa história enrolada,
Teve mais desdobramento
E não para por aqui...

(Seu Edgar):
Eitcha! Não é minha vez?!

(Cisco, sem ligar para o seu Edgar)
Quando o belo foi-se embora
E lhe deu o bota-fora,
Ele falou antes de ir
Com a voz aveludada,
Muito bem articulada,
Ele lhe disse assim:
“Eu parto. Eu parto, amor, eu parto.
Eu parto, com dor, eu parto,
Com a dor do verbo partir!
Te deixo. Te deixo, amor, te deixo.
Te deixo, com a dor do parto,
Com a dor do verbo parir!”
E o que foi tão bom por fora
Se tornou ruim por dentro!
Feito coração magoado

Dormindo ao relento.
Teve que largar a boneca
Pra cuidar do seu rebento.
Teve que largar a boneca
Pra cuidar do seu rebento!

(Seu Edgar):
Essa sua amiga prenha...

(Cisco):
Calma, Edgar, ainda não terminei a história.

(Seu Edgar):
Eitcha, mas isso vai virá uma epopéia!

(Cisco):
Nesta coisa de imagem
É o que digo pra vocês;
O que parece vantagem
Pode durar só um mês!
E não é só mulher que sofre,
Homem também é freguês...
E depois que aconteceu
Não adianta fica brabo!
O que tem cara de Deus,
Dentro pode sê o diabo!
Que faz do inferno um céu,
Num discurso pra Ibope;
Dá fel com sabor de mel,
E faz da merda um xarope!
Faz do jegue um corcel,
Num elegante galope,
Cavalgando pelo céu,
Feito um cavalo alado!
Quando a gente se dá conta,
É um jegue véio e bichado!
E agora, Edgar, passo a palavra a você,
Nesse papo pra pensá, não tenho mais a dizê.

(Seu Edgar, fingindo irritação, recitou atropeladamente:)
Você enrolou a conversa
Com essa coisa dentro e fora,
Me tomou tempo e palavra,
Falou mais de meia hora,
Eu não quero cantar mais,
Paro aqui e vou-me embora!

(Cisco):
Tudo bem, vamos parar
Com a nossa cantoria.
Meu amigo Edgar,
Você tá tendo agonia.
Nós não vamos se acertá
Nessa nossa arrelia,
O meu voto é de pensá
O teu é de teimosia
O teu voto é de cabresto,
O meu tem ideologia!
Você é contra o que eu penso;
Se digo que sou de esquerda,
Você diz que é do centro!
Então pra finalizar,
Me desculpe eu vou falar:
O que eu quero é o Lula-lá
E você quer o Collor dentro!
Mas depois não vá chorar
Tendo arrependimento!
Não vá chorar tendo arrependimento
Não vá chorar tendo arrependimento
Mas depois não vá chorar com o arrependimento!

“E marmelada! É marmelada!”, gritava o grupo de Paulo César. Mas a maioria aplaudia, e os gritos de “Lula-lá!” e “Collor não!” abafavam os desabafos dos colloridos. Muitos não tomavam partido e começaram a se retirar, talvez refletindo e trocando impressões sobre o que viram e ouviram. Seu Edgar, hábil e experiente, desceu do palanque e juntou-se ao

grupo de Paulo César no intuito de explicar que não houvera a marmelada e que Cisco é que fora esperto e lhe tomara o tempo, já que a maioria da platéia estava com ele. Abigail juntou-se a Sandro e às companheiras, e ajudados por Lauro começaram a guardar tudo na perua rapidamente. Cisco permaneceu com o microfone da perua, e passou a falar com os que permaneceram no local:

– Gente, já passam das dez e a lei do silêncio já está pondo fim ao bate-papo. O nosso interesse era trazer um conjunto musical que proporcionasse a vocês um bom momento de lazer neste bate-papo político, mas nós temos problemas para fazer a campanha, por dificuldades financeiras. E uma banda custa caro! Aliás, esta fórmula de financiamento de campanha política é injusta, antidemocrática, e perpetua o mesmo, porque os colecionadores de dinheiro e poder financiarão aqueles que estão do lado deles. Os ideais populares se fragilizam, pois quem tem dinheiro e influência, naturalmente tem um poder de persuasão maior. Esta prática é uma mancha até na democracia americana! Mas a nossa democracia está renascendo das cinzas e ainda teremos que lutar para fortalecê-la, organizá-la para que toda a nação brasileira, indiscriminadamente, tenha uma vida digna e prazerosa como a cultura diversificada do nosso povo e o rico solo desse país propõem! Com fé no que é justo nós chegaremos lá!...

Enquanto Cisco “mandava o seu recado”, seu Edgar “trocava idéia” com o pessoal collorido. Sandro e as mulheres organizavam a perua para que todos tivessem condições de se alojar no meio de tantos objetos. Quando só faltava tirar a extensão e apagar as luzes do palanque, Sandro avisou Cisco e este abreviou o discurso:

– Gente! Resumindo tudo o que foi dito, eu gostaria que vocês pensassem na melhor maneira de fazer com que o axioma da nossa Constituição, “Todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido”, não seja uma frase de enfeite. Pensem nisso e conversem a respeito! Boa noite, pessoal, e obrigado por terem vindo! Ah! Deixo outro papo para pensar: numa sociedade onde impera a impunidade, quem não deve, deve temer! Pensem nisso e boa noite!

As luzes se apagaram, pois Sandro puxou o pino da tomada do bar do seu Ambrósio e veio apressado enrolando o fio. Cisco tirou a camiseta para proteger as mãos e passou a desatarraxar as lâmpadas, colocando-as numa caixa que Abigail trouxera. Bruna

pegou o microfone que Cisco usara e logo todo o material estava guardado. Leilane, Nanci, Bruna e Abigail se instalaram na perua e estavam prontas para partir, mas tiveram de aguardar Sandro e Cisco buscarem seu Edgar no meio do pessoal collorido e se despedirem de Paulo César e dos demais. Quando os três retornavam para a perua, Abigail ouviu ainda Paulo César gritar:

– Vocês ganharam no improviso, mas quem vai fazer a festa somos nós!

Cisco respondeu:

– Não se faz festa quando se ganha eleição! A festa deve ser feita no final da gestão, se ela for boa!

E os três entraram na perua, com seu Edgar assumindo o volante.

Partiram, e Abigail respirou aliviada por não ter acontecido o desfecho ruim que ela imaginara. Seu Edgar, que tinha como companheiras de banco Nanci e Bruna, desabafou:

– Nunca falei tão mal do PT e do Lula em toda a minha vida! Vocês me deixaram num rabo de foguete complicado! Tive que concordar que o PT é radical, que é invasor de terras, que o Greenhald é culpado no caso Lubeca e que a Erundina foi relapsa no caso da favela Nova República! Vocês imaginem: eu, um lulista, dizendo que o Lula é racista, mora em mansão e é despreparado para governar!

– Tudo bem, velho Edgar! Foi por uma boa causa e os fins justificam os meios! – falou Sandro, misturando seu riso ao dos outros.

– Já que acabou, tá tudo bem, mas eu não quero nunca mais brincar de ator. Isso dói!

– O senhor teve uma participação heróica no episódio, seu Edgar! – falou Leilane. – Eu já estava achando que em vez de comício ia ter encrenca.

– É mesmo. Vou indicar seu nome para o Prêmio Nobel da Paz! – disse Cisco. E Sandro emendou:

– Meu herói! No meu conceito de heroísmo, Tiradentes deixou de ser o primeiro; Anita Garibaldi, Rondon, Lamarca, Zumbi e tantos outros não passam de personagens de videogame diante do meu herói Edgar!

Bruna não riu com as brincadeiras de Sandro, só comentou:

– Já que passou, vale a brincadeira; mas que a coisa tava cheirando a encrenca, tava!

– Tava mesmo! – disse Abigail. – Ainda bem que vocês souberam contornar. Mas o que mais me chamou a atenção em tudo isso é que até esse povo que é sem-teto acaba sendo contra os sem-terra. Isso é muito pra cabeça!

– O sofisma é mais sedutor do que a realidade – comentou Cisco. – E cabeça de analfabeto político é receptiva a sofismas...

– Isso é verdade! – tornou Sandro. – Um cara da direita me disse que cabeça de analfabeto político foi preparada para sustentar boné da campanha deles!

– Ave, Sandro! A gente também tem boné e tem gente que até paga pra usar! – Nanci protestou.

– Quem paga pra usar tem convicção e ideais. Não é analfabeto político – defendeu Sandro, e Cisco disse:

– Eu acho que o Movimento dos Sem-Terra tem uma estratégia errada para a época em que vivemos. O confronto com violência não tem condições de funcionar no país. Eles têm que agir como George Fox: invadir o palácio do cristão e soltar o verbo contra o sujeito criticando suas atitudes anticristãs! Gandhi surpreendeu a Inglaterra com um movimento pacífico e deixou todo mundo de queixo caído com sua luta inusitada.

– Que que há; você tá querendo que os sem-terra invadam as fazendas cantando salmos, façam um V com os dedos e digam: “Tamo aqui numa boa! Paz e amor, bicho”?! – perguntou seu Edgar.

– O que quero dizer é que há meios pacíficos, criativos e esclarecedores para fazer o movimento funcionar bem...

– Eu acho que você pensa da mesma maneira como falei lá no sindicato pro pessoal e não fui levado a sério – disse Sandro. – Eu propus a eles que nos serviços essenciais, dois meses antes do dissídio e de se pensar numa greve, a classe dos enfermeiros, por exemplo, usasse bottons no trabalho, com os dizeres: “Meu salário é uma merda! Trabalho sob protesto por respeito a sua saúde!” Coisas desse tipo...

– É isso aí! Os sem-terra podem usar bottons com a frase: “Sua terra agora é minha. Invada a de outro!”

Todos riram da colocação de Bruna, e Cisco voltou ao seu raciocínio:

– Na realidade isso só não acontece porque a índole do povo brasileiro não tem o espírito que possui a elite. Se a ganância fosse a mesma, todos já usariam bottons escrito: “Tua vida me pertence. É teu direito me servir.”

– Tudo bem, Cisco, mas o que você acha que eles deveriam fazer? – Leilane estava curiosa.

– Eles deveriam trocar facão e foice por panfleto, cartilha etc. Toda terra tem história e toda posse também. Há grandes extensões territoriais que estão legalizadas, mas se for levantar sua história, moralmente fede! Cobrar dos governos é pouco, porque os governos são compostos por siglas e parentes, que estão sempre ao redor do Estado como mariposas em volta da lâmpada. A sociedade precisa aprender a cobrar de si. Muitas terras neste país foram tomadas na mão grande e hoje as famílias estão aí defendendo a tradição e a propriedade.

– Na verdade, eles defendem só a propriedade, porque a terra agora é deles. Se defendessem a tradição, estariam convidando os outros a fazer o que eles fizeram no passado – falou Sandro.

– Eu acho que o movimento tem que invadir as terras improdutivas, mas ao mesmo tempo conscientizar a população sobre a história da terra, o porquê das injustiças e outros assuntos. Por exemplo: eu acho que turismo e agricultura deveriam ser a base da economia brasileira no futuro. Mas isso depende de bom senso pra dar certo. A terra distribuída produz agricultura diversificada e por aí vai...

– Mas aí você tá querendo que os sem-terra virem pesquisadores e historiadores, Cisco! – exclamou Bruna.

– E divulgadores, marqueteiros, educadores! Assim não vai sobrar tempo pra plantar e muito menos pra comer! – Sandro debochou, mas seu Edgar não ligou pro deboche:

– Olha, gente, pode-se fazer grandes movimentos cantando! Esse país tem história da terra nos livros, na própria memória dos mais velhos e até na música. E o Estatuto da Terra legitima o movimento! Quando eu era jovem, tinha uma música do Juca Chaves que falava assim. – Ele parou um instante para lembrar-se da letra e começou a cantarolar: – “Vamos fazer contrabando, contrabando de café...” Eu não me lembro toda, mas eu sei que terminava assim: “Lupion vendeu dois terços do Estado do Paraná!” Olha eu acho que o Cisco tem razão. Pode-se mostrar que a elite vive acima da lei!

– O raciocínio é o seguinte – interveio Cisco. – Os grandes proprietários de terras concordam que o Brasil foi descoberto, não invadido por Portugal. Então por que eles chamam os sem-terra de invasores e não de descobridores? Mas eu acho

que os líderes do Movimento dos Sem-Terra têm que perceber que o confronto fica mais fácil tendo o povo ao seu lado. Têm que quebrar a influência poderosa que a elite exerce sobre o povo. É preciso explicar às pessoas que nada faz parte do passado e até a pré-história é história também! A Bíblia é clara e tem um monte de exemplos: Caifás manipulou o povo contra Jesus, e o povo, influenciado, mandou soltar Barrabás. Pilatos se fingiu de inocente no caso e lavou as mãos. Só quem não tem psicologia política não percebe a cumplicidade entre Caifás e Pilatos. Afinal, o maquiavelismo nasceu antes de Maquiavel...

– Caifás e Pilatos talvez tenham até tomado um porre à escondidas comemorando a manipulação bem-sucedida! – comentou seu Edgar, e Sandro interferiu:

– Vocês misturaram Juca Chaves e Jesus e eu me lembrei de uma piada.

– Ah, não vem com piada de Jesus! – Nanci não gostou. Mas Leilane defendeu a piada do marido:

– Vai, Nanci! Deixa ele contar, depois você julga. Julgar antes não vale! É preconceito!

– Tudo bem, Sandro – disse Cisco. – Você conta, mas se for piada política, eu não vou rir. Eu vou rosnar!

– Não entendi, rosnar por quê?

– Porque a piada política nos transforma em hienas. O político faz a sacanagem ou a burrada que nos prejudica e o humorista ganha dinheiro transformando em piada a sacanagem que o político fez, e nós, que não ganhamos nada e somos os ferrados da história, rimos feito hiena que come merda e dá risada! Com o tempo, nos acostumamos a dar risada e ver o político como esperto. Como eu quero manter minha indignação para não me sentir hiena, vou rosnar! Rosnar também é cultura!

– Rosnar é cachorrada! Urra pelo menos – pediu Sandro.

– Olha, Sandro, quanto mais os políticos inspiram os humoristas, mais insana se torna a gargalhada do povo. E isso se transforma em costume e se impregna na cultura social. Que dignidade há em se acostumar com coisas que nos tornam um idiota sorridente?

– Opa, opa, opa! Não ofende, não! É hora de piada e você não está no palanque. Preste atenção na anedota! Era março. Mês que só os políticos não sabem que é o mês das enchentes! Chovia muito na Favela Vai Como Pode e o córrego Navega Bosta transbordou! Uma enxurrada medonha descia ladeira abaixo e o seu Chico Bom Pastor caiu no riacho. Com

muita fé ele se agarrou num saco de lixo que estava boiando, mas o saco se desfez e ele foi levado pela correnteza! Seus vizinhos tentaram agarrá-lo e gritaram: “Dê a mão, seu Chico! Dê a mão que a gente te tira!” Mas ele não dava a mão e gritava: “Eu tenho fé! Jesus me salvará!” Até o helicóptero PT 1313 jogou uma corda para ele se salvar, mas ele se negou a pegar a corda porque acreditava com muita fé que Jesus iria salvá-lo. Resumindo: o homem morreu! No céu, ele foi direto reclamar com Jesus: “Botei a maior fé que o Senhor me salvaria, mas o Senhor não me atendeu e acabei morrendo!” Jesus respondeu: “Além de burro você é ingrato! Mandeí um monte de gente lhe estender a mão. Até um helicóptero PT 1313 mandei pra te salvar!”

Ninguém riu.

– Porra, vocês não vão dar nem uma rosnadinha forçada pra tirar meu riso amarelo? – Sandro perguntou a Cisco.

– Sandro, isso não é piada! É uma parábola bem-humorada que expõe um caso para se pensar! – disse Bruna.

– E a moral da história é: fé demais não cheira bem. Ou: fé insensata mata! – falou Cisco, e Sandro voltou à carga:

– Tudo bem, então vou contar outra para compensar: sendo Deus brasileiro, naturalmente Ele se mostrou para um brasileiro. Sendo Deus a favor da inocência, Ele se mostrou para uma criança. E foi assim que Deus se mostrou para uma criança brasileira chamada Joãozinho! A primeira pergunta que Joãozinho fez pra Deus foi: “Deus, no seu cronômetro, quanto é um milhão de anos?” Deus respondeu: “Um milhão de anos é, para Mim, um segundo, Joãozinho.” Joãozinho exclamou abismado: “Nossa! Só um segundo?” E perguntou: “Para o Senhor, quanto vale um milhão de dólares?” Deus respondeu: “Para mim, um milhão de dólares não passa de um centavo, Joãozinho!” “Só um centavo? Puxa, Deus, me empresta um centavo?” – Joãozinho pediu, e Deus não negou: “Claro que empresto, Joãozinho! Espere só um segundo...”

Aí todos riram e Bruna comentou:

– Eu tô em dúvida se esse Deus é brasileiro. Eu acho que Ele é judeu!

– Tudo leva a crer que sim! – disse seu Edgar, e mudou o assunto: – Mas aquela anedota parabólica de Jesus e a encheite me lembra uma coisa que o Cisco não gosta de lembrar!

– O que é, seu Edgar? – perguntou Abigail, interessada.

– É um festival de que participamos e no qual quebramos a cara.

– Festival? Vocês já participaram de festival?

– Ah, eu sei qual é – falou Sandro, e começou a cantar:

– Eu vou à luta, / Eu vou à luta, eu vou! / Se o pecado é capital / O problema é no interior!... Não é essa?

– É – confirmou seu Edgar. – Abigail, eu arranjei uma empreitada numa cidadezinha chamada Ibirapitinga. Uma casa que eu construí lá... Aí eu fiquei sabendo que a única rádio da cidade estava promovendo um festival de música que ia ser apresentado no único clube da cidade. Eu e o Cisco tínhamos feito uma música uns dias antes. Na verdade, era uma brincadeira desprezível, uma mistura de marchinha de carnaval com hino militar! Sabe o que eu fiz? Inscrevi a música no festival!

– No tempo da ditadura? – Abigail perguntou.

– Ih, o Cisco era moleque!

– Eu não era moleque coisa nenhuma! – Cisco falou rindo, mas dando a entender que o assunto não lhe trazia recordações agradáveis.

– Era moleque, sim! Tanto é que fez uma molecagem. Teu noivo, Abigail – seu Edgar olhava para Abigail pelo retrovisor –, cantou a música e conquistou a platéia. Mas ele tava meio alto e passou a fazer discurso político! A platéia entrou na dele e começou a pedir bis... No festival tinha dez músicas inscritas e a nossa tinha sido a sexta. Faltavam quatro músicas e esse cara tumultuou o festival...

– Aí deram cartão vermelho pra ele – Sandro interferiu.

– Seu noivo queria principiar uma revolução por Ibirapitinga, Abigail! Toma cuidado com esse cara, que quando ele bebe ele vira a pá!

– Que mico, bem! – Ela acariciou-lhe o rosto, divertida.

– O pior, Abigail – tornou seu Edgar –, o pior é que eu tinha arranjado um conjunto, e na apresentação o povo gritava o “já ganhou”, só que nós voltamos sem ter ganho nada e ainda fomos expulsos do festival.

– Mas então a música era boa!

– Que nada! Era uma brincadeira que fizemos. As outras é que eram fraquinhas! Canta ela aí, Cisco!

– Tanta coisa boa pra se lembrar, você quer que me lembre de vexames passados! – Cisco reclamou, mas Abigail insistiu:

– Ah, canta! – E foi acompanhada pelos demais.

Pegaram os instrumentos, e logo ele estava cantando, ajudado por seu Edgar, que dirigia e cantava, divertindo-se talvez com lembranças que a memória lhe trazia:

Minha terra tem Palmeiras / Manchester e Barcelona / Boca, Parma e Spartak / Minha terra é uma bola / com gente que deita e rola / sem sofrer um contra-ataque!... / Por mais terra que eu percorra / um país não tem fronteiras / porque o mundo é uma bola! / Ver limites numa bola, / isso é falta de escola / ou cegueira cultural! / Quem vê canto numa bola / Ou está com ela murcha! / Ou tem problema mental! / A regra é clara, / com várias interpretações. / É como nossa moral / que é volátil e é volúvel, / com infinitas conclusões / Nossa cultura / é cultura de milhões / e tem tática obscura / defendendo figuras! / Nossa defesa é vazada pelos flancos, pelo meio / por muitos espertalhões / Nossa defesa é vazada / pelos flancos, pelo meio / por muitos espertalhões! / Basta! / de torcida apalermada / Só deitada em berço esplêndido e sofrendo goleada! / Indignei-me / Isto não é vídeo game! / Meu país não é brinquedo / e nem campo de pelada! / Eu vou à luta / Eu vou à luta, eu vou / Se o pecado é capital / o problema é no interior / Eu vou à luta / Eu vou à luta, eu vou / Se o pecado é capital / o problema é no interior / Qual pomba branca de asas negras / peito amarelo e corpo mestiço / Vamos à luta, meu companheiro / Fazer a guerra contra o rebuliço / Chegou a hora da revolução / Com fé, paixão e alto-astral / Porque a guerra é tradição, mais velha do que o carnaval! / Explode coração! / Não dá mais pra segurar / Está declarada a guerra / Vamos pôr paz nesta terra / Não dá mais pra adiar! / O inimigo é um perigo / Ele é ganancioso, é sacana e é voraz! / O inimigo é poderoso! / E é metido a gostoso / É mais tinoso do que satanáis! / Brava gente! / Põe na mente / que é hora daquela corrente pra frente / Qual filhos de Gandhi / Marchando avante / No exército da paz vibrante / Enviaremos alguns mísseis meaculpa / No centro da consciência! / Não aceitaremos nem pedidos de desculpas / Nem carta de advertência! / Metralharemos com bom senso a vaidade / e bombas de juízo na ganância / Granadas de ética na legalidade! / Empalaremos com humildade a arrogância! / Amantes da democracia / Nós seremos implacáveis com o algoz / Nós, os soldados da paz, / passaremos para a história como heróis! / Porém sem perder a ternura jamais! Porque o inimigo somos nós!

E foi assim, com música e dedicação, piadas e muito trabalho, que eles colheram a frustração da derrota.

Logo na segunda-feira, após o domingo da eleição, Abigail saiu do serviço e foi para a casa de Cisco, pegou suas coisas e voltou para o seu recanto para dormir só. Tomara a decisão por si própria, abandonando a convivência semimatrimonial que tiveram durante a campanha. Voltara a sua rotina de solteira para não se acomodar a uma circunstância fora do propósito do casamento que queria, já que a situação circunstancial não legitimava o casamento almejado. Na realidade, sabia que esse comportamento a elevava no conceito de Cisco. Mas decepcionou-se por ele aceitar a decisão com naturalidade, ajudando-a até a levar suas coisas para a quitinete. Ela sabia que havia agido certo, mas a passividade com que ele aceitou a decisão deixou-a desconcertada já que esperava uma reação melhor por parte dele. Mas, no mesmo dia, depois de se divertirem em sua cama de casal, ao se despedir, ele lhe disse:

– Olha, essa convivência de quase casados que tivemos foi muito agradável e me levou a repensar muitas coisas. Juro que estou quase te pedindo em casamento!

– Eu espero. Mas não esqueça que os sentimentos são impacientes e quando insatisfeitos ficam tresloucados.

Ela sabia que o espírito dele era avesso a pressão e se quisesse conquistá-lo teria que ser pela persistência e com criatividade.

Ela aniversariava na sexta, dia 22, três dias antes do Natal. Aguardava surpresas para esse dia. Mas foi surpreendida na quarta com um telefonema de Cisco, que exigiu e implorou que enforcasse a sexta-feira no serviço para que os dois, mais Bruna e Nanci, fossem para a praia. Bruna estava de férias e Nanci arranjara uma colocação para lecionar numa escola municipal e se desligara da empresa em que trabalhava. Cisco, que tivera prejuízo com a campanha, pois gastara com Remildo para que tomasse conta da banca, queria relaxar e deixar o garoto no posto sob a orientação de Ricardinho. Assim, somente ela teve de recorrer ao chefe, implorando para ser liberada na sexta-feira, e desculpar-se com os colegas de trabalho por não poder participar da entrega dos presentes de amigo secreto. Fez a troca de presentes na quinta-feira mesmo, e de mala pronta rumou para a casa de Cisco, já que ela, Bruna e Nanci dormiriam lá para sair na sexta pela manhã.

Decepção na chegada: Ricardinho, Luana, Remildo, Bruna e Nanci, reunidos na sala, tomavam cerveja. E Cisco também.

– Ah, não, Cisco, que decepção!

– Opa! Ab, quero habeas corpus! Desse julgamento quero sair livre nem que seja pela lei da impunidade, que é cultura no país! – Ele disse com um sorriso mais alegre do que o normal. E defendeu-se: – Não estou te traindo em nada!

– Eu sei, mas...

– Abigail – interferiu Bruna –, não adianta esquentar! Quando eu e a Nanci chegamos aqui, encontramos esses caras bebendo e o Cisco também. Já enchemos a cara do Cisco de verdades, mas não adianta. O problema é que ele é sem-vergonha e a cada verdade dita ele concorda e brinda com um gole!

– Pelo que sei, Cisco, você quando bebe não pára. Quem vai dirigir a perua amanhã? – Ela tentou vencer o mal-estar emocional e ao mesmo tempo apresentar um argumento que o impedisse de beber mais. Não houve jeito, Cisco tinha desculpa pronta:

– Eu estou de férias do volante também. Quem dirige é a Bruna, ou você, ou a Nanci. Motorista é que não falta!

– A perua vai ficar comigo, Abigail! – disse Ricardinho.

– Vou passar o Natal com meus pais. E eu e a Luana vamos com a perua.

– Nós vamos no meu carro – falou Bruna. – Só que temos que voltar no domingo pela manhã, porque a Nanci vai passar o Natal com os pais. E eu vou passar o Natal com vocês, na Leilane.

– Comigo não! Comigo ninguém passa Natal – reclamou Cisco.

Bruna consertou o que disse:

– Não, Cisco! O “vocês” de que estou falando é Abigail, Leilane, Sandro, Sandrinho e dona Maria, entendeu? Eu vou passar o Natal com uma família cristã!

– E eu vou passar na Índia ou no Irã! Ou no Japão, ou no Xingu, sei lá!

– Bom, eu vou deixar o meu carro na Leilane – Abigail falou, tentando sair dali o mais depressa possível para pôr o espírito em ordem. – Você me acompanha, Bruna, e depois me traz?

Bruna e Nanci aceitaram de pronto e Ricardinho e Luana resolveram acompanhá-las. Cisco disse que não iria, porque pretendia jantar e dormir. Abigail perguntou a Remildo se os acompanharia.

– Não. Só vou tomar essa cerveja e ver um pessoal, depois dormir.

– Você não vai passar o Natal com seus pais?
– Não, tô sem dinheiro pra isso! Eles moram em Codó, no Maranhão. É muito cara a passagem. Mas eu fiz um trato com seu Edgar: ele vai ficar uns dias com o filho dele e eu tomo conta daqui. No carnaval ele me paga a passagem pra eu ir pro Maranhão.

– Legal! Pelo menos perdendo você não tá!

– É. E com o dinheiro que eu ganhei na banca do Cisco vai dar pra comprar uns presentes pra eles.

– Que bom! – Assim dizendo, ela despediu-se do rapaz.

Ricardinho e Luana acompanharam Abigail em seu carro. Luana, olhando para Ricardinho, deu-lhe uma piscada cúmplice e falou:

– Abigail, vou cometer uma indiscrição, mas é por uma boa causa!

– Que indiscrição?

– Antes aceite os meus parabéns!

– Parabéns por quê?

– O Ricardinho e o Remildo ficaram no bar com o Cisco, e ele disse que estava fazendo sua despedida de solteiro!

– Quando eu e o Remildo chegamos ao bar, Abigail, ele já estava lá – disse Ricardinho. – Nós estranhamos ele estar bebendo, então o Cisco disse que iria fazer a despedida de solteiro junto com a noiva, sem a noiva saber.

– Ah, é?

– Olha, Abigail, tô te dizendo isso porque eu sei que você tá chateada! Fique na tua, não fale pra ninguém. A Bruna e a Nanci sabem, mas elas não vão falar.

– Sabe por que a gente tá falando? – falou Luana. – Porque eu acho que surpresa que tem um monte de momento chato e só um momento de prazer é uma surpresa chata. De que adianta você ficar na praia angustiada pra ter prazer só no final?

– É, pensando bem é uma besteira. Mas obrigada pelo toque. Eu vou ficar na minha. Me fez bem vocês me dizerem, mas vai ser como se vocês não tivessem dito nada.

Na casa da irmã, a conversa desenvolveu-se sobre Cisco e sua tradicional bebedeira de fim de ano. No parecer de Leilane, Cisco tivera Natais tristes na infância e nessa época sentia vontade de hibernar. Sandro comentou:

– Pensando bem, Natal, passagem do ano, são datas fictícias que festejamos por pura convenção. Eu festejo porque gosto de uma farra!

– Pôxa! E por que o Cisco não age assim? É um teimoso!
– Abigail desabafou.

Bruna defendeu Cisco:

– Calma, Abigail. A gente só tem o direito de exigir perfeição do próximo quando já a encontrou em si!

Ricardinho e Luana se foram e elas ficaram até altas horas conversando com Sandro e Leilane. Até Sandrinho ouviu, nos braços da madrinha, a queixa:

– Teu padrinho tá enchendo a cara! Que bobão!

Na volta, Bruna tentou tranquilizá-la, dizendo que ele só estava tomando cerveja, havia se alimentado bem e que o problema seria se ele tomasse bebida destilada. E, talvez pelo mesmo motivo que levara Luana e Ricardinho a contar, ela e Nanci também lhe falaram sobre a “despedida de solteiro” do seu futuro marido.

– Fique tranqüila que está tudo bem. O problema vai ser quando voltarmos no domingo. Aí, depende de você arrastá-lo para passar a noite de Natal com a gente – finalizou Bruna.

Quando chegaram, Cisco estava dormindo. Abigail pegou colchonetes e lençóis no quarto, com cuidado para não acordá-lo. Bruna, Nanci e Cisco já haviam ajeitado no carro o que levariam e facilitado tudo para o dia seguinte. Acampariam num local em Bertiooga, próximo a Boracéia, em que Bruna e Cisco já haviam acampado anos antes. Uma barraca para seis pessoas lhes serviria de abrigo.

Na sexta pela manhã, tomaram café e nenhum dos três a parabenizou pelo aniversário. Observando o comportamento dos três, Abigail sentiu que tramavam uma surpresa. Na noite anterior, a mãe, Leilane e Sandro, a haviam parabenizado e lhe dado presentes. Nanci e Bruna fizeram-se de esquecidas, ela notou. Passou a alimentar duas expectativas: o pedido de casamento e a festinha de aniversário.

Saíram às cinco e a viagem transcorreu normalmente, com música, piadas e comentários sobre a paisagem e assuntos banais que Cisco transformava em assuntos sérios com sua mania de procurar o âmago das coisas. Ele bebeu comedido durante o trajeto, misturando cerveja com o refrigerante de Abigail. Durante a viagem, a única surpresa que Abigail teve foi o fato de ela ser a motorista, já que Bruna e Nanci também entraram na cerveja.

Em Bertiooga, ela achou esquisita a teimosia de Cisco em comprar um peixe grande, carvão e tempero, dizendo que iriam

comer peixe assado. Tinham providenciado arroz, bolachas, sanduíches, legumes, verduras e frutas, e para ela não fazia sentido levar um peixe para assar num acampamento. “De bêbado tudo se espera”, ela pensou. E deixou a carga dele e de Bruna o departamento de alimentação. Ela só iria dirigir.

Seguiram em frente em busca do lugar que Cisco e Bruna conheciam. Com o passar dos anos, porém, o local havia sofrido mudanças, e a memória também, de modo que demoraram para achá-lo. Mas acharam. Era um desses locais que só aventureiros encontram. Um trecho de mata o escondia da estrada, e tiveram de deixar o carro distante do lugar e camuflá-lo com galhos para que não fosse visto da estrada. Andaram por dentro da mata mais do que Abigail gostaria. Cisco, com braços e costas ocupados com a barraca e as malas, demonstrava uma felicidade comparável a uma volta a infância. Chegaram a uma clareira e pararam para o descanso. O prazer que o lugar transmitia devolveu o ânimo a Abigail. De uma nascente brotava um filete de água formando um projeto de rio; Cisco livrou-se da carga, agachou-se e disse:

– Deixa o cavalheiro testar pra ver se está envenenada!
– E bebeu.

Abigail sedenta, agradeceu:

– Tomara que esteja, meu herói!

O projeto de rio tinha um leito de 20 metros mais ou menos, descia por uma vertente e sumia entre pedras, indo de encontro ao mar. Abigail gostou do local onde iriam ficar. Por capricho natural, a praia era maior em profundidade que do em largura, já que grandes pedras a limitavam nas laterais. Era um reduto íntimo, um recanto para se esconder do aglomerado humano e do cotidiano estafante. Tiveram de largar parte dos objetos que carregavam para descer a ribanceira. Depois de algumas idas e voltas, organizaram-se, montaram a barraca, comeram sanduíches e foram nadar.

Na água, Abigail mostrou suas qualidades de íntima do mar, sendo nativa do litoral, mas Cisco não ficou atrás, demonstrando suas habilidades aquáticas de menino do rio Paraíba do Sul. E ambos se deliciaram e desafiaram o mar, indo bem além de onde as ondas quebravam. Nanci e Bruna, dois pregos dentro d’água, se contentaram em molhar meio corpo e tomar banho de sol.

Saíram do mar quando Cisco disse que iria assar o peixe, explicando que faria um buraco no chão e uma fogueira em

cima, e que o processo era demorado. Abigail disse-lhe que aquilo era coisa de índio, e ele respondeu: “Se é coisa de índio, é coisa de gente, e se é coisa de gente, é coisa nossa!” E entrou mata adentro com uma machadinha, para apanhar a lenha que iria misturar ao carvão.

Bruna era prevenida e levava legumes e verduras já lavados e envoltos em saco plástico. Abigail e Nanci se prontificaram a ajudar, mas Bruna dispensou as duas:

– Vocês se contentem em almoçar sanduíches e frutas e deixem o jantar que eu e o Cisco damos conta! Abigail, já que você conhece as coisas da praia, leve a Nanci pra pegar conchinhas lá nas pedras!

Abigail estranhou a dispensa, mas ao notar que Nanci aceitou de pronto, como se estivesse à espera da ordem, achou que eles iriam preparar a sua surpresa de aniversariante e fez-se de desentendida, pegando um saco plástico e indo para a praia com Nanci, que levava a máquina fotográfica. Surpresa esperada não é uma grande surpresa, mas ela não poderia se furtar ao joga deles.

Caminharam pela areia, com Nanci entusiasmada como criança colhendo novidades. Pegava as conchas emitindo exclamações maravilhadas: “Olha essa, que linda! Olha o formato dessa!” E as guardava no saco plástico. Ajudando-a, Abigail relembra seu tempo de criança, quando sentia o mesmo prazer que via agora estampado nos gestos e na fisionomia de Nanci, que tinha o mar como novidade misteriosa e sedutora.

Ao chegarem às pedras, Abigail entrou por um recôncavo onde as ondas não batiam com violência e descobriu, satisfeita, muitos mariscos incrustados nas pedras. Nanci não se entusiasmou: “Tenho nojo. Parecem lesmas!”, disse. Abigail lembrou-se do pai: “Meu pai dizia que se os frutos do mar lhe dessem nojo, ele não deixaria a água do mar entrar em sua boca. O nojo é pura impressão, Nanci! É só acabar com a impressão que o nojo acaba. Isso é uma delícia e tem sustança.”

Sem material para tirar os mariscos, ela quis buscar uma faca, mas Nanci persuadiu-a a deixar para depois. Abigail percebeu que se voltasse ao acampamento antes da hora surpreenderia Bruna e Cisco preparando-lhe a surpresa. Adiou a colheita de mariscos. Entusiasmada, Nanci resolveu subir nas pedras e ela achou uma boa idéia ir para o outro lado.

Nanci escolheu um lado mais acessível para a subida. Ao chegar próximo à pedra que dava melhor apoio, Abigail

percebeu a parte de uma garrafa enterrada na areia. Curiosa, desenterrou-a, dizendo a Nanci, que, de costas, não vira: “Olha que garrafa bonita!” Era uma garrafa de formato retangular, de vidro grosso e esverdeado, com um papel dentro. Nanci desceu da pequena pedra em que havia subido e demonstrou curiosidade pelo objeto: “Nunca vi esse tipo de garrafa!”, comentou. Abigail, dizendo que já havia visto igual, mas não lembrava onde, tentou destampar a garrafa. A rolha estava bem archoada, como se a ação do tempo e da água salgada unissem a cortiça e o vidro numa junção inseparável. Abigail, mais uma vez, desejou voltar ao acampamento para buscar ajuda de Cisco. Mais uma vez Nanci a persuadiu a esperar. Abigail guardou a garrafa, para levá-la na volta.

Subiram nas pedras e, antes que iniciassem a descida para explorar o outro lado da praia, perceberam ao longe a presença de muitas pessoas. Estavam longe e, com o vento contra, não ouviam nenhum som vindo delas, mas as duas resolveram descer por onde vieram para não serem vistas. Um solitário quando vê pessoas fica feliz; mas não elas, metropolitanas, que estavam necessitando de um período solitário. Naquele momento, a tranqüilidade era um bálsamo para aliviar a agitação e as dores emocionais que a campanha eleitoral lhes causara. Quanto menos gente, melhor.

Abigail pegou a garrafa e elas voltaram lentamente tirando fotos, até que chegaram ao acampamento.

O pôr-do-sol dava um colorido especial à paisagem, e do rádio que Bruna levava ouvia-se a Ave Maria. Cisco, atarefado com um tronco já quase apodrecido pela ação do tempo, mas que lhe exigia trabalho pelo tamanho, dava fortes pancadas com sua machadinha, como se aquele tipo de função lhe desse prazer. Bruna recolhia as lascas que se soltavam do tronco, juntando-as a outras madeiras que se transformariam na fogueira da noite. Enquanto Nanci correu para guardar suas jóias colhidas na praia, Abigail foi até o fogareiro e abriu a tampa de uma panela onde cenoura e batata estavam cozidas. Outra panela, o arroz ainda cozinhava. Nem Cisco nem Bruna fizeram nenhum comentário com a chegada delas. Agiam como se estivessem com toda a atenção no trabalho ou na música. Preferiu ela mesma tentar abrir a garrafa e não atrapalhar o trabalho deles. Perguntou:

– E o peixe, já está pronto?

– Vai demorar ainda – respondeu Cisco. – Esse peixe não vai ficar bom. Ele teria que ser envolvido em folha de bananeira e está enrolado em papel alumínio; deveria ficar bem mais tempo no fogo e eu coloquei muito tarde para assar. Lá pelas nove horas a gente tira ele de lá.

– Você tá deixando assar lá na mata?! Vai por fogo na mata!

– Não sou insensato, Ab. Achei um lugar bom, fora da mata, atrás daquelas pedras. – Ele apontou uma pedras incrustadas num paredão abaixo da mata.

Bruna, percebendo que Abigail tentava arrancar a rolha da garrafa com a ponta de uma faca, perguntou:

– Que garrafa é essa?

– Achei enfiada na areia, quase embaixo de umas pedras.

– Tem saca-rolhas aí! – disse Bruna, indo pegar um canivete de escoteiro.

Cisco brincou:

– Se essa garrafa estiver cheia, foi um amigo cubano que mandou o rum que me prometeu!

– É curioso. Tem um papel que parece carta aqui dentro – comentou Abigail.

Ele pegou a garrafa de Abigail e com o saca-rolhas do canivete suíço, com certa dificuldade, destampou a garrafa, devolvendo-a a Abigail, e voltou ao seu trabalho com as madeiras. Olhando pelo gargalo, ela percebeu que se tratava de uma carta em papel envelhecido, amarelado pelo tempo, com as folhas presas nas laterais da garrafa, dificultando sua retirada. Bruna improvisou uma pinça com dois gravetos e pescou o papel.

Bruna chamou Nanci, que veio correndo, e Abigail desenrolou o papel. Notou que trazia um texto escrito em negrito, extenso e com letra rebuscada, numa caligrafia de estilo renascentista. Chegou a pensar que era a surpresa que aguardava, mas teve dúvidas. Leu em voz alta para os três, que esperavam para satisfazer a curiosidade:

“Rogo encarecidamente à boa pessoa a qual esta missiva chegar às mãos que, por Deus, a entregue a Ana de Magalhães, na Viela do Bom Bordejo, em Sagres, Portugal. Rogo-lhe, ainda, credora alma, que torna minh’alma eterna devedora, que com a bênção e testemunha em Cristo, mantenha segredo do enredo de que tomarás conhecimento.”

Soi-lhe eternamente grato,

Braz Alvernaz – Capitão Rochedo.

Abigail parou a leitura e olhou para Cisco:

– Isto está me parecendo coisa tua! – acusou, procurando na fisionomia dele e das duas mulheres algum indício que os traísse. Mas Cisco desviou-lhe a atenção:

– Juro que não conheço nenhuma Ana de Magalhães – ele disse, sério. E emendou: – Isso me deixou intrigado. Deixe eu ver isso! – Ele tentou pegar o papel mas ela não permitiu, voltando à leitura:

“Ana, aura vital de minha existência, estive a ponto de lhe cumprir a promessa. Os tesouros que já eram seus, tive-os às mãos. Fui um dos terrores dos sete mares e tornei-me tormento marítimo para os reinos de França, Inglaterra, Espanha e até do nosso querido Portugal. Nos palácios destas e d’outras nações, o nome do seu capitão Rochedo, seu fiel e ardente apaixonado, foi causador de desfalques e profundas inquietações. Fui caçado e cacei meus caçadores! Abarrotei minha galera com os tesouros que lhe prometi!

Ah, mas triste sina: o infortúnio, como um deus implacável e justiceiro, abateu-se sobre mim e meus homens, na forma de monstruosa tempestade. Há pouco vi, dolorido e constrangido, a minha galera ir à deriva, sepultando os tesouros que eram seus. Sonhos, tesouros, meus fiéis corsários, tudo o mar tragou! Do bote em que pude safar-me do horrendo desastre, olho ao redor e não diviso um ponto de terra. Um universo de água me rodeia e tubarões me cobiçam. Que se cumpra o destino...

Mas a lembrança de nossos ardentes momentos com teu alvo corpo em meus braços eleva meu moral. Deixo-lhe minha desventura em versos, como humilde prenda, pois creio que a poesia é-lhe também um tesouro.

Ocorre-me a memória nossos saraus em Sagres. Oh, que saudades...

Oh, energia do meu sangue,
Perdoe o meu fiasco.
Prometi-lhe, aos pés, o mundo!
Entrego-lhe o meu fracasso...

Foi só sonho, amada, eu sei;
Sonho quimérico, inadequado.

Mas por ti me dediquei
A dar-te o maior agrado!

Mas creia: quase realizei a quimera,
Sendo um salteador de ladrões!
Em minha singela galera,
Tive nobres nos porões!

Roubei prata dos espanhóis,
Que aos incas assaltaram!
Franceses e holandeses
Do meu bote não escaparam!

De portugueses e ingleses,
Também tomei o dinheiro
Fruto do tráfico humano
No vil comércio negreiro!

Ah, mas quis demais. Extrapolei:
Os porões abarrotei! Tanto tesouro roubei,
Que a embarcação foi a pique!
A Deus, até indaguei:
Onde foi que eu errei?!
Há algo que justifique,
Que eu, maior pirata português,
Pague o preço do trambique
Penalizado pelo mar?
(Mas não lamente, amada minha,
Pois uma vida novinha
Logo terei pra te dar...)

Afogo-me. Morro nesta vida!
Mas a esperança, por guarida,
Predestina-me a vê-la novamente,
Portanto, de corpo ausente,
Entrego-lhe um humilde presente.
Sobra do grande tesouro

Que consegui arrebanhar
Dentre tantas jóias, prata, ouro,
Que jaz no fundo do mar
Nesta garrafa de conhaque
A única prova do saque.
Mais nada pude salvar!

Eis, amada, meu presente.
(Te prometi um banquete
E dou-te um reles petisco.)
Mas é dado de bom grado!
Por isso estou a seu lado,
Não de corpo clonado,
Porém clonado em espírito.
Espírito do capitão Rochedo,
Que destemido e sem medo,
Por seu amor viveu em risco!
Mas que o sol, o mar e o vento,
As duras punições do tempo,
Transformaram em frágil
Cisco”

“Feliz aniversário. Que a data se repita em todos os fôlegos que a gata tiver.”

Ela já havia se jogado nos braços dele, pois no meio dos versos suas suspeitas haviam se confirmado, sendo endossada pelos sorrisos de todos. A “surpresa”, embora esperada, a surpreendeu pelo bom humor com que ele a elaborara. Ele estava com a garrafa e a virou em suas mãos estendidas, e uma correntinha saiu pelo gargalo. Não era nada parecida com uma jóia renascentista ou um tesouro tirado de baús de piratas: era uma bijuteria banhada a ouro. Uma correntinha entremeadada por minúsculos bacelos e folhas de parreira, tendo como pingente um pequenino cacho de uva. Uma típica jóia que seduz pela beleza e não pelo valor mercantil. Ela o beijou e se abraçaram. Bruna e Nanci foram para o interior da barraca.

– Obrigada, amor. Acho que de todas as jóias que estão no fundo do mar, esta é a mais bonita.

– Claro, o que está na mão é mais interessante do que o que está no sutiã! Mas esta jóia é fruto de saque; vai aceitar?

– Eu sei que presente seu é presente limpo.

Ele lhe colocou a peça no pescoço, mas ela não teve tempo para buscar o espelho para ver-se porque Bruna e Nanci saíram da barraca com seus presentes nas mãos e cantando parabéns. Ganhou de Nanci uma blusa e de Bruna uma sandália, presentes que indicavam terem sido escolhidos com cuidadoso critério, pois satisfaziam seu gosto.

Enquanto foi buscar o espelho, Abigail soube dos artifícios que Bruna e Nanci utilizaram para colocar a garrafa entre as pedras sem que ela percebesse, e soube que Cisco recorreu a um amigo calígrafo que também era hábil em dar ao papel uma aparência antiga. A garrafa, ele conseguira num ferro velho. Ele ainda lhe disse:

– Perceba que o capitão Rochedo escreveu a carta usando uma ortografia futurista para que você a entendesse nesta encarnação. – E completou, com sotaque português: – Como vê, querida Ana, até com isso nos preocupamos!

Terminada as homenagens à aniversariante, Cisco acendeu a fogueira e depois subiram até a mata, onde, com uma jarra e uma panela, os casais se dividiram, banhando-se um ao outro com a água fria do regato. Por ser horário de verão, a noite chegou atrasada, mas veio. Com arroz pronto, prepararam a salada com as batatas e as cenouras cozidas, acrescentando folhas de alface, e aguardaram o peixe assar.

Desde que chegaram à praia, poucas vezes ela vira Cisco bebendo, e mesmo Nanci e Bruna beberam pouco. Mas com a vinda da noite, com o violão, cantando aos pés da fogueira, os três passaram a beber sem cuidado, e a cada minuto aumentavam os risos descontraídos. E uma sensação de distância dos companheiros tomou o íntimo de Abigail. Estava inserida entre eles, e muito bem inserida, mas o sentimento era de que não havia sintonia. Passou a bebericar o guaraná como se fosse uma bebida alcoólica e a cantar descontraída, como se estivesse psicologicamente ébria.

Foi quando Bruna reclamou de fome que se lembraram do peixe, e Abigail acompanhou Cisco para ajudá-lo a trazer o assado. Enquanto ela segurava a lanterna, ele, com uma pazinha de lixo, tirou brasas e terra do burado que cavara. Ela achou trabalho demais para um simples capricho. Ele teve dificulda-

de para tirar o peixe do buraco quente, mesmo tendo as mãos protegidas por panos.

– Você faz sempre isso? – ela perguntou.

– Nunca fiz!

– O quê?! Então nós estamos sendo cobaias!

– Cobaias não, porque muita gente já comeu peixe assim. Eu é que nunca fiz!

– Então não estamos sendo cobaias da forma de assar, mas somos suas cobaias! Mas tudo bem; pelo trabalho que você teve, eu como e digo que está ótimo!

– Que alívio! Eu já estava preocupado.

– Que peixe é esse, Cisco?

– É o leviatã.

– Nunca ouvi falar.

– É o peixe que engoliu Jonas...

– Ah! Vai catar coquinho! – ela disse, beijando-o de leve.

Ao voltarem, ela notou que mais surpresas viriam, já que Bruna e Nanci estenderam uma toalha no chão e prepararam um banquete. Havia abacaxi cortado em fatias e outras frutas, o arroz e a salada colocados em tigelas e um local adequado para colocar o peixe.

– Já esquentei o arroz. Vamos comer antes que esfrie – declarou Bruna, já servindo-se.

Após servir-se, Abigail notou que havia copos mas as bebidas tinham sumido.

– Cadê o isopor? Vocês sumiram com meu refrigerante?

– Ah, eu esqueci as bebidas no mar! – respondeu Bruna.

– A caixa de isopor não está gelando? Acabou o gelo?

– Está. É que, com peixe, a bebida tem que ser fria e não gelada – continuou Bruna. – Por favor, Abigail, essa estaca perto de você tem uma fieira amarrada; puxe que a bebida vem.

– O que é isso, outra surpresa? – ela perguntou, esticando-se para desenrolar o fio de pesca da estaca.

– Puxe o fio, mulher! Tá pensando que a gente está aqui só pra te fazer surpresa? – Cisco falou, jogando-lhe um pano de prato. – Enrole esse pano na mão, pra não se machucar e me causar dor.

– Vocês estão cheios de truques! – ela acusou, puxando a linha de anzol, até que um saco plástico com garrafas dentro lhe veio às mãos. Na penumbra, ela somente percebeu que

eram três garrafas diferentes do vasilhame comum de refrigerantes. O saco estava bem fechado e Cisco se aproximou com seu canivete suíço.

– Vou abrir, mas quem vai servir é você – disse ele, abrindo o saco e devolvendo-o para ela.

Nenhuma garrafa era de refrigerante. Eram duas garrafas de vinho branco e uma de champagne. Na garrafa de champagne havia uma caixinha embrulhada para presente presa no gargalo.

– Mais presente? – ela perguntou, soltando a caixinha da fita crepe que a prendia. Bruna e Cisco, que lhe sorriam, formavam um quadro interessante por causa do tremeluzir da fogueira. Nanci, de pé, tentava focalizá-la com a câmera, dizendo:

– Vai queimar, mas eu vou bater!

– Que legal! – Abigail exclamou ao descobrir um par de alianças dentro da caixinha.

Cisco lhe passou o farolete, dizendo:

– Leia o bilhete!

O bilhete estava na caixinha. Ela o pegou e leu:

“As alianças são uma sugestão para pedir-me em casamento. Eu já aceitei.

O champagne e o vinho são para que comemoremos, caso você faça o pedido.

Considere que há momentos na vida que merecem que se dê um intervalo a um compromisso, por mais íntimo e sério que seja. Por favor, só por hoje entregue-se à única despedida de solteira de sua vida.

Nem eu nem você, tenho certeza, queremos cônjuges permanentemente ébrios. Mas eu te quero; te quero tanto que te quero livre para os bons momentos.

Que o deus Baco nos abençoe!”

Desde que saíra da clínica, em nenhum momento Abigail tivera o espírito tão dividido entre a abstinência e a compulsão. Olhou para o céu. As estrelas estavam nítidas e eram muitas. Olhou para eles. Sorriam expectantes, observando sua reação, e suas silhuetas brilhavam sob a luz do fogo. Os argumentos de Cisco venceram. Mas ela tentou ser espirituosa:

– Tudo bem, eu comemoro se você me aceitar em casamento!

– Eu juro que não vou me arrepender! – ele disse, indo até ela, que se levantou para abraçá-lo. Nanci colocou a mão entre o rosto dos dois impedindo o beijo.

– Eta casalzinho assanhado! Primeiro as alianças.

Divertidos, praticaram o ritual e estouraram o champagne. Nanci reclamou que não havia taças, e beber champagne em copos quebraria o encanto do ritual. Porém Cisco discordou, dizendo que ritual improvisado é mais interessante por não ser praticado por costume. E todos concordaram. Após o brinde, beijos e abraços, tudo fotografado por Nanci, Abigail resolveu tirar uma foto de Cisco entre as duas amigas, dizendo-lhes:

– Vocês não têm idéia da importância de vocês, neste momento, pra mim. Eu não vou esquecer.

Então Cisco sugeriu:

– Se é assim, que tal convidá-las para padrinhos de casamento? Opa, padrinhos não, madrinhas!

Abigail calou-se e Nanci riu. Bruna rejeitou:

– Tô fora! Me tira desse jogo que meu esporte é outro. Não estou interessada em constranger padre ou juiz!

– Ora, padrinhos são testemunhas; pra testemunhar basta estar vivo e presente! – ele insistiu.

– Como meu noivo é ateu – Abigail disse –, não tenho interesse em casar na Igreja. Mesmo porque não fico bem de véu e grinalda! Acho que no civil não tem problema, tem?

– Tendo ou não, não tenho interesse em me expor aos olhares de curiosos como se fosse animal exótico! Me sinto melhor indo ao Simba Safári, onde a gente fica enjaulada no carro e os leões e outros bichos ficam nos olhando com curiosidade. Pelo menos eles são irracionais por natureza e não por cultura preconceituosa! – protestou Bruna, dispensando o convite.

– É, deixa isso pra lá – disse Nanci. – Somos e seremos amigos e isso é o que interessa!

Todos dirigiram a atenção à comida, que esfriava.

Abigail continuou tomando vinho mesmo depois do jantar. Preocupada com o efeito que a bebida lhe causaria, tomava-a em pequenos goles. Bruna fez reaparecer o isopor com as latas de cervejas, Cisco pegou o violão, e logo estavam cantando, com Abigail entrando devagar no clima dos compa-

nheiros. Cisco cantou “A Maçã”, de Raul Seixas e Paulo Coelho, e a letra da música suscitou o comentário de Bruna:

– É impossível não ver beleza e verdade nesta letra, mas viver na prática são outros quinhentos.

– Ah, você prefere: “Se te pego com outro eu te mato / Te mando algumas flores e depois me escapo!” – Ele cantarolou. – É isso?

– Não. Claro que não!

– Então é isso: Eu serei fiel / Nas centenas de vezes que casar! – ele improvisou uma melodia brega.

– Não é isso! A letra de “A Maçã” não é indecente, é uma linda e sensível proposta de amor. O problema é saber se o coração tem estrutura pra suportar o que a razão projeta!

– Isso é um problema porque somos programados culturalmente para confundir os sentimentos. Quando o sentido de fidelidade nasceu, era só um lado que tinha liberdade e isso foi mantido pela hipocrisia. Agora são os dois lados que querem a dita-cuja, o que nos obriga a refazer conceitos. Se o amor livre acarreta problemas, não é tão problemático quanto as autoflagelações mentais dos que já não amam o próximo que está na cama, amam o distante. São muitos os casais por obrigação, sem brilho nos olhos. Isso é ruim. E pior é a descarada traição. Nesse campo também precisamos encontrar uma prática que nos dê dignidade na relação. É muito ruim se impor como humano e agir como cachorro. Acho que para nós, humanos, a relação do joão-de-barro não serve e tampouco a cachorrada. O problema é como não permitir que a união se transforme num foco promíscuo, libertino, ou se artificializem os sentimentos com espírito de vingança, desviando a relação do respeito mútuo e do propósito afetivo. Não se respeita os sentimentos jogando-os na lama e nem vestindo um cinto de castidade no coração. Há um meio-termo respeitoso no meio disso tudo. A justiça é o ponto.

– Eu acho que a Bruna tem razão – opinou Nanci. – Uma coisa é falar, outra é aceitar.

– Você disse certo: outra coisa é aceitar! Agora, fazer, até quem não aceita no outro faz. Para a maioria, uma convivência transparente é imoral. A maioria vê moralidade nas coisas “por baixo do pano”, não na transparência. É um costume social. Mas eu vejo neste costume mais falta de caráter do que respeito ao companheiro. Eu prefiro buscar novos cami-

nhos mesmo tendo que enfrentar obstáculos inesperados. As velhas práticas estão com suas bases corroídas, e eu acho que, com costumes embolorados, até a esperança transforma-se num calabouço.

– Putz, Abigail, você vai casar tendo a franga solta! – brincou Nanci, que já não sabia se preferia o vinho ou a cerveja.

Abigail, que se mantivera calada, mas muito atenta ao assunto, falou:

– Pois é! Eu sou parte interessada, e ele ainda não falou comigo sobre isso!

– Estou fazendo uma música pra você e quando cantá-la conversaremos.

– Ué, então canta um pedaço e vamos conversar!

– Não. É um documento musical. Mas ainda não terminei.

Depois eu canto.

– Quer que a gente saia pra você cantar? – perguntou Bruna.

– Não, depois eu canto para ela. Agora eu vou cantar uma outra, porque estou com vontade. Acho que ela cai bem neste momento. Pelo menos estou sentindo isso...

– Eu sei qual é! – disse Bruna, rindo. – É do Juca Chaves: “Eu sou chifruado, mas eu sou feliz!”

– Ah, vai se ferrar! Não fala isso da minha mulher! – ele disse, rindo, e mudou o assunto: – Vocês leram *O Senhor Embaixador*, do Érico Veríssimo?

Bruna havia lido, Abigail e Nanci não. Cisco prosseguiu:

– Neste livro tem um haikai assim: “Gota de orvalho / Na corola de um lírio; / A jóia do tempo!” Baseado nesse haikai, eu fiz essa música: Gota de orvalho / Na corola de um lírio: / A jóia do tempo! / Haikai Veríssimo, / Haikai belíssimo, / Haikai verídico / Haikai belíssimo / Um belo haikai / Jóia do tempo / Não é jóia rara. / Mas é jóia cara, / Pois vale a vida e a beleza! / Jóia do tempo; / Tesouro inestimável! / Inesquecível presente / com que nos brinda a natureza / ... Pingos de chuva / Pingentes reluzentes / São cintilantes / Em chuvas de verão / Jóias do tempo / Tesouro sem ilusão / Lapidam os sentimentos, / Realçam a alma, / Ornamentam o coração / Jóia do tempo, / Sereno prazer / De quem sabe olhar nos olhos da vida / Com os olhos da emoção! / E avistar / Além das cortinas / Dos nossos costumes / De nossas ambições / Que ofuscam a retina; / Além das cortinas / Que limitam a visão / Além das cortinas / Que limitam a visão...

Elas gostaram da música e comentaram o sentido da letra, mas logo estavam bebendo e cantando outras músicas, até que Nanci, desenrolando palavras da língua, disse:

– Eu vou ao toailete! Alguém me acompanha? – E levantou-se alegre como quem voa.

– Eu vou no mato mesmo! – disse Cisco. – Eu sou igual índio. Eles não mijam no rio!

– Eu vou urinar no mar. É diferente! – respondeu ela, e foi acompanhada de Abigail e Bruna para o mar.

Quando voltaram, Bruna disse que ela e Nanci iriam se recolher. Já Abigail negou-se a dormir. Aquecida pelos vapores do vinho, rodopiou de braços abertos expondo sua alegria:

– Um dia como esse, eu não quero interromper! Quero esticar para sempre!

– Viu o que você fez? – disse Bruna a Cisco. – Paparicou a mulher demais, agora ela vai querer mimo todo dia! Apesar de que isso é ilusão, porque mulher paparicada demais enjoa logo da gente!

– Ô, Bruna! É meu aniversário! Além do mais, estamos em pré-lua-de-mel – Abigail replicou.

– E tem mais: eu só paparico em aniversário! – falou Cisco.

Abigail bateu com o cotovelo no braço de Bruna, reclamando:

– Tá vendo o que você fez? Vou ter que comemorar aniversário todo dia!

– Azar teu! No ano que vem você estará com quatrocentos anos – brincou Bruna, e entrou com Nanci na barraca.

Abigail e Cisco foram para um canto da praia próximo às pedras. Ele abriu uma lata de cerveja, e ela levara uma garrafa de vinho contendo ainda um quarto do líquido. Deitaram na areia. O céu limpo e o negror da noite davam às estrelas um fulgor mais intenso.

– Adoro olhar as estrelas – ela disse.

– Eu também gosto. Mas ultimamente olho pro céu e procuro enxergar as estrelas que não vejo.

– Então você não vê o céu, você inventa um!

– Procuro ver o céu real. O céu como realmente ele é, e a gente não vê. O céu que os astrônomos enxergam com possantes telescópios e estudam com seus cálculos.

– O céu que eles vêem, perto do céu que a gente vê, é como comparar um porão escuro com um palácio de luz!

– Calma, não exagere. Se o céu fosse um palácio de luz não haveria noite nem para nós... Veja só, Ab, aquelas estrelas do Cruzeiro do Sul. – Ele apontou com o dedo indicador a constelação. – Elas parecem tão próximas entre si, no entanto estão trilhões, quatrilhões de quilômetros e até mais distantes umas das outras.

– As distâncias não são medidas por anos-luz?

– São. Um ano-luz tem 9 trilhões e meio de quilômetros. A Via Láctea, que é o nosso país celestial, tem um comprimento de 100 mil anos-luz e possui uns 200 bilhões de astros...

– Quem contou?

– Os astrônomos contaram e eu nem vou conferir porque creio no cálculo deles. E caso esteja errado, eu perdôo porque sei que o erro será acidental e não premeditado, como o erro dos esotéricos...

– Eu não sei o que é Via Láctea; o que é? – Interessada nas estrelas, ela desconsiderou a provocação dele.

– Via Láctea é a nossa galáxia. Existem bilhões de galáxias no cosmos e a Via Láctea é o nosso país celestial. As galáxias chegam a ter bilhões de astros...

– Mas se existem bilhões de galáxias com bilhões de astros, o universo é imensurável...

– Tudo o que já se sabe é nada perto do desconhecido. É impressionante, Ab! Pra você ter uma idéia: Andrômeda é uma galáxia vizinha à nossa. É assim como a Argentina para o Brasil, faz fronteira. Só que daqui até lá, tem uma distância de 2 milhões e 200 mil anos-luz. Se um ano-luz tem 9 trilhões e meio de quilômetros, faça as contas...

– Isso é muito pra cabeça. – Ela desistiu de imaginar.

– Imagine bilhões de galáxias com bilhões de estrelas e tendo distâncias semelhantes à que existe entre Andrômeda e a Via Láctea...

– Meu Deus! O que o Senhor fez?! – Ela ergueu os braços e perguntou admirada ao Criador.

– E pra que fez? – ele perguntou também, mas sem mover os braços e sem entusiasmo.

Ela tomou um gole de vinho e, sem comentar a indagação dele, disse:

– Diante disso tudo, nosso sistema solar é uma “merre-quinha” insignificante...

– Por isso que creio ser idiotice usar nossas razões baseadas nas sensações para explicar a vida. O planeta Terra é um cisco diante de tudo isso, e nós, meros piolhinhos...

– Existem nove planetas girando em torno do Sol, não é? – Percebendo que ele rumava para uma filosofia sarcástica, e interessada em conhecer melhor o que se sabe sobre o cosmos, ela perguntou e respondeu ao mesmo tempo, esperando confirmação dele.

– Nove planetas giram em torno do Sol e 54 luas giram em torno desses planetas. Só Júpiter tem 16 luas, e é 400 vezes maior do que a Terra...

– Quatrocentas vezes maior que a Terra?

– Isso. Plutão é o mais distante do Sol. Fica 5 bilhões quilômetros distante do Sol e tem uma lua, assim como a Terra. Vênus e Mercúrio não possuem luas. O Sol deve ter comido as que eles tinham...

– Comeu como? – Ela imaginou o Sol com bocarra mastigando luas.

– A força gravitacional do Sol pode tê-las sugado, já que são planetas mais próximos dele. Outra coisa, todos esses planetas com seus satélites cabem dentro do Sol e sobra muito espaço.

– Eta astro-rei todo-poderoso!

– Todo-poderoso pros neguinhos do mundinho dele! O Sol é uma estrela média, existem estrelas muitas vezes maiores que ele. Ab, existem bilhões de galáxias como a nossa, com bilhões de sóis e planetas espalhados no universo! Agora, o mais impressionante é que assim como a Terra gira em torno de si e do Sol, a Via Láctea viaja no espaço girando a 2 milhões de quilômetros por hora, se não me engano...

– As estrelas ficam girando?!

– Todo o universo está em movimento, em expansão! São bilhões de galáxias, com bilhões de estrelas dentro delas, mais planetas girando em torno de estrelas, satélites girando em torno de planetas, mais cometas vagando no espaço e asteróides e...

– Mas isso é um salão de luz em movimento!

– Não é um salão de luz porque todos esses astros estão muito distantes entre si. Pra você ter uma idéia, Marte é nosso vizinho, mas pra chegar lá com um foguete voando mais de 60 mil quilômetros por hora demora-se mais de um ano.

– Direto? Sem parar?

– Se parar, nunca mais chega no destino. Fica eternamente vagando no espaço. Os cientistas calculam que existem 10.000 quintilhões de astros no espaço.

– Nossa! Mas isso é inimaginável!

– E é mesmo! Sem contar buracos negros, quasares e um monte de coisas que não se sabe. É bem impressionante! Agora você imagine a enorme distância entre uma estrela e outra, e imagine a escuridão que há no trajeto. Nessa escuridão não tem Thomas Edison pra iluminar.

– Nossa! Ficar sozinho num lugar desse deve ser horrível.

– Deve ser um frio silencioso e uma escuridão que chegam a doer. Eu acho que transmite uma solidão tão esmagadora que se você colocar num foguete o líder mais feroz dos skinheads e o mais violento dos panteras-negras, se eles não se matarem na saída, quando chegarem lá na escuridão imensa se tornarão doces amantes, por mais machões que sejam!

Abigail riu e comentou:

– Eu acho, Cisco, que um deles pode até sofrer uma transformação orgânica, mudar de sexo e acabar parindo!

– É! E acabarem povoando um planeta e criando uma civilização realmente civilizada!

Ambos riram e Cisco filosofou:

– É tudo muito louco. A vida é uma loucura!... A Terra é para o cosmos o mesmo que uma gota para todos os mares. É um cisco! Mas esse cisco espacial tem muitos piolhinhos metidos a besta! No entanto, cada piolhinho desses tem um universo de micróbios, vírus e bactérias dentro de si. E mais um confuso e imenso universo invisível que é o estranho mundo das sensações! A razão, os sentimentos também formam um universo pra se descobrir. Sem contar o universo cambriano que morreu, mas pariu outros universos, inclusive o nosso universinho humano.

– O tempo também é um universo misterioso!

– O tempo é a testemunha silenciosa que sabe todos os segredos e como tudo começou. O tempo é um deus da sabe-

doria. Mas ele só diz o que sabe se prestarmos atenção à história que ele viu. O nosso universo histórico é o nosso currículo cultural. Também é um universo bem variado e cheio de vida e morte, no qual as verdades pouco prevalecem e o discurso de evolução é constante, mas a prática não é.

– Não entendi.

– Na história nem sempre prevalece a verdade e o que é útil e benigno, apesar de o homem cada vez mais ter a luz nas mãos para encontrar a saída. Vendo pelo prisma de que a evolução humana seria a preponderância das virtudes humanas sobre suas falhas e que civilização real seria o bem-estar social estendido a todos, tudo o que se fala de bom soa mais como promessa do que prática, e a esperança parece chupeta pra criança não chorar.

– Ih, bem, entendi menos ainda!

– É, realmente eu compliquei. Acho que uns neurônios meus beberam mais do que outros... O que eu quero dizer é que, considerando que o humano é um bichinho inteligente, seria inteligente que esse piolhinho se envolvesse com a cultura da busca constante da verdade das coisas da vida, olhando-a cara a cara, e daí tirar o útil para a boa convivência social. Num plano mais amplo, que a cultura da boa convivência se espalhasse entre a piolhada toda do grãozinho de areia azul do universo.

– Mas isso é coisa sonhada pela humanidade durante toda a sua história! Tá nas discussões filosóficas, nas discussões jurídicas, nas religiões...

– Tá nas discussões, nos sermões etc., mas não está na prática sincera. Dizem que a oportunidade faz o ladrão. Creio que há, até por questão cultural, verdade nisso. E esse pensamento é um referencial pra se raciocinar a relação entre poder e povo. O povo dá oportunidade ao poder para ser sacana.

– Talvez isso seja inerente ao homem, Cisco!

– Precisa-se discutir isso com seriedade. É preciso discernir o que é instinto e o que é formação cultural. A comparação do nosso comportamento com o comportamento social indígena demonstra, numa primeira análise, que isso não é instintivo. Eu acho que tá mais pra DNA cultural mesmo. Vejo da seguinte maneira: na teoria da evolução histórica do homem, muita cultura benigna para a boa formação vai parar no cemitério da

mitologia histórica. Por exemplo: na história política prepondera a cultura da força sobre as culturas pacíficas. Não se trata de achar o homem um bicho bonzinho, Ab. Em qualquer raça, cultura ou credo o homem demonstra os seus males. Mas se compara a cultura judaico-cristã com a cultura dos índios, é inegável que a cultura indígena era mais sociável e humana.

– Você está dizendo que os europeus eram mais selvagens do que os índios?

– Estou! Até na questão familiar... Ab, Rousseau elaborou um trabalho, *Do Contrato Social*, em que ele diz: “Cada um dando-se a todos, não se dá a ninguém.” Acho isso bem próximo do “amai-vos uns aos outros.” As nações indígenas tinham uma convivência social mais próxima desse ideal do que a cultura judaico-cristã que os europeus espalharam pelas Américas. Um pai yanomami nunca bate no filho e a mãe só bate quando perdeu toda a paciência, a ponto de se descontrolar. Marido e mulher podem até discutir asperamente, mas não trocam violência física! Eu acho, Ab, que uma cultura humanista pode criar homens melhores do que o instinto nos impõe ou até aprimorar os bons instintos que temos. Acho que a cultura pode ser carrasca quando imposta, como foi a cultura judaico-cristã, sufocando até o instinto sexual, o que acabou criando essa confusão toda que vivemos sexualmente. Eu acho que, querendo sufocar os instintos, corre-se o risco de criar uma cultura neurótica, e foi isso que aconteceu com o dito homem moderno, tanto na questão sexual como noutras questões. As confusões sexuais que vivemos hoje são fruto das tiranias pseudomoralistas e hipócritas de antigamente...

– Tá certo que não estamos bem, Cisco; mas suponha que em vez de os cristãos colonizarem as Américas, fossem os muçulmanos? Eu não seria nem um pouco feliz com um monte de roupa no corpo e um pano na cara. E ainda vendo um homem tendo um monte de mulheres e as mulheres sendo proibidas de quase tudo!

– Taí uma comparação interessante, Ab. Tá vendo como a mão de ferro do poder consegue prolongar uma cultura injusta ao extremo por milhares de anos? Aliás, nos países muçulmanos o fanatismo religioso é pior do que nos países cristãos. E eu não gostaria de viver num país assim. Mas eu sei que se der poder político a uma seita cristã, caímos no mesmo esquema de alguns países islâmicos. Isso é um perigo! Não esqueça que o Islã tem o mesmo embrião do cristianismo. O judaísmo

é a fonte. Agora, imagine se em vez de Cabral e Colombo chegarem às Américas, fossem os chineses? Eles não tiveram a formação judaica.

– Eles navegavam?

– Porra, se navegavam?! Quase cem anos antes de Cabral chegar ao Brasil, uma esquadra chinesa navegou pelo Oceano Índico, passou pela Índia, Oriente Médio, África e chegou perto do Cabo da Boa Esperança. Veja só, Ab, que diferença cultural: os veleiros de Cabral e Colombo não tinham mais do que 30 metros. Cabral saiu de Portugal com 13 caravelas. Quase cem anos antes, os chineses tinham veleiros que chegavam a 120 metros. Eles navegaram com 317 veleiros e 28 mil homens. Isso é mais que um comboio, é uma cidade flutuante! Tinham veleiro-pipa pra carregar água potável. Tinham navios de suprimento que transportavam animais para abate. Tinham até árvores frutíferas nos navios para consumirem frutas frescas; com isso não tiveram problema de escorbuto, doença que matou muitos portugueses, espanhóis e ingleses nas viagens! Eles tinham navios com objetos e até cavalos para trocar com os povos que visitavam. Tinham barcos velozes de guerra para combater piratas que os atacassem. Havia na expedição um médico para cada 150 homens. E não esqueça que eles dominavam a ciência da acupuntura! Os europeus colonizaram as Américas navegando em banheiras pelos oceanos...

– Mas Cisco, se eles tinham tudo isso, por que não colonizaram o mundo?

– Acho que a diferença cultural explica isso. Os chineses navegaram com o propósito do intercâmbio cultural e pela vaidade boba de mostrarem-se aos povos como centro do mundo. Mas não havia a intenção de domínio. Já a cultura européia traz no bojo a cultura que brotou do Vale do Nilo e Mesopotâmia: imperialista, gananciosa e belicosa! Como os egípcios, sumerianos, assírios etc. Claro que a audácia dos navegantes europeus até impressiona pela coragem, mas essa coragem brota da ganância, da ambição de conquistar. Culturas diferentes, diferentes propósitos. O mal dos chineses é que subestimaram a crueldade bélica do povo ocidental.

– Mas hoje eles estão mal na roupa. Muita gente pra pouca comida. Com tanta gente deve ser difícil de administrar.

– Claro que é! Imagine como seriam os Estados Unidos com a sua cultura imperialista e mais de 1 bilhão e 200 milhões

de americanos. Não gostaria de vê-los neste esquema com seu individualismo. Os chineses não são considerados o povo mais educado do mundo à toa...

– Mas como os chineses não perceberam antes que gente demais dá confusão? Eles deveriam assistir televisão! – ela brincou.

– A necessidade machista de ter um filho varão. Os judeus também cultuaram essa tolice e a espalharam no mundo ocidental. Essa besteira machista dos chineses é um dos motivos para a grande população, mas não é o único motivo. Considere que o povo chinês não é um povo bélico, não se meteu em grandes guerras e não vive se matando... Além do mais, cuida da saúde há milhares de anos. Não esqueça que a acupuntura tem 5 mil anos... São vários os motivos que contribuíram com o aumento da população chinesa. Outro motivo é que eles são moralistas mas transam muito... Acho que eles entraram nessa confusão por um problema cultural. Na cultura deles, desde a antiguidade, era imprescindível que o pai tivesse um filho varão. Para os judeus isso também era imprescindível. Na busca do filho varão, quantas mulheres não nasceram? Quanto mais mulheres, mais aumento da população, e por aí vai. Os chineses estão nesta situação por terem seguido um princípio semelhante ao provérbio cristão: “Crescei-vos e multiplicai-vos!” Coincidentemente, eles praticaram o que a Igreja católica prega há milhares de anos: sexo sem contraceptivos. Se os chineses fossem cristãos, já imaginou a quantidade de fiéis?

– É verdade... Mas vamos mudar de assunto, eu quero ouvir um pedaço da música que você está fazendo pra mim.

– Não está pronta ainda. Vai demorar um pouco, porque é especial – ele disse, e deitou-se paralelo a ela, lambendo-lhe o pescoço, a orelha e levando a mão das coxas ao púbis, deixando clara sua intenção. – Eu quero fazer agora, em parceria contigo, a música mais linda do universo. – E foi tirando-lhe o biquíni.

– Humm, dessa música eu gosto muito, meu piolhinho – ela disse, lambendo-lhe o peito.

Explicando que não confiava no seu autocontrole quando bebia, ele não a penetrou. E foi com lábios e mãos que trocaram prazeres.

Acenderam cigarros e ficaram estendidos na areia. Numa parte do mar, raios da lua formavam uma faixa brilhante e trê-

mula nas águas. Noutra parte, a escuridão não permitia que se divisasse no horizonte o encontro ilusório do céu com o mar. “Piolho de um cisco na imensidão do universo,” ela pensou. E outros pensamentos, numa série desordenada, lhe ocorreram: “As circunstâncias formam o que somos e o que somos é consequência do que pensamos. O homem é um animal inteligente que cria lavagens cerebrais e burro por se sujeitar a elas. O homem paga mico pra macaco; temos educação pra isso. Estado que exclui nem defesa merece, só reformatório. O amor marginalizou-se, só a justiça poderá regenerá-lo. O profissionalismo insere-se na cidadania e a cidadania no humanismo. Você pediu para nascer o que é? É mais coerente quem leu e não crê do que quem crê e não leu. Não se matam pessoas, massacram-se más idéias... Os bebês não se drogam...” Coisas de Cisco que a levavam a múltiplos pensamentos sobre a vida dos “piolhinhos” no cisco universal, o planeta Terra. Suas reflexões foram interrompidas por Cisco.

– Vamos nadar? Nessa brincadeira eu comi até areia!

– Se você comeu areia, imagine eu! – ela disse, jogando o toco de cigarro e acompanhando-o.

Nadaram sem se atrever a ir longe. Logo cansaram e sentaram-se à beira-mar, deixando que no vai-e-vem da maré as águas subissem até suas partes que outrora Pero Vaz de Caminha chamara de “vergonhas” ao se deparar com os índios nus. Cisco disse:

– Olha, Ab, por mim já estamos casados. É só oficializar no cartório. Mas eu acho que você deveria pensar em termos um filho só depois de tirar o seu diploma. Menos atarefada você vai gerá-lo com prazer maior.

– É, pensando bem, é mais sensato. Mas onde vamos morar? No meu recanto ou na sua casa?

– Antes de seu Edgar viajar, conversei com ele. Propus a possibilidade de comprarmos a casa em que estou.

– Mas nós vamos ter dinheiro pra isso?

– Calma. Já que a casa será herança do filho dele, o seu Edgar vai conversar com o filho e ele talvez aceite fechar negócio. Você vai ter que ter muita paciência comigo, porque eu vou mudar de ramo.

– Você vai parar com a vida de camelô?

– Vou! Não acredito que a Erundina resolva a bagunça. Se em Paris não se resolve o problema, imagine aqui. Além

do mais, essa situação de dar propina pra fiscais, a minha consciência não digere direito. Não tem sentido brigar contra uma coisa e ao mesmo tempo ser conivente com ela. Isso é coisa de covarde, idiota ou sacana. Por qualquer prisma que se veja, é uma miséria moral.

– Mas você vai fazer o quê?

– Estou pensando em cantar em barzinho.

– Que legal! Eu nunca entendi porque você não se meteu logo no meio musical!

– Quando eu era jovem foi por medo...

– Medo?! Medo do quê?

– Medo do meu temperamento. No meio, rolam drogas e eu tinha certeza de que me envolveria. Veja a Elis, até ela foi pro saco... Depois há outra coisa: prezo minha liberdade de ser o que sou e não me sujeitaria a compor e cantar o que um diretor comercial quer. Acho que há grande diferença entre um artista com espírito artístico e um artista com espírito mercantil. Prezo mais o espírito artístico e acho que o artista que se sujeita a regras da mídia tá mais pra arteiro do que pra artista. Além do mais, o sucesso não é o que almejo. Acho que o sucesso de público é uma prisão compensada pela adoração alheia, mas isso não combina comigo. Eu acho que a fama tem um fundo psicológico de dependência da adoração do público, e é preciso ter muita estrutura pra não se despersonalizar e tornar-se uma imagem em vez de uma pessoa. Prefiro minhas dores e meus fracassos a tornar-me uma imagem. E a liberdade de ir e vir com tranquilidade me faz bem. No caso a matéria perde, mas o espírito ganha.

– Então você só vai cantar em barzinhos e não vai tentar gravar discos?

– É. Eu posso tentar com que gravem minhas músicas, mas só vou cantar em bares. Tenho amigos que me acompanham e logo que eu começar irão me ouvir. E isso já aumenta a clientela do bar em que eu for contratado. Se no futuro houver condição, faço como alguns vêm fazendo: gravo uma fita e saio vendendo. Mas vou precisar de sua paciência até a coisa engrenar.

– Ah, bem, isso é o de menos. Se você casou comigo é porque você sabe que eu sou a melhor mulher do mundo, não é? – Ela o abraçou, mordiscando-lhe o queixo.

– Não posso concordar com isso, porque precisaria conhecer todas as outras mulheres do mundo para ter certeza. E eu não tenho tempo nem disposição.

– Puxa, você não cria pra mim nem um pouquinho de ilusão! – Ela fingiu decepção fazendo beicinho.

– Ilusão é como a desgraça: não precisa procurar que vem de graça. Vou te dar uma, agora.

– Uma ilusão?

– Não, uma decepção: eu vou me internar uns dois meses e você é quem vai preparar os papéis do casamento e a mudança.

– Você vai se internar onde? Pra quê?

– De janeiro a abril vende pouco naquela banca. Eu vou aproveitar este tempo e me internar. Vou dar uma virada total na minha vida, preciso me organizar mentalmente. Vou me internar numa clínica de recuperação...

– Ah, pensei que você fosse para um spa!

– Não, vou para clínica. Com o dinheiro que gastaria num spa eu não poderia casar depois.

– Mas pra que você precisa se internar numa clínica de recuperação? Pra fazer um tratamento tem que ser um mínimo de seis meses!

– Eu preciso me internar porque vou casar com você, e isso exige severa concentração para preparar o espírito – ele brincou. – Vou ficar dois meses só. Ninguém pode me segurar numa clínica a hora que eu quiser sair. Mas além de me reorganizar mentalmente e preparar o novo rumo, eu vou parar de fumar! Cigarro também é droga.

– Ei! Aí você cria um conflito na minha consciência. Se você parar eu vou me sentir mal por continuar fumando!

– Nada mal pra quem pensa em ter um filho.

– É verdade! Eu preciso parar também – ela concordou, já antevendo a outra briga dura que teria pela frente. Sabia que vencer o vício do cigarro seria tão ou mais difícil do que vencer a luta que tivera com as outras drogas. Mas a situação lhe era favorável, já que Cisco estava a seu lado e com a mesma intenção. Além do mais, sabia que tinha de preparar o corpo para receber o filho que queria ter. Isso era um grande incentivo.

E assim, com a bênção do mar e o testemunho das estrelas e da lua, planejaram o futuro. Um planejamento sem a idealização fantasiosa comum à maioria dos casais que sonha com o bom sem se prevenir do ruim. Vendendo o ponto na Praça da Árvore, alguns eletrodomésticos que eram sua poupança e o terreno, eles teriam dinheiro pra negociar a compra da casa com

seu Edgar e parcelar o restante das prestações. Abigail ainda propôs que vendessem a kombi e o fusca e comprassem um outro veículo que servisse aos dois.

Era um bom início, ela pensou satisfeita. Melhor do que o que ela idealizara em suas elocubrações matrimoniais. Quando se recolheram, ela ainda sonhou mais antes de dormir.

Pela manhã, acordou com o sol forte. Espreguiçando-se diante da barraca, viu Nanci e Bruna limpando a bagunça da noite anterior.

– Acordou, dorminhoca? – perguntou Bruna. – Está de ressaca?

– Não. A Nanci é que deve estar! Ela bebeu mais vinho do que eu e ainda umas trocentas cervejas!

– Estou mesmo! Hoje eu não bebo nada! – respondeu Nanci, em tom de arrependimento.

– Eu estou é um pouco ébria mesmo sem bebida! – confessou Abigail.

– Imagino! – disse-lhe Bruna, aproximando-se dela e abraçando-a. – Parabéns, amiga! Tenho certeza de que você fará bem ao Cisco e ele a você.

– Eu também acho, e é o que quero.

– Mas é aquilo que te disse na chácara: não espere uma vidinha conservadora e rotineira.

– Isso eu nem espero, com tudo o que ele fala! Mas eu não acho que será difícil conciliar o meu jeito com o jeito dele. Ele é radical nas palavras, mas não é intransigente no trato.

– É, isso tá até na máxima que ele sempre repete: “Não se matam pessoas, se estraçalham más idéias!”

– É. O que significa que vamos discutir muito, sem nos matar. Mas falando nele, onde está o meu capitão Rochedo? – Abigail perguntou, sorrindo.

– Ele acordou agora há pouco e foi se lavar lá no riacho.

Nanci lhe trouxe café e ela acendeu um cigarro. Lembrou-se de Cisco e seu propósito de parar de fumar. Olhou para o cigarro, comentando:

– O Cisco disse que vai parar de fumar.

– É uma decisão sábia – disse a não fumante Nanci. – E você também deveria. Assim o seu filho respiraria melhor no seu ventre.

– Ah, Nanci, não exagera! A gente gera o filho no útero e não no pulmão! – ela tentou defender-se sem elementos de defesa.

– Ele está dentro de você! se você estiver impura, gerará um filho com problemas.

Ela deu o braço a torcer, concordando com Nanci. Entrou na barraca, apanhou sua sacolinha onde guardava os produtos de higiene pessoal e foi até a mata.

Logo ao chegar, pegou Cisco num flagrante inusitado: agachado, ele acabara de bater uma foto do chão.

– O que tem aí pra você tirar foto?

– Essas formigas!

Ela se aproximou e viu uma trilha de formigas cortadeiras, muitas delas carregando folhas enormes em relação ao seu tamanho.

– Ah, não! Você está gastando filme com isso?! Temos que tirar fotos de nós para nos lembrarmos quando estivermos velhinhos!

– As formigas me lembram bilhões de pessoas e formam um universo interessante! E elas estarão em nossas lembranças – ele respondeu, levantando-se rápido e procurando um ângulo para bater uma foto dela.

– Não! Com esse cabelo e a cara amassada, não! – Ela tentou cobrir o rosto com a sacolinha, mas ele bateu antes.

– Tomara que queime! – ela disse.

Ele comentou sarcástico:

– Não vai queimar e eu vou mandar fazer um pôster e pôr em nosso quarto! – Ele a abraçou, perguntando: – Você está bem? O vinho não despertou o seu monstrinho?

– Não. Eu estou bem. Mas não me peça para beber de novo.

– Claro que não.

Depois de se lavarem, uniram-se a Bruna e Nanci. Ele juntou as cinzas e tocos que sobraram das duas fogueiras que fizera e devolveu tudo à mata. Elas recolheram as latas de cervejas e restos de comidas e guardaram em sacos, para levarem de volta. Tudo organizado, os casais se dividiram: Bruna e Nanci foram brincar no mar e Abigail arrastou Cisco para catarem os mariscos que vira no dia anterior. Enquanto ela pegava facas e um saco para trazer os mariscos, ele ocupou as mãos com quatro latas de cerveja. Abigail percebeu que ele estava com mais sede do que os dias anteriores.

Entretida na operação e pensando na mariscada que faria, subitamente lhe ocorreu outro pensamento:

– Cisco, mesmo casado você pensa em escrever o seu manual de maquiavelismo para plebeus? – ela indagou

– Eu vou escrever esse livro! Mas “manual de maquiavelismo” é um exagero irônico. Isso seria bobagem. O que pretendo é escrever um livro destrinchando o conhecimento e a história humana de uma maneira que até semi-analfabeto consiga compreender. Quero questionar os costumes usando os conhecimentos adquiridos. Acho que questionar, buscando resolver as dúvidas da verdade real, é mais dignificante do que se acomodar na certeza de verdades fabricadas. É uma questão de nos levar a sério e a vida também, Ab...

– Acho que vão te achar um maluco.

– E eu sou maluco! Se vou contra a cultura mundial, tendo só eu como soldado, sou maluquíssimo! Mas na verdade só vou comparar minhas loucuras com as loucuras dos indivíduos que compõem a humanidade. Nada de mais...

– Isso é dar murro em ponta de faca.

– Não me preocupa. A faca não estará na minha mão. Estará na mão de um cristão qualquer. Tudo dependerá da consciência dos cristãos...

– Na sua Coleção Refletir, eu li umas coisas que você escreveu que são muito duras! É daquele jeito que você pretende escrever?

– Ora, Ab, quando se escreve rascunho se escreve passando as reações imediatas que o pensamento provoca. Com você não é assim?

– Claro que sim! Mas em você as reações parecem bombas!

– Aquilo é rascunho. Coisas pra refletir! Naturalmente, na hora em que for escrever serei mais ponderado. Eu sei traduzir as minhas emoções de maneira delicada. Por exemplo, numa situação em que eu sinta vontade de dizer “Esta sociedade nojenta e filha da puta! Parideira de misérias e sacanagens! Prenha de incautos e gigolôs sociais!”, eu posso traduzir esta emoção de outra forma: “Esta sociedade desumana que cultua uma cultura imprópria para a boa formação de seus filhos. Esta sociedade que nos lembra as maldições de Silo e Jerusalém no Velho Testamento e não os preceitos cristãos tão comentados e não vividos! Esta sociedade que vira do avesso as palavras, motivada por interesses dos maus exemplos que a humanidade aprendeu a reverenciar como grandes homens, por ingenuidade, ignorância, acomodamento e má formação. Esta sociedade...”

– Ah, não. Pode parar! Esse livro vai ficar longo. Acho melhor você ser curto e grosso!

– O que eu quero, Ab, é escrever um livro que se contraponha à cultura paternalista e manipuladora do poder. Assim como o poder manipula o imaginário popular, eu quero questionar o imaginário do poder. E não é querer demais! É só querer o direito. Quero questionar a cultura que prepondera no mundo por ser rica, armada e hipócrita. Se Luther King tinha um sonho, eu também tenho.

– Me desculpe, mas eu acho que você está sendo pretensioso demais. – Ela colocou alguns mariscos no saco e olhou-o, procurando captar sua reação.

– Eu sei que estou! Por isso só vou escrever esse livro quando me sentir bem maduro, talvez depois dos 60 anos. Mas todos os dias vou investir algumas horas para me dedicar a ele. Colher o máximo de informações. Na verdade, o único problema que terei ao escrever o livro é que vou tentar não ter um pingão de hipocrisia no que escrever. E isso incomoda os mal acostumados. Não farei apologia de droga nenhuma; não farei apologia de nenhuma guerra, nem santa nem profana! Só vou me utilizar de argumentos cientificamente comprovados, procurando ser o mais sincero possível e rebater sofismas. Como eu acho que conhecimentos adquiridos pela humanidade são patrimônio humano e devem ser estendidos a todos, vou fazer apologia disso. Farei apologia do ensino fundamental democratizado e proporei a justiça como a norma básica de convivência social. Nada demais. Isso era o que Jesus queria! É uma pena que eu não tenha um curso de psicologia. Acho que mais pra frente vou ter que arrumar um jeito de estudar, porque a psicanálise é ótima para o que pretendo. Quero analisar o perfil dos poderosos pela doutrina da psicanálise.

– Não vai estudar economia? A economia é tão poder quanto a política e outros segmentos.

– Eu vejo assim: a economia é como um programa de computador. Se os homens que a programam forem bons e justos no computador-sociedade, ela funcionará perfeitamente bem. O que é preciso é programar os economistas para serem bons e justos. Não é um problema de economia, é um problema de educação social e humana.

– Entendi. Isso lembra aqueles pensamentos de Rousseau que você colocou na Coleção Refletir.

– É isso! *Do Contrato Social*, de Rousseau, é uma coisa para se pensar com muito carinho. Ab, há um logro muito sério que a humanidade arrasta desde o princípio da dita civilização, e que é um cancro nas entranhas humanas. Até o genial Aristóteles falhou no raciocínio ao aceitar passivamente a escravidão. Aristóteles achava que há homens que nascem para comandar e outros para serem comandados. Errado ele não está. Eu próprio não gosto de comandar ninguém! Só que ele analisou o fato pelo efeito e não considerou a causa. Veja só: peguemos Alexandre como exemplo. Alexandre foi dono do mundo. Ser dono do mundo significa matar milhares e escravizar outro tanto. – Ele tomou um gole da cerveja e ela parou para olhá-lo. – Alexandre não foi um grande comandante e nem um bom exemplo; no entanto, foi um dos maiores formadores de opinião da história humana.

– Aí entra o raciocínio de Rousseau: “Os escravos foram feitos pela força, e por natureza e covardia se perpetuaram.” É mais ou menos isso que ele diz, não é?

– É isso. Só que isso que nós chamamos de natureza merece “aspas”, porque há uma camada sendo formada para servir e uma camada menor sendo formada para comandar, e isso é má-formação induzida por insensíveis. Essa natureza do comandante e do comandado é fabricada pela educação respaldada por discriminação social, e as exceções que escapam tanto de um lado quanto de outro são insignificantes e sem condições de modificar o panorama geral. E, dentro desse contexto, a humanidade foi comandada por uma maioria de péssimos líderes, conseqüentemente contaminando e formando péssimos comandados. Esse mecanismo não aprimora o ser humano. E veja só, a Igreja adotou conceitos aristotélicos na sua doutrina. Como conciliar essa falha de Aristóteles com a palavra cristã “Não faça a outro o que não deseja para ti mesmo”?

– Cisco, sabe qual é a impressão que você me passa? Que você está a fim de escrever uma nova Bíblia!

– Não havia pensado nisso, mas não é má idéia escrever uma Bíblia modernizada. O Brasil é talvez, o país mais indicado para escrevê-la, já que estamos emperrados numa cultura colonial e somos um povo oprimido como foi o povo judeu. – Ele pensou um pouco e disse: – Sabe, Ab, o Brasil se identifica tanto com o povo hebreu que é o segundo país do mundo com vítimas de hanseníase. Só perde para a Índia. Veja só que ironia: Jesus curou um leproso, segundo as escrituras, mas

os cristãos de hoje não sabem se curar e até têm preconceito com uma velha doença que a medicina já tornou curável. Acho que estamos precisando de uma nova Bíblia mesmo. Além do mais, a Bíblia tradicional já não está surtindo efeito por excesso de uso. É como uma vacina que combateu o mal por muito tempo, mas o mal, como um vírus esperto feito o HIV, aprendeu a driblá-la ... – Ele parou um instante, como quem aprecia uma idéia, e continuou: – Pensando bem, é isso aí. Está na hora de o povo criar novas crenças, novos folclores e tradições. Novos blocos que a mídia não domine e nem ponha cordas. Precisamos de novos símbolos. Eu proponho endeusar a justiça! Acho que o computador vem aí para nos libertar dos condicionamentos.

– Mas tem muitas pessoas que dependem dessa crença, seja ultrapassada ou não!

– Eu sei. Mas há também muitas pessoas necessitadas de novos rituais, novas idéias e novo rumo. São pessoas criativas que querem planejar um futuro, sabendo que a bondade é má se as ovelhas ingênuas assanham a voracidade dos lobos. Sabe, Ab, se não se der novo rumo a esses jovens, muitos deles se perderão na confusão, tornando-se Barrabás, Jós e Herodes contemporâneos! Isso é mais perigoso do que a bagunça perversa da Idade Média. A tecnologia já trocou a espada pela arma a laser e o canhão por bombas poderosas que destroem esse planetinha em poucos segundos. Sem contar que os laboratórios já estão prestes a fabricar Adãos e Evas em série! Apesar disso tudo, a formação cultural da antiguidade está aí, querendo indicar o futuro aos nossos filhos. A antiguidade não pode impor sua diretriz nem ao nosso futuro, que dirá aos nossos filhos!

– Tudo bem, não se agite! Não tenho condições de discutir com você uma coisa em que não parei pra pensar e na qual você pensa constantemente. Além disso, eu li na Bíblia que quase todo mundo em Jerusalém estava contra Jeremias, e ele estava com a razão. E o padre Anselmo dizia que você tem o gene do profeta Jeremias! – ela ironizou e riu.

– Que gene de Jeremias o quê! Não sou profeta de nada nem tenho um deus cochichando no meu ouvido. Sou de carne, osso, sentimento e cérebro como qualquer um! Vulnerável como um qualquer. Além do mais, Jeremias ia no foco do problema e metia as caras! Acho admiráveis a franqueza e a coragem de Jeremias.

– Olha, Cisco, eu acho que se as coisas não melhorarem, quando você estiver velho e começar a escrever seu li-

vro, vai usar um jugo igual ao que Jeremias usava. Mas eu vou estar do seu lado, porque eu sei que você está certo!

Ela riu e ele a agarrou, dando-lhe um beliscão nas nádegas.

– Ai, bem! Jeremias não fazia isso com as mulheres de Jerusalém!

E beijaram-se, divertidos. Logo voltaram à lida com os mariscos e ele falou:

– Você vê, Ab, como presente e passado têm analogia? Os problemas que Jeremias enfrentava na antiguidade não diferem muito dos nossos problemas. Se a Babilônia e a Caldéia pressionavam os hebreus e atazanavam suas vidas, nós aqui temos os caldeus e babilônios contemporâneos nos atazanando. Se eles tinham dirigentes canalhas e corruptos, nós também temos. Se Jeremias brigava com os dirigentes, é porque ele tinha moral e conhecimento; agora, o povo daquele tempo era como a massa de hoje, não entendia nada do que estava acontecendo e era manipulada facilmente pelos espertalhões... Eu acho que você tem razão, eu vou escrever o meu livro como material para uma nova Bíblia! Que tal um capítulo na nova Bíblia chamado “Os bebês não se drogam”?

– Calma, Cisco! Eu falei isso porque foi a impressão que você me passou. Mas se você fizer, vai parecer deboche.

– Não sei quanto tempo vai demorar, mas eu ainda vou te provar que não sou eu o debochado. Debochada é a cultura que nos forma, manipulada pelos que detêm o poder.

– Será, Cisco, que isso que você chama de DNA cultural maligno é o culpado de tudo?

– Ab, a cultura que nos cobra bom comportamento e discernimento sobre o certo e errado não suporta um questionamento sério sobre o certo e errado dentro das sociedades. A sociedade que nos cobra o bem é má. A sociedade que nos cobra discernimento sobre o certo e o errado é a mesma cujos dirigentes matam, aprisionam ou discriminam se lhes apontam os erros. Isso seja em que tempo for e em qualquer canto. A cultura que nos forma é algo tão forte que por causa dela se praticam ferozes atrocidades... – Ele pensou um pouco e continuou: – Quer um exemplo de cultura feroz, à qual as pessoas se acomodaram como sendo natural? Algumas sociedades asiáticas e africanas têm por costume mutilar mulheres. E as mães castradas levam suas filhas para a castração, mesmo sabendo que as filhas correrão risco de vida e que se elas se salvarem jamais terão prazer sexual...

– Já ouvi falar disso. É a excisão do clitóris , não é?

– É isso. Imagine você nascendo lá! Não esqueça que não escolhemos país, raça ou sexo para nascer! Você poderia ter nascido lá. O clitóris dá a vocês sensações gostosas porque é um feixe de nervos. Imagine uma gilete castrando esse feixinho!

– Ai, bem! Me deu até um arrepio aqui! – Ela levou a mão ao púbis.

– Se você nascesse lá se acomodaria aos costumes como se acostuma com as injustiças de nossa cultura! Toda vez que ouço dizer que as mulheres vão mudar o mundo porque são mães e sensíveis, eu me lembro dessas mulheres castradas que levam suas filhas para o abatedouro por puro costume! É esse o poder da cultura e é isso o que causa a cultura do poder. Todos os povos têm que questionar o certo e o errado de seus costumes e de sua cultura. Eu acho que a justiça é a referência social, e a existência é referência para justiça.

– Caramba, que coisa triste! – ela disse, imaginando meninas sendo castradas por costume cultural.

Ele emendou:

– Ah, e eles extirpam também os pequenos e grandes lábios!

– Chega, bem! Deixa de ser sádico!

– Não sou eu o sádico! Sádicos são os que castram sonhos juvenis! Sádicos são os que castram física ou espiritualmente as crianças que vêm ao mundo, com práticas culturais idiotas. Os que castram o desenvolvimento da inteligência desmotivando o intelecto... Isso que falo, Jesus falou em “Sinais dos Tempos”, e ninguém leva a sério. Talvez não levem a sério meu livro. Mas eu sou teimoso e vou escrever.

E assim permaneceram, conversando, brincando e colhendo mariscos, com Cisco tomando cerveja mesmo reclamando que estava quente. Até que Bruna e Nanci os chamaram, propondo desmontarem a barraca à tarde e anteciparem a volta para São Paulo. Para elas facilitaria porque Nanci poderia ir cedo para a casa dos pais e ajudar a mãe nos preparativos para a ceia, já que seus pais iriam receber filhos, genros e netos. Bruna iria para a casa de Leilane, e ela e Abigail ajudariam nos preparativos por lá. As três concordaram com a idéia e Cisco aderiu. Mas Abigail não se contentou:

– Bom, nós já sabemos o que vamos fazer. E você, Cisco? Vai passar o Natal com a gente?

– Não. Você sabe que não. Vou fazer retiro espiritual. Tem gente que faz retiro espiritual no carnaval, eu faço no Natal.

– Ave, Cisco! Que comparação! Carnaval é uma festa profana e Natal é uma festa sagrada! – Nanci se ofendeu.

– Nanci, tudo é uma questão de crença! Para muitas pessoas o carnaval também é sagrado. Aliás, acho que há menos fantasias no carnaval do que no Natal. As fantasias carnavalescas são mais puras, porque as pessoas extravasam, escancaram suas fantasias embutidas. Agora, no Natal, festejam o aniversário de Jesus numa data em que ele não nasceu. Até gente que tem ódio de bebida enche a cara pra ficar feliz com a data. Os discursos são de cunho espiritual, mas o verdadeiro dono da festa joga Jesus pra escanteio. O Papai Noel, o dono da festa espiritual, é um símbolo do marketing materialista. Todo mundo entra no clima de dois deuses: o Money e Jesus! Isso sem contar que o discurso é de “amai-vos uns aos outros”, mas as seitas cristãs se acotovelam para arrebancar mais ovelhas. A fantasia do carnaval se expõe claramente como uma brincadeira. É espontânea, é sincera. Todos estão escancaradamente fantasiados. Até de Eva! E Madalenas é o que não falta. É uma festa que não foge de seu propósito.

– Cisco, que heresia! Você é muito cri-cri! Custa você relevar e aceitar que é uma festa comum à maioria? – Nanci irritou-se.

– Se a maior festa religiosa do Brasil fosse uma festa muçulmana, e se se ouvisse e visse em todos os meios de comunicação durante meses “salve Maomé, o profeta de Alá! Salve Maomé, o profeta de Alá!” da mesma maneira como se diz “Feliz Natal”, como você se sentiria cristã?

Abigail percebeu que os olhos de Cisco faiscaram e que ele sentiu ímpetos de ser bem ríspido com Nanci. Porém, num gesto repentino, ele abriu os braços dizendo:

– Por favor, Nanci, me abraçe! – E eles se abraçaram. O abraço foi intenso e emotivo.

Abigail sentiu, com uma fisgadinha no peito, que a linda Nanci formava um belo par com seu futuro marido. Seu olhar cruzou com o de Bruna e, constrangidos, desviaram-se, embaraçados, como se ambos denunciassem pensamentos iguais. Ainda abraçado a Nanci, Cisco falou, demonstrando claramente se esforçar para ser ponderado:

– Nanci, na época de Natal eu gostaria de ser cego e surdo pra não ter que ver e ouvir coisas que para mim são insu-

portáteis. Se dói pra você ouvir coisas que são contra a sua crença, imagine para mim, que as ouço várias por dia. Mas as outras crenças não me afetam, e não tenho problema em participar de festas de qualquer religião, sejam quais forem, desde que não me imponham ritmo e rumo. Aliás, a pluralidade cultural é que me permite ser o que sou, e o direito de qualquer um é meu também. Tenho consciência disso. Porém o Natal é pra mim insuportável. Trata-se de uma pressão psicológica, um estupro mental desrespeitando o meu direito de discernir. Os discursos natalinos saturam e parecem palavras de ordem para formiguinhas pegarem a fila! Eu acho que se os discursos natalinos surtisses efeito, eles não se repetiriam ano após ano. Essa festa não desafoga nem muda o rumo das coisas... Sinceramente, admiro Jesus assim como admiro os grandes homens que se rebelaram contra os opressores, mas acho que em festa natalina Jesus expulsaria o Papai Noel da mesma maneira que expulsou os vendilhões do templo, e tenho certeza de que seu discurso seria contra os opressores de hoje. Não esqueça que opressores também festejam o Natal e até o propagam para venderem mais. Aliás, na verdade, eu acho que Jesus nem participaria de sua festa! – Ele esticou os braços, convidando Bruna e Abigail a se integrarem ao abraço, e continuou: – Respeito a festa de vocês, mas, por favor, não forcem a barra! Não tentem me forçar a participar de algo que não me faz bem. Natais me trazem tristes lembranças de infância, e eu já enjoei de ouvir sempre os mesmo discursos. Quanto mais forçadas são as convenções sociais, mais eu as recebo como um estupro mental. Sou pluralista, mas não vejo pluralismo naquilo que é calcado fanaticamente como lavagem cerebral, tipo “eu creio, você tem que crer”. Gostaria de tirar isso de letra, mas não consigo. Essa coisa me dói. Me desculpem...

Ele calou-se e desfizeram o abraço. Nanci, emocionada, o beijou na face, dizendo:

– Desculpe, Cisco. Não pensei que era assim.

Abigail envolveu-se em seus braços e recostou-se em seu peito. Bruna, depois de um beijo rápido, tentou desfazer o clima de constrangimento:

– Gente, vamos beber que o ambiente fica mais leve! – Encontrou no isopor somente duas latas. Nanci rejeitou, e ela jogou uma para Cisco, abrindo a outra para si. Abigail preferiu chupar manga e Nanci a acompanhou.

Por várias vezes Cisco já havia lhe dito que o fim de ano era para ele a pior época por causa do Natal. Aquilo que para

a maioria era uma festa, para ele era um funeral. Ele já havia lhe dito que o Natal é uma festa em que a maioria, sem ter noção real do que festeja e sem ter intimidade sincera com o aniversariante, entra na festa como bicão. Ela, que já havia tomado conhecimento de alguns fatos sobre a vida real de Jesus em coisas que lera, concordava em parte com ele, mas não queria abrir mão de um hábito convencional para a maioria. Ela entendeu que, como casados, não passariam os Natais juntos. Agora, tendo seu futuro entrelaçado ao dele, usou de seu direito e perguntou:

– Cisco, no futuro, nossas crianças passarão o Natal comigo ou com você?

– No futuro, talvez eu ou os cristãos tenhamos feito análise e mudado o comportamento. – Ele tentou brincar sem ter ânimo para tal. – Abigail, tenho muitos pontos fracos e talvez esse seja o pior, mas é claro que esse meu comportamento é uma das coisas que terei para pensar na minha internação. É claro que, em princípio, as crianças devem sempre passar o Natal a seu lado! Mas não espere que eu me sujeite ao que me incomoda, nem por heroísmo nem por covardia! Se mudar de opinião é porque consegui encontrar uma fórmula de conciliar a coisa sem que me machuque ou me irrite.

Abigail não esticou a conversa. Preferiu dar tempo ao tempo, pois se os Natais não mudam, quem sabe Cisco mudasse de opinião.

Há ocasiões em que um detalhe muda todo o comportamento do coletivo. Foi o que aconteceu entre os quatro. O episódio afetou o humor de Cisco e, por consequência, afetou o humor de todos. Decidiram não preparar almoço e se alimentaram com bolachas, pão com patê e frutas. Por sugestão de Abigail, resolveram desmontar o acampamento e ir até São Vicente, onde ela veria uma amiga que tinha barraca na feira de artesanato da cidade. Lá jantariam e então seguiriam para São Paulo.

Com isso desmontaram a barraca, guardaram os apetrechos e partiram, tendo ainda o sol por testemunha.

Bruna assumiu o volante, e percebendo que o clima emocional estava ainda um pouco carregado, começou a cantarolar o refrão de uma música que Abigail já havia ouvido entre as canções de Cisco.

– Você conhece essa música, Bruna?

– E como conheço! A gente costumava cantar quando ficava na pastoral trabalhando.

– Eu gostei dela. – Emendando a fala ao gesto, pegou o violão que estava no console e pediu a Cisco que cantasse. E ele e Bruna cantaram tendo as palmas de Abigail e Nanci como percussão.

Pode parecer despaltério
Incesto, adultério
Ou grande safadeza
Mas sou filho do mistério
E amante da mãe natureza!
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou!
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou!

Sou sangue que flui em artérias
Eu sou matéria pensante
Sou um ser indivisível
Milagre glorificante! Sou matéria sensível
Universo invisível
Mistério constante
E sou um ser perecível
Instável e extravagante...
Sou frágil,
Sou domesticável
Sou sugestionável
Eu sou impressionante!
Sou frágil
Sou domesticável
Sou sugestionável
Eu sou impressionante
Moro dentro de mim
Mas sou aconchego de lar!
Eu sou um ser familiar
De uma família de estranhos
Eu sou divisão de rebanhos!
Eu sou procissão de protestos
Sou muro de manifestos
E mural de lamentações.
Eu sou carnaval de aflições!

Eu sou poço de ideais! Sou grito de liberdade
De fraternidade e direitos iguais!
Porém sou refém da vaidade
E a bem da verdade
Sou preso a grilhões culturais!
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou!
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou!

Sou fonte de leitos indignos
Sou vento com furor de vândalos
Sou chama de calor maligno
Eu sou elemento de escândalos!...
Eu sou semelhante a Adonai
Engravido e maltrato a mãe natureza!
Eu sou protegido do Pai
Por patuás de poder
Com patuás de riqueza.
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou!
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou!

Sou animal social
De bens cultural e genético
Sujeito a lavagem cerebral
De duvidosa moral

E de cunho anti ético.
Sou emocional, sou fatal, sou feroz, sou letal
Como um disperso projétil, sou emocional
Sou fatal, sou feroz e letal
Como um disperso projétil...
Mas nada, nada seria
Se um dia qualquer
O ventre de uma mulher
Não estivesse fértil
Mas nada seria se um dia qualquer
O ventre de uma mulher não estivesse fértil.
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou
Eu sou! Eu sou! Sou semente que vingou

Eu sou! Eu sou! A camisinha furou!
Eu sou! Eu sou! Ela não me abortou!
Eu sou! Eu sou! Será que ela me programou?

Terminaram de cantar, e Nanci elogiou a música, dizendo que era forte e vibrante. Abigail perguntou:

– Cisco, que nome você deu a essa música?

– “Obrigado, mães”!

– Ah, pensei que era: “Sou filho da puta!”

Riram. Mas Cisco, detalhista, logo explicou:

– Todos nós temos mais de uma mãe. Somos filhos da mãe natureza, da mãe mulher, da mãe cultura. Eu fiquei em dúvida entre “Eu sou!” e “Obrigado, mães”. Também poderia ser “Obrigado, cegonha”!

– Ah, Cisco, você lembra quando você cantou essa música para o padre Anselmo? – perguntou Bruna.

– Lembro. Ele tirou um sarro com aquele negócio de me chamar de cri-cri.

– É! Abigail, o padre Anselmo ouviu a música. E eu tava doida pra saber a opinião do padre! Ele ouviu e disse, gozando: “Eu estou pasmo! Você é um cri-cri.” – Bruna começou a gaguejar: – “Você é um cri-cri... cri-cri... cri-cri-crítico implacável!” Aí o padre Anselmo começou a criticá-lo por desconsiderar a fragilidade do imaginário popular. Lembra-se, Cisco?

– Claro que lembro! Eu nunca concordei com essa preocupação paternalista com a fragilidade do povo. Isso não passa de falta de educação tanto de um lado quanto de outro! E minha preocupação é com a falta de educação do poder, já que é ele que fragiliza o imaginário popular, deseducando e fragilizando o povo. A gente sempre tinha essa discussão! Essa cultura de tutelamento faz parecer que o sujeito bom da boca precisa do carente para se sentir útil e bonzinho. Acho isso ridículo.

E a conversa transcorreu sobre o tempo em que Cisco, Bruna, dona Jandira, Antônio Celso e outros participavam da pastoral com padre Anselmo. Abigail ficou sabendo que nesse tempo Cisco bebia e chegava a exagerar em alguns fins de semana, deixando o grupo na mão. Já naquele tempo, apesar de cooperar com os preparativos das festas natalinas para a garotada da comunidade, ele não comparecia à festa.

Em meio à conversa, Abigail comentava sobre os locais por onde passavam e fatos que lhe vinham à memória, já que viajavam por lugares que lhe foram íntimos durante muito tempo. Apesar do desejo de rever velhos amigos em Santos, ela descartou a hipótese por ser inviável e não ter nada a ver com os companheiros de viagem. Veria apenas Sueli, uma colega do tempo de colégio, que ela sabia que defendia seu pão como artesã na feira de artesanato de São Vicente. Sueli serviria de ponte para suas lembranças aos amigos.

Ao chegarem, Cisco apanhou os sacos que trouxeram do acampamento e disse que iria colocá-los na lixeira da praça e depois comprar cigarros. Abigail se propôs a esperá-lo.

– Vão indo! – exortou ele. – Esta feira é pequena, eu acho vocês.

– Tudo bem! – concordou Abigail. – Olha, é uma barraca de macramé. Sabe, essas coisas de sisal?

– Tudo bem! – E ele foi-se com os sacos de lixo.

Velhos amigos quando se encontram têm muito para conversar. Se forem mulheres, têm mais. Pelo menos foi o que Abigail e sua amiga demonstraram. A conversa desenvolveu-se tanto que Bruna e Nanci, que haviam simpatizado com Sueli e participado da conversa, resolveram dar uma volta na feira. Deram duas, tornando-se capazes até de informar onde ficava a barraca disso ou daquilo em toda a feira. E Cisco não apareceu.

Abigail, que havia dito a Sueli que seu noivo estava com ela e logo viria, preocupou-se, e foi ter com Bruna e Nanci para procurá-lo.

– Caramba, acho que é a primeira vez que o noivo sai pra comprar cigarros e abandona a noiva na despedida de solteiro! – ela reclamou. Mas Bruna foi perspicaz.

– Abigail, acho que aconteceu o que não queríamos. Vamos aos bares.

Encontraram-no encostado no balcão de um bar, em animada conversa com dois senhores. Na mão um copo americano, que Abigail deduziu conter vodca, talvez russa. Ela conteve a decepção, mas soube que Cisco percebeu seu olhar desapontado. Bruna antecipou-se a ela:

– Cisco, rodamos por todo canto e não te encontramos!

– Ah, é, eu parei pra tomar uma vodca e comecei a bater papo com os companheiros. A conversa estava boa e o tempo passou. Tô indo!

– Nós precisamos jantar e pôr os pés na estrada!

Ele bebeu o resto do copo numa talagada, pediu a conta e pagou. Pelo valor, Abigail percebeu que ele havia bebido mais do que uma vodca. Ele se despediu dos homens que lá estavam e as acompanhou. Colocando o braço sobre o ombro de Abigail, falou, cínico:

– Não fique chateada, pois é minha despedida de solteiro!

– Espero que não se prolongue tanto até se tornar despedida de casado! – As palavras saíram dela sem filtro algum e ela arrependeu-se do que disse. – Desculpe, bem. Estou chateada com a situação, mas fui avisada de que aconteceria. Não tenho do que reclamar. Mas se contenha, você tá indo depressa demais! – Ela beliscou-lhe a carne da cintura e disse: – Eu te amo!

– Mesmo sabendo que o amor é uma coisa que todo mundo explica e ninguém entende?

– Mesmo sabendo que você é inexplicável! – Ela sorriu.

Interromperam a conversa porque um grupo de ciganas passou por eles e uma delas abordou Nanci, que ia logo à frente com Bruna. A cigana perguntou:

– Quer ler seu futuro, moça? – E, atrevida, pegou a mão de Nanci, dizendo:

– Seu futuro é longo. Quer que eu leia?

Nanci não teve tempo de responder porque Cisco antecipou-se:

– Cigana, que graça tem para ela saber o enredo e o fim de seu filme?

– Sabendo o destino traçado é melhor pra preparar o espírito pro futuro!

– Ah, sim! Que interessante! Quanto você cobra?

– Dá cinco cruzados novos, tá bom.

– Tudo bem! Nós vamos fazer um trato. Você não pode ler a sua mão e eu não posso ler a minha. Então eu leio a sua mão e você lê a minha. Combinado?

– Que que é isso?! E você lá sabe lê mão, por acaso?

– Claro que sei! Fiz curso de quiromancia em Harvard. Só que tem uma coisa: por eu ser PhD eu cobro dez, portanto você vai ter que me dar cinco cruzados novos. Também posso ler o seu futuro pelo cruzamento do DNA cultural. E aí é de brinde!

– Ah, vai tomar no cu! – gritou a cigana, irritada, e saiu apressada, procurando alcançar as companheiras, talvez xingando o destino que jogou aquele sujeito debochado em seu caminho, sem previsão alguma.

Nanci e Abigail acharam graça no episódio, mas riram com discrição. Bruna porém, juntou uma gargalhada ao riso de Cisco, que ainda dizia:

– Se o meu destino fosse tomar no cu, eu iria com prazer! Mas por praga de cigana eu não tomo, não!

Entraram na feira de artesanato com ele comparando os ciganos aos gatos e dizendo que gostava da liberdade deles. Fez apenas uma ressalva sobre aos ciganos, dizendo que aceitava a rapinagem nos gatos, mas não nos ciganos, por serem humanos.

Sueli simpatizou com Cisco e ele interessou-se pelo seu trabalho. Eram abajures e vários outros objetos trabalhados com sisal. Enquanto Sueli lhe explicava todo o trabalho aplicado na confecção dos objetos, Abigail analisou as transformações que a bebida causava no futuro marido. As pálpebras caíam, causando a impressão de olhos menores e maliciosos, um traço constante de riso nos lábios e um ar meio cínico na fisionomia transmitiam a aparência de segurança, safadeza e liberdade. “Não é que o danado fica ainda mais simpático?”, ela pensou, e ao mesmo tempo lembrou-se de Paulo Sérgio, que também transmitia essa ilusória aparência. Mas para ela, que trazia na memória Paulo Sérgio como seu maior erro sentimental, Cisco era um amor real, limpo, e a melhor proposta de liberdade possível. Sabia que a decepção que ele lhe provocava no momento não seria empecilho no futuro. Paulo Sérgio fora um obstáculo, Cisco era a meta. Eram diferentes.

Despediram-se de Sueli, com Abigail deixando lembranças e mais lembranças para seus amigos de convivência passada, e foram jantar para seguir viagem. No restaurante, o garçom trouxe o cardápio e recebeu um pedido que surpreendeu as mulheres:

– Uma vodca!

Bruna censurou:

– Eu acho que você tá indo com muita sede ao pote, Cisco!

– Está tudo dentro dos conformes. Bebo, janto, fico com sono e durmo na viagem! Me escondo debaixo da saia da Abigail, conforme a receita do samba do Martinho da Vila. – Ele cantou, olhando para Abigail com cinismo: – Eu quero me esconder debaixo dessa sua saia pra fugir do mundo...

Abigail manteve-se calada. Ela sabia que, depois do jantar, seguiriam viagem e o efeito do álcool se atenuaria. O problema era depois, o dia seguinte, já que o monstinho estava desperto. Seu Edgar e Ricardinho haviam viajado e ela não acreditava que

Remildo teria condições de convencê-lo a passar o Natal com ela e o grupo na casa da irmã. O dia seguinte era o problema.

Talvez por sua preocupação com a bebedeira de Cisco, ou por outros fatores que lhe escapassem, ela não sentia vontade de beber, apesar das doses de vinho que tomara na noite anterior, e isso a impressionava. Imaginou que estava espiritualmente bem e por isso o deslize que cometera contra sua promessa de abstenção eterna não alterara seus princípios e nem despertara desejos que não queria despertar. Usufruíra de um prazer, mas sem esquecer o ditado de que “o preço da liberdade é a eterna vigilância”. Usara da liberdade de quebrar uma promessa feita a si própria e não fora intransigente consigo mesma, porém sabia que teria de redobrar a vigilância sobre suas sensações para não cair na arapuca do desejo, transformando a exceção em rotina. Se isso acontecesse, seria desprezar uma conquista que também lhe dava prazer e era até motivo de orgulho. Saíra do fundo do poço para ser livre – voltar a ele seria idiotice. A consciência disso lhe dava segurança.

Dizem que bêbado não dorme, desmaia. E foi isso que aconteceu com Cisco. Fez das coxas de Abigail seu travesseiro, dormiu e roncou a metade da viagem de volta. Durante o jantar ele havia repetido a dose de vodca, sob os protestos das mulheres. Bruna e Nanci tomaram suco e ele acompanhara a janta com cerveja, mais falando do que comendo.

Pelo estado de Cisco, mudaram o itinerário. Nanci queria passar na casa de Leilane, mas Abigail pediu que os levassem para casa primeiro. As duas mulheres os deixaram em casa e se foram.

Cisco fez questão ainda de beber uma cerveja da geladeira de Remildo. Bebeu, mas Abigail conseguiu fazer com que ele tomasse banho em sua companhia, alegando que ele não tinha condições de tomar banho sozinho. Depois do banho, Cisco dormiu.

E ela se deitou pensando no dia seguinte.

CAPÍTULO IX

E o dia seguinte chegou. Abigail acordou às nove, e Cisco ainda dormia. Sua experiência lhe permitia prever que ele acordaria com o organismo debilitado, com o cérebro ainda impregnado pelos vapores do álcool e sentindo necessidade de beber. Resolveu comprar frutas e verduras, já que a geladeira estava vazia. Com o carro na casa da irmã, isso lhe custou uma apressada caminhada, já que queria voltar antes que ele acordasse. Sabia que com o espírito destemperado, cigarro e bebida seriam seus primeiros desejos. Uma vitamina ou uma salada ajudaria na recuperação.

Ao voltar, ficou satisfeita por ver o carro de Sandro no portão. Mas, ao entrar, a surpresa lhe foi ingrata: Cisco estava com um copo de cerveja na mão, conversando com Leilane e Sandro na cozinha.

– Ah, não! – exclamou Abigail. – Vocês trouxeram cerveja pra esse cara!

– Só passamos aqui para buscá-los pra almoçar em casa, e não trouxemos nada! Só a boa vontade – defendeu-se Sandro.

– Eu acordei o Remildo e pedi que fizesse a caridade de me ceder uma cerveja porque meu estômago está ressecado, e eu fiquei com medo de morrer! – Cisco explicou, com a sem-vergonhice das palavras endossando o cinismo da fisionomia.

– É claro que tem que estar ressecado! A vodca resseca, e além do mais tem uma graduação alcoólica alta. Você deveria ter tomado só cerveja ontem!

– Acontece que no meu ritual de purificação a cerveja não cai bem porque só purifica o organismo. A vodca depura o espírito!

– Eu reparei em você ontem! Até o limite você fica sem-vergonha, passou do limite você fica bem bobo.

– Nada de mais! Tem tanta gente que nem bebe e é sem-vergonha, e tantos outros que são bobos sem beber! Estou dentro do contexto social. Apesar de meio aéreo e ressecado.

Demonstrando estar impaciente com a conversa fiada de Cisco, Leilane cortou a conversa:

– Ô Casal-Zero, viemos aqui convidá-los para almoçar em casa e não pra ficar ouvindo papo furado!

– Eu comprei frutas pra esse cara tomar uma vitamina, mas ele caiu de cara na cerveja logo de manhã... – queixou-se Abigail.

– E daí?! Joga isso na geladeira e tá resolvido! – Sandro solucionou o problema de Abigail. – Certo, Cisco? Lá em casa tem cerveja; bebemos, almoçamos e depois você tá liberado pra se esconder do Natal!

– Eu não me escondo do Natal. Faço retiro espiritual! Mas tudo bem, vou filar esse almoço! Só que vou levar o Remildo. Depois ele volta comigo, porque a Abigail vai ficar.

– Antes que você comece a beber e perca a noção das coisas, me ouça. – Abigail olhou-o séria. – Eu vou passar o Natal lá e você se entope de bebida hoje. Mas amanhã eu vou estar aqui logo pela manhã e você encerra essa despedida de solteiro, o retiro espiritual e toda a desculpa pra beber! Amanhã, se for preciso, o que você vai tomar é injeção e soro! Tá feito o trato?

– Você esqueceu de falar da vergonha na cara. Sem tomar vergonha na cara, não consigo tomar injeção, nem vitamina e nem atitude! Mas tá feito. Amanhã estou aos seus cuidados.

– Olha, Cisco, você não está bêbado! Você tem condições de memorizar o que está falando!

– Tá vendo, Sandro, como vou casar com uma mulher competente? Além de esposa é uma personal trainer.

– Mas se previna! Quanto mais competente a mulher, mais cara fica!

Ela desconsiderou a pilhéria de Sandro, deixando para Leilane refutar a bobagem que o marido dissera, e saiu para buscar Remildo. O rapaz ainda tomava café porque ficara até altas horas assistindo a filmes na TV. Ele havia comprado um frango assado para sua solitária ceia de Natal e iria preparar arroz e salada para acompanhar. Pretendia almoçar num bar próximo, como fazia durante a semana, e Abigail teve de insistir muito para Remildo os acompanhasse, já que ele assumira a responsabilidade de tomar conta da casa e temia que algo acontecesse em sua ausência.

Assim, após Remildo fechar o portão do outro lado do terreno e Cisco barbear-se e tomar banho, eles se foram.

Enquanto aguardavam o almoço, Sandro, Remildo e Cisco jogavam conversa fora tomando cerveja. Para satisfação de Abigail, Cisco alternava refrigerante e cerveja. Ela notou também que, diferente de outras vezes, ele não brincou com Sandrinho e nem demonstrou interesse em pegá-lo no colo. Olhou de longe o afilhado, como se estivesse impuro para se aproximar da criança. Ela achou interessante esse comportamento e concluiu que, se havia esse mecanismo embutido em seu subconsciente, quando tivessem filhos dificilmente ele se embebedaria. Quem sabe ele não adotasse o ritual de seu amigo japonês, bebendo um copo de vinho todos os dias, e abandonasse a loucura dos porres anuais? Até ela mesma poderia participar de um ritual assim. A cena lhe apareceu na mente: ambos num canto da sala tomando vinho e conversando sobre o cotidiano. E até uma criança brincando no meio da sala apareceu no seu quadro mental.

Almoçaram e a conversa transcorreu sobre os acontecimentos da praia, o que obrigou Cisco, à sua maneira, a pedir a mão de Abigail a dona Maria:

– Dona Maria, daqui dois meses vou me casar e é imprescindível que a senhora compareça ao meu casamento! Se a senhora faltar, vou considerar uma ofensa!

– Vou comparecer e vou ficar de olho no seu casamento, viu, meu filho? – consentiu dona Maria, rindo.

Permaneceram jogando baralho e conversando, até que Bruna apareceu carregada de embrulhos.

– Chegou a Mamãe Noela! – exclamou Cisco.

– Isso são coisas de Papai Noel! Você não entende disso, por isso não tem pra você! – Bruna respondeu, dando-lhe um beijo, e perguntou em seguida: – Como é, sarou?

– Nem fiquei doente ainda, como vou sarar antes?!

Abigail sentiu que a noite de Cisco seria encharcada de bebida e se preocupou mais. Remildo quis ir embora e Leilane tentou contê-lo:

– Ô, Remildo, passa a noite com a gente! Ninguém vai roubar lá!

– Eu também acho que não. Mas o seu Edgar me pagou pra ficar tomando conta. E se alguém roubar?

– Remildo, pode ficar! – disse Cisco. – Eu vou ficar lá e não tem problema!

– E você estará em condições de assumir responsabilidade sobre alguma coisa? – ironizou Abigail.

– Posso não estar, mas quem avisará o ladrão? Deixo as luzes acesas e tá tudo resolvido. Além do mais, eu vou me trancar e beber socialmente...

Leilane, que nutria esperança de que Cisco mudasse de idéia, reclamou:

– Pôxa, Cisco, mais uma vez você não vai passar o Natal com a gente?!

– Quantas vezes eu vou ter que explicar? Leilane, se estou aqui é por consideração à nossa amizade, mas por mim já estava em casa.

– Então estica essa consideração até amanhã – sugeriu Sandro.

– Não. Eu vou-me embora. O Remildo pode ficar.

– Duvido que você vai ficar em casa. Você vai é fazer peregrinação pelos bares da vida – Bruna previu.

– Não. Vou comprar bebida e me trancar em casa. Vou compor. Vou colocar uma nova letra em Jingle Bell. As que existem não estão boas.

– Como não?! – atalhou Sandro. – Eu gosto tanto da letra que diz: Jingle Bell, Jingle Bell, acabou o papel / Não faz mal, não faz mal / Limpa com jornal!

– A minha será melhor. Já fiz a primeira parte, saca: Nhenhêném nhenhêném nhenhênémnhêném...

Leilane calou a ironia de Cisco:

– Pode ir embora! Por ser Natal eu espero que você se afogue na bebida! Que você beba até sentir nojo de si próprio! Que sinta tanto nojo que, pelo resto da vida, toda vez que você vir alguém bebendo sinta ânsia de vômito!

– Querida cunhada, seu espírito cristão me comove. Não se esqueça de que Jesus fez o milagre do vinho! – ele disse, levantando-se para ir. Leilane fez um pacote contendo salgados e carne assada e lhe deu:

– Como eu sei que você nem vai se preocupar com comida, leve isto e coma como tira-gosto.

– Este presente de Natal eu recebo, porque para carentes como eu, depois da educação humanamente correta este é o presente mais importante – ele respondeu. E se despediu de dona Maria: – Dona Maria, boas festas pra senhora. Por favor, por melhor que esteja a festa, não deixe o Sandrinho beber porque a bebida é uma droga perigosa!

– Vigie! É isso que ele ia falar pra tu se ele soubesse falar!

– Tá vendo como criança sabe das coisas? É por isso que os bebês não se drogam! Nós é que os drogamos!

E Abigail o levou. Pararam no caminho para que ele comprasse cigarros e bebida. Ela fez menção de descer do carro para acompanhá-lo, mas Cisco reclamou:

– Não desce, não, que você vai dar palpite no que vou comprar. Não fizemos um trato? Hoje o dia é meu e amanhã você manda. Certo, minha deliciosa personal trainer? – Ele lhe deu um beijo e desceu.

“Menos mal”, pensou Abigail. Pelo menos ela teria as rédeas da situação no dia seguinte e poderia obrigá-lo a recuperar juízo, adormecendo o monstrinho que ele despertara.

Cisco voltou com três maços de cigarro, cinco garrafas de cerveja, um litro de vodca e um sorvete pra ela.

– Você vai beber um litro de vodca?!

– Comprei; se vou beber, não sei!

Ela não o deixou no portão. Resolveu entrar. Fizeram amor por iniciativa dela, e à sua excitação de amante mesclaram-se sentimentos de afeto materno, sensibilizando-a de tal modo que Abigail o amou como querendo agasalhá-lo e protegê-lo de qualquer condição dolorosa.

Fumavam, quando lhe ocorreu uma saída:

– Cisco, acho que vou ficar aqui com você!

– Nada disso. Ab, eu não vou fazer nada demais! Pra que dramatizar? Eu só vou beber um pouco e ficar só. Neste momento tem muita gente cercada de pessoas e sentindo-se só. Eu quero ficar só, por livre e espontânea vontade! Ruim seria se eu estivesse só sem querer estar.

– O problema, Cisco, é que eu sei que a bebida faz a razão perder o juízo. Você é uma pessoa racional, só que, quando bêbado, o raciocínio não funciona e sabe-se lá o que pode acontecer. Estou com medo que você saia por aí e acabe fazendo uma asneira.

– Qual é?! Está querendo me trancar aqui e levar a chave?

– Não é má idéia. Mas claro que não quero isso. O que eu quero é que você modere na bebida. Você comprou bebida demais!

– O que prova que não vou sair. Vou mexer nas minhas músicas e terminar uma.

– A música que você disse que está fazendo pra mim?

– Eu não estou fazendo só pra você, estou fazendo pra nós! Mas essa eu vou terminar na clínica. Estou terminando um samba de desculpas para Platão. Já está quase pronto, só falta encaixar letra numa parte da melodia. Chama-se “Admirável Sonho, Velho!”.

– E vai passar a noite toda bebendo e fazendo isso?

– Não sei. Você sabe que não existe prazo para a criação. Posso fazer uma música em vinte minutos, assim como posso passar anos procurando concluir outra. – Ele apagou o cigarro no cinzeiro. – Não se preocupe. Curta a sua festa e fique tranqüila. Você estranha o fato de eu querer ficar só porque a maioria não faz isso. Mas eu não estou envolvido pelos costumes. No momento estou satisfazendo a minha vontade, e nada é melhor do que isso. E não estou prejudicando ninguém com essa satisfação. Eu sou boa companhia pra mim.

Abigail o deixou só e voltou para a casa de Leilane. Ajudou a mãe e a irmã nos preparativos da ceia, procurando não se preocupar com Cisco e sua teimosia. Mas a realidade é que ela própria não estava bem. Todos estavam bebendo, ouvindo música e divertindo-se, mas ela sentia-se deslocada, sem conseguir integrar-se ao ritmo dos outros. Leilane percebeu seu estado de espírito.

– Não se preocupe, maninha, que seu homem sobrevive. Já vi esse filme. Essa coisa doida dele passa, e ele volta ao estado normal inteirinho!

– Eu espero que passe logo. Mas eu é que não estou me sentindo legal.

– Eu sei o que é. Hoje, até a mãe bebeu uns goles de cerveja, e você tá presa pela lei seca. Por que você não relaxa e bebe um pouco? Você bebeu na praia e ficou bem no dia seguinte. Dá uma relaxada. É Natal!

– Não! Já abri um precedente e paro nele. Se toda a vez que não me sentir bem, beber, vou acabar me acostumando. Pelo menos meu ponto fraco eu conheço.

– Tudo bem. Então vá deitar um pouco. Assim à noite você tá melhor.

Abigail aceitou o conselho da irmã. Comeu um sanduíche de carne e deitou-se. Depois de muito pensar, conseguiu dormir.

Não acordou melhor. Tentou lembrar se havia tido algum sonho ruim, mas não lembrou. Mas uma sensação estranha, como um mau pressentimento, lhe agitava o espírito. Olhou no relógio: 21h30. Rumou para o banheiro, ajeitou-se e foi ao encontro de todos no quintal. Nara e Lauro, os vizinhos, lá estavam com suas crianças. Com um pratinho de azeitona e guaraná, juntou-se ao grupo.

Não estava se sentindo bem ali e nem tinha interesse na ceia. Passara na clínica a noite de Natal do ano anterior, sentindo o desejo de estar ali onde estava agora, junto com seus familiares. Lembrou-se de que ficara feliz em receber a visita deles no dia de Natal. O que desejara no passado, estava vivendo no presente, mas não se animava e nem sentia o prazer que imaginara antes. Lembrou-se dos versos de Vicente de Carvalho, do livro que Cisco lhe dera na clínica:

“Essa felicidade que supomos
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos

Existe, sim: mas nós não alcançamos
Porque está sempre onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.”

Isso explicava seu estado de espírito? Ela acreditou que não, pois se sentia esperançosa com o futuro, e não podia se sentir infeliz com tantas coisas boas acontecendo e indo ao

encontro dos seus desejos. Então percebeu que era justamente o foco de suas esperanças que lhe causava a preocupação do momento. Cisco a preocupava.

Ela sabia que uma pessoa sóbria é muito diferente quando embriagada. Vivera muitas situações em que amargara vergonha e arrependimento por fazer coisas de que se sentia incapaz quando sóbria. Sabia que Cisco não seria imune à falta de juízo que o álcool provoca. O álcool exterioriza sentimentos ocultos no íntimo que o próprio agente desconhece. Mesmo aliviada por Ricardinho ter ido para a casa dos pais com a perua, ela temia que Cisco saísse embriagado e praticasse alguma bobagem. Ele havia dito que não sairia, mas ela própria traíra suas palavras muitas vezes quando ébria. Uma pessoa alcoolizada costuma trair até a si própria. Ela sabia.

Eram quase 23 horas quando ela resolveu ter com Cisco. Todos entenderam sua preocupação, mas tentaram dissuadi-la do intento. Remildo lhe disse que Cisco era benquistado pela vizinhança e não teria problema algum se saísse. Leilane falou que a única coisa que aconteceria é que na manhã seguinte ele estaria um caco e com cara de “puta arrependida”. Bruna, concordando com reservas, disse que por desencargo de consciência ela deveria ir, mas que se ele estivesse dormindo, voltasse.

Sandro se prontificou a acompanhá-la, mas Abigail não aceitou, alegando que provavelmente ficaria lá. E foi.

Com o trânsito livre, levou menos de dez minutos para chegar. Nas proximidades da casa, desceu com o carro em ponto morto, preocupada em não acordá-lo. Deixou o carro na calçada e trancou-o. Passou pelo portão procurando não fazer barulho. Somente a luz do quarto estava acesa, e ela, lembrando-se da janela velha e desengonçada, deu a volta com cuidado. Uma fresta na janela lhe dava plena visão do quarto, e ela o viu sentado na cama, com o violão no colo e fazendo anotações num caderno. Abigail experimentou grande alívio. Ele não estava no estado em que imaginara. Na mesinha que servia de criado-mudo, uma garrafa de cerveja aberta e o litro de vodca. O prato que Leilane lhe dera também estava lá, contendo ainda pedaços de carne. No chão, próximo ao seu pé, um copo: pela transparência do líquido, ela entendeu que ele começara a beber a vodca.

Cisco dedilhou o violão e cantou baixo, como que querendo sentir a harmonia entre as palavras e a música:

– Sem preconceito / Entre a causa e o efeito / A justiça se permeia entre o dever e o direito. – Voltou a pegar a caneta e escreveu algo no caderno. Largou a caneta e voltou ao violão, cantando: – Sem preconceito entre a causa e a ação / A justiça se permeia entre o dever e o direito. / É benéfico o efeito / Porque a lei não tem buracos!

Ela tirou o olhou da fresta, caminhou para o canto da casa e acendeu um cigarro. E agora, o que faria? Ele não saíra e, apesar de estar bebendo, demonstrava estar consciente. Talvez só tivesse bebido a cerveja cuja garrafa estava na mesa. Tudo indicava que ele havia dormido depois que ela saíra e, com isso, recuperara-se do que tinha bebido antes. Mas começara a beber a vodca, e a vodca não perdoa: embebedada.

A verdade é que ela não pretendia voltar e participar da ceia. Estava sem apetite e não tinha vontade de sair dali. Não poderia entrar porque ele fora taxativo ao dizer que queria ficar só. Ela estava segura ali e não se incomodava em passar a noite de Natal daquela maneira. Só havia um problema, e era moral: estava invadindo a privacidade de Cisco.

De repente, ele começou a cantar e ela percebeu que era o samba de Platão que ele dissera que ia terminar. Foi até a janela, colocou o olho na fresta indiscreta e o viu e ouviu:

– Platão, nos perdoe / Mas o presente que nos deste nós perdemos / Foi-se no tempo que se foi / E hoje teus sonhos, com a escola sonharemos / Na passarela / Uma quimera / Vai agora desfilar / Neste momento de sonho / Um horizonte risonho / Vou com Platão filosofar / Neste audiovisual; / Sonho belo, sonho alto / Vou sonhar! Sonhar! Sonhar! / Trocar o meu mundo falso / Por um mundo virtual / E o meu mundo real / Hoje eu quero deletar!... / Vem, vem meu bem / Vem que tem recompensa / Vem que dá pé / Bota fé / Nesta crença / É a nossa renascença / Para o mundo que convém / Pra que todos se pertençam / Sem ninguém ser de ninguém! / Como contos infantis / Com moral de história adulta / Sonho para o meu país / Democracia absoluta / Um Estado em bom estado / Sem vileza na disputa / Com autoridade-espelho / Sem desvio de conduta. / A educação, sendo uma realidade / É salvação / É uma autocaridade! É redenção, / Digo isso com certeza. / É autodefesa, para os males da humanidade / Um ensino democrático / Cidadão e humanista / Já sonhado no passado / Com princípio futurista / Mente sã em corpo sã / Numa escola sem igual / Sem a moral pecaminosa / Até a nudez é vir-

tuosa / Nesta sociedade ideal! / Sem preconceito / Entre a causa e a ação / A justiça se permeia entre o dever e o direito / É benéfico o efeito / Porque a lei não tem buracos / E a corda não se arrebenta / Porque não tem lado fraco / E a violência, é débil como a delinquência / Pois é tida por demência / Numa sociedade assim / Isto sim, é conviver! / Sonharei sempre o prazer / De viver num mundo assim / Isto sim é conviver! / Sonharei sempre o prazer / De viver num mundo assim / Quero sonhar / Quero sonhar / Sonhar de novo / Até ver a utopia / Emanar do povo! / Quero sonhar / Quero sonhar / Sonhar de novo / Até ver a utopia / Emanar do povo!...

Ele voltou a cantar o samba mais vezes, ela sentou-se na calçadinha que rodeava a casa e acendeu outro cigarro. De vez em quando Cisco parava no meio do samba e repetia os acordes.

Era o criador adquirindo intimidade com a criatura. Ela imaginou o contentamento espiritual que ele sentia naquele momento, pois conhecia o prazer que causava a conclusão de uma obra. Muitas vezes vivera essa emoção ao concluir uma poesia. Para ela, compor era fazer do íntimo um estúdio, onde, com trabalho delirante e doloroso, se esculpiam as idéias, dando-lhes formas, até atingir a satisfação de parir a escultura mágica em suas etéreas e sensitivas formas. Ela achou que o prazer de Cisco com a concretização da obra era pleno, pois a letra do samba continha os anseios que lhe brotavam do íntimo. Seu samba era um pedaço do seu espírito. E ela, que na adolescência fantasiara um grande amor com Platão, pensou: “Acho que o Cisco tem o gene de Platão e não do profeta Jeremias.” E riu intimamente do seu pensamento absurdo.

Cisco havia se calado por algum tempo e voltou a cantar. Ela levantou-se e foi olhá-lo. A música que cantava agora ela já conhecia. Estava na fita que ele lhe dera pra ouvir:

– Levo o meu canto / Ao canto dos esquecidos / Para distrair os não distraídos / Faço desse canto / Minha homenagem / Aos heróis anônimos. / Gente de coragem! / É gente voluntária, / É gente solidária / Que ampara os andarilhos / De trilhas solitárias / Canto aos que concebem a adoção com muito amor, parindo um renascimento / Num parto sem dor. / Canto a essa gente, / De pele sem fronteira / Que empunha a bandeira / Em defesa dos carentes / É gente que trabalha / Com o dom das enfermeiras / Curando as feridas de um sistema doente.

/ Que sem visar recompensa / Agüenta o repuxo / Reparando as violências dos vândalos de luxo / É gente voluntária / É gente solidária / Que ampara os andarilhos / De trilhas solitárias / Canto às ONGs sérias, persistentes, decididas, / Que fazem da justiça / Valiosa intenção/ Que lutam sua fé / Numa louvação à vida / Valorizando o homem / Acima da instituição / De organização precária / De cultura ordinária/ Que criam os andarilhos / De trilhas solitárias / Canto! / Canto ao ateu / Que não encontrou Deus / Mas é um humanista, de vida edificante. / Canto! Canto em plena voz:/ Aos que acreditam / Ser dignificante / Deus crer em nós! / Deus crer em nós...

Ele havia dado o título de “Canto dos esquecidos” a essa música. Quando Abigail a ouvira pela primeira vez, compreendera melhor as restrições de Cisco com relação à solidariedade e entendera que ao ato solidário mescla-se o paternalismo, que é falso e improdutivo para solucionar problemas sociais, pois os prolongam, em vez de buscar a resolução definitiva. E quando conversaram sobre o tema, ele comentara: “Sem contar os pilantrópicos de plantão, que transformam a solidariedade em estelionato, dando com uma e tirando com duas.”

Ela continuou olhando pela fresta como uma voyeur que aprecia a intimidade do homem amado. Ele bebeu um gole da vodca, pegou um pedaço de carne e o colocou inteiro na boca, limpando os dedos na bermuda. Mesmo mastigando, acendeu um cigarro. Seus gestos e comportamento indicavam que a bebida e a privacidade modificavam seus hábitos. Ele parou diante do espelho fixo na parede, que o refletia de corpo inteiro, e falou:

– Quem luta por espaço distribui a injustiça; quem luta por justiça distribui o espaço. O problema é como fazer o doutor umbilical entender que seu comportamento é tão ignóbil e antigo quanto o comportamento dos assírios. Que espantosa modernidade!

Saiu de frente do espelho, ergueu o copo e recitou:

– Sai da casca, caramujo! Se desligue do umbigo! Pois grudado ao dito-cujo, é bem frágil o seu abrigo!

Foi até o cinzeiro bater a cinza, a cinza caiu antes. Ele apagou o cigarro no cinzeiro e sentou-se na cama, passando a folhear o caderno, ao mesmo tempo que falava:

– Não existe, coletivamente, ato de solidariedade maior do que a educação correta, transparente e sem paternalismo

doutrinador. O saber é a luz do espírito! Solidariedade plena é o ensino distribuído a todos indiscriminadamente. Somente daí pode nascer a moral com seriedade, a educação benigna e séria, o direito sério e a cidadania séria... O resto é retórica cínica, para mentes distraídas. Solidariedade aos excluídos sem inquirir com seriedade as causas que provocam o mal é o mesmo que o bem colocar o avental de idiota e sair limpando as sujeiras que o mal causa, sem dar um basta no sujão! – Parou um instante de folhear o caderno, interessando-se numa página. Leu-a, e logo voltou a folhear e resmungar coisas que lhe preocupavam o espírito: – Já disseram que se não fossem os homens de bem, o mundo já teria ido pro espaço porque os gananciosos são castróficos, inseqüentes e insanos. Os homens de bem é que equilibram o mundo... Mas quem são os homens de bem? São os que arrotam o imposto pago e reclamam que os políticos não fazem nada? Mas de que adianta pagar e não procurar saber onde vai parar o dinheiro?... Esse comportamento corresponde a tratar a sociedade como prostituta que se paga pra fazer o que quiser sem compromisso algum! Que bem há nisso?... Quem são os homens de bem? São os bem domesticados a aceitarem tudo como desígnios divinos e falarem amém aos carrascos de plantão, como se ser gente de bem fosse necessariamente ser um pobre coitado?! Quanta sujeira se esconde por trás desta conversa! – Ele largou o caderno na cama e levantou-se. Ficou diante do espelho, bateu com o dedo na testa de sua imagem e falou: – Eu não posso ser bonzinho com a maldade do vizinho. E não posso ser maldoso com a bondade do bondoso!

Inquieto, pegou o maço sobre a cama e acendeu outro cigarro. Pegou o copo de vodca no chão e bebeu outro gole. De repente, com o copo na mão, tomou a postura de quem está num palco diante de uma platéia e começou a recitar:

Um sonho, só, é sonho triste...
É esperança solitária. É um prazer sufocado!
Um sonho magnífico consiste
Na esperança solidária de um sonho socializado!

Os sonhos fantasiosos, vaidosos, umbilicais
Não são sonhos sociais, mas sonhos que todos têm.
Sonhos íntimos. Ínfimos em seus ideais.
Omissos nas questões sociais, mesmo em homens de bem!

E um homem de bem omissos
É como fada sem magia,
É como um deus submisso!

É feito o amor sem harmonia
De u' a mãe fantasia
Parindo sem compromisso!

Ela conhecia esse soneto, mas apreciou melhor assistindo a performance de Cisco. Ele o recitou revelando intimidade com a obra e o ornou com gestos teatrais, dando à poesia tão simples o status de uma pérola poética.

Abigail percebeu, de repente, que todas as preocupações que sentira transformaram-se em prazer. Estava tendo uma oportunidade que, mesmo se a premeditasse, talvez não tivesse nunca. Tinha noção de que era um prazer nada recomendável, já que estava invadindo a privacidade de Cisco. Trocou as posições e imaginou-se com um copo na mão dentro do quarto e ele com o olho na fresta da janela. Não gostou. O pensamento lhe causou um repentino mal-estar. Mas não foi suficiente para inibir seus desejos travessos e exaurir sua curiosidade. Lembrou-se da única vez em que olhara pelo buraco de uma fechadura: Leilane, mais velha, a induzira a olhar seus pais no quarto e eles desconfiaram. Ela nunca mais quis olhar. Agora, não premeditara a situação e jamais a premeditaria. Fora um acidente. Deveria ir embora? Não, porque não se sentiria bem em ir, deixando Cisco bebendo. Ficar, sem olhá-lo ou ouvi-lo, mesmo que fosse possível, seria besteira. Estava numa situação privilegiada: via e não era vista, e Cisco só saberia se ela dissesse. Era correto? Não! Mas qualquer outra atitude que tomasse também não seria a certa, ela concluiu. Para aliviar a consciência, prometeu que diria a ele. Se dissesse, levaria uma bronca por ser honesta? Não. Decidiu continuar a observá-lo, e fez do buraco da janela o seu camarote, entregando-se com prazer ao recital que Cisco lhe proporcionava.

Ele, com o copo na mão, bebia aos golinhos, como se estivesse querendo beber sem embriagar-se. E continuava resmungando:

– É claro que um mundo só de Gandhis seria chato. Mas um mundo só de Gandhis viveria em paz! E um mundo só de Hitleres já estaria extinto, pois um brigaria para ser maior do que o outro e a baderna estava feita...

Foi ao canto da casa acender um cigarro. Ela estava abismada com o fato de Cisco, mesmo embriagado, só pensar no comportamento social e humano. Diferente dele, ela lembrava-se de que nos seus porres o que lhe tomava o pensamento eram suas frustrações e o rancor pelas pessoas que não compreenderiam a sua fraqueza diante das drogas. Cisco, não; pensar na vida, no comportamento humano, era o seu dom. Era o seu “tique profissional”. Como o policial que tem uma linguagem própria e comportamento peculiar, o jogador de futebol, o advogado, o economista etc., todos com seus bordões típicos, Cisco tinha o seu cunho pessoal, que não abandonava nem ébrio. Entendeu que ele estava envolvido totalmente com a idéia de escrever o seu livro. Lia, pesquisava, escrevia, imbuído desta intenção. E ela sabia, com certeza, que Cisco escreveria esse livro, pois para ele não era somente um sonho, era uma necessidade. Ela queria estar ao lado dele, incentivando-o e colaborando para a feitura do livro. E ela queria estar ao lado dele, não só por amor, mas por confiar em seu sonho e querer fazer parte dele. Sabia que ao lado de Cisco jamais seria rica, mas sabia também que não teria problemas existenciais. Além do mais, acreditava que Cisco seria mais do que um pai e marido, seria amigo para ela, e amigo de seus filhos, assim como o padrasto, Diógenes, fora para ele. As ranhéticas e teimosias de Cisco não o diminuam em seu conceito. Ela o amava.

Pela fresta indiscreta ela o viu pegar o violão, sentar-se na cama, pegar o copo do chão e tomar outro pequeno gole. Logo depois recomeçou a cantar:

– Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Matar, nunca! / Morrer quando preciso for / Matar, nunca! / Com a frase base revestida de nobreza / Rondon condenou o pensamento homicida. / Viveu e agiu em legítima defesa / Da vida! / Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Matar, nunca! / Desbravador audaz! / Batalhador da paz! / Um humanista cívico / Militar atípico e utópico. / Típico Gandhi dos trópicos / De farda suada, de labor pacífico / Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Matar, nunca! / Se todos tivessem a coragem / De assimilar a mensagem / O amor seria bem mais fecundo / E Rondon seria por mérito / condecorado com o título / De Patrono Benemérito do Exército de Humanistas do Mundo! / Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Morrer quando preciso for / Matar, nunca! / Matar, nunca!...

Ela não conhecia essa música e gostou. Entendeu que não era para voz e violão, era uma música que ficaria melhor com coral e orquestra. Mas achou justa a homenagem a Rondon e lembrou-se da frase de Buda: “O que somos é consequência do que pensamos.” E considerou que Cisco era um pacifista ferrenho, já que suas músicas provinham de suas convicções e não do desejo de agradar por pura vaidade.

Ele bebeu outro gole e resmungou mais algumas coisas, às quais ela, por estar entretida em seus pensamentos, não prestou atenção. Mas de repente ele pronunciou com firmeza:

– Sociedade é uma “cuzada” de milhares de “cuzinhos” manipulados por alguns “cus” de luxo!

Abigail arrepiou-se, espantada, quase enfiando o rosto no indiscreto orifício. Ele não era dado a dizer palavrões, muito menos com intenções claramente provocativas, como dissera. Essa foi a causa do espanto. Ouviu-o atenta:

– É claro que uma frase desse tipo é tão aviltante quanto a miséria educacional do país, e se eu a disser para uma mãe perto de sua criança, ela vai querer me matar a dentadas! No entanto, essas mães dizem perto dos filhos a todo o momento: “Ai que ódio, ai que vontade de matar!” Dizem isso com a naturalidade de quem sugere um remédio contra a dor de cabeça infantil. É o ato de falar sem pensar no que se diz e sem avaliar as sensações que isso causa. Essas mães não atinam que “cu” é uma palavra puríssima, se comparada à palavra “matar”. Por ser um tabu oral, “cu” causa uma estranha sensação em quem diz e em quem ouve. Quem diz “vai tomar no cu!” está sob o mesmo estado emocional daquele que diz: “Ai que vontade de matar!” No entanto, a palavra “matar” é mais perigosa porque sugere algo pior do que tomar no cu, por mais que nos doa até a idéia de tomar! As palavras e as sensações precisam de profundas reflexões... Até Freud, pai da psicanálise, teve prejuízo em seu trabalho, influenciado pelas sensações provocadas pela formação educacional recebida... Os adultos estão sendo más companhias para as crianças... Tá certo o Dr. Gaiarsa: “A família de que se fala não é a mesma que se vê.” Se a família é o núcleo social e o núcleo tem sérios problemas, é lógico que a sociedade de que se fala não é a mesma que se vê! O Estado de que se fala não é o mesmo que se vê! A humanidade de que se fala não é a mesma que se vê... Isso tudo porque o indivíduo que se vê não é o mesmo que se imagina... E os conservadores teimam em continuar

defendendo e encobrendo com sofismas esse DNA cultural maligno. Droga!... Droga, droga e droga!

Ele bebeu outro gole e com o copo bailando no ar, acompanhando as palavras, começou a declamar como se estivesse diante de uma platéia:

Se vê no porte que é autoridade!
A farda estampa esta realidade
De homem formado na rude disciplina.
Em seu olhar se percebe a altivez;
A garbosa e voluntariosa intrepidez,
De quem faz da ordem a sua rotina.

No entanto, em outros tempos, o vi atuando:
O vi prendendo, batendo e humilhando,
A mando do poder que o conduz.
Foi ele mesmo! Lembro-me bem. Bem direitinho!
Foi ele quem pôs a coroa de espinhos,
E, sarcástico, levou Cristo para cruz!

Não, eu não me engano;
Ele estava naquele batalhão!
Disciplinado a serviço do tirano,
E comandando a crucificação!

Hoje, serão iguais suas atribuições?
Eu me pergunto, vendo-o agora de novo:
Será que ele reprime manifestações,
E as justas reivindicações do povo?!...

Ele terminou os versos, bebeu um gole, caminhou até o espelho, olhou-se nos olhos e disse:

– Na verdade, um policial vive entre a cruz e a caldeirinha... Diferente do bandido, que vive entre a caldeirinha e a cruz. Mas um policial honesto é duas vezes sofredor... Tem que se policiar também... É claro que manter a ordem é imprescindível e que na questão da violência é preciso endurecer, mas isso a serviço do Estado como um todo, e não a serviço de maquiavélicos nababos que vivem acima da lei... Um soldado a serviço do

status quo é o mesmo que um artilheiro fazendo gol contra. Somente um povo culto e bem formado, com sentido concreto do que é cidadania, tem condições de compreender o verdadeiro significado de autoridade. De que vale o orgulho do grande líder se os admiradores que o invejam formam uma cambada de mal nutridos intelectuais?! O que há no seio disso tudo para que alguém se envaideça? Eu imponho a cegueira mental à massa e me sinto o dono da cocada preta. Que coisa linda! Num agrupamento de homens intelectualmente bem preparados, o que se destaca seria digno de admiração; mas no meio de ingênuos, o que se destaca não passa de um lobo em pele de cordeiro! Mesmo que creia ser bem-intencionado... Lutero e Torquemada também acreditavam serem grandes e bons cristãos!... Jesus! estou caducando precocemente, ou estou certo nas minhas convicções?... Mande-me considerações. Eu psicografo. – Falando com frases entrecortadas, e dando voltas no quarto com passos curtos, como fizera na casa de Nanci diante de seu Samuel, ele pegou um cigarro e o acendeu. Após dar uma tragada, começou a declamar, fazendo do cigarro uma batuta para as suas palavras:

Enquanto o suor escorre,
Pela frente, pelo peito,
Na labuta do garimpo;
As damas do chá das cinco,
Num linguajar mais que perfeito,
Emitem seus preconceitos,
Com pingentes de suor, nos brincos...
(O luxo do saber, quando refém da vaidade,
É como smoking desbotado e sem vinco.)

Enquanto o dito lixeiro,
(Erroneamente chamado!)
Coleta o lixo ligeiro,
Sujo, cansado e suado;
O brilhante deputado,
Filho de antigo grileiro,
(Com título de posseiro,
Pela justiça outorgado),
Na Tribuna da Câmara,
Conclama a seus companheiros:

A comunhão dos Sem-Terra,
É um crime organizado!
(E o povo, que é a voz de Deus,
Assiste a tudo calado.)

Calado qual bom cabrito;
Sem cultura de direitos,
Cercado de inseguranças;
Em sua frágil esperança,
Perde-se em preconceitos,
Pois educação humanista,
Para alicerçar-lhes conceitos,
Negam-lhe desde crianças...
É justo, em nome do Estado
Sustentar a ignorância?!
Pergunto a quem de direito.
(E o erro premeditado
É humano, ou é um crime perfeito?)

Ah, Shakespeare, meu amigo:
No meu humilde conceito,
Entre os mistérios do céu e da terra,
Por certo, vejo analogia.
Mas creio que não se inserem
Na política! Nas credences! Na economia!
E francamente lhe digo:
Existem mais preconceitos,
Entre o poder e o mendigo,
Do que supõem as incoerências
De nossas vis filosofias!
(E mistérios não se desvendam,
Drogando-se com hipocrisias...)

Ele havia apagado o cigarro no cinzeiro enquanto recitava. Ao terminar a recitação, bebeu o resto de vodca do copo, colocando-o na mesinha, e comeu um pedaço de carne. Logo voltou a falar como se desse uma palestra:

– É indigno que se chame de sociedade um agrupamento de gente de cultura individualista. Um serpentário não contém uma sociedade de cobras. As cobras não são animais gregários, e quando se amontoam não formam uma sociedade: formam apenas um monte de cobras. O homem é um animal gregário; porém, com a cultura do “cada um por si e Deus por todos”, parece que briga contra essa condição natural... Você quer viver numa sociedade justa, livre e fraterna? Quer ver seus impostos pagos serem aplicados corretamente na sociedade, e seu direito de ir e vir sendo respeitado em qualquer canto deste país? Corte três papezinhos de tamanhos iguais e escreva nos três: “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.” Dê um para um bispo de qualquer seita cristã, e outro deposite no altar de uma igreja ou mesquita... O outro você enfia dentro de um patuá com três caroços de lentilha, amarra o patuá com uma fita do Senhor do Bonfim e guarda no lugar mais energizado da casa. Quando o milagre acontecer, pegue-o, coloque-o na boca, plante bananeira e dê três pulinhos dizendo: São Longuinho, São Longuinho! Brigadinho! Brigadinho!... Não engula o patuá e nem deixe cair, porque o encanto do milagre acaba!... – Ele riu, debochado. – Ora, tá pensando que as entidades são ajudantes gerais que tão aí de plantão pra resolver problemas que nós mesmos criamos?! Pra problemas transcendentais, fé transcendental. Para problemas terrenos, trabalho e determinação! E bom senso. Um fervoroso bom senso para não transformar bons propósitos numa merda igual à que a sociedade já vive e viveu em tantos tempos passados, desde os memoráveis tempos bíblicos. – Ele saiu em busca da garrafa e do copo, sem parar de falar: – Enquanto preponderar a injustiça social, principalmente no ensino, qualquer discurso patriótico ou social será digno de descrença de minha parte... De que vale um Estado mínimo cuja elite tem o poder máximo e vive até acima da lei? Precisamos urgentemente da democracia participativa... – As crianças jogadas nas ruas pela sociedade estão predestinadas a cometer delitos e pagarão pelos crimes praticados, porque é pra eles e por eles que o Código Penal existe... Pena de morte a essas crianças por terem aprendido o que a sociedade lhes ensinou! Obrigado, Diógenes, por ter me tirado desta arapuca social! – Abigail espantou-se. Pela primeira vez ele falara diretamente no padrasto e até colocou a mão em concha sobre a boca, olhando para o teto como se o padrasto estivesse nas alturas.

Mas logo ele voltou ao falatório: – Como não há pena de morte por lei, há justiceiros contratados por comerciantes que pagam seus impostos em dia! – Ele colocou as mãos em concha novamente. – Todos sabemos, e até Platão já sabia, que negociantes são exemplos sociais de ética e cobram o preço justo em tudo o que vendem! A idoneidade é a consciência do negócio. Só perde para a propaganda, que é a alma... A propaganda é a alma do negócio, mas não é o negócio da alma... Ah, santa hipocrisia dos espíritos infelizes! Os bebês não se drogam! Mil vezes o aborto!... Será que realmente alguém acredita que bandidos são defeitos de fabricação da indústria divina? Será que há falha no controle de qualidade divino e se tem que enviá-los para conserto no céu?... Olha aí, Deus; tamos mandando mais uns presuntos pra reciclar! Vê se melhora essa produção, porra!... Os adultos sempre foram más companhias para as crianças, porque o poder é, notoriamente, historicamente, inimigo do povo. Há muitos poderosos que crêem que suas falhas de caráter são comum a todos os humanos. Acham que todos têm os sentimentos e predisposição genética comandados pela vaidade... O livre mercado é, na realidade, a prisão dos inocentes... É esta a felicidade que o dinheiro traz... Conheço o filme: baixar os custos significa baixar salários também. – Ele voltou a colocar as mãos em concha e gritou: – Erundina! Quero ter dez bancas na praça! Se há gente que tem 200, 300 pontos comerciais, eu só quero 10 banquinhas porque sou modesto! Se há gente que tem 20, 30 fazendas, eu quero um sitiozinho porque não tenho ambições vertiginosas... Se não é possível ter as 10 bancas, Erundina, faço uma sobreloja na minha! – Ele voltou-se para o espelho e, como se estivesse diante de um cliente, falou: – Tudo bem, se você já tem chinelo, ofereço-lhe uma macoinha de primeira linha, que te deixará com a cabeça relaxada assim como os seus pés! Tenho também armas semi-novas com poucos cadáveres rodados... Estamos para receber cocaína importada da Colômbia. Coisa boa... Diretamente do primeiro mundo das drogas!

“Ah, não!”, pensou Abigail. “Já basta o desgraçado do Paulo Sérgio em minha vida.” Ela que já sabia quantos sonhos uma droga mata, não seria feliz mesmo que vivesse cercada de luxo com o maior traficante de drogas do mundo. E ela sabia que a fala de Cisco fora irônica, que não era de sua índole envolver-se com uma vida criminosa. Mas sabia também que numa pessoa drogada podem aflorar, das profundezas

do íntimo, sentimentos ruins que estão adormecidos. Ironia ou não, se Cisco raciocinava com o silogismo entre o que é e o que gostaria que fosse, entre o ser e o ter, havia aí o sentimento de que a razão tem dois lados: um lado puxando para o artificialismo do sistema e outro para a consciência mais profunda do que seria conviver dentro das possibilidades que a vida humanamente permite. Mesmo tendo princípios morais, ele subornara fiscais para sua sobrevivência financeira. Então, ele não era imune ao mal. Para ela, a honestidade de Cisco era sustentada por princípios e não por covardia. Não era por medo da lei que ele era honesto, e sim por consciência. Mas e se com o passar dos anos seu caráter fosse abalado pelos revezes que o sistema impõe? O que aconteceria?

Ela desistiu de preconceber um futuro sem sentido baseando-se na ébria ironia de Cisco e voltou a ouvi-lo.

– As crianças mal nascem e são seqüestradas pelo influxo de uma cultura injusta que as formará com uma educação fragilizada para o resto de sua vida! O verdadeiro pecado original da humanidade foi principiar o estado de direito com a força e os sofismas. E o tempo se encarregou de transportar o DNA cultural de geração a geração, esta aberração que transforma o estado de direito numa coisa de legitimidade duvidosa, que beneficia os que bóiam acima do mar humano. A partir desse pecado original verdadeiro, a humanidade vive numa paranóia incurável. Seis mil anos de paranóia!... Ah, viver é mais do que isso! Na vida se nasce e se morre, mas nem todos vivem. Bilhões são podados em suas potencialidades, no próprio berço... Muitos são limitados, bloqueados em suas ações desde crianças, treinados para viver um dia-a-dia rotineiro de sobrevivência impregnada de auto-afirmações sem nexos... Viver é criar, produzir com liberdade de ação! É enriquecer o intelecto e integrar-se à natureza com prazer! Viver é ser livre na imaginação, íntimo da capacidade de discernir e responsabilizar-se pelo seu sim e pelo seu não, com dignidade. Viver é ter a liberdade de ser e assumir o que se é. Aceitando-se sem se mascarar!... Ah, espertalhões, como custam caro para a humanidade suas espertezas!... – Novamente olhou para o teto e gritou: – Rousseau, o direito de que você fala em seu belo trabalho, os bororós já viviam por aqui! Mande-me comentários... Eu psicografo!... Eu não assisto TV, eu vejo pessoas. Pessoas treinadas para seduzir... Ouço palavras e leio olhos, para ver se combinam com as palavras ditas. Vejo ges-

tos para ver se endossam o texto... Eu não confio em palavras ditas em tão longa distância, por gente treinada... Os meios de comunicação são poder... E eu sou um voyeur do poder. Não como tiete... Sou crítico. Quero invadir os seus bastidores! Quero saber. Preciso saber o que querem fazer com a minha vida! Se for vítima, não serei por inocência... Esses alienados do Brasil não percebem os agonizantes gritos de sua mãe sociedade: Regenerem-me! Aprimorem-me, que eu melhora a vida de seus filhos!... Não é inteligente priorizar o umbigo... A justiça é o ponto. – Ele parou um instante e começou a declamar:

A vida me convidou
Para a festa de viver,
E abriu-me a porta da frente.
Mas o poder,
(Suposto guardião do mundo);
Me impôs a porta do fundo,
Como se eu não fosse gente...

Parou outro instante, e logo voltou a declamar:

Acusaram-me de viver e viajar iludido
Nas asas da utopia, por sonhar com nova história.
E quem fez a acusação vive e viaja escondido,
Nas asas da hipocrisia e da realidade ilusória!
E não é uma questão de opção...

Entretida com declamação, Abigail assustou-se com fogos de artifício que começaram a espocar, anunciando o Natal. Nessa hora ela pensou o que sempre pensava sobre fogos de artifício: “Em vez de estouro, deveriam ter sons de notas musicais.” Ouviu os gritos de comemoração vindo das casas vizinhas e sentiu uma forte necessidade de abraçar alguém e desejar feliz Natal. Mas o desejo foi passageiro, pois logo se emocionou ao vê-lo pegar o violão e sentar-se na cama. Sua expectativa aguçou-se, curiosa em saber o que ele iria cantar naquele momento. Com o violão no colo, ele pegou o copo e o ergueu:

– Um brinde aos 70% de humanos que não festejam o Natal!... – Bebeu, pôs o copo no chão. – Nada contra Cristo ou contra os cristãos inocentes, mas toda a minha aversão aos sofistas!... Neste momento, muitos sofrem injustiças em várias

partes do mundo; isso eu sei! Mas não sei o que Deus está fazendo... Neste minuto há crianças sendo seviciadas por depravados; isso eu sei! Só não sei o que Deus está fazendo... Neste momento, milhares de “grandes homens” tramam maquiavélicas e sutis tiranias contra milhares de inocentes; isso eu sei! Só não sei o que Deus está fazendo... Neste momento, milhões de religiosos prometem salvação, e multidões rezam fervorosamente pedindo ajuda; isso eu sei, mas não sei o que Deus pensa disso... – Ele estava solando a Ave Maria de Gonot, e Abigail, comovida, assistia atenta. Ele parou de falar por instantes, compenetrado nos acordes do violão. Em seguida, emendou outros acordes e começou a cantar:

Quantos sonhos pueris / Nos meus Natais infantis / Quanta espera ansiosa; a certeza que viria / E ele então me traria / Uma vida saborosa / Quantos Natais / Quantos Natais / Pedi a Papai do Céu / Pedi a Papai Noel / Que ele trouxesse meu pai... / Eram Natais/ Com a família reunida, / Unida, / E sonhando um só presente: / A vinda do pai ausente, pra viver junto com a gente / E melhorar nossas vidas / Eram Natais, / De esperanças dependentes, / Carentes, / Feito ânsia que tortura. / Era um ventre de querença / Como que a gerar doenças / Só pra se criar a cura... / Eram Natais / De muitos sonhos desfeitos, refeitos, / Com promessas e com juras./ Desventuras, em horizontes estreitos, / Sendo o pai a nossa fé, / Sendo o pai a esperança / Sendo o pai, nossa procura; / Quantos Natais, / Quantos Natais; / Pedi a Papai do céu / Pedi a Papai Noel / Que ele trouxesse meu pai / Eram desejos feitos e insatisfeitos / E no meu peito / Frustrações pra remoer./ Como que abrindo/ Buracos largos no peito / Pro pai um dia vir preencher. / Era uma vida / Como um beco sem saída. / Era um rumo, frágil, / Em desaprumo. / Ano após anos / Coletando desenganos. / Com o instinto adulterado, / O espírito fragilizado, / Quase extinto / Quantos Natais / Quantos Natais; / Pedi a Papai do céu, / Pedi a Papai Noel / Que ele trouxesse meu pai / E a minha mãe, / Sempre ali no vai não vai / Dentro do seu labirinto, / Sem saber como se sai; / Corpo presente, / Porém com a mente ausente. / Oniróide, / Dependente, / Pedindo ao Pai / Meu pai! / Meu pai! / Pedindo ao Pai; / Meu pai, / Meu pai...

Mal terminou de cantar, colocou o violão na cama, levantou-se e pegou um pedaço de carne. Saiu do quarto mastigando e com o copo na mão. Ela ainda ouviu-o dizer:

– O fato de se nascer em berço esplêndido não significa ser filho da boa família...

Talvez a música sobre o Natal que ele acabara de cantar traduzisse no mais profundo teor a essência de sua personalidade. Abigail não conhecia a música e imaginou que talvez fosse uma das primeiras que fizera. Ela estava emocionada. Acanhou-se pelos momentos que estava roubando de Cisco e pela imoralidade do seu próprio comportamento, mas naquele instante não haveria argumentos que a convencessem a se afastar daquela janela. Estava encantada. Despudoradamente encantada.

Acendeu um cigarro e sentou-se na calçadinha, aguardando sua volta. “É o fim do primeiro ato”, ela pensou, brejeira. “O espetáculo é ótimo, mas as acomodações do teatro são precárias.”

Notou que o vozerio da vizinhança calou-se. Pensou nas famílias ceando. Ouvia-se ainda a música de uma casa não muito distante, com vozes de muita gente. Provavelmente uma churrascada, ela pensou.

Jogou o toco de cigarro e levantou-se. Olhou para dentro do quarto. Nem sinal de Cisco. A porta do quarto ficava numa parede lateral, e ela não podia divisar os outros cômodos da casa. Ouvia um chiado. “O chuveiro! Ele foi tomar banho.” Preocupou-se. Se ele estava tomando banho, talvez estivesse pensando em sair. O que fazer? Ela seria capaz de convencê-lo a ficar? A situação ativou-lhe a adrenalina. Como não deixar que ele saísse? Qual seria sua reação se ela se apresentasse diante dele tentando impedi-lo? As reações de um homem embriagado são diferentes das reações do mesmo homem sóbrio. A situação a deixava temerosa, mas ela resolveu que não o deixaria sair. Estava decidida.

Deu a volta, indo em direção ao vitrô do banheiro. O muro alto do vizinho formava um corredor escuro com a lateral da casa, e ela caminhou com cuidado para não fazer barulho, pois o chão estava forrado por folhas caídas de uma árvore sete-copas que havia no terreno da casa vizinha. Do vitrô do banheiro saía um difuso foco de luz e o vapor oriundo da água quente do chuveiro. Ela ouviu sua voz com clareza e concluiu que ele ligara o chuveiro mas não fechara o boxe. Ele continuava a tagarelar, como se aquele fosse o dia de soltar os cachorros e exorcizar as bruxas do íntimo:

– Enquanto discursam o direito e a liberdade, os poderosos se trancam num condomínio fechado, se trancam num carro

blindado e cercam-se de guarda-costas! Que admiráveis homens novos!... Fernando Pessoa, não é o poeta o fingidor; o fingidor é o humano! Em defesa de instituições emperradas, o humano desprestigia sua inteligência, criando e se submetendo a lavagens cerebrais ultrapassadas e perversas. E se entope de fantasias com uma viseira que o esconde da luz da realidade... As mais duradouras mentiras são alimentadas e mantidas para se defender interesses mesquinhos. A vida não merece esse comportamento cultural dúbio... Isso nem pode ser chamado de paternalismo, tá mais pra coisa de padraço doído que assume crianças por interesse alheio ao amor... – Ele parou de falar um instante e prosseguiu num tom coloquial: – Sabe, Pessoa, sou hipócrita como todo mundo. Em muitas situações me utilizo da hipocrisia até como autodefesa. Mas eu detesto a hipocrisia! Acho a hipocrisia uma droga que acoberta práticas safadas e funciona como bálsamo dos pusilânimes! Energia mental dos egoístas e narcótico dos oprimidos!... É o homem o fingidor, Fernando Pessoa!... O homem é um adorador de falsidades! Um mitomaníaco, afeito a boataria. Tanto é que até o que ama a verdade, covarde, finge que crê em reles hipocrisias!... Não são poucos os que jogam a inteligência e a hipocrisia na mesma vala. Mas a paranóia que me atinge não difere muito da paranóia que atinge a humanidade. – Silenciou por algum tempo e voltou a falar: – Sabe, Pessoa, os mesmos que dizem que a ciência não deve mexer nas coisas divinas se entopem de remédios e não dispensariam a televisão e a geladeira de suas vidas... Alguns são tão incoerentes que ao mesmo tempo que dizem que não se pode mexer nas coisas de Deus, correm para os cirurgões plásticos para esticarem suas peles e parecerem jovens... Ora, os que acreditam que o homem não deve mexer nas coisas de Deus deveriam dispensar suas roupas e andar com a bunda de fora, porque Deus não é figurinista! É ou não é, Pessoa?

Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes, aguçando os sentidos de Abigail, na esperança de ouvi-lo mais. E ele voltou a falar:

– Sabe, Pessoa, eu acho que ver genialidade em Maquiavel é impróprio. Ele apenas foi realista em suas lições de hipocrisia, perversidade e conspiração, mas não acrescentou novidade nenhuma em seus ensinamentos. Somente transmitiu fielmente aos poderosos de seu tempo, e de hoje, as práticas cruéis e cínicas dos supostos grandes homens da Antiguidade e da Idade Média... Fernando Pessoa, ele apenas transmitiu para o seu tempo o cotidiano familiar de Felipe, Olimpia e Alexandre; de

Herodes, Herodiades e Salomé e dos Bórgias e do vasto rol de iguais... Maquiavel foi apenas um agente transmissor do DNA cultural maligno para o nosso tempo.

Eu acho, Pessoa, que os homens de hoje que vêem este sacana como um inspirador iluminado, mesmo que viagem de jatinho e morem em mansões ou palácios, não passam de bárbaros contemporâneos...

Ele parou de falar e ela ouviu o ruído característico do copo batendo na louça; deduziu que ele estava diante do espelho do lavatório e havia bebido mais um gole. E o chuveiro continuava ligado, desperdiçando água. Estava bêbado, mas não dava indícios de que dormiria logo. Ela imaginou que, além da carne que comera, ele se alimentara antes de beber, já que estava resistindo bem aos efeitos da bebida.

O silêncio se manteve por algum tempo, até que ela o ouviu:

– Eis-me aqui também, Voltaire, sentado na privada, sendo a imagem e semelhança de Deus! – Logicamente ela deduziu que ele se sentara no vaso sanitário. E a água continuava caindo do chuveiro. Cisco, alheio, prosseguia em sua viagem virtual e ébria: – In vino veritas?... Não sei, não... Veritas odium parit?... Claro que não! Só gera o ódio para quem deve ou tem medo da verdade... Somente um manipulador de cabeças pode fazer desta mínima uma máxima! A verdade é incontestável e cabe a todos respeitá-la, dentro do possível. Respeitá-la como realidade que é.. Só há preconceito na verdade quando a verdade é falsa. E só há duas maneiras de a verdade ser falsa: por desconhecimento e errônea suposição do inocente ou por sofisma de moral duvidosa... Da verdade nasce a compreensão, a compreensão pode gerar a justiça e a justiça une. A mentira gera dúvida, que gera insatisfação ou submissão idiota, causando vida indigna e cabisbaixa em muitos e vida de orgulho pérfido em outros... Enquanto persistir o blefe haverá o dolo! Enquanto houver o dolo haverá o confronto, o desentendimento e a insatisfação. E novas mentiras serão necessárias para consertar mentiras passadas... Voltaire! É como uma hiperbólica colcha de retalhos, confeccionada em tecido pobre! Esta vai pra você...

Abigail o imaginou sentado no vaso com gesticulações dramáticas, já que ele começara a recitar em alto e bom som:

Toda a “verdade” falada e escrita,
Imposta como um sagrado estatuto,

É um pingo na verdade infinita!
U'a mancha no mistério absoluto!

Excomungo em mim a catequese de ilusões,
Doutrinária herança de nossos ancestrais.
Vão de retro, ignorantismo e superstições!
Doutrinárias fontes de lavagens cerebrais...

O ignorantismo é o ensino para o mau aprendizado.
Saber do desentendido e costume do mal acostumado!
São preconceitos demagógicos que se entulham na cultura...

As superstições são esperanças dos desiludidos,
Fé dos malfadados e distração dos distraídos!
Ah, verdade, realidade, vos digo: és uma procura...

Ela conhecia este soneto e o reputara como um dos “curtos e grossos” da parte maldita de seu repertório. Ele disse em seguida:

– Esta é a minha fé, Voltaire!... Creio que a fé nasce até num arrasta-pé; o importante é saber o tipo de fé que é!... A nossa fé nasce de acordo com as sensações que o mundo nos transmite e as circunstâncias propõem... Mas as nossas sensações, muitas vezes, são anjos da guarda que nos traem... Acho que já passa da hora de criar alguns oásis no deserto dos tabus e mesclar inteligência às sensações... – Calou-se por alguns segundos, mas logo Abigail o imaginou novamente numa ridícula apresentação, fazendo do vaso sanitário um palco para recitar novos versos:

A primeira dependência saciei num seio.
Foi o amparo que senti pela primeira vez!
Carente, instintivo, mamei sem rodeios
Eu, o mais novo emergente de uma gravidez...

Mas os que aqui se encontravam (constato com queixume)
Me induziram a crer em Deus, Papai Noel e cegonha.
Deram-me um kit verbal de tradições e bons costumes,
E de brinde: drogas! (Bebida, injustiça, superstições
lorotas, maconha...)

E a velha mistura deste coquetel,
De drogas de bem e do mal, em um só tonel,
Usei-as! E ao usá-las me formei, me aculturei, absorvi...

Mas percebi que entre as lições, tradições, rituais
Há hipocrisias inseridas nestas convenções sociais,
Que são drogas audiovisuais que vi-vendo ouvi...

Ele terminou de recitar e gritou:

– Descartes! Penso; logo, sou um problema!... Se tivesse o cérebro de um urso panda, não seria problema nenhum...Shakespeare! Tirar ou deixar dentro? Eis a questão! Tirar esta cultura paternalista e má formadora da personalidade humana, em respeito aos próximos que virão à vida, ou deixá-la dentro deste contexto cultural injusto e preconceituoso, em respeito aos sentimentos dos dependentes já malformados? Diga-me, Shakespeare, tirar ou deixar dentro? Eis a questão... O ontem formou o hoje e o hoje formará o amanhã... Eu sei, Shakespeare, que você dirá que o cri-cri sou eu! Sou eu que vejo torto o que está certo... Mas olhando as premissas com olhar humano, e não pelo olhar dogmático das instituições, você acha que é melhor tirar ou deixar dentro? Mande-me comentários. Eu psicografo.

Abigail não compreendia como era possível que alguém defecasse e declamasse ao mesmo tempo. Já passara tempo suficiente para que se levantasse dali. Ela achou provável que ele até dormisse sentado no vaso. Mas logo descartou a probabilidade, pois ele demonstrava que falaria muito e não dormiria cedo. E ela o ouviu falar num tom de voz elevado:

– E agora, senhores, a apoteose desta récita privada! Apresentarei sem falsa modéstia a obra-prima da poesia universal! O menor dos poemas! Mas abrangente em seu vastíssimo contexto! Um ínfimo poema de superlativo significado! Silêncio, por favor: Eu!... Podem aplaudir, senhores; o poema já acabou no início, pois o início é o seu fim porque o título é o texto. Eu!... Eis a poesia... Quem não vê poesia em “Eu!” não se reconheceu. O “Eu!” é um insignificante elemento que se insere no mistério da vida com presunção de plenitude. O “Eu!” é a realidade que se permeia entre o finito e o infinito, com pretensão de ser o todo. O “Eu!” é opressor e oprimido sonhando

e temendo a liberdade. O “Eu!” é a vastidão do mistério, contido num frágil invólucro... Dou a descarga e restos da energia do “Eu!” se vão para outros cantos cumprir sua missão. Afinal, de merda se faz esterco e o esterco fortalece o roseiral!

E ele deu a descarga. Abigail sorriu em silêncio, pensando: “Idiota”.

Após a descarga o som de sua voz diminuiu e ela ouviu o ruído da porta do boxe sendo fechada. “De que adianta fechar agora?! O banheiro já deve estar todo molhado! Perdoai-o, Senhor; bêbado não sabe o que faz!” Abigail imaginou o chão do banheiro todo molhado e especulou como estaria a cozinha. Embaixo da ducha ele começou a cantar outra música que ela conhecia, mas ela só percebeu pelo ritmo, porque as palavras, abafadas, eram incompreensíveis. Uma coisa ela sabia agora: Cisco tinha pique para fazer um show por mais de quatro horas, bastava que lhe dessem umas doses de vodca. Ele não parava de falar. Nele, a bebida funcionava como bateria de um robô tagarela.

Automaticamente ela acendeu um cigarro, enquanto o aguardava. Fumou-o inteiro, sem que ele saísse da ducha. Até que, minutos depois, ele desligou o chuveiro e saiu cantando um bolero: *Você é meu trabalho e lazer / Meu prazer, minha dignidade / Meu status, conforto e esperança / Segurança e felicidade! / Por você me corrompo e furto / Sem você, eu sou triste e aflito / Por você sou tirano e injusto / Sem você até entro em conflitos...*

A voz diminuiu de repente, indicando que ele saíra do banheiro. Abigail seguiu em direção à janela, com o mesmo cuidado de antes, evitando as folhas secas. Olhou pelo buraco indiscreto e o viu: ele estava nu e, enxugando os cabelos diante do espelho, ainda cantarolava o bolero: *Maldito, bendito, maldito, / Bendito, maldito, bendito / Vil metal, meu bem e meu mal / Mil vezes maldito / Bendito, maldito, bendito...*

Com os cabelos enxutos, ele colocou a toalha sobre os ombros e penteou os cabelos com os dedos. Parou com a cantoria e olhou fixo para o espelho. Colocando o dedo na testa de sua imagem, disse:

– O FMI é um cavalo de tróia! Um presente maroto dos homens sem pátria, que bóiam acima do mar humano. Maquiavel explica!... – Apontando o dedo indicador para sua imagem no espelho, recitou: – Quem vive endividado, seja pessoa ou país, sempre tem o rabo preso, não é dono do nariz! – Silenciou por

instantes e logo voltou a falar: – Se o dinheiro não contempla a felicidade da maioria, o todo tem infelizes problemas e o dinheiro se transforma num objeto vilão... A luta por espaço distribui injustiça, a luta por justiça distribui os espaços... E menos bandidos nos roubarão lá de cima e aqui embaixo. – Voltou-se olhando para a mesinha onde estavam a carne e as garrafas. Foi até ela, pegou um pedaço de carne, enfiou na boca e saiu do quarto novamente. Voltou sem a toalha, trazendo o copo vazio que deixara no banheiro. Foi à mesinha servir-se de mais vodca. Desta vez colocou uma dose mínima do líquido, como um bêbado preocupado em não se embriagar, mas sem deixar de beber.

Diferente dela, que logo ao sair do banho cobria-se com a calcinha, independente de qualquer circunstância, ele não se interessou em vestir a cueca. E ela ficou aliviada porque deduziu que ele não pensava em sair. O banho lhe fizera bem, deixando-o reanimado. Ele bebeu um gole da vodca e continuou caminhando no quarto, pensando sabe-se lá o quê. Apesar de tê-lo visto nu por muitas vezes e ser íntima de seu corpo, era-lhe um agrado aos olhos e aos sentidos apreciar sua nudez, principalmente na condição de expectadora oculta. Afinal, não era uma índia que acordava pela manhã já rodeada de homens nus por todos os lados. Naturalmente sua visão sobre o natural já havia perdido quase toda a naturalidade, e sua formação trazia em seu bojo todas as implicações da educação cultural recebida. “O pecado é o pai da malícia”, dissera-lhe Cisco certa vez. Ela compreendeu o sentido do que ele queria dizer e tentava agora olhá-lo com naturalidade. Mas era difícil. Além de ver o outro gênero nu, ele era o homem que amava e gostava de olhar. Que mal havia nisso? Se o oitavo do falso pudor bloqueia, o oitavo da libertinagem prende. No momento, as sensações impostas pela cultura do prazer proibido pela noção de céu e inferno, tomavam-lhe o espírito. Ela só possuía a consciência dos efeitos sofisticados da educação, mas o sentimento era picante.

Segurando o copo, Cisco parou novamente diante do espelho e, como se tivesse um interlocutor diante de si, comentou:

– Os jovens sonham com o futuro; a maioria de maneira individual, poucos com consciência coletiva... Alguns têm pais capazes de orientá-los e seus sonhos são concretizados; outros fazem do futuro sonhos que nunca se acabam, compensando constantes frustrações colhidas. Alguns até idealizam um país melhor com a sua participação, mas depois se acomodam aos velhos costumes e envelhecem assistindo aos ou-

tros jovens sonharem seus sonhos alienantes e fugazes... Poucos escapam da rotina da maioria. – Afastou-se do espelho recitando: – Os filhos dos malcriados, as crias dos esclarecidos, já são fatos consumados, num mundo mal resolvido!... Que bom seria se houvesse bandido só na rua... O problema são os que estão nos palácios...

Parou no meio do quarto. Abigail viu o seu homem nu erguer o copo num brinde:

– Viva os cem anos de República! – E desceu o copo para a boca ingerindo todo o líquido, como querendo engolir as palavras ditas. Em seguida, ergueu os braços como um orador exaltado: – Digníssimo presidente desta centenária casa! Nobres senhores congressistas (por favor, senhores, compreendam que os chamo de nobres em respeito à praxe da casa. Mas aqui do meu íntimo esta palavra sai com a espontaneidade do engraxate que diz pra qualquer um: Vai graxa aí, doutor?)...

Abigail riu do seu discurso imaginário na tribuna e o viu dar um pulo, virando-se para representar os parlamentares ofendidos:

– Uhh! Uhh! Uhh! Sai daí, ralé! Desce pra eu lhe meter a mão na cara, desgraçado! Vou te pegar lá na rua!

Ele virou-se novamente e voltou a ser o deputado na tribuna:

– Perdoem-me, nobres colegas, a minha falta de hipocrisia! Peço-lhes que me perdoem esta deficiência anti-social e o imperdoável deslize que cometi ao generalizar, pois é indesculpável não considerar as exceções, já que sabemos que elas existem em qualquer situação. É sabido que debaixo de um viaduto pode-se encontrar um doutor e que numa cadeia encontra-se gente honesta; portanto, senhores, tenho certeza de que aqui também deve haver!... Mas não me dirijo às exceções, porque não discurso para raridades! Dirijo-me ao joio, não ao trigo!... No centenário da República não poderia me furtar a dizer que, do alto desta tribuna, um século de sacanagens eu contemplo!

Ele virou-se de novo, e assobiando e gritando transformou o quarto numa algazarra de um homem só:

– Fsiu! Fsiu! Fsiu! Sai daí, trouxa! Fsiu! Fsiu! Sai daí, otário! Se interna num convento! Fsiu! Fsiu! Esse povo anda radicalizando, elegendo e mandando um idiota desse pra cá! Fsiu! Fsiu! Fsiu! Fsiu! Se más companhias te fazem mal, renuncie!

Revirou-se e continuou:

– Calma, senhores; a vaia é o instrumento dos homens sem argumento. Calma!... Como eu dizia: torna-se inútil dis-

correr sobre os conhecidos escândalos e traições que sofreu o povo, o poder utópico deste país, já que muitos outros escândalos, bem mais cabeludos, escondem-se por debaixo do centenário tapete desta casa e jamais serão revelados! Que se compute no arquivo de crimes perfeitos... Sr. Presidente: tendo em vista que todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido... – Ele virou a face para direita, indagando: – O nobre colega me concede um aparte? – E virou a face para a esquerda, afirmando: – Pois não, aparte concedido. – Virou-a novamente: – O senhor é ingênuo ou idiota? – Outra reviravolta, e assim Abigail o viu virar para a direita e revirar para a esquerda outras vezes na sua ébria representação:

– Ingênuo, eu?! Idiota?!... Compreendo o fundamento de sua pergunta, e me espanta sua sem-vergonhice, mas devo lhe dizer que nem uma coisa nem outra, muito pelo contrário. Rejeito os costumes da casa e prefiro a conversa franca à desconversa, pois sou, antes de tudo, um ser humano. E prezo-me! E se me permite...

– Sim, claro! E obrigado, nobre sonhador...

– Não há de quê, nobre raposa. Prosseguindo, e sendo também a voz do povo a voz de Deus...

– Ah, não! Perdoe, ilustre colega sonhador, mas necessita de outro aparte.

– Pois não. Sirva-se!

– Obrigado! O senhor acredita realmente que a voz do povo é a voz de Deus?

– É o que se diz... Este conceito está muito arraigado na retórica da nossa cultura convencional. É um legado do tempo em que o povo não entendia a Bíblia porque era escrita em latim. Hoje não a entendem porque está escrita em português. São sinais dos tempos!

– Ora, preclaro colega, o senhor crê realmente que seja a voz de Deus que se ouve nas escadarias das igrejas, na esquinas e nas ruas, como se Deus dissesse: uma ajuda pelo amor de Mim!... Vamos fazer amor, bem?!... Acredita realmente que seja Deus que canta no carnaval: Bumbumbaticundum-prugurundum?!... E ao mesmo tempo cante: Foi na cruz / Foi na cruz / Que um dia eu vi / Meus pecados castigados em Jesus!... E ao mesmo tempo seja a voz de Deus que cante: Eu não sou cachorro não / pra viver tão humilhado!... O senhor deveras crê no que falou?!

Em sua anárquica representação de parlamentar maluco beleza, ele foi um mendigo desajeitado, uma prostituta girando a bolsinha e remexendo as nádegas e um cantor com estilos diferentes, como um bom bêbado imitando um mau artista.

– Devo dizer, com a franqueza que me é peculiar, que eu não creio nessas crenças, mas que existem, existem. Posso prosseguir, nobre raposa?

– Ah, mas claro, ingênuo colega! E obrigado.

– Foi um prazer. E concluindo, caríssimos senhores... (Meu Deus! Como nos são caros!) considerando ainda que nós, parlamentares, somos dignos representantes do povo brasileiro...

– Ah, não! Volto a incomodá-lo, preclaro colega, mas não posso deixar de implorar um aparte!

– Sim. Mas por favor seja breve pois estou para concluir e o senhor já está se tornando inconveniente!

– Perdoe-me. Serei brevíssimo! Somente uma pergunta.

– Pois não!

– O senhor está passando bem?

– Ora! Mas que pergunta mais despropositada! É claro que estou. Por quê?

– É que suas observações parecem-me um tanto... como direi... delirantes! Sim, delirantes! Próprias de quem está em estado febril!

– Delirante e febril sempre estive o senhor, que nunca fez de suas palavras motivos para verdadeiras conversas! Sua franqueza esconde-se nos bastidores de cubículos hermeticamente fechados!

– Prezado colega, não me ofenda, que enfio um processo calibre 38 na sua testa! Calma! O senhor disse: tendo em vista que todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido, e que a voz do povo é a voz de Deus, e que nós, parlamentares, somos dignos representantes do povo brasileiro...

– Foi o que eu disse. E daí?

– E daí, preclaro colega, é que seu discurso é para palanque, para o povo, e não para a tribuna, num momento íntimo nosso em que o povo não se encontra presente e podemos tirar a máscara e...

– Aquiete-se, por favor, e deixe-me concluir...

– Sim. Porém estou preocupado, pois se o senhor não está febril, então os sintomas são de neurose mesmo! Mas conclua sua peroração.

– Após o que disse, senhores (e não retiro uma vírgula!), pergunto: quantos nesta casa, nestes cem anos de República, mereceram o título de parlamentar que ostentaram e ostentam, e quantos de nós podem afirmar com convicção que realmente prezam a identidade de cidadão que ostentam e ostentaram?... E mais: é lícito chamar de cultura política o amontoado de vícios que impregnam os costumes da casa? Senhores, notem que o tapete já está mais alto do que os móveis nesta casa de leis!

– Fsiu! Fsiu! Fsiu! Vai pregar nas caatingas, seu Antônio Conselheiro! Radical tem que comer no lixão! Quem não tem competência não se estabelece!

– Senhores, por favor, não se ofendam com as minhas palavras! Elas não são malucas nem mal intencionadas são os meus brinquinhos de protestos, meus piercings! Elas indicam o meu jeito “serial killer” o meu jeito “punk” de ser! As minhas palavras são as bombas guerrilheiras nas embaixadas, traduzem a galera inculta e violenta nos estádios de futebol! Elas representam as armas nas mãos dos jovens sem perspectivas, que não sabem que rumo dar às suas vidas! As minhas palavras são os palavrões dos meninos de rua, elas traduzem a minha religião! – Ele parou um instante de falar e colocou mais vodca no copo, bebeu um gole e levou a garrafa até a mesinha.

Passou a andar pelo quarto olhando as paredes como quem está vendo além. Abigail achou que ele divisava uma enorme platéia ouvindo-o. De repente abriu os braços e clamou em tom de súplica e cobrança:

– Peço aos evangélicos dessa casa, que com fervoroso empenho cristão, unam-se numa sessão exorcizante e efetuem os milagres que comumente praticam em seus templos, e regenerem os joios que aqui se encontram e os transformem em trigo! – Parou um instante, e abaixou os braços. Voltou a falar, numa voz mais pausada: – Afinal, os que têm condições de arrumar emprego benzendo carteira profissional; quem cura doenças com magia; enfim, quem cura as feridas da alma do povo, por certo tem condições de recuperar os joios da casa e transformá-los em produtivos parlamentares! – Dito isso, brandiu os braços e gritou: – Mas esqueçamos essas picuinhas, pois hoje é dia de festa e somos todos irmãos de um povo festivo! Comemoramos hoje cem anos de República de um povo que vive numa verdadeira terra prometida. E mais que

isso: um povo mesclado de raças e culturas, que tem tudo para construir um país-espelho para outras nações! Um país “hors concours”! Festejemos senhores, festejemos! – Ele levantou o copo e bebeu o resto do líquido. Abriu os braços e continuou seu discurso ébrio: – Se a festa é da República, é justo que também dela participe o Poder Judiciário... – Ele fez um gesto de anfitrião desvairado, dizendo: – Isso, digníssimos, aninhem-se! Esta casa é como coração de mãe, cabe o infinito! – Ele olhou para o espelho que refletia sua nudez de corpo inteiro, e falou sorridente: – Ah, os componentes do Júri Popular também estão presentes? Que bom. Agora o povo está muito bem representado. Mas se acomodem, por favor, senhores... – E o hábil anfitrião acomodou todo mundo. Novamente ele passou em revista a platéia, com as mãos para trás dando passos curtos, e falou altivamente: – Senhores defensores do estado de direito! Não é isso, desculpem... Senhores representantes do Poder Legislativo e Judiciário farei minha defesa baseada no caso Giordano Bruno. Eminentíssimos baluartes da Justiça modernos defensores de velhas causas, qual a justiça que os senhores realmente defendem? É aquela que Jeremias sonhou nos seus delírios de paz? É por acaso aquela que Jesus sugere em Sinais dos Tempos? É a justiça que Platão disse ser digna de possuir uma retórica capaz de seduzir até os deuses? Os senhores elaboram e julgam leis que pelo menos se aproximam dos ensinamentos de Confúcio? – Ele parou de falar e passou a dar seus passos curtos olhando o imaginário auditório. Abigail, atenta, sorria vendo-o fazer pose de grande homem. E ele voltou a falar, inflamante, teatral: – Ah, senhores, a justiça que nos falta é aquela que pode ser até parâmetro para uma Ética Universal! Falo da justiça que poderia ser um manto acolhedor de todos nós! Sim, seria um manto acolhedor nos dias de hoje, se os grandes homens de ontem não tivessem sido relapsos com o futuro. Assim como nós estamos sendo agora!... – Ele deu outra pausa. E com ar cínico, perguntou: – Senhores, permitam-me que lhes conte a história de uma semetinha? – Ele riu, e virou-se, se recompôs e falou engrossando a voz: – Não pega bem para o momento, já que aqui só tem marmanjo, mas mande aí sua historinha infantil. – E ele passou a dar passos curtos pelo quarto, dizendo:

– Senhores, creio que sendo homens que julgam o destino de pessoas, naturalmente terão capacidade para tomar idéia do quadro imaginário que vou lhes apresentar. Refiro-

me a uma sementinha que estou criando na minha imaginação... Os senhores a vêem se movimentado?! Não é uma sementinha vegetal... Mas os senhores a notam no meio daquelas milhares de outras, naquele mar morno, manso e denso?... Enfim falo da sementinha que nada naquele mar de esperma!... É aquela espertinha, bonitinha, vistosa... Ah, os senhores estão vendo!... Isso, é ela mesma!... Pois é, ela está lá aguardando o seu destino, feito nós que não sabemos de onde viemos e nem para onde vamos... Bonitinha ela! Será sementinha de felino? Canino, talvez? Ou será de bovino?... Talvez seja de um símio? Quem sabe?... Não sou cientista, e para um leigo é impossível discernir uma sementinha de outra. Mas vejam, senhores: o mar da sementinha está revoltado! – Ele começou a agitar-se como se estivesse praticando um coito. – Pra lá, pra cá, pra lá, pra cá, nossa que maremoto!... Vejam, senhores, que espirro! O jato do amor a transportou pra outro corpo! Vejam como é cor-de-rosa!... Será que é humana?... Também não sei diferenciar o aparelho sexual interno das fêmeas. Ah, santa ignorância! Como é ruim não saber... Os senhores não se sentem tolos por não saberem essas coisas? Eu me sinto! Afinal, a ciência já está prestes a fazer gente, e eu sou uma besta que não sabe nada sobre sexo! Só o trivial... Mas olhem, senhores, olhem. O útero é fértil e ela está numa corrida ferrenha! Como é esperta a danadinha! Esperta, saudável e bonitinha! Todos os senhores estão torcendo por ela, não é verdade?!... Eu estou torcendo com garra e com fé de corintiano!... Olha lá! Ela tá chegando! Ela vai vencer! Vai receber a bandeirada! Vai vencer! Vai vencer!... Venceu!!! Tchan tchan tchan! Aos vencedores, a vida! Aos perdedores, o mais insignificante dos anonimatos! Perder nesta corrida é dar de cara com uma camisinha, ou dar de cara com o piso frio ao cair de uma punheta no banheiro!... Ela venceu, senhores! A nossa queridinha venceu... Vamos deixá-la no seu desenvolvimento natural e depois veremos no que se transformou. Aguardemos o parto... – Ele virou-se e voltou a dar passos curtos, como um advogado diante do júri. – Bem, senhores, enquanto esperamos, gostaria de lhes dirigir algumas perguntas que os senhores terão de responder, já que as respostas não serão dadas a mim, e sim à consciência dos senhores. Minhas dúvidas são as seguintes: O fundamental para a participação dos senhores no júri é a satisfação do ego ou a consciência de

justiça? Os senhores acreditam-se capazes de discernir as retóricas impregnadas de sofismas mal-intencionados das retóricas que Platão classificou como capazes de convencer os próprios deuses? Os senhores estão aptos a perceber a verdade ou a mentira estampadas na fisionomia de um político na TV? Os senhores, quando julgam, procuram analisar e compreender todo o histórico do processo que julgam, imbuídos do senso de justiça a ponto de colocá-lo acima de uma lei injusta? Os senhores votam, nas eleições, interessados nas causas sociais ou motivados por interesses pessoais indiferentes aos transtornos que possam causar à sociedade? Os senhores têm consciência sobre manhas e falácias dos advogados para seduzi-los a seguirem o seu canto de sereia? Os senhores têm consciência de que um jurado que absolve qualquer um sem critério justo pode estar contribuindo para que haja novas vítimas ao livrar um criminoso contumaz? Num caso desse, o jurado não está sendo conivente e cúmplice indireto? Os senhores têm consciência de que condenando a torto e a direito podem estar condenando um pobre homem, mais inocente do que toda uma bancada de jurados? Os senhores vêem a verdade dos fatos pelas lindas pernas de uma advogada, pela bunda ondulante da ré, pela oratória de um advogado bem apanhado ou pelo sorriso milionário de um réu?... – Ele bebericou novamente. Sua fala já começava ficar pastosa. Mas, para espanto de Abigail, suas pernas estavam firmes. E ele continuou: – Senhores jurados, não tenho interesse nem direito de pedir-lhes respostas a essas perguntas. São de foro íntimo, e os senhores sabem o caráter que têm! Mas tomei a liberdade de perguntar, pois temo que, ao ser julgado pelos senhores, corra o risco de ser absolvido mesmo sendo culpado ou condenado mesmo sendo inocente. E acho, senhores jurados, que devemos combater a canalhice, mesmo que sejamos nós o canalha!... Giordano Bruno, mande-me considerações a respeito. Eu psicografo... Tem gente que mesmo com uma auréola de merda na cabeça desfila como se fosse de raios de luz...

Abigail o viu, interessada, acender um cigarro, deixar cair o isqueiro e não pegá-lo, ir até o espelho e bater com os nós dos dedos na sua imagem e falar:

– Se liga; agora vamos ver a sementinha. – E voltou-se para a parede, falando: – Mas vejamos, senhores! Já aconteceu o parto! A sementinha esperta nasceu!... E olhem, não é nada do que supus... É humana! Não é de símio, nem de outros

animais. É humana! Humana!... Que pena, senhores... A coitadinha é humana!... Coitada!

O comentário dele provocou um choque em Abigail. E ele virou-se como que se defendendo de ataques imaginários:

– Calma, senhores! Calma! Se digo que lamento, sei o que estou dizendo! No que sua inteligência humana é gasta em seu cotidiano? O que os senhores fazem em prol da dignidade da espécie humana para ficarem com esta frescura? Por que este chauvinismo histérico, se muitos dos senhores rotulam as pessoas de raposas, veados, antas, lobos e ovelhas?... De hienas, lesmas, leões... Mulheres sendo chamadas de peruas, vacas, galinhas e piranhas! Homens sendo chamados de cavalos e burros! Ora, senhores; sendo humano, o bebê viverá preso a um universo sofisticado e injusto, além do seu universo natural. O pobre bebê viverá cativo no universo burocrático elaborado com os sofismas criados pelo lado ruim da razão humana! Nós, humanos, somos todos, cada um de nós, vítimas de nós mesmos! E todos os discursos solidários não reparam 1% dos males que as retóricas banais criam! E assim vivemos a esperteza dos ingênuos, sendo vítimas da ingenuidade dos espertos... Cada qual com seu naco de hipocrisia, preso no beco de um labirinto! Cada qual com sua fórmula de sedução: a vaidade manipula para seduzir e ser poderosa; a humildade seduz provocando compaixão para acomodar-se e lamentar a condição de apoderada! Esta é a via-crúcis de cada qual por entre o labirinto construído pela banda podre da razão humana!... A vida propõe uma existência mais digna para a humanidade, fora do labirinto, mas as normas culturais do poder competente dizem que é radicalismo pensar em formas melhores de convivência social. E nós, seres racionais, nos acomodamos no curral da mediocridade! E a massa bem domesticada trabalha, farreia, lastima e fantasia a existência, defendendo instituições que lhes são algemas mentais e recorrendo às mais variadas drogas pra fugir da realidade do labirinto em que nasceram, mas que não sabem como encarar com dignidade! Droga, senhores, droga! Os que estão no beco das Bahamas sonham com o beco do Brasil e os que estão no beco do Brasil sonham com o beco das Bahamas, numa constante fuga... A vida acontece pura e cristalina fora do labirinto, porém poucos são os que têm a felicidade de percebê-la e procurar viver com dignidade... Com isso, até os gorilas temem os homens, que

são feras inteligentes... Quem será o homem capaz de tirar todos do labirinto cruel? Ninguém! Ou todos saem ou ninguém sairá realmente... Mas olhem, senhores jurados, o bebê está mamando!... Vejam com que apetite instintivo ele procura o seio da mãe. Isto me lembra que a fome no índio é apetite. Eles desconhecem, ou desconheciam, o sentido de fome proveniente da miséria. Mas vejam o bebê como mama avidamente, querendo sobreviver como todos os seres vivos! É no bico daquela teta que está seu conceito de Deus... Ah, como gostaria que toda a humanidade pusesse os olhos neste quadro! Eis um belo momento. Deveras transcendental e naturalmente singelo: uma boca, um seio; uma mãe e seu filho... Olhem o umbigo. Não os seus, senhores! O do bebê!... Identificam-se? Bonito o bebê, não é? Pois é, a mãe deve achá-lo lindo... A mãe de Hitler o achou... É natural, os senhores não acham?... A mãe de César Borgia eu não sei se o achou bonito. A gestação deve ter sido muito conturbada... Eu acho que a mãe de Gandhi pode até tê-lo achado feinho, mas que belo rebento teve aquela mulher, hein? Mas e esse bebê, qual o seu futuro? Eu só gostaria que ele aprendesse que as mais lindas e significativas mudanças que podemos vivenciar são aquelas que acontecem no íntimo, transportando-nos do desconhecido para o conhecimento... Mas chega! Nada mais tenho a dizer. Obrigado, digníssimos representantes do povo brasileiro! Tenho certeza de que os senhores sabem que a dignidade e a cultura de um povo são reflexo da cultura e da sensibilidade dos seus representantes. Se o homem é produto do meio, o brasileiro também é! Ou não?... Ah, sei lá; cada um com o livre-arbítrio que Deus lhe deu... A vida permite que se creia no que quiser; a sociedade, com suas retóricas vazias em defesa de cacos institucionais, é que não... Precisamos criar um referencial sólido para a formação, a fim de que o humano não seja tão frágil, volúvel e tolo... Para sermos humildes, temos que reconhecer, com um religioso amor, que o nosso mundo não é um bom berço para os bebês que virão, sejam eles os futuros opressores ou os futuros oprimidos... E eu sei que por melhor pai que consiga ser, e por melhor que meu filho seja, viverá neste mundo de piolhinhos metido a semelhantes a Deus, mas que produzem a lei da selva e pagam mico pra macaco, com orações paliativas e auto-sugestões, que chamam de fé. Ah, eu amo meu umbigo idiota! Sou tão esperto, mas tão esperto, que até me enrolo...

Todo espetáculo divertia Abigail e ela estava adorando assisti-lo. Mas o fim de tudo aquilo a preocupava. Ele não dava sinais de querer sair, mas também não parecia inclinado a dormir. Havia pouco mais de meia garrafa de vodca. Depois do banho, ele, estranhamente, bebera menos. Mas era perceptível sua embriaguez, apesar de ele se locomover e falar com firmeza. A preocupação dela era quando ele acordasse, no dia seguinte. Abigail sabia que mesmo ele tendo dito que seguiria a disciplina que ela recomendasse, havia problemas, porque ele levantaria com muita vontade de beber e com o juízo abalado pelo álcool.

Ele colocou mais vodca no copo, tomou um gole e acendeu um cigarro. Não comeu carne dessa vez. Fez do copo um microfone e começou a falar:

– Platão! Rádio Nossos Nós! A emissora que desata os nós de todos nós. Vamos falar com Letícia Xis, que tem notícias do planeta Platão, localizado na Galáxia Sonhos concretizados. Como os senhores sabem, todo mês recebemos informações daquele magnífico planeta. Mande a notícia, Letícia!

Ele afinou a voz, virou a bunda para Abigail e dobrou os quadris:

– Obrigada, Marco Lino! É um prazer falar com os terráqueos desse maravilhoso país de onde trouxe muitas saudades quando aí estive! Vamos às notícias: esta foi uma semana feliz para o planeta Platão! O acordo tão esperado aconteceu. A ONRU, Organização das Nações Realmente Unidas, conseguiu o acordo para o desarmamento de todo o planeta! Todas as nações platônicas firmaram o acordo e o planeta está feliz! Todas as armas foram desativadas juntamente com os seus exércitos, cujos soldados estão sendo remanejados para outras tarefas de melhor e mais digna importância. Avançou-se mais ainda no acordo: todas as nações assinaram documento se comprometendo a que, no caso de qualquer litígio entre nações, seja feito um plebiscito planetário. Cada nação litigiosa exporá seu interesse e reivindicação para que todo o planeta o discuta... Como é de conhecimento dos senhores, para a ONRU, cada país vale um voto, independente do seu poder econômico, demográfico ou outra diferença qualquer. Portanto, em caso de conflitos entre nações que a diplomacia não consiga resolver a contento, cada país do planeta se compromete a fazer um plebiscito entre seu respectivo povo, e o veredicto desse povo vale um voto na ONRU. Aqui só haverá

guerra se a maioria da população dos 190 países quiser... E estamos ainda mais felizes por se abrir a possibilidade da esperada União Platônica daqui a algumas décadas. É um projeto fazer de Platão um único país, uma única nação...

– Que maravilhosa notícia, Letícia! Como foi possível tal acordo? Isso é inimaginável para nós!

– Marco Lino, somente quem conhece a história do planeta Platão tem condições de compreender esta grande conquista. Como você sabe, platônicos e humanos têm a mesma estrutura genética. Apesar disso, a cultura nos distancia muito. A cultura platônica é dinâmica e assimilada por todos, enquanto a cultura de vocês é fixa, presa a tradicionais arcaísmos, preconceituosa. Nossa cultura atingiu devido à histórica transformação educacional que aconteceu no planeta, tal dinamismo. Democratizando-se o ensino em todas as nações, a dinâmica cultural passou a acompanhar os novos descobrimentos, adaptando-se aos conhecimentos adquiridos. As instituições se ajustam de imediato às novas realidades que se apresentam. Claro que, na questão de personalidade, uma geração formada em anos anteriores apresenta certa diferença. Mas esta já não é tão significativa na questão dos conhecimentos. Todos acompanham as novidades e refletem sobre elas. O que quero dizer é que todos, indiscriminadamente, têm consciência de que o platônico é produto do meio, e as crianças são ensinadas a compreender esse fenômeno sem subterfúgios, e passam a entender a lei de causa e efeito... Há um axioma comum entre nós que diz o seguinte: “Quanto menos preconceitos ocupando o espaço cerebral, mais espaço para conceitos, para o entendimento e para a criatividade benigna.”

– Pôxa, Letícia, que invejável notícia!

– Marco Lino, eu entendo que o fundamental para que a revolução do bem começasse a surtir os efeitos que colhemos agora foi o movimento que começou com a reforma do ensino, que rompeu definitivamente com a educação carregada de sofismas e preconceitos tolos em suas bases! – Para que a revolução do bem começasse a funcionar no planeta, foi fundamental que se tomasse coragem de pôr em prática a revolução do ensino, estendendo-o a todos por igual! Foi uma reforma iniciada em Pindorama, um grande país aqui do planeta, elaborada por um colegiado, e que se espalhou por todos os cantos de Platão. Esse movimento tinha como lema: “Ignus tutti just ou tutti finit injust, ceq-sab!” Traduzindo do platoniano,

a língua universal daqui, para o português: “Para que todos se pertençam, ninguém é de ninguém!” A partir dessa prática, foi possível implantar outra grande mudança em nossa cultura: a mudança política, que passou de uma democracia anárquica e preconceituosa para uma democracia participativa e vibrante. Aqui nada do que é público é privado. O movimento que ocasionou essa mudança democrática chamou-se “autoridade sagrada”, eleita por autoridade maior! A partir desse momento a voz do povo passou a ser a voz dos deuses em Platão...

– Mas quais foram os resultados dessa mudança política, Letícia?

– Foram varridos do mapa platônico os sacripantas políticos! Os dirigentes passaram a ser autoridade sagrada por competência, e o povo, autoridade maior, pela competência de saber escolher e fiscalizar, consciente de que o bem-estar da maioria é fundamental para a sociedade. Dentro do contexto capitalista em que vocês vivem aí, seria o mesmo que dizer que o povo passou a ser um patrão eficaz, que sabe onde o seu dinheiro deve ser aplicado. E a autoridade sagrada, os empregados do povo, cumpre as metas preestabelecidas! É importante dizer que o salário mínimo é dez vezes inferior ao salário dos parlamentares, e seu aumento é atrelado ao salário dos congressistas. Por uma questão de inteligência e justiça, há um teto salarial neste planeta.

– Mas Letícia, nenhuma autoridade daí tentou burlar essa nova ordem? Ninguém praticou improbidade administrativa?

– Claro que sim, Marco Lino! Mas considere que aqui as leis funcionam, porque até o poder judiciário é fiscalizado pelo povo. E as autoridades em Platão têm seus direitos dobrados com relação aos do cidadão comum; porém seus deveres também são dobrados. Seus crimes recebem penas dobradas. Isso desde o soldado raso até o presidente da nação!

– Mesmo com essa severidade, há candidatos cargos de autoridade nesse planeta?!

– Claro, Marco Lino! Em muitos países daqui já não temos políticos carreiristas. As autoridades são escolhidas pelo povo por sua notória capacidade em atividades sociais. Com isso, ao participarem do governo por um determinado período, recebem dez vezes mais que o teto salarial do cidadão comum... Considere que aqui a riqueza tem teto! Pois bem, as autoridades realmente competentes, além de ganharem mais

durante o tempo em que exercem suas funções de governo, aposentam-se mais cedo, pois computa-se seu tempo de trabalho no antigo emprego mais o período em que esteve no governo. Com 20 anos de trabalho, aposentam-se. O cidadão comum aposenta-se, aqui, na maioria dos países, com 40 anos de trabalho...

– Desculpe-me, Letícia, mas acho maluca essa notícia! As autoridades se aposentam com 20 anos de trabalho e depois ficam coçando o saco?!

– Que que é isso, Marco Lino?! Platônico usa o saco para outras coisas! Considerando que a educação por aqui é aprimorada, todos desenvolvem seu potencial artístico. Muitos, quando se aposentam, vão produzir obras literárias ou artísticas em geral; outros se dedicam ao esporte ou a qualquer atividade que lhe dê prazer, e assim continuam sendo úteis. Emprego não falta aqui, porque o Estado garante. Emprego, saúde, lazer, educação e tantas outras coisas são deveres do Estado! Ao povo cabe o dever de cuidar do Estado e de sua vida pessoal. Temos aqui, Marco Lino, o que algumas pessoas aí sonham: o socialismo democrático e participativo!

– E depois de aposentados eles podem se dedicar a atividades remuneradas?

– Não. Tanto o cidadão comum como as autoridades têm a aposentadoria paga corretamente pelo Estado. A maioria, ao se aposentar, dedica-se a produzir, conforme seus dons, para instituições que têm por finalidade pesquisar novas atividades. São instituições criadoras de diversas atividades sociais, dirigidas para solucionar problemas da nação. Se o dom de uma pessoa é a pintura, ela faz disso um hobby e seus quadros são comercializados em benefício dessas instituições. Ao agente produtor cabe o orgulho de contribuir e criar. Afinal, aqui se tem consciência de que felicidade, satisfação pessoal, é coisa interna e não externa. Aqui se admira a capacidade e o caráter de uma pessoa e não o que ela tem materialmente. Aqui, o olhar social inspira a prática, Marco Lino! Aqui, a ética consiste em trabalhar para o bem social. Eu sei que para vocês aí da Terra isso é estranho, mas para nós, platônicos, ser útil à sociedade é cultura, e coçar o saco é coisa pra parasita social!

– Puxa, Letícia: isso é crítica ou notícia?... Mas diga-me, por favor: como o povo daí pode ter certeza de que um dirigente está agindo com honestidade?

– Ora, Marco Lino, um povo educado para a cidadania sabe cuidar do que é seu! Aqui temos uma máxima que diz: “A oportunidade faz o ladrão!” Afinal, um povo que sabe, sabe o que quer. Não esqueça que a educação leva ao conhecimento e o conhecimento leva à evolução. Extrair ordem e progresso dessa dinâmica não é difícil. Nós já estamos usando mais de 70% de nossa capacidade mental. Isso é evolução, Marco Lino! Isso é progresso! E progresso com ordem!

– Puxa, Letícia, isso é aula ou notícia?!... Mas com a desativação do exército e das armas o planeta Platão ficou vulnerável?

– Não! Temos um arsenal e um exército em prontidão constante, dirigido pela ONRU. Só foram as nações desarmadas, não o planeta. Marco Lino, se dependesse dos outros planetas com os quais temos relações, exércitos e armas seriam completamente desativados. Mas numa Assembléia da ONRU ficou estabelecido que, devido à belicosidade imperialista dos terráqueos, deveria ser mantido um exército em constante prontidão. Sabe como é: o preço da liberdade é a eterna vigilância.

– Puxa Letícia, envergonho-me com a notícia! Você disse que outros planetas são pacíficos e só a Terra não é?!

– O planeta Paz Vibrante, da Galáxia Tô na Boa é pacífico; o Tô de Olho, da Galáxia Levo a Vida, também! Resumindo, Marco Lino: todos os outros planetas só querem viver e conviver bem. O problema do universo são vocês! Aqui em Platão, para alguns, a Terra é conhecida como “Mico dos Deuses”. Para outros é “Titica Neurótica”. Marco Lino, para que vocês e seus ouvintes tenham idéia do conceito que temos de vocês, digo o seguinte: nas discussões sobre a desativação de nossas armas e exércitos, pensou-se até em liquidar a Terra para o universo viver em paz! Pensou-se em pulverizar seu planeta com algumas bombas XPTO, que é um artefato com dez vezes mais potência do que a mais potente bomba que vocês possuem! Mas considerou-se que não devemos destruir o que a natureza criou e criar uma instabilidade no sistema solar. Resumindo: o Egrégio Colegiado Platônico encerrou o documento sobre o desarmamento com os seguintes dizeres: “Devido ao estágio primitivo por que passam os terráqueos, devemos nos prevenir, mas deixá-los viver, dando-lhes oportunidade de evolução. Afinal, eles ainda não sabem o que fazem. Mas podem aprender.” Foi esse o desfecho do documento.

– Que horrível, Letícia, que vergonhosa notícia! Você está dizendo que o planeta Terra é a preocupação e o mal do universo?!

– Tuim tuim tuim tuim...

– Caiu a linha. Perdemos o contato! Ah, senhores ouvintes, como me sinto mal quando converso com Letícia!... Sinto-me como um idiota que escolheu o planeta errado para viver...

Ele terminou sua brincadeira de repórter interplanetário indo até o espelho. Novamente bateu com o copo na testa de sua imagem e disse:

– É preciso ter o olhar na utopia pra se curar a miopia... Quem quer sua crença respeitada, respeita a crença alheia. Quem respeita sua crença e respeita a crença alheia, compara as duas crenças para extrair da comparação uma crença mais respeitável. O homem precisa respeitar o seu maior predicado: a inteligência... Ah, vida, seu mistério não me amedronta. Seu mistério me encanta. Só falta harmonizar a convivência humana para seu milagre ser perfeito... Precisamos de fantasias que não sejam uma eterna fuga da realidade. Precisamos de fantasias que incitem o espírito a transformar a realidade!... As fantasias que usamos comumente nos transformam em caricaturas de seres humanos. Isso é o mesmo que estar no hospício, feliz por sentir-se Napoleão... Isso significa o quê?... Que uns vêm à vida com uma missão e outros com uma “missinha”?... Mas que coisa engraadinha!... Com patuá que fecha o corpo, o homem se sente protegido, mas sentir-se não é estar... As fantasias também funcionam como o cigarro, propõem uma coisa e causam outra... Mas a realidade já é a maior fantasia, pelos mistérios que apresenta...

“Ambicioso”, Abigail pensou. Ela lembrou-se de quando ele lhe disse ser um dos homens mais ambiciosos do mundo, porque ambicionava viver numa sociedade justa, culta e harmoniosa. A brincadeira de repórter interplanetário demonstrou esse desejo instalado em seu espírito. Uma fantasia? Claro que sim. Como qualquer pessoa, ele também tinha suas fantasias. Porém, diferente da maioria, que cria suas fantasias num jogo individual para a satisfação do próprio espírito, nele as fantasias funcionavam como oração para todos, contemplando o coletivo. Era como se sua satisfação, sua felicidade, dependesse do equilíbrio social. Lembrou-se de outro pensamento dele: “Um homem só é só um homem, nada mais que um homem só!” Mas ela não levou adiante sua análise psicodélica sobre a personalidade de Cisco, preferindo assisti-lo.

Ele bebeu outro gole e dessa vez acabou com o líquido do copo. Foi até a mesinha, pegou um cigarro e o acendeu. Sentou-se na cama e deu umas tragadas, ao mesmo tempo em que folheava o caderno. Incontinenti, levantou-se e apagou o cigarro quase inteiro no cinzeiro, que já transbordava. “Somente bêbado pra dormir num quarto assim”, pensou Abigail, enquanto o via sentar-se na cama, pegar o violão e começar a cantar:

– Assisti um filme muito bem transado / Uma obra de arte sem falso pudor / De sexo explícito escancarado / Mamãe como atriz, / Papai como ator. / Sexo revelado, de um jeito sensível. / O melhor de todos os filmes pornôs. / Bem elaborado e reflexível / Bom para netinhos e para vovôs... – Abigail conhecia essa música e gostava. Chegara a perguntar a ele o que o levou a fazer uma música que falava do dia de sua concepção. E ele explicou numa frase curta: A minha existência!

Ele cantou a música até o final e emendou com um xote que ela também conhecia: – Em nosso mapa social / Há extremos desiguais / Que a escola não ensina / É uma linha vertical / De injusta social / Maior do que se imagina. / Nos extremos do Brasil / Adistância é imoral / Vai do luxo à ruína. / Eu vou lhe dar uma pista: / Vai da Avenida Paulista / Ao Raso da Catarina. / Raso da Catarina, ai, ai / O Raso da Catarina, ai ai.

Ele cantou mais outras músicas, depois ficou em silêncio por um bom tempo, com o olhar parado, típico dos que viajam sem sair do lugar. Até que colocou o violão sobre a cama e levantou-se, indo até o espelho. Olhou-se nos olhos e falou para si:

– Pois é, camarada, você vai se casar! Agora é realidade! Mudança real! Quero ver sua capacidade de realizar a vida que crê como certa e construir a família ideal. A família-mutirão onde todos se pertençam sem ninguém ser de ninguém! Você vai ser capaz de ser justo e afetivo diante dos problemas que virão? Você vai ter humildade pra reconhecer aquilo em que Abigail é mais capaz e deve comandar? Você vai saber educar os seus filhos para uma vida digna e livre, sem torná-los sacripantas ou oportunistas desprezíveis, de modo que sejam cidadãos sem serem cabisbaixos nem arrogantes?... – Bateu com o dedo na testa de sua imagem. – Mulher pra isso você já encontrou. Abigail é companheira. Não é daquelas que só satisfaz o pinto e deixa o espírito insatisfeito... E também não é uma mulher que vive de quatro para os costumes comuns. Basta fortalecê-la que ela quebra seus bloqueios... Ela não tem medo de novidades e não limita assuntos. Teremos uma vida inteira para discutir, brigar,

criar, amar... O importante é manter os sentimentos e a confiança... É, eu creio ser capaz, mas só vou provar se sou ou não quando realizar o sonho.

Desnecessário dizer que os sentidos de Abigail efervesceram. Suas pernas tremeram e ela sentiu o anseio de invadir o quarto e abraçar Cisco. Numa situação atípica, ela recebera a mais confiável das declarações de amor que já recebera em toda a sua vida. A palavra “amor” ou a frase “eu te amo” não estavam explícitas no que ele dissera, mas o sentido continha o sentimento. Se para Cisco fora um pensamento solto no recanto de sua ébria privacidade, para ela as palavras dele foram a mais autêntica declaração de amor. Maior e mais honesta do que se estivesse estampada num outdoor para que toda a cidade visse. O recital imprevisto e impróprio para ela já atingira a apoteose. Estava satisfeita. O espetáculo já poderia cerrar as cortinas e Cisco poderia descansar.

Mas Cisco não estava interessado em descansar. Ele tomara a pegar o violão e, pela primeira vez, cantava algo fora de seu repertório: “Eu sei que vou te amar”, de Tom Jobim e Vinicius. Emocionada, Abigail sentou-se na calçadinha, acendeu um cigarro e passou a ouvir e pensar um futuro cheio de imprevistos, mas promissor e interessante...

Absorta nos pensamentos, assustou-se com um grito de Cisco:

– Que que é isso, poetinha?! As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental?! Não sei com que intuito você disse isso, mas é uma besteira de bom tamanho! Tava a fim de promover alguma clínica estética ou instituto de beleza?! Falar bobagem tá dentro dos erros humanos, mas sustentá-la é esquisito... O que é fundamental para uns é referencial para todos? Não. Então, dentro do seu gosto, uma Cinderela com alma de madame Min tá de bom tamanho... Gosto é gosto... Gosto do que é belo, mas o fundamento da beleza não está na matéria, está nos sentidos! A beleza seduz, cativa, agrada, mas não é fundamental! Sua cabeça de nada valia quando sua barriga tornou-se feiosa?... Os feios que me perdoem, mas beleza é fundamental, portanto Gandhi, Einstein e outros feios valeram menos do que se supõe. Sartre, então, era uma merda! E Elvis Presley era a essência fundamental do padrão masculino... Fundamental por que e pra quê? Se é pra sexo, o fundamental é a tcheca, o útero e o instinto. Já pensou se eu brochasse toda vez que saísse com mulher com celulite?! Po-

bre Erundina, no conceito de Vinicius é mulher de pouca valia, pois lhe falta o fundamental como mulher!... Se eu fosse ela, abandonava a prefeitura, passava pelo Pitanguy e malhava quatro anos numa clínica estética até parecer uma bela boneca inflável de esmerada confecção!... Vinicius, se uma mulher não tem o que você diz ser fundamental, a sua existência não tem base?!... Ora o homem faz da mulher objeto e objeto torna-se, por ser filho... Filho de objeto, objeto é!... – Ele parou um instante, como se um novo pensamento interferisse no seu raciocínio, e, abrindo os braços, gritou: – Viva a beleza da mulher brasileira! Produto de exportação para as esquinas do mundo! – Sorriu e mudou o tom de voz, como se fizesse um comentário à boca pequena. – Puxa, até parece que o talento do povo brasileiro localiza-se do ventre pra baixo; o homem é exportado pra jogar bola, e a mulher querem transformar também em produto de exportação para tristes situações. Espero que no futuro a nossa balança comercial não seja dependente da beleza da mulher brasileira, com o turismo usando-a como um chamariz para todos os tarados do mundo... O que você vai ser quando crescer, menina? – Ele rebolou a bunda e respondeu a pergunta: – Vou ser miss putana! – E continuou: – É do oito que nasce o oitenta... É do pecado que nasce a malícia... É das grandes fortunas que nascem as grandes misérias e é no conjunto desta cultura que nascem os bebês para serem produto do meio. Todos sabemos que somos produto do meio, mas estupidamente fortalecemos a educação pelos extremos. – Sorriu com seu trocadilho filosófico e, caminhando até a mesinha, continuou falando: – E depois ficamos feito babacas perguntando o que está acontecendo com nossas crianças! Dispensou o cuidado de despejar o líquido no copo e bebeu da garrafa, indo com ela até o espelho. Falou para si: – O problema nunca está na nudez feia ou bela! O problema está sempre no universo subjetivo. Tudo o que a nudez provoca está transparente no olhar do corpo nu e no olhar do corpo vestido... E é esse olhar que me interessa! A nudez me interessa menos do que esse olhar... É a nudez desse olhar que me interessa em ver sem pudor e sem respeito pela privacidade... É preciso desnudar as sensações... A vida propõe outros orgasmos além do sexual... A psicologia precisa sair dos consultórios do poder e se espalhar pelas ruas a serviço do povo. – Saiu de frente do espelho, bebericou novamente no gargalo e logo depois disse: – As belas que me perdoem, mas

beleza é acessório! – E abriu os braços olhando para o teto, fazendo a garrafa bailar a cada verso que recitava.

Me responda se quiser, sem temor e sem rodeios:
Rosto, pernas, bunda, seios: são enfeites da mulher?!
E se enfeites são objetos de atrair por sedução,
De onde brota o amor-afeto e onde brota o amor-tesão?

Calma, meu bem, calma; não precipite a conclusão;
Falo de objeto de amor, e não produto de renda,
Como objeto de consumo que está exposto à venda!

Me diga, meu bem, com calma:
Onde é que se situam as coisas de nossa alma?
Se no corpo há enfeites que se tocam e se desejam,
Quando é que amo o corpo e quando é que alma beija?...
Ora, pílulas! Tiro por mim a conclusão,
Pois trago em minhas células mistérios do coração!
Seja ele amor-paixão, de tesão apetecido:
Seja o amor-sentimento ou o dito amor-libido:
Pra que viver o tormento com gosto de amor traído,
Dando o sexo à palmatória, se há uma linha divisória,
Entre o instinto e o sentimento, com marco bem definido?!
Se pinta paixão paralela, é bom que o ciúme não interfira,
Porque o amor é uma estrela, acima da dor que o fira,
E da vida lições se tira, em franca e afetuosa relação.
Pois, de fato, só há traição no ato de qualquer mentira!
Ah, mentira: ato vil, vil desacato, traição que traz a ira...
Mas é injusto o amor enclausurado...
É um amor sem compreensão!
É beira de precipício, é autoflagelação!...
É impor ao coração, um dorido e vão suplício;
É impor à própria alma uma cruel perversão
Abandonada na dor do falso pudor ou do vício!...
Oh, meu amor, por favor, já estamos bem crescidos;
Respeite a obra do Criador e dê um descanso ao Senhor
(Que aliás é merecido!)

E vivamos o amor com honesto e franco ardor,
Pois os deuses o teceram com primor,
Pra não ser amortecido!...

Abigail não conhecia essa poesia, e impressionada o viu fazer a garrafa bailar ao som de cada verso e finalizar em êxtase:

– E viva a mãe que me teve, pois fez bem em ter-me tido! – Disse logo depois: – Ah, a família! A família é tudo. Inclusive os males que se passa de geração a geração... Para se ter um espírito equilibrado, a consciência da verdade é fundamental. Pelo menos o espírito coerente não precisa agasalhar hipocrisias nem autoflagelar-se com um cinto de castidade no coração... Sartre e Simone explicam.

Ela se sentiu encantada pelo que viu e ouviu, mas preocupou-se. Para ele, o amor livre era uma coisa legítima, justa e moral. Havia nele a necessidade de respeitar o universo subjetivo, o mundo dos sentimentos, acima da objetividade imposta pelas convenções. Mudar as relações humanas que transformam os sentimentos em fonte de hipocrisias ou névoa no olhar era o seu lema. Ela nunca questionara se teria um casamento, mantendo-se fiel num relacionamento duradouro. Na verdade idealizava um casamento dentro dos padrões comuns, só que mais feliz. Mas nunca pensara numa fórmula para concretizar a felicidade idealizada. E notícias não lhe faltavam sobre infidelidade conjugal. Que garantia o futuro lhe dava de que com o passar dos anos ela não seria uma das infiéis? Abigail sabia que entre os bispos e padres que proclamavam os princípios da fidelidade conjugal, muitos traíam seus dogmas. E juízes de paz também!

Acendeu um cigarro, sentou-se na calçadinha e envolveu-se com o tema. Percebeu que, apesar de fugir do casamento por muito tempo, Cisco não desprezara a possibilidade e até a planejara. Para ele, o casamento não seria só escolher uma mulher que o coração aceitasse e a razão concordasse; ele também possuía um esquema pronto. As conversas confidenciais que tiveram, durante o namoro na campanha eleitoral, e a forma com que ele expusera francamente suas convicções pareceram a ela parte de sua posição firme de mostrar-se como era, para que ela decidisse. Ao mesmo tempo ele sutilmente a envolvera, a ponto de conhecê-la com profundidade. Ele transformara o namoro numa sessão psicoterápica

em que ambos se expuseram abertamente um ao outro para avaliação. Ela nunca conhecera um homem com tanta intimidade como conhecia Cisco, e ele a conhecia como ninguém. Espantou-se ao constatar que isso acontecera em menos de um ano de convivência. O que ela não entendia era porque ele mantivera durante o namoro uma certa insegurança com relação ao casamento. Seria mesmo insegurança ou ele não acreditava que encontraria uma mulher em condições de viver o casamento conforme imaginava? Ficou com a segunda hipótese e rejubilou-se por compreender que passara no teste para esposa de Cisco, de acordo com a declaração dele mesmo. Sentiu-se mais mulher do que a bela Agnes e tantas outras que foram reprovadas. O casamento não era só um caso de amor, era também de confiança, compreensão e respeito. Isso ela sempre dissera pra si, mas nunca pensara como se concretizava. Ela e Cisco teriam muito para conversar e discutir. Afinal, se as crises são eternas, resolvê-las também é...

Absorvida em reflexões nas quais se misturavam bobagens e sensatez, ela foi surpreendida por Cisco, que trocara o falatório por um escandaloso tropel. Ela levantou-se rápido e riu do que viu: ele, em pé, com o braço direito brandindo uma suposta espada e a mão esquerda segurando uma hipotética rédea; estava com as pernas semi-abertas e os joelhos semidobrados, como se estivesse no dorso de um cavalo, mas como não havia cavalo e ele estava nu, sua trouxa natural sacolejava freneticamente no figurativo galope. E a mão direita subia e descia em certos golpes vazios:

– Morra, muçulmano, em nome de Cristo! Pocotó pocotó, pocotó, pocotó, pocotó, pocotó! Precisamos retomar Jerusalém! Jerusalém é nossa e ninguém tasca! Morra, herege crente num falso deus! Trago-lhe o Deus verdadeiro na ponta de minha espada! Pocotó pocotó, pocotó, pocotó, pocotó, pocotó! Mais, quero mais, diziam os papas e os reis, para quem o muito é pouco! E eles riam a cada retorno dos cavaleiros cristãos, a massa de manobra da época! E o cristianismo se expandia pelo mundo! Ouro! Ouro! Ouro!... Ouro, porque o ouro faz bem pro espírito e encanta os altares! Pocotó pocotó, pocotó, pocotó, pocotó! Carlos Magno, rei e santo, monogâmico cristão, cheio de mulheres e filhos ilegítimos com a benção papal! Pocotó, pocotó, pocotó, pocotó, pocotó! E o cavalo do tempo seguiu o seu curso e passou pela idade das trevas, transportando no alforje o DNA cultural... Pocotó, pocotó,

pocotó. – Ele mudou a mímica, trocando a imaginária espada por uma invisível batuta, e como um maestro regia o manso cavalgar do cavalo inexistente. – Pocotó, pocotó, pocotó; parece que tudo clareava para a humanidade... O homem renascia das cinzas... Petrarca! João Ball! João Huss! George Fox! E tantos conhecidos e muitos mais desconhecidos! Quantos a história não conta e tiveram seus corpos torturados nas maquinações da Santa Inquisição? Santo Agostinho! Mande-me orientações de quando se deve queimar hereges aos deuses que nós confiamos! Eu psicografo... Lutero, o espírito cristão se mede pelas ações ou pelo discurso?!... Não é despidno o hábito que se obtém cura dos vícios. O vício é curado quando adquirimos bons e novos hábitos!... E no alforje do cavalo do tempo o DNA cultural seguia: pocotó, pocotó, pocotó... Napoleão! Seu genial espírito tem o peso e a medida do orgulhoso espírito de um moleque pichador de muros. A diferença entre o teu espírito e o espírito do moleque pichador, é que mataste mais de 500 mil para pichar o teu nome no mural da história! Não me mande nada, eu não psicografo!... Mas a humanidade sobreviveu... Arrebanhada e domesticada por estupros mentais, mas sobreviveu! E vieram as grandes navegações!... Squash! Squash! Squash! – Rédeas e batuta foram trocadas por remos, para a divertida Abigail assistir. – Squash! Squash! Squash! Singram as caravelas pelo Atlântico e pelo Pacífico em busca de novas terras! E a América é descoberta! Um novo mundo para velhas práticas e patifarias... Corram, apaches, que os cristãos vêm aí! Corram, astecas! Corram, incas!... E os cristãos aportaram em Porto Seguro. Seguro pra eles, mas não para os índios! Corram, tupinambás! Corram, guaranis, que Inhanderu, seu deus, com suas flechas e tacapes, não é páreo para o trabuco do Deus cristão!... Pois é, Voltaire, Deus não gosta de guerras mas fica do lado de quem atira melhor. Araxás! Os bandeirantes ao menos lhes agradeceram por ceder seus filhos como alimento aos cães deles?!... A história que nasceu no Vale do Nilo e na Mesopotâmia é nojenta nas suas imposições e preconceitos cruéis, mas é ela que nos forma de geração a geração. É ela que ocasiona as grandes transformações sem se liberar dos velhos fundamentos. É uma megacolcha de tecido podre, remendada com alguns tecidos bons, como referencial para o marketing. Como transformar isso numa colcha útil para o futuro humano?...

Ele abandonou sua posição de navegador e caminhou para a mesinha. Acendeu um cigarro. Abigail notou que a embriaguez de Cisco já ultrapassara seu autocontrole. Acreditou que logo ele dormiria. Ele bebericou mais. Ainda havia um quarto de vodca na garrafa, com ela na mão, ele sentou-se na cama e pôs-se a falar:

– Se tudo vale pela crença, pela fé, muitos já têm ingresso garantido no céu ou no inferno. Já tem até imperialistas prontos para conquistar o reino do Senhor... Eu não. Quando meu corpo estiver esticado na laje fria, acabou-se o meu grande e único momento!... E o meu orgulho, vaidade... nada mais será. Até a velha esperança, que tem fôlego de gato, fará companhia pros dinossauros... Os vermes me levarão para onde a cegonha me tirou... Nada me dá certeza de que haja vida após a morte. Mas eu gostaria... Gostaria muito. Mas isso não é uma crença, é um anseio. Em minhas crenças, baseio-me na certeza comprovada, mas meus anseios são apenas desejos... e eu torço com fé corintiana para que haja vida após a morte... Mas eu não creio... Tudo bem, se não houver não tenho do que reclamar porque morto não reclama. Mas se houver, é um lucro bem-vindo... Tudo pode ser. Mas eu não posso colocar certeza em nenhuma suposição não comprovada. E eu sei que até das comprovações surgem novas dúvidas, pois nossas suposições e certezas estão aquém, muito aquém, da verdade absoluta... É preciso entender que as baratas também estão aqui. É qual é a utilidade delas para o ecossistema divino?... Tudo bem, gozo e me encanto com os mistérios como um espermatozóide à espera de uma grande aventura que não sabe qual será... Talvez eu seja uma semente pra outra situação... – Ele fez pose de orador e recitou: – O dia que eu partir pra “sei lá”, nem espero despedida! Só espero que quem ficar respeite e goze esta vida! – Abaixou a cabeça e continuou meditando em alta voz: – Se é a crença que vale, muitos irão tocar lira com os anjos no céu; outros voltarão pra viver outra vida... outros crêem que viverão noutra dimensão. Muitos acham que o planeta é um local de veraneio que se visita de tempo em tempo... Para mim, não diz nada; se fui Salomão em outro tempo, que sentido tem pra mim, se não lembro nem de minha primeira mamada e da primeira cagada nesta encarnação?! Se noutra encarnação serei uma bicha louca que viverá de michê nas esquinas de Nova Iorque, que sentido tem prá mim hoje?! Aliás, não seria injusto se reencarnássemos como a pessoa

que mais maltratássemos, contra a qual tivéssemos preconceitos... Mas não creio nisso. Somos o que pensamos. Se pensamos em problemas, problemas nos tornamos. Se pensamos em soluções, nos tornamos soluções... Fuga, Alan Poe! Depois desta, nunca mais!... O homem cria universos místicos para fugir da sua realidade... Tudo se justifica, mas eu acho que ver o universo natural com desinteresse mas considerar-se íntimo de Deus, é o mesmo que bajular o artista e menosprezar sua obra. É... As nossas sensações nos levam a criar milhares de doutrinas lógicas, mas se o seu princípio tem como fundamento uma fantasia qualquer, milhares de pessoas passarão pela vida acreditando em mula sem cabeça que solta fogo pelas ventas. Temos educação para isso... – Ele levou a garrafa à boca, mas nem chegou a beber, pois falou em seguida: – Que me perdoem todos os crentes, das mais variadas religiões ou seitas, mas Deus não é um caso encerrado! Deus não é um caso desvendado como querem os crentes nem um caso para ser arquivado como querem os ateus... Deus é um ilustre desconhecido, por isso ninguém pode dizer que já o encontrou. Nem os ateus estão certos, porque há indícios, há pistas... – Ele sorriu, e disse: – Os ateus parecem a polícia e a justiça brasileira; se sentem que as investigações podem levá-los um poderoso, arquivam o processo e cessam as investigações. Mas eu acho que Deus é uma

eterna procura e que Jesus não nasceu de cesariana... – Ele havia desviado o olhar do teto e baixado as mãos, mas logo voltou a olhar para cima e gritou: – Einstein! Da dimensão onde você se encontra, mande-me considerações a respeito... Me diga, Einstein: quem fez o incomensurável e negro espaço e colocou a massa cheia de energia nele? Quem foi o benigno pirotécnico que explodiu a massa e ocasionou o Big Bang?

Os deuses são feitos de matéria tão frágil quanto a nossa: 70% de água, 30% de minérios e 1000% de presunção e fantasias... Mas muito interessante é o poder do deus Money... O deus da felicidade! O mais adorado de todos os deuses... Até bispos e sacerdotes de tantas religiões diferentes adoraram-no! Pena que esse deus não entende nada de justiça...

Abigail acendeu outro cigarro. Para ela toda a brincadeira estava se tornando uma insuportável ladainha. Ele não dava indícios que dormiria, e ela sentia-se cansada e sedenta.

De repente ele gritou:

– Na minha cabeça não cabe diabo! Nada nem ninguém precisa assumir minhas asneiras! Meus fracassos são meus e os assumo! Meus erros são frutos de minha fragilidade e não interferência de entidade nenhuma... Um brinde aos meus fracassos! – Ele ergueu a garrafa e entornou-a na boca, bebendo até o fim de todo o líquido, e as sobras do que ingeria desceram em filetes sobre seu corpo. – “Meu Deus, ele vai se afogar”, pensou Abigail, condoendo-se ao ver o deprimente quadro. Após beber todo o conteúdo da garrafa, ele a jogou no canto do quarto. O choque na parede não fora forte e a garrafa não se quebrou. Em pé, limpando o líquido esparramado do corpo com as próprias mãos, gritou: – Fim desta merda! – “Aí! Assim que se fala!”, aprovou Abigail. E ela sabia que ele dormiria logo, pois bebera agora o quarto restante da garrafa e seria impossível que ainda agüentasse. Ele subiu cambaleante na cama e ajoelhou-se, gritando para o teto:

– Deus dos deuses! É contigo que quero falar! Não o conheço e sinto-me incapaz de compreendê-lo. E não vou blefar explicando-o. Afinal, convencer-me por suposição é blefar contra minha consciência... Chamo-o Deus, como todo mundo; chamo-o Deus, como qualquer um; mas em mim sinto-o apenas como uma força estranha e incomensurável, onipotente, onisciente, onipresente e inexplicável! Em mim, a palavra Deus significa o desconhecido, o inimaginável, a força criadora além de todos os meus sentidos e razão... Se há alguém que seja legítimo representante de Deus aqui no planeta, que me apresente o crachá ou a certidão assinada por essa energia criadora da qual só me sinto produto... Mas tudo bem... Energia extraordinária, também lhe chamarei de Deus... – Parou por um instante e acomodou as nádegas nos calcanhares, relaxando. Abigail viu que seu corpo brilhava, e até o sexo, que lânguido pousava sobre as coxas, estava molhado pelo resto de vodca que escorrera pelo corpo. “Meu Deus, ele está tão bêbado que vai até rezar”, ela percebeu, e sua curiosidade aguçou-se e seus sentidos se avivaram, afoita por ouvir sua oração.

– Deus dos deuses! Deus que está nas notas de dólares dos cassinos de Las Vegas. Deus que está no vazio das panelas do sertão nordestino, onde se implora por sua presença e ajuda há centenas de anos, mas que rola nos cassinos onde nada lhe imploram!... Deus que já deu o que tinha que dar; não tenha piedade de mim! Sou um satisfeito com os dons que

me foram dados, e se não fui capaz de desenvolvê-los a contento, paciência. Os prazeres compensam as dores e as dores são referências para os prazeres... E assim caminha a realidade... Tenho sensibilidade, inteligência e problemas: o tédio não me fará um morto-vivo! Satisfeito com os meus desejos, não preciso me sujeitar a desejos artificiais, fugindo da realidade que não me assusta. Minha fé tem chão pra pisar! Não preciso de poderes sobrenaturais para sobreviver e nem tentar corromper deuses com promessas insossas, envolvido por fragilidades psicologicamente provocadas, como se o que já me foi dado fosse insuficiente para viver... Se os outros não receberam o suficiente para viver, a falha é sua ou nossa, hein? A carência dos oprimidos é sua falha ou nossa? Deus das baratas, ratos e lesmas! Deus dos macacos, antas e serpentes! Deus do baobá, do jequitibá e da vitória-régia! Deus das constelações, quasares e buracos negros! Deus do pus, do mau cheiro e das sensações ruins! Deus dos medos, dores e fantasias! Deus da papoula, da canabis e da uva que faz o vinho!... Tenho capacidade para aceitar a vida como ela é, e sei me defender de costumes deteriorados! Obrigado por essa capacidade... Se achasse que a vida é um fardo carregado de dores difíceis de suportar, ia pra “boca do lixo” transar sem camisinha e injetar drogas nas veias sem esterilizar a seringa para morrer cadavérico e feridento!... Se não gostasse da vida e a visse como um fardo, iria passear bêbado pela periferia ao encontro de uma bala perdida, com a adrenalina a mil... Deus dos deuses, Deus da fé cabisbaixa e chorosa e da fé de cabeça erguida que divisa horizontes mais interessantes e dignos, em verdade, em verdade vos digo: a fé remove montanhas, mas precisa de tratores e muito trabalho e determinação. A fé que tenta remover montanhas só com orações é incapaz de remover a injustiça social por ser contra uma educação sabiamente correta... Rejeito a tola fé que sonha com o paraíso para morrer de overdose de felicidade, e rejeito a fé dos cabisbaixos e desesperados que se acostumam a viver ao Deus-dará, com insatisfação no espírito... Obrigado por me dar condição e orgulho de perceber que sou a obra que não explica o Criador, infinitamente distante da condição de ser feito à sua imagem e semelhança. Faço desta humilde aceitação meu orgulho! Assim como todos têm um Deus dentro de si para dizer “graças a Deus, Deus te ouça, Deus quer assim, foi Deus”, eu também digo, como todos; Meu Deus!” Eu também posso

falar o “meu Deus” que todo mundo tem! E se todo mundo tem, naturalmente cada um é digno representante do Deus em que crê! e nas minha atitudes se encontra o verdadeiro significado do “meu Deus”, pois somos, em nosso comportamento, reflexo de nossa crença!... Portanto, se vivo ao Deus-dará, meu Deus é um pedinte! Se sou acomodado mental, meu Deus é vagabundo! Se me aproveito dos tolos, meu Deus é um pilantra! Se permito que me explorem, meu Deus é um paspalho! Se me fragilizo diante de problemas de fácil solução, meu Deus é um fracote! Se só viso vantagens financeiras, meu Deus é um mercenário e materialista! Se a verdade me incomoda, meu Deus é medroso e suspeito! Se não cultivo o saber, meu Deus é um ignorante! Se minha estrutura intelectual está impregnada de sofismas, meu Deus é falso e mal intencionado! Se preciso acobertar minha realidade, meu Deus é uma lenda! Se cultivo a ignorância da multidão para me sentir um sábio salvador, meu Deus é um caolho cruel e perverso em terra de cego carente. Se me sujeito à tirania, meu Deus é um capacho que lambe as botas que o pisam! Se aceito passivamente a injustiça, meu Deus é um escravo! Se novidades me assustam, meu Deus parou no tempo! Se desprezo minha capacidade discernitiva, meu Deus é indiferente à razão! Se retórica e sofismas me são suficiente meu Deus despreza os fatos! Se suborno fiscais, meu Deus é um criminoso de bom tamanho, e se me entrego à bebida, meu Deus é uma droga!...

“Se espio a privacidade dos outros, meu Deus é um voyeur”, pensou Abigail. Constrangida, saiu instintivamente de sua posição, indo para o canto da casa fumar. Suas pernas doíam e já estavam cansadas pela posição incômoda em que assistira ao recital que Cisco lhe dera sem saber. Gostaria de ter uma câmara e filmar. O fato é que ela ficara encantada com tudo a que assistira, e, salvo a invasão de privacidade, passara uma noite de Natal inesquecível. Fora mais do que um presente de Natal, fora um prefácio do seu casamento. Na verdade, muito do que estava assistindo agora era uma reedição de coisas que ele dissera nas muitas das conversas que tiveram. Diversas vezes ele se repetia, e Abigail percebeu que suas crenças eram bem mais fortes do que ela pensava. Ele agia como um profissional que procura a verdade das coisas e usa suas crenças como autodefesa contra os sofismas do mundo. Sua crença provinha da procura e não da espera, da conquista e não do recebimento. Se antes ela já havia percebido que não conseguiria lhe inculcar a crença

num Ser Superior, agora a certeza de que isso seria impossível ficara confirmada. Deus era para ele uma eterna procura e a vida um eterno deslumbramento. Ele não partilhava dos anseios da maioria, que busca conforto e prestígio. Ela mesma trazia, desde a adolescência, com seu sonho de “poetisa maior” entranhado no espírito, a luta por ser mais, por destacar-se, ocupar espaços. E o recital confirmava que ele trazia entranhado em si o deslumbramento pela vida, que colocava as ideologias comuns à sociedade em segundo plano. Movido apenas pelo desejo de transformação social e melhora do país, ele lhe provara que não era cativo de ideologias racionalizadas e não vividas. Ele vivia o seu ideal. Sua fé corria pelas veias como um ideal vivo e vibrante, não uma ideologia que serve de ingrediente para retóricas vazias.

Estava claro para Abigail que Cisco não era indiferente à religião. Na sua oração embriagada estava explícita a necessidade inerente de romper com o tradicionalismo ideológico das religiões para buscar um novo alento ao comportamento humano. Esse sentimento era tão forte em Cisco que ela chegou a pensar que ele queria humanizar Deus para deificar o homem. O recital lhe serviu para que ela não o visse mais como um poeta maldito. Suas poesias não eram “curtas e grossas”. Tudo nele era uma busca para que a humanidade acreditasse em si própria. Ela já o achava pronto para escrever o seu livro, embora ele tivesse dito que ainda não estava maduro.

Despertou dos devaneios e, como não ouviu a voz de Cisco, imaginou que ele já estivesse dormindo. Foi até a janela e o viu na mesma posição, em silêncio. Suava. Sua silhueta estava brilhante. Ela sobressaltou-se: ele chorava. Ele, que meses atrás lhe dissera que precisava descascar cebolas para ativar as glândulas lacrimais, agora chorava. O quadro a comoveu, e foi ela então quem teve de lutar para reter as lágrimas que lhe afloraram aos olhos. Por um momento, ela viu do corpo dele emanar uma fascinante fosforescência. Esfregou os olhos, desfazendo o efeito das lágrimas, que, misturadas ao efeito da luz e ao brilho do corpo, provocaram a visão ilusória. A última talagada de vodca que Cisco bebera fora fatal; ele agora tentava, com gestos ébrios, enfiar-se por debaixo do lençol numa desajeitada manobra, por estar em cima dele. Abigail achou graça de seu mau jeito. Até que ele venceu a dificuldade e conseguiu deitar-se e cobrir-se. Com as pernas entreabertas e de peito para cima, fechou os olhos, falando com voz morosa:

– Só crer em Deus não torna um homem bom. No dia em que os pastores aprenderem a distinguir homens de ovelhas, talvez Deus passe a crer nos homens... O mais importante fundamento, o mais importante dogma para uma sociedade, deve ser a justiça humanamente correta... Só a justiça pode regenerar o amor... – Silenciou por algum tempo e Abigail aguardou um pouco para certificar-se de que dormira. Mas ele voltou a falar: – No primeiro mundo o homem é um robô mal programado. No terceiro é um animal mal domesticado... Mesmo os que têm o espírito aberto para a compreensão das coisas da vida não deixam de ter preconceitos arraigados no cerne... Luto contra, mas sei que tenho... – Deu outra pausa e, como um bebê embriagado, começou a cantarolar baixinho numa arrastada interpretação: – Bilu bilú / Bilú bilú / Dadá / Bilú bilú / Dadá / Bilú bilú / Dadá / Bilú bilú / Bilú / Temos muito a discutir e no entanto; / Ficamos em nosso canto / Só abrindo a boca / Pra bobagens. / Pois mensagens que possamos transmitir / Ninguém vai querer ouvir. / Se o papo é asneiras, / Batem palmas / Pedem bis / Porém se busco o saber, / Dizem que sou infeliz / E isso é cultura!... Bilú bilú / Bilú bilú / Dadá / Bilú bilú / Dadá / Bilú bilú / Dadá...

Ele ainda cantarolou sua canção de bebê embriagado por algum tempo. Disse ainda:

– É preciso fazer uma avaliação psicológica do poder, porque os bebês não se drogam... – E resmungou coisas incompreensíveis, até que dormiu. Ou desmaiou. Quem sabe?

Ela resolveu entrar. Deu a volta. Ele havia trancado a porta da sala à chave. Abigail pegou a dela na bolsa, abriu e entrou. Diferente do que pensara, a sala estava em bom estado e na cozinha só havia louças sujas na pia. No banheiro, as roupas sujas, que normalmente ele jogava no cesto, estavam esparramadas no chão, e até a cueca, que ele tinha por hábito lavar quando tomava banho, estava no chão molhado. Mesmo assim o estrago não fora grande. Porém o quarto, palco da tragicomédia musical apresentada, estava em mau estado. Mas ela não perdeu muito tempo verificando o estrago. Com o cuidado de gatuno em casa de milionário, pegou o colchonete debaixo da cama e lençóis no guarda-roupa e armou seu leito na sala.

Antes de deitar, pensou em comer alguma coisa. Foi à cozinha, abriu a geladeira e viu quatro garrafas de cerveja intactas, como prova de que cerveja não era bebida que agradasse a ele. Ela pegou uma maçã, sentou-se numa banqueta e pensou

nos acontecimentos de sua inesquecível noite de Natal. Terminou a maçã, bebeu um copo de leite e deitou-se. Apesar do cansaço, as cenas do recital passavam-lhe pela mente como trechos de um filme inesquecível. Só foi dormir depois de muito refletir e sonhar.

Já passava das oito quando acordou. Levantou-se assustada, pois um barulho na cozinha a despertara. Lá estava ele, trajando cueca e camisa e bebendo cerveja. Os cabelos molhados indicavam que acabara de tomar uma ducha.

– Ah, não! Você não disse que hoje não iria beber?!

– É só essa, Ab! É só pra equilibrar o espírito... – Sua voz estava rouca, os olhos vermelhos e a fisionomia de um sem-vergonha cansado.

– Você prometeu! – Ajeitando os cabelos, ela sentou-se numa banquetta ao lado dele. – Quer equilibrar o espírito, equilibre o raciocínio primeiro. Você sabe que bebendo você dá continuidade à bebedeira!

– Juro que é só essa! – Ele mudou o assunto. – Mas por que você dormiu aqui?

– Pra tentar te impedir de fazer a besteira que você está fazendo! Mas acho que devia ter dormido dentro da geladeira, assim você não bebia essa porcaria!

– Dormir na geladeira não é bom. Seria mais razoável você jogar a cerveja fora. Por favor, enquanto eu estiver vivo, em circunstância nenhuma durma numa geladeira porque eu não gosto de mulher fria. – Ele tentou acariciá-la no rosto, mas ela não se deixou envolver.

– Dispensou sua brincadeira boba. O nosso trato ainda está de pé, viu? Você vai tomar suco, comer frutas e salada. E eu vou levar estas cervejas pro Remildo!

– Tudo bem. Palavra dada, respeito trocado. Mas deixe eu beber esta, pra ressuscitar.

Abigail deixou-o bebendo a cerveja e foi tomar banho. Quando saiu do banheiro, Sandro, que trouxera Remildo, conversava com Cisco.

– Tudo bem, cunhada? – cumprimentou Sandro. – Esse cara te deu trabalho?

– Tudo bem. Ontem não deu trabalho. Acho que vai dar hoje.

Mas Cisco não deu trabalho. Pelo menos não bebeu mais. Sandro se foi, Remildo trouxe boldo para fazer um chá e levou as

cervejas. Abigail pôs ordem no quarto, Cisco deitou-se e ficou assistindo à TV e tomando chá. Alimentou-se razoavelmente, tomou bastante suco e falou pouco, em nada lembrando o artista ébrio da noite anterior. Mesmo quando ela lhe disse que assistira a toda sua performance, ele não se mostrou chateado.

– Você não ficou mesmo aborrecido por eu ter assistido? – ela perguntou, ainda incrédula.

– Se você viu é porque me mostrei. Quem estava bêbado era eu... Nas circunstâncias em que tudo aconteceu, eu faria o mesmo que você fez.

– Mas Cisco, ontem você foi tudo! Merecia ser filmado! Fez papel de deputado, de palestrante! De ator! De orador! De puta e até de Deus!... Putz! Você ontem arrasou! Uma hora parecia bobo, outra parecia palhaço, louco, sei lá! Você até rezou.

– Nada demais. Por maior que seja a loucura em que entramos, não saímos da condição humana...

– Mas ontem você saiu da condição humana! Você foi Letícia, uma repórter de um planeta chamado Platão. E quem é de outro planeta não é humano.

– Não saí da condição humana. Não tem sujeito por aí esperando disco voador vir buscá-lo? Nos hospícios por aí deve haver extraterrestre.

– Mas por que você escolheu esse nome? Você conhece alguma Letícia?

– Não. Letícia é o nome de um planeta descoberto há quase 150 anos. Além do mais, Letícia quer dizer prazer, alegria. Eu gosto desse nome, deve ser por isso que usei. Letícia rima com carícia, malícia, delícia...

– Mas rima também com imundícia, sevícia e até com polícia!

– Letícia é como a vida: para quem pensa o bem, rima com coisas boas; para quem pensa o mal, rima com coisas más...

– Ah, seu cretino! Eu penso coisas boas... – Ela tentou beliscá-lo.

– Não, Ab! – Ele defendeu-se. – Hoje eu não existo. Quero falar pouco. Mesmo que ontem você tenha me visto enfiar o dedo no nariz ou no cu, deixa pra lá. Um outro dia você fala tudo o que viu. Mas hoje eu não existo.

Assim, mesmo carregada de assuntos para conversarem, ela guardou-os para outra hora, pois quando o efeito da bebida passou por completo, ele caiu num marasmo de dar dó.

Ao cair da tarde ela o deixou assistindo à TV e foi para o seu recanto cuidar de suas coisas e preparar-se para o reinício da semana de trabalho.

Durante a curta semana que passou, não se viram. Comunicaram-se apenas por telefone e ele lhe deu a notícia de que procurara uma clínica e estava fazendo os exames médicos necessários. Não estava bebendo e seu monstrinho íntimo voltara a hibernar. Ela rezava para que não despertasse nunca mais.

Passaram o fim de semana seguinte de um modo totalmente diferente do comum. Vistoriaram a casa com intenção de reforma, já preparando-a para ser um novo lar. Calcularam o patrimônio comum, considerando os móveis que iriam utilizar e os que deveriam dispensar. Calcularam a receita comum e as despesas que teriam. Pasmos, constataram que a despesa maior seria com a faculdade. Cisco comentou, irônico: “Não tem problema, Ab. Você se diploma num ano; no outro teremos o filho e a despesa será menor.”

Comemoraram a passagem de ano na casa de Leilane e Sandro, juntamente com Bruna e Nanci. Desta vez, ele bebeu guaraná, brincou com Sandrinho, o afilhado, e divertiu-se sobriamente. Até alegrou dona Maria, para quem cantou várias músicas antigas, fazendo com que a velha senhora rememorasse muitas passagens de sua vida, já que a música é, também, um marco emocional do tempo.

E, assim, foi-se um ano e outro principiou. Num sábado de janeiro, sob um sol forte, Abigail subiu quase toda a Major Diogo e entrou ofegante em seu recanto. Em rápidos movimentos, quase que num só ato, chutou as sandálias que calçava para um canto e ligou o ventilador, colocando-se à frente dele para receber a brisa. Despiu a blusa e a saia com a agilidade de quem faz isso há quase trinta anos e se livrou do sutiã que lhe sufocava os seios. Em poucos passos atravessou a quitinete, jogando-se na cama.

Tinha acabado de deixar Cisco numa clínica de recuperação de drogados.

CAPÍTULO X

O ano de 1990 começou, para Abigail, bem agitado e cheio de perspectivas. Ela entregou-se à agitação com prazer e sonhos. Matriculou-se na faculdade e deu entrada nos papéis para o casamento, que marcou para o meio de abril, já que Cisco ficaria de molho até o final de março na clínica. Empenhou-se na reforma da casa, usando sua hora de almoço para calcular o orçamento no intuito de fazer o máximo gastando o mínimo. Seu Edgar lhe foi de grande ajuda, não só lhe dando dicas do melhor material como também dos locais de compra. Ele e Remildo executariam o trabalho. Seu Edgar e o filho resolveram vender a casa, o que para ela, que mesmo trabalhando fora queria ser dona de casa, foi uma notícia maravilhosa.

Cisco havia lhe dito para não visitá-lo enquanto estivesse internado. Combinaram de ela enviar uma ordem de pagamento para a clínica, a fim saldar as mensalidades, e algum dinheiro a mais para suprir suas despesas pessoais. Deixou-o

na clínica com cinco maços de cigarros, um quilo de bala de alcaçuz e um frasco de calmante não muito forte. Ele disse que com isso pararia de fumar.

Como na clínica era vedado o uso do telefone aos internos, já que o tratamento exigia ter o mínimo de contato com o mundo exterior, eles se comunicavam por carta. E logo na primeira carta ela deu a notícia da concordância de seu Edgar em vender a casa. Falou sobre seus projetos: derrubar a cerca de brinco-de-princesa para construir um muro, pôr abaixo a velha garagem para construir uma de alvenaria etc. E enviou-lhe um monte de preços e contas. Terminou dizendo: “Hummm, que saudades...”

Em resposta, ele disse que estava feliz com a possibilidade de comprar a casa, pediu que maneirasse na despesa, concordou com a derrubada do brinco-de-princesa para a construção do muro, mas não concordou que se derrubasse a garagem porque no futuro teriam de aumentar a casa e fariam tudo de uma vez. E terminou: “Hummm, eu também...”

Ricardinho continuava montando as bancas dos dois na praça e sozinho cuidava das duas, já que o movimento estava fraco. Seu Edgar e Remildo tocavam a reforma da casa, que na verdade era pequena: trocaram alguns vitrôs velhos e algumas outras peças, sendo que a reforma mais significativa foi a troca da janela do quarto, de inesquecível lembrança, de modo que permitisse a entrada do sol por todo o quarto. Construíram uma edícula para guardar os produtos que estavam no quarto e no banheiro, mesmo sabendo que Cisco pretendia vender tudo para comprar a casa. A edícula serviria para guardar outras coisas no futuro. Com a ajuda de Sandro, eles derrubaram a cerca de brinco-de-princesa, deixando o terreno pronto para a construção do muro. E quando a reforma da casa ficou pronta, dessa vez com a participação de Nanci, Bruna e Luana, pintaram a casa por dentro e por fora, com a supervisão do experiente seu Edgar.

Mas, no início de março, cansada de escrever “Hummm, que saudades...”, ela foi visitá-lo na clínica.

Ele a recebeu surpreso e feliz, abraçando-a efusivamente.

– Puxa, que boa surpresa! Já estava quase te escrevendo para vir....

– Vim porque queria verificar se você não está tendo um caso por aqui.

– Aqui ninguém me ama, ninguém me quer. – Beijaram-se e ele a mediu de cima a baixo. – Mas você está diferente. Eu não a reconheci de longe! Até parece que você acabou de chegar de Nova Délhi!

– Ah, tô estreando este vestido, gostou? – Ela deu uma volta, expondo-se à apreciação. Usava um vestido indiano, totalmente diferente das roupas que costumava trajar, o qual lhe dava um visual exótico.

– Está surpreendente e excitante!

– Eu tenho outras surpresas, mas depois te conto. Agora quero guardar esta bolsa e ir ao banheiro.

Caminharam para o alojamento, um casarão de construção antiga, típico de fazenda. Ele havia parado de fumar e engordado. Explicou-lhe a estratégia que usou: dos cinco maços que tinha, fumou dois nos dois primeiros dias, depois dividiu os três restantes em cinco cigarros por dia durante uma semana, e noutra semana diminuiu para três. Restaram quatro cigarros, que ele fumou um a cada noite antes de dormir, até que parou definitivamente. As balas de alcaçuz e o calmante ajudaram.

– Você está com o hálito tão diferente que até fico constrangida de te beijar. – Mas, mesmo constrangida, ela o beijou.

– Se o constrangimento te ajudar a parar de fumar, vou te beijar bastante e fazer cara feia. – E ele a beijou e fez cara feia.

– Bobo, esses truques não me criam complexos. Vou parar conscientemente, você vai ver!

– Você consegue. É só escolher o momento certo pra priorizar a decisão. E a decisão tem que se tornar, por uns dias, a coisa mais importante de sua vida. Depois, toda vez que a vontade se manifestar, você deve fazer como eu faço. Digo: Vá de retro, Abigail! E me ocupo de outras coisas.

– Ah, entendi! – E ela esmagou o cigarro que estava fumando no cinzeiro de pedestal, próximo ao sofá em que estavam sentados, dizendo: – Vá de retro, Cisco! Sai de mim!

Por ser quase hora do almoço, comeram pizza com guaraná, que ela levava, e dispensaram o almoço da casa. Depois passearam. O local era agradável e maior do que a clínica em que estivera internada. Visitaram todas as instalações, e ele a levou à horta, local em que trabalhava. Cisco falou com tanto entusiasmo do trabalho e do plantio que ela também se entusiasmou

com sua laborterapia. Algumas vezes compararam a rotina da clínica em que ela estivera com a rotina da clínica que ele estava, e perceberam que a maior diferença entre as duas era que enquanto ela vivera confinada entre mulheres, ele estava confinado entre homens. Ela não se lembrava de ter cumprimentado tantos homens em um único dia, já que Cisco, pelo que pôde perceber, era benquisto pela maioria. Talvez o seu dom musical explicasse a fama.

– Pelo jeito você fica tocando com o pessoal nas horas de folga.

– Ah, claro! Mas às vezes eu fujo pro rio. Até já compus algumas músicas lá.

– E a música que você falou que ia fazer pra mim? Terminou?

– Já! Eu ia te mostrar quando chegasse em casa, mas como você está aqui, te mostro agora.

– Legal. Eu também tenho uma surpresa para você, mas eu quero ficar num lugar tranqüilo.

– Vamos para o meu cantinho lá no rio. Pouca gente vai pra lá porque tem muito borrachudo.

– E nós, idiotas, vamos lá levar sangue pros borrachudos?

– Eu comprei repelente. Vamos ao alojamento pegar o violão e passar o repelente.

No alojamento, ele passou o produto nos braços e no peito. Ela pegou o frasco e foi ao toailete passar, pois o alojamento ficava aberto e recebia freqüentemente visitas de internos que dividiam o quarto com ele.

Com o violão, caminharam para o rio. Atravessaram um gramado lotado de pessoas que formavam rodas de familiares e afins, sentados em animadas conversas. Depois de muitas paradas e apresentações, chegaram ao rio.

O local era bonito e tranqüilo. O rio, com largura de cinco a dez metros, tinha um curso manso por um bom trecho, até que fazia uma curva fechada e daí descia agitado por uma corredeira pedregosa. Caminharam uns 50 metros além da curva do rio até umas pedras grandes que saíam das margens, invadindo as águas. Eram três pedras de grande porte que se sobrepunham e que formavam um paredão. Um conjunto de pedras menores, de interessante disposição e formato, deixa-

va um vão de um metro mais ou menos das três pedras grandes e serviam de banco, por terem o formato achatado. Uma mata margeava o rio por ambos os lados, transformando o local em um aconchegante recanto.

– Quando quero tranqüilidade, venho pra cá. Aqui tiro umas músicas, penso, escrevo – ele disse, ajudando-a a sentar-se numa pedra e sentando a seu lado.

– É gostoso mesmo, aqui. Só esses borrachudos é que encham o saco! – Uma pequena nuvem dos incômodos mosquitos voava próxima, mas não se atrevia a atacar devido ao efeito do repelente. Ela acendeu um cigarro, deu uma bafurada no meio deles e os insetos se bandearam para o lado de Cisco, que, acostumado, nem ligou. Tirou uns acordes do violão, procurando o tom, e quando ela pensou que ele iria começou a cantar, Cisco falou quase que solenemente:

– Isto não é precisamente uma música feita para você. Prefiro que você veja como um documento matrimonial. Uma certidão de convivência! Ouça como uma proposta que estou te fazendo, e se você disser “gostei”, significa que endossou a proposta.

– Incondicionalmente? Sem nenhum senão?

– Os senões acontecerão durante nossa convivência. Duvido muito que não tenhamos discussões no futuro...

– Puxa, Cisco! Você me deixa insegura com nosso casamento. Até parece que teremos uma desunião sacramentada por uma música!

– Nosso lema matrimonial será maquiavélico: se quiseres viver em paz, esteja preparado para a guerra.

– Nossa! Que horrível será nosso casamento. Vou até providenciar um pau de macarrão feito de ferro! – ela brincou. Mas ele não riu e falou:

– Ab, você sabe: a justiça é o ponto! Justiça é um debate de inteligência, mas exige sensibilidade para que haja respeito entre as partes. Esta é a síntese de minha proposta. O amor, por ser sentimento, se manterá espontaneamente em nossos corações, desde que nos respeitemos.

Dito isso, ele começou a cantar:

– Sabe, Ab; te quero por muito tempo. / Quero ficar com você / Muitos milhares de dias! / Quero ficar nos con-

tratemos, / Quero ficar na alegria / Quero ficar até o triste momento do meu último dia!... / Sabe, Ab, tenho pensado em nós. / Tenho pensado nos nós que teremos / Para desatar. / Penso nos nós morais, / Nos nós emocionais, / Nos nós culturais, / Que até separam casais / A ponto de se odiarem / Abigail, e nós? Nós seremos por nós, / Seremos contra nós / Como nós vamos ficar? / Os sentimentos são tão traiçoeiros, / E eu detesto toda traição. / A paixão que arde feito um braseiro, / Pode apagar e passar, / Feito chuva de verão. / E o coração é um bicho carpinteiro / Sempre arquiteta uma nova paixão. / E aí, Ab; cadê a solução? / Nós devemos romper / Com a nossa união? / Ou então fugir dessa nova paixão? / Ou nos apegarmos ao chavão indecente: / O que os olhos não vêem, / O coração não sente? / Será ou não? / Ou conviver ruminando angústia e arrotando perdão? / A rotina é letargia voraz. / De galho em galho / Também vira rotina. / Não me interessa a rotina fugaz, / Ter como sina aventuras banais / Nenhum romance sobrevive a esse clima. / Mas aprisionar o instinto, / Ou enterrar o distinto / No cemitério da paz / Também não é uma boa disciplina!... / Ab, meu bem, vamos fugir desta nefasta doutrina. / Não fica bem o nosso lar no meio desta ruína / Ab, meu bem, vamos fugir desta nefasta rotina. / Não fica bem o nosso lar no meio desta ruína. / As alianças enfiadas nos dedos / Não são segredos pra nos aprisionar. / Pra que viver / Morrendo de medo / Se a coragem pode nos libertar? / Boa palavra e um outro contrato, / Um novo jeito de vida familiar. / Confiança no amor / E justiça no trato. / Cumplicidade livre em nosso olhar! / Confiança no amor / E justiça no trato. / Cumplicidade livre em nosso olhar! / Abigail, meu bem, / por mais que o tempo passe, / Passe, / Passe, / Quero juntar nossas rugas, / Beijando as da sua face! / Abigail, meu bem / Por mais que o tempo passe, / Passe, / Passe / Passe! / Quero juntar nossas rugas / Beijando as da sua face! / Não há vidente que preveja o futuro! / É evidente que é um tiro no escuro. / Mas o amor ilumina caminhos / E um verde amor pode ficar bem maduro / E a confiança aprimora o carinho. / Até pras crianças o caminho é seguro. / E o amor pode abrandar o ciúme / Em qualquer apuro! / Abigail, com todo o respeito, / O nosso amor leva jeito, / O nosso amor tem futuro! / Abigail, com

todo o respeito, / O nosso amor leva jeito, / O nosso amor tem futuro...

– Endosso! Endosso e nem discuto – Ela disse, beijando-o. – Cisco, você tem que gravar esta música!

– Eu vou gravá-la e nós vamos ouvi-la todas as vezes que tivermos momentos difíceis...

– Não estou dizendo pra gravá-la só pra nós ouvirmos. Você tem que dar pra alguém gravar e levar a público!

– Tá legal. Eu vou mexer nas músicas que tenho e procurar gente que se interesse em gravá-las, e ela entra no meio.

– Legal. Mas eu gostei muito dessa!

Entusiasmada com o momento, ela achou que era sua vez de apresentar sua preparada surpresa:

– Cisco, aqui é tão bonito, mas quase ninguém vem aqui. Por quê?

– Só os borrachudos já espantam a maioria. Mas aqui é um lugar visado pelos monitores porque alguns vêm pra cá pra usar drogas. Principalmente fumar maconha...

– Os caras estão dentro da clínica pra se recuperar e usam drogas?!

– São poucos, mas existem. Por causa desses poucos, os monitores aparecem às vezes por aqui. Hoje eles nem vêm, porque estão ocupados com as visitas. Eles chegaram a desconfiar de mim e a me rodear quando perceberam que eu vinha sempre pra cá. Mas agora já perceberam que meu negócio é sossego e música e me deixam em paz. Porém a maioria gosta mais de ficar lá nas salas de jogos, ou jogando bola ou fazendo farra lá no pátio.

– Quantos internos tem aqui?

– Quase 70.

– Nossa deve ser uma bagunça!

– É, mas não tanto como se imagina... Uma coisa interessante aconteceu no sábado passado: uma sexóloga veio dar palestra sobre prevenção da Aids e por causa disso passamos o domingo com visita e todos os banheiros entupidos...

– Ué! Por quê?

– Porque depois de explicar vários métodos de prevenção contra a Aids ela falou das seringas descartáveis e da

camisinha. Aí distribuiu camisinha pra todo mundo pra que treinassem o uso. Mal terminou o evento, todos correram pros banheiros com a camisinha nas mãos e a sexóloga na cabeça. Ela era bonita e virou a musa inspiradora da rapaziada.

– Ah, você tá exagerando!

– Verdade! À noite tinha camisinha usada pra todo o canto, muitos jogaram nos vasos e os banheiros entupiram...

– E você usou a sua pensando na sexóloga ou em mim?

– Eu já tenho experiência com camisinha, não precisei fazer treinamento. A minha está lá no armário.

– Duvido muito que você não usou! – ela disse. E apontando para o próprio busto, falou: – Eu tenho uma aqui!

– Você trouxe uma camisinha?

– Trouxe! E tenho mais surpresa: pela primeira vez saí de casa sem calcinha.

– Você está sem calcinha?

– Estou! E tem mais surpresa: sabe aquelas flexões com o músculo vaginal que você me ensinou?

– Sei!

– Uma mulher levou para apreciação, lá na editora, um livro sobre ioga. Marta é o nome dela. Nós conversamos sobre tântra. Ela me ensinou uns truques tântricos que depois nós vamos praticar. Ela me ensinou também um exercício que dá um resultado muito bom e eu pratico no carro, quando o trânsito fica parado...

– Você faz os exercícios no carro quando o trânsito pára?

– Faço. Aquelas flexões eu também fazia.

– Já pensou se fosse numa moto?

– Já pensei, sim! – Ela lambeu-lhe o lóbulo da orelha. – Tenho aqui uma camisinha, estou sem calcinha e gostosa. Você não quer me experimentar? – Ela penetrou a língua em seu ouvido. Ele levantou-se e colocou o violão, com cuidado, no barranco que margeava o rio.

Logo estavam se acariciando e bolinando-se com frenesi na lúdica brincadeira de adultos, entregando-se à satisfação dos desejos contidos por tanto tempo. Quando o dedo dele, atrevido e curioso em sentir-lhe o desenvolvimento muscular, invadiu-lhe a intimidade, ela forçou o músculo e o prendeu. Ele disse: “Que delícia!”

Atrevida também, ela desafivelou-lhe o cinto e desabotoou o botão, descendo calça e cueca ao mesmo tempo, e logo o tinha nas mãos, sólido e quente como um termômetro indicando alto grau de desejo. Ele enfiou os dedos em seu sutiã, sacando o envelope de preservativo, que abriu com os dentes. Ela perdeu:

– Deixa que eu coloco! – Pegou a camisinha e agachou-se, acariciando-o com beijos e lambidas. Prendendo a ponta da camisinha, torceu a sobra e o vestiu. Levantou-se, erguendo o vestido, e ajeitou-se nas pedras, tendo as nádegas amparadas e protegidas pelas mãos dele, e abriu-se para recebê-lo. Com as mãos apoiadas em suas costas, os sentidos dominados pelas enérgicas carícias que recebia, no rosto, no colo e nas entranhas com voluptuosas estocadas, ela mantinha a visão na curva do rio. Por sobre o ombro dele, ela contemplava com o olhar vago as águas descerem a corredeira batendo nas pedras em estrepitosos choques, formando cristalinos espirros, para logo deitarem no leito e seguirem em frente. Tudo estava uma delícia: a saudade sendo saciada, o corpo sendo acarinhado, os desejos sendo satisfeitos... Mas, de repente, tudo mudou: o leito do rio mesclou-se de verde e vermelho.

– Meu Deus, o que é isso?! – ela gritou, pasma, desconcentrando-se de todo o prazer. Assustando-se com seu grito, Cisco virou-se para ver e saiu de dentro dela. E, pasmo também, gritou:

– Tomates?!

O rio se transformou numa estranha e grandiosa enxurrada de tomates. Eles apareciam aos montes na curva do rio, até que desciam desenfreados pela corredeira, batendo e saltando sobre pedras, chocando-se em pleno ar numa infernal briga por espaço, ao mesmo tempo em que eram empurrados pelas águas numa correria maluca. Cisco esqueceu o que fazia e comentou exaltado:

– Nossa! O tomateiro do sítio vizinho deve ter jogado fora estes tomates porque o preço caiu no mercado!

– E o que é que eu tenho com isso?! – ela perguntou chateada, e decepcionada notou que a camisinha já estava grande para o corpo que cobria. Todo o plano elaborado e sonhado na noite anterior estava indo por água abaixo por

causa de tomates que invadiam o rio. – Bem, esquece os tomates! Vamos continuar! – Ela ainda tentou, mas logo sua esperança caiu por terra, pois ouviram vozes vindo da curva do rio. Cisco rapidamente tirou a camisinha desmilingüida e jogou-a nas águas. O artefato caiu em cima de um tomate e seguiu de carona rio abaixo. Com pressa, esconderam as vergonhas debaixo dos panos e fizeram cara de casal que não faz sexo em rio que tem tomates.

Saíram do meio das pedras e passaram a colher, ou pescar, os tomates à beira do rio. Eram tomates consistentes, ótimos para saladas.

Os donos das vozes chegaram próximos, dando tapas no corpo para espantar mosquitos. Eram um interno com sua mulher e dois filhos, e disseram que viram os tomateiros descarregarem duas carretas na ponte que fica fora dos limites do terreno da clínica. Fizeram mais alguns comentários e se foram, tocados pelos borrachudos.

Pegando tomates, Cisco ainda comentou:

– São essas coisas que me levam a questionar se a economia é uma ciência a serviço da humanidade. Pelo desperdício que causa, e comparando a quantidade de pessoas que beneficia e a quantidade que prejudica, eu acho que a economia é uma ciência desumana e insensata.

– Cisco, a economia é um problema de todo o mundo há muito tempo, e nós não vamos resolver sozinhos. Mas nós temos um probleminha que só depende de nosso juízo resolver...

– Tem razão. E não dependemos nem de camisinha para isso. – Ele jogou um tomate entre os outros já colhidos e perguntou: – Como está o seu departamento? Fértil ou infértil?

– Neste momento estou mais infértil do que terra que dá tomates pra jogar fora!

Abandonaram os tomates na beira do rio e voltaram às pedras. Logo Abigail estava olhando as águas agitadas e sem tomates, sentindo todos os prazeres que a natureza dá. E desta vez sem camisinha.

Quando saíram das margens do rio, ostentavam o olhar dos satisfeitos. Caminhavam em direção ao alojamento, no meio da multidão, quando um colega de Cisco os parou para apresentar seus familiares. Após apresentações e conversas

formais, que para Abigail pareceram intermináveis, se despediram. Ela exclamou:

– Ai, não agüentava mais! E você ainda esticava a conversa...

– Ué! Você nem os conhece! O que você tem contra eles?

– Eu preciso ir ao toalete! – ela confessou numa voz aflita e sussurrada. – Você me inundou!

– Ah, é isso?! Tá vendo como não comi a sexóloga pra experimentar a camisinha?

– Você esqueceu que estou sem calcinha?... Ai, que sensação esquisita! – ela reclamou, caminhando apressada. Cisco, seguindo-a, nada solidário ainda disse:

– Ab, a lógica diz que quando se põe liquido numa taça ela deve estar em pé; você não acha melhor andar com as mãos e as pernas pro ar, plantando bananeira?

Ela apressou o passo, fugindo das brincadeiras dele, que para ela não eram nada engraçadas. Até que entrou no banheiro, e aí riu, pois imaginou-se na ridícula situação de andar com as pernas pro ar no meio da multidão. E sem calcinha...

Eles ainda foram buscar os tomates que deixaram na margem do rio. E ela saiu da clínica levando os tomates como souvenir.

No percurso, foi inevitável comparar o local em que Cisco estava e a clínica em que ela ficara internada por oito meses. A memória a levou para momentos ruins: drogas, Paulo Sérgio, hospital... As lembranças lhe causaram um mal-estar íntimo, mas ela não fugiu: “Vou me lembrar sempre de que aqueles foram os piores momentos de minha vida. Assim me previno contra dias iguais”, pensou. E logo começou a antever dias melhores: o emprego não lhe garantia um grande salário, mas havia a perspectiva de ascensão profissional na modesta editora. Ela acreditava que quando terminasse a faculdade seus horizontes se abririam. Sentia que amadurecera e esse amadurecimento a inspirava para poemas mais consistentes e profundos. Acreditava que logo poderia ter seu livro de poemas editado. Não possuía mais a ambição adolescente de ser a “poetisa maior”; queria apenas ser uma boa poetisa.

A imagem de Cisco ébrio diante do espelho na noite de Natal, perguntando-se “Você vai ser capaz de formar a família ideal?”, lhe veio à mente. E ela pensou em como se sairiam com a família-mutirão, onde todos se pertencem sem ninguém ser de

ninguém, conforme sonho dele e agora, com dúvidas restritivas, dela também. Ela seria capaz de digerir a idéia? Só vendo.

E Abigail seguiu pela estrada, cantando mentalmente o refrão da música-documento que ele compôs: “Confiança no amor e justiça no trato; / cumplicidade livre em nosso olhar...”

Por uma semana Abigail não foi ver como estava a casa, e quando chegou, no fim de semana, verificou satisfeita que o muro estava erguido, rebocado e pronto para ser pintado. Mas era um momento em que nenhuma alegria compensaria a insatisfação da maioria do povo. E as primeiras palavras de seu Edgar não foram sobre o muro ou a reforma:

– Aquele safado também roubou dinheiro seu? – ele perguntou.

– Também, mas foi pouco – respondeu ela. – Ainda bem que havia comprado material à vista. Mas o dinheiro que eu tinha na poupança era pra pagar o senhor e o Remildo.

– Aquele safado me roubou anos de economia! Se eu soubesse que isso ia acontecer, tinha dado o dinheiro pro Movimento Sem-Terra, que é a única coisa séria deste país!

Collor havia tomado posse, e o primeiro ato de sua administração fora confiscar a poupança com o chamado empréstimo compulsório.

Ricardinho, que tinha algumas economias para recompor seu estoque, ficou sem. Remildo deu sorte, porque logo que terminara a reforma tirara o dinheiro da poupança e, liberado por seu Edgar, partira para o Maranhão três dias antes do carnaval.

Leilane e Sandro, que tinham guardado parte do dinheiro com a venda da casa em Santos para fazer um quarto para Sandrinho e reformar parte da residência, também foram prejudicados. Do mesmo modo Nanci e Bruna. Aliás, o sonho de muita gente no país sofreu um sério revés.

Era sua intenção só mudar para a casa quando Cisco saísse da clínica, mas motivada pelas circunstâncias, mudou-se naquele domingo mesmo, com a ajuda de Sandro e Ricardinho.

Cisco não fora prejudicado pelo confisco de Collor, já que sua poupança consistia nas mercadorias que estocava. Abigail lhe escreveu na segunda-feira, e na sexta recebeu uma

carta pedindo que fosse buscá-lo no sábado, pois seu dinheiro havia acabado e seria bobagem mandar mais, já que estava na hora de sair. Conforme o trato, venderia suas mercadorias e acertaria com seu Edgar e Remildo.

Assim, no sábado pela manhã, Abigail faltou no serviço e foi buscá-lo. Depois de assinar papéis e despedir-se dos que ficavam, Cisco entrou no carro e tocaram em frente.

– Cisco, até parece que você adivinhava o que iria acontecer. Sabe que você foi um dos poucos que escapou desse roubo do Collor?

– Eu faço isso há muito tempo porque não confio na elite que comanda o país. Não entendo de economia mas entendo a alma dos financistas. É tão fácil entender a razão desses homens, o povo é que não presta atenção.

– Você acha que este confisco vai resolver algum problema do país?

– Ajuda muito o brasileiro de cima; o brasileiro de baixo vai sentir um pouco mais de dor... Acho ridículo um país de proporções continentais, de solo fértil e rico, ser sustentado por miseráveis. Aliás, o país, não; os miseráveis sustentam esses faraós contemporâneos. Os fatos, o espaço e o tempo são diferentes, mas o sentimento é o mesmo. A diferença é que as pirâmides que se constroem hoje têm infinitas formas. E os escravos que carregam as pedras brigam para ser operário-padrão. Ridículo!

– Não exagera, Cisco!

– A essência é a mesma, Ab! Essa noção de grandeza que trazemos no DNA cultural precisa ser extirpada. Você não sente que o Collor tem uma postura de faraó?

– Eu não sei porque não conheci nenhum faraó. Eles não são do meu tempo!

– Bom, isto é relativo, porque Deus é mais velho do que os faraós e eu não o conheço, mas você conhece... Ab, o tempo é uma engrenagem na qual todos somos peças confeccionadas com influências do DNA cultural. Limite sua compreensão da história e você limitará a compreensão de si mesma!

– Acontece que Deus é eterno e não vale como comparação. Mas os faraós não foram eternos. Portanto não são do meu tempo!

– Tudo depende do ponto de vista. Trago velhas culturas impregnadas no espírito, então Matusalém é do meu tempo. Nós não temos o hábito de questionar as sensações que trazemos no íntimo, herdadas por formações que passam de pai para filho e de geração pra geração, portanto trazemos no espírito até velharias imprestáveis. Então é comum ver jovens dirigindo bólidos, manipulando computadores e vestindo Zik Trik, sentindo-se modernos mas carregando dentro de si velharias que eles dizem não ser de seu tempo.

– O que é Zik Trik, Cisco? É marca nova?

– Zik Trik é a marca das marcas! É o que há de mais moderno na idiotice humana! É como a Nike, uma marca moderníssima na propaganda, mas de produção tão escravagista que chega a lembrar os escravos carregando pedras pra construir as pirâmides dos faraós. Os que produzem não calçam o tênis, assim como os escravos que construíram as pirâmides não possuíam acomodações nelas. Produziam pro poderoso chefe.

– Pensando bem, você tem razão; na ciência e na tecnologia estamos distantes daquele tempo, mas no espírito estamos encalhados naquela época.

– O DNA cultural nos impõe essa condição. Os modernos de hoje parecem a Igreja teimando com Galileu que a Terra era quadrada, porque havia se acostumado a achar isso durante milhares de anos. Os modernos de hoje sabem que a Terra é redonda, mas possuem coisas quadradas dentro de si. Nas futilidades nos modernizamos sempre, mas nos fundamentos essenciais não estamos distantes de Matusalém. Isso tem sido em todos os tempos.

– Ih! Pelo jeito esta internação só serviu pra você parar de fumar, de resto não mudou em nada – ela disse, rindo.

– Serviu para refletir e descobrir algumas coisas sobre mim das quais não havia me dado conta. Descobri, por exemplo, que sou controlador e passional.

– Que é isso, Cisco?! Você tá louco? No que você é controlador?

– Não se espante. O fato de eu ser não significa que tenha que agir assim. Você não me vê como controlador e passional porque tenho filosofia oposta e procuro seguir a minha filosofia de vida. Portanto, tenho atritos íntimos. A consciência me co-

manda, e não as heranças que as circunstâncias me deram. Porque pra mim, entre o certo e o errado, a justiça é o ponto. Acho que o controlador é como um metido a dono da verdade que quer manter o domínio sobre tudo o que o cerca e porque a novidade põe em risco as coisas que possui e quer conservar. Eu tenho o espírito, mas não tenho essa filosofia de vida. Não concordo que as pessoas que me cercam sejam números que eu possa controlar, justificando minhas atitudes com sofismas...

– Mas por que você chegou a essa conclusão?

– Há várias passagens da minha vida que me levaram a pensar isso. Mas o que me deu a certeza foi pensar com seriedade por que não participo de festas natalinas.

– Mas o que uma coisa tem a ver com a outra? Eu não consigo atinar o que tem a ver...

– É claro, Ab, que há várias motivações que me levam a não gostar de festa natalina. Mas o fato principal é a frustração por não controlar a situação. Veja bem: eu gostaria que as pessoas participassem da festa de Natal conscientes de todos os fatos políticos que a motivam. Como não consigo fazer isso, me escondo num canto como um controlador frustrado. E isso também mostra o quanto sou passional, pois as minhas convicções, certas ou não, beiram o fanatismo religioso. Isso eu já sabia, mas sempre tomei cuidado. Só que agora estava me acostumando e deixando o fanatismo se apoderar de mim.

– Ah! Nesse sentido eu concordo! Principalmente quando você fala da Bíblia.

– Não é só nisso: é em tudo! Envolvido em escrever o meu livro, eu fiz disso o meu assunto de vida. Mas a Bíblia, é natural que a questione, afinal é um livro do nosso tempo. – Ele sorriu com cinismo. – Se meu assunto fosse só a Bíblia, eu fundaria uma seita cristã e ficava só dentro desse assunto. Mas eu me envolvo com muitas outras coisas. Porém o fato é que passarei a freqüentar festas de Natal...

– Legal, bem.

– Só que tem uma coisa: se querem orar e me fazer orar suas orações, terão que ouvir e orar as minhas também.

– Ih! Você continua o mesmo!

– Ora! Sou agnóstico com formação cristã; se os não agnósticos têm oração, eu também tenho! E eu gosto de parti-

cipar de festas produtivas, onde as pessoas orem por transformações e não por acomodamentos espirituais... Aliás, estive pensando em propor que no próximo Natal a gente reúna o pessoal e o passemos numa favela organizando uma festa.

– É uma boa idéia! Depois falamos com eles. Mas deixa eu te falar uma coisa em que estive pensando: qual educação nossos filhos terão nas questões religiosas? Você já pensou nisso?

– Claro que sim. Eu acho que não são só os pais que educam seus filhos. Foi-se o tempo em que as famílias eram restritas à influência direta dos pais, do padre, do delegado e do prefeito. Agora cada casa está cheia de telinhas participando da educação das crianças, e a própria rua também. Nossos filhos colherão todas as informações que desejarem, a gente queira ou não. Por isso cabe a nós assistirmos a tudo o que eles assistem e participarmos de tudo o que eles participam. Se não fisicamente, pelo menos com a atenção. Quanto à religião, você explica sua crença, eu explico a minha, eles ouvem mais pessoas e procuram criar sua própria crença.

– Você não acha que nós vamos dar um nó na cabeça das crianças?

– Dar um nó é limitar a expansão. Isso todas as religiões já fazem. Se usamos só 10, 20% de nossa capacidade mental, é porque há muito para ser utilizado ainda. Entenda, Ab, que nossos filhos não nascerão numa tribo indígena que tem uma única religião para seguir. Aliás, nem as tribos indígenas tem mais só uma opção, já que seitas cristãs interferiram em suas crenças... Mas nossos filhos terão condições de aprender uma gama imensa de filosofias de religiões e seitas cristãs. E nós lhes ensinaremos, dentro do possível, todos os conhecimentos adquiridos pela humanidade, e a história das religiões faz parte.

– Isso me lembra o que você falou para o seu Samuel. “Não me limitando a nenhuma, pertencço a todas.” Não foi isso o que você falou quando ele perguntou a que congregação você pertencia?

– Foi o que eu falei e é nisso que creio. Por que, Abigail, nós temos que limitar nossos filhos a uma tribo religiosa? Pense o seguinte: se eu fosse um muçulmano xiita e você uma beata católica, que decisão tomaríamos na educação de nossos filhos?

– Nós nem nos proporíamos casamento.

– Taí! Se eu fosse do candomblé e você uma evangélica de uma seita qualquer...

– Nem teríamos condições psíquicas para ter filhos, talvez...

– Pois é isso que estou dizendo. As religiões dão um nó no cérebro das pessoas e, apesar de pregarem o amor, na prática limitam-no em guetos religiosos. É por isso que devemos dar aos nossos filhos o máximo de conhecimento para que eles não tenham fronteiras para viver e conviver dentro do planeta. Ab, o seu Edgar é espírita, e é meu amigo de confiança; o padre Anselmo foi uma pessoa importantíssima na minha vida; o Nakamura, o japonês do vinho que você ainda vai conhecer, é budista... Ah! O Nagib, meu fornecedor de roupas, é muçulmano, e me dou bem com ele!

– Todo mundo fala em abrir o coração e não consegue. Chego a pensar que você já passou por esse estágio e agora quer abrir o cérebro.

– Para expandir o espaço não é preciso conquistar cargos e posição social. A liberdade e a prisão estão dentro de nós. Democracia não é viver em curral de nenhuma espécie. É participar de todos os movimentos em que se crê e confia. É este o meu modo democrático de ser. Só o real sentido de justiça pode me limitar, mesmo que me doa. Eu sei que o direito que devo ter, o outro também merece. É isso que domestica o meu sentimento controlador. Aliás, é bom que você saiba desse meu sentimento para que você me cobre o constante equilíbrio...

– E como é que vou fazer isso? Faço tudo o que me der na telha e se você chiar eu te xingo de controlador? – ela indagou, rindo.

– Você não é mau-caráter e nem tão hipócrita. A justiça é nosso limite. Você, cristã, lembre-se do que Jesus disse em “Sinai dos Tempos”: “Hipócritas, sabeis distinguir os aspectos do céu e da terra; como, pois, não sabeis reconhecer o tempo presente? Por que não julgais por vós mesmos o que é justo?” Ele pronunciou as palavras tentando representar o modo como Jesus teria dito aos fariseus no seu tempo.

– A Leilane tem razão: você é um ateu-cristão...

– Eu não sou ateu; sou agnóstico. Acho o ateu um agnóstico que cansou de procurar e se acomodou na descrença. Assim

como o crente que aceitou o primeiro sentido de Deus que surgiu por formação e parou de procurar. Tanto um quanto o outro estagnaram. Pra mim, Deus é a verdade e a verdade é uma procura. Quem se limita, só colherá caquinhos de verdade e passará pela vida desprezando o maior atributo que nos diferencia dos animais comuns: a consciência...

– Sabe o que andei pensando, Cisco? Acho que nossos filhos terão uma educação diferente da maioria das crianças. Isso será bom para eles?

– Preste atenção na educação da maioria, Ab!... Se a maioria tem uma educação medíocre e nós vamos procurar dar uma educação diferente, claro que será bom para eles. Aliás, considerando a educação escolar, nós teremos que ficar atentos. Principalmente se tivermos que deixar nossos filhos em creches! Aliás, imagino até que nossa casa se torne uma escolinha com método socrático e a gente os eduque brincando com perguntas e respostas. Tenha certeza de que até nós vamos aprender com eles. Penso que brincando com perguntas e respostas poderemos nos acostumar a educá-los de uma forma lúdica, não massante ou controladora. Se a vida é uma escola, o nosso lar será um segmento importante da vida... Vou te dar alguns livros de psicologia para ler. *Escola, Estado e Sociedade*, de Bárbara Freitag, é bom. *Os Complexos Familiares*, de Jaques Lacan, também é...

– Mas nós, sendo pais, teremos que ser controladores!

– Teremos, mas isso tem limite, Ab. Nós vamos colocar uma pessoa na vida e não um monte de barro para modelar um bibelô de acordo com nossos gostos ... Que idéia você tem sobre o que é ser pai e mãe?

– Ora, é educá-los, alimentá-los e orientá-los para serem felizes na vida! E, claro, amá-los...

– Alimentá-los e educá-los depende de nossa dedicação. O amor não nasce por imposição íntima. Agora, para que eles sejam felizes, teremos que mudar o mundo, já que a felicidade deles depende dos outros. Afinal, não seremos pais de caramujos...

– Exagerado!

– Não é exagero. Os adultos são más companhias para as crianças, Ab. Mesmo que bem-intencionados...

– Você tem razão. Isso me lembra aquilo que li na sua casa, algo que Erich Fromm escreveu. – Ela esforçou-se para lembrar. – Aquilo que ele diz sobre o pai controlador que racionaliza e se ilude de que está cheio de amor ao falar de amor...

– Bem lembrado! É isso. Nós não somos realmente aquilo que imaginamos ser. O próprio Freud, que descobriu essa racionalização que nos ilude, também teve problemas com ela. Por isso estou te dizendo que tome cuidado com o meu sentimento controlador, me ajudando a controlá-lo e não deixando passar isso para as crianças. Precisamos nos questionar sempre para não cair nesta armadilha. Acho que temos que transmitir o máximo de conhecimentos aos nossos filhos e nos preocupar em transmitir a eles o equilíbrio emocional. Eu não quero um filho para projetar nele aquilo que eu próprio gostaria de ser. Penso que nossos filhos devam viver suas vidas com aquilo que assimilam do todo da natureza. Que tenham noções de liberdade, justiça, dignidade e outras virtudes imprescindíveis para um homem ser de veras humano.

– Só o fato de você querer que eles sejam assim já não é um controle?

– É difícil dizer. Vejo mais como educação para prepará-los bem para uma vida digna. O importante é que o que eu quero, é para eles e não para mim. Eu não estou interessado em prêmio de pai-padrão nem em elogios sociais por conquistar o mundo para os meus filhos. Longe de mim esta idiotice! Só nossos filhos poderão dizer se fomos bons pais ou não. A nós cabe sermos amigos. – Ele parou um momento, numa pausa para reflexão, e logo voltou a falar: – Olha, Ab, não existe neste momento, em nenhum lugar do infinito, algum bebê nos implorando desesperadamente para nascer e nos escolhendo para sermos seus pais. Portanto, nossos filhos virão à vida porque nós desejamos, para nossa satisfação íntima, e não será um favor que faremos a eles. Como pais, estaremos cumprindo uma obrigação natural acima das obrigações sociais. Você não engravidará por obra do Espírito Santo. Você vai engravidar porque a natureza permite e nós queremos. Assim como não sou seu dono nem você minha dona, nós não seremos donos de nossos filhos. Na verdade, o que teremos é a responsabilidade, a obrigação, o dever de orientá-los bem. E para isso precisaremos nos orientar também. O amor, todo o afeto que possamos

tirar dessa relação, é o nosso lucro, o prazer... Preste atenção nas aves. Elas podem nos ensinar o que verdadeiramente é ser pai... Eu já estou me sentindo um albatroz!

– Então vou começar a me sentir uma águia. Se o albatroz voa longe, a águia voa alto.

– Ainda bem que você não disse que quer ser uma ema.

– Por quê? O que tem a ema?

– A fêmea apenas bota os ovos. O macho é que os choca e cria os filhotes.

– Não, não tenho nada de ema; eu quero participar. Além do mais, as emas nem voam e têm as pernas feias...

– Pensando nessas coisas na clínica, fiz uma música.

Quer ouvir?

– Claro que quero!

– É assim. Ele começou a batucar no volante e cantar: A pressuposta mãe, / Se transbordou de amor. / Abriu as entranhas, / E uma força estranha / Nela penetrou. / E a vida fez arte / No seu interior, / E a pressuposta mãe / Pariu um bibelô... / É tão bonitinho / Tão pequenininho / É tão espertinho / E funciona tão bem!... / Carinha dos avós / E dos titios. / Do pseudopai e da mamãe também... / Este guri será o maior! / Será um craque / Um ás / Um amor / Será o primeiro / Será o melhor... / Ou será um construtor de bibelôs? / Este petiz será feliz / Portador de inteligência / Será um ser com idéias geniais! / Ou terá tendências bestiais? / Ou terá tendências marginais? / Ou terá tendências, só tendências e nada mais? / A pressuposta mãe / Se transbordou de amor. / Abriu as entranhas / E uma força estranha / Nela penetrou. / E a vida fez arte / No seu interior. / E a pressuposta mãe pariu um bibelô... / É tão bonitinho / Tão pequenininho / É tão espertinho / E funciona tão bem / Carinha dos vovós / E dos titios / Do pseudo-pai / E da mamãe também / É tão bonitinho / Tão pequenininho / De todos um pouquinho e filho de ninguém.

– Nossa, bem! Essa música é curta e grossa. Ela machuca! – comentou Abigail, não gostando muito do que ouvira.

– A verdade dói, mas quem quer conviver com ela tem que se machucar. Fiz essa música para não cairmos no senso comum como pais. É um lembrete permanente para nós. Eu espero que os costumes sociais não sejam um encosto para nós...

– Os bebês não se drogam. Foi isso que você pensou, não foi?

– Acho que não adianta jogarmos os filhos nas escolas e pensarmos na satisfação de nossos egos com ascensão profissional e social, dizendo que é pro leite das crianças. Todos os pais dizem isso, mas nem todos se dedicam com esse intento realmente. Há outros intentos nesse comportamento, e depois ficam reclamando que a escola tá ruim, que a sociedade tá uma merda e o governo não faz nada. Nós temos que tomar cuidado para não cairmos nas arapucas que os costumes sociais nos armam... Por exemplo: eu não vejo o porquê de se dar maior importância à família do que à sociedade. Acho a sociedade uma família em escala maior e por isso mais importante. Nos nossos costumes, a família é tribo e a sociedade é adversária, inimiga. Acho isso besteira...

– Engraçado. Me lembrei de meu pai... Ele costumava dizer que “o grande só é grande porque o pequeno existe. Elimine o pequeno que o grande perde a grandeza”. Não sei por que me lembrei disso...

– Gostei do pensamento. Gostaria de ter conhecido seu pai... Esse pensamento faz analogia com a tristeza e a alegria; elimine a tristeza e a alegria perde o sabor e a razão de ser. Mas esse pensamento do seu pai também leva a pensar que se eliminarmos o grande, o pequeno perde a pequenez. Interessante... Nós precisamos questionar nossa noção de grandeza, de felicidade, tristeza, alegria e justiça para conquistarmos conforto e mordomia espiritual. Isso é fundamental para a qualidade de vida... Ab, se quiser ser feliz, esteja preparada para a tristeza!...

– Ei! Isso é plágio!

– Na vida nada se cria. Tudo se copia! Não gostava do programa do Chacrinha, mas tenho que reconhecer que ele era um gênio.

– Quer dizer que vou casar com um controlador? – ela voltou ao assunto, interessada em entendê-lo melhor.

– Todos nós temos esses probleminhas. Torquemada morreu acreditando-se um bom cristão por ter queimado heresias na fogueira cristã. Lembre-se de Freud: foi prejudicado no trabalho pelas coisas que trazia no íntimo como herança da formação. Nós nos iludimos muito com as ações de causa e efeito, atitudes e sentimentos. Quer um exemplo?

- Qual?
- Você acha que filhos que jogam pais em asilo estão totalmente errados?
- Claro que sim! É falta de consideração, falta de amor, de respeito...
- Será que esta falta de consideração, de amor e respeito, como você diz, não é um revide dos filhos para com os pais? Será que não houve a falta desses sentimentos quando esses filhos eram crianças?
- Você quer dizer que eles, os filhos que jogam os pais em asilo, dizem que não têm condições de ficar com os pais, mas na verdade estão se vingando?
- Não premeditadamente, mas eles trazem o rancor lá no fundo do íntimo. Podem ter tido pais que até acreditavam serem bons pais, mas eram tiranos e dominadores. E os sentimentos que isso provoca estão embutidos no subconsciente dos filhos. O problema está na racionalização. Muitas vezes acreditamos que somos isso, mas na verdade somos aquilo. A sociedade brasileira se diz cristã, mas na verdade não é. Só racionaliza ser. Eu também acreditava que não era um controlador, mas sou. É bom que você saiba disso para que se previna e ao mesmo tempo me ajude a controlar esse sentimento. Justiça é o elemento fundamental para nossa relação, Ab...
- Para que nossos filhos não nos joguem num asilo!
- Não creio que isso aconteça comigo um dia. Se um dia for jogado num depósito de gente, será num hospício, porque perdi o juízo e não tenho mais noção das coisas. Mas num asilo eu não fico. Prefiro a calçada!
- Você acha melhor a calçada do que um asilo?!
- Prefiro, Ab. Isso é como comparar Xica da Silva e Zumbi...
- Não entendi. O que têm a ver Zumbi e Xica da Silva com asilo e calçada?
- Eu quero dizer que Xica da Silva foi rica, famosa e poderosa, mas viveu numa fútil gaiola de ouro, sob o comando e favores de um sujeito endinheirado. Isso é o mesmo que viver num asilo. Já Zumbi foi gente que brigou pelos seus direitos, pela sua dignidade de homem livre, e fundou um quilombo com outros semelhantes conscientes do valor da liberdade. Considerando que lutava contra as forças do poder, isso é

calçada. Acho que uma foi gata de sofá e o outro, gato vira-lata. Dou mais valor à liberdade vira-lata do que à mediocridade de luxo. Os vira-latas estarão sempre lutando pela existência. Agora, os bibelôs de luxo, se perderem o status, perdem a pseudodignidade e a razão de viver. É por isso que acho que chegam a ser perversos e descarados na defesa do que possuem. Xica sonhou com o luxo que a elite lhe propunha; Zumbi sonhou com a liberdade e com a autêntica dignidade que a vida oferece... Aquilo que se via como coragem em Xica da Silva era, na verdade, arrogância, oportunismo motivado pela paixão pelo poder. Zumbi, não. Em Zumbi, a coragem era coragem. Havia nele a busca do respeito pelo fato de estar vivo. Xica se contentou com a ilusão da gaiola de ouro, sujeitou-se à obscuridade de pertencer a alguém, fantasiando-se com ouro para brilhar. Zumbi queria ter o brilho que todos merecemos: o brilho da liberdade e da dignidade...

Ela pensou que ele acabava de sair de um lugar que o privara da liberdade por dois meses e que se jogara ali porque quisera. E lhe ocorreu que ele se privara da liberdade por livre e espontânea vontade, e que isto era liberdade de decidir, já que saiu também quando quis. Ela nunca ouvira dizer que alguém se internava no intuito de parar de fumar; ele fizera isso e se livrara do vício do cigarro. Isso era liberdade de ação. Ela compreendeu que, para ele, a liberdade não consistia somente no direito de andar solto fazendo o que se quer. Ele procurava irmanar a liberdade à dignidade como companheira constante. Era como se uma virtude, sem a outra, pouco valesse.

Imaginando que tipo de educação passaria a seus filhos, ela voltou ao assunto:

– Na noite de Natal, quando você estava de porre – ela enfatizou, cutucando-lhe o ombro –, você parou diante do espelho e se perguntou se seria capaz de formar a família-mutirão, em que todos se pertencem mas ninguém é de ninguém. O que significa isso?

– Significa um monte de coisas que nós já conversamos. Significa que eu não te pertencço nem você a mim, e que nossos filhos não nos pertencerão, porque não somos donos de rebanho. O que teremos sobre os nossos filhos é responsabilidade até o desenvolvimento... – Ele parou por um instante, buscando uma explicação melhor, e continuou: – Ab, um balde de merda

num jardim ou um vaso de flores numa fossa não transformam flores em merda nem merda em flores! Não são poucos os jovens que se casam apenas para mudar, fugindo da rotina da vida que levam. A maioria dos casais começa o namoro usando artifícios para seduzir e fingindo ser o que não é. Depois vivem o cotidiano matrimonial, um acusando o outro de ter se modificado depois de casado, quando, na verdade, foi a convivência a dois que os desmascarou, que destruiu a imagem que construíram para se seduzirem. Casamento desse tipo lembra um namoro de faz-de-conta para se construir um lar de ilusões...

– Tem razão. Sem contar que há casamento que tem uma briguinha escondida, sutil, entre o homem e a mulher...

– E nós temos que tomar cuidado com isso! Essa briguinha por espaço não pode caber em nosso casamento. A justiça tem que ser o ponto de referência para todas as situações polêmicas, e naquilo em que você for mais capaz, cabe a mim reconhecer e a você tocar, e vice-versa. Eu acho que vamos discutir e brigar muito, mas acho importante que a conversa seja amiga e sincera, porque casamento de adversários não dá certo. Se disputarmos espaços dentro do casamento, teremos um lar instável, mas se nos ampararmos na justiça, com sensibilidade e compreensão de nossas diferenças e necessidades, teremos respeitados os espaços que merecemos. Creio nisso. Eu espero que daqui uns 10, 12 anos, a gente já tenha filhos sabendo reivindicar direitos, e que a noção de justiça os faça perceber que os deveres estão implícitos na discussão. Sabe, Abigail, acho que vamos nos tornar especialistas na educação socrática... Penso que em vez de contos de fadas que fazem nossas crianças passarem pela história como espectadoras, temos que incutir em seu íntimo a bela fantasia que é a vida e mostrar-lhes que elas fazem parte da história da vida. Não podemos alheá-las da realidade com fantasias sonhadoras e alienantes. Temos que lhes dar prazer de pôr os pés no chão da realidade! De sentirem-se vivas e fazedoras da história, não meras espectadoras das coisas que as cercam e dos feitos dos outros. Se a utopia é uma fantasia, como os conservadores gostam de dizer, a utopia de um mundo melhor, onde elas participem, é uma ótima fantasia para nossas crianças. Nós reclamamos dos filhos que mandam os pais para um asilo, mas não reclamamos dos pais que jogam os filhos numa escola qualquer, transferindo a responsabilidade para o governo. Ao mesmo tem-

po reclamam que o governo não faz sua parte. Esses pais só investem na educação dos filhos para que estes tenham condições de ganhar dinheiro, numa clara intenção de passar para o filho a responsabilidade de ser aquilo que eles sonharam e não foram. Você não acha que devemos fugir dessa nefasta rotina?

– Acho. – Ela acariciou-lhe as pernas e perguntou: – Quer me adotar?

– Não posso porque já fui adotado por você... Sabe, Ab, tenho certeza de que teremos muitas dificuldades e muitos momentos difíceis, mas acho que formaremos uma boa família e tiraremos um bom barato nesta viagem pela vida. E teremos filhos saudáveis, até culturalmente! Eu espero isso de nós...

– Então canta a nossa música-documento! – ela pediu e começou a cantar o refrão que ficara gravado em sua memória: – Outra palavra / E um outro contrato / Um outro jeito de vida familiar / Confiança no amor / E justiça no trato. / Cumplidade livre em nosso olhar...

E o carro seguiu pela estrada, com duas pessoas empenhadas em dirigir seus rumos em conjunto para um futuro novo em folha, a ser preenchido com novas palavras e novas emoções.

Quando chegaram, ela desceu e abriu o portão. Ele entrou com o carro e, ao descer, exclamou:

– Nossa, que diferente! Ficou muito bom!

– Lá dentro ficou bom também. – Ela fechou o portão, satisfeita por vê-lo feliz com a mudança.

– O muro também ficou ótimo, hein?

– Ficou. Fizemos um portãozinho lá no canto pra passar pra casa do seu Edgar.

– Será que ele está aí?

– Não. Ninguém está por aqui! Você não percebeu que por enquanto estamos a sós no mundo? Só tem nós dois. Vamos entrar! – ela disse, abrindo a porta da casa. Mas parou à sua frente, impedindo-lhe a entrada. – Eu sei que você não morre de amores por tradição, mas, na praia, você disse que às vezes devemos quebrar a rotina pra variar. Por isso, hoje você vai me carregar no colo e me colocar na cama, como manda a tradição!

– Você sabe que esse costume é símbolo de violência e submissão?

– É? Por quê?

– Porque esse costume começou com os romanos no rapto das sabinas e outros raptos, quando invadiam as aldeias dos ditos bárbaros, roubando-lhes as virgens. Eles carregavam as moças no colo até jogá-las na cama e possuí-las.

– Tudo bem! Eu não sou bárbara e você não é romano; eu não sou virgem nem você vai me estuprar. E se você não me carregar no colo eu não te mostro os truques tântricos que a mulher da ioga me ensinou.

– Não vou tolerar chantagem em nosso casamento. Que esta seja a primeira e última vez! – ele advertiu, pegando-a no colo, entrando na casa e fechando a porta com o pé.

O futuro a Deus pertence. O presente pertence aos dois.

Bibliografia

ALVES, Rubens. *O que é religião*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BEHR, Edward. *O último imperador*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

FROMM, Erich. *A sobrevivência da humanidade*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MELLO, A. da Silva. Estados Unidos: prós e contras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. – *Eu no universo*. Rio de Janeiro: Record, 1972.

THOMAS, Henry. *A história da raça humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Revista *Veja* de outubro de 1988 a março de 1990.

Números avulsos da revista *Superinteressante*.

Os bebês

Não se drogram
Uma viagem
à procura de nós

Para Abigail, Cisco era mistério. Um “ateu-cristão”, na definição de Leilane, irmã de Abigail.

Cisco se definia como um agnóstico humanista e costumava dizer que “Deus está pequeno na cabeça das pessoas”. Ele havia perguntado a Abigail se ela lera a Bíblia; diante de sua negativa, ele foi taxativo: “É mais coerente quem leu e não crê do que quem crê e não leu.” Autodidata, fascinado pelos mistérios da vida e crítico das convenções sociais, dizia que “os adultos são más companhias para as crianças”. Utópico, afirmava que “é preciso ter o olhar nas utopias para se curar das miopias”.

Abigail, que creditava sua recuperação da dependência de drogas à ajuda divina, embarcou nos sonhos dele. E sem sair do Brasil, sentiu-se em outro país, absorvendo nova cultura e vendo a vida com um novo olhar. Apaixonou-se...

É 1989, momento histórico marcante da política brasileira: ano da primeira eleição presidencial após o golpe de 64, em plena campanha eleitoral. Em São Paulo, no centro da militância de esquerda, ideologias, emoções e outras matérias do currículo da escola da vida misturam-se e se contrapõem...